EQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQE

EQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQE

EQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQE

EQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQE

EÇA DE QUEIRÓS · REVISTA DE PORTUGAL

EQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQE

COBRAL

1501021960

"COBRAL"
LIVROS EM COLEÇÃO
DISTRIBUIDORA DE MATERIAL ESCOLAR
M. E. C. FENAME
Rua Joaquim Nabuco, 749 - Fone, 3-2228
PRESIDENTE PRUDENTE — S.P.

li E V J S T A

DE

P O R T U G A L

LN 445

VOLUME I

Porto — Typographia de A. J. da Silva Teixeira
Cancella Velha, 70

REVISTA

PORTUGAL

CU

EÇA D) E QUEIROZ

VOL. II AI E I



PORTO

EDITORES, LU6AN & 6ENELIOUX

Successores de Ernesto Chardron

, 1889

Todos os direitos reservados

N.º CLASS. OR869.3
Q14 N
v.1
T.MBO
21960.

A LJTTERATURA PORTUGUEZA

CONTEMPORÂNEA

Suminario

I - O que seja Litteratura - O que seja Critica As duas funcções da Critica — Princípios do juizo critico.

II — Os génios nacionaes e as litteraturas - A França — A Inglaterra — A Allemanha — A Italia — A Hespanha — O génio ibérico e a differencial porlugueza.

II] As origens do movimento contemporâneo na litteratura portugueza — A tradição nacional — A influencia estrangeira.

I\ — O Romantismo — Garrett — Sua vida — Seu temperamento artístico — Seus poemas narrativos— Seu lyrismo — Seu theatro — As *Folhas caliitlas* — O *Fr. Luiz de. Sousa.* — Herculano — Sua vida — Seu caracter — Seu lyrismo—Seus romances—Sua tentativa dramatica—Suas polemicas—Seus estudos sociaes—Sua *Historia.*—Castilho—Sua vida—Construcção do seu •espirito—Frieza do seu lyrismo—Caracter da sua ironia—Seus trabalhos historicos—Suas traducoões—Sua aptidão philologica—Sua capacidade pedagógica—Falta de génio poético e de razão critica—Inanidade da sua obra.

V — Camillo Castello Branco—Sua vida—Seus romances—Sua falta d'imaginação psychologica — Sua falta d'espirito philosophico—Sua energia lyrica e sarcastica.—Tliomaz Ribeiro—Seu temperamento beirão—Seu patriotismo militante—O *D. Jayme* — Poesia viril e sã da sua estreia — Seu succesSo — Influencia funesta do meio — A *Del/iliiun* As collecç.ões lyricas.

VI—.loão de Deus — Seu temperamento algarvio—Seu sentimento poético— Seus inslinctos religiosos—Sua nobreza inculta—Caracter da sua organisação e do seu ideal.

VII — A ultima geração- Preponderância da reflexão Influencia do estrangeiro,

VIII — O lyrismo — Anthcro de Quental — Sua grandeza d'alma — Seus instinctos religiosos — Suas tendencias pliilosophicas — Seu pantheismo — Seu radicalismo — As *Odes modernas* — Seus opusculos — Seu tom pontifical — Seu estylo — Seu nihilismo — Os *Sonetos.*

IX — A epopeia — Guerra Junqueiro — Especie da sua imaginação — Sua falta de verdadeira emoção — Seus expedientes oratorios — Continuidade e vigor da sua eloquencia — .1 *Morte de D. João* — Intensidade e abundancia do seu sarcasmo — *A Velhice do Padre Eterno.* — Gomes Leal — Energia da sua vocação poética—Sua falta de gosto— Seu amor do mysterio e da revolta — As *Claridades do Sul* — Vehemencia das suas satyras — O *Anti-Christo* —— Grandeza da concepção e riqueza da execução — Como a sua imaginação é épica.

X — O romance — Os romances historicos — Os romances d'aventuras — O romance d'observação—Julio Diniz—Influencia do romance francez.—Eça de Queiroz — Seu temperamento lvrico—Seu dom de effusão — *O Mysterio da estrada de Cintra* — Energia do seu sarcasmo — *As Farpas* — Agilidade e esplendor da sua phantasia: *O Mandarim* e .-1 *Relíquia* — Sua aptidão e resolução de observar: *O Crime do Padre Amaro*—Seu talento de composição: *O Primo Bazilio* — Sua capacidade de crear e amar a belleza: *Os Maias.*

XI — A critica dos costumes — Ramalho Ortigão — Sua imaginação physica — Sua observação minuciosa — Seu estvlo exacto — Solidez e limites do seu ideal.

XII — A decadencia do theatro.

XIII — A Historia — Theophilo Braga — Variedade das suas aptidões — Sua tentativa épica — Sua capacidade d'investigação minuciosa — Seu amor das idéas geraes — Sua *Historia da Litteratura portugueza* — Seu temperamento apostolico—Seu positivismo.—Oliveira Martins—Sua imaginação psychologica — Sua energia moral — Seu tino pratico — Sua vocação histórica — A *Historia da Civilização Ibérica* — A *Historia de Portugal* — O *Portugal Contemporâneo.*

XIV — Necessidade d'uma direcção critica—Necessidade de regressão ao génio nacional—Necessidade do estudo das litteraturas estrangeiras—Necessidade de cultura philosophica — A inspiração e a reflexão.

I

Os termos expressores de idéas muito vastas, muito complexas e de aso muito frequente são difficeis de definir. Como exprimem idéas muito vastas ha o perigo de deixar fóra da definição objectos que ella deveria abranger. Como enunciam idéas muito complexas corre-se o risco de esquecer ou confun-

dir caracteres constitucionaes ou differenciaes. Finalmente como são de uso muito frequente adquirem mesmo pelo facto de serem empregados por uma numerosa maioria de espíritos pouco precisos, alguma coisa de indeterminado e vago. D'aqui a dificuldade de definir d'um modo completo e exacto palavras como Religião, Arte, Industria ou Politica. D'aqui também a difficuldade de dizer cabalmente o que seja Litteratura.

E porém provável que uma analyse da noção corrente, procedendo por uma série d'agglulinações e exclusões, nos conduza a uma idéa satisfactoria do objecto de que se trata. Naturalmente uma tal analyse deve basear-se na enumeração dos objectos a que o termo corresponde na linguagem ordinaria, e concluir pela determinação dos caracteres importantes communs á maioria d'esses objectos, excluindo do significado da palavra definida aquelles a que só por um emprego abusivo ella fôra applicada. Um tal exame é util, e o mesmo desenvolvimento de idéias que constituem este estudo, trará comsigo a justificação da breve série de reflexões abstractas que lhe servem de portico.

Procedendo em harmonia com os princípios acima expendidos, comecemos por observar que o primeiro caracter dos documentos litterarios é serem escriptos. Uma simples inspecção material faz distinguir um drama ou um romance d'uma estatua ou d'uma partitura. Esta primeira consideração separa as obras humanas em duas grandes classes : as que podem ser litterarias e as que não podem sel-o. E n'esta accepção que o termo que definimos é tomado em expressões taes como *Litteratura mathematica* ou *Litteratura chimica*.

E claro porém que uma tal applicação á força de ser lata se torna em extremo vaga. e que mesmo na linguagem ordinaı m uma dissertação sobre as secções cónicas ou uma memoria sobre a osmose não são qualificadas d'obras litterarias. O mesíno se pôde affirmar de escriptos que tem exclusivamente um valor pratico immediato, como uma escriptura tabelliosa ou unia postura municipal. Ajunte-se-lhes todas as obras que tem apenas um alcance profissional, os c.odigos que o espirito d'ana-

lyse reduziu á seccura jurídica, os catecismos que na sua concisão dogmalica visam a um fim pedagogico, as constituições e os trabalhos administrativos. Era resumo devem ser excluídas da designação d'escriptos litterarios todas as obras realisadas num intuito puramente scientifico ou puramente pratico.

Comtudo entre as obras que tem um intuito de comprehensão como entre as que tem um valor d'applicação, algumas ha que o consenso unanime incluiu no numero dos monumentos litterarios. Seguramente um tratado das secções cónicas mesmo quando seja escripto por Pascal, uma dissertação de Dioptrica mesmo devida a Descartes, uma memoria sobre as transformações das vertebras ainda mesmo que tenha por auctor um Goethe, não são contadas entre as obras litterarias. E o mesmo se pôde affirmar de um projecto de lei contra a escravatura, ainda que redigido por um Mirabeau, ou de um parecer sobre a abolição de barreiras aduaneiras mesmo quando pronunciado por um Macaulay. Mas um tratado de lógica pura como o *Discurso sobre o methodo* ou um trecho de eloquencia forense e politica como a *Oração pela coroa* constituem monumentos litterarios apesar do fim puramente especulativo ou puramente pratico para que eram destinados. Quando se reflecte sobre as razões que levam a excluir os primeiros e a incluir os segundos no grupo dos escriptos litterarios chega-se a descobrir dois caracteres ausentes nos primeiros e presentes nos segundos : a generalidade no pensamento e a generalidade na expressão. A ausência do primeiro exclue da Litteratura todas as producções scientificas ou praticas que se restringem a um campo especial. A ausência do segundo exclue da Litteratura todas as producções scientificas ou praticas em que se emprega uma linguagem especial. A presença do primeiro possibilita a admissão dos trabalhos de larga philosophia ou alia politica no seio da Litteratura. A presença do segundo torna effectiva essa admissão. Estas considerações explicam por que a *Mediúnica celeste* nunca possa ser uma obra litteraria, e que a *Critica da Razão pura* não o seja emquanto o *Discurso sobre o methodo* o é. Generalidade no pensamento, generalidade na expressão, isto é.

dom de despertar um interesse geral, são pois caracteres constitucionaes dos escriptos litterarios.

Mas lia obras ás quacs se applica a designação de litlerarias com muito maior cabimento do que áquellas que acabamos de citar: por exemplo a *Divina Comedia*, o *Hamlet* ou o *Fausto*. Não somente se encontram n'ellas os dois caracteres fundamentaes — a generalidade na concepção e a generalidade na expressão —, mas ainda o interesse que ellas despertam é mais geral. Investiga-se a razão do lacto e acha-se que é por ellas serem um juizo sobre a Vida descoberto pelo exercício de todas as faculdades. Com effeito não é somente uma concepção geral, mas uma concepção da Vida e uma concepção acompanhada de emoção que ellas contém. Parece mesmo que o simples facto de tomar por objecto um aspecto ou uma manifestação da Vida, e exprimil-os de um modo cabal torna litterario um escripto. Um canto de amor ou de cólera é um documento litterario a mesmo titulo que a Epopeia da Fé ou a Tragedia da Duvida, mesmo quando elle não exprima senão um sentimento individual e inspirado por um individuo. E assim no largo seio da Litteratura se contém não só as Concepções que representam a Vida, mas as impressões que ella provoca e as paixões que a 'determinam.

O Homem, todo o Homem e as coisas só emquanto interessam o llomem ou influem sobre elle, eis o assumpto e a inspiração das Litteraturas. Nenhuma obra humana é mais poderosa nem mais expressiva, salvo as Religiõ'es. Porque emquanlo a Sciencia, o Estado, a Industria encaram somente um dos aspectos da Vida, a Litteratura abrange-os lodos, e exprime o Homem inteiro, as idéas com os sentimentos, o seu destino real com as suas aspirações ideaes. E se as Religiões se lhe avantajam em comprehensão e alcance social é porque pelas suas prescripções cultuaes e moraes tendem a regrar e dominar o espirito, mesmo nas suas manifestações praticas menos importantes. Resumindo portanto podemos dizer que uma Litteratura é um conjunto de obras escriptas tendo um assumpto geral e redigidas n'uma linguagem geral, e com maior rigor um conjunto

de monumentos enunciando de um modo cabal uma concepção ou uma impressão da Vida.

De uma tal definição da Litteratura deriva uma correspondente definição da Critica. Do mesmo modo que a Litteratura representa uma concepção ou uma impressão da Vida, a Critica representa uma concepção ou uma impressão da Litteratura. D'ahi duas especies de Critica, uma que trata a obra litteraria como um producto natural e humano, procedendo pela analyse, isto é, determinando o grupo dos seus elementos constitutivos e o conjunto das suas cireumstancias condicionantes ; outra que considera a obra litteraria como uma simples fonte de emoções, procedendo pela impressão, isto é, notando as modalidades que a actividade de quem escreve imprime na alma de quem lê. A primeira tem por fim descobrir as causas, a segunda tem por fim consignar os effeitos, e se a primeira tem por base a Philosophia, a segunda tem por inspiração o Gosto.

D'estas duas especies de Critica, naturalmente a que procede pela impressão, antecedeu a que procede pela analyse. Com effeito até os fins do século passado os juizos criticos estavam impregnados d'um espirito nacional ou pessoal que os tornava eminentemente improprios para comprehender e approvar a excellencia intrínseca das producções dos génios estrangeiros ou dos temperamentos differentes. Como havia uma completa ausência de princípios havia uma completa ausência de accordo. Viam-se as manifestações dos génios tratadas como barbaras, e os monumentos da razão qualificados de enfadonhos. Tudo que transcendesse a esphera ou infringisse as regras dentro das quaes se movia a actividade d'uma raça ou o gosto d'um escriptor era excluído ou reprovado. D'ahi essas sentenças burlescas dos inglezes sobre Racine ou dos francezes sobre Shakespeare, D'ahi essas guerras de tendencias e de escolas, essas disputas sobre o mérito dos antigos e dos modernos, dos latinos e dos teutonicos. É este ponto de vista que inspira então nas suas apreciações estheticas os escriptores mais illustres, um Voltaire ou um Dryden. É este ponto de vista que deixa primeiro a Allemanha, e que abandona em seguida a França ;

é d'ellc que se emancipa agora a Inglaterra, e que a energia do génio nacional e a ausência da larga imaginação sympathica mantém ainda na critica hespanhola. Este ponto de vista é abandonado e quem o substitue é o outro. Pela marcha ascendente do espirito scientifico o campo das producções mentaes foi invadido após o campo dos phenomenos naturaes. Viu-se que uma obra litteraria não é o fructo d'um capricho pessoal nem uma litteratura um grupo de producções entre si estranhas, apenas ligadas por um nexo exterior de chronologia 011 lingua. Primeiro na Allemanha, em seguida na França, n'este momento na Inglaterra e na Italia, começou-se a considerar os livros e as litteraturas como documentos. Assistiu-se á sua genese, acompanhou-se a sua evolução, previram:se as suas transformações próximas, e isto pela applicação da Psychologia e da Historia. Ao mesmo tempo e por uma consequência lógica translormou-se o padrão aferidor dos méritos. Romperam-se os velhos hábitos de parcialidade e hostilidade. Apreciaram-se as superioridades estrangeiras e rehabilitaram-se as originalidades maltratadas. A força de comprehender aprendeu-se a justificar. Shakespeare foi amado na França e Calderon na Allemanha, e viu-se o grande Goethe, a um tempo poeta e critico, mixto de inspiração profunda e curiosidade infinita, dar o exemplo das perpetuas metamorphoses, e fazer-se siínultaneamente allemão e italiano, homem do Oriente e do Occidente, artista da Renascença e do século xix, e affirmar-se pela sua cultura integral e pela vasta e varia producção da sua actividade cosmopolita e encyclopedica o summo representante do génio europeu contemporâneo.

Mas por uma lei natural do espirito, que quer que a intelligencia esgote os extremos antes de attingir a harmonia, o novo ponto de vista, propriamente scientifico introduzido na critica em substituição ao velho, mais propriamente subjectivo, produziu em espiritos inaptos para a especulação philosophica uma convicção errónea que é antes uma aberração do juizo do que uma consequência lógica. A força de se vêr fazer a analyse das obras litterarias, de se assistir á sua creação e regrada

transformação, de se verificar que as lilleraturas são productos e como taes estão sujeitas ás leis fixas de toda a producção, chegou-se á convicção que as obras litterarias são todas igualmente valiosas, por isso que são Iodas igualmente naluraes, que além da sua importancia documental não ha n'ellas uma excellencia intrínseca, que como são o resultado d'uma fatalidade indifferente. devem ser contempladas com um olhar jndifferente, o que em resumo a Historia annulla a Esthetica.

Isto é um erro. O proprio senso commum repelle uma tal pretenção, e a Sciencia como quasi sempre não faz senão ampliar e precisar as sentenças do senso commum. Não, na Litteratura como na Natureza ha uma fatalidade, mas na Litteratura como na Natureza ha uma jerarchia. Na Litteratura como na Natureza ha causas de movimento, mas na Litteratura como na Natureza ha condições de equilíbrio. Por isso na Litteratura como na Natureza ha creações bellas e ha creaçòes que o não são. Todas as obras litterarias são indicios de causas, mas são também instrumentos de cultura. Todas as obras litterarias são documentos mas também são monumentos, e se a Natureza é um cartorio a Historia é um museu.

Ha pois razão em collocar o *Hamlet* acima da *Tosca* e em preferir a *Co usine Bette* ao *Maitre des forges*. E se é licito pensal-o, é ulil dizel-o. D'ahi duas funcções da Critica. Uma de comprehensão, outra de apreciação. Por uma o Critico yè e faz vêr a obra lilteraria, descrevendo-a nos seus elementos e explicando-a nas suas condições. Por outra o Critico julga e faz julgar a obra lilteraria apreciando-a na sua harmonia interna, e avaliando-a na sua correspondência exterior. Ambos estes pontos de vista são legítimos e ambos são incompletos. Não passando do primeiro, a analyse critica limita-se a ser um capitulo de Sciencia. Não sahindo do segundo o juizo critico arrisca-se a ser a opinião d'uni individuo. O critico deve partir do primeiro e deve chegar até ao segundo.

Mas não deve chegar ao segundo sem ter partido do primeiro. Porque nada mais fecundo em illusões do que o espirito humano e nada mais arriscado do que julgar por impressões.

Aquelle que para apreciar um livro se limita a lêl-o e consignar o effeito produzido, arrisca-se a vêr falso sob a pressão de circumstancias de momento, e tendo em mente pronunciar uma sentença definitiva não passar de notar um estado de consciência. E preciso pois que o Critico julgue por princípios. Mas estes princípios devem ser baseados sobre a observação da realidade. Porque se tiver como norma um systema construido tora da Sciencia, arrisca-se ainda a tomar como fixo aquillo que é accidental, a obedecer ás suggestões da raça a (jue pertencer, do momento em que florescer, do instrumento, mental de que dispuzer, cuidando'exprimir alguma coisa de racional e largamente humano. .1 ulgará sim por um systema, mas por um systema de preconceitos, li pensando obedecer a princípios ha de obedecer a impressões, por isso que uni preconceito não é mais que uma impressão arraigada.

Que regras pois são essas que deve seguir o Critico nos seus juízos? Para descobril-as basta reflectir no que seja Litteratura. Ora já vimos que a obra litteraria é uma expressão da \ ida. Logo uma obra litteraria deve valer ou não conforme exprime ou não exprime fielmente os vários aspectos ou o conjunto da Vida. Logo uma obra litteraria valerá mais ou menos conforme exprimir melhor ou peor a Vida, e conforme exprimil-a nos seus aspectos mais ou menos profundos. Assim, por exemplo, no dominio da Poesia lyrica valerá mais o poeta que exprimir as emoções intensas e as paixões permanentes que animam ou determinam a Vida. Assim no dominio da Poesia épica valerá mais o poeta que melhor souber crear essas colossaes figuras que resumem um cyclo ou uma época, e melhor souber fazel-as manifestar-se por meio d'actos, e dentro de quadros dignos da grandeza d'ellas. Assim no dominio do Drama será maior o escriptor que pintar as paixões mais vigorosas nas luctas que travam entre si, e os caracteres mais vivos na acção que exercem uns sobre os outros. Assim no Romance subirá mais alio o artista que mais e melhor souber dizer o mecanismo dos caracteres e a historia das paixões que o Lyrico pinta nas suas explosões individuaes e o Dramaturgo nos seus

conflietos sociaes, e que mais e melhor souber mostrar esses caracteres e essas paixões sob as influencias dos meios por que são actuados, e nas energias intrínsecas pelas quaes reagem. D'ahi a superioridade d'um Shelley sobre um Cowper, d'um Camões sobre um Tasso, d'um Shakespeare sobre um Schiller, d'um Balzac sobre um Zola. Para determinar essas differenças e fazer o calculo d'esses valores o Critico ha de apoiar-se na Psychologia e na Historia. Pelo estudo combinado d'estas duas sciencias, aprenderá a destrinçar o que ha de fundamental na alma humana através das variações dos logares e das épocas. Pela Psychologia aprenderá o que é o Homem, e pela Historia o que são os homens. E no seu duplo trabalho de comprehensão e de apreciação dos productos litterarios o Critico não fará mais do que applicar a sciencia do espirito humano, individual ou collectivo, abstracto ou concreto.

Quando se estudam as litteraturas modernas nas cinco grandes nações occidentaes, acha-se que cada uma d'ellas exprime através da sua longa evolução histórica um conjunto de caracteres fixos que pela sua collaboração com as circumstancias de momento produzem e explicam a superioridade ou a inferioridade das obras litterarias. A esse conjunto de caracteres fixos e combinados em proporções definidas se dá o nome de génios nacionaes. Não será inútil conhecel-os.

E primeiro a França. Pela sua posição geographica como pelas suas qualidades de espirito a França occupa desde a Edade-média o papel d'um grande agente de circulação intellectual na Europa. O espirito francez é o velho corretor das idéas. O traço que o distingue é a intelligencia, não o dom da comprehensão profunda á maneira do allemão, mas uma especie de razão agil e simplista que extrae do objecto por uma

operação rapida e fácil uma idéa incompleta e portátil. Destituido da grande imaginação e da paixão intensa, apanagio de outras raças, o génio francez é mais propriamente oratorio que poético, e discursivo que intuitivo. Este espirito não vê as formas e as côres nos seus contrastes e harmonias, não reproduz os aspectos do mundo interior nem o drama solitário da consciência. Excluído da visão e do sonho, concentra-se na composição e na analyse. Excluído do heroísmo e da santidade manifesta-se pela bondade e pela cortezia. Nenhum dos dotes pelos quaes o homem entra em communicação directa com as causas ou na intimidade privada de si proprio distingue este génio, abstracto e sociável. Destituído do intuição penetrante e de subjectivismo vigoroso, munido de razão ordenadora e sympathia expansiva, tal se revela esse génio da França ao longo da sua historia e no conjunto das suas creações sociaes e politicas. E tal como elle se revela nas suas construcções sociaes e politicas, tal se manifesta nas suas producções litterarias. A falta de paixão intensa determina a sua inferioridade no lyrismo que vive da emoção concentrada e energica. A ausência da imaginação grandiosa e de heroísmo moral faz descambar a epopeia em longas narrações frias. A incapacidade de representar os caracteres nos seus conflictos e nas suas crises, faz dos dramas uma série bem ligada de discursos admiravelmente elaborados. .Mas a presença d'uma sensibilidade delicada e d'uma imaginação lésta produz a superioridade na canção, no madrigal e no epigramma. O talento de decompor e ordenar as idéas abstractas e de sympathisar com os sentimentos médios explica a perfeição da eloquencia que é a arte de narrar, argumentar e incitar. O predomínio da Vida em commum e a omnipotência 'da opinião determinam a excellencia da comedia que é uma pintura da sociedade e uma errata dos costumes. Applicado á historia este génio produz narrações perfeitas, discursos admiraveis e modelos de analyse no dominio das instituições politicas. Emfim tardiamente vencedor no romance, elle triumpha, graças á vocação psychologica da imaginação contemporânea, e á innata capacidade de decompor e compor.

Dom de um povo sociável por excellencia, a sua obra-prima lilteraria é a prosa, como a sua obra-prima histórica é o salão.

Bem differente é o génio inglez. A imaginação grandiosa e penetrante, a paixão intensa, a interioridade do sentimento, o vigor dos instinctos moraes, a solidez da vocação pratica, eis outros tantos traços do génio da Inglaterra estudado na evolução da sua gloriosa historia. Uma raça de poetas, de prophetas e de homens d'acção, tal apparece este povo e tal se revela na sua litteratura. D'ahi a superioridade incomparável da poesia lyrica, explosão de sensibilidade delicada e emoção cnergica, sem rival nas modernas litteraturas europeas pela abundancia e esplendor dos seus monumentos. D'ahi a grandeza da epopeia puritana, em que a magestade das paizagens colossaes, e a energia das paixões republicanas produzem a impressão do sublime a despeito da esterilidade épica do dogma protestante. D'ahi o valor único do theatrp da Renascença, a mais soberba apparição scenica desde os gregos, e a mais assombrosa incursão da imaginação psychologica no dominio da Poesia pura que regista a'historia do pensamento. D'ahi o esplendor da eloquência forense e parlamentar em que a influencia social preenche uma lacuna ethnica. D'ahi a solidbz e a nobreza d'uma litteratura Ioda empregada na reforma da sociedade e sem igual no dom da effusão idealista. Eni resumo, se o que manifesta a Litteratura franceza é o talento, o que revela a Litteratura ingleza é o génio, e se a primeira triumpha na Prosa, a segunda esplende na Poesia.

O (jue distingue o espirito allemão é o dom da comprehensão universal e profunda, liste espirito nasceu critico e preparou-se para a creação pela critica. Nenhum outro é tão flexível, t ão apto para reproduzir a variedade infinita das creações naturaes e das producções mentaes. A alma nas suas manifestações mais diversas, o mundo nos seus aspectos mais profundos, os paramos mais remotos da historia, as energias causaes' da natureza, tudo se espelha n'essa intelligencia maravilhosamente ampla e delicada. Erudito e philosophico, cosmopolita e encyclopedico, o génio allemão é o ultimo a apparecer no scenario

do pensamento, e essa demora concorre para a superioridade das obras por que se exprime. Florescendo n'este século elle encontra o terreno preparado para as grandes syntheses do Universo e para as grandes resurreições da Historia. O seu suramo representante é esse Goethe que lega nos seus actos e nos seus escriptos a mais perfeita concepção da vida que se tinha visto desde os gregos. Uma visão profunda da realidade mais trivial e uma capacidade de a transfigurar pela idéa do Todo revela-se nas suas creações como nas dos grandes espíritos que o precederam ou acompanharam. Os grandes nomes n'essa litteratura são nomes de críticos. E como a faculdade critica arrasta comsigo as outras, d'ahi a apparição d'essas obras d'arte únicas na historia das litteraturas modernas e que pela sua penetrante e serena comprehensão da vida, tem um alcance philosophico e moral que as torna verdadeiramente olassicas. I)'ahi esse lyrismo profundo e calmo que exprime as emoções com o desprendimento das idéas. D'ahi esse theatro que lança sobre o conflicto das paixões o pensamento do Deslino, conductor dos homens e ordenador das coisas. D'ahi essa epopeia psychologica, stimma condensação da reflexão e da experiencia. D'ahi esse maravilhoso trabalho de perscrutação da vida collectiva nas suas manifestações fundamentaes e inconscientes. D'ahi a superioridade dos escriptos historicos em que o politico, á força de amplidão, attinge um alcance de moralista. D'ahi finalmente essa grande maneira de encarar a Vida, eomprehendendo-a como necessaria e aceitando-a como excellente, mixto do tino pratico e piedade racional. A Philosophia desabrochando em Sabedoria, eis a formula do génio allemão, e se a Razão é o dom mais precioso em si e mais fecundo em consequências praticas, nenhum povo contribuiu para os progressos da cultura humana como os compatriotas de Goethe e de Hegel.

Um historiador iilustre escreveu que a Poesia não é um dote do génio italiano. De facto, se se entende por Poesia essa contemplação desinteressada da realidade que a transfigura ;í luz da imaginação e do sentimento, nada de menos poético que

o génio da Ilalia. O seu traço fundamental é o sentimento do útil, se se entende por estas palavras não a preoccupação dos commodos materiaes, mas a preponderância dos fins individuaes, e menos a Industria que a Politica. Passada a producção da grande epopeia cathòlica em que o génio nacional collabora com o espirito medieval, podein-se estudar as manifestações d'esse génio em toda a sua pureza. Uma nitidez esculptural e jurídica, uma vigorosa expansão dos instinctos naturaes na ausência da repressão moral, um lyrismo sensual e brilhante, epopeias pittorescas e pouco heróicas, dramas eloquentes e oratorios, comedias em que o riso é provocado mais pela imaginação que pela reflexão, uma concepção politica grandiosa e deshumana exposta por publicistas d'uma superioridade incomparável em sentenças d'uma precisão cirúrgica, eis as qualidades ou as consequências d'este génio importado para o domínio da producção lilteraria. Junte-se a ausência de instinctos moraes e sentimentos piedosos. Na Italia, disse Alfieri, a planta humana é mais vigorosa. E a floresta humana mais perigosa.

A nós peninsulares a funcção que coube na Historia é o Heroísmo e a Fé. Destituídos de imaginação penetrante e do dom de vasta comprehensão, desprovidos de larga sympathia e de curiosidade infatigavel, primamos pela energia da vontade e pela grandeza do caracter. O fundo d'esse caracter é a honra militar. A capacidade de affirmar e querer, de obedecer e dedicar-se, uma tendencia singularmente nobre de transformar o mundo á imagem do nosso ideal, uma generosa impaciência da perfeição, o desdem da belleza plastica e das delicadezas aristoeraticas, um pensamento simples como um acto, a paixão concentrada e a seriedade tragica, eis outros tantos traços do génio peninsular. Este génio produz uma singular concepção da Vida, que se manifesta por uma religião realista e violenta, por uma politica absoluta e insensata, pela preponderância do génio da aventura e ausência da capacidade pratica; que põe o amor no casamento, o ideal na acção, a belleza no valor moral ; que inspira os maiores prodígios da energia no mundo moderno, e faz que a nossa historia seja como o lenço da Verónica a san-

grenta effigie da nossa alma. Importado para a Litteratura esse génio produz um lyrismo robusto e monotono, um theatro destituído de analyse de caracteres, mas animado pelas idéas da honra e da morte, satyras d'um sarcasmo violento, romances em que a acção absorve a analyse e que são a pintura da realidade crua e feia, e a maior das modernas epopeias.

Mas para produzil-a foi preciso a intervenção do génio portuguez. Do corpo das populações ibéricas dominadas e unificadas pelo génio castelhano, destaca-se pela influencia accidental de circumstancias históricas uma estreita laxa da orla marítima. Esta estreita faxa se constitue em nação independente, o durante cem annos exerce um papel culminante na historia moderna. Em synchronismo necessário com esta explosão de vida activa, desabrocha uma breve mas esplendida floração lilteraria. Se estudarmos os documentos que a constituem e completarmos esse estudo pelo exame das producções que datam da renascença romantica, nada acharemos n'elles que distinga constitucionalmente o nosso génio do das populações ibéricas constituídas n'uma nação hespanhola, como nada encontramos que geographica e ethnicamente fundamente a autonomia da nossa vida politica. Mas um exame mais attento descobrirá certas qualidades secundarias que dando uma physionomia peculiar ao nosso espirito se reflectem na nossa litteratura : uma maior capacidade de comprehender e assimilar, uma menor energia de affirmação e crença, uma sensibilidade mais delicada e profunda, um caracter menos vigoroso e mais nobre, mais razão e menos vontade, heroes mais humanos, mulheres mais mulheres, alguma coisa de saudoso e vago, de grave e triste, entranhas mais húmidas e o dom das lagrimas. Estes traços manifestam-se na nossa litteratura por um lyrismo profundo e sentido, expressão d'uma alma amorosa e meiga ; por um theatro capaz de pintar caracteres e espelhar a vida ; por uma, ainda que tardia, floração de romances em que a analyse do coração não é annullada em proveito da acção, e finalmente por uma creação épica em que a grandeza heróica do génio peninsular é vasada ein moldes d'uma nobreza essencialmente nossa.

Se esses traços não são bastantes para constituir um génio á parte, são comtudo sufficienles para dar á nossa litteratura um caracter peculiar, e para nos assegurar n'um futuro proximo uma intervenção salutifera na marcha da cultura dos povos peninsulares.

Esta breve excursão no campo da psychologia nacional e estrangeira não parecerá de todo inulilse reflectirmos que a nossa litteratura é o producto do génio intrínseco combinado com as influencias europeas. Poderíamos demonstral-o pela nossa historia litteraria desde as origens, e isto seria uma nova prova da ausência d'um caracter accentuadamente original. Porém restringindo-nos ao movimento litterario d'este século podemos assistir á dupla acção d'estas causas e explicar por ellas toda a producção do nosso tempo. E conforme se encara a tradição nacional e conforme se aceita a influencia estrangeira, e segundo a proporção em que estes dois elementos se combinam que as obras contemporâneas adquirem um valor e uma influencia mais ou menos considerável.

Xa aurora do Romantismo ha em Portugal, como em todas as nações europeas, um movimento de regressão ás fontes nacionaes. Dois grandes homens estão á frente d'esse movimento : Garret! e Herculano. O primeiro, dotado de uma intuição superior, descobriu n'um relance tudo que havia d'essencialmente portuguez no nosso génio e na nossa historia e fez ÍTisso a inspiração das suas creações realisadas ou projectadas. Herculano, menos intelligente e mais erudito, foi buscar os seus motivos artísticos a um passado em que a nação ou não existia ou estava ainda a constil uir-se. Depois (1'estes grandes escriptores o sentimento do passado vai-se afrouxando, e a influencia estrangeira vai-se accentuando. Castilho não encontra nos escri-

ptores portuguezes senão modelos de vernaculismo e nos auctores forasteiros mais que Ihemas para exercícios litterarios. Camillo e Thomaz Ribeiro exprimem inconscientemente o que ha n'elles do temperamento nacional. Mas os grandes prosadores e poetas contemporâneos são exemplos vivos da influencia europea. Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Theophilo Braga, Eça de Queiroz, Oliveira Martins representam na Poesia, no Romance, na Historia e na Philosophia a intervenção do pensamento europeu, especialmente da Allemanha e da França. É por cila que a Lyra e a Epopeia porlugueza expõe as novas concepções do inundo ou as novas formas da sensibilidade moderna, que a Historia sae dos moldes da Chronica para se tornar um systema e uma pintura, que o Romance se transforma em uma analyse da sociedade e do individuo, que as grandes concepções do monismo germânico ou do positivismo francez vem a coordenar a actividade mental dos que são capazes de attingir as idéas geraes. Esta influencia ir-se-ha accentuando cada vez mais e a funcção da critica consistirá em indicar quaes as obras e tendencias estrangeiras, cuja acção sobre nós seja benefica, e quaes os recursos de génio nacional com que as podemos aproveitar.

I V

Para comprehendermos o actual movimento da litteratura portugueza é conveniente remontarmos ás origens d'elle. Com effeito se estudarmos o conjunlo das producções litterarias desde o começo do século, encontraremos certos caracteres coinmuns, cuja presença basta para constituir uma época distincta na série das creações nacionaes. Se compararmos entre si estes caracteres e os oppuzermos aos que distinguem a edade precedente, poderemos resumil-os em dois : uma maior liberdade na inspiração e uma maior consciência scientifica na reflexão. Es-

tes dois caracteres succedendo-se em preponderância subdividem este movimento em dois períodos, o primeiro que se pode chamar romântico, o segundo que se pôde designar como critico. Ambos, em Portugal, como na Europa, representam uma regressão á Natureza, no primeiro período sob uma fórma tumultuaria e inconsciente, no segundo sob uma fórma reflexa e philosophica. D'ahi a superioridade da poesia e do drama no primeiro, e do romance e da critica no segundo.

Á frente do movimento romântico portuguez estão dois homens cujos nomes a gloria associou, mas cujos espíritos a critica distingue e opõe. Garrett soldado, diplomata, orador, ministro, mundano, lyrico, auctor de comedias, de dramas, de tentativas épicas, tendo conhecido todas as formas da vida e tendo-se ensaiado em todos os generos da litteratura é o grande promotor da nossa renascença intelleclual. Dotado d'uma sensibilidade profunda, d'uma imaginação creadora, d'um raro acerto de gosto, d'uma capacidade de sympathia singular, que o habilitava a pòr-se em accordo immediato com 9 meio em que mergulhava, o termo que o qualifica aos olhos de quem estuda a sua vida e a sua obra, é o de artista. É o temperamento artístico que explica os seus actos e as suas creações. É d elle que deriva a sua múltipla actividade, as generosidades das suas intenções, a sua bondade expansiva, o seu dom de seducção, o seu patriotismo sincero, as suas incoherencias politicas, as suas pretenções de aristocrata, as suas futilidades de elegante, as suas fraquezas, os seus ridículos, e a grande ingenuidade que o absolve de tudo. 12 da riqueza do temperamento arlistico que brota a abundancia e a excellencia da sua producção lilteraria. D'ahi nasce esse lyrismo profundo, sincero, amplo, sensual, fatigado e melancólico das suas composições soltas e dos seus dois poemas narrativos. D'ahi a variedade e perfeição das suas creações scenicas, em que a imaginação sympathica encontra um emprego condigno. D'ahi a naturalidade da sua veia cómica. D'ahi a amplidão e o esplensor da sua eloquencia. D'ahi a elegancia acabada dos seus escriptos ligeiros. D'alii essa plasticidade que o tornava igualmente apto para as grandes crea-

ções como para a producção passageira, que o levava a afeiçoar com a mesma facilidade uma tragedia cyclica ou um madrigal de salão.

Na rica messe dos seus escriptos duas obras se destacam com um relevo singular. Uma é essa collecção única das *Folhas caliidas,* um dos grandes monumentos do lyrismo portuguez, impregnada d'um sentimento profundo, ardente e delicado que em algumas das composições que a constituem, attinge os cumes da mais sublime poesia. A outra é essa branca tragedia da Fatalidade e da Piedade, breve, singela, com movente, serena, repassada de intelligencia e candura, e dentro da qual se movem figuras d'uma nobreza e d'uma verdade incomparável, o heroe da decadencia, grave e triste, a grande dama de instinetos rectos e entranhas femininas, a graça estranha e severa da donzella idealista, a nobre e livre submissão da domesticidade dedicada, o largo vulto do povo moribundo sobre o qual se abate a espada da afflicção. Compondo o *Fr. Luiz de Sousa* e as *Folhas cakidas,* o grande poeta deu-nos com a medida do seu génio o retrato da nossa alma.

Se o que define Garrett é o temperamento artístico, o que distingue Herculano é a energia do caracter. Uma vida austera e vasada no molde inflexível da Regra, uma capacidade rara para o trabalho enfadonho, nenhuma das qualidades que fazem o homem pratico, uma grande facilidade ein se enganar e ser enganado, a rectidão dura que dá a auctoridade, mas que afasta as sympathias, a intransigência, a independencia de coração que liberta das coisas mesquinhas mas que não vai até á grande libertação philosophica. eis as consequências d'esta estruetura moral no dominio da vida activa. Importada para a producção litteraria esta forma de espirito determina um lyrismo vigoroso e limitado, inspirado pelas idéas d'um Deus forte e justo e d'um eu livre e responsável ; romances que são odes narradas; um drama lyrico comparavel a um libreto de opera; pamphletos d'uma intenção pessoal ou geral a que a força da affirmação, a energia de convicção, o orgulho e o desprezo dão os accentos do hymno e da satyra, e finalmente um monumento

historico, grandioso e incompleto que a ausência de imaginação psychologica e de espirito philosophico exclue da pintura dos caracteres e da explicação das causas, mas que dotes analyticos, um trabalho obstinado, e uma real vocação de publicista habilitam a ser uma narração fiel de factos averiguados e uma exposição lúcida dos successos políticos e economicos.

Garrett foi um artista, Herculano um poeta. Castilho foi um litterato. Isto vê-se logo pela sua vida, verdadeira vida de homem de gabinete, núa de crises de sentimento e acções vigorosas, toda preenchida pelos livros que compunha e os comprimentos que recebia. Com effeito, nem uma sensibilidade energica, nem uma imaginação creadora, nem o dom da comprehensão racional se manifesta nas suas obras. Alguma coisa de artificial, acanhado e frio caracterisa as suas producções. O seu lyrismo é apenas um pretexto para exercícios métricos ou manifestações officiaes. A sua concepção da poseia não é a d'uma explosão da alma ou uma expressão da vida, mas uma curiosidade e um instrumento. Parallelamente os seus escriptos de polemica não respiram uma indignação vigorosa ou uma violência aberta, mas um azedume solapado ou expresso em epigrammas frios. Os seus trabalhos historicos são meros themas de rhetorica em que o auctor abandona ou esquece a resurreição do passado pela preoccupação de compor phrases vernaculas e prosa académica. As suas traducções, inferiores quando arca com as grandes creações geniaes, o *Fausto*, o *Midsummer^s niglit dreatn,* o *Tartufo,* adquirem um valor maior quando interpretam as producções maliciosas ou amaneiradas d'urn Ovidio ou d'um Anacreonte apocrvpho, ou as peças menores de Molière, e isto graças á sua habilidade métrica, aos seus recursos de linguagem, ao seu profundo conhecimento das locuções populares e dos artifícios estrophicos. junto a essa paciência obstinada indispensável n'uin traduclor. Essa paciência obstinada posta ao serviço d'uma rara delicadeza de sentidos explica ainda o lado mais importante do seu espirito, isto é, a sua aptidão philologica e pedagógica. Encontrar-se-hia nas numerosas paginas que elle deixou sobre a métrica, o valor litterario das palavras e dos

sons, o modo de recitar, os artifícios para decorar, os methodos de ensino, observações novas e finas. Mas a falta de espirito scientifico e d'uma cultura adequada annulla essas preciosas qualidades de observador, salvando apenas no naufragio de tanto trabalho mal dirigido, trechos de prosa que o desejo vehemente de convencer e illustrar torna modelos de estylo didáctico. Se se procura saber qual foi a influencia da sua obra sobre a geração que o reconheceu como mestre, acha-se que ella não foi benefica. Não que se deva crer n'uma lenda de perseguição aos espíritos independentes. Mas o exemplo d'um escriptor famoso e laureado, entretendo-se com coisas inferiores e luteis, ou exprimindo n'uma litigua morta idéas alheias, exerceu decerto uma acção deprimente na livre producção dos poetas do seu tempo. Passada essa geração, a sua reputação vai-se obliterando. Goethe disse que o seu papel entre os allemães em geral e os poetas allemães em particular tinha sido o de um libertador ; palavras que têm um alcance singular, quando se reflecte que ninguém menos subversivo e sedicioso que o grande poeta germânico. De Castilho o critico não dirá outro tanto.

V

Em pleno reinado de Castilho surgem dois escriptores justamente illustres, ligados pela semelhança das aptidões, pela communidade da gloria, e pelos laços da amizade. Dos dois, Camillo é o mais vigoroso e o menos equilibrado. O génio aventuroso e apaixonado da península apparece em allo-relevo na vida e na obra d'este grande escriptor. A paixão vehemente que anima e inspira os seus livros, irrompe mais de uma vez nos actos da sua vida, antes de encontrar o verdadeiro emprego na ordem das creações imaginarias. Dotado do temperamento e da sensibilidade d'um verdadeiro poeta, a Natureza devia ter-lhe dado conjuntamente a capacidade de se exprimir na lin-

gua do verso. Construído como é, lançou-se ao romance. E nos seus romances se manifestam com plenitude os doles e as lacunas do seu génio. Esse génio é eminentemente peninsular pela sua ausência de imaginação psychologica e de espirito philosophico, pelo caracter inflammado e realista de seus instinctos religiosos, pelo seu desdem paradoxal da sciencia, pela preponderância da paixão e da acção sobre a representação e a comprehensão, e finalmente pela especie violenta, aspera, bellicosa, atroz e fúnebre das suas emoções habituaes. Empregada no romance, esta fórma d'espirito produz a superioridade da narração e do dialogo, a ausência da paizagem, a nullidade da analyse, o relevo e o vigor dos personagens junta á monotonia e á pobreza das creações, e em resumo o talento de interessar e commover, com a incapacidade de explicar e instruir. Por alguns dos seus traços, a sua vocação é dramatica, e pela maioria d'elles é sobretudo lyrica. Nas suas mãos o romance aberra da sua funcção especifica e transforma-se na elegia e na satyra. li é na elegia e na satyra que elle triumpha. Ninguém tem mais do que elle o dom do choro e da hilaridade contagiosa, a capacidade das evocações burlescas ou tragicas, o talento de carpir e insultar. Que o leitor percorra duas das suas obras-primas o *Amor de Perdição* e *Os Críticos do Cancioneiro* e verá que esse espirito excluído da analyse do coração, da pintura dos meios, e da concepção da Vida, atina com a vocação e encontra a victoria na expressão do amor e do odio. nas explosões do soffrimento e nas improvisações da cólera.

Menos vigoroso e mais equilibrado Thomaz Ribeiro teve a fortuna de atinar com a sua vocação. Com effeito é uma verdadeira organisação de poeta, que encontrou na lingua do verso um condigno instrumento de expressão. Filho d'uma província em que a vida natural e animal prepondera a despeito da invasão da cultura, uma multidão de caracteres da sua physionomia moral e lilteraria deriva do seu temperamento beirão. Uma região montanhosa e silvestre, situada na fronteira, e habitada por uma população vigorosa, bem nutrida, habituada á marcha e á caça, e onde muitas vezes a regressão á barbarie se rnani-

festa pelo banditismo, encontra o seu representante no poeta que exprimiu como ninguém os sentimentos naturaes e animaes, e a livre expansão da vida instinctiva. D'ahi o valor especial da sua estreia. Paixões e caracteres, o descriptivo e o estylo, tudo traz no *D. Jayme* o cunho d'essa origem. As paixões são as mais simples e vigorosas, o amor, o odio, a vingança, a paternidade, o affecto filial, a dedicação fraternal ; o patriotismo mesmo não tem nada de ideal, mas é apenas o amor da terra combinado com a aversão physica pelo estrangeiro. Os caracteres, homens ou mulheres, D. Jayme, D. Martinho, Germano, Estella, os Aragões, são creações d'uma só peça, almas espontaneas e francas, munidas de paixões ingénuas e fortes, inclinadas ás acções vigorosas, e que encontram na acção a sua plena expressão. O descriptivo, realista e nitido, espelha rapidamente os vários aspectos das coisas, e passa sem selecções d'uma festa a um ataque nocturno, d'um palacio a uma caverna de bandidos ou uma taberna com rameiras. O estylo, sobrio, intenso, familiar, repassado de paixão, e vivo em todos os pormenores, ajusta-se aos sentimentos e actos que exprime e esplende na narração e no dialogo. Todos estes traços, e a especie d'estes traços, explica o successo do poema, sobretudo junto ás naturezas espontaneas e emotivas, os rapazes e as mulheres. Uma organisação d'estas, vigorosa e espontanea, transplantada ao meio artificial dos salões, actuada pelo contacto dissolvente da politica, e applicada á interpretação de sentimentos requintados e idéas largas, não pôde senão deformar os seus contornos primitivos, enfraquecer a sua energia nativa e produzir obras inferiores. Compare-se os sentimentos e os caracteres da *Delphina* com os do *D. Jayme*, opponha-se aquella vaga philanthropia a este robusto patriotismo, aquelle amor que parece um namoro, a esta paixão que conduz á deshonra e á morte, Josephina a Estella, o scismador e caritativo Albano a D. Jayme duellista e bandido, e vêr-se-ha que a influencia do meio foi funesta a essa natureza espontanea, e que essa alma forte e limitada não nasceu para experimentar os cambiantes dos sentimentos requintados, nem para abraçar a amplidão das idéas geraes. Esta impressão

é confirmada ainda pelo exame das suas composições lyricas estudadas na ordem successiva da sua producção.

VI

É do outro extremo do paiz que vem o grande lyrioo que a admiração unanime consagrou como um dos maiores nomes da poesia portugueza. João de Deus é um filho do Algarve, e muitos traços da sua physionomia se explicam pela sua origem. Natural e clemente, eis os caracteres d'esse meio. Natural pela ausência de grandes centros e pela preponderância da vida dos campos sobre a vida das cidades. Clemente pela bondade do clima, pela formosura da paizagem e pela espontanea liberalidade do sólo. Sobre este verde sólo e as ridentes aguas que o beijam, move-se uma população agil, esperta, alegre, loquaz, não esmagada pelas exigencias do trabalho especial e excessivo, nem deformada pela acção da concorrência e da miséria. O poeta é uma planta d'esse sólo e um filho d'essa raça. Basta olhar para a sua bella cabeça intacta, que destaca com um relevo singular da multidão de figuras fatigadas e ruins de litteratos e de burguezes. Basta notar essa espontanea plenitude de talentos que o torna pintor, musico, poeta e em tudo improvisador. Basta considerar a integridade da sua intelligencia, esse golpe do vista que vê através das palavras e não se deixa illudir por ellas, essa sabedoria tirada da experiencia e não dos livros. Basta observar essa distincção pessoal de maneiras, mixto de plebeisino e aristocracia, expressão fiel da sua nobreza inculta e da sua nativa superioridade. Basta ainda seguir essa vida singular, que o excesso de paixão condemna á inacção, encerrada na reclusão volunlaria e na hostilidade desdenhosa por uma cultura, cuja excellencia • intrínseca elle não vê ou não quer vêr, e cujas misérias exasperam ou entristecem a sua grande alma. Outros traços, porventura ethnicos, convergindo

com aquelles, são a sua interioridade de sentimentos, a sua energia de paixões, o feitio rectilíneo da sua intelligencia, a profundidade dos seus instinctos religiosos, a sua aversão pelo mecanismo social e politico que deprime o Homem, o seu desamor pela Sciencia e pela Industria que a seus olhos insultam Deus. Todos estes traços juntos ao dom irreductivel do génio explicam esse lyrismo ingénuo e sublime, estranho aos interesses das idéas e aos processos de escola, todo tirado das profundidades da alma, inspirado por emoções pessoaes ou circumstancias da vida, tendo por objecto um pequeno numero de sentimentos naturaes e encontrando o seu triumpho na expressão do amor e na celebração da Divindade. O amor e a Divindade são os dois grandes interesses da sua poesia e na maneira por que os sente, se revela a estructura do seu espirito. Os seus cantos de amor exprimem um sentimento d'urna energia, d'uma profundidade e d'uma ingenuidade admiravel e attingem através dos transportes sensuaes a adoração e o exlase. Os seus hymnos sacros, verdadeiros psalmos temperados pela suavidade evangelica, são a confidencia d'unia alma solitaria á face d'um Deus formidável e clemente, uma explosão involuntária e arrebatada, que vai da effusão filial á acclamação aspera. O homem isento das repressões da sociedade e das deformações da cultura, intacto no seio d'uma natureza intacta, na plenitude dos seus talentos innatos e na livre expansão dos seus instinctos naturaes, adorando o seu Rei e Pai na mais sublime das suas obras, o Universo, e amando-a na mais bella das suas creaturas, a Mulher : eis o seu ideal. E esse ideal é o seu retrato.

VII

A ultima geração lilteraria distingue-se das que a precedem por dois traços : a preponderância da reflexão e a influencia do estrangeiro. Que se tomem e examinem as suas obras cul-

minantes os *Sonetos*, a *Morte de D. João*, o *Anti-Chrislo,* o *Primo Bazilio*, as *Farpas,* a *Historia do Romantismo,* o *Portugal Contemporâneo,* e vêr-se-ha claramente assignaladas estas duas influencias. Primeiro estes livros são productos da reflexão, isto é, quer pela natureza do assumpto, quer pela maneira de o tratar revelam com maior ou menor êxito a intervenção volunlaria das faculdades racionaes, manifesta na composição da obra ou annunciada nos planos dos prefácios. A Poesia exprime concepções do Homem e do Mundo, a Critica dos costumes aspira a ser uma applicação sociologica, o Romance é analytic.o, a Historia uma pintura de caracteres e uma explicação dos factos. Em segundo logar estes livros são productos da influencia estrangeira, traço que acompanha necessariamente o primeiro, dadas as necessidades intellectuaes d'um pequeno paiz incapaz de inventar idéas geraes. O romance é feito á moda de França, a Historia á moda da Allemanha, a Philosophia e a Poesia á moda da França e da Allemanha. Estas duas influencias actuando na producção das idéas e na technica da expressão, dão um caracter pouco nacional aos productos da ultima geração, caracter que determina a sua inferioridade como instrumentos productores d'um nexo moral e d'uma consciência publica, e que constituo a sua superioridade como agentes de educação pessoal e cultura desinteressada. Estas duas influencias combinadas com o que ha de constitucionalmente arraigado e nacional no temperamento dos escriptores sobre que ellas actuam, explicam as qualidades e Lendencias geraes dos mais importantes livros portuguezes contemporâneos.

V11I

Entre os nomes de escriptores que cooperaram para a introducção do espirito novo na litteratura portugueza contemporânea avulta o nome de Anthero de Quental. Organisação complexa mas em que predominam os dotes poéticos, o auctor dos

•*Sonetos* ficará sobretudo como um evocador de visões e um expressor de sentimentos. N'esse vasto mundo de visões e sentimentos que se offerece a um poeta, elle escolheu as visões mais sublimes e os sentimentos mais nobres. A superioridade da sua poesia deriva da grandeza da sua alma. O proprio d'essa alma é não ser impressionada senão pelas grandes coisas e não se deixar mover senão pelos grandes interesses. O Universo na sua totalidade e na direcção final do seu movimento, o Homem e o seu destino, a funeção espiritual dos pensadores e dos poetas contraposta á esterilidade rotineira do sacerdócio tradicional, a magna lueta da Egreja catholica corri o Espirito moderno, o estertor d'um Passado que agonisa e o vagido victorioso d'um Porvir que rompe da entranha fendida do século, eis as inspirações das *Odes modernas*. E essas inspirações não são um pretexto para as tiradas convencionaes d'uma estreia ambiciosa. São problemas que o poeta encara com uma commoção e um abalo de todo o seu sêr, que formula ou resolve com um accento de sinceridade única, lí que a sua imaginação ó metaphysica, isto é, preoccupada com a representação total do Universo. Esta imaginação metaphysica anda n'elle ligada a profundos instinctos moraes, isto é, á consideração preponderante do alcance dos actos o do valor da Vida. Estes dois traços combinados produzem a disposição religiosa, qu/í resulta da introducção das preoccupações praticas n'uma alma metaphysica e que consiste na adaptação d'uma theoria do Universo á explicação do destino humano. O sentimento religioso inspira d'uma ponta a outra todos os seus escriptos. E elle que nas suas crises occupa toda a sua vida e se manifesta em toda a sua obra. Dos dois elementos que o compõem, a imaginação metaphysica e o temperamento moral, o primeiro educado pelo germanismo determina essa concepção pantheista do mundo, hegeliana no começo da sua carreira, dynamista nas suas ultimas composições. Os instinctos moraes guiados pelo radicalismo francez irrompem d'um modo insurreccional em fogosas diatribes contra os ricos e os poderosos, nas suas primeiras odes, e encontram finalmente a

satisfação nos seus últimos Sonetos, n'uma especie de nihilismo cheio d'uma resignação mystica. Porém nas suas primeiras como nas suas derradeiras composições o que apparece sempre é uma alma d'uma elevação, d'uma sinceridade, d'uma grandeza única, um coração desdenhoso de todas as coisas que prendem o commum dos homens, gloria, riqueza ou poder, embriagado pela visão estupenda da realidade e arrebatado pela attracção invencível do Ideal. E ainda a grandeza da alma e a sinceridade do accento, que fazem o encanto dos seus *Opusculos*. Destituídos de valor scientifico, dada a falta de capacidade analytica e de solida erudição da parte de quem os escreveu, elles resgatam essa inferioridade pela uncção moral, pela gravidade religiosa, pelo tom pontifical dos seus actos de fé e das suas imprecações litúrgicas. Os seus pamphletos parecem encyclicas. Finalmente todas as qualidades e lacunas do seu espirito, os seus instinctos moraes, os seus sentimentos religiosos, as suas aptidões philosophicas, a sua falta de vocação scientifica e de imaginação physica se reflectem e se incarnam no seu maravilhoso estylo incapaz de pintar e de explicar, mas apto como nenhum outro para communicar as idéas geraes e os sentimentos moraes na severa graça do seu porte e na larga magestade do seu rhythmo.

IX

Anthero de Quental por alguns lados do seu espiriLo attinge a aptidão épica. Comtudo não se ensaiou na Epopeia e porventura fez bem. liste genero poético foi porém tentado com êxito incompleto e talento manifesto por dois escriptores que tiveram o seu momento de reputação ruidosa.

Quando se procura a formula do espirito de Guerra Junqueiro acha-se que elle é muito mais orador que poeta e que tem muito mais eloquencia que imaginação. Que o leitor pegue no seu primeiro poema, e reagindo contra a fascinação da forma

que o subjugará á primeira lei!ura, se applique á analyse directa da obra na sua concepção fundamental, na composição dos seus personagens, no processo das suas descripções, no mecanismo do seu estylo e na estructura da sua métrica. Se levar a cabo esse trabalho, verá que não encontra n'ella nem essas creações svntboticas e essas figuras cyclicas em que se assignala a imaginação épica ; nem esses caracteres vivos e essa sciencia do coração que resulta da imaginação psychologica ; nem essa nitidez de contornos e esse esplendor de colorido que acompanha a imaginação physica ; nem essa torrente caudal de emoções profundas que deriva de um verdadeiro temperamento lyrico. Mas em compensação terá de admirar os recursos d'expressão, a sumptuosidade e o vigor da phrase, a rica pompa e a correcção magistral do verso, a sabia gradação dos effeitos e emfim a arte consummada de formular, intimar, ornar e lançar á circulação um lhema poético. Um vocabulario escolhido e nobre, uma adjectivação abundante e nova, urna trópica audaciosa e engenhosa, uma syntaxe regular e ampla, versos de bronze e rimas de cobre — eis o segredo do seu prestigio mesmo sobre aquelles que estão prevenidos por profissão e por habito. Se se procura um veio de verdadeiro sentimento poético na *Morte de D. João* encontra-se no lyrismo amargo, sensual e morbido do protagonista. Mas quem quizer vêr a manifestação do dom fundamental do seu espirito, excluída a faculdade d'expressão, terá de considerar as suas composições satyricas. .Vellas se revela uma verdadeira aptidão de sarcasta, e a despeito do caracter artificioso de alguns expedientes na invenção e expressão da Ironia, acha-se que esta é a sua verdadeira vocação. 15 se na *Morte de D. João* Guerra Junqueiro manifestou mais reaes dotes de poeta, na *Velhice do Padre Eterno* deixou um mais vivo documento de si mesmo.

A outra tentativa épica é a de Gomes Leal. Nenhuma das qualidades que fazem um poeta e um grande poeta faltam a este artista superior e desigual. Sensibilidade profunda, delicada e estranha, imaginação poderosa e rica ainda que fragmentaria, capaz de espelhar os aspectos da natureza e os recantos do

coração, um raro poder de tirar effeilos imprevistos e singulares do instrumento da linguagem, são outros tantos dotes preciosos prejudicados pela falta de acerto e bom-gosto no emprego d'elles. Todos os preceitos de bom-senso cuja observação constitue a hygiene das reputações litterarias são violados por este escriptor tão leviano como cheio de recursos. Se se remonta ás suas origens encontram-se dois traços que caracterisam a sua estreia e continuam a manifestar-se em todos os seus livros: o amor do mysterio e o instincto da revolta. E o amor do niysterio e do exotismo que inspira as *Claridades do Sul;* onde a influencia de Baudelaire não representa uma simples imitação litteraria mas sim um verdadeiro parentesco de génio. Esse exotismo que por vezes raia na extravagancia é ainda estimulado pelas suas tendencias insurreccionarias, que fazem d'elle ao longo de toda a sua obra e também um pouco nos actos da sua vida um tvpo de insubordinado e como hoje se diz de refractário. Esse instincto de revolta depois de inspirar as estrophes torvas da *Canalha,* dicta-lhe essas terríveis satyras onde reluz, num clarão de incêndio, um nihilismo, não intellectual e requintado como o de Anthero de Quental, mas bravio e phvsico, expressão genuina da violenta e bruta alma do mundo barbaro que se revolve nas bases das sociedades contemporâneas. Este amor do mysterio e este instincto de revolta applicados aos vastos e novos themas que a sciencia offerece hoje á actividade poética, explica a producção do *Anti-Christo.* Livro extraordinário, sulcado de relampagos de génio, superior e illegivel, cheio de concepções e quadros que fariam a gloria d'um grande poeta, mas tão mal feito, tão carregado de repetições e lacunas, tão inçado de faltas de gosto, tão claudicante na grammatica e na métrica que a maioria dos leitores o abandona em meio. Ainda assim é impossível não admirar a intensidade de sentimento, a riqueza da invenção, o poder synthetico da capacidade creadora, e essa maravilhosa intuição que o leva, espirito formado por leituras tumultuosas e incompletas, a ver n'um relance as três ou quatro idéas fundamentaes do mundo contemporâneo e a constellar o seu poema de invenções surprehen-

dentes que prendem a attenção do moralista e do philosopho. Mas admirando, o critico lastima que tantos dotes superiores sejam prejudicados, e mesmo annullados aos olhos do vulgo, por uma singular falta de bom-gosto e de tacto. E se o critico acha que a reputação poética de Guerra Junqueiro é superior aos seus méritos, como a de Gomes Leal é inferior ao valor proprio, é também forçado a confessar que o primeiro só a deve a si, e o segundo não tem que se queixar senão de si mesmo.

X

Emquanto a Poesia portugueza solfria uma transformação profunda na especie das suas inspirações e no processo da sua technica uma revolução igual operava-se no Romance. Esta forma litteraria depois de apresentar o romance d'aventuras, genero inferior, e o romance historico, genero falso, entrava no seu verdadeiro terreno, a pintura dos costumes e dos caracteres sob o nome de romance analytico. Esta ultima fórma encontra em Julio Diniz um cultor digno de attenção. Espirito observador, reflexivo e amavel, elle importava para o estudo do coração qualidades estimáveis e secundarias. Acham-se nos seus livros quadrinhos de genero bem feitos, retratos bastante parecidos, observações finas e acertadas sobre o mecanismo dos sentimentos e dos pensamentos, mas nenhuma sciencia da composição dos caracteres, da influencia dos meios, da engrenagem das idéas, da motivação dos actos, no conjunto das suas condições determinantes e dos seus elementos constituintes. Em resumo a sua psychologia é fragmentaria é destituída de prova, e antes derivada dos hábitos de reflexão proprios d'um homem interior, do que da capacidade analytiea que acompanha um verdadeiro psychologo. Essa capacidade aproveitada em obras-primas e guiada por um methodo rigoroso, apparece pela pri-

meira vez enlre nós com Eça de Queiroz. Natureza múltipla, e a maior vocação de artista que tem surgido em Portugal desde Garrett, Eça de Queiroz começou pela improvisação e pelo lyrismo. Sensibilidade intensa e complexa, capaz de vibrar fundamente ao contacto dos objectos mais diversos, imaginação capaz de reflectir e transfigurar Lodos os aspectos das coisas, a paixão e a phantasia occupam um logar importante na sua obra ao lado da observação e da analyse. Esse dom de effusão anima exclusivamente os seus primeiros escriptos e faz o encanto da esplendida narração intitulada *Mystcrio da. estrada de Cintra.* Esse vigor de sensibilidade e essa riqueza de imaginação produzem a abundancia e a efficacia do seu sarcasmo, e explicam a superioridade da sua collaboração nas *Farpas.* A energia da paixão que devolve em caricatura a impressão burlesca das coisas e em insulto a impressão hostil dos homens, a familiaridade e audacia das invenções cómicas, a vivacidade irreverente do artista inimigo das convenções sociaes, e a perfeita elegancia do mundano capaz de dominar-se e calcular os golpes, eis as qualidades que distinguem a sua ironia. A intemperança da imaginação e da sensibilidade importada para o domínio da creação pura dá de si esses dois livros singulares, o *Mandarim* e a *Relíquia,* que é impossível ler sem ficar deslumbrado pela agilidade e esplendor da phantasia e subjugado pelo podei' contagioso da effusão sensual e mystica. .Mas esses dotes que por si só bastavam para constituir um grande poeta, iam ser aproveitados e disciplinados pela nova concepção do romance. A preponderância do romance analytico na litteratura franceza suggeria-lhe um campo excellente para exercer a sua actividade artística. E a sua reconhecida superioridade não o abandonou n'este novo terreno. Flaubert teve n'elle um discípulo e um discípulo que honra o mestre. As qualidades que elle importava para esse novo campo de producção eram uma notável finura de sentidos, uma grande experiencia das paixões, uma subtileza aguda de casuista e uni tacto consummado de mundano, uma frescura de impressões própria de quem viveu e viu mais que meditou eleu, e em resumo uni espirito

em que a percepção externa se equilibra com a observação interior. Juntem-se-lhe os talentos lilterarios, o dom da deseripção. da narração e do dialogo e emfim uma nervosa perspieacia em manejar o instrumento da palavra. Todos estes dotes apparecem com plenitude 110 seu primeiro grande romance, manifestos em paizagens coloridas e nitidas, em caracteres vivos, em situações dramaticas, em transcripções perfeitas da conversação e do dialogo, em analyses penetrantes da tentação e da seducção, na pintura das impulsões e dos desejos, e na creação das figuras femininas. Mesmo as qualidades que poderiam prejudicar eram aproveitadas, como a Phantasia na psychologia do Sonho. Todos estes dotes, apurados pelo exercício, coordenados por um methodo cada vez mais seguro, e alliados a uma scien-, cia consummada da composição determinam a superioridade do *Primo Bazilio,* livro magistral e quase perfeito, producção culminante do romance portuguez comparável ás obras-primas do romance estrangeiro, bella galeria de figuras cheias d'um interesse geral humano e especial portuguez, e entre os quaes avulta essa creação da criada Juliana que faria por si 'só a gloria d'um- romancista. Finalmente a composição dos *Maias* veio completar uma lacuna que havia na sua reproducção da Vida. Passando do drama burguez á tragedia aristocratica, Eça de Queiroz empregava a sua capacidade de amar e crear a belleza, e aproveitava a sua experiencia do mundo superior, na evocação das figuras nobres e na pintura dos meios requintados.

XI

Emquanto Eça de Queiroz renovava o romance, o seu velho amigo e collaborador nas */•'arpas.* Ramalho Ortigão abria um campo novo na critica dos costumes. Robusta e sympathica figura, alma equilibrada e sã, os seus livros são o reflexo do seu espirito. Quem os lê. nota logo os quatro traços que os dis-

tinguem, a preponderância da imaginação physica, o amor da observação minuciosa, a rectidão dos instinct.os moraes e o talento da notação exacta. Pela imaginação physica elle reproduz a realidade nos seus aspectos corporaes, formas, côres, movimentos, agrupamentos e successões com uma fidelidade e uma abundancia de que não lia dois exemplos na nossa litteratura contemporânea. Pelo seu amor da observação minuciosa, adquire e archiva na sua memoria uma quantidade prodigiosa de pequenos factos, matéria, feitio, proveniência, qualidades, preços, usos dos objectos, physionomia, gestos, naturalidade, occupação, relações, gostos, costumes, vestuário das pessoas, e mais uma profusão de receitas, conselhos, contas, casos de experiencia caseira e sabedoria pratica, tudo afogado n'um diluvio de anecdotas, através do qual sorri animada a sua bella face de gigante amavel. Para transmittir essa multidão de dados e pintar essa profusão de aspectos dispõe e usa de uma prosa abundante, pittoresca, technica, naturalmente rica e continuamente enriquecida. A cifra total, e a facilidade com que mobilisa o seu exercito de palavras, é na verdade surprehendente. Os vinte ou trinta dialectos profissionaes cujo conjunto constitue uma lingua culta, conhece-os bem e usa-os com acerto, salvo o dialecto dos philosophos. Finalmente todos estes recursos são postos ao serviço d'uma idéa nobre de reforma dos costumes em harmonia com um ideal. Esse ideal não é um fim transcendente como o dos temperamentos religiosos, nem a vida intensa e múltipla como o das naturezas artísticas, nem a comprehensão cabal como o das vocações scientificas. E um ideal de saúde, honra, força physica e energia moral, inclinada a considerar a vida como uma série de actos úteis a nós e aos outros, inscripta entre dois mysterios a que é inútil e mesmo ridículo tentar ver o fundo. Estas qualidades e estas tendencias manifestarn-se plenamente na interessante collecção das *Farpas,* pintura liei e vasta da Sociedade portugueza nos seus aspectos exteriores, e nos bellos livros de viagem sobre a Inglaterra e a Hollanda. Uendo-os é impossível não apreciar e sympathisar com esta vigorosa individualidade litteraria. mais feliz

quando emprega os recursos da sua observação exacta e a rectidão dos seus instinctos moraes na pintura e na reforma dos costumes, que quando improvisa explicações e theorias a que não o destinam nem a natureza nem a cultura.

XII

Emquanto a Poesia, o Romance, a Historia, a Critica apresentavam representantes eminentes e obras de subido valor, definhava e agonisava uma especie litteraria cujo caracter proprio ó resentir-se immediata e directamente das vicissitudes do estado social que a produz. Refiro-me ao Theatro. A historia das litteraturas ensina que a floração e a superioridade das producções scenicas é condicionada pela presença d'uma communidade de sentimentos e d'um accordo de opiniões na consciência collectiva. Ora se nós examinarmos a nossa vida nacional nos últimos cincoenta annos veremos que não se encontra n'ella nenhuma d'essas forças capazes de produzir uma connexão effectiva no dominio das manifestações do espirito artístico. Nem uma perfeita harmonia da vida privada com a vida publica como na Grécia de Sophocles, nem uma vigorosa expansão naturalista como na Inglaterra de Shakespeare, nem a energia do fanatismo e do patriotismo como na Hespanha de Lope, nem a preponderância e a perfeição da vida de salão como na França de Racine. Nem crenças religiosas, nem sentimento nacional, nem superabundancia de vida instinctiva, nem a perspicacia critica do tacto mundano se manifestam n'um paiz em que o contacto com as idéas europeas ataca as crenças tradicionaes, em que a maior facilidade das comparações e a consequente consciência da pequenez própria supprime o orgulho patriotico, em que a pobreza, a sujeição e a preponderância invasora da burocracia prejudicam a altivez e o vigor do animal intacto, e em que finalmente a ausência d'uma grande aristocracia e tam-

bem uma incapacidade de génio, impedem a apparição da perfeita vida mundana. Em plena florescência da innovação romantica, no fervor moço das crenças liberaes, quando a guerra da independencia e as luctas civis acabavam de tonificar a fibra nacional e pelo estudo do seu passado o paiz retomava consciência de si mesmo, Garrett tentou resuscitar o nosso theatro. D'este esforço só ficou a collecção de obras-primas do mestre. Já era um triste symptoma que a producção culminante do periodo fosse essa tragedia do *Fr. Luiz de Sousa*, que na verdade pathetica das creações e das situações é como que o retrato da alma nacional contemporânea e o drama cyclico da nossa decadencia. Os continuadores de Garrett não estiveram á altura da tarefa e não lograram sustentar uma corrente valiosa de producção scenica. Nem admira, expostas as razões que acima enumeramos. Comtudo ha um meio para estimular a creação dramatica na ausência das vivas causas espontaneas: é a actividade critica. E por ella que a Allemanha de Lessing, de Schiller e sobretudo de Goethe, vem ajuntar uma nova e abundante messe de obras superiores ao thesouro do theatro europeu, e acrescentar uma nova fórma á £érie de fontes de creação dramatica. Será esta estrada seguida entre nós? Não o podemos prever. Seja porém qual fôr o futuro do nosso theatro é conveniente consignar aqui um testemunho de calorosa sympathia ás tentativas que nos últimos annos tem procurado levantar o nivel do theatro portuguez pela creação de obras originaes e despidas d'um puro intuito de lucro.

XIII

As sciencias sociaes e a investigação histórica são representadas no ultimo periodo por dois homens superiores dotados d'uma variedade de aptidões raras e d'uma energia infatigavel de trabalho : Theophilo Braga e Oliveira Martins.

Aquelle que percorre o conjunto dos escriptos de Tlieophilo Braga é igualmente surprehendido pela abundancia e variedade de generos como pela facilidade e superioridade da producção. Conheço poucos homens dotados de tanto talento e de tantos talentos. A sua vocação é polytechnica. Poeta, é-o pela energia da sensibilidade, pela sinceridade da paixão, pela tenacidade das crenças, e finalmente por um tino singular em vòr o lado épico dos acontecimentos historicos. Critico, é-o, e dos mais valiosos, pela sua rara intuição do que ha de verdadeiro e profundo nas obras d'arte, pela sua elevada concepção das litteraturas como productos sociaes e instrumentos de cultura, pela sua vasta erudição e pelos seus hábitos de comparação. Psychologo, é-o pela sua percepção dos meios e das épocas, e pela sua penetrante ainda que intermittente adivinhação dos caracteres. Philosopho, é-o pelo seu amor das idéas vastas, pela sua capacidade das operações abstractas e pela sua comprehensão geral ainda que mecanica do mundo. Todos estes dotes de erudição e generalisação se encontram na sua *Historia da Litteratura Portugueza*, combinados e um pouco prejudicados por um tom de aggressão e instinctos de polemica e revolta. E que todos estes dotes são empregados por uma organisação de reformador e sectário. « O fim do homem é a acção »: este aphorismo de Voltaire resume a sua concepção da vida. A aptidão polytechnica anda n'elle ligada ao temperamento apostolico. D'ahi o fluxo inesgotável da sua producção de propaganda e combate, a rapidez de execução dos projectos litterarios, o descuido voluntário da fórma proprio de quem considera o livro como um instrumento e a litteratura como uma acção, a dureza na refutação c a rudeza na discussão, o tom inflammado e decidido das affirmações, a intransigência obstinada nas theorias, e o habito de tratar os adversarios como inimigos seus e da Verdade. Aberrações que acompanham a grande faculdade de crêr e querer, e que se exageram naturalmente n'um pequeno paiz em que tudo vai mal, e em que a Sciencia para ser attendida tem de revestir a fórma do escandalo. Todos estes traços, juntos á necessidade de idéas palpavelmente nitidas.

explicam o seu Positivismo, doutrina que satisfaz as necessidades de affirmação e os instinctos de negação do seu espirito, e que sendo uma coordenação limitada dos phenomenos naturaes e uma organisação humana do mecanismo social, se coaduna plenamente com a sua aversão pelo regime theologico e a sua prevenção contra as explicações metaphysicas.

Tres traços caracterisam o vulto litterario de Oliveira Martins. A imaginação psychologica, a sensibilidade moral e a capacidade das idéas geraes. O primeiro traço produz a abundancia e vivacidade dos seus retratos, em que os indivíduos são apanhados na plenitude c flagrancia das suas physionomias, e explicados em todos os pormenores importantes da sua organisação. E ainda o mesmo traço que explica a qualidade das suas paizagens que são menos a cópia dos contornos e das manchas do que a notação das impressões recebidas, e que se poderiam definir como a transcripção moral dos aspectos phvsicos. O segundo traço, a sua sensibilidade de moralista, determina a ausência de expansão naturalista no conjunto da sua obra, inspira uma concepção vigorosa e severa da Vida, e dita-Ihe o corpo das suas opiniões politicas e jurídicas sobre a Propriedade, a Família, o Estado, o Amor e o Casamento, a Guerra e a hegemonia das raças superiores, a pena de morte e o direito de punir, juizos igualmente afastados d'uina philanlhropia epicurista e d'um radicalismo impraticável, e que elle resumiu n'uma phrase quando escreveu que o amor dos homens é o amor da dignidade humana. O terceiro traço, a capacidade das idéas geraes é mais propriamente d'um critico que d'um philosopho, e habilitando-o a coordenar a sua experiencia da Vida n'um todo coherente e restrieto, exclue-o d'uma comprehensão total e sufficiente do Universo. E que n'elle o trabalho de generalisação se realisa guiado e limitado por uma prudência desconfiada que raia no scepticismo. Estes caracteres, juntos ao talento litterario da descripção viva, da narração veloz e aos recursos d'um estylo inventado em todas as suas partes, compõe a sua vocação de historiador. A capacidade das idéas geraes empregada na explicação dos movimentos de vida colle-

ctiva e a hombridade de caracter applicada á comprehensão do génio peninsular, determinam a producção da *Historia da Civilisação Ibérica*. O talento de narrar; de pintar os caracteres e de descrever as paizagens como componentes 11a formação dos caracteres, empregado na reproducção da nossa vida nacional desde as origens, dão de si a *Historia de Portugal*. Finalmente todos estes dotes juntos a uma admiravel isenção critica, a uma coragem pouco vulgar, a um perfeito bom-senso e a um conhecimento cabal da matéria tratada, concorrem para a producção da sua obra-prima *O Portugal Contemporâneo*. Livro magistral e educativo em que as mais profundas observações do moralista e as mais graves previsões do politico se entremeiam com uma multidão de retratos dignos de Velasquez.

XIV

Se lançarmos os olhos sobre o conjunto da nossa producção litteraria n'este século veremos que não nos falta a capacidade, mas o que escasseia é uma forte corrente directriz de actividade critica. A ausência d'esta acção salutar explica o naufragio de (antas vocações que convenientemente aproveitadas poderiam manifestar-se por uma producção valiosa. Se interrogarmos a Critica sobre o que nos convém fazer para não nos deixarmos afundar na esterilidade e na ruina intellectual, ella nos responderá com Ires conselhos : 1.º A regressão ao génio nacional, pelo conhecimento das nossas aptidões ethnicas peninsulares e especiaes portuguezas, pela preferencia dada aos Ihemas nacionaes nas creações litterarias, e pela convivência com os nossos grandes mestres da Renascença e do Romantismo. 2.º O estudo das litteraturas estrangeiras no que ellas possam ter de largamente humano ou particularmente analogo ao nosso génio. 3.º A elevação da cultura philosophica que na apparencia estranha á Litteratura e á Sociedade inspira a pri-

meira c governa a segunda, e pela sua ausência ou inferioridade determina a decadencia e a morle de ambos. Todos estes Ires elementos não abundam entre nós. A nossa indifferença pela litteratura nacional é completa, e este funesto esquecimento é igualado pela nossa ignorância das lilteraturas estrangeiras, limitada a nossa curiosidade aos successos ruidosos e ephemeros da livraria franceza. O nivel do pensamento philosophico é entre nós muito inferior, e se um grande poeta traduz nas suas creações lyricas as verdades e os sonhos do mo-, nismo germânico, se um historiador illustre submette toda a sua actividade á disciplina positiva, se um professor eminente emprega a sua rara capacidade de abstracção e a sua inexcedivel precisão de linguagem em transmittir n'um instituto superior a doutrina neo-kantista, estes exemplos são raros. A maioria vive n'um materialismo rasteiro ou n'um positivismo exteriormente comprehendido. Á geração que se levanta abre-se pois um vasto campo d'actividade e reforma. N'este campo, largo é o terreno para a creação lilteraria e opportuna a intervenção do espirito critico.

Moniz Barreto.

08 FILHOS DE D. JOÃO I

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕF.S. *LUS.* i\'. 50.

I

A CORTE E O CONSELHO

Eni 1411 Castella assignára o tratado de paz comnosco. reconhecendo a dynastia sabida da revolução de 1383. O periodo da crise aguda pôde porém dizer-se que acabára logo em 1387, quando, aos trinta annos, D. João 1 desposou D. Philippa de Lencastre que tinha vinte o nove. Foram quatro annos de lucta incessante ; depois a hostilidade prolongou-se, mas n'um estado chronico e manso, como succedia geralmente ás guerras europeas antes do fim do século xvm.

Também o casamento do rei trouxe comsigo uma alteração completa no caracter e nos costumes da corte portugueza. li sabido ([iic essa alliança procedeu da liga politica celebrada, contra Castella, entre o Mestre d'Aviz e o duque de Alencastro (como diziam os porluguezes d'então), pretendente á coroa castelhana. O duque sahiu de Plymouth com uma esquadra que, dispersada pelos temporaes, veio em parte entrar no Porto, em parte ein Lisboa, em parte em Setúbal. Eram uns oitocentos homens de armas, commandados por capitães, mais ou menos celebres nas campanhas de França que encheram todo o século

xiv, prolongando-se até meado do seguinte : Reinaldo Cobham, Pedro Cressyngham, Elias Blithe, Roberto Grantham, Tliomaz Dale, e outros aventureiros que n'esses tempos de agitação violenta andavam por terra ás presas. Portugal, em grande parte devedor da sua independencia ao auxilio dos Cruzados, procurára, na crise inicial da sua gloriosa dynastia d'Aviz, o soccorro dos mercenários inglezes assoldados por príncipes que já não iam resgatar o Sepulchro Santo, mas sim conquistar thronos em que regaladamente pudessem gozar as delicias da vida. Sahia-se gradualmente do illuminismo medieval.

Inglezes nos ajudaram no dia triumphanle de Aljubarrota ; e a sua tactica, victoriosa em Azincourt, dera já em 13S5 a Victoria ao Mestre d'Aviz, desmantelando a cavallaria castelhana e sagrando-o rei. Conquistára a coroa : podia celebrar allianças. Pela ingleza que d'então continuou até hoje, com mais ou menos contestado proveito, o duque de Lencastre obtinha do rei de Portugal direito de passagem e auxílios de gente para a sua empreza castelhana, desistindo das pretenções sobre as terras lusitanas que andavam incluídas para os nossos inimigos na categoria de rebeldes L

D'esses tratados de 1386 e 1387 veio o casamento do rei D. João com a filha do duque de Lencastre, e do casamento uma idade nova para a corte portugueza que durante a primeira dynastia não sahira d'um estado semi-barbaro. oscillando entre a brutalidade da vida guerreira e a carnalidade dos prazeres animaes, apenas temperada pelos instinctos de ordem que dictavam as leis, pela necessidade do interesse que inspirava a politica, alternando o terror do inferno com o embrutecimento da sensualidade, e acabando n'uma positiva orgia de impudicicia, tão desbragada que offendeu a curta castidade dos tempos, fazendo esquecer, pelas afflicções da desordem e das guerras, o muito bem que o pobre rei D. Fernando fez ao paiz sobre que desgraçadamente reinou.

[1] V. a acta da doação em Sousa, *Hisi. Geneal. Provas:* n. 3 da m p., tomo i, 35V

Como a açucena candida, levantando-se de um chão negro apaulado, ergueu-se da seara de gente cega a figura ingénua de Nunalvares, esse exemplo raro de uma encarnação immaculada da virtude forte : Nunalvares, o precursor da idade dourada em que Portugal ia entrar, e que lhe abre com as chaves da innocencia as portas do templo da gloria.

O Mestre d'Aviz fôra em rapaz manhoso, atrevido, audaz sim, mas nunca temerário. A temeridade só é concedida aos que trazem na alma alguma scentelha divina. A castidade, essa flor gemea da cavallaria, que namorava o condestavel e acabou pelo vencer com o .cilicio e a estamenha do seu santo claustro do Carmo, não seduzia o príncipe. Nas suas oavallarias alemlejanas, á volla de alguma monteria aos lobos, ou aos castelhanos, perdeu-se pelos olhos negros da filha de Mendo da Guada, em Veiros. Amou-a, seduziu-a, e trouxe-a para o convento de Santos, em Lisboa. O velho Mendo, de raiva, não cortou mais as barbas, d'onde lhe puzeram por alcunha o Barbadão. «Não havereis já de acabar com essa melancolia ?» perguntou-lhe uma vez a rir o Mestre, passando em Veiros do cavalgada. «Sim: quando acabar comvosco 1» e arremetteu n'uma fúria. Um galão do cavallo salvou o Mestre que partiu scismando. O Barbadão era o riso respeitoso das gentes de Veiros ; mas conformando-se afinal, veio á côrte e recebeu as mercês do rei. Das travessuras da mocidade trazia, pois, coinsigo D. João I um filho, duramente amamentado na escola dos acampamentos. A inferioridade relativa imposta pela bastardia no seio de uma côrte que depois timbrou na modéstia até ao exagero, azedou o caracter do conde de Barcellos, accendeu-lhe a cubiça, e, como a todos os bastardos, pôz-lhe na alma aquella semente de inimizade e despeito, todavia fecunda para os homens que ambicionam sobrelevar aos mais, não pela grandeza do proprio espirito, mas pela acção material, isto é, pelo império que exercem sobre os seus semelhantes, dominando-os, ou desluinbrando-os.

O condestavel de Bourbon escreveu 11a sua espada *Je percerai,* e a sua espada, através de mil perfídias, manchada por cem traições, penetrou, abrindo-lhe o caminho do throno. O bas-

tardo de I). João I. insaciavel, ávido de vingar pelo poder e pela riqueza a inferioridade da sua origem, perante irmãos mais nobres a todos os respeitos, conseguiu penetrar também, subir, voando como falcão ou rojando-se como serpente, trepar, até sobre o cadaver do desgraçado de Alfarrobeira, e, ganhando afinal com o ducado de Bragança um logar ao lado dos duques de Vizeu e de Coimbra, fazer d'elle o degrau que levou lambem ao throno os seus herdeiros.

Era porém uma criança ainda, tinha dez annos apenas ', quando seu pai se casou : embora n'esses tempos agitados os homens se formassem muito mais depressa. Era uma criança quando em 1387, rio Porto, se celebrava, um tanto avessamente, o casamento de D. João i. que parecia não arder em extremos de enthusiasmo por essa aliança. Trazida ao Porto, a princeza ahi ficara só, sem o pai e sem o noivo, que ambos tinham partido para a campanha. D. Philippa era já uma mulher feita : tinha vinte e nove annos, um anno menos do que o rei. Era boa, suave, loura, grave e serena, como as inglezas são, embora tenham dentro em si uma de duas coisas, ambas fortes: ou o sentimento arraigado do dever, ou a violência indomável da paixão. Talvez por isso mesmo não seduzisse logo o temperamento expansivo e meridional de D. João I : mas por isso mesmo o dominou com o tempo, transmiti indo aos filhos a sua gravidade e a sua virtude saxonias, e produzindo a mais bella especie de cruzamento.

Era possível também que o rei hesitasse em casar-se com a filha de um homem tão desbragado como o duque de Lencas-

i Pomos o nascimento do bastardo de l>. João 1 em 1377, que é uma das duas datas adduzidns. Sousa, na sua *Hist. Ceneal.* contesta-» preferindo 1870, o que parece inadmissível. O. João 1 nasceu em 1357. como se vê ria própria *Hist. geneal.* n, 5, e se o conde de 1'areellos tivesse nascido em 11)70, como se diz no lomo v, 5, seguir-se-hia que o Mestre d'Aviz teria lido um filho aos treze annos, o que, apesar da precocidade dos homens do tempo, é impossível. Admittindo 1377, o Mestre contaria vinte annos ao ter o seu primeiro filho, que fallecendo, como falleceu, em 146d, viveu oitenta e quatro annos. De outro modo teria vivido noventa e um. o que não é impossível, mas seria excepcional.

Ire. Quem lhe assegurava que debaixo da íace hieratica da princeza, sob o seu gesto ingénuo e grave, se não abrigavam lodos como os que também se encobrem sob o espelho azul, sereno e transparente das lagoas? Fôra educada com os peores exemplos. O duque vivia escandalosamente, debaixo das mesmas telhas, com a mulher e com a amante, Catharina Bonet, que Lirára ao marido, dando-a por mestra ás filhas [1]. Formada por tal preceptora, a princeza, com effeito, não devia offerecer garantias, 'sem embargo do seu ar de santa.

Os factos porém mostraram que o proprio exemplo da devassidão paterna exercera, como tantas vezes succede, uma acção salutar no animo da filha. Reagiu. Não era uma criança ingénua : era mais e melhor, era uma mulher decidida a ser boa, por isso mesmo que vira e observara de perto a maldade. Esta força de reacção, esta energia moral, que sem duvida alguma formavam o caracter da rainha, dando-lhe a serenidade augusta da sua face, são o dote inestimável da gente saxonia. Vivem de si e não, como os meridionaes, das impressões externas que recebem. Teem o orgulho ingenito, inaccessivel á vaidade que nos move. Governam-se pelo pensamento ou pelo sentimento. sem attenção ao tumulto do mundo que passa. São a gente subjectiva, poetas até á raiz dos cabellos, ao passo que nós, meridionaes, artistas incorrigíveis, preferimos viver a vida que corre, alegremente, sem fadigas d'alma, á lei da natureza. A vida para elles é uma tarefa, ordenada por um dever : para nós uma festa, ou um sacrifício. Por isso fazemos pouco cl'ella, e n'isto consiste a nossa superioridade, porque muito mais facilmente somos capazes de heroísmo.

D. João 1 ignorava, porém, o que haveria para dentro d:essa face de mulher, sereVia e fria, sem outra belleza mais do que o dourado dos seus cabellos, eôr de trigo em junho, a alvura da sua pelle, rosada nos lábios, finos o sem torturas ex-

[1] ConcupiscenUa exceecatus nec JJeos timeus, nuu Ilumines erubescens, habebat... quandum Karterinam... alienigenam in íamilia rum uxore sua.— Knv *ghton. De Event. AnglUe,* 2642,

pressivas, e o azul — lalso ou verdadeiro? — dos seus pequenos olhos de ingleza. Nenhuma coisa o encantava. Para mulher, não era isso que o desejo lhe pedia ; para esposa, receava, lembrando-se das historias do sogro. O casamento, portanto, fez-se politicamente, por calculo. Era o ultimo artigo do tratado de alliança que lhe dava força contra Castella. Fez-se com as festas rituaes, apressadamente, no intervallo de duas manobras militares.

D. Philippa hospedára-se nos paços do bispo no Porto, dentro do estreito cerco dos muros de D. Muninho, levantados por occasião da reconquista aos mouros. Esse cinto de altas muralhas negras era uma construcção quasi cyclopica de enormes quadrados de granito por cimentar, flanqueada de torres massiças, dentada de ameias que no céo pardo recortavam as suas pontas, como espinhos d'algum monstro. Encerrava o baluarte dos poderosos bispos do Porto, sempre rivaes dos pequenos príncipes portucalenses. Subia até ao Cimo-de-villa, descendo em linha recta sobre o Douro por um lado, e pelo outro ladeando a collina desde o antigo Castello suevo da Portavenlosa até á Ribeira, onde ficava o postigo dos Banhos. O paço dos bispos, a meado e torreado, levantava-se no topo da collina com império, sobre a ladeira Íngreme de que os socalcos das ruas lobregas faziam um throno de casaria. Para fóra dos muros, a poente, ia-se estendendo o burgo hostil que a rainha I). Thereza doára ao bispo Hugo, legando uma origem de permanentes contestações e amiudados tumultos.

Lá no fundo o Douro, apertado entre penedias de granito, corria tristemente, ennegrecido pelas mattas dos pinheiraes que trepavam pelas margens. A poente, contra San Domingos e a rua do Souto, onde estava construída a arena dos torneios para as festas do casamento, eram, em Miragaya, os limites do couto episcopal de D. Hugo, e do couto visinho dos priores de Cedofeita, outra cidade, terceiro Porto, que vinha juntar-se ao burgo e á cidadella dos bispos. Cedofeita, a velha capella de S. Martinho de Tours, onde a tradição reza ter sido baptisado Theodomiro. nos tempos remotos da queda dos romanos, obtivera

também de D. Thereza o seu couto que se alastrava por toda a metade occidental do Porto, mosqueado pelas aldeias e casaes dos colonos contratados pelo cabido U

Para o nascente, inclinando em pinheiraes até ao esteiro de Campanhã, alongava-se o morro da Batalha com o seu Padrão, em memoria dos assaltos sangrentos dos mouros ao Porto, bravamente defendido pelo conde leonez D. Hermenegildo (920) ; divisavam-se mais para longe n'uma paizagem franca e luminosa os campos de Rio Tinto, assim chamado por ter corrido em sangue até ao Douro, quando o rei Ordono veio como um raio em deleza do Porto. D'esses combates remotos tivera agora a cidade a lembrança, acclamando em armas o Mestre d'Aviz, nas bravas luctas da guerra da independencia.

Por isso o casamento de D. João I era para o Porto uma lesta. Ao repicar dos sinos da Sé, perdendo-se nas quebradas dos montes carregados de arvores, correspondia para além, distantemente, o sino alegre de Cedofeita : dir-se-hiam as campainhas de ovelhas conduzidas em rebanho pelo báculo do seu santo pastor Martinho . . . Toda a noite fòra de festa, danças e trebelhos, jogos e matinadas. O bom povo do Porto, na sua cidade triste, quebrava a monotonia dura da vida n'esse instante de folgança ; e o tom pardo do granito, pardo como o ar nevoento e húmido, dissipára-se de manhã quando a cidade acordou semeada de murta e rosmaninho, com as casas armadas como capellas. O proprio sol quiz ser da festa penetrando nas ruas lobregas, e pondo nas caras dos burguezes uma scentelha de vivacidade luminosa.

El-rei chegara de noite, na vespera, com o Condestavel, que vinha assomado e colérico. Mais velho que o rei, a quem fizera, não se limitava a aconselhal-o : reprehendia-o. Por vezes, vendo-se contrariado, tomava-o tal fúria que tremia a ponto de vacillar sobre os joelhos'-. Hospedaram-sé em S. Francisco, no

[1] V. o foral para povoação, dado pelo Prior de Cedofeita I>. Nuno, em 1237. nos *1'ortug. Mon. Histor., Leg. et Cons.* II, C27.

- «E aquel Santo Condestabre por semelhante houve aquesto sentimento por

burgo, e logo de madrugada foram ao paço do bispo D Rodrigo comprimentar a rainha. Preparou-se o cortejo. O pequeno espaço que vai desde o paço até á Sé estava coalhado de povo em gala. Uma orchestra do trombetas e flautas tocava. Montaram, a par, o rei e a rainha, em dois cavallos brancos cobertos de xairéis recamados de ouro, e coroados foram seguindo a procissão, sorrindo amoravelmente para o povo que os acclamava. O arcebispo de Braga, paramentado, levava pela redea o cavallo da rainha, alraz da qual iam as suas donas fidalgas a pó. Do lado do rei ia o Condestavel. Á porta da Sé, n'uma nuvem de incenso e n'uma côrte de prelados, o bispo D. Rodrigo de mitra, báculo c vestes de ouro pontificaes, esperava ns noivos. Entraram, casou-os, e houve missa.

Da egreja voltaram ao paço, a comer. O Condestavel era o mestre-sala das bodas, e quando lodos riam, na alegria da mesa. elle ria também, galhofeiro, com esse encanto simples dos temperamentos justos e espontâneos. Desafivelavam-se os cintos, vasavam-se as laças, engurgitavam-se as carnes. As donas fidalgas cantavam em còro, e em torno das mesas os rapazes exercitavam-se em saltos, Irepando em cordas suspensas, ou em mastros. O dia passou-se d'esla fórma, acabando o banquete por um baile dc roda em que lodos, fidalgos e fidalgas, rei e rainha, dançavam : alé o proprio Condestavel com a sua longa barba onde as cans dos quarenta annos, as cans dos trabalhos e das cóleras mal comprimidas, corriam como fios de prata alegre. Os bispos e os prelados, digerindo, riam.

Fóra o povo, n'um gritar delirante, aquecia ainda mais a sala do banquete, e pelas ruas, pelas hortas e campos da cidade desenrolava-se um manto de alegria. Em San Domingos havia torneios, por toda a parte festa, uma festa cujo oitavario durou quinze dias. Descahindo a noite, os prelados benzeram o

sobejantentc se dar aos cuidados e'desembargos em tanto que por semelhante se querer forçar pera ouvir alguma pessoa d'Estado lhe vinha tal agastamento que elle confessou que ja por ello estivera em ponto de cair cm terra. - —]). Duarte, *Leal Conselheiro,* \\

leilo real[1] e D. Philippa, serena, grave, loura, encaminhou-se placidamente para a camara nupcial levada pela mão de seu marido.

Os primeiros dois annos foram estereis ; mas logo cju 1390 a rainha começou, com uma pontualidade ingleza, a produzir o seu filho annual. Em 1390 nasceu o infante D. Affonso que morreu do dois annos. Em 1391, D. Duarte que succedeu a seu pai no throno. Em 1392, D. Pedro, fadado para melancólicos destinos ; em 1393, falha ; em 1394, D. Henrique, o Scipião portuguez, inventor do império ultramarino ; em 1395, D. Branca, fallecida na infancia ; em 1396 provavelmente algum desmancho ; em 1397, D. Isabel, que casou com o duque de Borgonha. Depois, a fecundidade cança: ha intervallos. Em 1400 nasce o infante D. João ; em 1402, o pobre martyr de Tanger, o infante 1). Fernando, Isaac effectivamente immolado por um Abraham terrível, em holocausto ao génio quasi semita que nos impellia como phenicios para a aventura dos mares.

Foi o seu ultimo filho : D. Philippa acabou por gerar um santo, ella em cujo ventre se formára a semente de tão grandes homens. Quinze annos (1387 a 1402) de um procrear incessante : abençoadas entranhas ! E durante este período, no vigor da vida, entre os trinta e os quarenta e cinco, o rei não teve um bastardo. Que singular mudança houvera nos costumes da côrte ?

Diz-nos D. Duarte que o rei e a rainha fizeram casar mais de um cento de mulheres, entrando na conta as que elle proprio casou também, seguindo tão bons exemplos -. Não havia

[1] Fernão Lopes, *Chron. de I). João I,* 11, 90.

- « Se disserem ; poucas são as boas, eu digo que muitas em este caso, pois ao presente eu não sei nem ouço mulher de cavalteiro nem outro homem de boa conta em todos meus reinos que haja fama contraria de sua honra em guarda de lealdade; e passaram de cem mulheres que elrei e a rainha, meus senhores padre e madre, cujas almas Deus haja e nós casamos de nossas casas e prouve a Deus Nosso Senhor que alguma que eu saiba nunca falleceu em tal erro des que foi casada. r, — *Leal Cons.*. xi.v.

uma ligação illicita, riem uni adultério conhecido. A côrte era uma escola. D. Philippa, pregando ao peito o seu véo de esposa casta, com os olhos levantados ao céo, não perdoava. Terrível, na sua mansidão, trazia o marido sobre espinhos. De uma vez, reza a tradição, em Cintra, o rei esqueceu-se, e furtivamente pregou um beijo na nuca ou na face d'uma das aias : quando surgiu logo, accusadora e grave, sem uma palavra, mas com um ar medonho, a rainha casta e loura. D. João enfiado, titubeando, disse-lhe uma tolice : « Foi por bem ! » Ella, partiu solemnemenle. Eram ciúmes? Não ; só tem ciúmes quem tem paixão. Era aquelle sentimento exclusivamente saxonio, para o qual também só ha palavra na lingua ingleza : era o *cant*, essa mistura inconsciente de orgulho e convenção que, ficando abaixo da religião do dever, está muito por cima da hypocrisia que é a simulação consciente d'elle.

Não ha sentimentos mais despoticos e absorventes do que estes sentimentos quasi artificiaes, em que a ingenuidade apparece enroscada pela convenção. A rainha não perdoava ; mas que differença, entre a sua intolerância hirta, e a virtude humana e espontanea, a virtude quente e alegre do Condestavel ! O rei passára das mãos d'elle para as da esposa que fazia empallidecer esse valente quando o fitava com os seus olhos azues impassiveis. Felizmente, a rainha era virtuosa e boa com sinceridade.

No proposito firme de lhe obedecer, D. João porém excedia os limites da humanidade. Com a imagem da côrte em que nascera sempre diante dos olhos, a rainha exigira o casamento immediato de toda a gente. Nem requebros, nem amores, nada ! o casamento crú e direito, como ordena a Santa Madre Egreja. Combinavam os enlaces, qual devia convir para fulana, ou vioeversa, de fórma que um dia um, outro dia outro, recebia a ordem terminante concebida nestes termos : « Manda-vos el-rei dizer que vos façaes prestes para desposar de manhã. » Quem ? « Não importa ; lá o sabereis. >> E assim se casou toda a côrte, sendo este um exemplo para convencer os românticos do que a disciplina pôde sobre os homens ; pois a geração d'esse tempo

que por laes processos deveria produzir o cumulo da desordem, foi um perfeito modelo de força e virtude.

E ai d'aquelle que, por folia ou por paixão, não tomava a sério as regras da côrte. O *cant* é descaroavel, e ao serviço da preoccupação da rainha punha o rei o seu temperamento violento de homem de guerra. D'aqui resultou a cruel tragedia de Fernando Affonso, amante d'uma dama da côrte, e dos validos mais queridos de D. João I que ás escondidas lhe recommendou juizo. .Mas fel-o, provavelmente, como estas coisas se passam entre amigos : rindo. Elie, pelo menos, não tomou o caso a sério, e, simulando uma viagem a Santa Maria de Guadalupe, devoção muito em moda no tempo, metteu-se na alcova da aia para rezar. O rei, que o soube, talvez ainda risse, mas demittiu-o. O rapaz aceitou a demissão, para o quarto da dona onde se foi aninhar, e onde el-rei o mandou prender. Começava a sei' grave. No caminho da prisão, Fernando Affonso, á cautela, fugiu para Santo Eloy. Na côrte ia um borborinho com tudo isto, e a rainha devia considerar o caso uma abominação. Foi ella que obrigou o marido a sahir? Não se sabe ; mas o facto é que O. João I largou do paço (d'apar S. Martinho, junto ao Limoeiro) n'uma fúria. Deixára em meio a sésla, e sahiu mal vestido, coberto com um mantéo, em ceroulas, correndo a pé para a egreja onde o desgraçado se asylára, subindo ao altar e abraçando-se á imagem da Virgem. Pois ahi mesmo o mandou o rei prender, sem attenção ao direito sagrado de asylo, que era uma das valvulas de segurança inventadas pela crença ingénua contra a violência dos tempos. Para o prenderem, os homens do rei, tiveram de despedaçar a Virgem que veio do altar abaixo com elle. Adultero, ficava sacrílego. No dia seguinte, logo. sem processo, o rei mandou queimar vivo o desgraçado no Rocio [1].

Hoje, o ***cant*** não dá logar a tragedias d'esta ordem. Os costumes são outros, outros os nervos ; mas o *cant* é como sem-

[1] Fernão Lopes, *Chron.* u, 13a. Sobre a tragedia de Fernando Alfonso teceu A. Herculano o seu romance do *Monge de Cister*.

pre foi o mais desapiedado, o mais absorvente e tyrarino despotismo. D. João I obedeceu-lhe tanto que se transformou; acabando por dar o tom e ser o typo que serviu de nobre exemplo a seus filhos. Devoto, occupava-se na traducção das *Horas Mariannas;* litterato, escrevia o livro da *Monteria*[1] : por isso os filhos todos, mais ou menos, mas principalmente D. Duarte e D. L^edro, se crearam com a devoção das letras e principalmente das letras mysticas. Lançada esta semente no forrão fecundo da alma nacional, enthusiasticamente affirmativa, desabrochou, tres ou quatro gerações depois, n'essa poderosa vegetação do delirio catholico que deu de si a época de D. João III.

Agora, na alvorada dos dias de fogo e sangue, a luz apparecia suavemente diffusa ; o mundo apresentava-se como uma dôce e attrahente harmonia ; e as paixões transcendentes, ainda em botão, serviam apenas para corroborar, com a sua auctoridade superior, os preceitos da vida pratica. Encarada a essa luz, a existencia apresentava-se como um dever sagrado e o reinar como um officio duro. D. João I, conta seu filho, sentindo os cargos do rei, em uma roupa fez bordar um camelo, por ser besta de maior carga, com quatro saccos, em que eram postos sobre cada um estas letras : no 1 t e m o r de mal reger ; no 2.° justiça com amor e temperança ; no 3.° contentar corações desvairados ; no acabar grandes feitos com pouca riqueza Estavam em moda as devisas e motos svmbolicos. N'estas quatro expressões syntheticas se resumiam com effeito as idéas publicas do tempo. Via-se o génio do bastardo de D. Pedro I herdando do pai a economia : obter grandes resultados com pequeno gasto ; via-se o desejo de ser bom e amoravel, tomando a realeza como um patriarchado, qual fora também o de D. Pedro ; via-se porém, finalmente, um sentimento que é novo : o medo de mal reger, o escrúpulo, o receio de errar, que faz do officio dos reis um peso capaz de carregar uni camelo.

liste apparecimento do escrúpulo, exprimindo a noção do

Leal Cons., \xvn
hlem. i..

dever, traduz a nova face transcendente que a vida adquiria. A vida era uma coisa séria ; reinar, a mais séria das occupações. O rei começa a sentir-se o orgão da nação e a chave da abobada do estado, que apparece como uma construcção ideal, ou por outra, uma obra d'arte. Foram-se os tempos ingénuos do instincto barbaro, que fazia dos príncipes instrumentos cegos da valentia e da cubiça próprias, e dos povos seus rebanhos ; foi-se também o fetichismo antigo que os prostrava de rastos diante da clerezia, trementes com medo do inferno. A philosophia entra na corte : uma philosophia moralmente infantil, misturada com superstições astrológicas, mas philosophia em todo o caso. isto é, o amor do saber e a obediencia aos dictames da reflexão. Foram-se esses tempos antigos, e eslão distantes ainda as idades vindouras em que a amarga lição das coisas ensinará o scepticismo, e em que o duro officio de reinar parecerá o ocio commodo que Deus dá aos príncipes para seu regalo [1].

A moda das devisas e motos, importada com outros inglezismos, pelo casamento de D. João I, moda feudal que nos chegou em francez por serem normandos que a tinham levado com o feudalismo para Inglaterra: essa moda importa pouco em si, mas significa muito, porque as devisas da família d'Aviz exprimem todas a nova ordem de idéas que a côrte respirava e de que vivia. Facto é porém que o formalismo ritual da Cavallaria veio dar corpo, e portanto consciência e consistência, aos sentimentos de galhardia e lealdade portuguezas, expressos em numerosas lendas históricas, e encarnados no vulto épico do Condestavel, que não era menos nobre, nem menos bravo, do que foram depois os homens educados pela leitura dos Amadis. O Mestre d'Aviz, todavia, primeiro rei estrangeiro que entrou na « santa confraria da Garrotea » abriu um logar á fidalguia nacional nas cortes da Cavallaria europea.

Mas as devisas da côrte hão de estudar-se pelo que revelam, e não como simples joguetes quasi infantis. Tudo era sé-

[1] *Quod eommoda da Deus nobis hsec olia.* -Leão X.

rio. A rainha adoptára o moto, conciso e simples como ella própria, *Pour bien :* o moto que o rei mandou pintar no tecto da sala de Cintra e que lhe suggerira a tangente salvadora, quando fôra o caso do beijo furtado á dama. *Ponr bien*, para o bem, era a summa da sua existencia consumida em afeiçoar os filhos ás regras do dever e da religião. *Desir*, foi o moto de D. Pedro, enigmático, ou vago, como effectivamente se desdobrou com o tempo o seu caracter, oscillando entre as obrigações do dever, e as congeminações nebulosas de um temperamento pessimista. Depois de Ceuta, adoptou por devisa, ou empreza, um rochedo atravessado por uma espada brandida pela mão que sae das nuvens, com a legenda *Acuit ut penetrei.* É complicado, como o seu espirito ; mas o timbre do seu uso foram as balanças, por uma devoção especial a S. Miguel, em cujo altar o depuzeram moribundo, em criança ; e provavelmente pelo amor constante da justiça e da ponderação que sempre o distinguiu. O infante D. João adoptou por moto *Tai bien raison,* e na sua vida breve cumpriu-o ; como o cumpriu o infante D. Henrique, tomando para si *Talent de bien faire*, que traduzido significava, não a sciencia de proceder com acerto, mas sim a vontade de obrar com justiça. A primeira tradueção foi, porém, historicamente, mais verdadeira.

Para si, o rei quiz *II me plait,* e com razão, porque raríssimos viveram mais a seu gosto. Tudo lhe sahiu bem, a esse homem feliz. Conquistou o reino e sentou-se no throno acclamado pelo povo inteiro. Acertou casando, e teve a mais bella geração de filhos. Nunalvares coroou-o, e João das Regras sanccionou com leis o que o Condestavel traçára com a espada. Velho e viuvo, com os filhos á roda, commette a temeridade de ir a Ceuta, e, conquistando-a com a maxima facilidade, deixa em herança ao reino o caminho da gloria patente.

E no decurso do seu longo reinado de quasi meio século, transforma os costumes, as leis e até a chronologia \ a este

[1] A éra *hispanica,* ou *de Cesar,* ou *safarensc,* como os arabes diziam, íoi abolida em 1422 em Portugal, adoptando-so officialmente a éra de Clirislo pelo

povo, que recebera agonisante e que entrega á historia reconstituído pela introducção de idéas moraes novas, e das novas leis que no seu tempo se restauravam na Italia, fazendo outra vez reviver o império das noções abstractas do direito antigo sobre que ia assentar soberana a monarchia. É de 1426 a carta régia em que D. João I remette á camara de Lisboa dois livros com as leis do codigo Justiniano, a glossa e as conclusões de Bartholo « para por ellas se fazerem livrar os feitos e dar as sentenças \ »

Eram também as auroras do imperialismo que viria a desabrochar um século depois sob o influxo das idéas christãs, com os mesmos caracteres porém que tivera na Antiguidade, para levar também, outra vez e deploravelmente, os povos latinos á perversão do absolutismo antipathico. N'esta manhã de luz nada d'isso se descortina ainda. A fé é viva, o enthusiasmo ardente. O vento fresco das impressões novas agita os pensamentos, e, passando por sobre o paiz, vai beijar os mares visinhos, desenrolados perante a vista como uma tentação e um enigma.

o espirito generoso da Cavallaria, importado de fóra, toma entre nós feições e objectos indígenas. A *empreza* consiste n'um franco navegar para o bem, com as velas cheias pela viração da sciencia e da fé, que ainda sopravam accordes.

calculo fjisano, que faz coincidir o anuo I com o 39 da éra hispanica, de fórma que a reducção das datas da moda antiga faz-se eliminando 3S annos. Assim a reforma clironologica fez-se em 1422 ou 1460.

A éra christã fôra já anteriormente adoptada em outros estados da Hespanha : em 1350 no Aragão, e em 1383 no reino unido de Castella-Leão. Havia porém varias eras christãs : a da Encarnação, a do Nascimento e a da Ascensão ; havendo além d'isso o *calculo pisano* e o *florentino.* Pelo primeiro, o nascimento de Chrislo é o primeiro dia do anno t; pelo segundo o anno i só começa um anno depois do mesmo nascimento. Para a concordância-das datas os dois cálculos differem pois de um anno.

[1] « E vos poe estes livros na Camara d'esse concelho, presos por uma cadeia bem grande e longa. E não os deixeis ver a ninguém, salvo aquelles que feilos houverem ou a seus procuradores, ou se temerem de haver alguns feitos. -Carta regia, em Fr. de Oliveira, *Annaes do Munie, de Lisboa,* i, 312.

Tanto isto é assim que, depois de celebradas as pazes de 1411 com Castella, o rei projectava levar a effeito um grande torneio internacional, festa magnifica em que armaria cavalleiros os três filhos mais velhos, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique ; mas estes observaram que festas não eram emprezas e o grau de cavallaria queriam ganhal-o, não queriam devel-o apenas a uma ceremonia ritual segundo os cânones cortezãos.

Mas que empreza ? perguntava a si própria essa gente, como ricos, sem saber em que gastar a opulência de força e vida que os consumia. E um dos tres conselheiros da Coroa, João Affonso d'Azambuja, que com o arcebispo de Braga e João das Regras constituíam o ministério de D. João I, segredou-lhe ao ouvido : Ceuta ! [1] Reconquistar Ceuta que fôra a poria aberta á traição para os mouros entrarem na Hespanha, seria a mais gloriosa empreza, continuando nos Algarves de além-mar a guerra de tantos séculos que dera a Portugal por fim os Algarves d'áquem. Contra o mouro de Granada não se podia ir, a menos de voltar a accender a guerra com Castella, que já o considerava presa sua. O segredo e a reserva, toda a reserva, eram porém indispensáveis para tão arriscada empreza. O rei meditava, e piedosamente ouviu os seus confessores e os seus letrados mais Íntimos, mestre frey João Xira, o doutor frey Vasco Pereira[2], e decerto João das Regras. Todos concordaram que sim : faltava ouvir os filhos.

Os tres mais velhos eram homens feitos (1412). D. Duarte tinha vinte e um annos, D. Pedro vinte, D. Henrique dezoito. Os dois pequenos, D. João (doze annos) e D. Fernando (nove) não contavam ainda : estavam a cargo da mãi educadora já encanecida pelos seus cincoenta e quatro. O pai, que tinha um anno mais, começava a sentir os achaques da velhice, custando-

[1] Azurara, *Chiou, de l>. João I,* m, 7, 8 e segg.

[5] *Ibid.,* 9.

lhe já o trabalho do conselho e do despacho. Attribuiam á mordedura de um cão damnado, que o fizera sofírer durante.cinco annos, os espasmos ou syncopes de que por vezes era assaltado [1] : talvez fosse um cardíaco, hypothese verosímil com a vida que leve, cheia de agitação e duramente emocionada por largos tempos. O conde de Barcellos que n'esta éra contaria trinta annos, estava fóra da côrte, nas suas terras, em Chaves, onde enviuvára de D. Beatriz a filha do Condestável, fallecida de parto [2]. A veneração pelo pai continha-o no seu despeito pela preferencia dada aos irmãos. Também elle era filho de D. João 1 . . . Mas não era filho de D. Philippa, a implacavel senhora I

Dos legítimos, os tres mais velhos, creados juntos, educados juntos, quasi da mesma idade, tinham crescido como vergonteas de uma mesma arvore, alentados pela mesma seiva, unidos n'um só amor, unanimes no respeito inexcedivel pelos paes, ligados entre si por unia amizade estreme. Mas — não ha na natureza dois seres inteiramente iguaes — como ramos de uma mesma arvore, os filhos d'Aviz, á medida que cresciam, divergiam bracejando, cada qual segundo o seu feitio, para sua direcção no espaço. Já D. Duarte mostrava aquella virtuosa abnegação e a. passividade que o matou ; já D. Pedro accusava a inteireza de pensamento e as suas inclinações de philosopho, procurando, desejando sempre subordinar os seus actos a regras e indagando as causas moraes e materiaes das coisas; já D. Henrique, finalmente, menos escrupuloso do que o herdeiro dá coroa, cuja virtude tinha o quer que fosse doentio ou pelo menos fraco : menos inteiro do que o antecessor, mostrava a força de um homem de acção, obedecendo cegamente a impul-

[1] « Por cinco annos (Listo foi mui sentido, havendo principal fundamento Por uma cadella damnada que o mordeu. E tal pena sentia em desembargar que um dia recebendo uma informação, não sabendo sobre que era, o coração não lhe queria consentir que na mão a tivesse, e por elle o querer forçar, com suores lhe veio tal affrontamento que por força lh'a fez deixar e como a lançou sobre uma cama, ficou por então fóra de lai sentido como se cousa d'ello não sentisse. »
í-cal Cons., XX.

- *Cron. do Condestabre,* LXXVII.

sos que elle não contraria, ainda quando a razão e a consciência lhe murmurem que pôde errar. Dos tres, o mais humano era incontestavelmente D. Pedro. D. Duarte tinha na sua virtude o quer que é enfermiço e feminino ; D. Henrique, votando-se á castidade, por obediencia aos planos que lhe enchiam o cerebro, sonhando cavallarias magnificas e emprezas estupendas, de um genero inteiramente novo, denunciava um temperamento de heroe, com a seccura, com a dureza, com a deshumanidade que as idéas fixas impõem aos homens.

Fôra elle quem insinuára a João Affonso d'Azambuja a idéa de Ceuta? Talvez fosse. O facto é que no seu pensamento a posse d'essa praça ganha uma importancia nova. A continuação da reconquista para além-mar não era apenas um desforço contra os mouros, nem a vingança da lendaria traição do conde Juliano : era o abrir a Portugal as portas douradas do Oriente vago e mysterioso, onde havia christãos cotn effeito, os christãos do Preste Joham, mas onde havia também as especiarias, os tecidos preciosos, o ouro fulvo, e tudo o mais que as caravanas traziam através do deserto, desde o mar Roxo, pelo Egypto, pela Tripolitana e por Argel, até ao reino de Fez, de que Ceuta era a Nova-York e Fez, como Washington, uma côrte apenas. Já talvez agora, no espirito quasi phenicio do infante, se desenhassem estes lineamentos da cavallaria nova em que Portugal ia arrolar-se, confundindo n'um mesmo abraço a fé recebida do passado e o lucro, futura religião dos europeus depois que puderam avassallar e explorar o mundo inteiro.

A medida que os filhos foram crescendo, D. João I associou-os ao governo. Eram o seu conselho d'estado. Assembléa única, era a d'esses quatro homens ligados pelos vínculos do sangue, unidos pela mesma fé e por um amor igual, presidindo ao governo d'um povo que os abraçava a todos n'uma adoração commum ! Com a reserva e o respeito de filhos, os homens novos, recebendo mais vivas as impressões de fôra, modificavam os caprichos que a idade, os hábitos, porventura a doença, levantavam no espirito do pai. A família, na mais bella expressão do seu valor social, realisava assim a abstracção da immortali-

dade no facto da successão das gerações transmittindo de uma a outra uma idéa, um pensamento, uma vontade. A alma dos paes, ao despedir-se da terra, renascia com pujança nova no corpo dos filhos que entravam em cheio na arena da vida.

Ao lado do rei os infantes, cumprindo rapidamente as suas decisões, supprimindo de caso pensado os detalhes irritantes ou enfadonhos dos negocios, usavam com seu pai de todas as artes legitimas para lhe evitar o cançasso e para lhe resalvar a susceptibilidade que aos velhos cresce com os annos. E o inconsciente, accusando a debilitação da energia vital. Queriam que o governo fosse para elle um prazer. Deixavam-lhe plena liberdade de fixar os dias de desembargo e a ordem dos negocios ; mas faziam-no com tanta discrição que o rei, sendo de facto governado pelos filhos, se acreditava ainda nos tempos em que mandava na plena accepção da palavra. « Tal maneira, diz D. Duarte, ao contar estas coisas, não se pôde bem ter com todos os senhores, nem se guardar em todas as amizades, que escripto é que amizade perfeita não pôde ser senão entre pessoas virtuosas, de um proposito querer e não querer nas coisas principaes, que hajam entendimento e vontades concordáveis fundados em muita lealdade, de grandes, largos e bons corações »

Aos largos e bons corações de seus filhos confiou pois 1). João I a idéa da conquista de Ceuta, enumerando os obstáculos que se oppunham á sua realisação. Eni primeiro logar. faltava dinheiro ; não o tinha o thesouro. Como havel-o? por meio de *pedidos,* ou impostos? Isso traria um escandalo enorme, e seria cruel para o povo que tanto soffrera com as guerras castelhanas ; depois, seria desvendar um plano cujo êxito estava principalmente 11a pontualidade do segredo. Em segundo logar, não havia esquadra capaz de levar o exercito a Ceuta. Em terceiro logar, faltavam homens. Faltava tudo. Parecia que o rei de proposito exagerava as difficuldades para afastar os filhos da empreza. Em quarto logar, ainda que vença, « o filhamento (toma-

[1] *Leal Cona.,* xcvu. Esta parte tio livro de D. Duarte fôra já publicada por Sousa, *Hist. fieneal.* Provas, i, 546.

da) d'esta cidade, continuava D. João I, me pôde fazer maior damno que proveito. » O reino de Granada parecia-lhe mais fácil de conquistar ; e se o não conquistássemos, Castella o conquistaria. Que proveito tinha elle em que Granada cahisse em poder dos castelhanos? Se tomo Ceuta, concluía, com certeza os castelhanos tomam Granada ; o que era um mal evidente, porque destruía o equilíbrio internacional na Hespanha, augmentando o poder dos nossos inimigos naturaes. Em quinto logar, finalmente, indo bolir com os Mouros de Marrocos, expomos o nosso Algarve aos seus contínuos assaltos, e além d'isso fica-nos fechada a porta do Mediterrâneo, onde os navios portuguezes vão de Lisboa vender o vinho, o azeite e as fructas. Fazia-se um grande commereio marítimo com os portos mediterrâneos

Depois do rei expôr as suas duvidas, os infantes disseram que não eram necessários *pedidos :* obter-se-hiam os recursos por escambos (emprestimos) com os mercadores do reino ; em todo o caso bastava appliear á guerra o que se havia de gastar com as festas projectadas para os armar cavalleiros. Com relação á falta de navios, que era real, mandavain-se vir fretados dos portos da Galliza. da Biscava, de França e da Allemanha : considerasse-se o numero de navios que vinham ao frete do sal, do azeite e dos vinhos . . . Por outro lado bastava fretar os navios para com elles vir gente. E além d'isso não era exacto que faltasse gente : havia e muita, no reino, e estava-se em paz com Castella -.

Convenceu-se facilmente o pai acerca dos Ires primeiros pontos ; mas nos dois últimos houve duvidas. A idéa de uma empreza marítima devia assustar na velhice o rei que levára toda a vida em correrias e cavalgadas, costumado a batalhar e vencer em terra. Sympathisava mais, e comprehende-se, com a empreza de Granada, que seria porém uma loucura, já porque importaria a guerra com Castella, já porque a própria Castella só depois de unida ao Aragão, pôde em 1492 destruir esse ul-

[1] V. Fernão Lopes, *Chiou, de /). Fernando,* nos *Ined.* da Academia de Lisboa, iv, 121 e segg.

- Azurara, *Chron.* ia. 7 a 12.

Limo baluarte do império musulmano da Hespanha. Não é na proximidade dos sessenta annos que íacilmente se aceitam idéas novas : mas mais vezes se praticam loucuras sob a inspiração das antigas.

Felizmente, ao lado do rei estavam os infantes que, pelo contrario, pesavam todas estas coisas, sem temor nem repugnância pela novidade. E sobre todos o infante D. Henrique insistira nos inconvenientes da empreza de Granada. Por isso no dia seguinte o pai debateu sósinho com elle o assumpto, e ficou lambem convencido, quanto aos dois últimos pontos discutidos em conselho. Pulando de alegria, D. Henrique foi dizer em segredo aos irmãos o resultado. Estava decidido que iriam a Ceuta !

Cumpria agora proceder com toda a cautela e segredo nos preparativos da expedição. Era necessário inventar um pretexto para os armamentos que logo se tornariam evidentes. Era necessário antes reconhecer Ceuta, vêr o ancoradouro, não ir ás cegas, com precipitações que podiam ser funestas. Não havia pressa. Os preparativos, apimentados pelo encanto do segredo, saciavam a necessidade de acção dos rapazes que o pai olhava com amoroso encanto, e a rainha, mais grave agora que o louro dos seus cabellos se tornára em branco, abraçava, beijando-os serenamente na fronte.

Decidiu-se logo confiar o segredo ao prior do Hospital, homem agudo e discreto, enviando-o por mar á Sicilia negociar fingidamente o casamento do infante D. Pedro com a rainha viuva [1] que o pedira. Era o mais plausível dos pretextos para visitar Ceuta, quer na ida, quer na volta. O prior sahiu com effeito de Lisboa com a armada, foi á Sicilia, tratou o casamento de que se não tratava ; e tendo estado em Ceuta, na ida e na volta, trouxe as informações mais completas. Boa praia, ancoradouro excellente -.

[1] Viuva do Martinho 1, cuja morto, determinando a união da Sicilia ao Aragão (1409-1504), a deixava sem reino.

Azurara, *Chron.* 13 a 10.

Mus desde que a empreza de Ceuta se decidira, o rei que se achava outro homem, parecendo-lhe voltados os tempos antigos, sentindo-se rejuvenescer, acordando com o estrepito das armas, vendo-se de espada em punho no meio do assalto : o rei que não queria, nem podia attender senão aos preparativos militares da campanha, entregou a expedição dos negoeios de justiça e fazenda ao infante D. Duarte. Com D. Pedro e D. Henrique, « tanto haveria de trabalhar nos feitos que pertenciam para sua ida, que de outros sem grande necessidade se não entendia curar >;

Escrupulosamente, com a pontualidade ingleza da juãi, D. Duarte, a quem faltava a energia e a audacia do pai, renascidas no irmão Henrique, tomou tanto a peito o encargo, com o seu virtuoso sentimento do dever exagerado pela verdura dos annos, e tanto se esfalfou, que adoeceu. Levantava-se cedo, ouvia missa, ia á Relação ao despacho, até ao meio-dia, hora de jantar. Á mesa dava audiência, recolhendo-se depois para uma sesta brevíssima, supprimida quasi sempre, porque ás duas horas estavam com elle os vedores da fazenda e os do conselho, com quem trabalhava até ás nove da noite. Quando o largavam, ceava, ficando com os officiaes da sua casa até ás onze horas. Ao monte e á caça raras vezes ia : descurava os exercícios do corpo, entregue aos trabalhos sedentários. Ao proprio paço d'el-rei seu pai faltava com insistência : só o visitava quando o andamento dos negoeios o exigia.

Pela primeira vez apparece na scena /politica portugueza o príncipe burocrata, de que a Hespanha teve em Philippe II o mais bem acabado exemplar. De constituição débil, acrescentando necessariamente á fadiga própria do trabalho o cançasso (1'espirito proveniente da sua virtude escrupulosa, exagerando as difficuldades. estonteando a cabeça, e julgando dever matar-se tanto mais, quanto maiores eram os problemas, o pobre infante cedeu ao peso da tarefa e cahiu enfermo de uma anemia ou de uma dvspepsia, caracterisada pelos svmptomas do que

uinda popularmente se chama hypocondriá e (|ue elle proprio denomina humor merencorio.

Os médicos aconselhavam-lhe « que bebesse vinho pouco aguado, dormisse com mulher, e deixasse grandes cuidados. » Era uma tristeza constitucional, um desgosto profundo, com um medo atroz da morte, que lhe durou Ires annos, começando a curar-se na dolorosa crise do fallecimento da mãi, quapdo, Lendo a côrte ido de Sacavém para Odivellas. a rainha enfermou da pesLe. Dissiparam-se os medos, desappareceram os symptomas gástricos ; e depois dizia sentir-se, graças a Deus, mais ledo do que era antes da doença

As ambições heróicas de D. Henrique deram de si o que sabemos ; a dourada illusão de esperança que accendia em fé os homens nas alvoradas d'essa grande época a que se chamou Renascença, produziu os fructos cujo travo nos amarga hoje na Hngua ; mas o que dura, o que fica, e durará, e ficará emquanto houver homens, é a bondade inodesLa, tão humilde como a grama, mas tão vivaz, tão resistente como ella também. Desfazem-se todas as chimeras, desmancham-se todas as illusões, e ella fica — a bondade immorredoura !

Nunca houve bondade maior do que a de D. Duarte.

Oliveira Martins.

IDEAL MODERNO

(ítliSPOSTA VOS PESSIMISTAS)

O rocha informe, ó rocha inabalavel, dura,
:\'essa inconsciência inerte, impedernida, obscura,
Onde entretanto existe a luz e existe a chamma,
Que aspiras tu a ser, ó rocha immovel ?

— Lama.

Lama, dissolução, fermentação de tudo,
Esterquilinio podre, esterquilinio mudo
Onde a Vida repousa em embryão, em germe,
Que desejas tu ser. ó lama infecta ?

Vérme.

E tu, filho do lodo, alma do lodo immundo.
Para lavar teu corpo infame e nauseabundo,
Para que a podridão original te deixe,
O que aspiras a ser, ó vérme ignóbil ?

Peixe.

E lu, ao vêr do mar soturno, em que te banhas,
A verdura que alegra os prados e as montanhas,
Ao vêr da terra o vasto e embalsamado Abril,
Que desejas tu ser, monstro do mar ?

- Reptil.

E tu, grilheta viva a contemplar de rastros
Florestas, vagalhões, nuvens, crateras, astros,
O que desejas tu em teu sonho idealista

— A aza para o vôo e a mão para a conquista.

Quadrumano,—gorilha, ourango, chimpanzé,
Quasi lobos no chão, quasi deuses de pé !
Ambíguos animaes d'olhar doce e feroz,
Anjos inda com cauda, almas inda sem voz.
Dizei, que aspirações longínquas vos consomem ?
Qual é o teu ideal, gorilha hirsuto ?

— É o homem.

i

E tu, da Natureza ó immorredoira gloria,
Tu que em tantos milhões de séculos de historia
Conseguiste, n'um grande esforço triumphal.
Pôr a prumo no globo a lua espinha dorsal.
Tii que n'esse ascender de vertebras, que vai
Da inoreia no lodo a Moysés no Sinai,
Resumiste o marchar sem fim da creação,
Tu que foste Jesus, Bouddha, Mahortiet, Platão,
Tu que encarnaste em mil lieroes, em mil gigantes,
Eschylo, Shakespeare, Isaias, Cervantes,
Sócrates, Galileu. Newton, Darwin, Laplace,
Tu, átomo de pó. que encaras face a face

o

A Eternidade, tu, Prometheu resoluto,
Que pesas na tua mão, onde mal cabe um fructo,
Quantos mundos a arder Deus arrojou no espaço,
Tu que com teu olhar, teu cerebro, teu braço,
Escravisas a luz, a terra, a agua, o vento,
Tu cujo mysterioso e immortal pensamento,
Inquilino fugaz d'uma caveira a rir,
Enche o universo desde o zenith ao nadir,
Sabendo com o mesmo idêntico rigor
Corno nasce um planeta ou germina uma flôr ;
Tu que depois de dar emfim, aguia altaneira.
Um balanço grandioso á Natureza inteira,
Estacaste assombrado e perplexo e contrito,
Contemplando o horroroso enigma do Infinito,
Dize, dize-me tu, ó débil creatura,
Em frente d'essa eterna immensidade obscura
Onde, aguia, o leu olhar ó um carvão apagado,
Que é que desejas, diz' ! Prometheu fulminado,
Qual a tua ambição, teu ideal incoercível ?

— E ser ou lodo inerte ou rochedo impassível !

17 — 12 — 88.

Guerra Junqueiro.

O CAIXA O

— Creia-me, disse o doutor. Morrer é menos difficil do que em geral se suppõe.

— Em todo o caso é horrível, redarguira um de olhares mortiços, cujo gastralgico aspeito dizia um poeta desempregado. E acrescentou que vira morrer muita gente, velhos, novos, homens e mulheres . . . Era o ultimo de doze irmãos que se tinham ido para a cova, adolescentes, sem soffrimento quasi, sem doença exterior mesmo. Em todos divisára fundas saudades da vida, e esse horror cruel de além-tumulo, com que a religião tortura desde o berço, os espíritos fracos e os ignorantes. E como viera da província, enfronhado em leituras medíocres, julgando abalar o medico por uma questão profunda, perguntou-lhe :

— Acredita em Deus, doutor i'

O outro amenisou com um modo calmo os fios caracolados da sua bella barba castanha :

— Digo a meus filhos que sim, para não sobresaltar minha mulher. Entretanto, na minha posição e na minha idade, acreditar ! . . . Acho a religião uma fórma d'arte, como a musica e como a esculptura, immobilisada ha séculos por falta de génio, l' moribunda porque não é necessaria.

Todavia os livros santos . . .

— Poemas roubados ao melhor da litteratura indica. Nem ao menos são original hebreu. E todavia, que de vezes eu tive necessidade de crer, e levado d'um mysticismo poético, quiz invocar o Supremo Espirito! Eu fora educado por minha mãi, no fundo da província catholiea e devota. Ha em todos os lares restos de crenças, lendas, superstições que a gente conserva toda a vida, e a cada momento occorrem, como o estribilho d'uma velha canção . . . Pois nunca o prodigio que eu solicitava, appareceu.

E n'este ponto começou o doutor o seu caso, n'uma voz ronronada, onde aqui e além havia tons de commiseração e sympathia.

— Era elle estudante . . . frequentava essa enfermaria de mulheres, que annos depois, muitos annos, veio a dirigir.

N'aquella época, o hospital ainda era mais soturno do que hoje, infecto, glacial, cheio de escaninhos e corredores onde fazia noite em pleno dia, e tão pullulante de larvas, que pela noite, diziam, se podia ouvir um surdo formilhar, dos alicerces ás clarabóias do tecto, surdo, ondulatorio, e horrível, pela expressão de soffrer que engastava. Era então o doutor um rapazola pallido e cheio de idéas romanescas. Entretinha as ferias lendo Soares de Passos a umas primas bonitas da sua aldeia; o luar preoccupava-o : e como tocava piano, e tinha sobre a morte idéas litterarias, chegou a compor musica nova para o *Noivado do Sepulchro*.

Ao chegar ao quarto anno, ainda nos primeiros mezes lectivos do curso, distribuiram-lhe a doenle 27—-uma d'essas tísicas ideaes, brancas, dolentes, os olhos quebrantados d'uina lascívia poética, e com suspiros que rimam — uma d'estas tisieas que parecem Ghopin em estatuaria, e por quem todo o portuguezito jámais deixa de sentir um fraco de coração.

Posta ao canto da enfermaria, entre duas janellas de vidros desconjuntados, a cama 27 tinha uma biographia sinistra e mortuaria. Era para onde a enfermeira degredava as doentes que lhe faziam perrice, e para onde iam esticar as desgraçadas a quem o medico, logo á primeira, torcia o nariz. Em quinze

(lias, vinte dias, menos dias ainda, a pneumonia, alguma febre de mau typo, encarregavam-se de varrer d'alli a padecente. Nada galante como esta tisicasinha tão dôce de maneiras, cheia de delicadezas inéditas na plebeia raça d'onde vinha, e com aquelle seu olhar de basilisco, velado por uma membrana mui ténue, sob que direis occultar-se a calentura d'uma alma amorosa e scismadora! Quando ella appareceu na enfermaria, entre dois pequenos irmãos que a amparavam, o seu adoravel perfil branco de cera, d'uma poesia extatica de prece, despertou entre os rapazes uma porção de paixões assolapadas. Infelizmente a enfermaria estava cheia, excepto lá longe a cama 27, entre as duas janellas de vidros estrompados. — E tinha sido forçoso encaminhal-a para alli !

Descorrelacionada de episodios, feita de historias avulsas, febres, allucinações, miseráveis pedaços dramatieos, a vida de hospital surprehendeu medonhamente a rapariga, sobretudo ao escurecer d'aquella primeira noite, quando na penumbra da sala começou o ascenso d'anguslia vesperal a estortegar nas carcassas dos enfermos, a assobiar-lhes na guela, e a evocar das effervescencias da febre, a lavareda tragica do delirio — o horrível delírio dos nevrosos, nas mulheres maiorinente expresso em cânticos, vagos, sifflados por entre os dentes convulsos, e d'essa poesia da canção do salgueiro, fúnebre e divina, que diz Desdemona antes de morrer . . .

Martha era d'algum d'esses maus bairros da cidade, d'onde o sol se retira apenas nasce, e de cujos prédios sua ainda agora, a immundicie das judiarias medievaes. O pai tinha de seu o 'luer que fosse, uma officina, uma profissão qualquer, já não sei bem. Era um rispido de mãos auctoritarias, oculos de ferro, u ligura nodosa, e a barbicha caprina, rara, esbranquiçada, a fizer-lhe um hirsuto collar por baixo do focinho. Tinha o filho maior em Moçambique, outra filha casada p'ra Azeitão, e dois Pequenos em casa — Miguel, um operário cheio de opiniões, e

.loanna, loirita arrebitada, magra, pbrenetica, em cuja face a rabuge do velho tinha murchado á nascença as primeiras tintas virginaes.

A morada estreita, n'um andar de vidros miúdos, escuro, carunchento, tornava o viver triste. Prédios em frente restringiam-lhe o horisonte. Por traz, muros lezardentos, arbustos de quintal rico, fechavam á vista algum pormenor mais largo de paizagem.

Com o seu typo de *contessina,* e cabellos d'um castanho sedoso, ella soubera guardar no meio da sua actividade de modista, pequenas phantasias de luxo, certa melancolia mórbida trahindo a indole sensual. Creio que teve namoros: um aspirante mulato, que nas aguas-furtadas defronte, todo o dia repenicava na banza fadinhos langorosos; e depois outro . . . mas pobre como era, nenhum casava, e isto dava-lhe grandes desillusões. Emfim, foi abdicando das pretenções que se impuzera, descendo n'esse ideal de marido que sonhara: e confessou-m'o ella mesma, a sua paixão séria, única, foi um rapaz carpinteiro. li talvez o cheiro da casquinha que faz a seducção d'estes artífices, como o flavor da estrebaria, que no grande mundo leva as patrícias a partilharem o leito com os trintanarios. Como o pai vigiava, o carpinteiro d'uma occasião mandou-a fugir. Estava ella no periodo esthesico em que o sexo reclama os seus direitos: periodo louco, fatal ao amor de certas raparigas, e que de ordinário faz a historia de bastantes quedas. Fugiu. Em casa nunca mais se quiz saber de Martha. Era já morta a pobre mãi ; a irmãsita loira estava nova para o governo do lar ; e n'aquelle interior tão cheio de ordem, tão limpo, fez-se de repente uma desolação que fazia chorar o rapazola, e exasperava o velho ás ultimas blasphemias.

Entre as doenças do cerebello, o amor é a que mais depressa se cura. E renitente, periódica, mas poucas vezes mortal. Succede resolver-se na amizade, dadas condições especiaes nos affectados, como os filhos, certa pureza de costumes, saúde de espirito e coração . . . Desde que taes condições não convirjam, os que se achavam ligados pelo amor, cessado elle, enca-

ram-se n'um])i'imeiro passo de convalescença que tem o nome de tédio, e gradualmente passa a chamar-se indifferença. Martha e o bello carpinteiro soffreram seis mezes, até uma noite elle lhe declarar que estava farto. Foi então que ella se lembrou do pai, e entreviu de relance o futuro que ia ter. Voltaram-lhe os fervores pela costura, laboriosas noitadas n'um desvão de prédio esconjuntado, mil projectos de vida severa curtida nas pregas d'um vestido preto . . . Essa mesma noite ella se encorajou a ir procurar o pai. Era d'inverno ; uma maré de gente affluia aos bairros pobres, em turbilhões de lama e vozes céleres, que se davam boas noites d'á volta do trabalho. Ao longo das calçadas, por debaixo dos arcos, nas escadinhas lugubres onde o formigueiro humano mais se exasperava, o gaz cahia dos lampiões n'urna especie de névoa luminosa, que avermelhava de sangue as poças de lama, e dava um relevo trágico á monotonia tosca das figuras. Ella descera á rua em passo tremulo, embiocada no chaile, 110 meio de toda aquella gente atarefada. E chegando á casa do velho, passou umas poucas de vezes por diante das janellas, antes de se atrever a subir a escadinhola. Luz n'um dos quartos : talvez o serão de Joanna. — Oh, pobre filha ! dizia a rapariga enternecida. E muito devagarinho foi subindo. Depois, no patamar do terceiro, irresoluta, sentindo as veias abrirem-selhe á idéa do velho vir á porta, ahi se ficou de novo a sorver os ruidos da casa. A esquerda era ,a Engracia engommadeira, que tinha um *Totó* de pèllo pardo. Depois, mais adiante, o cortador; a ultima porta do canto era o pai. E alli uma voz juvenil disse para dentro — que horas deram ? (Jm relogio azougava o seu atrevido tic-tac. Outra voz respondeu — sete ! — com um timbre cantado. E o torno começou a rodai'.

Nada pois tinha mudado n'aquelle interior laborioso. As sete, Miguel começava o serão. As nove era o chá. E Martha revivia aquella visão da infancia, deliciosa, monotona — enternecida do pai que devera estar mudado, enternecida de Miguel que estava um homem, e d'essa irmãsinha loira, Joanna, emfim. cuja alegria lhe dava o ar d'uma nota de musica, fugida d'uma cançoneta endiabrada.

Trinta vezes ella ergueu a mão para a campainha, sustando os haustos no corredor em sombra, cujas táboas gemiam de caruncho ; mas um pavor achatava-a: como iria tratal-a a sua gente ? Ia descer outra vez os mesmos passos, quando a vozinha cantada que respondera —*sete!*— disse do outro lado da porta :

— Quem está ahi ?

Martha ficou-se, e ouvia-se uma rameira cantar o fado na sobreloja. A chave girou então na fechadura, a porta abriu-se. Joanna, curiosa, estendera a sua cabecita de dentro ; e de fóra da porta, Martha alongára a sua ; um grande beijo estrugiu então no corredor . . .

— Querida filha !

— Oh, minha irmã !

Mas já um safanão tinha empurrado a criança para dentro, e o velho appareceu com um candieiro de petroleo.

— Que quer d'aqui ?

Martha tinha-se arrojado a elle, forcejando, no fragor dos soluços, por lhe agarrar os joelhos, supplicante. O velho repelliu-a de si pelos cabellos. e formidável, sem um grito, atirou-a contra o patamar.

— Rua ! Se tornas aqui deito-te pela escada, mato-te !

Estava em mangas do camisa, com chinelos de trança, um barretinho ás orelhas : e os seus tisnados braços, de roda de cujas vaquetas se enroscavam molhos de veias, lembravam assim os muros húmidos, onde no inverno as lesmas fazem sulcos.

Ao outro dia de manhã, Miguel appareceu branco de raiva, o com os olhos vermelhos de chorar.

— Perdoa ? disse Martha indo ao encontro d'elle.

— Diz que te não quer em casa. Montem perdi a cabeça. De maneira que venho viver comtigo.

Ella desatou a chorar.

— Não te afflijas, disse o rapaz. O que lá vai, lá vai. E

juizo, d'aqui por diante. Esta casa deu-t'a elle, não ? Pois arranja as tuas coisas e vamo-nos embora.

— De que viveremos nós ! dizia ella.

— Ora essa ! Do meu trabalho, do teu. Já que o pai te não quer, que se governe. Então eu havia de te deixar sósinha, para ahi ?

Logo n'essa tarde tinham alugado casa em sitio retirado, nos forros d'um grande prédio, por cujos buracos se via o Tejo, e um bocado dos montes da Outra Banda. A officina de Miguel ficava perto. Marília tinha trazido a sua machina, uma banca de pinho e alguma roupa. E as economias do rapaz foram tragadas na acquisição da meia dúzia de tarecos que faltavam.

A primeira noite foi triste. Havia ratos. Uma chuva antipathica, muito fina, descia calada sobre os lamaçaes da rua ; e ao fundo d'um boqueirão soturno ouvia-se o rio mugir, e chamarem para os barcos, as vozes prolongadas dos barqueiros. Martha, a cada passo, perdia a cabeça em esquecimentos. E Miguel sem querer accusava o velho pai, a cujas asperidões estava afeito, e áquella hora, quem sabe se estaria chorando, abandonado. O chá arrefeceram-no com lágrimas, os dois. Uma sinistra madorna esmagava os peitos. E cada qual, d'olhos errantes, começava a perder-se nas grandes névoas da memoria, d'onde algum brusco esforço do outro, o sacudia.

— Em que estás tu easmurrando ? dizia Miguel.

Ella, em voz baixa — 11'elle !

E por muito tempo os soluços a impediam de fallar. Por esforços do irmão, a conversa mudava frequentes vezes de proposito. Cinco segundos volvidos, as duas boccas calavam-se, e as mentes seguiam no escuro da saudade, o mesmo fio de cogitações angustiosas.

Vem d'esse tempo as primeiras hemoptyses da pequena, as primeiras febres e suores debilitantes. A sua face ia tomando a tinta terrosa dos sangues maus que desfibrinam : queixava-se de fraqueza, tossia de noite . . . Era Miguel o valente !

Ambos adiavam as esperanças de melhora, de estação para estação.

— Agora em vindo o tempo quente, já melhoras, obtemperava o irmão. — E se aquecia, como a rapariga ia sempre peorando :

— Deixa refrescar o tempo, verás.

A voz de Martha descia : cada vez os olhos se lhe faziam maiores, e a fórma do nariz ia tomando um afilado de estatua dolorosa, uma d'estas transcendentes purezas que fazem certos perfis de mulher nova, correctos ao desespero. E á medida que se sentia dominar pela doença, purificava-a o desejo de ser perdoada, do pai sobretudo, cuja rispidez jurara não ceder. Iam os dias assim, longos e plúmbeos, n'um chafurdar de mágoas contundidas, n'aquella casa de miséria, cujas precisões o braço do rapaz já não conseguia sustar. Martha cada vez estava peor, e para o irmão ir todos os dias á officina, forçoso fóra trazer para junto d'ella uma enfermeira. As visitas de Miguel junto do pai tinham até alli sido infructiferas, quanto a pingarem recursos com que valer á rapariga. Era sempre aquella recusa sarcastica, cortante, sêcca, que nada alterava, nem as narrativas do operário, nem os soluços despedaçadores da pequenita, e onde por igual tinham parelhas, o rancor do déspota desobedecido, e a avareza do homem do povo que conheceu as privações. E elles começaram a empenhar. Por duas vezes Joanna fugira de casa, para ir levar recursos á irmã, ás escondidas do pai. Mas o velho tinha começado a vigial-a, a vir a casa a horas desencontradas, a reparar no que ficava pelos armarios, depois das refeições : e perguntinhas, palavras surdas, ameaças que elle lhe atirava a todos os instantes, varando-a com os seus olhos fulos de Shylock . . .

Pela ultima vez, no desespero de quem exhauriu o ultimo recurso, Miguel lhe foi baler á porta. Lá estava elle como nas mais noites, cabido na sua cadeira de vimes, n'uma postura lassa e somnambula, o barretinho ás orelhas, a barba em collar por dabaixo do queixo, o cachimbo de barro ao canto da bocca. Embranquecera-lhe já todo o cabello, e uma magreza progressiva entrava a desnudar-lhe os relevos osseos da mascara, patenteando o artificio anatomico das feições. Reparon-lhe Miguel

na fadiga terrosa da cara, em que podiam contar-se os sulcos das lagrimas choradas na sombra, por sob uma caraça immovel de egoísmo. E deilando-se-lhe aos pés, quiz obrigal-o a commover-se . . . Oh, se elle pudesse ouvir o que a filha dizia ! . . . Palavras, adeuses, supplicas ... Já n'aquelle corpo não restava um vestígio sequer da culpa antiga, tanto o martyrio lhe disciplinara as primaveras da carne, e o arrependimento lhe estava virginisando o espirito, com as florescencias d'uma doçura candida e resignada . . . -— que reflectisse na crueza com que eslava tratando uma creatura do seu sangue . . . Elle, pai, decahia também ... ia ser chamado a prestar contas da misericórdia que recusára aos que Deus tinha posto debaixo da sua tutela . . .

— Trazes a falia estudada, dizia o> velho. Eu já não cáio.

— Mas ella morre . . . precisa de soccorros : o médico recusa-se a vir vêl-a : na botica não fiam . . .

— Pois tenho pena !

— E eu não quero vêl-a morrer no hospital. Entenda ! Não quero !

— Para isso não haverá como deixal-a morrer em casa, rapaz.

—-Mas se eu não tenho dinheiro! Já avancei dois mezes para pagar no talho e na botica. Todas as lojas me negam. E eu já não posso ! Eu já não posso I

— Oh, tu és esperto, meu filho. Quasi todos os mariolões são bem fallantes. Não te chega o que ganhas na fabrica de dia ? Representa á noite, que estás um comico d'arromha.

— Ah, que se vossê não fosse o pai ! . . .

— Eh ! Eh ! disse o outro, n'uma casquinada brusca de amargura. Batias-me, hein ? Isso é nobre, meu rapaz. E continuou : Deus ponha olhos de justiça nos filhos que me deu. Uns deshonram-me, outros roubam-me, outros promettem-me pancada . . . Setenta annos de probidade pagam bem tamanhos favores do céo.

No dia seguinte. Marília entrou no hospital.

Eis começada essa agonia das lisicas bonitas, cuja graça faz dos soffrimentos a mais sublime obra d'arte. Iam correndo assim as horas sobre esses suspiros, dôces como prelúdios de harpa, e sobre a magreza diaphana d'esse corpo que pesava uma folha de magnólia : e em cada manhã o estudante a podia encarar sob uma face de rnágua divina, espiritualisada com brilhos de cera virgem, que já não era a mesma da manhã anterior, e mal se assemelhava á da manhã seguinte. A voz de Martha, que tinha em certos pontos sons ásperos, falsetes, desigualdades, attingia agora avelludados singulares ; sahia-lhe lenta a palavra, e uma immobilidade de gestos dava-lhe no leito, *poses* d'estatua tumbal.

Depois, eslabelecera-se entre a doente e o medico uma familiaridade tocante, uma especie de laço de familia, de communidade poética, d'idyllio fúnebre ; porque o pobre rapaz teimava em achar n'aquelle caso uns longes do seu *Noivado do Scpulchro,* tão recitado outr'ora em ferias de província. Nada elle poupava para lhe inspirar conforto : palestras, phantasias, historias, gulodices secretamente trazidas de fóra, horas de sentinella junto ao seu leito, mãos nas mãos, n'um permutar mysterioso de fluidos . . . Meio deitada, porque a tosse maldita lhe não consentia outra postura, Martha abria grandes olhos na sombra ; e elle via-a indagar á roda, sentia-a dizer baixo orações de infancia, fallar no pai, no *outro* . . . Em volta tinham-lhe feito uma atmosphera sympathica, e começou a ser amada pelas outras doentes, pobres creaturas que vinham, mal convalescentes ainda, desfeitas e pallidas, cercal-a de pequeninos desvelos. Mas um desassocego invadia a creatura. O seu terror pela enfermaria começára a crescer, desde que uma noite, sentindo brados n'uma cama, vira uma velha revolver os braços, gorgolejar n'uma afflicção suprema ; e de repente tinha ficado immovel. Então agarraram n'ella, um deitou-lhe o lençol por cima da cabeça, e quatro galiegos carregaram-na para fóra. n'uraa padiola

fúnebre. For todas as camas fôra um susurro de pavor. Algueni dissera : *amanhã vão abril-a.* Uma doente mesmo, poz-se a descrever ás outras a casa das autopsias, com as cinco mesas concavas de pedra, homens arregaçados esquartejando os cadaveres, de charuto na bocca, e a irreverência dos moços, violando as defuntas com as ponteiras das bengalas.

A terrível hora aproximava-se em tanto. Succediam-se estados de torpor cortados por vastas afflicções, arquejos, spasmos... E os irmãos todos os dias vinham espreitar na pobre tísica, os prenúncios d'essa pavorosíssima noite, sem alvorada nem lua, de que a religião em balde tenta esclarecer os lameiros, com a lanterna d'uma chimerica immortalidade. Por instantes, uma raiva de viver sacudia pelas espádoas a inércia da triste creatura. E eis se escancaravam n'um medonho esforço os seus olhos de agonisante. tornados enormes pelo descarnado da face, onde a pupilla dilatada, meio cega, tinha um cunho feroz de indagação. Vezes sem conla fallára no pai, ia morrer, que fossem pedir-lhé a ultima benção . . . e voltavam-lhe arrependimentos christãos, innocencias de rapariguinha, solicitudes de boa filha. E o terrível velho, inexorável 1 Debalde Miguel se lhe rojara aos pés, chorára, protestára, ameaçara : já por fim o scelerado ria-se.

— Cançí)-te. brama p'ra ahi.

A sua bocca tinha adquirido uma fórma atormentada ; o seu riso era uma careta lugubrc de maníaco, roxa e glacial, que mettia medo ; e da forte envergatura, apenas a ossada ficara, derreada d'um lado, sinistra e má, como essa figura da Morte que Alberto Durer representou tocando flauta entre as inoutas floridas d'uin jardim. Xa loja insultavam-no os garotos. A freguezia debandava. O caso de Marília tinha começado a correr de bocca em bocca. e todo o bairro, poetisando a desgraça da rapariga, resmungava em voz alta os seus desdens, junto á baiuca em que vendia o usurário. Mesmo do passado d'esse homem resuscitára o povo não sei que soturna historia de quinze annos de degredo, por assassínio ; e a ribàldaria do bairro não ajustava bem a rispidez do velho perante a filha,

com aquella marca de infamia, contrahida em annos juvenis. J)a ultima vez que foi procurar o pai, Miguel atrevera-se a alludir muito de longe áquelle sinistro rumor que lhe ensanguentava a biographia. Mostrou elle ao operário o mesmo rir de Saltarello, e tranquillo, chupando o cachimbo, olhos no chão :

— Com que também tu ! Já te contaram que estive dezoito annos degredado . . . Mas quem quer que foi, esqueceu-se talvez de pôr a descoberto lodos os pontos da aventura. Degredaram-me, fica sabendo, por eu matar com trinta e oito punhaladas um amigo — houve sempre amigos p'ra tudo ! — que depois de ter enganado uma irmã minha, se recusára a recebel-a por mulher. Avisamol-o duas vezes, meu irmão e eu, de vir cumprir a promessa que fizera. Respondia com evasivas : primeiro não estava ainda livre de soldado ; d'oulra vez não tinha saúde ; d'outra vez não tinha dinheiro. Demos-lhe as nossas economias, meu irmão Christovão quarenta libras, eu vinte e quatro, meu pai seis . . . Como não cessasse de vir a nossa casa, escolhia as horas em que andavamos por fóra, sempre tratando de embair a rapariga com as artimanhas de que estava senhor. Era dos bem fallantes, aquelle ! Gastou emfim o dinheiro, e para fugir ás perseguições que lhe movíamos, abalou de Lisboa . . . Mas passados mezes, veio uma vez que estava em Cezimbra, a trabalhar de tanoeiro . . . Fomos apanhal-o n'uma estalagem do i-aes . . . novas intimações, novas recusas : mas d'esta vez o homem fallou franco — não casava porque não queria casar ! Domingo de Paschoa, como meu irmão sahisse a buscar a clavina que deixára no posto alfandegario, ouvimos no mar uma sineta. Era o barco de Lisboa que chegava. Por desfastio fui-me a ver desembarcar os passageiros. Estava a chover : e ou que não levava cobertura, abriguei-me da bátega n'uma guarita do cães que achei vazia. Rés-vés de mim, passou d'alli a nada uma mulher muito embuçada, a sua trouxa ao quadril, e parecendo estranha ao povoado. Para encurtarmos razões... a minha irmã fugira de casa, e vinha ler com o tanoeiro. Aguardou-se a noite como quem aguarda a salvação. Meu irmão tremia abraçado a mim, e ambos soluçando, afiavamos no coiro do estojo a fo-

lha das facas que tínhamos comprado de vespera, a um cuteleiro dos Romulares. Dez horas dadas, cada um de nós confessou-se ao outro. E toca ! Já conhecíamos os cantos da estalagem. Havia uma cancella p'ra rua. que toda a noite ficava escancarada : depois um pateo, com lenha, as cavallariças, e as alpendradas das carroças. Ao fundo d'esse pateo, subindo umas escaleiras de tijolo, encontrava-se a porta da locanda, que nós arrombamos, e logo á esquerda, depois da cozinha, o cubículo do homem . . . Na mesma cama, em que os achamos dormindo, a elle e a ella, os espatifamos, ás escuras. Tamanha era a minha raiva que quantas mais punhaladas lhe mettia, mais intensa vida parece que lhe espirrava na sangueira das feridas. Eu mettia os dedos por todos aquelles buracos, enxafurdava n'aquella lama a minha carne . . . seria capaz de bebel-a, se ella não coagula tão cedo, nas mesmas fontes por onde espadanava.

Agora entende ! Apesar do meu degredo, tanto tempo, dêem-me ámanhã vinte e quatro annos, renasçam as circumstancias que me levaram ao morticínio, e diabos me levem se eu não coseria ás facadas, até á alma, a carcassa d'esse intimo •— quanto mais um estranho ! — que tivesse vindo ganhar-me a estima, no proposito de me deshonrar a geração.

lira uma vespera de ferias, quando Mari ha morreu. Os últimos dias do outono sorriam na amarellidão dolorosa das arvores. Deliberou-se logo entre os estudantes que ficavam, e poucos eram, sequestrar o corpo á carnificina da autopsia, e recoltar por cada bolsa recursos com que mandar á cova a rapariga, n'um sahimento modesto, separado porém da promiscuidade lúgubre da carroça hospitalar. Abertos os saquiteis, esportulou cada qual o que podia. Mas ao fim da colheita, o pecúlio som•nado apenas logrou fazer sorrir o estudante. Fim de mez, começo de feriado... péssima occasião para um bohemio se inscrever á Rothschild, nos certamens poéticos da caridade! Mas nada de perder a coragem. O capellão do hospital, um pobre

velho, prestar-se-hia sen» duvida a comboiar gratuitamente o cadaver. O ponto eram o caixão e o carro fúnebre. Alguém pro-|)òz se alugasse .um caixão n'um cangalheiro. Elles ainda hesitaram, os pobres delicados, transidos no horror de lançar á terra aquella mimosa estatua de infortúnio, sem outro involucro mais rijo que a mortalha, que redimil-a pudesse aos primeiros assédios das larvas carniceiras. Lá se convenceram emfim da exiguidade dos meios, e sahirarn do hospital commissíonados, á busca d'um armador que lhes valesse. A esquina do Soccorro, um d'elles disse : — li além ! — E aLravessarain o largo até á rua das Atafonas. Vuina fachada esfumacenta, entre uma taberna e urn prostíbulo, viam-se dois brandões amarellos, pintados por baixo d'uma eça côr de chocolate : e n'um circuito, as palavras — *Izaquiel, armador,* em caracteres de palmo e meio. Era uma lojeca esconsa, escura, subterranea quasi, para onde corria o enxurro nos tempos d'agua. Meia dúzia de caixões estavam encostados á parede. Ao través do lagedo pousava um banco de carpinteiro, e via-se n'um canto, enroscada n'uma alcofa, uma cadella parida, lambendo docemente a cabeçorra exótica das crias. Mas era admirar n'um velho armario de vidraça, ao fundo da casa, a peça de resistencia da loja, um rico panno de velludo com bordaduras de prata e grossas franjas. E do centro uma cruz branca sahia, n'um esplendor lantejoulado. Resolveu-se a entrar na espelunca o assistente de Mar-Lha, João da Graça — tal era o nome do ultimo felichista provinciano de Soares de Passos. Um homem veio de dentro saber o que desejavam. Por alli os freguezes eram raros, segundo parecia. Aquella entrada de quatro desconhecidos alvoroçára o dono da loja, e a cadella-mater, (pie ousou refilar a dentuça d'enlre a farraparia da alcofa. Explicaram então os rapazes os motivos da vinda. Queriam um caixão d'aluguel.

— Elle ha de casquinha, disse o homem, mas são caros. Mas alii temos Lambem pinho da terra, mais em conta.

— Vá pinho da terra.

O homem começou a abrir cada um dos seis caixões que estavam encostados á parede.

— Quinze tostões é o menos, alvitrou elle por fim. João da Graça pagou logo. Mas antes que tivesse dado a morada, o cangalheiro aventurou-se a dizer-lhe, que no caso do freguez consentir, elle mesmo, *Izaquiel,* se encarregaria do enterro, por um preçosinho accessivel. João da Graça consultou os collegas.

— A pessoa é muito pobre, disse então. Morreu 110 hospital. E para a não deixarmos ir na carroça . . . Qual é o menos preço por que nos peide sahir um enterro ?

O cangalheiro agarrou n'um lápis.

—- V. s.as hão-dc querer enterro civil. Posso fornecer livres-pensadores para o acompanhamento. Ha com manifestação socialista, e sem manifestação. Também temos um escriptor republicano para representar no cortejo a imprensa avançada. São mais cinco tostões.

— Quasi de graça ! Mas nós não queremos nada d'isso.

Bem. E um enterro pelo systema catholico, já vejo. Á antiga portugueza. E quantos padres?

— Bastará um. Mas esse vai de graça ; já lhe falíamos.

— N'esse caso, vai-lhes a coisa sahir de mão beijada. Quinze mil reis : quasi de graça . . . Põe-se-lhe o panno rico, cova em separado, e dois moços com brandões nas estribeiras. Ilein ? tornou elle com um riso vivaz nos dentes verdes. — E aproximou-se, discreto. —- Isto, meus senhores, é uma especialidade da casa ... o que as tabellas chamam enterro pobre, parecendo rico. Hoje tudo se *espicúla.* É o commercio.

Elles entreolharam-se, sorrindo apenas do embuste. A subscripção mal chegára a duas libras. Mas o passo estava dado, não é assim? Os quatro rapazes fariam ainda um sacrifício, por facultar á desditosa pequena essa mortuaria pompa, que as tabellas tão burlescamente annotavam.

-Está combinado, tornou João da Graça. Esteja amanhã ás oito horas 110 hospital.

— Caixão d'aluguel, já"se vê.

Ainda estavam á porta, findando o ajuste, quando uma mulher rompeu da taberna, trazendo uma escudella de caldo na mão.

— Aqui tens o jantar, ó mandrião. O taberneiro diz que não tem azeitonas.

Porém já uma voz estava a chamar por ella, de cima.

— Eh. *Cigarra !* Eh, mouca !

A mulher ergueu os olhos para a janella baixa, de taboinhas, sobranceira á espelunca, onde outra creatura se esborcinava, coberta de vermelhão.

— Que é lá ?

— Compra-me tabaco no Augusto, em passando.

— Venha esse bago.

—- Quatro menos cinco, lvenluky. Então já sabes que a Julia guerreou com a tal dita pessoa ? Eu sempre disse !

A outra foz-lhe signal de que já lá ia saber como a coisa tinha sido. E para o cangalheiro :

— Hoje é o dia das boas noticias. Alleluia ! lá morreu a Martha no hospital, esta manhã. Em Santa Maria, cama 27 . . .

— Como soubeste? disse o homem tocando as provisões de peixe frito e pão que ella lhe trazia, n'um jornal.

— Foi a *Catinga,* que por modos estava n'uma cama ao lado d'ella. Ahi nos fica viuvo agora o mequetrefe.

— Hemos de lhe comprar um fumo largo para a cartola dos dias santos, gritou-lhe a outra de cima.

O cangalheiro ria.

— Nada de chalaças, nada de chalaças, princezas ! Paguem-me anles dois decilitros no *Chica,* para enxugar o desgosto cá por dentro.

— O estupor ! fez a Cigarra cuspindo. Vá uma pessoa amofinar-se por homens ! E foi caminho do seu antro, de cigarro na bocca, bandeando a saia escarlate ; e ao passar pela taberna, o arrastar dos seus chinelos de trança, levantou suspirosamente o arcabouço do rapaz que frigia as iscas.

— A que horas deverá ir a berlinda ? perguntou *Izaquiel.*

— Lá combinaremos. Espere-me ás oito no pateo do hospital.

— Criado de v, s.ª-\ tornou o homemzinho, curvando-se.

Caixão á cova era mais uma libra. E alé sempre ! O *Izaquiel* armador . . . Saúde a v. s.as.

Quando no dia seguinte o cangalheiro veio ter a S. José, esperava-o João da Graça, no átrio. O caixão foi conduzido aos hombros d'urn gallego, pela porta de ferro que dá ingresso nos jardins, á esquerda da egreja velha. E os dois homens seguiram-no, em disposições de espirito inteiramente antagónicas. Assim chegaram á *casa das observações*, em cujos leitos os cadaveres aguardam vinte e quatro horas a remoção, para o cemiterio ou para o amphitheatro. Esta casa fica n'um campo sobranceiro ao casarão hospitalar. Tem por diante o muro d'um pequeno jardim plantado de roseiras, goivos e artemísias: aos lados seguem-se eucalyptos, em dois renques parallelos ; e avistam-se para traz dois ou tres montões de cidade, até ao rio, além do qual a vista apercebe ainda, n'um fundo incorporeo, a translúcida aguarella dos montes d'Arrabida, e as povoaçõesitas rasteiras da outra banda. Quando elles chegaram, viram o guarda da *morgue* entretido a limpar a gaiola d'um melro desplumado. Como a porta d'entrada estava aberta, avistava-se por ella, ao fundo d'um corredor muitíssimo estreito, com lageas de xadrez a branco e pardo, um pequeno altar dourado e poeirento, diante de cujo crucifixo uma lampada de metal bruxoleava, ás remoinhadas do vento. Diziam para o corredor as portas de compartimentos vários, com leitos d'oleado, onde os corpos jaziam, segurando uma argola de zinco, em communicação com a campainha d'alarme — campainha que por signal ninguém ainda ouvira retinir, no alvoroço d'uma resurreição. Quando o gallego depòz o caixão, João da Graça buscou pelos olhos de boi de todas aquellas portas, a cama onde estivesse deitada a costureira. Era o numero 9. Elles entraram, João da Graça e o cangalheiro. Estava a manhã lugubre e chuvosa, forrada 110 eéo por uma felpa que a todo o instante ia ficando mais plúmbea, á medida que o vento acossava da barra os aguaceiros.

*

Uma ventania agitava os eucalyptos de 1'óra, com intermittencias de fúria e silvos de chacota ; e ao largo, a cidade ia-se apagando em aggregações de formas indistinctas, no meio da chuvada que empardecia já tudo, céos e terra, na mesma caspa desoladora e cineraria.

— E uma mulher, disse o cangalheiro. E levou o caixão para dentro do cubículo. Iía roupa a vestir?

João da Graça desfez o embrulho que Miguel trouxera na tarde anterior. E o outro, depois de collar por traz da orelha, a ponta do cigarro que viera fumando, tirou o casaco e arregaçou as mangas da camisa. Uma das mãos afastou os lençoes de cima do cadaver, emquanto a outra puxava o corpo para a borda da cama, n'um geito cynico d'officio, cujo impulso fez resvalar a cabeça do travesseiro, pelo oleado fora, até ficar pendida para o chão, e despenteada e lugubre que fazia horror. Toda a nudez violada pelo movimento brusco do homem, offerecia signaes d'emaciação indescriptivel: era uma ossada nodosa, e cheia de A^ergões por sobre a flaccidez da pelle que a revestia, ás echymoses rôxas pelo dorso, murcha, torcida, e bem afastada já da gracilidade airosa d'outro tempo. O ventre, mettido para dentro, começava a encher-se de listrões de verde glauco, em que as varejeiras picavam de raspão ; os seios murchos, enrugados, vazios, descarnavam um collo cheio de maculas de cáusticos, d'onde o gasnete sahia n'um esgalgamento de girafa —- e d'esse corpo de martyr, nem um detalhe sequer da gentileza que João da Graça tinha idealisado! Só a cabeça ainda era bella, d'uma esculptura inspirada, entre os cabellos enormes, que empastára nas fontes o suor da ultima agonia.

— Dê-me v. s.ª a camisa, objectou *Izaquiel.*

João da Graça remexia atarantadamente no embrulho, enganava-se na roupa, tirava uma peça, tirava outra, largava esta, ou ia depois desdobrar a que já tinha posto de banda ... E o outro acabou por desnudar a costureira de todo, com curiosidades de libertino, atirando os lençoes d'um empuxão. Um pudor fechava os olhos do medico, ante essa nudez sagrada de morta, que ao cangalheiro se afigurava apenas desprezível.

— Está tesa que nem um bacalhau, dizia este, fazendo esforços brutaes para assental-a na cama, afim de lhe poder vestir a camisa. João da Graça tudo era aconchegar as ultimas roupas sobre o ventre da costureira. Já por fim, o cangalheiro fungava de mangação. Elle percebeu. Um ciúme atroz roía-lhe a alma. Enlividecera nos beiços, tinha as mãos crispadas, e um suor humedecera-lhe os cabellos.

— Vai-te embora ! fez de repente o estudante, afastando o miserável por um braço. Eu a visto. Deixa ! Vai-te embora ! -— Perdera a cabeça, e a sua voz, rouca, baixa, trescalando o ciúme das naturezas concentradas, parecia a d'um ventriloquo imitando o fallar d'uma pessoa a distancia.

— Oh freguez ! escusa de se escarnar que eu não lh'a como.

— Vai-te ! gritou-lhe João da Graça com tal violência que o cangalheiro deixou o cubículo logo, resmungando que não estava para aturar malucos.

Então começou o estudante a *toilette* de Martha. Deixára de hesitar na escolha da roupa. Desenrolou o vestido, estendeu aos pés da cama o par de meias bordadas, e uma a uma, começou de alisar as flores da grinalda de rosas, que o embrulho amachucára pelo caminho. E tirando um pente do bolso, com mil cautelas para que o não surprehendessem n'aquella tarefa materna, entrou a pentear-lhe os cabellos docemente, madeixa a madeixa, desempeçando com arte os tufos rebeldes, corno se estando ella dormindo, qualquer empuxão, por ligeiro, lhe pudesse arrancar um gritosinho de dòr. Nenhuma mãi vestindo o filho que acaba de esmorecer-lhe nos braços: nenhuma noiva espargindo gerânios e cravos sobre o cadaver do noivo, puderam jamais desenvolver tanta solicitude, tanta delicadeza, mimo tanto, como esse romanesco moço no preparar com humildes vestuários o corpo fenecido da creatura que nem sequer conhecera fresca e radiosa ! A abnegação que a alma dos rapazes exhala, mais espontaneamente talvez que a das mulheres — esse Perfume intimo e recondito que parece nascer da virgindade do caracter, haviam transformado aquelle camponio misanthropo

na mais lésta camareira que é possível imaginar. Oh ! venham vêr como elle ajusta as meias n'esses pequenos pés carcomidos de tísica, e lh'as vai esticando, expedito e ligeiro, sem tocar sequer co'as pontas das unhas, na frigidissima epiderme d'aquellas pernas mirradas. Está de joelhos diante d'ella, cinge-lhe as ligas, calça-lhe os sapatinhos de seda, enfia-lhe a saia bordada, e o vestido de musselina, com mangas curtas, que tem sobre o peito, garridamente bordado a azul pallido, um decote por onde lufam rendinhas e entremeios. Em duas grandes cataractas vem-lhe descendo os cabellos, aos lados da cara, para fazer-lhe nos hombros, ainda annelados e sedosos, uma especie de grande bioco monástico, cujo sombrio tecido mais accentua d'uma extatica belleza, a macerada alvura d'essa physionomia de cera. Falta só calçar-lhe as luvas. Elle trouxe-lhe um par de luvas. Será o seu derradeiro presente ! Toda a noite passeou no quarto, mordendo os punhos, para os companheiros de casa lhe não ouvirem os soluços : tão agarrado á poesia fúnebre d'aquelle seu romance, que já se lhe afigurava nenhum outro conseguiria fazer-lhe bater o coração, por viva e seductora que fosse a creatura que viesse tentar-lhe a adolescência ! E chorava, o pobre João da Graça, nimbando a cabeça de Martha na coroa de rosas do martyrio, menos brancas do que as faces d'ella, agora insensíveis para sempre á ebullição das saudades que lhe deixára. Oh, essas ultimas horas da sua lenta agonia, quando as mãos d'elle sentiam ir arrefecendo as d'ella ! e o balbuciar da sua imperceptível voz, supplicando que a salvassem dos magarefes do amphitheatro, ultima affronta da caridade official aos desbordados, por cuja miserável carcassa pessoa alguma vai interceder !

N'esse religioso amor que aspirava projectar-se além-tumulo, na nostalgia de felicidade que os devorava, só haviam commungado os espíritos . . . Amor sem desejo, exclusivamente doloroso, pelo phantasma da morte que os trespassára do mesmo horror sagrado, e todavia não se parecendo jámais com o amor d'irmãos, nem com o amor de filho a pai . . .

O guarda que havia tempos rondava o cubículo, como João da Graça tardasse, resolveu-se a espreitar pelo olho de boi do numero 9. Vira o estudante ao pé da cama, com a cabeça encostada a uma das mãos da defunta, cuja luva acabára de calçar.

— Que é lá isso, meu senhor, a chorar? . . . Julguei que não soubessem fazer tal os homens de saber, como v. s.ª. Era-llie alguma coisa, esta menina?

— Oh não ! Minha doente. Muito boa rapariga.

— Sua doente . . . Poucas que d'aqui sabem levam a serapilheira molhada dos olhos d'alguem que as ame. Esta ainda foi feliz. A modos que era bonita . . .

E o guarda acrescentou, passado tempo :

— Deus permitta que os desgostos de v. s.ª sejam sempre do tamanho d'estes. Hão-de esvaecer-se depressa.

— Ahi chegam os gatos-pingados, veio dizer o *Izaquiel*.

Elles tinham aberto o caixão. Era oblongo, coberto de sarja azul com pequenos galões lateraes, e uma cruz de lhama branca sobre o dorso. Oh Deus ! Deus grande, Deus justo, Deus santo ! Que enregelada seria a sua primeira noite debaixo da terra alagadia ! Já nos lagedos soavam as botorras dos gatos-pingados. lima chuva miudinha penetrava até á alma ; e o vento que apagára a lampada, esfusiava através das persianas do casebre, gemia nas arvores, fazendo até bater as portas, pelos corredores do hospital.

—- Vamos a isto, disse o armador. Segure-lhe v. s.ª pela cabeça.

João da Graça foi postar-se á cabeceira do catre, emquauto *Izaquiel* ia agarrai' nos pés da costureira.

Ergueram o corpo. E o guarda conlinuava a monologar sem que ninguém lhe prestasse attenção :

— Façam idéa do que soffri perdendo mulher e filha. Eu cá fui da tropa, meu senhor. A mulher abalou com um moinan-

te. A filha abalou com outro. Ha-de fazer dois annos, já eu era o guarda-portão d'este palacio, uma noite vim encontrar aqui ambas as duas. Tinham chegado por caminhos differentes. Uma ficou além no numero 12, a outra dormiu no 17. N'aquelle tempo, o meu amigo era um cão que achei na rua, e morreu já. Agora só tenho aquelle melro, que inda assim me morde, apesar que lhe dou todos os dias de comer . . .

— Segure-lhe vocemecê ahi nos braços, gritou *Izaquiel* para o velho massador. O caixão era curto. *Izaquiel* lembrava-se de dobrar os joelhos da morta um quasi nada, afim d'ella ficar menos comprida. ,lá os beiços do estudante se começavam a fazer brancos. Porém os joelhos estavam rigidos. João da Graça respirou.

— Ha-de caber por força. Não ha remedio.

— Inclina-se-lhe a cabeça, disse o guarda. E ambos procuravam introduzir Martha a troxe-moxe, como uma encommenda que tem de caber por força n'um caixote já rubricado. João da Graça deixava fazer o que elles queriam. E quando emfim os dois homens se ergueram, ajoelhou-se elle para compor a grinalda que pendera, e atar-lhe as mãos com uma fita de sòda.

Porém a sua sensibilidade estancava-se : fazia já tudo maehinalmente por fim — só os seus olhos fixavam no forro de paninho do caixão, a rubrica da peça d'onde elle tinha sido tirado, e que em letras azues dizia : *Panno famoso, 22 jardas, Manchester*, a um canto . . . Em pensamento, o pobre rapaz repetia aquillo muitas vezes, *Panno famoso, 22 jardas* . . . com uma monotonia lugubre d'idiota, e sem saber o que estava dizendo. Quando já tudo eslava prompto, *Izaquiel* encarando com um riso equivoco o estudante, perguntou-lhe á queima-roupa :

— Se me não engano, era a Martha, esta pequena ?

— Conheceu-a ? disse o outro.

Foi minha visinha na Graça. Era d'arromba ! V. s.ª sabe-lhe o nome todo ?

O estudante disse que não. Mas o armador era familiar por aquellas possilgas, e foi logo procurar debaixo do travessei-

i'o, o bilhete que lá deviam ter posto, como nina carta de guia lacónica e tragica, para a jornada da sepultura. Soletrou : *« Martha Rodrigues, 23 annos, natural de Lisboa. Enfermaria de Santa Maria. Tuberculose pulmonar».*

O bilhete adequava-se inteiramente ás informações que a *Cigarra* tinha dado. Era então ella! Sempre era ella então! — Que historia, hein ? pensava o armador lisonjeado.

Já se explicava a scena de ciúmes de ha pouco. João da Graça tinha sido o ultimo ... eh ! eh ! o que apanhára o peixe sècco, o que tinha pago a despeza no fim dos mais terem comido ... E um estudante, um doutor ! emquanto elle, *Izaquiel,* um carpinteiro, se podia gabar de ter sido a primeira paixão n'ella, a sua loucura, e o motivo único da sua perdição !

— *Pan no famoso, 22 jardas, Manchester* . . .

- Bem, disse *Izaquiel.* Póde-se fechar isto já, não ?

João da Graça acabou d'esfolhar por cima do corpo, o açafate de violetas e camélias que mandára comprar ao Neves do Kocio.

Palerma ! pensava o cangalheiro mordendo as guias do higode côr de milho, que lhe assanhava o beiço de cima. O velho capellão tinha chegado, e as absolvições foram n'um instante. Emquanto os moços arrastavam o caixão para a cadeira de ferro da berlinda, *Izaquiel* envergou á pressa um trajo de gato-Pingado, pois sempre forrava assim a espórtula d'um homem. E º cortejo sahiu pela *Porta do Carro,* por S. Lazaro, caminho do cemitério.

Sempre a chuvinha cerrada cabia obliquamente nas ruas, com uma teimosia impenitente, muito igual, desesperadora e cheia de amargas nostalgias. A lama enchia as pedras da rua, 'smbusava os patamares, subia ao roda-pé das frontarias, espadanando na cara dos transeuntes, de cada vez que uma sege largava a trote, por sobre os empoçamentos da via. Pannos de névoa truncavam os prolongamentos do caminho. Cada embocada parecia ir acabar contra uma vasta penumbra, vaga e inquietadora sobre o espaço, onde a geometria dos prédios, lá 'ºnge, mal se delineava em Fumaceiras indecisas. Assim atra-

vessaram aquelle velho bairro da Bemposta, feito de casinholas e antigos palacios-casernas, frios e armoriados d'escudos na cornija gasta dos portões. Iam lentamente, sob a chuva, n'um passo derreado de vencidos, desafogando em imprecações e más palavras aquella má vida de raleira, por um aguaceiro semelhante. O sota rogava pragas ao estafermo da defunta, em cima d'um cavallo tuberculoso, cujas costellas davam estrallos, batendo contra as costellas do lado opposto. E não iam mais contentes os gatos-pingados das tochas, encharcados até á camisa, em tão pequeno percurso ; por signal que um d'elles, *Izaquiel,* espumava de birra, por vêr o estado em que lhe ia ficar o rico panno lantejoulado que revestia o caixão.

Quanto ao velho padre, mal-o sacrista, no fundo da berlinda .. . que o capellão era um santo, em lhe não tendo esquecido a caixa do rapé. D'aquella vez, a caixa ficára no gavetão da sacristia. Como désse pela falta, gritou logo, o santo velho — esta só pelo diabo ! Parece que o sacristão, que lambem cheirava, não ia de melhor cozedura ; já porque a respeito d'esperanças na propina do enterro, não tinha esperança nenhuma ; já porque a mulher d'elle, Fortunata, lhe apresentára nas ventas, por contravenções de matrimonio, com uma salada d'agriões, e mais a saladeira em que ella se achava cozinhada.

— Aposto que também não traz, disse o capellão, mirando o seu acolyto d'esguelha.

Rebuscou elle conscienciosamente os bolsos da batina, antes de responder que não tinha trazido.

— Ora encommende-se a Christo, seu Evaristo ! fez o padre.

E rufava nos vidros da berlinda com modos ribaldeiros.

— Sempre quero que me diga, como nos havemos nós do governar d'aqui até ao Alto de S. João, sem rapé. Sim !

— Que o tal pelintra podia bem pagar a propina ao sacristão.

—- Qual pelintra, seu Evaristo ?

— O estudante, senhor padre Ravasco. Então elle bate-se de panno rico, paga aos moços das tochas, e deixa os homens da

egreja a chuchar no dedo ? A religião não é nenhum gallego dos defuntos !

— Ora o diacho do rapé !

•— Porque emfim, quinze tostões sempre lhe hão-de fazer diíferença. O snr. padre Ravasco não é rico.

— E não sou, caramba ! Mas que se lhe ha-de fazer ? Os estudantes entravam logo a fallar . . . Veja vossê nas algibeiras das calças, seu Evaristo. Podia ir aos ouvidos do senhor enfermeiro-mór ... O rapé desentupe-me. li a hóstia das ventas. Dava agora um vintém por uma pitada.

— Raio de vida a nossa ! Vá uma pessoa atraz d'esta carcassa, com esta chuva de molha-tolos, e de borla, senhores ! Viu-se maior pouca-vergonha ?

— E cada vez será peor, seu Evaristo. Então, sem rapé ! As auctoridades também é que desprestigiam a Egreja. Antigamente . . . Vossê viu bem nas algibeiras do collete ?

— O senhor padre Ravasco é que podia fallar ao estudante. Assim de raspão.

— Homem, eu cá não. Mas falle-lhe sempre vossê, se o lobrigar a caracter.

— Ná ! Só se o armador quizer metter os padres na factura.

— Com que nem nas do collete ? Ora sêbo, seu Evaristo ! Sêbo lhe digo eu ! D'aqui ao cemiterio sem rapé, com uma bordoada d'agua como está a cahir . . . Ah vida do diabo ! Que esse estudante é um grandecissimo pelintra : vossê não abiscoita real, tenha a certeza. — Volvia o sacristão:

— De borla, senhor padre Ravasco, de borla nem unia pessoa reza os responsos com fé. E deixava resvalar até ao chão da Carriola, voltaireanamente, o crucifixo de metal que tinha trazido. Além de que. entornára-se a agua benta da Qaldeirinha. — O padre reparou.

- Diabo! como ha-de ser isto agora !'

— Ora adeus, padre Ravasco ! A propina não dá p'ra semelhantes escrupulos. Cospe-se-lhe p'ra cima, arre !

Ao cabo d'uma marcha forçada, lá conseguiram chegar ao cemiterio. O guarda veio recebel-os debaixo d'um guarda-chuva de saloio. Padre Ravasco, apanhando a batina de lado, com'as mulheres, Lodo se acocorava sob a umbella escancarada por Evaristo. E na pequena eça de ferro da entrada, o caixão infil-Lrava-sc lentamente da chuva. Só João da Graça se esquecia de abrigar a cabeça descoberta. Estava só, que os amigos tinham receado o tempo, e os irmãos d'ella também ; e isto augmentava a sua melancolia. Nunca o cemiLerio lhe parecera mais lugubre do que n'esse estúpido dia d'inverno. Os cemiterios que elle passeára ao luar, nas suggestões patheticas do seu querido *Noivado do Sepulchro*, eram campinas de scenario dramatico, onde as avenidas de cyprestes caracolam e proseguem sem acabar jámais, e todas cheias de flexas goLhicas, esculpLuras, vôos d'almas, silêncios de cryptas, geroglyphos de fogos-fatuos, e mysticas núpcias sobre o mármore phosphorejante das tumbas. Campo sagrado pelas dolorosas cadencias da bailada, que faz dos vetustos cyprestes como a resurreição, em vegetal, das grandes ambições que lá dormem, insaciadas, á espera da interrogação philosophica d'alguem. N'essas phantasticas necropoles, a alvinilencia da lua dá talvez formas de sonho a cada fachada livida de mausoléo. Meia noite batida, ir-se-hiam enlaçando aos pares, cadenciosas, as estatuas dos sarcophagos, fugindo lentamente, como elfos, na poeira argentea das noites claras . . .

-Oh nunca! nunca! tle saudade infinda
Itcspondr um ec/io, suspirando além . . .

— *De profundis clamavit ad te Domine*, dizia o padre. Todos se tinham descoberto. E João da Graça, sem escutar os responsos, via o caixão pingar uma agua turva dos cantos, sobre as pedras molhadas da avenida.

— *Panno famoso, 22 jardas* ... A pobre, a pobresinha da rapariga !

Por milhares, os cyprestes afiavam, uns por traz dos outros, pontas de facas erguidas contra o céo, como se por baixo da terra lhes estivessem segurando nos troncos, mãos vingadoras de defuntos, ha tantos annos desilludidos da bemaventurança com que a Egreja os embaira. Pelos cunhaes dos jazigos trepavam heras, alongando compadecidamente os braços verdes á peanha da cruz que os encimava. E por toda a parte esse silencio da morte, estagnado e podre, que n'um consistorio deve fazer-se, logo depois de ter blasphemado algum bispo.

— ... *Domine andi focem mearn; nec aspiciat me visas Oominis* . . ., dizia o padre.

Oh morrer ! que consolador lhe seria morrer com ella, e ir emfim n'aquelle mesmo caixão, sob a chuva das mesmas flores e o latim dos mesmos responsos, para a hibernagem da cova, alli tão perto da sua noivasinha adorada! Promessas, historias, juramentos que ella não pudera dizer-lhe emquanto viva, far-lh'os-hia depois, a fria somnambula, na primeira noite em que passassem unidos sob a terra, n'aquelle estreito ninho funerário. Ioda a sua vida correria pois assim, morta a creatura, abandonada e murcha á beira da felicidade dos outros, sem que lhe fosse dado poder exclamar um dia : Sinto-me agora bem ! Era génio, era destino, dizia elle. Em quinze annos de Lisboa, que relações eram as suas ? Camaradagens d'escóla, tão exteriores como joviaes ; um ou outro desconhecido que vinha ás noites beber-lhe o cognac ás mesas do Martinho. Da mulher pouco sabia. As que conhecera, tinham-no quasi todas explorado. Mesmo algumas lhe voltavam as costas. Que elle era d'esses timidos que as raparigas sacrificam ao primeiro bigode loiro que lhes surja, do fundo de qualquer imbecilidade, fazendo a apotheose de qualquer cabelleireiro. Só aquella moribunda diaphana, tão calada, tão poética, tão dôce, satisfizera o platonismo ingénuo da sua alma de camponio, em cuja limpidez se estamparia ainda, quem sabe ? a idyllica e religiosa tristeza do burgo alemtejano, onde tinha nascido !

Kyrie eleiso/i, Christe eleison . . ., rezava o padre, aspergindo o cadaver, emquanto por traz d'elle o sacrista ia abocanhando o *Pater noster*.

Farrapos de crepes já velhos, amarellentos, grotescos, iam e vinham, passavam e tornavam a passar com o vento, por diante da gelosia dos mausoléos. Algumas coroas mostravam os ventres de palha pendentes de gradarias em ferrugem. E em certas urnas, nem mesmo as aves desciam a molhar o bico, quanto mais a haste d'uma rosa trazida em preito, pela viuva d'um banqueiro !

A saudade d'essas inconsoláveis famílias tinha apodrecido com as pomposas inscripções das coroas fúnebres. Outros amores depois foram crescendo por sobre a reminiscência d'aquelles decrepitos amores. — Porque a lagrima não fecunda nem alimenta ninguém. E o pus d'uma ulcera : sécca e estanca-se no penso, apenas a ulcera vá estando cicatrizada.

A chuva não tinha cessado, e na encosta do ceiniterio que pende para o rio, o cerraceiro entaipava de cinza o valle de Chellas, apagando n'essa paizagem fúnebre, o único recanto em que sorria um idyllio de folhas verdes e de paredes caiadas.

A cova de Martha era para lá das ruas de sepulchros, n'um campo sem herva, cheio de números brancos em placas negras, e escavada em terra alagadia, cujas barreiras filtravam pra dentro, charcos de lama torva e espapaçada. E findas as absolvições, o padre, arregaçando a batina, afastou-se de baixo do chapéo de chuva que lhe estendera o sacrista; *Izaquiel* foi Iralar de pôr em resguardo o panno rico; e dentro da cova, amarfanhando as calças nos canos das botorras, um coveiro inda novo procurava firmar-se na terra mal enxuta, fugindo ao átasqueiro do centro, emquanto um outro, de barrete de lontra, começou a abrir o caixão da rapariga. João da Graça esse tremia, com os olhos cabidos sobre a morta, e o espirito inimobilisado na contemplação d'essa hora suprema, em que a angustia do desconhecido se centuplica de horror, pelo receio do inferno. O trabalho dos dois homens cortava-se emtanto d'impaciencias. ás fustigadas da chuva. O que destapara o caixão tinha-se

posto a chamar um dos gatos-pingados que ia debandando em póz dos outros, a que viesse ajudal-o a tirar a defunta, para a cova. E o outro coveiro em baixo, praguejava.

—- Vê se te despachas, *zaranza !*

Mas o gato-pingado, sem se voltar, respondeu-lhe de longe um gesto obsceno, e foi João da Graça quem prestou ao coveiro o auxilio necessário, erguendo Martha pelos sovacos, em-'luanto o outro dava ala ao cadaver. agarrando-o pelas barrigas das pernas, como um fardo.

Ao despegar-se o corpo do caixão, a cabeça vergou, inal-os cabellos, e a coroa desprendendo-se, foi rolar ao moio da lama. Já o outro coveiro, por baixo, estendia os braços para amparar o cadaver pelos rins, quando um rebordo de terra veio a esbarrondar subitamente por baixo dos pés do estudante, fazendo-o largar a morta, que cahiu desamparada no charco. Houve uma praga medonha do homem, sobre quem a lama espirrada, no impulso da queda, com um *plhau!* espapaçado e flácido de papas; e vestidos, meias, cabellos da pequena, ficou tudo coberto de crostas repellentes. *Panno famoso, 22 jardas...* e despoetisada do seu pudor, por aquella injuria, a morte revestia assim a feição de villeza esmagadora. — Só entre as madeixas, ciue iam tomando cambiantes descorados, cheios de piolhos brancos, furiosos, a cabeça mantinha a sua dolorosa aresta de nariz, entre as pisaduras dos olhos, e aquella pallidez exangue, "lelada de pollens, d'um azul que era já o sangue delelerio, e de que o excesso de mortificação fazia horror !

Nunca como n'essa hora, João da Graça comprehendeu "lelhor, no seu fundo de sonho romântico, ingénuo que era, a "ecessidade de acreditar que a podridão não fosse um terininus. tanto esse desfecho da vida lhe pareceu injusto e inexplicável. phrase de Pascal, *prenez de Veau bénite, abetissez-vous !* veio-lhe á memoria, com o seu Port-Royalismo devorante, em 'lue se sentem cilícios rasgando carnes, e o pesadêlo do *au-delà*

dando vida á morte, fazendo das mais tranquillas coisas, espectros, e sacudindo a alma em trágicos pesadêlos.

A idéa de Deus fel-o tremer, n'esse momento: perguntava a si proprio, espavorido, se as affirmativas da sciencia não eram mentirosas, e a sensibilidade continuaria além da morte, exasperando-se a dôr através da decomposição cadavérica, não já por crises, mas contínua, insupportavel, fulgurante, emquanto restasse do corpo uma molécula sequer de matéria aggregada ... E ao pensar nas torturas que ella devia estar soffrendo, caso assim fosse, prohibida de gritar, do se mover no meio da terra calcada, e sentindo por um requinte de martyrio, o carnaval da podridão ganhar terreno, pelo seu corpo fóra, té á medulla, um suor algido banhava-o, e desesperado, agarrava-se á religião, não já por fé, mas por miséria, como quem procura escapar d'uma asphyxia que o estrangula.

Ia de molde o seu caracter, também, a este poema mortuário, pela solidão em que se afizera e medrára. A mãi nem a conhecera. Os seus olhos de criança só se lembravam de ter visto sorrir physionomias velhas . . . um tio que tomou conta d'elle logo que a mãi tinha ido a enterrar . . . uma tia, já velha, de bandós postiços, que elle vira sempre a folhear romances da *Bibliotheca das Damas* . . . e velhas criadas de roda, ás passadirihas, fallando em segredo pelos cantos, n'uma velha casa que lanto podia ter sido um convento, como um quartel, como uni tribunal.

O egoismo d'esta velhice, vegetando sem queixumes n'uma fartura de ricaços, retrahira cedo a viveza traquinas do garoto, compondo-lhe no aspeito, em gravidades de anão, seccuras dc fantoche.

O único cuidado da tia era saber se o menino cumpria as devoções. E havia rezas para todas as horas do dia, n'aquella casa, orações para o levantar da mesa, para beber agua, ir á bacia, dar um espirro . . . que o Joanico sete annos resmungou, passivamente, sob os bafos inenstruaes da governante.

A vida em Lisboa não pudera aviventar depois, na adolescência, aquella natureza apathica, sempre tocada pelo raio de

luar d'uma chimera. Nas noites de S. Carlos era um dilettanti maníaco do gallinheiro. Alli, no seu canto escuro, sequestrado de todos os convívios, ouvia a opera sem olhar a sala, como se buscasse na musica a repercussão d'um estado d'alma que era o seu. Mesmo, na escola, era macambusio, com unia pallidez anemica, e grandes contemplações para dentro de si proprio. Os rapazes faziam-lhe troça. Tinham inventado que elle mandara pedir a absolvição do papa, antes de se dcilar ás dissecções obrigadas pela matricula ; e um maroto pôz-lhe a alcunha de *protoxydo d'amor,* pela facilidade, dizia, com que passava a sesquioxydo, á vista d'uma enfermeira galante, ou d'uma filha de patroa appetecivel.

Na noite seguinte ao enterro, como a chuva cessasse, uni vento frigido soprou sobre a cidade, e João da Graça no quarto corria os dedos sobre o piano, como se quizesse acordar em musica o eco das amarguras que o minavam. Todos os seus companheiros de hospedagem haviam sahido para a província, gozar as ferias : ficára elle sósinho, mais a D. Maria e um gato preto — e a casa velha, rachada, immunda, para os lados do Matadouro, com quasi todos os andares por alugar, parecia morta n'aquelle silencio nocturno das terras, entre uns casinholos baixos de operários. A espaço o sino de Rilhafolles badalava ; estrugia um brado — era algum doido a quem os enfermeiros tinham vestido a camisola de forças. E a patroa vinha dizer que eram horas do chá. Nas paredes dos quartos pendiam caladas as guitarras, pares de calças rotas ; e sobre as bancas de pinho, os calhamaços da palhologia empoeiravam-se, ao lado d'ossos humanos, frascos d'injecções, e potes de tabaco. *Panno famoso, 22 fardas* ... Se ella agora estaria tiritando de trio, na sepultura !

Paredes meias, uma íamilia esqualida de bebedo. Constantemente altercações, òs choros das crianças, o rodar da machina de costura, e a cadella, coitada, sempre a uivar de fome n'essas ruas ! O chefe era um rapaz de flôr ao peito, ar gentilhomem, •|ue escrevia nos jornaes, e traduzia, dizem, romances para empresas. Todas as noites a mulher ia apanhal-o da lama dos ca-

minhos, onde elle afocinhava á volla das tascas, recitando poemas socialistas. E nada mais lugubre do que esse contraste entre a elegancia do marido, as saias andrajosas da mulher, e a cabeça tinhosa e os pés descalços dos rapazes ! Logo pela manhã vinha o mais velho engraxar para a escada as botas paternas, emquanto a mamã dava a ultima demão de chá na sobrecasaca vomitada de vinho, e os dois mais novos iam carregando dos prédios em obras, marafalhas e toros com que aquecer o almoço ao grande homem. Cerca das onze horas, elle que sahia, a luva clara, o ar triumphador : e ella corria a vêl-o á janella, n'um éxtasi, a espancada da vespera, a besta de carga, com os filhos de roda, em camisola, igualmente babosos do papá... Oh, como estas desgraçadas se assemelham todas na ternura !

Panno j ... ^ entre as reminiscências do enterro e a miséria d'aquella visinhança, o espirito de João da Graça abria-se em acuidades dolorosas, em pessimismos negros : parecia-lhc a vida uma catastrophe que desfecha alfim sobre as pisadas do coveiro, e a cujas responsabilidades se foge, ou pelo vicio ou pelo álcool.

Um terço da gente viva, de facto, entre que poderia incluir-se a mais cerebral e a mais pujante, fazia o assalto da vida sem escrúpulo d'armas no combate, nem moral certa nos planos de campanha. Por toda a parte a hydrophobia do lucro : a vida moderna incompatível com a honestidade antiga ; e na caça do oiro, aberta ao homem, como alavanca de gozos e triumphos, o caçador mais forte era quasi sempre também o mais culpado. E em plena chacina d'essa lucta de leras e de bestas, que é a vida, João da Graça via rastejar na sombra o formigueiro dos tristes, dos inermes, dos vencidos, filhos sem pai, homens sem trabalho, mulheres sem esposo certo, famílias sem abrigo, toda a legião sagrada c vil dos que se deixam ludibriar por uma especie de fatalidade zoologica, inquebranta-

veJ . . . Aquelle formigueiro dava gemidos na portaria dos hospitaes, debatia-se nos pateos das prisões, levava chicotadas nas roças, envenenava os pulmões nas officinas, apodrecia nas minas, rebentava em cima das enxadas : e continuando sempre a fazer apolheoses, a crear deuses, a sagrar imperadores, pela necessidade d'um déspota que lhe recordasse a miséria da sua origem, e lhe fosse aviventando o martyrio, causa exclusiva da sua evolução.

Assim, elle sondava as naturezas nascidas puras, e que a sociedade falha ou perverte, por miséria, desprezo, ou más suggestões ; explicava as vesanias, os vicios, os crimes ... o roubo pela fome, os assassínios por impulsão subitanea ou por defeza, e por desforço as traições e os vilipêndios. Entre os felizes, quantos miseráveis cuja fortuna lhes devera ser arrancada, em holocausto á miséria publica ! e quantos facínoras, cuja vida o carrasco extirparia, por desaffronta á dignidade humana, polluida 1 Aqui se surprehendia a fazer o calculo rancoroso do avos de responsabilidade, que na desgraça de Martha poderia ter cada homem rico das suas relações, e a pedir-lhes contas d'essa miséria que nunca descera a queixar-se, ao meio da rua.

Altas horas, esta obsessão de humanidade tímida e de humanidade ambiciosa, que desde as origens do homem ensanguenta a terra de tragedias, e cuja macabra historia poderia esculpir-se no friso d'um hospital d'alienados : esta obsessão continuou a dramatisar-se no pesadelo que,o cerebro lhe fez, adormecido como foi, sob impressões de mágoa tão profunda. Estava outra vez no cemiterio, era de noite ; e pelas avenidas, entre a inverosimilhança das sombras, e o terrível sem fim das perspectivas, fundos de cypreste, côr de tinta, davam retoque a alguma agulha branca de jazida. Gradualmente, a temperatura ia baixando (verdade seja que João da Graça adormecera no sofá sem cobertura) a ponto do regelo resequir os gomos dos goiveiros, e paralysar nas sepulturas a decomposição dos trespassados. Noilibós e morcegos, francelhos, corujas, lodos os pássaros da morte que entòain nos logares fúnebres a ladainha do espanto, haviam recolhido ás suas tóeas : e o silencio de agouro

que atafulhava as boccas da cidade, parecia dar 11'aquelle sitio uma impressão de joelho sobre um peito, de cuja asphyxia está prestes a escapar-se um brado de soccorro. Elle pudera metter-se pelo carneiro d'um jazigo, té ás catacumbas da necropole, onde viu n'uma praça o visinho escriptor a cabritar. Eram primeiro esses bairros de mármore, burilados de alhainbras e de estatuas, onde os ricos passam a estrume entre confortos . . . depois moradas mais humildes, e nos arrabaldes, cavernas o buracos em que se empilhava a canalha morta, a troxe-moxe, assim como á viva succede, nas alfurjas da Penha e Mouraria. Aquilio vasto, sob uma penumbra fétida e hyperborea, zigzagueava no subsolo, como a visão d'uma Gomorrha submersa. Fervilhações mysteriosas, vislumbres d'almas, agitavam aquellas carcassas deitadas para alli, a apodrecer . . . vida sem cerebro, regida, como direi? por uma especie de sensibilidade espinhal inherente ainda á matéria animalisada — como se a natureza, essa cozinheira de restos, tentasse crear com aquelles destroços outra humanidade, acephala, gestadora de monstros.

Por causa d'essa sensibilidade, vinham os mortos da valia, em grandes bichas, estrallejando as maxillas de frio, roubar mortalha aos opulentos senhores dos mausoléos. Em cada crypta viu elle famílias de esqueletos, debaterem, pelas frinchas dos caixões, enterradas na cal, interesses que a morte cá em cima havia truncado, e continuarem em osso, os adultérios, as intrigas, as idyosincrasias, as labutas . . . e á proporção que o frio reduplicava, a multidão crescer, cada vez mais ameaçadora, das covas de miséria aos bairros argentarios. Era uma plebe phosphorejante e amorpha de sabbat, urna ronda espectral de coisas diffusas, deslisando sem ruido, n'uma somnolencia de tvpho e de delirio . . . E João da Graça espantava-se de vêr o visinho escriptor, de luvas amarellas, com a cara do *Izaquiel,* a levantar as saias a uma figura de mulher vestida de cassa, e toda cheia de lama nos cabellos, que pedia esmola á porta d'um mausoléo.

Nos degraus dos prostíbulos, á porta dos palacios, restos de bebedos continuavam, depois da morte ainda, as allucinações

do absintho e da aguardente, com altitudes de fuga e de defeza, motetes, e epilepsias grotescas de ossatura. Velhas megeras, com as orbitas em sangue, um resto de beiço pendente da maxilla — prostitutas corcundas, cobertas de bossas, a lingua inchada, fóra da bocca, um gesto de convite ainda, nas phalanges da mão libidinosa — mendigos lúgubres, choreicos, aconchegando aos ossos a carne descollada, como quem aconchega, uma serapilheira . . . aquillo tudo atropellava-se, bolia na sombra, com um rastro de bruxas e morcegos, á procura d'um fóco de calor. E era medonho o espectáculo d'alguns que esbracejavam presos nas raizes, afflictos, esmagados, meio devorados por ellas, e a ruminarem o quer que fosse nas boccas sem lingua, como a querer fazer revelações ! Emtanto os grandes tumulos tinham festa, alli os mortos continuavam antigas conversações galantes, ao calor da lainpada mortuaria, em toilettes de côrte e de salão. Eram estes o alvo da romaria sinistra dos párias, que para vêl-os formilliavam de redor dos mausoléos, consultando-se um instante, avançando em quadrilhas, a espendurarem-se em cachos, das esculpturas e dos nichos, a subir aos zimborios, a virem collar os buracos dos olhos ás lucarnas, estrallejando os dentes convulsivos . . . E por toda a banda João da Graça sentia o mesmo : os vicios e vesanias terrenas proseguindo na morte, por uma especie de instincto anterior, a sua manobra de animalidade e de torpeza, macaqueando a vida, como aquelle piano do conto de Hoffmann, cujas teclas haviam tocado muito tempo uma melodia de Haydn, e que o pianista fez em pedaços, continuando estes ainda a tocar a melodia.

Muito lempo tinha passado já depois de Martha morrer, e João da Graça, que estava delegado de saúde, e em via de celebre, foi uma manhã chamado a constatar um obito de velho, n'um dos mais infectos casebres da Mouraria.

O temperamento romântico d'aquelle moço, o tempo o evaporara, logo á recepção dos primeiros honorários profissionaes,

disciplinando-o pouco a pouco n'essa seccura amavel do republico ambicioso, charlatão da fortuna, que impõe como auctoridade scientifica, quasi sempre, o coupé de luxo onde passeia, e a anafada parelha, a que se puxa. Lenta, mas segura, a clientela rica tinha vindo, em esgalhadas de negociantes e meninas hystericas, gentes d'áparte, fastidiosas de banalidade, e desconnexas e ultra-chics, que além de não engolirem remedios de botica, tinham a vantagem d'ir exagerando a fama do especialista té ás fronteiras do milagre, sobre lhe pagarem por meia libra, a meia hora de palestra que elle lhes vinha fazer de carruagem, todos os dias, ácerca de cantoras, vidas alheias, e aguas mineraes.

Fazem estas apotheoses publicas reflorir na alma dos plebeus, á hora da fortuna, o orgulho intransigente — esse espesinhado orgulho, que é sempre um animal rancoroso, nos que soffreram obscuridade ou privações. E d'ahi, quando se é feliz, se interrogamos a reminiscência sobre as hesitações e ridículas luctas dos primeiros annos, a reminiscência, como uma dengue discreta, não responde. Que admira pois que João da Graça, ao ir verificar o obito do velho, já não conhecesse Miguel que o cortejava, nem a pequena Joanna, que viera abrir-lhe a porta, chorosa, e com o seu ar morbido de loira, branco d'uma poeira lunar, que haveria merecido a um inglez o intraduzível epiIheto d'*elhereal,* tanto a miséria e as vigílias emaciaram de graça esse corpinho que parecia apenas o pretexto d'uma bondade ? A casa era n'uma especie de grande pombal da rua Suja, pullulando de moradores quasi mendigos. Na escada havia garotos em frangalhos, prostitutas nas lojas, e um cheiro a sardinha e a fézes por todos os andares. De roda, no antro onde aquella pobre gente viera cahir, a miséria dizia muito mais do que pobreza, dizia desespero, desleixo, falta d'esperança e falta de coragem. Não se viam senão moveis partidos junto aos muros, ferramentas esparsas no sobrado, trapos de saias cobertos d'immundicie, restos de coisas a que se perdeu o amor, e que se afundam, como os donos, na fuliginosa tristeza de se sentirem sós e desprezados. Affixára-se em tudo, essa miséria, com o

proposito de tornar a vida insupportavel; ella dizendo as desavenças intimas, as bebedeiras, as fomes — a casa de penhores, a enfermidade — mezes sem trabalho e noites sem dormida — todo o irreparavel sarcasmo de existencias sequestradas, martyrisando-se, com essa volúpia aguda em sossobrar.

De chapéu na cabeça, João da Graça disse no ar palavras benevolas ao rapaz, e foi seguindo a pequena, até ao cubículo do morto, onde verificou grosseiramente os signaes de extincção que o livro manda.

— Dêem-me tinta.

Voltara á saleta, e depois de lavar os dedos, pôz-se a desenrolar o papel da certidão. Foi quando Miguel lhe quiz aproximar da banca uma cadeira, mas houve duvidas : nenhuma d'ellas supportaria o peso do doutor, sem vacillar !

— Quantos são hoje ?

— Acho que nove . . .

E a penna corria, célere e massada, cobrindo os brancos do impresso com a sua letra illegivel de medico. Ao canto, o caixão pousava, encostado á parede, aberto, e já tão velho — um caixão de aluguel que tinha no forro, a um canto, entre duas nodoas de sangue, uma grande rubrica de fabrica . . . *pantio famoso, 22 jardas* . . . Nada d'aquillo, nada, por certo já não seria capaz de fallar á reminiscência do doutor !

— É resignarem-se, adeus.

E elle sahiu, depois de accender com estrondo um bom charuto. Já na escada, inquiriu d'um homem que subia, em primeiro logar as circunistancias da família . . . E o homem, depois de lhe assentar familiarmente a mão no hombro, começou a dizer que o velho tivera n'outro tempo seu arranjo, mas começou a dar cabo, a embebedar-se, entende bocê ? e estava alli morto de miséria como um cão. Havia o filho a deitar sangue pela bocca, urna pequena . . . E quanto ao enterro, o que se via ! Por duas libras, *cuxixiam* berlinda e panno rico; vai, como o dinheiro não chegou p'ra grandes luxos, tinha-se combinado o caixão ser d'aluguel. De casa do Zaquiel. Bossa senhoria ha-de ter ouvido . . . Á Carreirinha . . .

João da Graça ia descendo, e ainda o homem, loquacíssimo :

— Hi tem bocê outro que vem a acabar mal. Olá se vem ! Bebe de cada vez dois decilitros d'aguardente . . . E por módos, todo comido de males de mulheres !

Foram achal-o uma manhã morto na cama, sobre um vomito de sangue e de aguardente. Em quatro mezes tinham-lhe vendido a loja e as ferramentas, os caixões de casquinha e o panno rico. Os amigos fugiam-lhe, as próprias mulheres o tinham abandonado—porquanto Zaquiel em estando bebedo, alirava-se a ellas como um lobo, pretendendo instillar-lhes, n'uma obsessão de vingança, a hedionda galeira que o roía.

Por caridade, um collega armador fel-o transportar n'um calhambeque, ao cemiterio ; e como ninguém tinha querido uni caixão velho que havia em casa, n'esse esquife o expediram, vestido de farrapos, para a jornada tremenda.

Quando o medico veio verificar o obito, não havia uma só pessoa na loja, a fazer guarda. Exhalava-se ıuıı fétido medonho do cadaver, que se cozia em peste, rápido perdendo a fórma originaria : e esse cheiro inundava o cacilro, tresandando em espantosas baforadas, té á rua. Toda a visinhança estava em alarida, quando o doutor chegou. As rameiras e as tascas tinham ido fazer queixa do morto, ao commissario. E João da Graça, sem descalçar as luvas, pôz-se a escrever contra a parede os dizeres da certidão, entre nauseas mortaes, rogando pragas. — E nem elle nem ninguém poderiam talvez reconstruir n'aquellas cinco táboas de pinho, em que jazia o bebedo, o impassível caixão, que havia recolhido os destroços das tres creaturas, despejando-as na terra, com a maior indifferença, uma após outra, sem indagar se estariam bem mortas'as paixões que tanto tempo as haviam unido e separado.

Fialho d'Almeida.

TOIRADAS EM PORTUGAL

i

Em Lisboa, Salvaterra, Almeirim, Queluz, Cintra, Villa Viçosa ; nos fest.ejos públicos e occasiões solemnes ; nos arraiaes e romarias-; como passatempo querido da nobreza, que no correr de toiros, justas, torneios, o páreo se exercitava para depois Passar a Africa ou ir combater algures ; como folgar domingueiro das villas ribatejanas ; e como fonte de receita para obras de beneficencia, a toirada tem sempre feito parte integrante dos costumes porluguezes. É o único divertimento nacional, genuino, característico que tem acompanhado durante séculos a historia, sempre favorito de reis, de príncipes, de fidalgos e de povo.

Pela transformação da arte militar acabaram as escaramuças, os jogos de canas, e os desafios de cartel em que os mantenedores e aventureiros de armas brancas ao som de trombetas, sacabuchas, charamelas, pifanos e tambores, defendiam em combales simulados as bellas Celindaxas. Desusaram-se os vo-'atins, aquietaram-se e ennnudeceram as danças mouriscas, e os esgares dos 1 ruões, desappareceram as *alcanzias* em que se lu-flava com bolas de barro cheias de cinza ou flores. Com a ca-v'allaria de gineta e o trajar pomposo do século passado morreram as cavalhadas, a Argolinha, a cabeça de turco e o pato.

A toirada, porém, posto que tenha perdido a grandeza, a

pompa, a solemnidade antigas, e já não seja um passatempo de luxo, uma escola de destreza, e um *spoit* das raças finas, é ainda a mais attrahente diversão de estremenhos e alemtejanos; tem um prestigio indizivel de tradição cavalheirosa e galante.

E de facto, folheada a historia dos nossos costumes dispersa pelas paginas dos ehronistas, pelos volumes dos eruditos, pelos trabalhos dos académicos, pelos períodos dos litteratos, e documentos extravagantes ainda por explorar, vê-se as corridas de touros repetirem-se a cada momento na península para onde foram trazidas dos amphitheatros gregos, e mais ainda dos circos romanos em que Tarquinio o Soberbo as mandava celebrar para aplacar as fúrias dos deuses infernaes. *Ludi tauri*[1].

Durante a invasão arabe e o domínio wisigothico correram-se toiros em Hespanha. Sabe-se que em 13 de maio de 1100 houve alli uma corrida celebre -.

Em Portugal também, durante esse século xn, tão irrequieto e cheio das correrias e façanhas dos bandos occupados em expulsar o sarraceno, não raro os rudes guerreiros descançavam de correr charnecas, e arremetter cidades, na folgança de largar possantes mastins aos toiros furiosos, e de lhes cravar nas espádoas e no dorso as perfurantes aseúmas e ligeiras lanças.

Alexandre Herculano faz-nos assistir a uma d'essas toiradas em que um toiro sahindo pelo postigo do castro, e correndo através do passadiço que assoberbava a harbacan, arremette

[1] No livro x, capitulo vi ila *Hepublica Gentílica* escreve fr. .leronymo Romano que em Roma se deu principio a estas festas porque havia grande mortandade occasionada de comer carne de touro. Tornava-se necessário abrandar os deuses infernaes a quem se attribuia a calamidade. Celebraram então as corridas de que também falia Alexandre ab Alcxandro nos seus *Dias Geniacs,* livro vi, capitulo xiv.

- Muitos escriptores, sobretudo hespanhoes, dão ás toiradas na península uma origem arabe. Este povo já aqui encontrou aquelle divertimento. Por talvez já o contar entre os seus costumes, cultivou-o com enthusiasmo, apropriou-o á sua maneira de cavalgar, de trajar, etc., deu-lhe tanto caracter que muitos lhe attribuem a sua acclimação nas Hespanhas.

furioso contra os irritados molossos, livres das trellas com que os cavalleriços os sustinham. Depois da lucta com os cães, descem á liça os cavalleiros dos briaes, que lanceiam com dardos o animal até á morte.

E fóra de duvida que no principio da monarchia os companheiros dos primeiros reis se occupavam em jogos de tavolado e se exercitavam em tauromachias.

O velho Fernão Lopes, na *Chronica cTEl-fiey D. Fernando,* referindo o casamento da infanta D. Beatriz, conta que no dia do recebimento « o rei e, a rainha vierom para as suas pousadas e depois de comer justarorn e lidarom touros e . .. 'odo aquelle dia se despendeu em festas o cousas que a vodas perLenciam. »

D. Duarte, que pelo seu proprio punho escreveu o *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella,* por certo não desprezou, embora a não menciono expressamente, uma das mais hellas applicações d'aquelle nobre exercício, o toireio.

Tinha-o seu neto D. João II em grande conta, pois Garcia de Rezende enumerando as virtudes, feições, costumes e manhas d'el-rei, diz : « E as festas eram d'elle com grande veneraÇam celebradas, e sempre n'ellas se vestia ricamente, e com grande estado real guardava os antigos *costumes dos Reys seus antecessores* convém a saber, no Natal consoada, na Paschoa Hessurreiçam, dia de Corpus Christi procissão c *touros*, vespera de S. João grandes fogueiras, e no dia cannas reaes. Folgava elle de montear e caçar com galgos, açores e muito mais caça d'altanaria ; linha muito bons cães, muito bons libres e alãos lue mandava lançar a toiros. » Elle proprio não desdenhava [a]presentar-se em frente d'um boi, corno o fez certo dia que estando em Alcochete, ia de casa a pé com a rainha, amas, e muitos fidalgos, a vêr uma corrida no terreiro junto á egreja. Aconteceu que fugindo um toiro do curro, veio pela rua principal precedido de muita gente em grita. Foi então que el-rei tomou a rainha pela mão, e pôz-se diante d'ella com a capa no hraço e a espada apunhada com grande segurança, esperando o toiro.

Valente, estimava os valentes. Por isso, d'uma outra vez, estando a correr toiros no terreiro dos paços d'Evora, succedeu estar uma tranqueira mal concertada. Subira a ella muita gente, quando um toiro arremetteu. Fugiram todos espavoridos, e só ficou um homem, que estava atraz dos outros, embuçado n'uma capa e de sombreiro carregado. Pegou elle na capa e na espada, e tão valentemente defendeu a sabida, que fez tornar o bicho atraz. Impressionou isto el-rei, que lhe perguntou, com as suas falias vagarosas, e entoadas pelos narizes, quem era e como se achava na côrte. Soube então que em Lamego matára um homem e andava fugido. Mandou chamar o corregedor a quem recommendou que o livrasse, e depois lhe fez a mercê de o tomar para seu criado.

Prezava muito este rei todas as manifestações de valentia e destreza : a carreira, o salto, a barra, a desenvoltura a pé e a cavallo. Tudo isso, de resto, já vinha na tradição desde os antigos lusitanos, de cujos jogos gymnicos e hippicos falia Strabão, citando o pugilato, escaramuças e batalhas campaes que se transformaram no bafordo, alêo, loiros e cavalhadas.

Na sociedade guerreira dos primeiros tempos portuguezes tinham estes jogos o caracter de exercícios de actividade bellicosa, que, praticados em sortida e sortida, apenas merecem menção. Depois, terminada a reconquista neo-gothica, nas épocas relativamente pacificas que começam com o século xvi, a aristocracia, continuando a exercel-os como preparativo para as conquistas d'além-mar e guerras no continente, transformou-os comtudo em festas pomposas, deu-lhes o apparato de solemnidades nacionaes, e por ultimo desenvolveu n'elles o luxo magnificente, as riquezas deslumbrantes, que arruinaram muitas casas nobres no século passado.

N'uns ou n'outros tempos, em todo o caso, esse divertimento formava, embora o contestem praguentos, homens destemidos, desenvolvia as qualidades physicas de uma raça activa e emprehendedora, exercilando-lhe a coragem, a destreza, exigindo-]he superiores aptidões para a equitação, forte musculatura para o combate, distincção e elegancia no manejo do cavallo,

certeza no empunhai' do rojão â hespanliola, e fina arte 110 atirar do arremessão á mourisca.

Foi constante o favor de que este divertimento gozou, tendo sempre vencido as tentativas, muitas vezes feitas, para o abolir. Encetou-as o Papa Pio V que em 1566 prohibiu as corridas de toiros em toda a christandade, lançando excommunhão niaior contra os que as permitissem, ou tomassem parte n'ellas. Talvez não fosse estranha a esta resolução a sua existencia em Roma, onde as tinham introduzido de novo os aragonezes no tempo de Callixto.

Conta Charles Yriarte, no seu recente livro, que 110 dia de S. João de 1500 nas corridas organisadas atraz da basílica de S. Pedro, Cesar Borgia desceu, sem mascara, á arena, para combater a pé, vestido simplesmente com um porpoem, e fazendo cinco *passes* de muleta matou os cinco touros que lhe couberam, *aux cris cTune joule en delire.* E de novo toireou, mas d'esta vez a cavallo, fazendo pomposas cortezias, por occasião do terceiro casamento de sua irmã Lucrécia. Como se vê estava de novo arraigado o gosto por estas diversões na Roma dos Pa-Pas, como o estivera na dos Cesares. Não sei se a prohibição lançada pelo successor de Alexandre VI conseguiu o seu fim em Roma. Entre nós sei que foi pedida a Gregorio XIII uma bulia que novamente permittiu em 1573 as corridas de toiros sob duas condições : l.ª sendo-lhes previamente serradas as pontas, 2." serem corridos unicamente na presença do iiionarcha.

A rainha D. Maria Francisca de Saboya tinha também decidida aversão a este divertimento, nascida mais em dissabores offensivos do seu orgulho e do seu coração, que no aborrecimento pelo proprio espectáculo.

Alguns casos característicos explicarão esse odio.

I). Affonso VI, lè-se n'um manuscripto, tinha uma amante Ireira no convento de Odivellas por nome 1). Anna de Moura, 'azendo-lhe continuas assistências com grande indecoro e geral reprovação de toda a côrte. E com lautos extremos da freira, que certo dia em que a referida religiosa fazia annos, indo el-rei toirear para o pateo d'Odivellas, tendo dado uma queda e

vendo-se por isso obrigado pelos cirurgiões a sangrar-se, a freira para fazer uma fineza ao rei, sangrou-se também '.

[Jm bisbilhoteiro do tempo, má lingua, mas interessante, conta mais que tendo chegado o tempo de a cidade de Lisboa fazer festa a Santo Antonio em 1667, assistiram aos primeiros toiros suas magestades e sua alteza. Acabado o dia soube a rainha que em uma janella do paço estivera, vendo a festa, uma mulher conhecida « tanto pelo nome como pela vida, celebrada pela alcunha de *Calcanhares*, sustentada para feitiço de sua magestade. Sentiu tanto a rainha o desprezo, que apaixonada se manifestou achaeosa, sendo seu desgosto a suspensão da festa -. »

Mudando de marido não logrou maior socego, pois que vindo para Alcantara no 1.º de junho de 1672, seguiu D. Pedro a sua « arriscada inclinação pelo que esteve perigosíssimo, buscado dos cornos d'um toiro que lhe rompeu o freio do cavallo, e este desbocado o despenhára se o príncipe se não apegasse a uma columna, largando a sella do cavallo [3]. » Mais tarde no Côrte Real de novo se viu arriscado e sahiu com necessidade de sangrias que não quiz tomar.

E como o rei D. Pedro, refere um viajante [4], dotado de uma força extraordinaria, gostava immenso de ir algumas vezes agarrar um toiro *á unha,* a rainha receando alguma desgraça maior, tanto trabalhou que obteve a suppressão d'essas corridas, excepto nas occasiões de nascimentos de príncipes ou princezas.

Sobejas razões tinha ella, como se vê, para não estimar muito o espectáculo, e o exercício querido de seus dois maridos.

A prohibição não lhe sobreviveu durante muito tempo, e já no reinado seguinte eram de novo esses espectáculos tão fre-

' Manuscripto da bibliotheca da Ajuda, citado por Bernardes Branco - Alfonso VI, pag. 21.

[2] *Monstruosidades do tempo c da fortuna,* pag. II.

[3] *Ibidem,* pag. 198.

[4] Description de la ville de Lisbonne, cilada por Theophilo Braga : O pv i-*o português, nos seus costumes, ete.,* pag. 87.

quentados pelos lisboetas, que o frade xabregano fr. João de Nossa Senhora, typo popular, heroe-comico, que percorria as ruas, poetando, pregando a cada canto, vociferando contra os desvarios do século e seguido d'uma turba-multa de rapazes e de mulheres, não teve bastante força na sua eloquencia para afastar do Rocio onde se corriam toiros as gentes, que no seu pensar caminhavam para a perdição ; e achando-se com resumidíssimo auditorio na egreja da Victoria onde pregava, improvisou as seguintes quadras :

No Kocio se faz festa,
Na Victoria pregação :
Pouca gente assiste n'esta,
Mas n'aquella multidão.

Tres vezes divertimento
Bem se pudera escusar :
Tanto rir, tanto folgar
Pode parar em tristeza.

Na doutrina de Maria
Tenha Lisboa certeza,
Que toda a sua alegria
Ha de parar em tristeza.

Não faltou depois quem visse n'estes versos a prophecia do terramoto d'esse anno. No entretanto, pela rua Nova, e por todas as encruzilhadas que levavam ao Rocio, a multidão formigava sequiosa das commoções do circo, e descuidada das fúnebres queixas do *frade arengueiro.*

Passaram annos, e o terramoto, que tanto demoliu, não acabou essas festas.

Já na época constitucional, talvez mais demolidora ainda, se pretendeu abolil-as de vez. Assim, o decreto de 19 de setembro de 1836 referendado por Manoel da Silva Passos, considerando emphaticamente que as corridas de toiros são um divertimento barbaro e improprio de nações eivilisadas, e que semelhantes espectáculos servem só para habituar os homens ao cri-

me e á crueldade, determina que fiquem prohibidas em todo o reino.

Mezes depois as cortes geraes, extraordinarias e constituintes, votam a revogação d'este decreto

Actualmente está pendente da approvação das cortes uma proposta abolindo as toiradas em Portugal.

Entretanto em cada cidade, em cada villa da Estremadura e Alemtejo, e alé mesmo no Porto, se tem construído novas praças de toiros, que se vão enchendo todos domingos de verão.

E assim o povo, que é ainda quem em Portugal conserva alguma individualidade característica, resiste com o instincto das raças fortes ás doutrinas dos que querem ministrar-lhe á força uma educação de feitio cosmopolita, cuja adaptação indígena só tende a transformar em pairaiorio de *meetings,* em trocadilhos obscenos de theatros baratos, em danças pretenciosas de bailes familiares, o folguedo das romarias, feiras, e arraiaes, a inspiração dos descantes, os requebros dos bailaricos, a algazarra, a chufa, a unidade do sentir das praças de toiros, único logar onde em Portugal se manifesta a expansiva alegria do povo.

UMA TOIHADA D'EL-REI D. SEBASTIÃO

Corria o anno de 1575. Meava-se o mez de abril, e ainda el-rei D. Sebastião se demorava em Évora, triste pela morte de seu mestre Luiz Gonçalves da Camara, já todo occupado nos projectos da sua phantasiosa empreza, para a qual a expedição a Africa no anno anterior lhe excitára os brios, mal humorado ainda com as combinações matrimoniaes de seu tio Philippe 11.

[1] Carta de lei <|e 30 de junho de 1837.

Deixára-se invadir talvez com Ioda a ardência das naturezas castas e reservadas do mysterioso sentimento pela filha do conde da Feira, que lhe evitava o despeito por saber casada Margarida do Valois, sepultada n'um convento a viuva de Carlos IX, e promettida a outro sua prima Isabel de Hespanha.

Porventura para resistir a esse crescente amor, recusava-se a vir para Lisboa, para onde o chamava o que hoje diríamos opinião publica : exhortaçõcs de sua avó, queixas dos fidalgos, murmurações do povo, e até exclamações dos pregadores do alto dos púlpitos. Escriptos metaphoricos que lhe introduziam nas Camaras, trovas mui persuasivas e doutas chamando-lhe « pastor descuidado das ovelhas », pouco o commoviam.

Resolveu então a cidade ordenar o festejo grave de toiros em Xabregas, defronte dos paços da rainha. Convidado el-rei não julgou dever recusar.

Mandou logo a camara formar um terreiro largo em frente dos paços em que morava a rainha D. Catherina. Mais de trezentos homens trabalharam durante muitos dias para entulhar de lenha e terra toda a praia, para onde era necessário alongar a arena. Rodearam-na de palanques altos de tres sobrados e adornaram-nos de vistosas colgaduras, guadamecis, e tapeçarias com quadros symbolicos.

No dia 24 de junho começaram logo de manhã a encher-se os degraus dos palanques baixos, e todo o recinto destinado ao povo, que acorria pressuroso á sua festa. E emquanto a côrte não chegava, uns sacavam dos dados para arriscar alguns chavos e dobrões ás escondidas dos espias de João de Olmedo, que ha pouco contratara o estanco das cartas de jogar. Outros relembravam as festas e jogos do canas dados tres annos antes em Santo Amaro pela chegada do vice-rei D. Luiz de Athaide, victorioso dos reis da índia, e duvidavam que estes pudessem ser mais brilhantes. Os idosos affiançavam que nenhum espectáculo melhor os divertia, que um auto de fé bem fornecido de judeus, como aquelle do reinado anterior, em que o medico de S. Cypriano levara tres horas a arder. Os rapazes novos que tinham espreitado os toiros encurralados vinham informar da sua

ferocidade, e declaravam que nunca os tinha havido mais bravos do que estes que a cidade offerecia a el-rei D. Sebastião. E em todas as conversas este nome echoava, commentando alguns ainda com azedume a sua longa ausência da côrte, contando a maior parte com sympathia as suas doidas excursões fóra da barra n'um batel em que arrostara com o mais forte da tempestade, e com a surriada de tiros despedidos das torres sobre o seu barco, empregado em fiscalisar, elle proprio, as ordens sobre a entrada de embarcações. Referiam tarnbem as caçadas em Tancos e em Cintra montando cavallos sem ensino, e a energia com que em Almeirim justava durante tres horas seguidas.

N'aquelle enxame humano, buliçoso e irrequieto, com trajos de côres garridas, tabardos pittorescos, capuzes e luvas vistosas, a vozearia ia crescendo ; confundindo-se no ár as chufas, os gritos, as pragas das mulheres da Ribeira, os sons estridentes das trombetas bastardas com que as *folias* do Cartaxo e Montemor, e as *chacotas* de Leiria e Pombal vinham annunciar a corrida. Os vendedores de bebidas frescas pregoavam, servindo com azafama a multidão sedenta, de guelas sêccas pela calma ardente d'aquelle dia de verão. Destacavam-se aqui e alli as cabeças negras dos escravos sorrindo humildemente, com os seus dentes muito brancos, das graçolas pesadas dos remadores das galeotas reaes, e dos ditos desdenhosos dos mercadores da rua Nova que, movidos já pelo demonio de imitar a nobreza, ostentavam ricos gibões, calças, roupetas e ferragoulos alastrados de passamanes d'um gosto duvidoso.

Corriam os grupos dos mais abastados os beatos, com as suas opas de burel, e os mealheiros, e osculatorios ornados com imagens de santos, que davam a beijai', excitando a devoção. Os soldados de D. Luiz de Athaide, com as caras bronzeadas pelo sol da índia, referiam presumpçosos a derrota do ídal-Kan, o os que tinham acompanhado a expedição do moço rei a Tanger e Ceuta contavam com vozes avinhadas as caçadas ao javali, e as façanhas dos portuguezes contra as tropas do governador (lo Mequinez.

Lá dentro nas estrebarias relinchavam alegres os cavallos,

que haviam do figurar nos jogos e na lucla, animados pelas palmadas afagadoras dos cavalleriços, e excitados pelos mugidos ferozes dos toiros encurralados. E como o sol ia subindo os olhos procuravam com ancia os tres sobrados dos palanques superiores, destinados á rainha D. Catherina, á infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manoel, á casa da índia, tribunaes, e senhores da côrte. Começavam esses palanques a povoar-se. Das innumeras cadeirinhas que havia na cidade forradas de damasco e de brocado, das liteiras luxuosas, e dos raros coches apeava-se, rodeada de escudeiros, criados, escravos mouros e negros, a fina flôr da sociedade portugueza. Lá no alto das tribunas principiavam a assomar as personagens da côrte. E para cada um havia entre o povo commentarios, uns benevolos, cheios de veneno outros. As virtudes dos homens e as reputações femininas eram pasto de conversas, de ditos, por vezes até de imprecações violentas abafadas no alarido geral.

A entrada de D. Juliana, filha do duque d'Aveiro, d'uma belleza melancólica, levantou exclamações de admiração. E a sua paixão infeliz pelo moço rei coroava-a de uma aureola de svmpathia a que não eram indifferentes moços nem velhos.

— Por Deus ! — dizia a um soldado da guarda real o velho mordomo da casa d'Aveiro, que de Setúbal viera assistir ás festas — que se o coração d'el-rei se deixasse captivar das virtudes e belleza da minha senhora D. Juliana, talvez este reino fosse mais feliz, e as emprezas em que elle e os fidalgos se arriscam menos perigosas, estando assegurada a successão por um casamento vantajoso como era este.

— Captivo está el-rei — affirmava o soldado — mas é pela própria filha do Xerife de Tanger, com quem se tomou de amores, quando alli esteve. Bastas vezes vem d'alli a Lisboa um mensageiro ao qual el-rei vai fallar de noite, somente acompanhado do seu copeiro-mór I). Sancho de Tovar. E dizem que é além, defronte de Belem, no Caes da Pedra que elle recebe noticias da moura.

— Romances I — cortou um alviçareiro, mettendo-se na conversa— Por uma aia da rainha sei eu quem enfeitiçou o cora-

ção de sua alteza. Logo verão entre as damas D. Joanna de Castro, filha do conde da Feira. Pois é essa e não outra a quem el-rei por sua graça folga de 1'allar mais. Ainda ha tempos, merendando sua alteza com a rainha e as damas, de tal modo olhava para ella com attenção que a D. Joanna lhe deu um vagado de que teve um desmaio.

— Para mal de nós todos — sentenciou o mordomo — nem portuguezas nem mouras, nem fidalgas nem prineezas, que se D. Aleixo de Menezes o creou cavalleiro, os dois Camaras malditos o fizeram avesso a mulheres . . .

Foi interrompida a palestra pelo apparecimento nas tribunas do capellão-mór D. João de Castro e de D. Alvaro da Silva, conde de Portalegre, mordomo-mór.

Logo depois apparecia D. Manoel de Portugal dando o braço a um homem precocemente alquebrado, cujo Cabello e barba arruivados começavam a branquear, cego do olho direito, e com um gibão coçado, de côr escura desbotada.

Entre o povo alguns o conheciam. Era um soldado da Índia, chegára havia cinco annos na nau «Santa Clara», acompanhára, diziam, a ultima expedição a Tanger, e parecia que mezes antes dera á estampa um poçma intitulado os *Lusíadas* que já tinha duas edições.

Não raros gabavam-lhe o engenho, e consideravam-no valente. Contavam que estando el-rei em Cintra, alli fôra lòr os seus escriptos, e que era agora muito estimado na côrte. Que lhe davam, porém, apenas quinze mil reis de tença, emquanto o bobo d'el-rei tinha já ao peito a cruz de S. Thiago. Os que o tinham conhecido em moço relembravam os seus amores, as suas aventuras, os degredos . . .

Calou-se repentinamente o borborinho. Emmudeceram todas as vozes no circo, emquanto os sons das trombetas, anafis e charamelas vibravam, e os tambores annunciavam n'um rufo a chegada da rainha, ti'el-rei e da infanta D. Maria.

Acabaram de encher-se de súbito todas as tribunas.

Em torno da velha soberana, vestida de velludo negro, com amplo manto, de aspecto severo, e em cujo rosto emmoldurado

na toalha de cambraia fina, os desgostos e as saudades tinham cavado profundas rugas, apinhoavam-se as damas e officiaes da sua casa ; D. Philippa de Alhaide camareira-mór, D. Francisca de Aragão que os poetas exaltavam pela extraordinaria belleza, e a quem D. Manoel de Portugal cortejava assiduamente desde havia alguns annos, D. Joanna de Lima a irmã da lendaria Nathercia, que avivava no coração do poeta dolorosas lembranças, D. Joanna de Castro, filha do conde da Feira, em cujo olhar enigmático todos, até a própria rainha, tentavam lêr o segredo do amor d'el-rei, e de quem o embaixador de Castella D. João da Silva não desprendia a vista, ancioso por obter qualquer indicio que transmittisse ao astuto Philippe seu amo. E mais e outras a quem acompanhavam o veador da fazenda D. Nuno Alvares Pereira, o secretario Pedro d'Alcaçova Carneiro, e todos a quem a idade ou os cargos impediam de seguir D. Sebastião na arena.

Mais a um lado fazendo côrte á douta, á erudita, á captivante infanta D. Maria, elegante com um vestido de meias mangas abertas ao meio, com rede d'ouro, installava-se todo o seu esquadrão volante, toda a espirituosa academia dos seus paços de Santa Clara: Angela e Luiza Sigèa a *Toledana,* versada na lingua grega e hebraica, e que havia pouco merecera do Papa Paulo III uma carta em agradecimento do seu poema descrevendo Cintra ; a celebre Joanna Vaz alcunhada a *Latina*, mestra das outras damas ; D. Leonor de Noronha, filha do marquez de Villa Real, traductora de Marco Sabelico ; a *Tangedora* Paula Vicente, filha de Gil Vicente, e todas as *donzellas* discípulas de Antonio do Valle, o famigerado mestre de dança.

E essa côrte requintada e brilhante, esquecida já da severa pragmatica que no principio do reinado tentára reprimir o luxo, ostentava brocados e sedas, saias ornadas de torçaes custosos e golpeadas de mosqueta, corpetes e gibões que pareciam cossoletes pelo ouro e prata dos recamos, pennas de abestruz e leques da China, arminhos da Suissa e damascos de Génova, fivelas e topes ricos nos chapins, collares, luas, gargantilhas e

afogadores d'ouro, braceletes caríssimos nos pulsos, arrecadas, anneis, frascos de cheiro, capotilhos, toucas e volantes.

Alguns cabellos negros das morenas portuguezas tingiam-se de louro, em muitas pelles brancas destacava-se o velludo preto das mascaras, e os signaes á franceza espiritualisavam os sorrisos. Conversavam umas com os noivos, discutiam outras com os sábios e eruditos, riam as mais das figuras dos anões e corcovados que passavam aos pulinhos, e das allusões que os jograes e chocarreiros despediam como lanceias, emquanto os truões e maninellos faziam tinir os cascavéis.

Evacuada a praça entrou magestosa e grave a regia comitiva.

Tinha então o neto de Carlos V vinte e um annos. Era de estatura medíocre, de olhar e sobrecenho algum tanto carregado e altivo, mas de gentil presença, boa côr e muito parecido com D. Joanna sua mãi. Trazia uma capa de panno preto e o capuz com botões de diamantes, rubins e pérolas, saio com abotoadura também de diamantes, e as faldas até o joelho. Calças vermelhas com poucos rufos, barrete chato de velludo carregado para a testa até o sobr'olho, adornado com um cordão d'ouro. As botas eram largas, de cordovão preto, a espada, cinto, estribos e esporas eram dourados, e a sella do cavallo de velludo preto recamado d'ouro e pérolas. Seguiam-no D. Antonio Prior do Crato, já dispensado das ordens sacras e armado cavalleiro de S. João, heroe de mil aventuras amorosas e guerreiras que o tornavam prestigioso entre as mulheres, e o tinham indisposto com o cardeal D. Henrique ; o duque d'Aveiro, primo d'el-rei, e que ainda não perdera de todo as esperanças de vir a ser seu sogro ; Christovam de Tavora, o novo valido, seu estribeiro-mór e futuro commandante do terço dos aventureiros ; D. Alvaro de Castro, o glorioso filho do glorioso D. João de Castro ; o cortezão e lisonjeiro Luiz da Silva ; o conde da Sortelha; D. Luiz de Menezes ; e muitos outros que se dispuzeram em ordem para as cortezias, que haviam de preceder as canas reaes.

Dividiam-se em quatro companhias, tendo cada uma á frente o seu guia. Compunham as quadrilhas sessenta e quatro ca-

valleiros vestidos á mourisca de velludo de varias côres, cobertas as cabeças com turbantes ornados de jóias e plumas, embraçando adargas de couro dourado com franjas de prata.

Acompanhava cada cavalleiro uma comitiva de oito pagens e oito lacaios, fazendo ao todo um exercito de mil e vinte e quatro pessoas.

Separaram-se em dois corpos as quatro fileiras, e começaram com disciplinada ordem a saliir de dois em dois os combatentes, logo de quatro em quatro, e de oito em oito, principiando o conflicto com o arremessar agil das canas, promptamente aparadas nas adargas com elegancia e destreza.

Terminada a lucta, e conferidas pelas damas aos vencedores as charpas bordadas pelos seus dedos para premio de Victoria, a uma ordem d'el-rei executou a lustrosa companhia complicadas evoluções, evacuando a praça onde só ficaram D. Sebastião, D. Antonio, o duque d'Aveiro e os pagens necessários para os servir.

Montava o moço rei um cavallo rodado, e cavalgava á gineta, de estribos curtos, esporas compridas sem roseta. Um pagem entregou-lhe um rojão forte e grosso, encimado de aguçada choupa que elle empunhou com denodo, e fazendo galopar o cavallo até á frente do estrado em que sua avó e toda a côrte o seguiam com vista attenta e interessada, descobriu-se n'uma cortezia levando o barrete junto ao peito.

Dado o signal, e rompendo simultaneamente em todos os palanques as musicas de instrumentos vários partiu el-rei á meia redea contra o primeiro toiro que investia valente ; e levando o cavallo justo, e acompanhado da perna direita executou entre as armas a ferida em que o ferro se embebeu.

Carregando então o cavallo á parte esquerda o livrou do encontro do boi, que seguiu feroz na carreira. A dôr arrancou ao animal um mugido agudo coberto logo pelos gritos com que o povo applaudia a sorte tão airosamente praticada. Seguiram-se outras dos cavalleiros presentes até que D. Antonio com tanta destreza apontou um garrochão que o toiro cahiu succumbi-

do, emquanto do amphitheatro e das tribunas as ovações acclamavam o cavalleiro.

Agastou-se el-rei com o vêr que alguém o supplantára em perícia, e temendo que o alcunhassem de menos arrojado, lançou-se com ímpeto ao segundo boi que, por descuido ou por ordem sua appareceu com as pontas agudas, contra a prescripção da bulia de Gregorio XIII, que as ordenava serradas. Exultou o povo-por ver o animal armado segundo os antigos usos, e senhor de todas as suas defezas. Senliu-se contrariada a rainha D. Catherina com susto do perigo que corria seu neto, pezarosa por vêr assim na sua presença desobedecidas as ordenações do Santo Padre. E sem detença deu ordem a um pagem que em recado seu descesse a dizer a el-rei que mandasse recolher o bicho. Ou ainda se não costumára a rainha a vêr os seus conselhos desattendidos, ou entendia não dever calar-se sempre que o bem do neto o exigisse.

Não soffria porém o animo fogoso de D. Sebastião ser contrariado nos seus intentos, muito mais quando a obediência podia ser alcunhada de receio, e alguém soltar contra elle a impertinente pergunta que tempos antes dirigira ao duque de Alba : se sabia qual era a côr do medo, ou o degradante epitheto de *cobarde* que atirara ás barbas brancas de D. João de Mascarenhas.

Fazendo ouvidos surdos á voz do pagem, picou de esporas o ginete, correndo em direcção ao toiro que estacara ameaçador ; buscou-o com o acerado rojão, e em galopes ao redor d'elle sobre a mão direita, apertando as voltas, excitando-o, expoz a vida cem vezes com a serena audacia dos fortes que tanto seduz as massas, com o sorriso quasi infantil diante do perigo, que era o que na vida mais o attrahia e alegrava. Quando no apertar das voltas já quasi locava no animal este, batendo as orelhas para diante, signal infallivel de arremetter, arrancou n'um impeto violento que a todos se afigurou trazer a morte do seu inimigo.

Pulsaram então muitos corações portuguezes anciosos diante do perigo que ameaçava roubar-lhes o rei, e mais que todos

das duas rivaes, uma que julgava perder a mão que havia de eleval-a ao throno, outra que sentia afundarem-se de vez todas as doidas esperanças da sua amorosa phantasia. O rosto triste de D. Catherina, dolorido pelo repetido orphanar de seus nove filhos, turvou-se magoado, e no seu pensar antes desejou o neto trespassado gloriosamente nas areias africanas pelas seitas dos infiéis, do que colhido na arena pelas curvas hastes de um toiro.

Entretanto com a valentia que n'elle era quasi uma loucura, e a promptidão elegante dos mestres da arte, vibrou certeiro o golpe á cabeça do boi, fazendo-o afocinhar fulminado, no momento em que este ameaçava prostrar cavallo e cavalleiro.

Victorioso, fez então galopar airosamente o ginete em direcção aos palanques, atirando para cima um sorriso intencional, talvez de orgulho satisfeito, talvez de reconhecimento intimo Para dois olhos negros que choravam de alegria.

Em toda a multidão que durante alguns segundos emmudecera d'angustia rompeu um grito unanime acelamando o lieroe triumphante.

O ultimo triumpho do moço rei D. Sebastião !

As quatro syllabas do seu nome fatídico soavam nas bocas do povo com estranha resonancia, retumbando já como a Prophecia do echo que se havia de prolongar por quasi tres séculos na alma da nação portugueza.

(Continua).

Conde de Sabugosa.

OHRONICA POLITICA

(INTERNACIONAL)

Incontestavelmente, dos dois acontecimentos mais graves do mez um é a exposição e o outro seria o novo tratado ilalo-germanico — se esse tratado não fosse um *puff* excessivo.

A respeito da primeira, tomo a liberdade de não comparar a torre Eiffel com a torre de Babel — tanto mais que rimam — e de me não embrenhar nas considerações muito graves que poderiam fazer-se a respeito da nova confusão das linguas na Babylonia do nosso tempo, como lhe chamou Pelletan (se me não engano), esse republicano feroz de antes de 1870 e que se vivesse ainda, no meio d'esta republica, mais imperialista, mais *corrupção*, mais *materialismo*, mais (udo quanto lhe accendia o odio, faria como outros : conformar-se-hia !

Mas o bom Pelletan não viu a torre Eiffel, nem a galeria das machinas, nem a rua do Cairo, nem maravilha alguma de todas essas que enchem de um pasmo, em grande parte ignaro, os viajantes da Europa inteira, pois nove decimas partes da gente que vai a Paris n'estes mezes de passeio e patuscada, vai apenas como na velha Antiguidade se ia a Corintho — para se divertir.

Paris é sem duvida alguma a Corintho d'hoje, e quanto mais a força politica da França descer, tanto mais se ha de accentuar para embasbacamento do gentio esse caracter de capital da bambochata, cerebro do mundo que se diverte.

Se porém retirarmos á exposição tudo o que tem de patusco, e é muitíssimo, fica ainda muitissimo também. Não digo a

torre Eiffel que não passa de um pilar de ponte elevado á decima potencia, e em que o pasmo do vulgar se explica pela confusão commum do grande com o grandioso. Bem pequeno era o Parthenon ! . . . Não digo também a rua do Cairo, pastiche feliz, nem o pavilhão portuguez . . . por pudor.

Mas a galeria das machinas é grande e grandiosa ao mesmo tempo, na invenção da arte do constructor, na sciencia do mathematico, na precisão do architecto. E grande a galeria, estonteador o que contém. Este século é a idade da machina. Anda-se, come-se, veste-se a gente e calça-se á machina : mechanicamente se vive. Amassa-se o ferro como se fosse cera, cortam-se os montes como se cortam queijos ; lembra o velho côro da *Antigone,* em que Sophocles, prophetisando a exposição de Paris, cantava : << De todas as maravilhas, a maravilha maior é o homem ! »

Esse optimismo triumphante deve estar satisfeito. Victorioso, o homem esmaga os elementos e fal-os servir, escravisados, para seu uso e para seu prazer. Mas depois ? O triumpho quasi insolente do progresso material, a apotheose quasi cega da vida, o delirio do prazer, n'essa pandega internacional em que do norte e do sul, do nascente e do poente, os povos todos do mundo se associam, atulhando comboios e vapores, precipitando-se por terra e por mar, despejando-se nas ruas, vasando os bolsos, extenuando-se, endividando-se, parece-nos que, sem preoccupaÇões de moral rabujenta, está indicando a quem observa um estado de inconsistência e desnorteamento n'este fim de século.

Talvez o homem tenha vencido em demasia. Talvez comece vagamente a pensar que afinal não vale mais, nem é mais feliz, pelo facto de ir do Havre a Nova-York em sete dias, em vez de Irinta, ou de Paris a Lisboa, no *Sud-Express*, em carruagens Pullman, em vez de gasLar . . . Que barbaridade eu ia dizendo, recordando as diligencias dos tempos fosseis ! Talvez porém o homem comece a pensar que não ha equação entre o progresso material, e o moral ; e que a vida tinha mais encanto quando era mais difficil, e os desejos mais insaoiados, e as ambições mais modestas.

Quem sabe ? Talvez o homem tenha ainda inconscientemente a vaga intuição de que, victorioso como se acha, não sabe ao certo o que haja de fazer com a conquista ! Não era a primeira vez que tal succedia a vencedores, e eu ia apostar, por exemplo, que a gente de juizo na Allemanha preferiria não ter conquistado a Alsacia e a Lorena.

Essa conquista tem sido para a Allemanha o mais cruel despojo da guerra de 1870, e para a França o motivo inevitável de um sentimento de desforra. A não serem as duas províncias, principalmente a Lorena, pode dizer-se, sem medo de *errar,* que succederia com a Allemanha agora o que succedeu na primeira metade do século com a Inglaterra. Desde 1815 ficou-se julgando inevitável o choque, e todavia em 1855 a França e a Inglaterra appareceram em campo alhadas na Crimeia contra a Rússia.

Nas circumstancias de hoje o caso muda de figura, e quem sabe se o êxito incontestável da exposição não subirá á cabeça dos francezes e os lançará n'uma temeridade? Se fossemos perguntar a opinião voluntaria dos homens que dirigem a França, todos elles terminantemente diriam que não ; mas não é menos verdade qu,e as nações todas, e muito mais as democracias, procedem como elementos ou forças physicas, obedecendo a leis que sahem das correntes chamadas de *opinião* e que as mais das vezes são o contrario d'uma opinião, porque são uma vertigem — o que os francezes dizem *emballement.*

E contra um facto d^esses que a Allemanha se previne e cada dia mais se prepara. O ultimo annel da cadeia de ferro que neutralisa politicamente a França, desejaria ella sellal-o com esse tratado que, se eu fosse italiano, teria até vergonha de que pudesse imaginar-se, quanto mais fazer-se. A independencia da Italia deixaria de ser completa, pois lhe faltaria o facto eminente da soberania que é a livre disposição das forças d'um paiz e o seu exclusivo cominando pelos nacionaes. O commando mixto pelos generaes allemães, a unificação da tactica e do armamento, tudo isto que faria d'ora ávante do exercito italiano uma divisão do exercito imperial, como a bavara por

exemplo ; tudo isto, que a própria Bulgária repelliu da parle da Bussia, provaria incontestavelmente ou que a Italia confiava demasiado pouco nas próprias forças, ou que temia para breve uma collisão com a França.

N'uma hvpothese 011 n'outra, e ainda n uma terceira, o fado é que a autonomia da Italia soffreria um golpe cruel. Metternicb chamou-lhe uma expressão geographica, ao relalbal-a para a distribuir 110 regabofe de 1815. Iria Bismarck impôr-lhe "m quasi protectorado, pelo menos uma tutela militar ? Se a isto succede alguma cataslrophe financeira, 110 estado confuso das coisas actuaes italianas, não se prevê bem o futuro que está para vir.

Uma das idéas falsas que a idolatria do progresso creou, e a de que a historia se não repete. Pois que é senão a repetição do que succedia na Renascença o papel que a Allemanha tem hoje na Italia? Que faz o imperador Guilherme senão seguir as pisadas dos velhos imperadores germânicos ? Que fará por seu lado a democracia franceza ? Fará como faziam os reis ? Teremos n'um futuro breve outra Pavia, ou um segundo Lodi ?

As eleições que estão a chegar dirão de vez o que ha a Julgar da nova phase do boulangismo. .Mas ainda quando o processo que está correndo e as prisões que se teem feito não sejam erros políticos de consequências graves ; ainda quando Boulanger tenha de ir a pique, nem por isso a republica terá achado fundações e bases solidas. As eleições futuras preparam decerto mais de uma desillusão. Conjecturar em taes casos é perigoso.

E por trezentos metros que tenha, como tem, a torre Eiffel, nem lá do alto se pôde vêr o futuro : apenas se vê o formigueiro de gente avida de prazer, cega de curiosidade, morta de canceira, revolvendo-se nas ruas, nos passeios e nos kiosques da grande feira do anno de 1889.

P. de Oliveira.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Portugal nos mares. Ensaios de critica, historia c gcographia, por *J. P. Oliveira Martins.* Lisboa, Livraria Bertrand

Como o auctor diz na primorosa *Introducçào* do seu livro, o *Portugal nus mares* Vem completar o plano de trabalhos em que entram: a *Historia da Cioilisaçãn Ibérica,* quadro do desenvolvimento das instituições nacionaes; o *Brazil* c as *Colonias Porluguezus,* historia dos nossos fastos como povo colonisador; e *Historia de Portugal,* successão e encadeamento dos motivos moraes, políticos e economlcos determinantes da nossa vida nacional — estudando o livro, de que agora tratamos: *particular e monographicamenle a feição mais original, sympalhica e fecunda do povo porlugitez, collaborador na obra da civilisação moderna.* O *Portugal nos mares* eompõe-se de viu capítulos que, embora sejam fragmentos, líin entre si unidade intrínseca, se prendem e completam, como as variadas partes d'um edifício obedecendo todas a um plano ou systema de construcção, assentando todas sobre o mesmo alicerce.

O primeiro dos capítulos Irata do *Commcrcio marítimo portuguez* — trabalho já n'outro logar publicado pelo auctor, mas ampliado aqui. E' a historia da marinha nacional desde a sua mais remota origem, e *o* sábio commentarlo de todas as medidas a que a nossa marinha mercante — base da de guerra — deveu o seu grande desenvolvimento; assim como é a apreciação dos motivos que depois determinaram a sua decadencía. O estudo da legislação fernandina. da protecção dada A marinha, das garantias aos armadores tle navios, da

Physiononiia commercial-maritima de Lisboa, d" decrescimento da grande força da nação; a indicação dos reinedios que ainda porventura poderiam reanimar esse elemento definhado, fazem (lo primeiro capitulo do livro llll trabalho de excepcional valor.

Vem depois os capítulos Intitulados: *A liberdade do corso* «sobre o caso <ie João Ango> onde se estuda a pirataria 1l0 Atlântico, e se aponta a imperfeição e lacunas (lo direito Internacional do tempo sobre os territórios ultramarinos; *Os roteiros da índia,* onde se commenta, com rara lucidez e critério, 0 roteiro de D. João de Castro, 1la edição do snr. Corvo; A *segunda viagem de Vasco da Gama a Caiicul,* interessante pelas notas explicativas á narrativa 'lamenga, que é curiosa, e *A marinha portugueza na era das conquistas,* trabalho descriptivo sobre os orçamentos, systemas de construcção, custo e armação, tripolação das naus da Índia; classificação e descripção dos navios de eombatç; guarnições; estatísticas; causas da ruina naval: marinha e finanças; origem da divida fundada, etc.

Os tres capítulos restantes são: *Fernão de Magalhães,* noticia bibliogra-Phica, caracter (lo homem, sua vida. procedimento para com Portuga], sua Vlagem, descoberta do Estreito, e morte do navegador, que é admiravelmente "iescripta: Godinho de Eredia, cujos tres tratados — o de *Malaca,* que faz a *descripção real* da cidade e habitantes; o da *índia meridional,* que compendia as noticias dos naturaes de Java acerca da Australia, e o de *Calhau,* transum-Plo das idéas correntes na época sobre o império chinez — são eruditamente exPllcados e criticados pelo auctor; e *Pescarias nacionaes,* onde se traça a h'storia da Industria da pesca em Portugal, dando-se toda a devida importância a esse *alicerce, da navegação,* e apontando-se os motivos da sua triste decadência, ao mesmo tempo que, com raro tino pratico e lúcido ponto de v'sta econornico se indicam de passagem os remédios para o mal.

Tentámos n'estas breves linhas indicar, ainda que muito Imperfeitamente, a índole do *Portuga! nos mares.*

Revela, como muitos dos outros livros que o auctor escreveu, algumas das s"as eminentes qualidades. São estas, como se manifestam em toda a sua grande °bra de muitos volumes: a vasta erudição; o poder de integrar n'um pensamento generalisador os dados ou noções dispersas, mas que entre si podem lcr relação, e de, através do facto, nos mostrar as causas sociaes e moraes. c°nomicas e politicas que determinam e explicam a successâo o variantes dos Phenomenos historicos; o largo ponlo de vista moral; a faculdade da feunda comparação das épocas analogas e dos typos ou personagens distantes na historia e de cuja aproximação, eliminadas as differenciaes de tempo e '°8ar, nasce a verdadeira luz para vêr a figura ou quadro que o auctor nos descreve; a intuição psychologleu pela qual estuda, através da vida histórica. "s caracteres e as almas; o segredo de fazer resurgtr uma época, uma socíc-l afle, o os vultos que a pergonalisam, conseguindo pela força artística do ver-

bo, atilada á visão colorida e poética, insufflar-llies de novo a vida, pòl-os ein acção, resuscltando-os com as suas paixões e sentimentos proprios no seu melo e no seu tempo.

A estreiteza do nosso quadro não nos permitte exemplificar miudamente através do *Portugal nos mares* essas qualidades do seu auctor.

O Secretario da Redacção

Manoel da Silva Gayo.

08 FILHOS DE D. JOÃO I[1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *LXIS.* iv, 50.

JI

CEUTA

Estava o rei com os infantes em Cintra, talvez n'aquella Pequenina camara forrada de azulejos, onde resta ainda o banco, de azulejos também, que a tradição diz ter sido o logar de D. Sebastião no conselho decisivo da campanha de Alcacer-quibir. N'esta camara devia ser, para que n'um mesmo logar se resolvessem as duas expedições, a que abre e a que encerra o circulo magico da nossa'vida gloriosa. Desde os tempos mysteriosos da Chaldea, esse berço de todas as adivinhações, o annel representado pela serpente devorando-se a si própria, foi a imagem symboliea da vida no seu rythmo fatal, voltando ao ponto de partida, acabando por onde começára.

Estava também o prior do Hospital, o que na sua viagem da Sicilia duas vezes parára em Ceuta para examinar o porto : vinha secretamente dar conta da sua missão. Já se conversára muito sobre a empreza e alguém contára varias prophecias e

[1] Continuado da pag. 63, numero do 1.° de julho.

sonhos de mouros prognosticando a queda de Ceuta. Havia uma especie de fé para estas superstições que se tomavam como coisas perigosas, mas de que ninguém ousava rir ainda abertamente : a natureza era um grande mysterio, o diabo capaz de tudo. Mas o prior não se abria, não explicava, deliciando-se em ser o alvo da curiosidade ávida de todos. Instado abertamente, respondeu ao rei :

— Senhor, de coisa que visse nem achasse não vos hei de dar resposta até que me façais trazer duas cargas de areia, um novèllo de fitas, meio alqueire de favas e uma escudella.

— Temos o capitão com as suas prophecias...? acudiu D. João 1, rindo. Sériamente, o prior retorquiu :

— Eu não tenho costume de jugatar com vossa mercê ; mas ainda vos torno a dizer que sem as referidas coisas não vos darei nenhuma resposta.

o rei voltou-se para os filhos, desculpando-se, no mesmo tom :

-— Vêde que bem concertadas respostas ! Estou-lhe perguntando pelas coisas que lhe mandei, e falla-me em astronomia e em semelhança de feitiços. Quem havia de cuidar que taes homens trouxessem semelhantes recados ?

Mas com uma alegre bonhomia de velho, D. João 1 mandou buscar as coisas que o prior reclamava, commentando a extravagancia, sem temores, pois todos sabiam que as noticias eram boas. Vindo a areia, as favas, a fita e a escudella, e fechando-se o prior n'um quarto, lá dentro esteve um certo tempo machinando. O rei, os infantes, n'uma curiosidade benevola, esperavam. Por fim, veio o prior ehamal-os, dizendo-llies:

— Agora podeis vêr a semelhança dos meus feitos e perguntar-me por tudo o que vossa mercê fôr servido, e eu poder-vos-hei responder com experiencia ante vossos olhos [1].

Entraram lodos e dobrados em volta examinavam, n'um primeiro silencio de espanto, o mappa em relevo que o prior fizera no chão com a areia. Era o estreito de Gibraltar: a

[1] **Azurara**, *Chron.* **m, 17,**

bailia de Algeziras de um lado e a serra Ximeira, e em frente o promontorio de Ceula, alongando pelo mar dentro a sua pequena península a que a serra Almina fórma a ossatura. No alto do promontorio via-se a cidade, cuja casaria estava indicada por favas, e em volta d'ella a fita desenhava o traçado dos muros. Depois, no breve isthmo onde a Ceuta de hoje assenta, abaixando-se a serra, ficava a praia em que o prior affirmava poder bem fazer-se o desembarque e haver boa ancoração. Mais para o lado do mar, os montes de areia alastravam-se e subiam de altura a indicar o relevo natural da península que acaba com a roca da Almina.

O infante D. Henrique, de braços cruzados sobre o peito, e com a mão segurando a barba, observava a lição de earfographia em relevo. A idéa engenhosa do prior mostrava-lhe quanto havia a fazer por esse lado, e como a terra inteira, nos seus contornos e desenhos, podia bem cor.hecer-se por meio das artes graphicas. Porventura a idéa da escola de Sagres nasceu n'este instante ; e se assim não foi, pois essa escola reunia a "autica á cartographia, tendo ao lado um porto-franco, é indubitável que o alcance dos mappas lhe saltou á idéa nitidamente.

Emquanto o infante scismava, os outros faziam perguntas discretas ou ociosas a que o prior ia respondendo com a satisfação clara de quem acaba uma obra a seu contento. Revia-se no seu mappa, e lembrava-se das manhas empregadas durante a viagem á Sicilia.

No ponto a que as coisas tinham chegado era necessário conimunicar o segredo ás duas pessoas eminentes da côrte : á rainha e ao Condestavel. O rei tomou para si o encargo. A santa senhora que se sentia acabar teve medo. Applaudia a empreza, mas não que o rei fosse. Leinbrasse-se da idade. Já não estava para esses feitos. Não devia ir arriscar a sua vida na velhice quem levára toda a mocidade batalhando. O seu génio de ingleza era ordenado e pratico. A conta corrente que todos abrem com a vida ao nascer, tinha tido por parte do rei um largo credito. Extinguisse agora o saldo, ao lado d'ella, pia-

cidamente, governando o reino emquanto os rapazes, esses, sim ! era o seu dever ! iam ganhar honra nas emprezas duras. Já fôra também rapaz e na mocidade, voltava a rainha, batalhára de sobra!

D. João I ruminava, enleadamente, a resposta. Aquelles argumentos não o convenciam. Corria-lhe nas veias um sangue diverso, mais quente, que pulava fervendo ; mas a segurança grave das opiniões da rainha comprimia-lhe a expansão e faltavam-lhe as palavras para exprimir o que sentia. A insistência, porém, nas campanhas da sua mocidade deu-lhe a formula da resposta :

— Lembra-me, senhora, que sujei os meus braços em sangue de christãos, e não posso fazer d'isso completa penitencia senão lavando-os no sangue dos infiéis

Este argumento imprevisto, impulso da alma religiosa para colorir o impeto da violência meridional, deixou a rainha suspensa. Sentia vagamente que alguma coisa lhe escapava, e a sua rectidão natural dizia-lhe que no systema das suas opiniões havia sem duvida uma falha, um hiato. O que percebia era isto, mas concordar com o rei custava-lhe muito.

D. João I, tendo encontrado a formula, partiu, deixando ao tempo o seu officio. A rainha ficou scismando. Tratava-se agora do Condestavel que se achava, como de costume, no Alemtejo, na sua casa de Arrayolos. A côrte estava em Santarém n'esse momento, pois, como é sabido, n'estes tempos e nos precedentes a monarchia não era o officio sedentário que foi a partir da Renascença. Antes de se fixarem na capital, em Lisboa, os reis portuguezes (e os de toda a Europa d'então) viajavam em permanencia, levando comsigo a sua rude machina governativa para distribuir justiça, para liquidar as pendencias entre os vários elementos quasi autonomos que formavam no seu dynamismo a nação, para darem cartas de povoação ás terras, e de tempos a tempos reunirem n'um ponto ou n'outro ein cortes os representantes dos tres estados do reino.

[1] Azurara, *Chron.* m, **17,**

A côrte estava em Santarém, e a vinda do Condestavel não seria lacto que passasse desapercebido. Perguntar-se-hiam os porquês, os paraquês, e isto seria inconvenientíssimo no ponto de vista do segredo que cumpria guardar religiosamente. Foram portanto os infantes caçar para o outro lado do Tejo, a -Montemor, e d'ahi enviaram recado ao Condestavel que desceu de Arrayolos a vôl-os. Queria-lhes como se fossem seus filhos. E estando em Montemor os infantes e o Condestavel, ninguém estranhou que o rei lá fosse também de passeio. Quando os dois companheiros de armas se viram, e o Condestavel ia a ajoelhar-se para beijar a mão ao rei, D. João I seguPou-o e apertaram-se ambos n'unx longo abraço.

Afastaram-se, conversando sósinhos. De lado os tres infantes conversavam também, seguindo com olhares ávidos o pai. Aquelle momento era decisivo. Se o parecer do Condestavel fosse contrario, a empreza ficava perdida. Que diria Nunalvares ?

Elle ouvia as palavras do rei que, lembrando-se do pedido de D. Philippa, não estava completamente senhor de si. Hesitava. Ia contando o plano, com um olhar interrogativo fixado na face do Condestavel, da qual descia sobre o peito a sua farta barba branca. Passava-lhe por vezes no rosto uma nuvem, encrespava-se-lhe a testa, franzindo o olhar ; mas logo a sua face voltava áquella serenidade augusta que lhe creára na hocca de todos o nome de santo com que ordinariamente o designavam. Quando D. João I contou o que dissera a rainha, o Condestavel sorriu amoravelmente, e acabando o rei de fallar. depois de uma pausa, disse-lhe :

— O que a mim me parece é que este feito não foi achado por vós, nem por nenhuma outra pessoa d'este mundo : somente fue foi revelado por Deus [1].

D. João I curvou a cabeça diante da magestade hieratica do velho guerreiro que parecia já transformado na imagem de Pedra de algum santo, levantada sobre um tumulo. E n'esse

[1] Azurara, *Chron.* III, 21.

momento esqueceu as palavras friamente doces da rainha. Passava no ar o vento quente do sul trazendo nas azas o cheiro acre da charneca, e fazendo vibrar as folhas das azinheiras com um som metallico de combates distantes. Mais uma vez os corações dos dois companheiros de armas batiam apressados a um mesmo compasso. Os olhos de ambos arrasaram-se de agua.

*

O segredo da expedição ia pouco a pouco ampliando-se, nem de outro modo podia ser, visto que os preparativos começavam. Gonçalo Caldeira que era escrivão da camara do rei foi iniciado : o escrivão dã puridade Gonçalo Lourenço evidentemente não podia dar conta da correspondência.

o plano começava a aquecer. Desconfiava toda a gente que alguma coisa havia ; mas o que ? Os infantes andavam doidos. D. Duarte esfalfava-se com o despacho dos negoeios; e D. Henrique, sentindo dentro em si o demonio da gloria, pedia ao pai lhe concedesse ser dos primeiros a desembarcar e o primeiro a subir aos muros de Ceuta. O pai, em quem as affinidades de génio, a energia e também a astúcia, tinham creado uma predilecção por este filho, ficava namorado d'elle, e abençoava-o : « Bem hajas, Deus vos abençoe, por essa tão boa vontade para o meu serviço »

Mas ainda se não ouvira o conselho; e n'estes tempos em que o direito romano apenas renascia, não se tendo ainda definido o imperialismo monarchico sobre as- ruinas da constituição espontaneamente representativa sabida dos usos da Eda-de-media, e que foi destruída de facto por D. João II e de direito por D. Manoel : n'estes tempos, embora a iniciativa da acção fosse dos reis, nunca elles deixavam de ouvir os conselhos e as cortes, não por uma fraqueza que se escuda com uma hypocrisia, como succede agora, mas sim porque sinceramente collaboravam com a nação. E mais do que nenhum rei, proce-

[1] **Azurara.** *Chron* **m, 21.**

dia assim o Mestre d'Aviz, levantado no throno por um suffragio universal muito mais genuinamente energico do que o dos nossos dias.

Foi em Torres-Vedras que d'esta vez se reuniu o conselho d'Estado : Nunalvares o Condestavel, João das Regras chanceller-mór, o arcebispo de Braga D. Lourenço, e João Affonso d'Azambuja, conselheiros, Gonçalo Lourenço Gomide escrivão da puridade, o marechal Alvaro Pereira, irmão do Condestavel, o almirante Manoel Pessanha, differentes homens de armas, entre elles João Gomes da Silva, conhecido ao mesmo tempo por ser homem forte e ardido e pelo aproposito e saboroso dos seus ditos.

D. João 1 expôz o plano da conquista de Ceuta; o Condestavel em breves palavras applaudiu, e levantando-se, dirigiu-se ao rei, ajoelhou e beijou-lhe as mãos. Houve uns instantes de silencio. João Gomes, com a face prazenteira e o riso nos lábios, olhava em torno da mesa as cabeças que se dobravam sobre os peitos, como de homens cheios da gravidade do assumpto. Todas essas cabeças branqueavam : os mais novos eram grisalhos. Toda essa gente consummára a revolução : eram os soldados do Aljubarrota e dos mil combates contra Castella, perdidos na luz magnifica d'esse dia como os satelliles de um sol. Tinham chegado ou caminhavam para a velhice ; mas a mocidade do sangue palpitava nas veias de todos, e por isso um riso estrepitoso acolheu esta sortida de João Gomes :

— Quanto eu, Senhor, não sei al que diga senão : russos, além [1] !

Hussos, a Ceuta ! os velhos são tão rapazes como os moços. A côr dos cabellos não indica a edade do coração. A velha gente de Aljubarrota pôde ainda, ha de ainda consummar outra laçanha. Russos, além! foi a palavra com que a sessão se levantou ruidosamente.

De modo que não havia mais a fazer senão proseguir com energia nos preparativos da campanha, que levariam pelo menos

Y

[1] **Azurara**, *Chron.* **m, 26.**

um anno, senão dois. Ás coisas de mais demora tinha-se dado andamento. Como fôra decidido não lançar *pedidos,* era mister arrecadar dinheiro usando de todos os expedientes. Mandou-se reunir quanta prata e quanto cobre se pôde no reino, encommendando-se mais para fôra. Ruy Peres, do Alandroal, que era o thesoureiro (sem estar no segredo), recebeu ordem para apparelhar todas as fornalhas da Moeda. Trabalhavam dia e noite. O governo não enfraquecia a moeda,' como tão frequentemente se fez na Edade-média ; mas os lucros da cunhagem eram, n'esses tempos de uma descentralisação completa, o melhor e o maior dos rendimentos magestaticos. Por outro lado, o escrivão da puridade, o Gomide, expedira cartas a todos os coudeis e anadeis dos besteiros para que fizessem novos arrolamentos e enviassem os respectivos cadernos

Como se sabe, as forças militares da nação eram n'esse tempo constituídas com os contingentes dos fidalgos e concelhos e com as tropas directamente levantadas pelo rei, embryões dos exercitos posteriores. Acorriam os fidalgos com as suas *mesnadas* e os concelhos com os contingentes arrolados segundo os termos dos seus foraes. Mas ao mesmo tempo o rei, general em chefe, que exercia o cominando com o auxilio do seu Condestavel e do seu Marechal, chamava directamente ao serviço a milicia dos besteiros, de cavallo e de garrucha, ou de pé, do conLo ou de monte. Era o serviço universal obrigatorio, impondo-se a quem tinha mais de certos haveres a obrigação de conservar um cavallo e um armamento. Foi D. João I o primeiro rei que manteve arsenaes de guerra, e chamou ao estado o fornecimento e conservação das armas. Foi também elle que fixou em tres mil e quinhentos o numero permanente de cavallos de guerra, sendo dois mil de vassallos seus ou cavalleiros d'uma lança, trezentos das Ordens militares e o resto dos concelhos e senhores de terras. Por todo o reino,

[1] Azurara, *Chron.* m, 20.—Soares de Barros (Aead. *Mem. Econ.* i), estudando o arrolamento do conto dos besteiros em 1422, calculou 252.067 fogos, ou um milhão de habitantes, á população de Portugal n'esse tempo.

°omo na organisação actual das reservas, havia os anadeis dos besteiros, commandantes dos regimentos quando se mobilisavam em guerra, e os coudeis que eram chefes de esquadrão dos besteiros a cavallo [1].

Dados pois os primeiros passos para o recrutamento e mobilisação das tropas, tinham-se também dado as providencias necessarias para o equipamento da armada : mandar cortar madeiras nos pinhaes para a construcção de quinze galés e quinze fustas, provendo-se as tercenas (arsenaes) para a reparação dos navios existentes Andavam em tratos os fretamentos, e o capitão-mór do mar, capitão da frota, ou capitão do mar, Affonso Furtado, que em 1387 fôra buscar o levou depois a Inglaterra o duque de Lencastre, andando por lá com dez galés em auxilio, conforme o tratado de 1386, estudava °s meios de pôr no mar uma armada cujas proporções excediam tudo quanto se fizera até alli. Era elle que fazia os embargos sobre os navios mercantes para serviço de guerra, elle que fazia os arrolamentos dos barcos e tripulações, podendo mandar «prender e apenar, segundo a culpa e desobediencia commettida » O almirantado ficára hereditário na familia dos Pessanhas, e quando faltasse n'esta linhagem só podia ser provido em outra pessoa nobre « para haver vergonha de fazer o que não deve.» Pelos contratos primitivos [4], o almirante tinha direitos e obrigações especiaes: «deve ter sempre vinte homens de Génova, sabedores do mar, taes que sejam convinhaveis para alcaides das galés e para arraes», cabendo-lhe o quinto de todas as presas, com exclusão dos cascos, armas e apparelhos dos navios. O senhorio d'esse cargo, contratado á moda feudal, revertia para a Corôa, por extincção da linhagem dos Pessanhas[5], como effectivamente succedeu "lais tarde.

[1] Severim de Faria, A'oi. *de l'nrt.* ii.

["] Azurara, *Chron.* 111, 20.
Orden. njj. 3.°, LV.

['] 1222 em Sousa, *Hisl. geneal. Provas* i, 95.

[°] *Orden. ujf.* 3.°, l.iv.

Navios, soldados, dinheiro, tudo se tinha tratado de procurar. D. João I, vendo todos accordes comsigo e em volta de si, rejuvenescido, nadava em satisfação. Faltava agora inventar um motivo para os armamentos, que tinham de se fazer, e cujo motivo exacto não podia divulgar-se. O conselho, reunido em Torres-Vedras, no meado de 1414, aprazára outra sessão para d'alli a um anno, pelo S. João, concordando todos em que o melhor seria mandar Fernão Fogaça ao duque de Hollanda como embaixador, a desafial-o, reclamando contra as piratarias dos hollandezes no mar. E para requinte de malicia, este proprio ardil passava a ser segredo, que todos porém divulgariam em confidencia, ao ouvido, nas conversas que tivessem, fingindo-se indiscretos para melhor encobrirem o plano Pelo menos n'este ponto, os idolatras do progresso hão de concordar que não se tem adiantado.

A mobilisação das tropas e os preparativos da expedição foram divididos entre o infante D. Henrique na Beira e Traz-os-Montes, o conde de Barcellos no Entre-Douro-e-.Minho, e o infante D. Pedro na Extremadura e Entre-Tejo-e-Guadiana. Cada qual tinha a sua zona do reino, dividido em tres partes, mas a principal competia a D. Pedro. As tropas de D. Henrique e do conde de Barcellos embarcariam no Porto, as do infante D. Pedro em Lisboa. D. Duarte na côrte, com o despacho da fazenda e da justiça enfermava do seu ataque de * humor inerencorio ».

Em Lisboa e no Porto, nas duas margens direitas do Tejo e do Douro, as praias sumiam-se debaixo da quantidade dos estaleiros. Era um martellar incessante de carpinteiros fazendo navios, um formigueiro espesso de mesteiraes de todo o genero, uma faina, um borborinho que durava todo o dia e nem de noite parava, trabalhando-se á luz de archotes. Emquanto os carpinteiros afeiçoavam as madeiras dos navios que de arcabouço nú levantavam para o ar as cavernas empinadas do seu esqueleto, como braços implorando o céo; emquanto a luz dos

[1] **Azurara,** *Chron.* **m, 27.**

archotes dava de noite ás lereenas aspectos pliantasticos ensanguentados de vermelho incendiado, e as serras silvavam, e os martellos batiam, e os machados cortavam a compasso dos braços musculosos dos obreiros, alastrava-se pelas praias um vasto estendal de açougues em que se matavam bois, correndo o sangue a jorros — talvez como um fatal prenuncio ! e os homens, nojentamente chafurdavam no decepar das carnes palpitantes ainda, esfolando os animaes abatidos, cortando, separando, salgando, embarricando. Mulheres abriam o peixe, as pescadas, as raias, os cações, vasando-o e deixando-o a seccar ao sol, em vastas pilhas que se estendiam para longe, a perder de vista. Um cheiro acre de sangue, breu, gordura e resina das madeiras novas, enchia o ar, fundindo-se com o cheiro quente da gente de trabalho escorrendo em suor. A primavera ia ardenlissima, e muitos receavam peste.

Para além dos arsenaes onde se concentrava o furor da faina, ambas as cidades, Lisboa e o Porto, ferviam n'uma agitação de trabalho desusada. Os tanoeiros não chegavam para as encommendas de vasilhame ; os alfaiates não dormiam cortando e cosendo os pannos e librés. Cada qual tinha a peito figurar melhor na vaga empreza, na empreza magnifica, delineada pelo rei querido, e que seria decerto a sua apotheose. Carpinteiros não chegavam para engradar as bombardas, os trons e todas as artilherias que em carretas vinham juntar-se nas praias, esperando que os navios as podessem receber. As cordoarias estendiam ao longo dos campos as suas rodas, torcendo, retorcendo e embreando a cordoalha de linho, os estrin-(Iues, cabres e guindarezes, não só para os navios em que os carpinteiros dos estaleiros martellavam febrilmente, mas para fodos os outros que haviam de vir de fóra, fretados, navios de commercio, mal equipados para a guerra. Monotonamente as "odas giravam, e torcendo-se, as cordas iam dizendo como no espirito dos homens também se torcem, sem se dar por isso, as 'déas mais singulares ! E emquanto os cabres se iam girando em silencio, a Moeda, n'uma furia, dia e noite, transformada n'um mferno de fornalhas e martellos, ia batendo, ia cunhando o di-

nheiro, nervo da guerra, o dinheiro que também gira, o dinheiro que também vive, na vertigem cega que dá, depois de enrolados insensivelmente os fios das nossas tontas idéas . . .

A gente velha, passando vagarosamente e commentando o que via, deitava-se a adivinhar o verdadeiro motivo de tanta azafama. O boato de que havia um segredo aguçava a curiosidade, dando cada qual largas á sua imaginação. Um dizia que a armada iria levar a infanta (D. Isabel, que tinha dezesete annos) a Inglaterra a casar, e de passagem conquistaria o reino de Flandres. Outro negava, affirmando que o destino era Nápoles, a levar o infante D. Pedro, noivo da rainha viuva da Sicilia, e conquistar essa ilha, casando ahi também o infante D. Henrique : allegava em seu abono o facto da ida d'este infante. Nada d'isso ! acudia outro ; a armada, dizia em segredo, vai apenas levar el-rei D. João I a Jerusalem, a cumprir a promessa que fez de visitar o Santo Sepulchro se vencesse Castella. Outro ria-se com superioridade ; alguém da côrte lhe communicára a verdade embora em segredo : a verdade era o destino da Hollanda. Engano ! acudia mais um. E positivo que a esquadra vai em auxilio do papa Bento XIII, de Avinhão, ao qual Loda a Hespanha obedece menos Portugal. E contava o caso, mal sabido ainda, como em 409 houvera o concilio em Pisa, como ambos os papas, o de Avinhão e o de Roma, haviam sido depostos, elegendo-se em Roma Alexandre V, e no anno seguinte João XXIII, a quem o de Avinhão se não submetteu. Eram intrigas dos francezes na Italia, que dividiam em duas partes a Santa Egreja. Dos francezes, sim, objectava mais um ; dos francezes ... a verdade, eu vol-a digo. E olhando em volta, resguardando a voz com as mãos abertas, contava baixinho que o rei ia á Normandia conquistal-a ao rei de França, por lhe pertencer como filho de seu pai, cujo bisavô fôra o conde de Bolonha. N'esse tempo a França, com effeito, andava á mercê de quem a quizesse, entregue ás mãos dos borguinhões e dos armagnacs, ameaçada pelos inglezes que no proprio anno de 1415 invadiram a Normandia, vencendo a batalha de Azincourt. Carlos VI desde 1391 estava doido. Final-

mente, uni cantava e repetia as trovas (lo judeu Negro, criado de D. Philippa, n'uma carta que vira para um escudeiro do infante D. Pedro, em que se indicava Ceuta como o destino da expedição K Depois de versões tão magnificas, esta pareceu inferior e não se acreditou. Como se vê, se o segredo não fôra completamente guardado, creára-se uma tal atmosphera de boatos contradictorios, que a própria verdade passava por mentira. O resultado ora o mesmo.

Em Castella receavam. Os negociantes de Sevilha chegaram a tomar prevenções de defeza. A Lisboa chegavam quasi ao mesmo tempo tres embaixadas perguntando se era com elles: a de Castella que tinha a defender as suas mal cimentadas conquistas da Andaluzia ; a do Aragão que tinha a resguardar a Sicilia ; e a de Granada que se sentia directamente em perigo. Todas foram despedidas com seguranças : estivessem descançados, não era com elles -.

Mas a embaixada mais para temer foi a da peste que na Primavera de 1415 assentou arraiaes em Lisboa. A côrte largou para Sacavém. D. Henrique estava no Porto desde janeiro, ultimando a equipação da frota, recebendo os contingentes que chegavam de todo o além-Mondego, os batalhões dos besteiros com os seus anadeis, as levas dos concelhos, e as mesnadas dos 'idalgos que vinham armados de ponto em branco com suas librés e bandeiras garridas. Quando chegou Ayres Gonçalves de Figueiredo, nobre cavalleiro de noventa annos branco como um mármore, e, de cota d'armas, vestido para a guerra, no meio dos seus escudeiros e peões, se, curvou a beijar a mão do mlante, este disse-lhe transido de respeito :

— Já me parece que homem de tantos annos devia filhar 'alcançar) repouso por descanço de tantos trabalhos.

Ao que elle respondeu n'uma voz sumida e esforçadamente firme:

— Eu não sei se os membros por motivo da edade enfra-

' Azurara, *Chron.* 111, 29.
'• *Ibiã.,* 30 a 33.

queceram, mas a vontade não é agora menos do que foi em todos os trabalhos que levei com vosso pai. E não poderá por certo haver maior honra nas exequias de minha sepultura do que, antes de meus dias acabados, ser em este feito '.

A estes positivos milagres da energia e da lealdade portuguesa, que de um extremo a outro do reino como que levantavam, dir-se-hia dos seus tumulos, os velhos companheiros do Mestre d'Aviz — Russos, além ! — para o ajudarem n'esta sua empreza quasi posthuma : a osles milagres da alma nacional correspondiam os milagres da imaginação piedosa, excitada pela faina incessante dos armamentos em Lisboa, onde a peste estimulava mais ainda os nervos da população. Morrer, valia muito menos então que agora. A vida era mais contingente ; e mais segura, absolutamente positiva, a fé ingénua n'uma outra vida cheia de prémios para os bons. Um frade de S. Domingos, erguendo-se do catre para matinas, ao cantar do gálio, foi ajoelhar diante do altar da Virgem, e viu, viu clara e distinctamenle — porque também se vêem as coisas subjectivas, sem existencia real — D. João 1 de joelhos diante da Virgem, com a sua armadura e mãos postas para o céo. E viu que do céo descia uma espada resplandecente de luz. Este milagre, divulgado, enchia de piedoso enthusiasmo o povo.

*

Foi a 10 de julho que entrou no Tejo e veio fundear diante do Restello a frota do infante D. Henrique, chegada do Porto. Eram sete galés e vinte naus, e mais parecia virem a um torneio marítimo do que para uma expèdição em guerra. Commandavam as galés, que eram os navios de combate das armadas d'esse tempo, o infante D. Henrique, o conde de Barcellos, D. Fernando de Bragança filho do infante D. João e portanto primo d'el-rei, Gonçalo Vasques Coutinho, João Gomes da Silva, alferes-mór, Vasco Fernandes de Athaide, governador

' Azurara, *Chron.* 111, 34.

da casa de D. Henrique, e Gomes Martins de Lemos aio que fôra do conde de Barcellos. Todas as guarnições vestiam a libré tricolor do infante D. Henrique : uns traziam roupas de lã, outros de seda ; todos os navios, novos em folha, garridos, com ornatos e douraduras, soltavam ao vento os seus estandartes e halsões de cores variadas, onde a devisa do infante *Talent de bien jaire* apparecia triumphante. A bordo de cada navio uma charamela de trombetas atroava o ar com o seu estridor metallico.

Largara de Lisboa iroutra frota, a receber a do Porto, o 'nfante D. Pedro, e a armada reunida veio fundear em frente do Restello, descendo as velas como um bando de gaivotas quando pousa na agua depois de bordejar. Mas ao desembarcarem, os infantes receberam a noticia de que sua mãi, a rainha, fôra tocada pela peste em Odivellas, onde estava a corte. Quando ahi chegaram, a santa senhora, ardendo em febre, jazia no seu leito, e á cabeceira o rei dizia-lhe, com uma certa crueldade, como decidira por fim acompanhar os infantes. Ella cerrou os olhos e viu-se-lhe unia lagrima de resignação descer a medo, placidamente, pela face. Presenlia a morte ? entrevia o Ceo ? . . . Ao fundo da camara as aias afflictas largaram em soluços e ais acordando-a, e ella, com serenidade santa, abrindo os olhos, observou-lhes a sorrir :

— Amigas, não haveis por que chorar.

Voltando-se para o rei, apertando-lhe a mão, disse-lhe :

— Deus me dê vida que chegue até ao tempo de vossa Partida ; e que façaes vossos filhos cavalleiros presente mim. com as espadas que eu lhes darei e com a minha benção.

D. João I estoirava em soluços e sem poder conter-se, lar- Sou d'alli doido, saltou n'um pulo a cavallo e foi como um animal ferido metter-se na escuridão dos mattos da tapada do Palacio. De tristeza não comia, nem dormia. Quando a peste augnientou em Lisboa e começaram a apparecer casos em Sacavém, onde a côrte estivera, decidira-se á pressa fugir para Odivellas. O rei foi logo, a rainha ficou um dia mais ; e n'esse Resino dia lhe deu a *dôr de peste* com que partiu já enferma.

Escondeu o mal emquanto pôde, mas a doença galopava.

Enferma, o seu cuidado era saber se estariam já acabadas as espadas que mandára fazer para os filhos, e como lh'as trouxessem, mirava-as com amor. Eram tres laminas preciosas, com os punhos guarnecidos de ouro, pedras e aljôfares. Tinha-as estendidas sobre o Jeito a seu lado. E de pé, os filhos, suspensos, esperavam. D. Duarte chorava como uma creança, D. Pedro comprimia os soluços que lhe subiam do peilo, D. Henrique mordia os beiços com fúria, contorcendo nervosamente as mãos. Em côro as aias gemiam. A um geslo da mãi, os infantes ajoelharam ; e então ella. erguendo-se, com um ar de morta, deu a D. Duarte uma espada, recommendando-lhe que fosse um justo rei ; a D. Pedro outra, exhortando-o á honra e cavallaria, em defeza das donas e donzellas ; a D. Henrique outra, lembrando-lhe o amor da fidalguia. E deitou a todos a sua benção.

Depois quiz que chamassem o pai ; e quando elle. perdido de dôr, entrava na camara, acenou-lhe, fel-o chegar-se automaticamente á cabeceira do leito e banhou-o n'um olhar de graça ineffavel. Voltando a vista para os filhos, sorria a todos celestialmente. Era quasi um prazer divino, essa dôr incomportável em que se achavam mergulhados. A infanta, no meio das aias, soluçava.

Então a rainha, tirando do seio um relicário de ouro, abriu-o, e lá de dentro extrahiu uma esquirola de madeira negra, religiosamente dobrada em sêda. Era um fragmento do santo lenho em que fôra crucificado Christo. Com as suas mãos còr de cera levou-o aos lábios ardentes de lebre e beijou-o; depois partiu-o em quatro, e ao marido e aos lilhos deu a cada qual o seu fragmento. Depois, recommendou a D. Duarte os irmãos pequenos, D. João e D. Fernando, que por causa da peste tinham sido levados para longe, e disse que queria deixar as suas terras á infanta D. Isabel. Depois fechou os olhos e ficou iinmovel. Estaria morta ?

Outra vez o rei fugiu do quarto, rugindo como um touro ferido ; e os filhos, assustados, obrigaram-no a relirar-se para Alhos-Vedros onde se metteu para não vêr a rainha morta-

— Morta ? ainda não. Entreabrindo os olhos, com uma voz sumida, ouvindo o assobiar do vento nas telhas do palacio, disse para os filhos :

— Que vento corre ?

— Aguião ; do norte.

— Bom seria para a vossa viagem. . . Eu esperava assistir á façanha . . .

— Vêl-a-heis.

-— Não . . . Sim . . . Lá do alto a verei ... A minha morte não vos estorvará a partida . . . N'uma semana, pela festa de Santiago . . .

Tinha as mãos postas, brancas de cera, a face ebúrnea de uma suavidade seraphica, e o olhar virado ao alto contemplando a Virgem que a estava chamando do céo. Havia um silencio divino.

Depois puxou a roupa sobre a garganta, mandou que viessem os clérigos, commungou, foi ungida, e quiz que lhe rezassem o officio dos mortos.

Expirou ao som do canto-chão dos padres. Morta, ondeavam-]he os lábios com um sorriso angelical. « Quem direitamente ha de viver, entra n'este mundo chorando, e sae d'elle rindo [1]. *

Essa mesma noite foi enterrada, e vestidos de luto os infantes partiram para o Restello : A Ceuta, á guerra ! A morte e Peste baptisavam funebremente a nossa primeira empreza épica. Tudo trajava burel, e os navios no rio, com os mastros nús, sem balsões nem estandartes, pareciam uma tapada de arvores desfolhadas pelo açoite duro de algum furacão medonho. Dir-se-hia que ao bando alegre das gaivotas da vespera tinham arrancado as azas. Até, para augmentar o pavor, sobre a gente envolvida em burel, ardendo em peste, se velou o sol durante duas horas de eclipse.

Homens de menos coragem tremeriam diante de tão funestos presagios ; mas a honra e a gloria da gente portugueza era

[1] Azurara, *Chron.* rii, 38 a 43.

a fé em si proprios e na missão de que Deus os encarregava, como a um segundo povo eleito.

Por isso, no conselho que os infantes reuniram ao regressarem de Odivellas, venceu afinal a opinião de que se devia ir, de que era necessário enxugar as lagrimas para que não enfraquecessem os corações : ir, e já, como a santa rainha, ao morrer, vaticinara. No seu fojo de Alhos-Vedros, D. João I, desfeito em dôr, abdicára. E o infante D. Henrique, mais cruel, mais terminante, mais implacavel, com a própria dôr e com a alheia, quiz que no dia seguinte largassem todos o luto, se vestissem de gala ; e mandou embandeirar a sua galé, e tocarem a pulmões cheios as trombetas de guerra. Onde estava a morte, onde ficava a peste ? Estalava de novo o ar com os toques dos clarins, a floresta dos mastros vestia-se outra vez de folhas, o bando das velas tornava a ter azas : renascia nos corações a dourada esperança, repellidas para longe a golpes de açoite as voltas negras da serpente do medo. E as gentes diziam que assim era, e que el-rei sempre teve este filho por mais homem que nenhum dos outros para feitos de armas [1].

El-rei voltou de Alhos-Vedros pelo rio. Toda a frota estava fundeada em frente de Santa Catharina. Eram duzentos e quarenta navios ao todo, vinte e sete galés triremas, trinta e dois biremos, sessenta e tres navios redondos de transporte e cento e vinte embarcações diversas [2]. Tinham a bordo cincoenta mil homens, dos quaes vinte mil soldados e trinta mil remeiros e marinheiros. Eram navios, era gente de toda a parte. Só uni rico cidadão inglez trouxera á sua parte cinco naus e muita chusma de frecheiros [3]. Embarcava o rei, com os tres infantes e o conde de Barcellos, mais o Condestavel : ia tudo. Ficava governando o reino, como regente, o Mestre de Aviz, Fernão Rodrigues de Siqueira.

[1] Azurara, *Chron.* 111.

[2] « Trium et sexaginta naviuin onerarium, septuni **et** viginta **triremium,** duarum et triginta biremium, et centum et viginti aliarum navium.» — Math-Pisano, *De bello Se/Jtensi. Ineil.* 1, 43.

[3] Azurara, *ibid.* xux.

Na quarta-íeira de manhã, 23 de junho, largaram os navios das amarrações, e foram descendo, rio abaixo, empavezados, de pannos abertos, cortando a agua com os golpes dos remos das galés e os ares com os braços abertos das vergas. O trombetear ensurdecia. Lisboa inteira despovoára-se, e pelos montes da margem erravam em grupos os moradores ; os muros da cidade, as praias, todos os altos, estavam coalhados de povo que levantava as mãos ao céo, pedindo a Deus a Victoria As mulheres choravam a falta dos maridos, os velhos a saudade dos filhos. E havia em Portugal inteiro, pois se pôde dizer que todo o seu sangue vivo embarcára, havia em todos a anciedade cruel de saber o destino d'essa primeira armada que partia á aventura.

Para onde vai ? Uns dizem que vai a Ceuta, outros que vai á Sicilia; o anno passado dizia-se que ia contra o duque de Hollanda. Onde irá? É também o que a historia pergunta u'este momento épico, em que principia a desenrolar-se a grande tragedia da nossa vida ultramarina ... E pouco a pouco, sem resposta, as velas se foram sumindo para lá da barra, perdendo-se no mar; pouco a pouco a noite descahiu impassível sobre esse dia decisivo. E essa noite passou-a Portugal sonhando na inquietação do desconhecido.

*

No sabbado 26 de julho a esquadra, passando em frente do cabo de S. Vicente, *mesurou* as velas em homenagem a certas relíquias que havia no antigo Promontorio Sacro. *Á* noite a frota inteira fundeava na bahia de Lagos. Durante os quatro dias que ahi se demoraram, domingo, segunda, terça e 1ª arta, publicou-se o verdadeiro destino da expedição ; inas de-

[1] « Cives qui remanserant atque plebei ad ciassem, pulcherrimum spectaculum videndam confluxere, pacis velis recedentem: quidam vero moenia civitatis quidam loca edita scanderunt: quidam ad littora concurrere et manus ad lum tendentes, a Deo pro suis vietoriam exposcebant, » — Matli. Pisano, *ibiil.*

pois de tantos mysterios, muita gente duvidava ainda que efectivamente fossem a Ceuta. Leu-se a bulia papal da Santa Cruzada.

No dia 30 partiram para Faro, subindo a costa do Algarve. Sobrevieram calmas que fizeram perder uma semana. Só na quarta-feira seguinte. 7 de agosto, se fizeram ao mar com vento oeste, e, avistando sobre a tarde o cabo de Espartel, viraram no mar para de noite entrarem no Estreito [1], indo surgir a Tarifa, onde communicaram com o governador que era porluguez ao serviço de Castella. De Tarifa navegaram para Algeciras, ainda pertencente ao mouro de Granada, sendo muito bem acolhidos. D'ahi foram sobre Ceuta, em frente, estando fixado o dia 12 para o assalto. Quando em Ceuta viram surgir os navios e aproximarem-se, receberam-nos com tiros. A galé almirante que estava mais á terra soffreu um certo damno. Fizeram um pequeno desembarque sem consequência maior do que uma escaramuça na praia.

Estavam fundeados a nascente da peninsula de Ceuta expostos aos tiros e ao vento : por isso, na quarta-feira seguinte, que eram 14, decidiu-se mudar para o lado opposto. Na sexta-feira, effectuada a manobra, fixou-se o desembarque para o dia seguinte ; sobreveio porém um levante rijo, e el-rei com as galés e navios pequenos tornou a Algeciras, ao passo que as naus, acalmando o vento, foram levadas na corrente para leste. Na confusão da ventania, quando as naus garravam e as amarras e cabos se cortavam nos recifes, de sorte que o risco de naufragio era imminente, os capitães insistiam com o Condestavel para que levasse ferro e partisse ; mas elle com palavras brandas e dôces dizia que não. Assim aguentaram duas noites e um dia, até que de Algeciras o rei o mandou chamar [2].

Que fazia D. João I em frente de Gibraltar ? Hesitava, ouvia o conselho. Discutia-se o plano de abandonar Ceuta, dando

[1] Quintella, *Annaes da mar. port. 1,* Cl.

[2] *Corou, do Condesl.* LXXIII.

assalto a Gibraltar que estava alli á mão Mas este incidente ioi providencial, porque o mouro de Ceuta, vendo a frota partir, julgou-se salvo e abandonou os preparativos de defeza. Todavia as opiniões contrarias ao ataque eram muitas, e deve concordar-se que havia presagios para assustar. Depois da morte da rainha, o assalto dos levantes : parecia que Deus era contra. Além d'isto a peste, trazida de Lisboa, grassava com 'uria na armada. Mas o rei, tragicamente, respondia que o coração o não deixava partir sem ter provado toda a sua força ; que preferia acabar alli, cumprindo o seu dever. Dos signaes e venturas não fizessem conla os homens bons, sempre que tivessem a certeza de andar direitamente -.

Perdera-se entretanto outra semana. Eram 20, uma terça-feira, e como a frota estava outra vez reunida, decidiu o rei (iue essa noite se passasse ao lado fronteiro, para na manhã seguinte se dar o assalto.

Assim se fez. Alta noite, no silencio palpitante do mar, a agua marulhava contra o costado dos navios reflectindo as luzes dos archotes que incendiavam a cidade, em terra, e essa outra cidade fluctuante, em cujas muralhas de madeira estes novos gregos iam também, n'uma segunda Salamina, investir com a multidão dos *barbaros*. Mouros ou persas, que importa?

[1] Azurara, *Chron.* m, 57.

- « E o muito victorioso e de grandes virtudes, El-rei meu Senhor e pa-(ire, cuja alma Deus haja, estando entre Gibraltar e Aljezira, em minha presença, de meus irmãos os infantes D. Pedro e D. Henrique e o conde de Barcellos e 'tos do seu conselho, sendo-lhe por muitas razões ditas por alguns d'elles contratos da nossa tenção, afirmado que não devia tornar sobre Ceuta de que se levantaria com grande fortuna (trabalho) por muitos signaes, venturas contrarias MUe houvera por morte da muito virtuosa rainha minha Senhora e mãe, e tempo contrario que não consentiu muitos dias que filhássemos o porto e grande peste-"ença (peste) que na frota era : elle disse que o coração lhe não consentiria de Partir até provar toda sua força e que mais queria morrer em o provar fazendo Seu dever que de tal guisa se partir ; pois dos signaes e venturas os bons homens "•'o hão de fazer conta, onde fossem certos que obram direitamente mais deviam continuar até mais não poderem e que não embargando todas as suas razões com Rraça do Senhor Deus entendia filhar a cidade.» *Leal Cons.* xiv.

A historia era a mesma : o choque violento da onda da Asia, quebrando-se contra a resistencia dos occidentaes. Essa maré que viera subindo desde os tempos de Dario e Xerxes, alastrára-se até á Hespanha com os arabes ; e n'este proprio momento, chamando-se turcos, ia engulindo pedaço a pedaço o velho império romano de Byzancio, até ao dia funesto, ainda para vir, mas já proximo, até ao . dia trágico da ruina final da cidade de Constantino. Começando por Ceuta a viagem gloriosa, Portugal iria também atacar o turco pelo seu flanco da índia e cravar-lhe no peito um punhal envenenado. Por isso o momento da tomada de Ceuta não é apenas decisivo para a nossa historia particular : é grave para a historia geral do mundo, porque marca o principio da éra das descobertas; gravíssimo para os fastos do duello europeu com o islamismo, porque ao mesmo tempo que este vencia no Oriente, ao mesmo tempo começava a ser vencido na Africa setentrional em que os gregos byzanlinos tinham sido submergidos pela inundação dos arabes...

Logo que a manhã começou a romper, principiaram a cortar a alvorada os silvos estridentes dos apitos. As guarnições a postos preparavam-se para o combate. Com os ferramentaes nos braços, de martello em punho para pregarem os arnezes, andavam uns. Outros atacavam os gibões, outros afiavam as adagas, outros espreguiçavam-se afugentando o somno, emquanto provavam as armas, tomando as fachas nas mãos, ou desembainhando e brandindo as espadas. O rumor surdo que vinha de terra, com a manhã, dizia andarem por lá na mesma faina. Todos mais ou menos previam a possibilidade do ser esse o seu ultimo dia, e examinando as rudes consciências confessavam os peccados aos frades que de cruz alçada iam pelas toldas dos navios distribuindo absolvições e bênçãos.

D. João I, ferido n'uma perna e coxeando um tanto, andava n'unia galeota pelo meio da armada, de cota de malha vestida, espada á cinta e na cabeça uma barreta, dando as ordens do combate: D. Henrique seria o primeiro a desembarcar: logo que o vissem em terra, acudissem a esse ponto. A manhã aclarára de todo já, o sol despontava no horisonte. E João Fogaça,

védor do conde de Barcellos, não podendo conter-se, lançou-se com um punhado de homens n'um batel e vogou para a praia. Foi o primeiro a desembarcar, com grande raiva de D. Henrique que logo se precipitou. As trombetas atroavam o ar, os gritos ensurdeciam, o desembarque era geral, a lucta estava travada [1].

O combate foi um momento. Ennovellaram-se na praia com a chusma dos mouros que em vão pretendiam embargar-lhes o passo ; e d'essa primeira parto da acção apenas ficou a memoria de um nubio 011 sudanez agigantado, nú e negro como um corvo, cujo aspecto selvagem, beiços espessos, dentes caninos, os olhos em sangue, assustavam os portuguezes. Combatia á pedrada [2], e Vasco Martins, d'Albergaria, varou-o com a lança depois d'elle lhe ter feito ir pelos ares a viseira. Mas, n'um 'mpeto, os atacantes arrojaram-se contra a porta da Almina, entrando por ella de roldão. Era o infante D. Henrique e a sua gente. A este tempo desembarcavam D. Duarte e o conde de Barcellos, D. Pedro e o Condestavel, e o proprio rei que vinha coxeando. Ceuta podia dizer-se tomada : só o Castello resistia ainda, mas foi logo abandonado. Quando os vencedores lá entraram, achararn-no vazio. O maior trabalho do dia consistiu eni chacinar mouros e saquear a cidade, vindo d'ahi o desprezo em que os nossos homens ficaram tendo esses inimigos, e a cruel desillusão que soffreram mais tarde, quando foi da tragedia de 'anger. Morreram ao todo oito christãos !

[1] Azurara, *Cliron.* LXVI a LXXI. — Id. *Conq. da Guiné,* v, onde diz: « E o Primeiro capitão real que filhou terra acerca dos muros de Ceuta foi este de que. "Screvo, e a sua bandeira quadrada a primeira que entrou pelas portas da cidade. »

[2] « Inter barbaros, quidam barbarus satis deformis fuisse traditur qui vi-'"bus & corporis magnitudine reliquos superabat crispos habens capillos, nigrum colorem, dentes admodum albos & magnos, labra grossa et ad mentum usque refuta, qui non ex Septa civitate oriundus, caeterum .'Etliiopibus similis videbatur, n<idusque incedebat neque preliando aliis armis nisi lapidibus utebatur, quos tanta vi contorquebat, quod stremum diei posset quem ipse unu ictu non prostr asset.» — M. Pisano, *De bello Septensi,* xux.

[3] Azurara, *Chron.* xci.

Durante a refrega, emquanto D. Henrique e os seus andavam pelo interior da cidade matando nos mouros, correu a voz e vieram dizer ao pai que estava morto. O rei, impassível, voltou : « É a sorte commum dos guerreiros. » E seguiu o seu caminho, sem mostrar alteração de gesto, nem a tristeza que n'aquella hora lhe apertou o coração [1]. Mas quando se encontrou com o filho, vivo, apertou-o a si n'um Ímpeto, e fazendo-o ajoelhar, logo alli o armou cavalleiro [2].

O saque da cidade foi estupendo. Ceuta precedeu Veneza, que precedeu Lisboa, no emporio do commercio das índias. As ruas pareciam uma feira. Os besteiros, aldeões broncos trazidos das montanhas de Traz-os-Montes e da Beira, ignoravam até o valor das coisas que destruíam, com a violência dura de serranos semi-barbaros. Sahiam das suas choças de colmo, ou das grutas de trogloditas, abertas no granito entre duas lages, e achavam-se vencedores e amos nos palacios de um luxo requintado, pisando os pavimentos de tijolos vidrados a cores, sob os tectos de pau de cedro apainelados, debruçando-se nos balcões de mármore arrendado, mirando-se no espelho polido do alabastro das bacias e tanques dos pateos ajardinados, rebolando-se como onagros nos colchões fôfos de pennas entre lençoes de linho, branco de neve e fino como seda. E quanto maior era o contraste e maior o espanto, maior também era a embriaguez furiosa. No seu prosaismo de genle barbara, só queriam avidamente ouro e prata. Cavavam nas casas, mettiam-se nos poços, furavam perseguiam, matavam, destruíam, com a sede de apanhar ouro. Despejavam as casas e os armazéns, estragando tudo. As ruas ficavam atulhadas de moveis e tapeçarias, cobertas de canella e pimenta dos saccos empilhados que a soldadesca ia despedaçando ás cutiladas, a vêr se tinham ouro ou prata, ou jóias, anneis, brincos, braceletes, gomis e alfaias, como tantas que se encontraram já e se arrancaram muitas vezes com as

[1] « . . . nulliim tristitiic signum, nullumque pristini vultus nuntiationeni ostendit, sed imperturbato constantique animo nuntiantibus dixit: Hic est fruc.tus qui militantibus accidere solet. » —- M. Pisano, *De bello Seplensi,* LV.

[2] - Azurara, *Chron.* LXXI a LXXXVIII.

próprias orelhas e com os dedos das desgraçadas. A cubiça podia mais do que a luxuria : queriam ouro, não queriam mulheres. IJm vago respeito de barbaros ainda ingénuos reprimia-os. E com a pimenta, com a canella, e com o arroz, formavam uma lama infecta o arrobe, o mel, o azeite, e as gorduras que escorriam pelas calçadas, das tulhas e dos cantaros gotlejando partidos [1],

A moirama fugira chorando, sumindo-se na espessura dos arvoredos dos arrabaldes da sua cidade perdida. E durante essa noite, em volta de Ceuta, havia 1111 coro de povo escondido, em ais e doridas perguntas pelas mães e pelos filhos Dir-se-hia que as moitas dos jardins e o arvoredo das hortas fallavain, que gemiam 11a tristeza da noite, e que eram lagrimas as folhas pendentes balouçadas pelo vento mansamente.

No dia seguinte, quarta-feira, a moirama appareceu em volta da cidade. Nas encostas da serra, apinhavam-se aos gru-Pos, namorando a sua dourada Ceuta com olhos que faziam dó, [e] cantando uns cantares de palavras desoladas. Talvez o canto lhes accendesse os ânimos, porque ainda houve algumas escaramuças sem consequência. Mas n'esse dia, Portugal trium-Phante sagrava a mesquita de Ceuta, entoando lá dentro um *Te-Deum* solenine, *mui contraponteado,* atroando 110 fim os ares o côro unisono de duzentas trombetas. 1). João 1 armara cavalleiros os seus tres filhos legítimos. E o conde de Rarcellos ?

Decidido o regresso, nomeou-se D. Pedro de Menezes fronteiro de Ceuta, que teve uma guarnição de tres mil homens. A despedida foi cruel. Os que ficavam consideravam-se perdidos entre o mar salgado e o mar obscuro de infiéis que se estendia Pela vastidão desconhecida do interior, como insulados no meio de duas ondas inimigas. Faziam testamentos, reconunendavam-se as esposas, aos filhos, aos parentes; e a sua desolação contrastava

[1] Azurara, *Chron.* LXXXVI, vil.

- *lbid.* LXXXVIII. V. também, do mesmo, a *Chron. do Conde D. Pedro, '"-ed.* 1, 248.

agudamente com a alegria dos que voltavam a casa, sãos e salvos, recheada a bolsa com o saque

Partiram no dia 2 de setembro. Tinham largado de Lisboa a 23 de Julho. Quarenta dias foi o que durou a campanha. Em Tavira, no regresso, o rei pela primeira vez creou duques em Portugal, titulo novo, sem precedentes. D. Pedro foi feito duque de Coimbra, com o senhorio d'essa cidade ; D. Henrique, duque de Vizeu, com o senhorio annexo da Covilhã [2]. E o conde de Barcellos ?

Comprehende-se o despeito e a inveja. Também elle era filho de D. João 1 ! E mais velho doze annos pelo menos. . . Foi talvez o conde de Barcellos a única pessoa que não voltou feliz de Ceuta.

D. Pedro de Menezes, feito conde de Vianna, ahi ficava como fronteiro, defendendo-a das ameaças incessantes dos mouros ; procurando, mas em vão, alargar a área dos domínios portuguezes, consolidai' o baluarte com o apoio de um territorio adjacente ; pois, isolada, Ceuta de pouco ou nada valia, desde que, em consequência da conquista, o commercio oriental, sua riqueza, emigrara. Mas Ceuta, no irrequieto pensamento do infante D. Henrique era apenas o primeiro elo de uma cadeia que havia de apertar e estrangular o império de Marrocos ; dando-nos, com a posse d^elle, o dominio em toda a Africa desconhecida, e, através dos seus desertos, em toda a índia maravilhosa, encoberta — as Índias do Preste Joham, as índias da pimenta e da canella, do ouro e das **pedrarias!**

Por isso o pai lhe confiara a direcção dos negocios d'Africa e não a largou até 1450, durante trinta e cinco annos[8]. Logo Ires annos depois da conquista, em 1418, correios de Africa chegaram com a noticia assustadora de que os reinos de Fez e de Granada, alliados, intentavam pôr cerco a Ceuta e varrer de lá os portuguezes. D. Pedro de Menezes pedia soceor-

[1] Azurara, *Chron. du Conde D. Pedro*, x, xi ; 242, li.

[2] Id., *Chron. de D. João 1,* LXXXVIII a c.

[8] Id., *Conq. da Guiné, v.*

ros. O momento era diffieil, porque o rei enfermava em Cintra, e receando-se uma invasão castelhana, os infantes guardavam as fronteiras : D. Pedro estava em Villa-Real de Traz-os-Montes, D. Henrique em Vizeu e o conde de Barcellos em Bragança. D. Duarte tinha a regencia dos negoeios administrativos. Immediatamente o rei chamou os filhos a Cintra, mandou apparelhar a armada, e expediu, emquanto o grosso das forças não ia, um soccorro de um milhar de homens que em tres dias chegaram a Ceuta. D. Henrique desde logo reclamou para si o ermmando da expedição, que seguiu em breve ; mas apesar d'isso, quando chegaram, já o assalto a Ceuta se dera, sendo felizmente repellido. Levantado o cerco, estava tudo em paz. Com o infante D. Henrique fôra seu irmão D. João, que era ainda um rapaz de dezoito annos e fazia a sua estreia d'armas. Por terra tinham ido para o Algarve D. Duarte e D. Pedro, colligindo tropas para preparar uma reserva em caso de necessidade que não houve. Havia de perder-se a occasião e o armamento ? perguntava D. Henrique. E na sua ancia de fazer o quer que fosse, dispunha-se a ir tomar Gibraltar, lembrando-se naturalmente das vesperas de Ceuta, quando o pai lhe ordenou lue regressasse ao reino sem dar largas á temeridade L

Ao chegarem a Lisboa as noticias aterradoras de Ceuta pedindo soccorros, já o santo Condestavel estava humildemente recolhido, corno um pobre para servir a Deus, no mosteiro de Santa Maria do Carmo, que á sua custa levantára, e de que hoje ainda o esqueleto das ogivas cariadas lembra á capital os velhos tempos de piedade e esperança no futuro um povo, na salvação e na gloria eterna. Felizes d'esses 1ue, saldada em paz a sua conta com o mundo, se demittiam d'elle preparando-se para uma vida phantastica, illuminada por 1odas as venturas da imaginação ! A ingenuidade do seu pensamento, casando-se com a força da vontade em efflorescencia l^ena, era sem duvida mais fértil do que a triste vantagem do conhecer a inanidade das coisas, que nos obriga a deixar

[1] Azurara, *Chron. do Conde J). Pedro*, I.XXII a LXXXI.

cahir inertes os braços n'um passivo esperar da morte aniquiladora. Só as illusões são fecundantes.

E quando o Condestavel, caduco e arrazado pelos annos, como hoje vemos o esqueleto do seu mosteiro, ouviu a patria gritar por soccorro, largou o côro em que psalmeava o latim monástico, e quiz também ir, uma vez ainda, mais uma vez . . . De samarra, vestido de frade, com as fartas barbas brancas pendentes sobre o peito, foi vêr a sua nau, e ordenar minuciosamente os preparativos que deviam fazer-se. Singular capitão ! Adorada imagem de um mundo que passava, deixando por fortuna uma geração condigna d'elle !

Convenceram-no a que não fosse; e elle voltou resignado ao mosteiro que era o seu lumulo, preencher o tempo, pouco tempo, de preparação para a morte. Serviu a Deus oito annos depois de ter servido o reino cincoenta. la juntar-se no céo, ia ficar na memoria de um povo, ao lado de D. Philippa, outra santa já fallecida. O rei não podia durar muito. A geração dos paes finava-se, deixando livre o campo aos successores.

Oliveira Martins.

[1] *Coron. do Condes!,* I.XXIX.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp% 9 10 11 12 13 14 15

PASTORAL

As cabras e as ovelhas, iam a meia encosta, todas n'um carreiro, como formigas. Tinha sido longa a noite d'abstinencia no curral e pelo caminho, ás furtadellas, aboccavam as hervagens avulsas, ruminando-as sofregamente. O Rabicho, sempre adiante, como explorador. Vivo e esperto, n'um relance conheceu a •mpaciencia da Tônia, por não andar mais depressa. « Lá p'ra riba, cão 1 » — gritára-lhe a pastora, e logo elle subiu a uni penedo, deixando passar todo o rebanho, que depois impelliu para diante, com duas boas torquezadas de seus dentes. Os animaes correram á porfia, vencendo-se uns aos outros. A rapariga ficou distanciada, a fiar a sua lã, cuja tarefa, para um dia, levava na abada junta com o presigo. E para não auctorisar novas investidas do rafeiro berregou-lhe de novo: «Tó, dianhol Tens muito dente !...>>

N'esse dia, encaminhava-se ella para o Guidon. Perto do 'á, na bouça de João-Paz, deixára escondida a tigela das sopas de leite. No caminho encontraria o Chico, pastor seu amado, e ambos juntos e unidos iriam espreguiçar-se por baixo das fragas ou no interior dos frescos giestaes. O Guidon, quando o maio éf soalheiro e formoso, tem as melhores pastagens dos arredores. O tojo, nos sitios onde se fez queimada, borbulha, tenro e verde, como herva nos lameiros. Os gomos d'urze

parecem niicroscopicos j)ampanos. O rosmaninho, o trevo, o rico e nutriente feno desabrocham em aromas e enfeitam a serra. Leite filho d'eslas plantas silvestres, delicadas e cheirosas, é mais gostoso e substancial. Por isso, ao pasto das terras baixas e frias, que não sobeja da boiada, n'esta época de lavradas, é preferido o dos píncaros, alegres e soberbos. Coisas da bruta experiencia, que os séculos tem garantido.

Chegado o rebanho ao sitio onde na vespera o lobo roubara uni tímido cordeiro, a ovelha-mãe, na expressão de saudade, balou dolorosamente. Ao longe respondeu-lhe, uma voz tremula como se fôra um eclio. A pastora logo correu ao alto para alcançar mais com a vista. Imaginára estar pValli aquelle a quem se votára. Ia ser um dia festival, ao encontrarem-se na suprema mudez da serra, protegidos do calor á sombra dos piornos, contemplando-se n'um vago absoluto. Em taes momentos accelera-se a imaginação; os ouvidos inattentos ensurdecem ; a mente fica-se n'um pasmo ; o mundo figura-se um lago tranquillo e morto; o azul do céo, onde se perde a vista, é d'um ferrete insondável; o coração bate forte e rápido, como um bom potro, galopando solto na campina ! . . .

Porém, o que veria a Tônia de suspeito e desagradavel ?! A expressão do seu rosto suave e louco, carregou-se de sombras; o gesto foi de arremesso e contrariedade; os olhos faiscaram de súbita cólera ! . . .

Ah ! . . . Em vez do Chico, appareceu-lhe o outro, o Russo, um grande e forte, de cabellos vermelhos e physionomia diabólica. Coruscava-lhe a vista inquieta, pequeninas sardas picavam-lhe a pelle, a cabeça era uma tormenta de fogo !

Quão differente o seu namorado, rapaz franzino, d'aspeclo juvenil, rosto comprido á nazareno, cabellos negros e mal cuidados, formando sobre a fronte um revolto tufo d'anneis. D'aquelle todo sahia a expressão que a enlevava; do aspecto desdenhoso ou indifferente a superioridade com que a submet-

Lera ; das palavras simples, a musica dos seus ouvidos e da sua alma inteira. Como era bcllo e encantador de costas sobre os penedos, a contemplar o céo ri'um sonho de poeta ! Como era amoroso e vago, quando tocava na flauta, coisas que não aprendera com viv'alma!

o Russo decerto lhe queria com mais gana, com mais aquella, bem lá do fundo. Ao enxergal-a, desabrochando com a aurora no alto do monte, como súbita e incomparável flôr, todo se alvoroçou. Nos olhos e em Lodo o rosto mostrou um pasmo tonto, um riso sem valor, como aconteceria ao cego, cuja retina morta sentisse inesperadamente a gloriosa illuminação do sol. Correu para a abraçar no primeiro impulso; mas logo estacou conLemplando-a a dislancia. Ella, no alto onde se quedara, de roca á cinta, o lenço claro apanhando-lhe os cabellos, o recorte da sua figura desenhando-se no ar, era a pasLora das lendas, calma e prophetica. O Russo percebendo o animo hos-

com que a Tônia o recebia, accendeu-se-lhe a alma em raiva e ciúme :

— Querias ir só com o outro ? Não, que não ! . . .

— Bem se me dá — reLorquiu desdenhosa. Tempo perdido, Heu rico 1

— Que lh'achas tu ? Um lesma, um gomitado. Cá, sou um home. Elle . . .

A Tônia esperlou-se :

— Mal comparado ! Tu és um diabo, um porco bravo. Estafermo ! Elle é lindo, como um anjo do céo !

A fúria do Russo cresceu :

— Sou capaz de o esborrachar na unha, como um piolho, demonios me nunca levem !

1inha lagrimas de raiva, ao pronunciar a jura. Era paixão antiga e abrazadora. Desde os quinze annos, ainda aquelle corPº de rapariga era como um castanheiro novo, já elle a via constantemente na transparência dos luares outonaes. As molles graníticas, penduradas eternamente dos píncaros, e resequidas Pelo sol d'um infindável agosto, não teriam mais firmeza, nem mais calor do que elle. O ciúme era no seu corpo um moer

lento e oeeulto, tal o fogo que mina a urze escondida na terra, para a transformar em carvão. Condemnado por aquella repulsa constante, sentia-se desprezível e desejava morte, em que soffresse muito. Comtudo não podia despegar a própria vida d'aquelle sonho malaventurado. Em presença da Tônia, a natureza ruiva e colérica, aloirava-se-lhe n'uns cambiantes meigos e suaves. O mais tenro anho das suas ovelhas, não tinha para quem o aleitava, tanto carinho e agradecimento, como elle mostrava aquella rapariga, n'uma submissão de coisa bruta. Conitanto que o amasse, se a sua vontade d'ella fôra vêl-o apodrecer no fundo d'uma córga, para ser alimento das aguias e corvos, ir-se-hia lá deitar voluntariamente e nunca mais comeria I A preferencia pelo outro é que o humilhava, na sua consciência de homem forte' e magnifico. Quedava-se a scismar de noite no que teria de superior, esse engelhado, tão magro e pequeno como uma lavandisca. O corpo não, que o seu era grande como uma torre e devia inspirar sentimento de força. A paixão que lhe refervia lá dentro, longe de ser mollanqueirona, mostrava-se soberba e feroz, tal a das lobas a defenderem os filhos. Aquella rapariga airosa, divina imagem de qualquer santa, voz musical como a dos passaros, tranquillo olhar como o da lua, dominava-o com a sua nervosa malquerença. Até ahi, nada a pudera abrandar : nem lagrimas soluçadas de bruços sobre os penedos ; nem supplicas mais ferventes do que orações ; nem juras e promessas inabalaveis como o céo. Diante das vontades e caprichos da pastora, era humilde e cego. Quantas vezes lhe ficára com a rez, para a deixar correr monte, talvez á procura do outro? ! Quantas vezes lh'a fòra buscar ao curral e lh'a apascentára durante dias, para que ella fosse ás romarias, com os ranchos que passavam ? ! Até sacrificava o seu rebanho, pois dirigia o da Tônia para as melhores pastagens. Se tinha leite novo, logo lh'o offerecia como um presente ; se encontrava torlulhos assava-lh'os e ella comia-os : para que não bebesse agua dos ribeiros, onde ha porcarias e animaes mortos, ia-lh'a buscar longe trazendo-a na sua tigela, escrupulosamente lavada, como para uma rainha. Quando a

Tônia aceitava de boa cara estes serviços, já o Busso se entendia muito bem pago. As recusas ou o mau modo, é que eram fundos golpes no seu vasto coração.

Vivia uma vida torva e de sobresaltos contínuos. Passavam-lhe incêndios diante dos olhos e a sua imaginação ficava a trabalhar em desassocego. A fatídica *Pedra-suspensa* (essa antiga ameaça !) parecia-lhe, ás vezes, que se ia desprender lá do alto, rolar pelos montes e destruir o mundo inteiro ! Oh ! visão amedrontadora de todas as existencias ! . . . Só para a afastar, quantas vezes consentiu o Chico deitado ao lado da Tônia ! A moça fiava a lã da tarefa, cantava e ouvia-o enlevada. O magricellas, o ninguém, de papo para o ar, não se importava da rez. E elle, o desprezado é que fazia o serviço de todos, guiando caridosamente as cabras e as ovelhas para a sombra das ramadas nos grandes calores, e á bebida antes de as recolher. Viviam assim pelos montes, perdidos entre tojaes e piornos, dormindo no verão debaixo das lapas e dos azevinhos. Havendo satisfação reciproca, também gostava de ouvir o tocador de flauta, que sabia muitas modas tiradas da sua cabeça. Era feliz nos momentos eni que morava longe o ciúme, isso a que não sabendo dar o nome, lhe queimava o peito, como tição ardente. Esquecia o desamor da Tônia n'essas horas gastas em somno tranquillo. A vida era visão suspensa dos ramos dos carvalhos, ou fluctuava brandamente como as folhas outonaes ao sabor d'um murmuro vento. Não havia quesdias, só desejo de felicidade, socego e gozo, em ventura calypsiaca. Raramente, porém, se passavam dias assim completos...

II

•lá tinham caminhado meia hora, n'um silencio reservado, quando chegaram ao ponto d'onde se descobria a Pedra-suspensa. Era o objecto de lenda mais famosa e conhecida nas Povoações em redor. Visto de certo lado, aquelle granito, não

se lhe encontrava o ponto de repouso, na lage subjacente. Parecia um destaque de nuvem, no céo azul. Contavam, sempre em voz de medo, que logo no principio dos séculos, um mau génio e feio gigante, alli a depositára, como eterna ameaça a peccadores ; porque a sua queda assignalaria o começo do fim do mundo. A instabilidade da Pedra-suspensa, tão reconhecida era, que ninguém duvidava de que uma creança de cinco annos a podesse derrubar. Grande milagre, não a terem o vento e os trovões arremessado já pelos espaços fóra. O respeito que esse granito infundia, era o d'um idolo vingador, ameaçando, dia e noite, as aldeias e o mundo ! . . . Todos os dez annos se formava grande procissão de penitencia, com gente que partia de sitios mui distantes e alli se reunia afim de implorar misericórdia. Recebida da tradição essa pratica, executavam-n'a com fé. Os homens ciliciavam as carnes, as mulheres erguiam clamores, as crianças berravam d'amedrontadas, os bacamartes de bocca de sino troavam pelos caminhos e por entre os penedos . . . tudo para distanciar o instante do castigo ! . . .

Depois das preces, ficariam acalmadas as justas cóleras divinas ? Ninguém o assegurava. A intangível crença em que a famosa pedra cahiria, para assignalar enormes desgraças, conservava-se viva e forte. Poucos tinham animo para a encarar tranquillos e serenos. Ninguém ousava aproximar-se-lhe, muito menos locar-lhe, com medo da responsabilidade n'um cataclysmo. Seria provocar inconsideradamente as cóleras do céo. Um penedo que, bastava o roçar d'uma corça para o fazer cahir ! Pairava assim no ar, suspensa como uma aguia, por determinação da vontade divina. A não ser isto já as bategas da chuva, o impulso dos vendavaes, o degelo das neves a teriam arrastado. Pois não era um verdadeiro milagre? ! . . .

A idéa de a escorar, diminuindo-se as probabilidades da catastrophe, fòra sempre repellida. Significaria desconfiança no alto poder que alli a conservava. Melhor é deixar o destino trabalhar por si. Está lá em cima, quem tudo regula. O que tem de ser faz muita força . . . Pensavam d'este modo em palavras ; mas no fundo, n'esse intimo sentir que até parece es-

conder-se á Providencia, se elles pudessem calçar a pedra para não cahir ! . . . Contra as imprudências brutas dos gados já se tinham prevenido, as gentes supersticiosas, sebando-a em volta com ramos e tojos. Porém as aguias, que vinham de longe, no seu vôo arqueado e solemne alli poisar ? E os lobos famintos, que preferiam aquelle sitio para comer as suas presas? Só milagre e grande milagre é que a sustinha n'aquella direitura. Acreditavam-no camponezes e serranos, todos os que se desbarretavam e persignavam murmurando qualquer reza, mal il viam. Foi assim que procedeu a Tônia e o Russo. Ambos quedos, ella com o fuso parado, elle com o barrete na mão ciciaram orações. Mas o pastor, logo depois a ameaçou apontando :

— Vêl-a? Ha de cahir. O mundo acaba-se e nem p'ra mim, nem p'r'ó outro.

— A Senhora da Peneda, não ha de deixar — disse confiada.

— Sou eu que a empurro. Verás.

— Cala-te, hereje, que fabro a cabeça.

Irada, com os olhos em chamma, arremetteu-lhe com um Pedregulho. Havia ancia de raiva dentro do seu peito soberbo. O Russo não lhe pôde supportar a visla de cólera e desprezo. Curvou a fronte, os olhos marejaram-se-lhe. O seu destino era peor que o dos condemnados do inferno.

— Perdoa, não olhes assim ! Tu é que me fazes dizer todos estes peccados.

— Tenho culpa de não teres temor de Deus ? Estas na caldeira de Pedro-Botelho, vestido e calçado ! lí é bem feito ! — acrescentou vingativa.

O cabreiro queria humildar-se até ao rasteiro das cobras e lagartos, só para lhe merecer uma sombra de perdão. Affligia-o mortalmente a idéa de que mais uma vez desagradára á Tônia. Como, logo adiante a rapariga vendo umas cabras se principiou a affirmar, para descobrir o Chico, foi elle que disse :

— Está acolá, em cima do penedo . . .

— Assobia-lhe para vir pVáqui.

— Beni nos vê, se quizer.

Mas obedeceu, assobiou com os dedos na bocca. O outro não se importava, apenas mexeu a cabeça conservando-se na mesma posição.

— Vae lá, que vamos para o Guidon, — disse-lhe a moça.

Foi, humildemente como um podengo. Sentiu gozo em ser mandado ; mas de raiva torcia nas mãos a grossa carapuça. Distante, a occultas para esconder a sua fraqueza, limpou duas lagrimas ao canhão da vestia. O outro não queria ir para o Guidon, eslava alli muito bem. O Russo pediu-lhe que obedecesse, para a Tônia se não zangar mais.

— Ora . . . ! se 'stou regalado ! —respondeu o pastor. Vai tu mais ella.

— Vem, moço — exorou o cabreiro. Olha que ella lioje, sempre te está ! Anda, levo-le a rez.

Consentiu o Chico em deixar ir o rebanho ; mas elle ficou. A Tônia não se teve. Foi pressurosa tiral-o d'aquelle adormecimento. Com ligeiro sorriso de meiguice, pediu ao Russo :

—- O aquelle. Junta-me tamem as minhas, que eu vou trazel-o.

111

E lá foi, doida, feliz, correndo de pedra em pedra. O Russo, assobiou ao Rabicho, reuniu todo o gado e partiu . . . Chorava lagrimas como punhos, e voltava-se para vêr de relance a Tônia, que chamava o Chico, com acenos e gritos. Bem se importava o preguiçoso com aquelle louco amor da rapariga ! . . •

— Eh ! moço ! vem-te d'ahi pVó Guidon.

Elle respondeu-lhe :

— Eh ! que 'stou 'qui mui bem.

Tirou do seio a flauta e sentando-se no penedo, principiou a tocar. O sol illuminava-o de frente, praleando-lhe os cabellos negros. O destaque da sua figura magra e enfezada sobre o

escuro penedo, fazia-se como o d'uma miniatura em fundo esmaltado. A Tônia chamou-o :

— Já lá vão as tuas cabras, maluco.

Não se importava, encolheu os hombros. A musica absor-via-o completamente, era o seu destino. A pastora dominada, Por esse respeito instinctivo e sagrado, que se deve ás coisas elevadas, parou a distancia, para o não interromper. O Russo, lue já ia longe, também subiu a uma rocha com o fim de ouvir melhor. Escutava triste e absorvido. O seu grande corpo, esbatendo-sfe no verde-escuro do monte, ainda ensombrado n'aquella Parte, percebia-se mal, como as figuras dos baixos-relevos, e tinha a mesma immobilidade captiva. Era moda triste a que o rapaz tocava. Finda ella a Tônia aproximou-se quasi respeitosa. Para subir ao penedo, onde estava o tocador e arrancal-o teve difficuldades. A pedra era lisa e as tacholas dos socos estavam gastas. Mas agarrou-se a um ramo de carvalho, inchnou-se para diante ... Os magníficos e potentes quadris arciuearam-se n'uma curva de mulher completa e fecunda, creada nos caminhos pedregosos. O Chico, vendo-a no empenho de subir, largou a flauta, tomou-a pelos braços roliços, attrahiu-a Para o seu corpo e por momentos ambos ficaram unidos!... O "usso presenciava de longe tudo isto. Sahiu-lhe do peito um sentimento de cólera e ciúme que fez estremecer as montanhas. Õs seus olhos, vermelhos de desespero, viram uma successão de calamidades sem fim, como descreviam os missionários, para o dia de juizo. A Pedra-suspensa oscillára, já cahia pelos fortes declives d'um mundo em ruinas. Ennegrecera subitamente o ioo azul, reuniram-se n'um instante nuvens prenhes de tempestades, os trovões abriram as medonhas gargantas, as pupillas dos raios coriscaram, as trombetas apocalypticas enchiam de Pavor os reconcavos da terra, onde se escondiam desgraçados. 'udo se ia acabar para todos! ... O seu corpo miserável, junto 'lo de outros condemnados, rolava pelos abysmos. A grita dos bomens era pavorosa, formando um unisono infernal.

Isto o que viu e ouviu n'um instante aquella imaginação turbulenta. Mas o Chico e a Tônia já tinham descido do pene-

do. Elles lá vinham a caminhar, amorosamente unidos, ella apoiando-se-lhe no hombro. Riam e folgavam, como um casal de pintasilgos em março, resumindo em si todas as felicidades terrenas. Ella offereceu-lhe do seu presigo uma racha de bacalhau, que o rapaz acceitou para oflerecer ao outro, que era muito pobre, não tendo mesmo, ás vezes, a brôa sufficiente. Logo que se juntaram deu-lh'a.

— Toma — disse.

— Não tenho fome — rejeitou.

— É a Tônia que t'a dá.

Arrancou-lh'a da mão. Estrancinhou-a raivosamente com os dentes, como faria á carne d'aquelles corpos felizes, se os pudesse trincar. E seguiu com os rebanhos, separado dos dois. O semblante sombrio e transtornado, impressionaria, quem lh'o encarasse. Os olhos gazeos, expelliam chispas metallicas e tinham escurecido de cólera. Os beiços tremiam-lhe como signal da sua loucura. A pastora no momento em que se juntaram escarneceu :

— Que feia carranca . . . Santo Nome ! . . .

O cabreiro voltou-se rapidamente para a aniquilar, com lodo o poder da sua força extraordinaria. Porém ao ,vêr aquelle rosto sereno e risonho, só disse :

— Hoje ha de ser fallado ! . . .

N'um relance pensou na famosa Pedra, symbolo de desventuras. Sahia-lhe do semblante uma expressão feroz, no craneo aninhou-se-lhe a idéa d'um aniquilamento geral.

Mas a rapariga é que não estava de geito para o aturar. Conhecia-lhe a maluqueira de bode raivoso e ciumento. Tinha meio de o curar, sem pau nem pedra : era deixal-o ir só. Um porco bravo assim, um bruto cujo aspecto causava medo, não servia para viver entre christãos. Fosse lá pYós lobos, que eram seus iguaes.

Quão differente o outro, o seu querido ! Timido e meigí' como o cabrito d'um mez, assobiava e cantava, modas mais bonitas que as dos melros e rouxinoes das mattas. Viver a vida com elle pelos montes, era o mesmo que passar os dias n'uin

ceo. Contava tantas coisas, que não aprendera ! As modas da sua invenção produziam-lhe uma tristeza branda e carinhosa. Descobria nas estrellas sitios de felicidade e apontava-os, convidando-a a voarem para lá. Podiam-se comparar os dois ? . . . O R nsso era escambroeiro áspero que rasgava as carnes ; o Chico, ramo de giesta, bello, cheiroso, flexível. Por isso ella despediu o rude cabreiro, retorquindo-lhe á ameaça :

— Elle é isso ? ! Pois vae-te sósinho com Deus. Nós levamos hoje o gado pVá Ralada.

Chamaram o Rabicho e trataram de separar as suas cabras e ovelhas. O Russo sob o castigo tremendo, sentia-se submisso, em todo o seu corpo. Pedia perdão, não dissera nada mau ! . . . Se alguma palavra feia, se alguma ameaça ou jura a sua bocca cuspira, estava arrependido. Fossem com elle que tomaria conta dos rebanhos todo o dia. A comida para alli era a melhor dos sitios. Encontrava-se tojo, como bicas de manteiga. A herva, apenas nascida, era a única do appetite do gado. Havia agua corrente para os animaes e até uma fonte para a gente. Aquelle grande corpo, espadaúdo e alto, fazia-se pequeno. Uma criança mostraria mais imponência. As lagrimas cahiani-lhe em cachos e lodo elle era uma supplica, de curvado e abatido.

A Tônia foi cruel e inflexível. Abandonou-o, desprezou-o como um trapo. Disse que os não acompanhasse para a Ralada, que isso os obrigaria a mudar. Fez-se imperiosa. O seu corPo d'ave, esbelto e franzino, teve colleamentos de panthera. O "osto de santa transformou-se pela cólera. A chamma do olhar e os cabellos mal juntos davam-lhe o aspecto d'uina leôa. O cabreiro tremia de medo, a cabeça sobre o peito, os braços pendentes. Separaram-se. Os dois lá foram, acintosamente abraçados. O Russo, desmoronada toda a sua existenc.ia, di-"•giu-se em passo' tropego, adiante do gado, para o destino.

IV

Chorou longamente o seu infortúnio, pVálli, a cara junto á terra. Do fundo mysterioso vinham-lhe palavras infernaes, que o aconselhavam a ser feroz e deshumano. Ergueu-se tendo o coração empedernido. Os seus olhos enxutos, viram nitidamente ao longe, a Tônia e o Chico enlaçados, patenteando ás aves o seu amor. Era uma visão graciosa, que sahia de entre as lavaredas da collina em fogo ! Á sombra da fraga, sobre a qual estava a Pedra-suspensa, os loucos, tinham-se ido deitar. Elle tocava flauta, ella contemplava-o, com o fio da roca parado. Justiceira a mão, que para lá os guiou! — disse na sua rude mente, o cabreiro.

Desencadearam-se-lhe diante da mente sanguínea, todas as tempestades dos séculos sem fim. Só a Grande Dôr, poderia burilar n'aquelle rude cerebro, taes florescencias tenebrosas. O seu corpo levantou-se n'um desespero formidável. Um violento frémito rugia no interior da montanha, chegando até ás nuvens. Era o echo do seu peito, a soluçar pelos reconcavos da Terra e do Céo !

Ia tombar a Pedra-suspensa — resolveu.

Os seus cabellos ruivos, atravessados pelo sol, faiscavam. Idéas de impiedade e vingança, como lh'as ensinára a religião e o ciúme, fixaram-se-lhe na fronte d'um modo definitivo. A ventura e a bondade, não cabiam na sua alma. Em volta tudo escuridão e rancor. Nem a saudade da serra que estava a florir, nem a convivência amorável do gado, nem o abandono da mãe cega e pobríssima o detinham. Não via os *outros* abraçados n'um gozo sem limites ? Palpitando d'amor á face do sol, pensavam acaso nas ovelhas ? Que viesse o lobo e elles não seriam capazes de o perceber ! . . . Aquelle embebecimento reciproco, era um pecado mortal, e nem o temor do inferno os

separava ! O aniquilamento, a morte rapida era o que mereciam ! Clamava do céo vingança, unia tal falta de vergonha.

Por isso ia elle empurrar a Pedra-suspensa!

Doido, perdido, correu como um cabrão, de penedo em penedo. N'aquelle peito arquejante eseondiam-se sentimentos de ^gre. Já era um demonio ; porém o instincto e o desespero tornaram-no sagaz. Para ser mais ligeiro e imperceptível, abandonou os tamancos no caminho. Uma força de vendaval, levava-o Pelo ar. Podiam merecer-Ihe piedade a desgraça do mundo e a eterna condemnação de lodos os homens '.'! Algum vivente mostrara por elle sympathia. ou pensara em lhe prodigalisar carinhos ? ! O seu odio absoluto, não distinguia.

Já em cima dos penhascos, ao lado do rude instrumento de Vingança, olhou em volta. Um leve impulso de sua vontade hastava a guiar-lhe a mão justiceira. Conheceu a verdade da lenda : — simples bafo de gente moveria aquelle penedo tamanho como elle ! Um reslo d'esperança obrigou-o a reflectir, ^eilou-se de bruços, arrastou-se para diante. . . A cabelleira fule farta como uma juba, excedendo o rebordo da lage, aPpareceu no espaço. Desvairaram-se-lhe subitamente os olhos: ~ viu com Iodas as minudencias irrefutáveis, aquelle terno idyllio» que resumia toda a sua desventura. O Chico tinha a cabeça no regaço da pastora. Ella dava-lhe de beber agua fresca pela sua tigela de barro vermelho. Era o quadro da Samaritana, dessedentando o (ranquillo nazareno, junto do poço biblico, na Mellia Palestina. O roslo pallido do rapaz, emmoldurado em cabellos pretos, tinha a sonhadora expressão de Jesus. Embebidos um no outro, prolongavam a existencia, na intensidade do sentir ! . . .

Porém elle lambem era homem, tinha direito á felicidade como todo o sêr vivente. Se a Tônia lho não havia de pertenc'er, melhor era acabar com a própria vida, que lhe não pres-'ava ! Havia de elle aniquilar-se, e os outros haviam de ficar n aquellas serras queridas ? Não lh'o aceitava a sua mente Perturbada!

Os míseros estavam mesmo por baixo da Pedra-suspensa ! A vingança n'aquelle cerebro, tomou fórma exacta e real, sem poeira de lendas. Podia esmagal-os, como dois sapos nojentos ! . . . D'esta maneira, acabariam n'um instante duas vidas incompatíveis com a sua existencia feliz. A morte para todos tres era uma solução de suprema tranquillidade. A fé supersticiosa das montanhas tinha-o abandonado; o pobre ficara só, recolhido na sua dôr infinita !

Mesmo de bruços, principiou a recuar. O seu olho calculador e vingativo vira, que impellido o penedo, os dois morreriam, estreitamente unidos, sem tempo para um ai! Havia de ser fulminante, como raio de cólera divina! Poz-se em pé, sobre a lapa, a parallelo do instrumento fatidico. Veio de novo a visão sanguínea! O panorama em frente appareceu-lhe envolvido em linguas de chammas! Era o primeiro signal do tremendo castigo, ha séculos esperado! Um impulso de cyclone dominava-lhe a vontade. Decerto era Deus que assim o mandava castigar dois peccadores.

Com a força nervosa e a serenidade d'um illuminado, applicou ao granito o largo e potente dorso. Demorou-se ainda alguns instantes ! . . . Seria indecisão ? . . . Era o gozo de ouvir estranhas vozes de coragem e applauso, bramindo-lhe dentro do craneo ! Em volta, já começava claramente, o desmoronamento do mundo! E o impávido cabreiro, soltando um ronco selvagem — medonho grito de fera ! — tombou a Pedra-maldita !

V

Não se descollaram do ultimo beijo os dois ternos amantes. A altura era enorme. No espaço produziu-se um som abafado e largo, que foi de quebrada em quebrada, pulsando até ao coração da Terra ! O Russo, conservou-se em cima da lage, firme, contemplativo, como o Stylita. Parecia tomado d'assom-

hro! Os seus olhos de ébrio, viram pasmados, a carne e o sangue atirados para o céo! Aquilio teria sido malvadez?!... Arrependeu-se de súbito, ou quiz envolver-se no aniquilamento geral ?! . . . Não poderia sobreviver a tamanho crime, ou eram °s demonios que o reclamavam, como sua presa ? ! . . .

Aproximou-se resoluto da borda da fraga! Em baixo o mundo cambaleante e confuso, era um grande incêndio, surgindo de trevas absolutas. Diabólicas figuras, cruzavam os abvsmos, á procura de victimas e sinistros. Gritos infernaes, sabiam das boccas escancaradas dos píncaros, como jactos de lava! Olhos vermelhos de demonios fixavam-no ironicos e cubiçosos! Abriu os braços n'um gesto de supplica e perdão, atirou-se ao espaço como um abutre de amplas azas e o seu grande corpo, "olando pelo ar, parecia vir da eternidade, na primitiva condemnação! Sobre a molle granítica impellida pelo seu desespero, esmagaram-se-lhe as carnes e os ossos! O sangue espirrou, tingindo de vermelho a relva circumdante. Era tudo quanto restava, d'uma paixão desesperada e selvagem!

A manhã de primavera, tranquilla e sumptuosa de luz, alegrava montes e campinas. Enfeitavam as encostas, o codeço e o tojo, rebentados d'entre as penhas, cuja negrura avivavam d'amarello. As myriades de flores dos urzaes, formavam tufos d'aljofares e d'amethystas nas aridas córgas. O feto novo °ra como uma extensão de relva, pelo seu verde claro. O modesto trevo e o alegre malmequer, salpicavam a terra. Gottas d'orvalho como lagrimas, rebrilhavam penduradas das flores da giesta. As mattas silenciosas iam acordando com o gorgeio dos passaros. Nos fundos abysmos das montanhas, formavam lagos os pardacentos nevoeiros. Passado o primeiro momento de susto, os rebanhos continuaram a retouçar nas hervas, diante da gloria do sol deslumbrante. As aguias pairavam mages-'°sas, ao longe, sobre os mais altos cumes. Toda a natureza Palpitava e se engrandecia, sob a acção impulsiva do calor.

Nas serras, nas brandas, nos ribeiros, nos cabeços, nos valles . . . uma tranquillidade pathetica de vida natural. Sobre os telhados das aldeias levantavam-se os fumos domésticos, brandamente como os fumos do incenso sobre os altares. Em volta a muda altivez da soberba e impassível montanha ! . . .

Só uma voz lamentosa se ouvia 11a socegada amplidão : era a do rafeiro, o amoravel Rabicho, que em redor da Pedra, chorava a pobre Tônia.

E chorava a cortar a alma, como se fôra um christão, ganindo, uivando, aos saltos em volta dos cadaveres ! . . . Amoravel rafeiro, pobre Tônia, desgraçados amantes ! . . . Ah ! . . .

Lisboa — Novembro de 1888.

Bento Moreno.

ro I RA DAS EM PORTUGAL [1]

111

TEMPOS DE 1). JOÃO V

Dividia-se a côrte em dois partidos. Um, presidido pelo conde de Vimioso, queria o recato, o silencio, a separação dos sexos nos salões régios. Outro, á testa do qual se achava o conde da Ericeira, desejava os costumes alegres e fáceis, aborrecia a severidade, estimava os jogos, danças e conversas, deleitava-se nas praticas galantes e nos banquetes animados, em que eram abundantes as vitualhas da variada cozinha portugueza n'aquella época, e adorava o theat-ro-aeademia do bairro alto para onde se dirigia em liteiras armorejadas a ouvir a Petronilla, por quem el-rei tivera um capricho passageiro, e a Provocante Gamarra. Pertenciam por certo a esta facção o duque de Cadaval, os marquezes de Cascaes e Marialva, os condes de Aveiras e Óbidos, cujas aventuras ficaram celebres por essa Lisboa, o conde de S. Lourenço e o visconde de Villa Nova da Cerveira. Não era porém, como se tem dito, um bando de arruaceiros, valentões ociosos e ignorantes. Batiam-se no

[1] Continuado da pag. 121, numero do 1." de julho.

Alemtejo com os hespanhoes, discutiam nas academias problemas da historia nacional, representavam Portugal nas embaixadas e congressos, e partiam para os arriscados postos nos governos ultramarinos.

Nos primeiros annos que seguiram o casamento d'el-rei, a côrte foi alegre. Succediam-se as festas no paço ; todos os dias havia jantar publico, á noite saraus, representações de comedias, serenins e concertos. Os eleitos ouviam a rainha D. Marianna d'Áustria tocar no cravo e na espineta as canções do seu paiz, e pelas manhãs d'outono, seguida péla côrte, via-se a cavallo em Salvaterra correr os javalis ou as lebres batidas pelos numerosos couteiros e moços do monte.

Se mais para o fim do reinado as operas se transformaram nas sacras harmonias dos cento e trinta cantores e músicos da Patriarchal, se na ante-cainara da rainha o cravo emmudeceu perante o bandolim que acompanhava os motetes de clérigos ventripotentes, se as ceremonias da liturgia abafaram as ensoadas e lurdiões, nunca da côrte de D. João V foram degredados os festejos pomposos, as magnificentes solemnidades, os deslumbrantes espectáculos. N'elles apparecia sempre a figura delicada entre mystica e sceptica d'el-rei de annelada cabelleira, fina casaca de seda, punhos de renda d'onde sahia a mão esguia que se apoiava no precioso castão da bengala, olhos dôces, intellectuaes e espirituosos, nariz levemente aquilino, beiços finos e vermelhos, práticos nas devotas expressões do culto, e nas languidas falias, nos apaixonados protestos depressa esquecidos, nos beijos prolongados, e no sorriso dirigido ás *francias,* ás *serias* e ás monjas galantes e amorosas.

Emproado, ostentoso, decorativo, balouçava-se nos coches, nas berlindas e estufins pintados a verniz Martin, com rodas de talha dourada, ladeado de estribeiros, precedido das guardas alleinãs, annunciado por batedores de fardas vistosas monlados em sellas e xairéis de ricos jaezes.

Não era t.oireiro como seu irmão o infante D. Francisco, como seu pai e como seu fio, este espirituoso príncipe que passou a mocidade nas folias estróinas acompanhado do Camões

do Hocio, e se comprazia no traio intelligente do secretario das mercês Diogo de Mendonça Côrte-Real. Deleitava-o porém esse espectáculo inseparavel de todas as solemnidades nacionaes, e foi no seu reinado que as corridas de toiros tiveram o grande esplendor que se prolongou ainda pelo reinado seguinte. Ficaram celebres as que se realisaram por occasião do seu casamento em novembro de 1708 no Terreiro do Paço, assistindo lºda a côrte das janellas do palacio.

Na tribuna estavam os reis e infantes ; junto d'ella a do estribeiro-mór, conde de Vianna, que dava as ordens para a cºrrida, e logo a seguir a do conselho d'estado e do desembargo do paço sem assentos, e a dos embaixadores com cadeiras lasas de couro em que estava *Mylord Galloway* enviado de 'nglaterra, e o da Allemanha, bispo de Lubiana. A infanta D. Luiza irmã d'el-rei assistiu d'uma janella alcatifada, em cadeira de espaldas, e teve cortezias especiaes que não eram de uso. Lidaram com desembaraço e galhardia os condes de S. Lourenço e do Rio Grande, e o visconde de Villa Nova da Cerveira> sendo seguidos de numerosos captivos a que deram alforria.

, De grande luzimento também foram os festejos organisadºs para solemnisar os annos da princeza do Brazil D. Mariana Victoria, em julho de 1738.

Dirigiu-os o duque de Cadaval, e foi escolhido o sitio da •Junqueira (provavelmente onde depois foi construída a Cordoana)

para se armar o vasto amphilheatro em que durante mais de dois mezes trabalharam trezentos e quarenta e cinco carpinteiros. Tinha a praça setecentos e quarenta palmos de comprimento por setecentos e vinte de largura. Affixados cartazes impressos nos logares públicos da côrte, logo no dia seguinte pela '"anhã começou a concorrer numerosa multidão, achando-se á 'arde nos arredores tres mil setecentas e cincoenta e tres eges, coches, berlindas e pacabotes, além de outras carruagens de differentes especies As fragatas de Alfama, Cruz de

' li esta descripçào feita pela<Relaçam verdadeira de toda a festividade dos '.is de toiros em que se descreve com toda a certeza a individuação, as magnifi-

Pedra, Corpo Santo, Romilares e Boa-Vista, as bateiras e barcos de Cacilhas, Aldeia Gallega, Moila, Seixal, Porto Brandão e Murfarem, lodos os escaleres, botes, lanchas, faluas, catraias, yollas, liiates e bergantins de recreio, algumas moletas de pescar e barcos de Riba Tejo, sommando essas embarcações o numero de tres mil e novecentas, andaram todo o dia conduzindo gente. De Hespanha veio o marquez de Riensuela, um sobrinho e mais dois cavalleiros, além d'outros que se conservaram incógnitos. Caleula-se em doze mil o numero de pessoas que ficaram sem logar. e que foram obrigadas a assistir ao espectáculo, dos muros altos da visinhança. e de sobre as muralhas do forte da Junqueira.

Os precavidos ha muito que tinham segurado o seu logar. como um tal Luiz Lazaro Leitão, cuja versalhada, alheia a regras, mas querida do povo, foi avó legitima das poesias que a moderna imprensa popular tantas vezes publica. Diz elle :

Fuy mais o meu companheiro
os logares ajustar com um palanqueiro.
Em setenta reis os dois,
ajustey para ver correr os boys.
Fiquei ú minha vontade
defronte da Regia Magestade
que na tribuna estava sem igual.
guarnecido da Familia inais Real.
que á vista do régio firmamento
tudo mais que vi era portento,
tudo erão Divindades,
admirey ver tantas deidades,
nos cubículos também sábios vi estar
com as suas filix muito a par.

Antes d'el-rei entrar, e depois de se terem retirado os oitenta regadores vestidos de chinas que, formando duas alas,

cas entradas e sumptuoso apparato de carros triumphantes, e corlezias, sortes [c] tudo o mais para divertimento dos curiosos, e satisfação aos que a não virão.» E ainda também pela relação transcripta por Ribeiro Guimarães 1l0 summario d[e] varia Historia, além de varias relações que 11'aquelle tempo se distribuíam a t®

executaram uma especie de dança com o intuito de regar a praça, entraram os dois carros triumphaes, um em fórma de navio, com rodas douradas, tendo na pôpa sobre globos de nuvens, a Fama com uma trombeta, e no meio uma arvore allusiva á sereníssima casa de Bragança ; o outro representando o Pai'naso, tendo no alto Apollo sobre uma cadeira de flores, rodeado das nove musas. Logo depois os quatro cavalleiros, que eram o duque de Cadaval, o marquez de Alegrete, o marquez de Tavora, e Manoel Antonio de Sampaio e Mello, andaram percorrendo a praça n'uni coche do columnas chamado phaetonte, puxado por seis cavallos cobertos com mantas de retroz d'ouro e galhardos martinetes de plumas nas cabeças.

Appareceu a família real na tribuna, que era quasi um palácio com salas ricamente mobiladas, e varandas com custosas tapeçarias. A esquerda as damas da rainha e da princeza do Prazil, os altos cargos, e os tribunaes ; e em tres camarotes a seguir, contíguos á tribuna, do lado direito os tres cardeaes da Motta, da Cunha, e patriarcha ; mais adiante o núncio apostólico e depois o resto da côrte.

Entrou então na praça o sargento-mór e ajudantes com as quatro companhias de granadeiros dos regimentos da guarnição da côrte, e desempenharam varias evoluções militares.

Em seguida veio o meirinho da cidade, que por ter o appellido de Netto deu o nome ao cargo, vestido de lustro á coriza, cocar de plumas no chapéo, vara na mão das redeas e com a direita rebuçando-se na capa até aos olhos. Fez as suas cortezias a cavallo e foi receber do marquez d'Abrantes as ordens para a corrida, e as chaves do curro.

Entraram depois os toireiros volantes ou capinhas vestidos com gibões de chamalote verde, capas de camelão côr de fogo, meias da mesma côr, e coifas de seda cahidas.

Logo depois assomou á porta o duque de Cadaval seguido seus gentis-homens, pagens, e de duzentos e Cincoenta lacaios vestidos uns de casaca ao uso hespanhol, outros á moiriscai de sedas varias. Montava um cavallo custosamente ajaezado com brocado de frocos, fitas, palhetas e espiguilhas d'ouro e

prata, com franjas e galões no xairel. Vestia de castor verde, com forro, canhões e véstia de sêda côr do rosa com um martinete negro no meio guarnecido de diamantes e topázios. Prendia este cocar um botão, que era uma esmeralda rodeada de brilhantes, e assente sobre um laço de fita verde. Polainas brancas com fitas côr de rosa. Fez o duque as cortezias e logo tomando o rojão esperou o boi mettendo-lh'o com destreza e atrevimento. Emquanto sahiu a mudar cavallo, lidaram-no os capinhas; vindo elle logo dar-lhe a morte com a espada, a cavallo.

Entraram logo na praça dois lacaios vestidos de galacé de algodão com labyrinthos de varias cores e seis mulas castelhanas com largos mantos do mesmo galacé, guiadas por dois sotas-cocheiros «e com alegre divertimento levaram de rastos o morto e agarrotado bruto. »

Com não menos luxo e galhardia fizeram as cortezias e correram os seus bois os tres outros cavalleiros. Alguns cavallos ficaram mortos no campo e varias vezes os cavalleiros foram descompostos; mas sempre souberam tirar *brilhante desforra,* diz o auctor da « Relaçam».

E no intervallo entraram Danças
Cada vez mais bizarras o mais françaS.

Eram estas primeiro a das Ciganas que bailaram ao som da viola a sua «*costumada xacara* ». Vestiam roupinhas de chita encarnada e toucas brancas.

Seguiu-se a esta a das Regateiras vestidas de preto com arcos de flores.

Vieram depois a das Collarejas, a das mulheres do Terreiro, a dos Pretos da America com arco e flecha, e a dos Gallegos, bailando ao som da gaita, vestidos de branco com calções vermelhos.

Puzeram então na praça oito talhas semelhantes ás da índia, com oito meios corpos de barro na posição de chamarem o toiro, que entrando as despedaçou, sahindo d'essas talhas ma-

cacos, pombos e coelhos, que foram corridos pelos que se achavam na praça.

•Não deixou de haver o toiro para curiosos que Leitão assini descreve :

Os vaqueiros ooni bem graça
levaram seus boléos ali na Praça.

Acabado o intervallo continuou-se a toirada, sendo corridos vinte toiros. 15 não se prolongou mais porque sobreveio a noite.

.Foram por isso feitas as cortezias finaes, obtendo os cavalleiros grandes ovações.

Foi esta uma das ultimas grandes festas do reinado de D. •'oão o magnifico.

D'ahi a quatro annos partia para as Caldas, paralytico, n um coche puxado por dez parelhas de machos e precedido pelo cardeal da Cunha, que ia benzendo as estradas por onde elle havia de jornadear. Deixava a rainha á lesta dos negoeios e uma pragmatica contra o luxo.

Entretanto da côrte de Paris D. Luiz da Cunha escrevia ao príncipe D. José recommendando para seu futuro ministro Sebastião José de Carvalho e Mello.

E este deitava a sua lendaria luneta d'ouro para toda essa sociedade elegante e meio devota, que dançava, que rezava, que ria descuidada gastando rios de dinheiro, vestida de sedas, coberta de pedrarias e plumas, e meditava abalar-lhe os alicerces dos palácios, vestil-a de briche, encofral-a nos fortes da Junqueira que agora serviam de palanques, degolal-a nos patíbulos de Bolem ...

IV

A PRAÇA DO CAMPO DE SANT'ANNA

Lin dia que o infante D. Miguel, então acclamado rei, determinou dar uma toirada em beneficio d'uma obra de carida-

de, soube que o emprezario da velha praça do Salitre levantava difficuldades e regateava o preço do aluguel.

Mandou chamar o seu amigo Sedwem, cavalleiro celebre, encarregou-o de dirigir a obra de construcção immediata de uma nova praça, sem olhar a despezas, e fez publicar um decreto que dava á Real Casa Pia o privilegio da receita d'aquella e d'outras praças n'algumas legoas em redor. Ficou o D. José Serrate emprezario do Salitre a chuchar no dedo, e o publico contente com o circo novo, e com a pirraça feita ao onzeneiro director.

Nasceu assim a praça do Campo de Sant'Anna, que o anno passado foi condemnada por occasião da febre de providencias de segurança nos estabelecimentos de espectáculos que succederam ao desastre do Baquet.

Cahiram os velhos barrotes carunchosos coin mais honras que muitos grandes da terra. Tiveram artigos das primeiras pennas portuguezas — Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Antonio Ennes e outros.

Na poeira que levantavam ao desmoronarem-se os muros pintados a vermelho, as táboas azues e brancas, as trincheiras e os palanques iam os últimos echos de muitas tardes alegres, do estalar festivo dos foguetes, dos trombones desafinados da banda da Casa Pia, mugidos dos bois, pregões do homem dos pastelinhos e agua fresca, assobios estridulos da multidão, *piadas* do *sol* gritadas por vozes avinhadas e roucas troçando do lavrador, do *intelligente,* lançando trocadilhos petulantes que faziam rir cinco mil bocas n'uma gargalhada.

Só n'uma praça de toiros é que o povo porluguez falia com graça. E a sua voz não tem a melancolia dolente dos *fados,* o fúnebre entoar dos bemditos, o grito desolador da mulher do Minho despedindo-se dos parentes emigrantes, e o do pescador da Povoa chamando pelos companheiros perdidos no mar.

Alli no campo de SanUAnna a *chalaça* sahia jovial, o dito mordente, e as próprias victimas, — o Cadete, o Batos, o Caixinhas riam com os demais.

Contal-os, seria diífícil, escrevel-os impossível.

E necessário ser lisboeta, alfacinha, ter visto aos sabbados o bando dos toiros cavalgando pilecas magricellas por essas ruas, distribuindo programmas em versos coxos, ter ido ás esperas do Campo Pequeno, assistido ás embolações em que os amadores apreciavam o gado, sentir despertar o appetite pelo estrallejar dos foguetes nos dias quentes de sol e moscas, vêr correr as tipóias dos batedores celebres em carreira desordenada pela rua Nova da Palma, e calçada de S. Lazaro, conduzindo caixeiros endomingados e hespanholas provocantes, vêr as cortezias, ouvir os chocalhos dos cabrestos, assistir ás peripécias da corrida, para sentir todo o sabor d'uma piada cheia de '"conveniências apimentadas pela crueza dos termos chulos.

E todos os domingos as havia novas, e as repetidas tinham sempre o mesmo êxito ruidoso.

O publico elegia favoritos. Gostava das suiças loiras dos "'mãos Roberlos, do penteado burocrático do gordo Peixinho. 1inha também antipathias invencíveis.

E ai da victima que pretendia desforçar-se, manifestar mesmo um movimento de mau humor, resistir ! Quasi sempre os hespanhoes, a não ser os de primeira ordem Frascuelo, La-Karlijo, Mazzantini, soffriam um confronto desfavorável nascido Ja d'um ciúme patriotico, já do desconhecimento da differença de escola que lá obriga a cautelas tidas aqui como receios.

Os forcados quando cobardes eram alvo das maiores injur'as. Nenhuma ovação porém era inais colossal que a obtida for aquelle que, com a sua jaqueta de ramagens, calção amarel''o, e barrete de lã verde, só, 11a frente dos outros, perante "m silencio solemne, avançava resoluto ao meio da praça, um luasi nada pallido batia as palmas ao boi ameaçador, e abrindo os braços cahia na cabeça do animal que avançava marrando baixo, bufando. Eh, boi real !

E a praça levantava-se toda acclamando o valente.

Pégas boas, sem hesitações, sem medos, sem a falsa cora-8e'n que dá o vinho, só as havia nas toiradas de curiosos, chamadas de fidalgos por velha costumeira, e porque nas quadri-

lhas organisadas havia alguns nomes tradioionaes, da antiga nobreza histórica: o marquez de Castello Melhor, o marquez de Bellas, o conde de Vimioso e vários outros.

Para essas toiradas havia preparativos especiaes. Desde a ferra do gado na lezíria do Ribatejo os garraios eram experimentados e escolhidos, nas praças improvisadas para esse acto. No dia da apartação separavam-se os melhores e precedidos dos cabrestos chocalhando, acompanhados dos campinos que montavam cavallos magros, ágeis, com almatrixas, estribos de pau, redeas de esparto, vara larga sobre os hombros, choutavam por essas estradas até Loures, mansos como borregos, d'aspeoto inoffensivo. Começavam então alli a apparecer as primeiras carruagens que de Lisboa os vinham esperar ; e a cavallo, os amadores, os cavalleiros, os capinhas, e forcados d'ámanhà que depois regressavam á cabeça dos bois. Nas janellas do Lumiar, pelos muros e mirantes das quintas e hortas de Carriche, e do Campo Grande muitos curiosos viam passar o acompanhamento entre nuvens de poeira, correndo. D'aqui e d'além mão anonyma atirava uma bomba que estalava entre o gado. Os cavallos dos municipaes empinavam-se, fugiam. Alguns bois Iresmalhavam-se levando o terror ás famílias socegadas que passeavam tomando o fresco. E tudo partia n'um turbilhão até ao Campo Pequeno onde galgava d'um salto a valia. Ahi pernoitavam para entrar de madrugada em Lisboa.

No seguinte dia tudo a postos. Enfeitada a praça de gala com colchas e damascos. Sobre o curro pendentes as treze *monas* vistosas, de seda, espiguilhas d'ouro, laços garridos, dedicatórias impressas nas fitas. Pelos camarotes as senhoras que as tinham offerecido, as que protegiam o beneficio, as parentes dos lidadores, as que por elles se interessavam, em toilettes alegres, esperavam impacientes, n'um palpitar de leques, n'um tagarellar de conversas, n'um pipilar de risadas. Aqui e além raras mantilhas negras traziam á memoria os quadros celebres de Goya, os tempos de Pepe Hillo.

E nas tardes felizes do marquez de Castello Melhor querido entre os seus, popular no *sol* e *sombra,* os leques voavam á

praça, nas mãos pequenas agitavam-se lenços de renda, e borboleteavam os dos amphitheatros com gritos e acclamações.

Com intervallo de poucos annos foram desterrados do Campo de Sant'Anna, que já não se chama assim, dois dos mais característicos elementos ethnographicos da sociedade portugueza — a feira da ladra e a praça de toiros.

Uma passou para as lojas acanhadas do moderno mercado de Santa Clara. Da outra quando ha dias alli fui já não existia senão no logar onde d'antes era a arena, pilhas de traves, montões de Láboas ; encostados a um lado os cancellos do cavalleiro com duas cabeças de toiro embolado, e cabidas no chão, parecendo enormes, as grandes armas reaes de madeira que se sobrepunham á tribuna.

A velha praça terminou a sua carreira.

A Lisboa moderna projecta um circo novo, sumptuoso, de largos amphitheatros de pedra, e galerias de ferro arredondadas em pórticos manoelinos, capaz de receber a sociedade que a ella se dirija levada, pelas espaçosas avenidas, e através dos Parques, nas suas carruagens armorejadas de novo, por entre a multidão atordoada pelo tinir do ouro com que em Portugal acaba este fim de século.

Conde de Sabugosa.

RECORDAÇÕES

(DAS «CANÇÕES DO MONDEGO»)

Faz-me a saudade chorar
aquelle tempo de outr'ora . . .
nem já te lembras ... se agora
sempre te vejo a cantar !

Que alegres manhãs aquellas !
mal o dia despontava,
já eu na rua esperava,
olhando as tuas janellas.

Depois, eu via-te erguer
a leve cortina, a medo,
entresorrir-me em segredo . . .
até commigo vir ter.

Então, partindo enlevados,
fugíamos pressurosos
pelos caminhos umbrosos,
inda da noite orvalhados.

De braço-dado marchando
entre as sebes verdejantes,
iamos sempre cantando
maravilhosos descantes.

Isto era em abril, na volta
da primavera serena.
Já nem te lembras, pequena,
d'essa vida alegre e solta !

Por toda a parte sorria
a natureza inflorada :
lornava-se cada estrada
n'uma alcatifa macia.

A seiva, na apojaduru,
os vegetaes inundando,
vinha nos troncos jorrando
em borbotões de verdura.

E no idyllico socêgo
da margem dôce e virente,
seguíamos do Mondego
a luminosa corrente.

Entre os murmurios harmonicos
d'aquella hora matinal
os melros vinham, ironicos,
saudar-nos d'entre o choupal,

ao vêr o par namorado
junto aos salgueiros passar . . .
até que se ia abrigar
sob o arvoredo cerrado.

Se aquelles choupos fallassem
o que de nós não diriam !
talvez um dia contassem
que as nossas boccas se uniam ;

que tu, minha dòce amante,
— o seio a arfar em desejos —
me prendias, palpitante,
n'uma cadeia de beijos . . .

Depois, voltando á cidade,
nas despedidas forçadas
ficava-nos a saudade
d'essas caricias passadas

que, ao vir nascendo outro dia
luminoso e perfumado,
o amor, na ausência ateado,
inda mais doces fazia.

Ai ! Vou na vida chorando
aquelle tempo de outr'ora,
que já nem lembras agora,
pois sempre te oiço cantando.

Mal havia eu de dizer
que me quizeras deixar ;
mais fácil me fôra crer
que tinha seccado o mar.

Vieram novos amores ;
por elles me abandonaste.
Deixando espinhos levaste
comtigo todas as flores,

o que inda mais me doeu
porque já tinha provado
como é largo e bello o céo
d'um grande amor partilhado,

como a vida corre breve
quando em trémulos abraços
nós estreitamos nos braços
um corpo branco de neve,

e a nossa bocca se colla
n'outra bocca fresca e sã,
que é como viva corolla
ou como aberta romã !

Ai! Hei de sempre chorar
aquelle tempo do outr'ora,
que já nem lembras agora . . .
pois sempre te oiço a cantar !

Coimbra.

Silva Gayo.

A EPOPÊA DA HUMANIDADE

I

Accordo da Synthese poética e da Synthese philosophica. — A Arte positiva derivada do *coração, espirito* e *caracter* das individualidades superiores. — Relação constante do ideal poético com os principaes systemas pliilosophicos.—A Historia, como revelação da continuidade humana, encerra o grande ideal da solidariedade da especie, attingido nas differentes civilisações. —Á concepção clara de uma Philosophia da Historia corresponde uma Idealisação da Epopêa da Humanidade. — Como se chegou a este novo ideal.

o eminente -historiador das Linguas semitas, observando o facto glottologico das variedades dialécticas se extinguirem conforme se vae estabelecendo a unidade nacional na linguagem, formula o seguinte principio que conduz a importantes deducções philosophicas : «O espirito humano não começa nem pela *synthese*, nem pela *analyse,* mas pelo *syncretismo.*»[1] A este estado mental, que caracterisa a actividade do homem primitivo, chamam os psychologistas *syncretismo,* pela confusão irreflectida dos elementos objectivos do conhecimento com as impressões subjectivas que sobre elles reagem ; os antigos chamaram-lhe *poesia* (de *poesis,* creação), por isso que o elemento ideal prevalecia sobre a realidade e a transformava caprichosa-

[1] *//ist. générule rtes Langues sèmitiques,* pag. 101-i.

"lente. As creações que restam das Civilisações primitivas, taes como Mythos cosmogonicos, theogonicos e heroicos, os Symbolos religiosos, jurídicos e dramaticos ou ceriinoniaes, encerram confusamente todos os elementos de uma Synthese espontanea, mas são effectivamente *Poesia,* muito embora as *imagens* e os *Slgnaes* sejam independentes da *palavra rythmica.* Acontece porém que a palavra, nos seus multimodos sentidos simples e translatos, se presta a exprimir com facilidade as idéas mal definidas, e tornando-se ella própria em imagens, como na expressão metaphorica, converte-se em meio de vulgarisação dos grandes mythos religiosos, das Epopèas nac-ionaes, dos aphorismos da Moral e do Direito, e das emoções cultuaes. Póde-se affirmar que as linguas escriptas se fixaram pela primeira vez na •órrna de Poesia, do mesmo modo que os dogmas, que as leis. (]l''e as narrativas históricas e as primeiras noções do saber popular, se universalisaram por meio do *carmcn.*

D'este *Syncretismo* destaca-se, com a evolução do espirito "urnano, o esboço de uma *Synthese,* que toma as duas formas fundamentaes da actividade mental. Todas as cousas do universo são investigadas ou sob o ponto de vista da *lei* que as produz, ou sob o aspecto da *causa,* em que essa lei está implícita.

isto já uma enorme transformação da mentalidade humana, aias preponderando sempre o caracter poelico inicial, que primeiro arrancou os cerebros da apathia animal. Xa comprehensao dos phenomenos subordinados ás causas, organisaram-se *as Theologias;* na investigação da natureza dos phenomenos Pela sua finalidade architectaram-se as *Metaphysicas,* e assim os dois processos especulativos de *Causalismo* e *Finalismo* são os pólos entre os quaes se elaboraram todos os Svstenias de Philosophia.

E também com este mesmo caracter de synthese que a •^ciência, ou o conhecimento concreto dos factos, procede nas Primitivas investigações. Os phenomenos manifestam-se em virtude de unia vontade transcendente, e a Sciencia que os colli-

é um puro *Theurgisrno,* e explica o modo da intervenção de um Deus ; ou attribue esses phenomenos a vontades imma-

nentes, ou causas occultas, e reduz as observações ao *Empirismo*, que tende a immobilisar-se na pratica sacramental.

Era toda esta evolução psychologicá vê-se que não existe uma necessaria unidade cerebral, isto é, as impressões subjectivas vão além da realidade objectiva, e não é possível estabelecer a indispensável concordância entre a *Imaginação* e a *Razão*. Todos os esforços do espirito humano para a sua cultura e dominio definitivo consistem em achar os meios de fundar essa concordância. O longo trabalho das Sciencias experimentaes, na sua parte negativa resume-se na emancipação crescente da imaginação, e subordinação incondicional á observação ; e na sua parte positiva, em preparar series de inducções susceptíveis de revelarem factos implícitos em deducções, sobre as quaes começa a conceber-se uma synthese geral, então verdadeiramente digna do nome de *Philosophia*. Comte resumiu a marcha d'este novo grão da mentalidade no aphorismo: *Induire pour deduire, à fin de construire*. Os iniciadores d'este estado mental da Humanidade, são, na Antiguidade, Aristóteles; na Edade-média, Rogério Bacon, S. Thomaz de Aquino e Dante; no inundo moderno, o chanceller Bacon. Descartes, Leibnitz, Diderot, Hume, Kant e Comte.

E assim como as Sciencias, terminada a sua phase negativista, se agrupam hierarehicamenle sob a dependencia da Philosophia, que lhes dá destino e as relaciona augmenlando-lhes o seu poder inductivo (como se vê nos esboços da synthese dynamica ou inonistica, e da synthese organiea ou evolucionista), a Poesia entra lambem em uma transformação organiea, por isso que acha na intelligencia do homem novos aspectos para a contemplação do universo, aspectos mais esplendidos do que as figurações do anthropomorphismo ou reducção do universo ao ideal da fórma humana. Sob a presidencia da Philosophia a Poesia torna-se uma verdadeira synthese subjectiva, tendente a estabelecer o accordo das emoções individuaes, e servindo de expressão ao sentimento implícito da solidariedade humana realisa superiormente o destino social levando á multidão a unidade affectiva. O delicado senso critico de Edgar Quinei partiu

•ambeni d'esl.a nova phase psychologica do homem para determinar a nova Poesia : «Aquelle que em um pensamento descobre todos os pensamentos, em um sèr todos os seres, comprebende o real pelo ideal e contempla a natureza pela Humanidade. »[1] E desenvolve : « O que no homem se chama *sensação.* [es]*Pontaneidade, reflexão,* apparece no seio de Deus (i. é, na synthese religiosa) sob o nome de *natureza,* de *mythologia,* de *historia.* Estes tres termos formam entre si as phases da psycliologia universal.»- Na edade da reflexão a que chegou a humanidade, é de facto a Historia a grande realidade apresentada á idealisação digna de quem ss emancipar do regimen mental fictício. Á Poesia tradicional do mundo antigo, em que desapparece a individualidade dos Homero, Vyasa, Valmiki, [R]ontrapõe-se a Poesia philosopliica, que se universalisa pelo poder esthetico do individuo. Apparecem tentativas na civilisação greco-romana.

A personificação do génio progressivo da Humanidade foi 'enlada em um poema grego com o titulo de *Hermes,* por Era-'[o]sthenes, de que existem apenas fragmentos. André Chénier, [no] século XVIII esboçou novamente este poema, que se encontra aos fragmentos da sua obra, e com o caracter didáctico, então asado na sua época. Egger *(Hist. da Critica,* pag. 376) com-1'ara as duas tentativas. *Hermes* representa o espirito especulado, como *Psyche* representa a affectividade na Humanidade.

o poema de Lucrécio *De Natura rerum* é, como dissera -Alexandre Humboldt, a primeira obra de arte em que a Poesia [o a] Philosophia unificam os seus recursos. É verdadeiramente "ma assombrosa tentativa de Epopèa universal, com um cara-r'[le]r humano quando descreve o homem primitivo sahindo das 'avernas, como o authentica hoje a Archeologia pre-historica, ' reando o trabalho agrícola e industrial, e fundando a harmoiia civil. Se Lucrécio vivesse no século xix, tendo diante de [Sl o] quadro das grandes Civilisações isoladas, cosmopolitas c

[1] *Oênie (les Religiohs.* (CElivres, i. 4161.

- *Ibid.,* pag. 418.

progressivas, com certeza exerceria o seu poder de idealisação sobre estes elementos, fazendo sentir a concepção universalista da Humanidade, concepção precedida e deturpada pelo universalismo religioso.

Emquanto a Edade-média, sob a disciplina do sentimento reorganisava a Europa em novas Nacionalidades, espontaneamente se ia creando uma Arte correspondente á solidariedade dos espíritos, mas em que preponderava o caracter de hostilidade das diversas raças que se fusionavam. A poesia amorosa da Provença degenerava nas sirventes aceradas ; as lendas bretãs serviam de estimulo de resistencia contra a incorporação saxonia ; as lendas frankas eram o meio de protesto dos grandes vassalos contra o poder unitário da realeza dynastica ; a unidade catholica, que estabelecia a synthese affectiva dos diversos elementos sociaes, era atacada pela critica nos fabliaux e nas peças dramaticas das Moralidades e Soties. A creação esthetica medieval era fecunda, mas não definitiva, porque vinha suscitada por um instincto anarchico, que tornava insurrecto o sentimento. Foi por isso que a Poesia e Arte da Edade-média, embora coadjuvassem o desenvolvimento do espirito e das linguas nacionaes, facilmente foram abandonadas pela admiração das obras-primas das Litteraturas greco-romanas, resultando d'esta crise da Renascença uma deplorável imitação, a substituição de regras technicas pela espontaneidade da inspiração, e uma ausência completa de intuitos sociaes nos escriptores, que converteram a missão litteraria em uma pedantocracia.

Desde o fim da Edade-média que se procura constituir a fórma normal da Arte moderna, corno se viu pelos esforços da Allemanha, inspirando-se do sentimento e das tradições nacionaes, e pelos esforços das nações occidentaes ou românicas idealisando o seu passado medieval no Romantismo. Os melhores génios eslheticos do mundo moderno malbarataram as suas altas qualidades de idealisação ou servindo o retrocesso humano, como Chateaubriand (nos *Martyres*), ou activando os Ímpetos revolucionários o a anarchia moral, como

Goethe e Byron (no *Fausto* e *D. João).* Porém a fórma digna da Arte moderna dependia da comprehensão do seu destino social, e este é a consequência da nova synthese da Humanidade libertando-se da phase provisoria e negativista do prolongado estado revolucionário caracterisado pelas ficções religiosas e pelo regimen do privilegio pessoal, que vem desde o fim da Edade-média até ao expirar do século xix, perturbando o advento d'essa nova synthese.

O combate da democracia contra a velha fórma politica da realeza inspirou uma poesia social, mas anarchica, idealisando a revolução como se fosse um estado definitivo da humanidade. A emancipação dos espíritos da ficção theologica Pelo regimen da educação scientifiea, fez prevalecer as capa- ' 'Jades criticas, antipathicas a Iodas as emoções e idealisações Poéticas. Emquanto os conhecimentos scientificos constarem de especialidades dispersivas, nenhuma fórma poética pôde surgir ji u esses elementos concretos; nada menos poético do que a ^eiencia em verso, como nos poemas didácticos da época alexandrina ou do pseudo-classicismo francez.

E n'este ponto que têm estacado as tentativas de creação de unia Arfe correspondente á situação moderna dos espíritos, t orém, desde que essas sciencias, que nos dão novas vistas do umverso, se coordenem subordinando-se a uma vista de conjunto, então está esboçada a Philosophia, como synthese de "m novo estado de consciência. É d'este estado, actuando no meio moral, e fortificando-se n'elle que resultam novas idea- 'isações sobre o destino humano, como o fhema mais fecundo da poesia. A Philosophia positiva, sendo a obra da correlação dogmatioa das Sciencias geraes constituindo uma synthese theorica, coadjuva um novo estado de consciência pelo predomnio do critério da relatividade, e eliminação das ficções theologícas e das entidades metaphysicas; esse caracter relati- ^'sta dá aos sentimentos uma subordinação á humanidade, e '"mia uma moral 110 fim social, como objectivo de todas as nossas obrigações. O Positivismo, descrevendo este profundo fs Udo de transição da Edade-média para o mundo moderno, o

apoiando-se no sentimento como impulso da intellectualidade e da actividade, não podia deixar de systematisar uma Arte correspondente ao espirito, ao coração e ao caracter moderno, e coadjuvar pela Arte as gerações novas a fixarem uma edade de normalidade. Existe a Phylosophia moderna ; deve consequentemente existir uma Poesia que, como ella, se manifeste pela idealisação da realidade. Comte accentua esta dependencia da Poesia para com a Philosophia como emoções unanimes em relação a concepções unanimes: «Como não podemos idealisar e pintar senão o que se nos torna familiar, a poesia tem sempre assentado sobre qualquer philosophia, capaz de imprimir uma direcção fixa ao conjunto dos nossos pensamentos e dos nossos sentimentos. »[1]

A poesia tradicional e inconsciente manifestou-se nas éras primitivas da humanidade na fórma de mytho. E que é na realidade o mytho senão um modo de conceber a natureza physica ou moral, segundo a synthese espontanea, em que as forças do universo são representadas em personificações ? Conforme o espirito humano avança das impressões irreflectidas para as noções criticas, assim também se vão modificando as syntheses ou concepções geraes do universo que elle fórma. A synthese *fetichista* amplia-se racionalmente na synthese *polytheista, e* torna-se de concreta em abstracta na synthese *monotheista.* Por seu turno, quando o homem dissolve pela observação e pela experiencia a unidade das suas concepções acerca do universo, a synthese superior syslematisada nas suas *theologias,* adquire uma mais livre intensidade de contemplação activa nos systemas *metaphysicos.* Ainda n'este elevado gráo da mentalidade, em que se elaboram já as concepções philosophicas, com os elementos do saber adquirido, ainda aqui as noções abstractas se representam por entidades immanentes ou transcendentes, que são na sua essencia verdadeiros Mythos reflectidos.

D'onde vem esta dependencia da actividade racional dos

[1] *Polil. posit.,* i, 306.

modos da expressão niythica ? Em primeiro logar, da fatalidade da origem: a razão é sempre suscitada no seu exercício pelo estimulo do sentimento, e é pelo sentimento que as idéas se universalisam. As syntheses philosopliicas acham na expressão synthetica dos mythos analogias intimas, que coadjuvam a sua vulgarisação, a adhesão popular, e dão relevo ao seu destino social. Todas as vezes que a humanidade se elevar a novas syntheses philosophicas, esse estado de consciência revela-se lambem por outras emoções collectivas, por outros modos dc mentir as cousas, emfim por uma differente idealisação do mundo objectivo. Esta relação da Poesia com a Philosophia é evidente na esthetica das principaes civilisações. Da philosophia atomistica de Epicuro nasceu a idealisação poética de Lucrécio no seu poema *De Natura rerum*, e da renovação d'essa mesma doutrina abstracta por Gassendi, surgiram novos poetas modernos, como Du Bartas e Molière, Lafontaine e Bernier no seculo xvii. Xa synthese objectiva da philosophia de Aristóteles fecundaram-se os eminentes poetas dramaticos Euripides e Menandro. Do idealismo da philosophia de Platão é que Dante, 1 etrarcha, Ronsard e os principaes lyricos da Renascença tiarani o poder de expressão emocional que transformou a poesia moderna. De Montaigne vem as concepções geraes de Shakespeare. E á medida que se avança na marcha da civilisação da Europa, sempre esta relação entre a Philosophia e a Poesia so faz sentir nos principaes génios : Goethe inspira-se da philoSupliia de Descartes na phase spinosista como o poeta o confesa; e essa mesma influencia se accentna em Shelley e M.me A kermann ; Schiller deveu á adhesão á Philosophia critica d° Kant as manifestações da sua profundidade artística. Mes'uo as concepções especiaes não se separam da sua relação estética, como se vê no lyrismo de Leopardi universalisando as ' "ncepções do Pessimismo de Schopenhauer, continuadas 110 ideaisnio de Anthero de Quental e Gomes Leal. A Philosophia pos'tiva, que 11a historia da intelligencia humana corresponde ao accordo o mutua dependencia das noções objectivas e subiectias na concepção geral do universo, dando-nos a verdadeira

comprehensão da solidariedade da especie e do nosso destino individual, esta Philosophia definindo um novo estado de consciência e a melhor previsão do futuro humano, não podia deixar de influir na creação do uma nova Poesia. Tal é a razão por que á poesia pessoal se substitue a poesia social na fórma superior de Patria, e a esta, e como o mais elevado gráo de idealisação, a poesia da Humanidade.

A compreherisão e transformação da Poesia moderna acham-se também esboçadas por Guilherme Ilumboldt nas considerações sobre a Relação entre a poesia e a abstracção philosophica nos poemas didácticos da antiguidade : « Parecerá absurdo, visto que a Poesia se compraz principalmente da fórma, do colorido e da verdade, querer unil-a com os idéas mais simples e mais abstractas ; e comtudo esta alliança não deixa de ser legitima. Em si mesmas, e conforme a sua natureza, a *Poesia*, a *Sciencia,* a *Philosophia*, a *Historia,* não podem andar separadas. Ellas constituem um todo, n'esta época da civilisação em que todas as faculdades do homem estão ainda confundidas, e quando, por effeito de uma disposição verdadeiramente poética, elle se reporta a esta primeira unidade. »[1]

Ha duas phases psychologicas n'esta unidade de concepções : na primeira as contemplações poéticas dão fórma ás concepções tradicionaes, scientificas e philosophicas, constituindo propriamente um syncretismo ; na segunda, depois de um longo desenvolvimento critico da razão, as sciencias fornecendo as bases verificáveis para uma nova synthese philosophica, por seu turno esta synthese vae alargar o ideal da *Poesia,* vindo a Historia a constituir o elemento objectivo e dramatico para essa nova contemplação do universo.

E a edade da consciência e de uma longa previsão sobre o futuro da especie, exercendo-se a faculdade da idealisação em definir os contornos da edade normal da Humanidade.

A idéa de Guilherme Ilumboldt sobre a relação da Poesia

[1] *tíesammelte Werke,* tom. i, pag. 98-102 ; ap. *Cosmos,* tom. 11, pag-443, trad. Oaluski,

e da Philosophia, leva-nos a comprehender melhor qual será a lórma da Poesia moderna, e o seu destino social. Em primeiro logar, pela relação intima entre a contemplação poética e a contemplação philosophica é que no homem moderno se ha de estabelecer a unidade cerebral, isto é, o accordo entre a Imaginação e a Razão. Depois sobre a base de uma especulação Pbilosophica da continuidade histórica, é que ha de dar-se a s,1blime idealisação da solidariedade humana, considerando os •nais altos progressos attingidos pela especie como a somma dos esforços de todas as edades. Se o critério subjectivo se ratifica na razão, o sentimento humano desenvolve-se pela imaginação até converter-se em uma saneção moral. Para melhor Se comprehender o desenvolvimento d'estas doutrinas, que dirigem a nova synthese intellectual, e que procuram a sua verificação esthetiea, organisamol-as em schema, para que graphicamente se destaquem todos os seus elementos :

I **Poesia** ' criodo inconsciente ou espontâneo da Synthese baseada sobre a idealisação das ap-Parencias.	1.»	1'liilosophia, nas lórmas de Causalismo e Finalismo: Theologias e Metaphysicas.
	2.°	Seieueiu, nas formas de Theurgismo e Empirismo tradicional.
II **Philosophia** ' eriodo consciente ou syste-•natico da Synthese baseada sobre a contemplação da realidade.	1.°	Selenclu, na base : *Induire pour deduire, à fin de construire.*
	2.°	1'oesia, como idealisação da realidade, tendo por fim a vulgarisaçuo da solidariedade humana e a creação da ordem no universo.

Em um estudo de Caro, sobre *A Poesia scientifica no século* xix, a proposito dos poemas de Sully-Prudhomme, diz tl(luelle escriptor: «é preciso apresentar estas doutrinas em 'luadros em logar de as expôr em raciocínios.» E em seguida "Ccrescenta o esboço d'esse quadro : «a natureza nas suas 1 voluções successivas, a terra nas suas grandes épocas, os

lypos successivos subindo lentamente a escala dos seres, as duras leis da selecção natural trabalhando para a ordem futura pela immolação dos fracos, a humanidade desprendendo-se pouco a pouco dos liames da vida animal, a tribu agrupando as famílias, a cidade organisando as leis, a humanidade tomando consciência de si própria na sua lucta com as especies animaes que ella vence e com as forças da natureza que ella submette, a civilisação expulsando a barbarie. mas experimentando retrocessos terríveis d'esta barbarie, como por uma especie de lei de atavismo que acorda, segundo nos dizem, de tempos a tempos no homem, os instinctos ferozes de avós desconhecidos. » E encarecendo quanto este aspecto da humanidade passada se presta á imaginação, conclue: «Eu persisto portanto a crer que o poema scientifico é possível, e que elle se ha de fazer.»[1] As noções scientificas não podem ser objecto de poesia, como não podem ser uma philosophia; porém com as noções scientificas construem-se syntheses, ou concepções geraes do universo, que segundo a sua fórma racional ou emocional, abstracta ou pittoresca, assim são as bases de uma nova Philosophia ou de uma nova Poesia. A relação intima da Poesia e da Philosophia como uma synthese espontanea que se torna consciente, foi luminosamente estabelecida por Guilherme Ilumboldt ; a cada renovação philosophica nas civilisações corresponde uma nova fórma de idealisação poética. Augusto Comte ratificando a synthese especulativa sobre os dados objectivos das sciencias, com esses elementos verificáveis ou cognosciveis organisou a Philosophia positiva ; e esta elaboração, em que teve por precursores Aristóteles. Leibnitz, Kant, Hume, Turgot, Condorcet, correspondia a uma necessidade da consciência moderna. Egual necessidade se da com a Poesia : em vez da idealisação do fictício, como as personificações mythologicas e as entidades moraes allegoricas, a imaginação parecia ser dirigida para a idealisação da reah* dade, mas de uma realidade contemplada na sua plena rela*

[1] *Rev. des Deux Mondes,* 1878, tom. v, pag. 537.

lividade scientifica. Esta phase normal da Arle, para que se caminha, eonslitue uma Poesia positiva. Para quem confunde a palavra *positivismo* com o sentido de precisão mathematica, repugnam-se entre si as duas palavras Poesia positiva ; o termo *positivo*, como característico de uma Philosophia final, significa o intuito affirmativo pela condição de unanimidade, contraposto ao espirito negativo e critico de uma phase mental metaphysica. A Poesia como expressão de sentimento de revolta moral ou social, é completamente metaphysica e transitória no seu destino; quando se elevar acima d'esta condição universalisando os actos e os sentimentos normaes do homem, ella tornar-se-ha verdadeiramente positiva. Determiaa-se na Poesia também a *lei dos tres estados.*

Ha creações artísticas, que não são propriamente o prod'icto da idealisação individual, mas a synthese suprema de "ma phase social e de uma civilisação complexa. A condição de belleza e esplendor n'estas concepções estheticas, está em cercarem-se de todas as formas particulares da arte para tomar de todas ellas a expressão d'esse espirito universal que 'a.es concepções traduzem. Exemplifiquemos. E na *Architectura* onde mais evidente se torna esse intuito ; em volta da ohra architectonica, desenvolvem-se secundariamente a esculptura e a estatuaria, a ourivesaria, as combinações pcdychro-"aicas, a musica e o canto, tudo isto fundido na unidade estendida da Cathedral. E a Arca santa d'onde, na Edade-média, se desprendem as mais bellas formas da arte.

Por seu turno a Musica, desde o século xvn tendendo a exprimir as emoções profundas de uma renovação social e mental, toma a fórma synthetica da *Opera,* em volta da qual Se agrupam a poesia, a dansa, a mimica da paixão, a pintura Scenographica, e a figuração histórica dos grandes episodios da Clv>Hsação.

A Poesia, individual e nacional no seu primitivo desenvo'vimento, t.orna-se humana e universal no século xix, desde 'lue a ficção se Lransforma em uma idealisação da realidade conhecida pelo critério positivo. A arte, recebendo a direcção

positiva, n'esta phase das concepções humanas a que se elevou o nosso século, consiste na idealisação da realidade por indivíduos disciplinados segundo a philosophia que os elevou á superioridade de *coração*, de *espirito* e de *caracter*. Aqui se encerram as tres manifestações fundamentaes da Poesia, que se unificam na definição e representação de uni Ideal compatível com a civilisação moderna.

A *affecticidade*, que o vulgo denomina syntheticamente o *coração*, inspira um novo Lyrismo, como expressão do sentimento de quem tem consciência de que é um orgão solidário da Humanidade, da qual é herdeiro, e ao mesmo temno domina pela previsão e pelo effeito emocional as impressões falaes por que é suggerido.

O *espirito*, que na linguagem usual equivale a intelligeneia, é o meio pelo qual formamos a grande synthese da marcha da Humanidade, porque a intelligencia é verdadeiramente a placenta do homem individual ou mesmo da collectividade nacional, que nos põe em contacto com esse sêr ideal e real, a Humanidade. Desde que esta concepção philosophica da continuidade progressiva da historia ficou descoberta, reconheceu-se logo a possibilidade de uma nova obra de arte, com esse intuito universal, que notámos na Cathedral e na Opera. - —a Epopêa da Humanidade.

O *caracter*, que na multidão se revela pela vontade imnlediata, é a base do Drama moderno, somente possivel, quando os caracteres attingirem essa harmonia de conformidade entre os actos e os princípios, entre as paixões e as opiniões. Esta será a fórma mais difficil da Arte e a ultima a manifestar-se, porque ainda hoje os caracteres positivos são verdadeiramente oxcepcionaes. Na renovação moderna da Arfe é a Epopêa, que apresenta o ideal mais vasto e melhor definido, embora se não tenha fixado a inorphologia para a sua realisação.

Hegel, ao tratar da Poesia épica, na sua *Esthetica,* esboça também os contornos da Epopêa da Humanidade, posto que rejeita as tentativas para a realisação d'esta nova fórma da Arte : « Sob esta relação, indubitavelmente, a mais alta e im-

pononle acção seria a historia do inundo, propriamente, e poder-se-hia querer tratar esta acção universal sobre o campo de batalha do espirito geral, como epopêa absoluta cujo heroe se-r'a o espirito humano, a humanidade desprendendo-se dos liames da natureza e elevando-se da estupidez e da barbarie á 'ivilisação. Porém, em razão da sua universalidade, este assumpto seria pouco susceptível de individualisação, como o exige a arte. Effectivamente, faltava em primeiro logar a esta epopêa um theatro determinado, um estado de civilisação par-''cular, não só sob o aspecto geographico, como sob o dos usos, costumes, etc. O fundo da acção não sendo senão o desenvolvimento do espirito geral do mundo, o seu theatro é a ferra inteira, e a imaginação não pôde represental-o sob uma fórma Particular. Além d'isso, o único fim, attingido n'esta epopêa, seria o do espirito universal, que não se pôde conceber senão Pelo pensamento, e não se formula claramente a não ser pela sciencia. Mas, se elle deve apparecer sob uma fórma poética, Para dar ao conjunto o sentido e a necessidade precisas, seria necessário que se visse apparecer um personagem livre e ac-tuando por si mesmo. Ora, tal não seria poeticamente possi-Xel> a não ser que o verdadeiro architecto da historia universal, a idéa absoluta que se realisa na humanidade, se manifestasse sob os traços de um ser individual dirigente, determinando e realisando os acontecimentos, ou obrando simplesmente conio necessidade escondida e potencia occulta. No primeiro 'aso, a multiplicidade infinita dos acontecimentos ultrapassaria o8 limites da individualidade tal como a arte a reclama. Não Se podia obviar este inconveniente senão cahindo na fria alletíoria ou entregando-se a reflexões geraes sobre o destino ou a fiducação do genero humano, sobre o fim da humanidade ou sobre a maneira como este fim se realisa na historia do mundo.

o outro caso, seria necessário que por seu turno o espirito Particular de cada povo fosse representado sob os traços de um heroe particular, e que a historia se desenrolasse diante de nós 'Orno o combate d'estes heroes. Porém, estes heroes não podiam tpr verdade, mesmo poética, senão como personagens reaes da

historia, universal. Se assim se fizesse passar diante dos nossos olhos uma successão de figuras sobrenadando um momento para serem immergidas depois na corrente do tempo, a unidade individual faltaria sempre ao conjunto. O espirito que governa o mundo appareceria evidente no primeiro plano como pensamento geral ou como destino, mas não como personagem real tomando parte por si mesmo na acção. De outro lado, se se quizesse fixar o espirito dos povos na sua generalidade e fazel-os actuar segundo as idéas geraes, resultaria sempre, que uma semelhante successão de personagens, analogas ás incarnações indianas, teria a apparencia de existencia real, desvanecendo-se a ficção diante da verdade do espirito universal realisado na historia propriamente dita. » [1]

A Epopêa da Humanidade, como realisação do destino da Poesia moderna, em que a idealisação esthetica occupa um logar imprescindível entre a concepção philosophica e a reorganisação politica, na consideração de todos os factores humanos, está naturalmente dividida em duas partes : a consagração do *passado* por uma apreciação justa, que nos subordina o sentimento pela idéa de continuidade; e a aspiração para um *futuro* ideal, mas não chimerico, em que a especie se aproximará do seu destino incitada pelos impulsos da consciência da sua solidariedade. Augusto Comte esboçou em dois traços esta missão da arte, realisavel em qualquer fórma particular, desde que prepondere a regeneração intellectual e moral : « a poesia moderna investida emfim da sua verdadeira dignidade, virá, por sen turno, impulsionar a humanidade para um futuro que não será nem vago, nem chimerico, tornando também familiar a sã apreciação dos diversos estados anteriores. » -

Bourdet, vulgarisando a idéa de Comte, expõe assinro thema da Epopêa humana : « A glorificação do passado, que desenvolve em cada geração o espirito historico e o sentimento da continuidade humana, era impossível para os nossos predecesso-

[1] *llsthétique,* tom. iv, pag. 306-7, trad. frariceza de Ch. Bénard.
- *Poliu,* tom. i. pag. 6.

"es, cheios de animosidade contra um regimen que algemava os seus esforços e suas concepções; pertence aos filhos libertados o reconhecer nas leis que governam as cousas um conjunto de necessidades que não fazem caso do arbítrio humano, oonsagrando-lhe os nossos esforços e considerando o génio, os serviços e as dedicações dos mais eminentes d'entre nós. A serie d'estes tvpos pessoaes suscita no espirito que os contempla "ni trabalho esthetico proprio para fazer prevalecer uma sã lheoria do movimento humano. O conjunto das vidas illustres ° a base de um poema sobre a evolução humana, em que nós ᵛemos as immensas diffieuldades da elaboração original com o duplo sentimento de admiração e respeito. »[1]

No conhecido mytho das quatro Edades acha-se o esboço espontâneo de uma Epopêa da Humanidade, apresentando os dois aspectos fundamentaes segundo a concepção geral do universo formada pela infelligencia primitiva.

Primeiramente encontra-se a concepção de um passado fe-"ᶻ e a affirmação de uma decadencia successiva do homem. l'-sla noção é peculiar das raças semitas, e exprime-se por lendas anthropopalbicas. Ainda apparece em Hesiodo, como vesti-8io do estimulo semita entre os hellenos, e continúa-se nas Religiões universalistas, como fundamento dogmático da Redem-Pção.

Contrapõe-se-lhe a concepção de um passado de lucta com ª Natureza, apoderando-se das suas forças e em que se opéra a (:ᵖeação progressiva da ordem social. Esta realidade foi entrevista por Eschylo e Lucrécio, e lucidamente formulada pelo Abbade de S. Pedro pela comparação dos costumes dos selvagens modernos. A Geologia, a Anthropologia e Archeologia pre-istorica deram a prova inabalavel d'esta concreta realidade, 1ᵘe foi uma concepção própria do génio individualista da Gre-' 'ª e de Roma e se tornou a synthese da sciencia moderna.

Assim a Epopêa humana esboça-se naturalmente sob duas 'ónnas : Na concepção religiosa do Oriente, o homem é fabricado

Vocnb. (ifs prineipaux termes de lu Philosophie positive, pag. xu.

por Deus, collocado em um paraíso, decae da dignidade inicial, e somente pelo sacrificio de um Deus é que é redimido. Esta lhese é ainda hoje a base moral da Civilisação europôa, enredada nas lendas theogonicas e theologicas do Genesis divino.

Na concepção do Occidente domina a concepção scientifica, em que o homem se eleva na escala animal, chega á consciência, e submette ao seu serviço as forças da Natureza vencendo as fatalidades cósmicas. O génio grego exprimiu nobremente pela bocca de Xenophanes : «Não, os Deuses não deram tudo aos mortaes, no principio; — o Homem, é que com o tempo e com trabalho melhorou o seu destino. » E depois d'esta sublime affirmação da individualidade humana, Xenophanes proclama a emancipação moral: «Foram os Homens, ao que parece, que produziram os Deuses, — e lhes deram os seus sentimentos, sua voz e apparencia.»

Se as Religiões do Oriente universalisaram na subjectividade dos crédulos as lendas theogonicas, dando-lhes as formas de Cultos, de Templos e de Theologias, competia ao Occidente idealisar a acção verdadeira que a Civilisação moderna tem das suas origens e do seu destino. Virgilio comprehendeu este momento solemne da Historia, idealisando na *Eneida* a acção unificadora de Roma sob o regimen imperial synthetisada no hemistichio *Pacis imponere morem ;* Dante sentiu na *Divina Comedia.*> que a realidade affectiva realisada pelo Catholicismo. precisava completar-se com a Justiça, ligando a Edade-média ao passado que a Egreja renegára, e que condensou na admiração de Roma, *Queila Roma onde Christo é romano;* Camões conheceu que a humanidade entrava em um regimen de actividade pacifica, tomando pósse da terra, e idealisou nos *Lusíadas* esse laço conscientemente reatado entre o Occidente e o Oriente — *Por mares nunca d'antes navegados.* Á medida que o homem avançava no conhecimento do planeta e das leis cósmicas, penetrava mais intimamente no dominio psychologico, adquirindo uma maior consciência de si mesmo. Por um trabalho do cerebro, quer idealisando, quer pensando, é que o Homem moderno pela primeira vez se pòz em communicação com a

Humanidade ; e pelo contacto d'essa placenta, chegou ao conhecimento, de que o Passado, pela hereditariedade actuava como uma especie de pressão insensível no presente, bem como o presente estava repleto dos germens do futuro. Se nos elevamos acima das paixões individuaes da edade em que vivemos, apparece-nos a especie na sua continuidade dirigindo a migração através do tempo, successivamente elevando-se da realidade para o Ideal (perfectibilidade e progresso historico), e ao mesmo tempo aspirando a converter esse ideal ou aspiração em realidade ou normalidade da sua existencia (theorias e uto-P'as sociaes). Este novo estado moral de positividade constitue a base da grande Epopêa consciente ou philosophiea, presentida por Edgar Quinet, por Lamarline, por Hegel, por Augusto Comte, como synthese affectiva da Civilisação moderna, succedendo ás tres syntheses estheticas da antiguidade romana, medieval e da renascença, creadas pelo génio de Virgilio, de Dante e de Camões.

Tentamos a construcção da Epopêa moderna, seguindo os contornos geraes dos grandes movimentos da Humanidade revelada no percurso da Historia, dando fórma pittoresea ás pai-xºes e ás idéas que lhe impulsionaram os actos. Assim, succes-s>vanienle são idealisadas as luctas das Raças na occupação dos territorios ; as miragens ou impressões subjectivas que se tornaram Religiões ; as Religiões nacionaes, que da sua hostilidade inicial se tornam universalistas ; o conflicto das Religiões universalistas (coallisão entre o Catholicismo e o Islamismo) dando logar á supremacia da Razão ; a Liberdade affirmando-se Pelo sacrifício do individuo á collectividade; a Graça falsificando a comprehensão do destino do homem; a Sciencia resultando da revolta contra o intolerantismo religioso; a Industria determinando a paz ás sociedades ; a missão de cada povo defi-"nido-se em uma synthese especial como as Patrias humanas, em que u especie elabora a sua cultura ; a federação das nações conduzindo á Confraternidade ou o Humanitarismo, e á ***ucção commum***, em que a especie attinge o máximo da sua força.

l'cla Sociologia, que submette o phenomerio das collectividades humanas ás condições da observação e da precisão scientifica, o individuo só existe como orgão constitutivo da collectividade; como a cellula, que só existe isolada quando artificialmente separada do tecido orgânico, assim o individuo só apparece independente do conjunto social theoricamente, e todas as suas capacidades não são mais do que consequências du elevação que attingiu a especie. Cada individuo, para sei' apreciado, precisa ser considerado segundo a acção dignamente exercida para o desenvolvimento da collectividade humana. Diante da Philosophia positiva, é a Humanidade esse ser moral, que se vae definindo na consciência individual, á medida que o concurso das grandes individualidades, emancipando-se dos impulsos egoístas, ellas vivem e pensam cada vez mais para os outros. Eis a these fundamental da Historia, o argumento definitivo da Epopêa ; a Sciencia e a Arte accordam-se sobre o mesmo facto, podendo em rigor considerar-se a Epopêa da Humanidade como a expressão contemplativa da Philosophia da Historia. Pensadores alheios á systematisação da Philosophia positiva chegaram a este mesmo resultado ; escreve Denis, na *Historia das Tlieorias e das Idéas moraes:* «A palavra latina *Humanitas* é excellente para exprimir a civilisação ; é effectivamente a *Humanidade*, ella própria, que desprendendo-sc da natureza e das peias theocraticas, começa a desenvolver-se livremente com uma energia e uma consciência de si, que não se extinguirão mais, apesar de alguns desfallecimentos e de alguns eclipses apparentes. » (Op. cit., 11, 423). Esta reacção contra a natureza, estes desfallecimentos e esta energia contínua e consciente, constituem o thema da Historia e o argumento definitivo da Epopêa. Comte esboça estas phases do eterno poenia da Humanidade: «Seguindo a sua marcha normal, a influencia do *meio* sobre o homem aehou-se necessariamente no seu máximo nos tempos que precedem todos os dados historicos, mesmo os mais indirectos. Assim ella deveu determinar, durante a primeira edade fetíchica, a divisão provisoria da nossa especie em tres raças distinctas, que se tornaram depois a principal

das diversidades concretas do desenvolvimento humano.» *(Po-Ht. posit.,* III, 202). Eis o primeiro episodio do conflicto das raças, e do concurso immediato das capacidades *activa* da raça amarella, *afjectiva* da raça kuschito-semita, e *especulativa* da "aça árica. D'este longo percurso historico espontâneo, resulta a marcha histórica das altas civilisações, apoiadas sobre a pratica e disciplina do passado. Comte define esta phase, a que a poesia chama o *Cyclo da Lucta :* « Sempre e por toda a parte, os homens foram de cada vez mais dominados pelo conjunto dos seus predecessores, dos quaes nunca puderam somente modificar o império necessário. Mas este ascendente devendo Por longo tempo permanecer desapercebido, cada qual procurou por toda a parte o poder director, transportando o tvpo humano para Seres exteriores, primeiramente reaes, depois fictícios, de maneira a fundarem unia synthese não menos pessoal riue absoluta. Emquanto esta investigação das causas prevaleceu sobre o estudo das leis, ella impediu de reconhecer a verdadeira Providencia, desviando a attenção para as influencias cnimericas. Ao mesmo tempo, conflictos numerosos e contínuos, Agravados pelas discordâncias provenientes d'estas vagas doutrinas, interdiziam a concepção de um Sêr collectivo, cujos diversos elementos pareciam inconciliáveis. Quando as luctas e as ficções se acharam esgotadas, a Humanidade, preparada sob a Preponderância d'ellas, surgiu necessariamente, fundando sobre a paz e a verdade, o irrevogável advento da religião universal. » *Ibid.,* III, 621). O periodo consciente da actividade humana, exercendo-se para um fim commum, é propriamente designado pela palavra religião (*religio*, o mesmo que *deligio* ou *diligencia).* Comte descreve o que nós designamos como *Cyclo da Uberdade :* « Desde os primeiros rudimentos da civilisação até ao estado presente dos povos mais avançados, todo o espectáculo historico apresenta o desenvolvimento continuo da ordem determinado pelas leis fundamentaes da natureza humana. Esta longa série de movimentos, que primeiramente apparecem confusos e mesmo contradictorios, constituo a evolução preparatória do grande Sêr, d'ondo emanamos, e do qual nós faze-

mos irrevogavelmente parte, se o tivermos dignamente servido. » *(Ibiã.,* m, 620). As leis fundamentaes do nosso sêr constituem as tres fontes de energia activa, affectiva e especulativa; em vez da idealisação da antiga actividade guerreira ou destructiva a Arte moderna procura idealisar a actividade constructiva e pacifica da industria ; em vez da idealisação das ficções theologicas, busca dar ao sentimento a expressão da solidariedade da especie na sua continuidade histórica; em vez das falsas miragens metaphysicas, se um subjectivismo tendendo para as noções abstractas, encontra na relatividade das cousas a expressão ao mesmo tempo verdadeira e pittoresca para transmittirc universalisar o conhecimento da realidade, tendendo sempre para um fim humano. Só no século xix é que, pelos progressos da Historia, se chegou a estabelecer a continuidade do passado, considerando todas as épocas como preparadoras das que lhe succederam ; se a Egreja renegou o passado greco-romano, se a Renascença renegou a época da Edade-rnédia, se os Encyclopedistas renegaram a Antiguidade classica e a Antiguidade medieval, o século xix admira todas essas formas de concurso progressivo, e respeita-as como cooperadoras da herança da civilisação actual de que goza. Esta veneração e reconhecimento da solidariedade, é para as intelligencias a revelação de uma segura e definitiva theoria do movimento humano, o para o sentimento o ponto de convergência de uma sublime contemplação esthetica. E se o passado, tão sympathico sob a fórma de tradição, nos attrae para a consagração dos nossos precursores e iniciadores, o presente envolve-nos ria agitação consciente para a realisação da vida normal da Humanidade, que pela Industria se tornou uma força da natureza.

No plano da *Encyclopedia* introduziu Diderot a parte descriptiva das industrias, como o presentiinento da preponderância d'esta fórma da actividade constructiva na vida moderna. -A uma eivilisação pacifica, exclusivamente fundada nas Artes in* dustriaes, e por isso 110 lacto da cooperação e da concorrência como esboço que conduz á noção da solidariedade moral da humanidade, competem outras concepções estheticas. mui diffe*

•'entes das idealisações guerreiras e das individualidades heróicas e isoladas das epopêas antigas. Diderot, com a audacia de um espirito innovador, formulou a direcção da nova fórma de Arte : « Prestemos, finalmente, prestemos aos artífices aquillo que lhes é devido : as artes liberaes têm-se decantado bastante a si próprias ; que ellas empreguem agora o que lhes resta de voz em celebrar as Artes mechanicas. » A idéa que em Diderot Parece á primeira vista um paradoxo, foi desenvolvida pela intuição genial de Laniartine em um improviso eloquente na sessão publica da Academia de Macon, em 12 de setembro de 1842. Combatendo um preconceito banal de Lacretelle, que se •nsurgia contra a industria moderna por acabar com os restos ue uma civilisação pastoral, Laniartine proclama, que ante a >'azão : « ha uma poesia muito mais verdadeira n'est-e movimento fabril do mundo industrial que torna o ferro, a agua, o fogo, todos os elementos os servos animados do. homem, do lue na inércia da ignorancia e da estabilidade, do que n'este repouso contemplativo de uma natureza que não multiplica a obra de Deus pela obra do homem.» Em seguida Laniartine fortifica-se com a opinião de Byron : «Perguntaram um dia ao 'Ilustre poeta qual era mais poético na sua opinião — a sciencia °u a natureza»? elle apontou para o Oceano áquelle que o interrogára : — Agora também me cabe a vez de perguntar-vos : Qual é mais poético — este mar vazio, nú, deserto, atravessado somente pelo selvagem no tronco da arvore que elle excavou, °u este golfo coberto de navios assombreados com as nuvens do seu velame, levando cada um milhares de homens disciplinados no seu bojo, canhões sobre os tombadilhos, e submetten-(1° as vagas abaixadas sob a vontade potente e occulta do seu 'enie ? » Q interrogar assim é já a resposta.

A fórmula clara da poesia da industria resume-se n'esta hella phrase de Laniartine : « Tudo é machina para o homem, que elle pensa. São os membros infatigáveis da intelligen-(/la, que trabalham emquanto nós repousamos. O animal não nver'ta machinas, e n'isto está a sua fraqueza! O homem em-l)rega-as, è n'isto está a sua força. Ellas são o signal da sua

perfectibilidade. »[1] Laniartine também presentiu a nova sancção moral provocada pelo concurso do trabalho — a solidariedade humana.

E pelo desenvolvimento da industria que a Europa, reconhecendo a necessidade de uma acção commum, vae realisando a sua *unidade synergica,* como pela generalisação das noções scientificas e positividade mental se aproxima da época não remota de uma *unidade synthetica.* Porém a base affectiva, que sob a fórma de Christianismo se tornou a *unidade sympathica,* só pôde elevar-se condignamente pela fórma do sentimento da Humanidade, esse Sêr que, segundo Strauss, « domina cada vez mais a natureza fóra do homem, e esta natureza em face d'elle, desce á condição de matéria morta sobre a qual exerce a sua actividade.» Ás Epopêas mythicas ou organicas succederam as Epopêas nacionaes ou históricas ; lioje, diante da necessidade de dar expressão á *unidade sympathica.*, a Arte tem de realisar a Epopêa humana ou universalista.

Depois das *Epopêas tradicionaes* e anonymas, que representam a unificação de raças ou tribus em Nação, seguiram-se as *Epopêas litterarias*, mais ou menos modeladas sobre as formas organicas das creações anteriores, tendendo a exprimirem as aspirações d'um povo, quando assignala a sua missão na historia.

Desde o momento que, pelo percurso da civilisação, a vida histórica d'esses povos convirja para uma acção commum, conduzindo á solidariedade humana, define-se um novo ideal, que precisa ser fixado e universalisado pela arte como o impulso unificador de uma synthese affectiva, em que todos os povos se reconhecem como orgãos subalternos e instrumentos transitórios da Humanidade imperecivel.

E esta phase nova da vida sociologica que determina a concepção de. uma *Epopêa universalista* e philosophica ; n'eHa são as ficções theologicas e as allegoricas entidades metaphy*

[1] *Obras,* tom. v., pag. 303, 314. Ed. 1850,

sicas, substituídas pelo desenvolvimento intencional das imagens, que symbolisam épocas e estados moraes, da mesma fórma que os signaes coadjuvam o encadeamento das idéas.

As Epopêas mythicas coincidem com as edades *theocrahcas,* sendo os heroes quasi sempre degenerações lendarias dos typos divinos ; as Epopêas litterarias, correspondendo ás civilisações militares ou *aristocraticas,* têm por argumento os feitos com que as individualidades guerreiras garantiram a autonomia nacional; na edade que realisar a incorporação do proletariado na *democracia*, que prepara a transição para o regimen normal da sociocracia, a aspiração da actividade pacifica tem de conciliar todas as energias isoladas e hostis em um concurso synipathico, abandonando as concepções absolutas dos dogmas e do separatismo nacional pela convergência de todas as relaÇoes na Humanidade. E este o thema da Epopêa moderna, que ^ irgilio presentiu no eterno verso: *Magnus ab integro seclorUfn nascitur ordo,* e que o estado actual das consciências torna possível a sua realisação.

Theophilo Braga.

EXCURSÃO

Á

«GRANDE MURALHA DA CHINA»[1]

A partida de Pekim. — As thermas do imperador *Kien-Lung*. — O tumulo dos *Mings*. — *A « Grande muralha o*

Uma vez em Pekim, o nosso mais ardente desejo era visitar a *« Grande muralha da China»*. Os nossos trabalhos, porém, prendiam-nos por tal fórma, que só depois de tres mezes e meio é que pudemos pensar em realisar esse intento. Estavamos em fins d'outubro. Os fortes calores e as chuvas copiosas que os acompanham tinham passado ; as arvores principiavam a despir-se das folhas, que cabiam amarelladas pelo chão; a paizagem, apesar de illuminada por um sol claro, entristecia como se tivesse sido ferida por um vento de morte. Nas ruas, os chinas tinham trocado as frescas cabaias claras e os largos chapéos de palha pelas cabaias de côres escuras forradas de pelles e por chapéos de feltro ou calotes de panno ; as récuas de camelos que, abarrotados de carga, chegavam da Mongolia, traziam já as suas fartas lãs de inverno ; os mendigos, quasi núSi aqueciam-se ao sol, procurando assim resistir ao frio cortante das noites. Mais uns dias e as neves começariam insistentes a

[1] Uo livro em preparação *Jornadas pelo mundo.*

cahir, gelando as aguas nos canaes e nos rios e matando nas ruas, ás portas das casas abastadas, os pobres mendigos famintos !

Discutia-se então no *Tsung-li- Yamen*[1] o artigo do tratado relativo á entrega dos criminosos chinas que se refugiassem em Macau. Os sábios ministros tinham pedido cinco dias para estudar esse artigo. Aproveitando tão inesperadas ferias, d'um dia l>ara o outro, organisamos a nossa expedição. Jeanrenau, um negociante suisso, que ha dez annos vive em Pekim, e que falia a lingua vulgar mandarina correntemente, offereceu-se com a maior amabilidade a acompanhar-nos. Mandaram-se vir as liteiras e as carretas, contractou-se um cozinheiro, fizeram-se as necessárias provisões de mantimentos, trocaram-se as patacas mexicanas por pesadas fiadas de sapecas, e, no dia 28 d'outubro, o pateo da casa em que habitavamos estava transformado n'um verdadeiro acampamento. Tres enormes liteiras, uma para o ministro de Portugal, outra para Jeanrenau e a terceira para nós; quatro carretas, tres para os criados e para o dinheiro, a ultima para os mantimentos : vinho, aguas mineraes, pão, café, manteiga, peixe e carnes em latas de conserva.

As mais importantes d'estas carretas eram sem duvida as que nos levavam o dinheiro. Em Pekim corre a pataca mexicana, o dollar americano, o rublo russo e a pataca japoneza ; entretanto, para o interior do paiz é necessário carregar com a *sapeca* de cobre, única moeda que existe na China além da prata *Sai-si* que, em fórma de sapatinho, tem differentes pesos, variando o seu valor entre cinco, dez e vinte *taeis.* O *tael,* a que tudo se refere, e que é também uma medida de peso, do valor aProximadamente de mil reis da nossa moeda, tem dez *inazes ;* cada *maz* dez *condorins* e cada *condorim* dez *cachas.* Cada c*acha* devia corresponder a uma *sapeca,* mas não corresponde exactamente. Nenhuma d'estas moedas, porém, existe, como dSemos, sendo apenas representadas por um determinado peso de prata. A balança é assim indispensável em todas as trans-

[1] Ministério dos negocios estrangeiros.

acções em que se dá praia para pagar. A *sapeca,* que corresponde ainda a dez *sapecas* pequenas, é uma moeda redonda vasada rectangularmente no centro. N'uma das faces tem o nome do imperador e a palavra moeda ; na outra as palavras *«vale dez»* escriplas nas linguas china e tarlara. É uma liga de cobre 50, zinco 41,5, chumbo 6,5 e estanho 2; outras ha que são apenas uma liga de cobre e zinco em partes iguaes. Nos mercados os ajustes fazem-se por *tiaos,* palavra que significa enfiada. Cada *tiao* representa mil *sapecas* pequenas e contém portanto cincoenta grandes, seguras por um cordel que as enfia. D'aqui se pôde calcular o peso enorme de dinheiro que é preciso levar, para se não ser roubado nos trocos. Por isso os machos d'essas tres carretas suavam pelos caminhos, arrastando a nossa riqueza ! . . ,

Depois de darmos ainda das janellas do quarto, uma vista d'o!hos ao pittoresco acampamento, forno-nos deitar, resolvidos a partir ás seis horas da manhã do dia seguinte. A essa hora estavamos promptos com as nossas malas, colchões, almofadas e cobertores mettidos nas respectivas liteiras. Como, porém, na China nada se faz sem muito tempo, só ás oito horas é que nos pudemos pôr a caminho. Essas duas horas foram gastas a pagar aos *coolies* das liteiras e carretas apesar de vespera terem ficado bem assentes as condições do contracto. O china porém, sem ser desconfiado, não faz nada sem ser antecipadamente pago e discute sempre, a proposito de tudo, invariavelmente, até ao ultimo momento. As liteiras são enormes, o que explica caber dentro d'ellas, além do desgraçado que transportam, tudo quanto é mais necessário ao indispensável conforto da vida. Não têm portas lateraes, apenas janellas com cortinas de panninho ou sêda. Na frente é que têm o luxo d'um pequeno vidro rectangular. É com as liteiras ainda assentes no chão e os machos por engatar, que se entra para dentro d'ellas. Problema complicado que exige alguma gymnastica. Forradas exteriormente de panno, são nojentas como todos os vehiculos chinezes. A poeira ou as lamas são taes, que os meios de transporte na China parecem sahir já velhos das officinas. Uma vez

o paciente installado n'essas arcas, os *coolies* engatam os machos principiando pelo da retaguarda. Sobre o tejadilho vão ainda em grandes saccos as rações para as cavalgaduras. Cada liteira é acompanhada por dois *coolies* conductores, e seguida d um burro que carrega com as mantas e que elles montam revesando-se. Uma redea de corda passada do macho dianteiro a um dos varaes de traz faz com que o *coolie,* mesmo caminhando ao lado do macho da retaguarda, possa dirigir o incommodo vehiculo. O balanço da liteira é a mais complicada e desagradavel combinação dos mais desencontrados movimentos; e se o infeliz que lá vai dentro se mexe, arrisca-se a dar uni tombo que, considerada a altura dos machos, ainda quando não role n'um precipício, não é muito para appetecer.

O sol ia já alto quando atravessamos a cidade tartara na direcção da porta de *Anti-mên.* Lima larga hora levou a chegarmos até lá. A essa hora da manhã parece ainda maior o movimento nas ruas. São innumeras as cadeirinhas, carretas e *'"ichés* [1] que caminham em todo o sentido, e intermináveis as 'das de camelos difficultando e interrompendo a cada passo a circulação. Os magros cães felpudos, d'aspecto feroz, posto que •noffensivos. uivam em bandos, rondando esfomeados em volta dos talhos e das casas de pasto. De vez em quando, a nossa comprida caravana, mesmo nas ruas desimpedidas, é forçada a Parar para deixar seguir os poderosos mandarins e altos dignitários, que passam nas suas cadeirinhas, ao trote rasgado dos c°*olies,* seguidos e precedidos pela criadagem, que, de chicote em punho, vai a cavallo arredando a canalha !

Pelo pequeno vidro da frente admira-se o velho e porco arreio do macho chapeado de bronze mordido de verdete, com a letra redonda china, que representa a palavra felicidade, finamente burilada em todos os ornatos. Ao chegarmos á porta de •1*nti-mên* é grande a confusão e o borborinho. Entram em massa, em debandada, os soldados das bandeiras que recolhem d'uni exercício. Alguns vêm armados de espingardas de pivete ; a

[1] Carros cTuma só roda.

maior parte, porém, d'arcos e com o carcaz posto á cintura. Nada bellicoso e imponente o aspecto d'essas tropas. Poucos soldados novos ; a maior parte são homens velhos cansados e curvados, e quasi todos levam as suas queridas calhandras domesticadas quietamente alcandoradas em finas vergastas que seguram na mão esquerda.

Passada a porta, temos de transpor a vau o canal; trabalha-se activamente na reconstrucção da ponte e no traço de estrada que segue até ao « *Templo da Terra* » que o imperador tem de visitar, por occasião das sumptuosas festas que já se preparam para o seu casamento. A alguns kilometros de distancia encontramos a antiga muralha que cercava Pekim. feita de terra, e de que hoje só existem alguns pedaços.

O sol accende na atmosphera a meia-tinta melancólica peculiar ao inverno que se aproxima ; para um e outro lado estendem-se os vastos campos despidos, onde a colheita se fez; ao longe, muito ao longe, as montanhas confundem-se com a neblina que as envolve; na vasta planície algumas arvores isoladas; apenas, de quando em quando, pequenos cemiterios de lamilias nobres quebram a monotonia da paizagem com os tufos de cedros em que domina o *cupressus napoleonica* de tronco tão branco como o marfim mais polido. Este cedro deve o nome por que é conhecido ao medico que servia na legação franceza ao tempo da guerra em 1S60.

Pelas onze horas e meia da manhã chegamos ao estreito rio *Tsing-lio* perto da povoação d'este nome. Na agua clara, ao longo das margens, bebem tranquillamente os numerosos camelos d'uma caravana. Ao tropel dos nossos machos, passando a ponte de pedra, os camelos erguem curiosos as pequenas cabeças, fazendo vibrar tristemente os chocalhos que lhes pendem dos pescoços. Logo depois da ponte, ao fundo d'um vasto terreiro, fica o albergue onde almoçamos, « *Ta-Shang-Tien* ». Apesar dos colchões e das almofadas, trazemos os ossos n'um feixe. É com verdadeiro prazer que nos vemos de pé e agitamos braços e pernas para desenferrujar os musculos. *Â* nossa chegada, á chegada dos barbaros, acodem os chinas que nos cercam e

examinam como se fossemos ursos de feira. Para os evitarmos, entramos na hospedaria onde se vai preparar o nosso almoço. A easa tem tres corpos : o do centro, mais elevado que os laterаes, tem uma poria e duas janellas: é a cozinha; os dos lados "ma só porta e uma só janella; o da direita é uma cavallanÇa, o da esquerda o quarto onde almoçamos. Os muros são feitos de terra ; com um braço levantado toca-se no tecto de colmo forrado de papel. A um dos lados fica o *kan* [1] de tijolo oberto por uma esteira, sobre que descança a pequena mesa de fumar opio ; do outro lado, uma arca de madeira como as nossas boas arcas minhotas. Sobre a arca vê-se um espelho, alguns livros e um enorme guarda-sol verde. O pavimento é de terra batida. Orna uma das paredes um originalíssimo ka-'pu-mono : um monstro horrendo, d'uns sessenta centímetros d altura, na acção de correr, olha para traz ameaçadoramente, segurando na mão direita, levantada para o ar, um facalhão terrível. Cabeça, braços, facalhão, pernas e tronco, todo o Monstro emfim, é feito pela simples reunião de caracteres 'unas, sem nenhum outro artificio além da sua especial disposição. Esses caracteres querem dizer: «Para que os deuses 'nfernaes não entrem n'esta casa. » A uma certa distancia as 'eiras não se distinguem e a figura, pintada a sépia, destaca Ião perfeita no fundo amarellento, que parece feita d'uma pa-'lietada pela mão segura d'um grande mestre.

Por mais que na nossa lingua china — muito parecida com a d uni surdo-mudo seja dito — quizessemos convencer o feliz Proprietário a que se desfizesse do kaqui-mono em troca de bons dollars de prata, não foi possível. «Se o vendo — dizia-nos aterrado—entram-me em chusma pela casa dentro os deuses 'nfernaes ! » N'outra parede, num quadro, está escripta a seguinte sabia sentença : « Emendar o coração, reformar os seus costumes, vencer-se a si mesmo, cultivar os ritos. »

Findo o almoço e depois do descanço dado ás cavalgaduras, Puzemo-nos a caminho na direcção das thermas de *Tang-shau.*

[1] Cama china.

montanha quente. Mettidos na liteira, ouvindo o contínuo tilintar das campainhas dos machos, recordavamo-nos, tão claramente como se tivesse sido hontem, do tempo feliz em que, muito criança ainda, víamos na liteira vermelha, partir para o mar a nossa avó acompanhada pelo avô montado no cavallo preto, seguido dos lacaios fardados. E acudiam-nos á memoria, confusamente, as historias terríveis de lobos e ladrões que a velha Joaquina, a ama de nossa mãi, nos contava fazendo-nos tremer o coração de susto como tremem os dos passarinhos acabados de apanhar n'uma palheira de visco ! E parecia-nos um sonho vêrmo-nos n'uma liteira no anno da graça de 1887, na China em caminho da Mongolia !

Não sonhavamos... ás quatro horas e meia da tarde estavamos em *Tang-shau*, ás portas das ruinas do sumptuoso estabelecimento thermal, mandado edificar pelo imperador *Kien-Lung*-

Pena e doe vêr como tudo na China tomba e cae ao abandono ! Dir-se-hia que o império, victima d'uma recente invasão de barbaros, viu todos os seus mais bellos monumentos destruídos por um inimigo feroz e encarniçado. E, todavia, esse grande inimigo, tão fácil de combater por uma nação rica e poderosa e que como nenhuma outra tem o respeito e ó culto da tradição, é apenas o tempo de braço dado com o inqualificável desleixo e incúria china.

Os grandes pavilhões, especie de galerias rectangulares, separados uns dos outros por pequenos pateos, outr'ora ajardinados, desmoronam-se pedra a pedra; os elegantes telhados esburacados deixam o madeiramento a descoberto, como se uma chuva de granadas tivesse rebentado sobre elles. As aguas nascem n'um dos jardins, dentro de dois grandes tanques de mármore branco, de fórma octogonal alongada. Resguardam estes tanques restos d'uma grade, de mármore branco também, delicadamente rendilhada. Os gazes desenvolvem-se em enormes bolhas que, como cabeças de medusas, sobem rapidamente do fundo rebentando á superfície como a agua que ferve em cachão. É muito elevada a temperatura d'estas aguas. Ao lado mesmo, por portas abertas no muro, comniunica-se para outros

jardins mais pequenos onde existem duas piscinas. Em volta dos grandes pavilhões estende-se um vasto parque povoado, aqui e além, por outros pavilhões mais pequenos de madeira, que por milagre se conservam em pé. N'alguns vêem-se ainda algumas velhas cadeiras de precioso charão. Um lago bastante extenso, desenhado em curvas graciosas, vai escondendo-se por entre os macissos de esplendidas arvores que conservam ainda as largas folhas que o adiantado da estação colora d'um amarello quente muito vivo. No extremo d'este lago existem as minas d'uma caprichosa construcção que abrigava os barcos imperiaes. Um outro lago mais pequeno está coalhado de lótus, viúvos agora das suas esplendidas flores. De vez em quando surprehendem-nos limitados espaços murados, pequeninos jardins resguardados onde ainda parece pairar uma enternecedora sombra de mysterio. São largas as ruas do parque empolado por collinas ondulosas feitas com as terras que se iraram dos lagos. O parque é tão bello como os mais bellos que na Europa succederam á svmetrica regularidade dos jardins de Le Notre. Fóra, são os banhos públicos onde existem tres piscinas; à do centro está inteiramente ao ar livre; as lateraes são protegidas ainda por desmanteladas casotas sem Portas. Dois chinas tomam soeegadamente o seu banho sem importar com quem passa.

E grande o sentimento de tristeza que nos invade ao vêr tanto abandono, e tanto mais, que Iodas as obras do tempo do Operador *Kien-Lung,* têm um notável cunho de grandeza artística. Elle foi também sem duvida um dos mais illustrados Operadores da China, e o seu longo reinado, sessenta annos. foi l'm dos mais brilhantes do império. É conhecido na historia Pe'o nome de reinado da «Suprema felicidade». Sentindo-se velho, desprezando os esplendores do throno imperial, abdicou l rn seu filho *Kia-King,* no dia primeiro do anno de 1796.

Por toda a parte, onde ha uma nascente d'agua d'uma 'erta importancia, os chinas construem um templo. Aqui pare-''a que esse templo devia ser sumptuoso. Não acontece, porém, assim : p uni pobre e pequeno pagode ao fundo d'um estreito

pateo. A um Jado fica a habitação do bonzo, do oulro o quarto em que jantámos e dormimos sobre o húmido *kan* de tijolo. Os papeis que guarneciam as janellas desappareceram dos apertados caixilhos ; o frio era grande, e, apesar da chuva que cahiu durante toda a noite, com os nossos cobertores e as nossas mantas, lá dormimos como pudemos. Como o malvado do bonzo tivesse o seu quarto d'um aceio irreprehensivel e inconiparavelmenle mais confortável, com Lodos os papeis nas janellas, pedimos a Jeanrenau que o convencesse a trocar eomnosco, pois lhe pagaríamos bem. O piedoso homem respondeu que o seu quarto cheirava mal, e que portanto o não podia ceder a nós, nobres estrangeiros, de quem esperava uma boa esmola para o Budha !

Mal dormidos, levantamo-nos ás cinco horas, e, de toalha em punho, fomos ás poldras junLo ás thermas fazer a nossa summaria *toilette* de manhã. Quando voltavamos ao pagode, o bonzo procedia á cerenionia d'acordar o Budha! Ceremonia simples, que consiste apenas em fazer uma reverencia em frente de cada altar, bater tres fortes e espaçadas pancadas no *tanitam* de bronze, e accender por ultimo um pivete a cada imagem.

Eram mais de sete horas quando conseguimos pôr em marcha a caravana, contornando a montanha quente que dá o nome ao logar. *Tan-shang* é um mamelão enorme eriçado de penedos e phantasticamente recortado. Eleva-se abruptamente da planicie, separado da cadêa de montanhas que corre ao longo do horisonLe, como uma ilha separada do continente. Os seus dois picos mais elevados são coroados por dois pagodes. As chuvas, (jue cahiram durante a noite, tornaram os caminhos alagadiços. Caminhavamos com o credo na bocca, espiando os movimentos do macho dianteiro. As nuvens, pouco a pouco, foram-se esfarrapando, deixando vêr o céo d'uma limpi dez de saphira ; o sol accendia já na montanha manchas de luz, e uma pequenina aldeia situada nas suas fraldas acordava com o fumo que sahia das chaminés das casas. Na vasta campina lavram os chinas com arados primitivos, tirados, ora p£>r

tres burros, ora por Ires bois, e algumas vezes mesmo com burros e bois engatados promiscuamente. Em logar de vara, sejam bois ou sejam burros, é sempre um chicote o que o lavrador 'raz na mão.

É singular a maneira por que 11'este paiz as estradas, que evidentemente obedeceram a um plano racional, têm sido transformadas pelo decorrer dos tempos. A explicação é simples. Na época das grandes chuvas ha lanços de estrada que inundam ; os vehiculos são então forçados a dar uma grande volta para evitar essas poças. Cessam as chuvas, a agua pouco a pouco vai desaparecendo, inas os chinas con-•'nuain invariavelmente a seguir os trilhos das carretas, abandonando a verdadeira estrada. Ora, como estes phenomenos se repetem amiudadas vezes acontece que as estradas mudam de directriz em períodos relativamente curtos, seguindo uma linha Phantasticamente sinuosa.

Depois de tres horas e meia de marcha, entramos pela Porta *Sie-mên* na cidade de *Shau-ping-Shao,* tendo atravessado a poucos kilometros de distancia um braço do rio *Sha-ho.* Não fizemos mais que atravessar essa velha cidade defendida por Ul"a ameiada muralha desmantelada. Porquissima, como todas as cidades chinas, a única coisa que nos prendeu a attenção, "upressionando-nos vivamente, foi vermos um pobre rapaz, sofrendo horrores, pendurado pelo rabicho a um forte prego, espetado na columna d'um alpendre, com grande gáudio da multidão que o cercava ! multidão que apenas se distrahiu um minuto de tão attrahente espectáculo para nos vêr passar a nos — os selvagens !

Nos arredores da cidade fica a estalagem *I-ta-tien,* onde alnioçámos. No espaçoso pateo vai uma grande azafama: machos, mulas e burros, escouceando, comem em pequenas manjedouras volantes de madeira. Os nossos *coolies*, para acomodarem as suas cavalgaduras, fazem uma grita infernal. Por C)nia dos muros debruçam-se as largas flores dos girasoes dos 'luuitalorios visinhos e nas arvores *che-sze* brilham os fructos ainarellos dourados pelo sol d'um dia creador. Nem sequer faz

frio. Ao almoço servem-nos uma salada china preparada com *Pai-tsai*, um legume saborosíssimo.

Ao meio dia, fumando o nosso charuto, fomos seguindo a pé a caravana. O venLo que soprava rijo do norle Linha seccado os caminhos. Meia hora depois chegavamos aos Lumulos dos *Mings*. E realmente necessário Ler-se a consciência de que se é o proprio «*Filho do céo*» para se escolher uma Lão sumptuosa jazida. O tumulo dos *Mings* occupa um extenso valle de mais d'uma legoa de comprimento e quasi igual largura, rodeado de formosas montanhas. Todo esse enorme valle foi consagrado á ultima morada dos imperadores da dynastia *Ming*. Foi *Iung-ho,* terceiro imperador d'essa dynastia, quem, em 1409, quando transferiu a capital do seu império para Pekim, ordenou que aqui se erigisse o cemiterio imperial. E d'esse anno que daLam os principaes monumentos.

Á entrada do valle, quasi plano, levanta-se isolado um soberbo arco de mármore branco, *Pái-lou,* com cinco aberturas rectangulares e desiguaes, sendo a mais alia a do cenlro e diminuindo successivamenle as duas ouLras que para cada lado lhe succedem. Sobre o mármore que encima cada uma d'esLas aberturas assentam graciosos telhados d'abas ondulosas separados por outros mais baixos. Tem assim o *Pái-lou* uma linha recortada do mais surprehendente effeito. As bases das columnas, sobre que descançam phantasticas *chimeras,* são d'um labor finíssimo bem como os entablamentos do *Pái-lou* que tem vinte e oito metros de comprimento por nove na sua maior altura. Ao fundo, a uma grande distancia, na direcção do eixo do arco, projecta-se na montanha violacea a « porta vermelha »i *Run-mên.*

VagarosamenLe, como perdidos na vasla planicie onde uão ha uma arvore, fomos vencendo esse espaço. O profundo silencio do valle, silencio que nos opprimia, era o único signal de tristeza que, como um véo de luto, se desdobrava sobre o gigantesco cemiterio ! Atravessamos urna ponte em ruinas. Por baixo dos seus arcos não corre a agua, e, todavia, em todos os grandes cemiterios chinas, é preciso transpor um curso d'agua,

um canal ou uin riacho, para se entrar na morada dos mortos. Vêem-se ao longe pequenos traços de terrenos lavrados em contravenção a successivos decretos imperiaes que, como é sabido, principiam sempre pelas sacramentaes palavras — Tremei e obedecei —. N'esta nação, porém, de obediencia e respeito, com as difficuldades das communicações, não raras vezes o povo faz ouvidos de mercador ás ordens imperiaes com a connivencia, bem entendido, dos mandarins do sitio, que no fim de contas são os que auferem maiores lucros.

Chegamos á porta vermelha — um espesso e pouco comprido muro d'alvenaria aberto por tres arcos e coberto por um telhado de reluzentes telhas amarellas. Passada *Run-mên*, mais um grande traço de terreno livre e depois, sempre na mesma "nhã, um alto pavilhão de base rectangular vasado por arcos, um em cada face. São amarellas também as telhas do seu telhado. Ao centro do pavilhão, uma tartaruga de mármore d'um metro e setenta centímetros de comprido carrega com uma la-P'de de oito metros d'altura coberta de inscripções. Em linha "ecta ladeiam o pavilhão quatro columnas de mármore branco, duas de cada lado, a alguns metros de distancia umas das outras. Dragões enroscam-se subindo por essas columnas acima.

Para lá do pavilhão principia a avenida dos animaes e ao '°nge, em semi-circulo, encostados ás montanhas, irrompem de manchas de verdura — velhas arvores seculares — treze grandiosos edifícios : são os tumulos.

E verdadeiramente assombrosa essa avenida, que se estende po$_r$ mais de mil e seiscentos metros, entre enormes figuras de mármore, collocadas em frente umas das outras e a grandes distancias, e que ha mais de quatro séculos excitam a admiração do mundo. São vinte e quatro os animaes, tres vezes maior que ° "aturai e talhados cada um n'um só bloco de mármore. D'onde vieram estes mármores, como se acarretaram até aqui, quem ^{s} esculpiu ? Mysterio que o tempo obstinadamente guarda e de que os livros chinas nada dizem.

Abre a avenida por dois obeliscos de mármore do base hexagonal. Seguem-se depois duas *chimeras,* mais altas que um

homem, assentadas sobre as patas traseiras. Pretendem os chinas que no começo da dynastia *Tsing* ainda existiam antes d'estas *chimeras* duas cabras de mármore que um bello dia fugiram ! Um dos chinas que nos acompanha confirma a lenda e acrescenta que as *chimeras* tinham também um guizo ao pescoço para se dar por ellas se por acaso tentassem seguir o exemplo das cabras, mas que os espíritos uma noite lh'os roubaram

Encontram-se em seguida e por sua ordem duas *chimeras* em pé ; duas outras com um corno nas cabeças e sentadas sobre as patas trazeiras, patas de cavallo ; mais duas como as primeiras, mas em pé ; dois camelos deitados ; dois outros em pé ; dois elephanles deitados, dois em pé ; duas *chimeras* sentadas sobre as patas trazeiras; outras duas em pé; dois camelos deitados, e por ultimo dois cavallos em pé.

Não pudemos resistir á tentação de montar, não sem alguma difficuldade, um dos camelos, para de mais alto gozarmos do magestoso espectáculo d'essas colossaes figuras alinhadas umas em frente das outras. Então lembrou-nos a lenda das cabras, e, como n'um pesadelo terrível, parecia-nos que o animal que montavamos partira comnosco á doida desfilada, e que, n'uma carreira vertiginosa e sem fim, o nosso triste coração, cançado de bater, se nos gelára no peito e nós próprios nos transformáramos n'uma figura de pedra ! . . .

O pacato camelo, porém, não se mexera. Ao apearmo-nos reparamos que elle tinha grosseiramente esculpidos nas ancas tres ou quatro nomes de europeus que talvez não deixem de si outra memoria além d'esse estúpido acto de vandalismo!

Ã avenida dos animaes seguem-se, na mesma disposição e nas mesmas linhas parallelas, estatuas humanas. Primeiro são dois guerreiros, maiores que o natural, usando bigode e pêra, cobertos com um elmo e vestindo complicadas armaduras, com a mão esquerda apoiada na espada e a direita segurando um rolo ; outros dois guerreiros com as mãos cruzadas sobre o peito ; dois letrados, mitrados, também de bigode e pera, segurando na mão uma especie de pergaminho, as fartas mangas das cabaias cahidas em pregas macias até aos pés; outros

dois letrados inteiramente iguaes aos precedentes, e, por ultimo, mais dois com barretes acachapados cabidos sobre as orelhas, termina esta avenida por um arco de triumpho, mais baixo que o da entrada do valle, com tres aberturas e coroado por *chimeras*. Ainda na avenida dos animaes, cruzamo-nos com uma alegre caravana. Era a familia do ministro dos Estados-Unidos e alguns rapazes inglezes, empregados de Sir Robert Hart nas alfandegas imperiaes, que havia alguns dias tinham partido de Pekim para visitar a «*Grande. Marulha*». Vinham de *Nankau* e n'essa noite pernoitariam em *Tha-ho-Tsheng* recolhendo no dia seguinte a Pekim. Foi a primeira vez que vimos o grave M.r Demby, o ministro, sem o seu phenomenal chapéo alto branco. M.rs Demby ia n'unia liteira. Todos os outros a cavallo; acompanhavam-os, porém, liteiras para, de quando em guando, descançarem do incommodo Irote dos cavallos mongºes. Rapidamente trocamos as nossas impressões que elles cortavam pelas palavras : *beautiful, splendid, wonderjul!* M.r Demby preveniu-nos sabiamente da horda de ladrões com que 'mhamos a tratar em *Nan-kau*. iMiss Demby, apertada na sua amazona justa e de chapéosinho de côco, envolvido n'um véo verde, que lhe tornava ainda mais esmeraldinos os seus olhos vivos, quiz vêr o livro do desenhos e notas que seguravamos "a mão. Com dois traços esboçamos a gentil cavalleira substi-'uindo-lhe a graciosa cabeça, que o nosso lápis não saberia reproduzir, por um ingénuo sol despedindo raios coberto por um chapéo de còco ! Sorrindo do nosso comprimento partiu a galope seguida dos seus adoradores. As liteiras partiram lambem, e essa alegre cavalgada, envolta numa nuvem de poeira, galopando ao longo da avenida dos animaes, fazia-nos o effeito

JI

uma mascarada liliputiana I

Continuando na nossa peregrinação, vamos seguindo o valle (iue desce abruptamente. Tres pontes nos separam da porta do tumulo do imperador *Yung-Lo,* o mais bello e o mais grandioso dº todos. A primeira já não tem guardas ; da segunda restam apenas tres arcos de cantaria, e é precisamente sob esses Ires arºos que 1111 riacho bastante largo corre serpenteando pelo valle.

Encafuamo-nos na liteira para o atravessar ; a agua toca (fuasi nas barrigas dos machos. Vimo-nos do outro lado e não o acreditamos. Descemos da liteira e passamos a terceira ponte. Subindo uma rampa calçada por largas lages e bordada d'arvores, as primeiras que nos tumulos dos *Mings* nos cobrem com os seus ramos, chegamos em frente da porta do tumulo do imperador *Yung-Lo*.

O tumulo é um verdadeiro e vasto templo, mais vasto que o « *Grande Templo dos Lamas*» em Pekim. Jeanrenau parlamenta com os guardas, distribue alguns dollars em prata, e entramos para um grande pateo por uma das tres portas abertas no muro, pintado de vermelho, coroado de telhas amarellas assentes sobre um friso verde e amarello de tijolos vidrados.

A direita eleva-se um pavilhão de dois andares. Este pavilhão abriga uma tartaruga de mármore com a lapide que commemora o ler sido o imperador *Kien-Lung* quem mandou reparar este tumulo. Ao fundo estende-se um comprido pavilhão, uma especie de *hall*, para o qual se sobe por tres escadas parallelas de mármore branco. Os degraus da escada do centro são ao meio interrompidos por uma tira estreita de mármore lavrado sobre que destaca o dragão imperial com as suas cinco garras. E tão delicado o seu trabalho, que parece um precioso e macio tapete acabado de deitar e que ainda não está esticado pelos varões dos espelhos. E por sobre esse tapete que sobe a cadeira imperial. Os simples mortaes sobem pelas outras escadas. Xo enlablamento das columnas lêem-se as palavras : « Porta do beneficio extraordinário». O pavimento é de tijolos polidos. Sahindo pelas portas do traz, entra-se n'outro pateo assombreado por esplendidos cedros. Aos lados admiram-se dois graciosos e pequenos pavilhões de tijolo amarello; são fornos destinados a queimar os papeis que servem nas ceremonias sagradas. Por tres bellas escadarias de mármore de tres lanços cada uma, separadas por alegretes com guardas de mármore tão formosas como as das escadas, entra-se n'um grande templo de 67 metros de comprido por 27,5 de largo. Affirmam ser este templo a cópia exacta d'uma das salas do palacio imperial

de Pekim. O tecto, de differentes alturas o em caixotões pintados com caprichosos ornatos verdes e brancos, é sustentado por Mnle e quatro soberbas columnas de teca, trazidas de Burnah.

columnas assentes sobre mármore preto têm 9 metros d'allura, e dois homens difficilmente as podem abraçar. O nosso guia chama *Namo* a esta madeira e pretendendo que ella é ineonibustivel, acrescenta, arregalando os olhos sumidos, que cada Ulua das columnas vale muitos milhares de *taeis*. As paredes são Pmtadas de verde e amarello. Ao centro ergue-se uma especie d altar resguardado por' uma grade de madeira pintada de vermelho. A finíssima talha d'esse altar é dourada e vermelha. .Vum Pequeno nicho está esculpido n'uma taboleta vermelha o nome Postliumo do imperador. Em frente do altar e fora da grade, sobre uma mesa vermelha também e dourada, eslão os attributos d° culto : um perfumador, dois vasos e dois castiçaes. Por excepção, nenhum d'esses objectos tem o menor valor artístico.

Cercam o templo espaçosos terraços dispostos em tres andares. Pela parte de traz d'este templo encontra-se um outro Pateo assombreado por formosos carvalhos de folhas avermelhadas ; ao centro levanta-se um arco triumphal de madeira entalado entre duas pilastras de mármore branco, encimadas por *chinieras*. Ao fundo, um tunnel abobadado escancara a sua ne§ra bocca. A poucos passos d'esse tunnel, erguem-se sobre uma elegante base de mármore preto dois enormes castiçaes, dois ^asos e um perfumador de mármore negro d'um trabalho precioso. O tunnel sobe em rampa até c|ue a alguns metros se biUrca continuando a subir para um e outro lado. Chega-se por este caminho á collina de SOO metros de circumferencia, cobera d arvores, a qual encerra o corpo do imperador !

'•nde, em que logar está enterrado? perguntamos nós ao china.— Em Ioda a collina! responde-nos; e. como nos visse dispostos a subir, não nos quiz acompanhar — porque, em cima, "a serpentes que guardam o corpo do imperador *Yung-Lo!*

A collina é cercada por um muro anieiado. .No terraço, s°bre a bocca do tunnel, eleva-se um pavilhão que abriga uma grande lapide de mármore vermelho posta ao alto, onde ainda

uma vez se vê esculpido o nome do grande imperador. É absoluto o lugubre silencio que pesa sobre a collina. Até o proprio vento, soprando rijo, parece não murmurar nas folhas sèccas das arvores que cahem silenciosas sobre o chão afapetado de relva!

Em logar das serpentes, que aterravam o nosso guia, encontramos alli perfumadas violetas silvestres com que ornamos a botoeira do nosso casaco.

Eram quatro horas e meia da tarde, quando abandonamos o tumulo de *Yung-Lo,* caminhando, sempre a pé, pelas fraldas das montanhas na direcção sudoeste até *Nan-kau*, onde chegamos depois das 7, já muito noite fechada. A lua brilhava em todo o seu esplendor e Ião clara, que nos campos os chinas lavravam ao luar. Nós seguíamos por verdadeiros carreiros de cabras, alumiados por um intenso banho de luz. Ao passarmos as poldras d'um rio pareciam-nos que eram de prata as aguas que iam correndo.

Foi com vontade que em *Nan-kau* comemos o jantar apimentado por uma salada russa, preparada por Jeanrenau, coro legumes de Mongolia. Com o corpo alquebrado pelo cansaço, deitamo-nos sobre o *kan* de tijolo. O soinno, porém, foi difficil de conciliar. Estremunhavam-nos a cada instante os gritos terríveis das disputas no pateo, por causa de miseráveis *sapecas,* entre os criados da pousada e os viajantes que partiam; o contínuo tilintar dos chocalhos das caravanas dos camelos; o latido dos cães e o tic-tac arripiante dos guardas, especie de serenos, que velam pela segurança das casas.

As 6 horas da manhã do dia seguinte, ora a pé, ora montados em burros, começamos a subir o íngreme desfiladeiro de *Nan-kau.* Um fio d'agua serpenteia claro por entre os enormes calhaus que por toda a parte atravancam o fundo do desfiladeiro. D'um e d'outro lado elevam-se a pique montanhas brutas, escalvadas, selvagens, eriçadas de penedia e do rochas. F por esta estreita garganta que se faz todo o commercio da Mongolia- Descem continuamente grandes rebanhos de carneiros mongoes de rabo largo e chato, e caravanas de camelos carregados principalmente de carbonato de soda, pelles, linho, e serradura de

madeira para lazer pivetes ; sobem as caravanas que levam o ehá conhecido em toda a Europa pelo nome de «chá de caravana». A medida que se sobe, a magra vegetação do fundo vai diminuindo e o pêllo dos eães, e as sedas dos porcos, tem l«fos de lã.

A 8 kilometros de *Nan-k.au* fica a cidade de *Chu-yung-kuan,* uma das mais antigas cidades da China. Cercada de muralhas, estende-se por uma fórma piltoresca, para um e outro 'ado, subindo pelas Íngremes encostas das montanhas do desfiladeiro. Todo o viajante que vai ou vem da Mongolia tem de atravessar esta cidade e passar ao meio d'ella, por debaixo d uni curioso arco da dynastia *Yuem,* em abobada, de fórma semi-hexagonal, edificado no anno de 1315. Ornatos e animaes fantásticos, d'um trabailio grosseiro, admirani-se esculpidos "as duas faces do arco. No interior da abobada estão esculpidas sentenças budhas em grossos caracteres de seis línguas differentes: mongol, oigour, devanagari, sciu-chich e thibetana. Diz a tradição que no tempo da invasão mongol existia um pagode levantado no cimo d'este arco, acrescentando que os soldados invasores obrigaram os seus chefes a destruil-o e recusando-se, se o não fizessem, a continuar na sua marcha victoriosa. 'elas ruas da cidade passeiam condemnados, arrastando pesadas barras de ferro, ou enormes traves de pau, presas aos artelhos por fortes cadeias. Caminham com difficuldade, sorrindo-s{ Para nós, que os fitamos cheios de espanto !

A 3 kilometros d'esta cidade, subindo sempre, o desfiladeiro estreita ainda mais e volta abruptamente para o oriente, ''Perlado entre rochas escarpadas. De cada lado, alcandorados "a rocha escarvada, e a uns 1 I metros d'altura, estão dois pequeninos pagodes inteiramente iguaes e onde difficilmente cabem '"ais de tres pessoas. Datam esles pagodes do tempo dos impe-'adores da dynastia *Ming.* Por impossíveis degraus, abertos na roclia, e fazendo prodígios de equilíbrio, subimos até um d'elles.

E phantastico d'ahi o effeito produzido pela passagem dos ^ehanhos dos brancos carneiros mongoes, que correm em massa ,l desfilada, diante das chicotadas dos pastores, galgando em

turbilhão por cima dos grandes penedos que rolaram das montanhas, como se fossem urna caudalosa torrente espumando impetuosa de encontro ás rochas.

Cruzamos levas de condemnados á morte — vestidos de vermelho — que vão para Pekim, para serem executados por occasião das festas do anno novo. Nada preoccupados com o fim proximo que os espera, vão contentes entre os soldados. De' vam alguns parches na cabeça, procurando ainda curar-se dos seus achaques! Padres Lamas, vestidos d'amarello, descem com a trouxa da roupa posta á laia de mochila. Perguntamos-lhe para onde vão? — Para as bandas d'onde nasce o sol. respondem-nos. — Uma pobre china, muito velha, de pé aleijado, segue-os de perto, apoiada ao seu cajado. Pede-nos esmola dizendo-nos, com voz triste, lagriinejante e arrastada, que em cima já não ha pão ! . . .

Á medida que caminhamos, o desfiladeiro vai-se tornando cada vez mais Íngreme e mais intransitável; os pés escorregam sobre os seixos roliços, l'erindo-se nas arestas das pedras maiores. A 8 kilometros de *Pa-Ta-Ling* avistamos a «*Grande »u'~ ralha*» desenrolando-se corno unia grande serpente por cima das cristas das mais altas montanhas.

Enchemo-nos d'animo para vencer essa distancia e pedimos a Jeanrenau que excite os chinas dos burros que nos trazem o farnel do nosso almoço e que nos seguem de longe.

Eram onze horas e meia quando chegamos ao cirno do desfiladeiro a *Pa-Ta-Ling*. Diante de nós erguia-se magestosa e soberba, como quem tem resistido ao lento decorrer de vinte séculos, a « *Grande maralha da China»!*

Então, n'um ligeiro assomo de vaidade satisfeita, repetimos com Fernão Mendes. Pinto, o nosso inseparavel conipanheifo d'oriente : «liste muro vi eu algumas vezes e o medi, que é]'o' todo geralmente de seis braças d'alto e cincoenta palmos largo 110 macisso da parede. »

A larga porta de *Pa-Ta-Ling* rasga-se na muralha, que e revestida de granito até unia certa altura, e depois continuada por fiadas de tijolo. Oe espaço a espaço, para as bandas da

província de *Pe-Tchi-Li,* tem porias em arco, por onde, por escadas abobadadas, se sobe para o terrapleno, protegido por ameias do lado que olha para a Mongolia o por um simples parapeito unido, para o outro lado. A muralha é flanqueada por fortes torres quadradas, elevadas a distancias desiguaes; entre essas lorres a muralha nem sempre segue em linha recta; mas as torres, mais salientes para o lado da Mongolia, flanqueiam-u'a sempre.

Foi o imperador *Huang-Ti* — o primeiro imperador augusto da dynastia *Tsin* — quem, no anno 214, antes da éra christã, mandou construir a «*Grande muralha*», depois de submetter todos os reis e príncipes vassalos do império, que se tinham tornado independentes, restituindo assim á nação a sua grande e poderosa unidade. Com a « *Grande muralha* » imaginava proteger para todo o sempre os seus vastos domínios das invasões das tribus do norte. Empregaram-se, durante os dez annos que levou a concluir, muitos milhões de homens na sua construeção.

O imperador *Huang-Ti* não chegou a ver terminada a sua gigantesca obra, pois morreu tres annos depois d'ella principiar. Chaniam-lhe os chinas *an-li-tehang-tehing,* o que quer dizer a grande muralha de dez mil *lis* ou mil legoas. Ella porém não tem mais de 500 a 600 legoas. Começa em *Shan-hai-kuan* (lat. 40°, long. 119°,50) no golfo de *Liau-Tung* e termina perto de *Kiayti-kuan* no rio amarello. Para lá d'esse ponto a muralha [r]reduz-se a uma grande trincheira de terra com algumas torres.

Tem a « *Grande muralha* » em alguns pontos mais de 7[m],5 d'espessura na base e 6 metros no parapeito; a sua altura [v]aría de 5 a 9 metros.

Emquanto Jeanrenau transformado em amavel *maitre d'hotel,* ficava com os chinas sobre a muralha, junto de *Pa-Ta-I-ing* a 628 metros acima do nível do mar, preparando o nosso almoço, nós, attrahidos por uma força irresistível, caminhámos durante uma hora pela muralha fóra até chegarmos a um ponto mais culminante que de longe nos namorava.

Para vencer as altas cristas das montanhas, a plataforma

sobe em rampas quasi a pique e em escadas admiravelmente bem construídas como as das mais elevadas torres das nossas cathodraes. Para o lado da província de *Pe-Tchi-Li* as montanhas agglomeram-se phantasticamente e no horisonte longínquo, levemente esfumadas n'um tom azul, esbatem-se no céo puro. Para o outro lado vão diminuindo de relevo, distinguindo-se nas cristas mais elevadas as pequenas torres quadradas ; depois estende-se, vasta e larga, a planície da Mongolia onde a pequena cidade de *Tsha-dau* se desenha nítida n'um rectângulo perfeito.

Nem sombra de viva alma por essa extensa muralha, que, outr'ora, milhões de soldados guarneciam. É que o tartaro, o inimigo contra quem ella foi construída, impera hoje na China, senhor absoluto do maior império do mundo! Diante de nós corre apenas um bando de perdizes cinzentas, que a custo, com os nossos gritos, se resolve a levantar um vôo baixo e curto.

Chegámos ao ponto culminante. Para diante e para traz. tanto quanto a vista pôde alcançar, sempre a « *Grande muralha*» desenrolando-se, descendo, subindo, tão identificada com as montanhas, que parece ter nascido das próprias convulsões da terra!

Por sobre as nossas cabeças o sol esplende triumphante, fazendo reluzir os cumes afastados cobertos de neve.

Do parapeito, meio desmoronado, arrancamos com custo um pesado tijolo. Carregamos com elle até *Pa-Ta-Ling* e conserval-o-hemos sempre como a mais preciosa relíquia de Ioda a nossa peregrinação pelo mundo.

Ao findar do almoço, de pé e descobertos sobre a «*Grande muralha*»,— era o dia 31 d'oulubro—bebemos respeitosamente á saúde d'El-Rei de Portugal. Com o coração confrangido pela saudade da Patria, tão querida e tão distante, Deus sabe a commoção que n'esse momento nos opprimia ! . . .

Bernardo Pinheiro de Pindella.

A DANSA MACABRA

(NOTA PRELIMINAR \ TRES AUTOS HE C.1L VICENTE)

Estes autos, unidos pelo laço estreito de intenção commum, ormam o que na arte antiga se denominava uma trilogia.

Representaram-se os dois últimos em tablados dignos d'ele do original engenho que os gerara : um, na capella do Hospital de todolos Santos da cidade de Lisboa », ao tempo as matinas do Natal, em 1518; o outro, na capella real da N|"a de Almeirim, presumivelmente pelas Endoenças, em 1519.

A primeira parte — a primeira scena, chama-lhe ingenuaHe a rubrica — não se expoz em recinto sagrado, sagrado Pelo menos pelo culto e pela fé, á admiração de seu palaciano •'uditorio. A primeira representação do primeiro auto íoi de ca- "lai'a, -— na câmara onde, em princípios de janeiro de 1517, Jaz'a. enferma e para pouco, « a muito catholica e santa rainha • Ilaria ». O tempo do anno é de conjectura prompta. Aos 9 ' setembro de 1510 dava a dòce e piedosa aragoneza á luz nos da Ribeira a D. Antonio, seu nono filho, um infante que Sí nao fadara para a vida e luz do mundo, — nado e fallecido °§o. f)'esse pouco prospero successo ficou á bonissima senhora "ma má disposição », de que veio a morrer miserandainente aos de março de 1517. Porque não seria nos últimos dias da enfer- '"dade, que se sabe Ler sido, principalmente quando mais visi 'ha de seu termo lugubre, «de gravíssimas dores», e porque ls 'estas da Natividade de .lesus Deus eram, n'aquelles au-

reos dias, propícios á producção de obras, como os autos devotos do poeta, é de presumir que n'um dos seis primeiros dias de janeiro, provavelmente no ultimo, pela primeira vez, se representou a scena inicial d'esta trilogia estranha.

O auditorio foi o mais luzido que nunca haja tido producção theatral d'engenho humano. Representou-se o primeiro auto, como vimos, á piedosa magestade da rainha D. Maria, encaminhando-se, a passos agigantados, ás sombras de seu antecipado tumulo; o segundo, á «muito devota e catholica rainha I). Leonor»; o terceiro, «ao muito nobre rei D. Manuel, o primeiro em Portugal d'este nome».

O thema, levemente expresso nas cotas que antecedem, como sempre, o dizer dos personagens em taes obras, já se antevê dos títulos: *Aulo da Barva do Inferno; Anto da Barca do Purgatorio; Auto da Barca do Céo.* E, em sua essencia intima, o thema característico de rara fórma de arte, viva? geral e sã na meia idade, hoje indifferente, deslembrada, morta, que vagamente se designa e se conhece vagamente pela estranha e aspera denominação que intitula esta noticia critica- A Dansa macabra! Nascida na meia idade, é escura e misteriosa como ella, sem embargo de sérias investigações recentes- Para mim, impertinente amador de quanto o tempo tenazmente cerra e em si apaga para sempre, é d'essa obscuridade (IIIL lhe deriva o melhor encanto, a mais penetrante seducção,— encanto de que se impregnam todas as sombras, a seducção de que se embebem todos os mysterios . . .

Em tudo grande, a obra do glorioso Gil dos autos grande pelo thema de que trata, grande pelo engenho que ' formou, grande pelos personagens que a ouviram, grande pe'o logar onde se expoz, grande ainda, e muito, pela origem de qut provém. Não será de mais affirmar dVlla que é a Dansa macabra feita aulo de devoção, no século xvi, isto é, no século d® Renascença, da Reforma, e do Descobrimento da índia, Par representar-se, em camaras e capellas, ás devotas esposas do luminoso aulocrata, cujo império só findava no Oriente, d'onde J'1 chegavam ás braçadas vicios e torpezas que, á laia de

sanos famintos, nos haviam de comer miseravelmente toda a medulla da alma.

Basta a persuadir-nos d'isto o que se sabe ou conjectura d'uma e o que se entende e lê da outra.

I

Chorea Machaboeorum. Foi esta a designação primitiva, a mais antiga pelo menos, da *Dansa macabra*. A identidade das duas denominações deixou de ser discutivel. Macabre ou macabre é simples corruptela. Não é recente a affirmação. *Chorea Machabceorum* tinha, já 110 sentir de Ducange. perfeita equivalência com *danse macabre*.

O glossologo define-as : «Certa ceremonia recreativa, devota instituição da clerezia, 11a qual figuravam todos os dignitários da Egreja e do império. Com o alternado desapparecer dos personagens, que tomavam parte n'ella, pretendia-se significar que '°dos vivemos sob a dominação da morte. »

Ror que razão chamada dos Machabeus? Entre outros, Litt"é responde: «1'óde presumir-se que os sele irmãos Machabeus, Eleazar e sua mãe, padecendo successivamente o martyr'o, suggeriram a idéa d'esla dansa, da qual desapparecia cada Pessoa por sua vez; e que depois, no intuito de tornar a idéa mais palpavel. foi confiada á Morte a missão de reger a dansa Phantastica.»

Sujeilo a sensiveis reservas as presumpções do erudito investigador. Não foi talvez o thema primitivo, e único, d'esta dansa o martyrio dos sete irmãos, de sua mãe e do velho Eleazar. Advirta-se desde já : a designação de Machabeus, hoje attribuida em geral aos nove heroes, parece relativamente moderna. Não ha encontral-a 110 texto. Derivou-se impropriamente titulo do livro em que se narra o fim dos nove martyres "n da fortaleza sobrehumana, que revelaram na morte, e lhes

dá direiLo, 110 sentir da posteridade absorta, ao cognome do inais valente dos filhos de Matathias, Judas, o Machabeu. Advirta-se ainda: de todos os passos, na historia dos derradeiros heroes do povo hebreu, o menos proprio a thema de tal «ceremonia», a um tempo devota e ludicra, seria talvez esse, em que Littrc e outros investigadores recentes viram a origem e a essencia da chorêa celebre. De feito, Eleazar e os sete irmãos com a mãe ^incomparável, cujos nomes o ignoto historiador, por estranha negligencia, omitte, acabaram com denodo em torturas ásperas por se negarem, ern razão de lei, divinamente dada e acatada eslrielamente, á ingestão de carnes vedadas por impuras. Ora a constancia na pratica d'essa norma, geralmente seguida pelos filhos da miúda e meticulosa Israel, fazia, depois da dispersão, na meia idade, e até em nossos dias, da grei odiada, o joguete do populacho hostil. Figura-se-me por isso pouco para servir de lição e estimulo. Não é assim que o riso ensina-

Inelino-me a diversa presumpção. As mímicas religiosas, as dansas guerreiras estavam na idade-média em grande apreço e voga. A religião e a guerra, as armas e a fé, eram a vida, a alma da nossa avoenga medieva, simultaneamente devota e bellica, os tocos da existencia moral e social de então. Sem as armas e sem o culto, escurece em densa noite esse vasto período tão grande, original e potente, hoje apenas viltado, e só de longe em longe, pelo jacobinismo absolutamente rubro, retardatário e ignaro. Prazia á christandade em taes éras de braveza e lé. disciplinar-se, entre deprecações e pranto, á sombra das immerisas cathedraes, e matar e depredar a sabor no bulício dos campos de batalha. Ora de todos os livros santos nenhum talvez tão capaz de afagar os dois sentimentos dominadores d'essas éras, quanto os denominados dos Machabeus. Designadamente, o primeiro. Dictou-o, dir-se-hia, o anjo do extermínio; lavrou-o hierático estylete em lapides sagradas; escreveu-se a ponta de espada e lança, á luz de brandões mysticos. Clangor sonoroso de trombetas trôa ern seus capítulos frementes. Tropel de cavallos, embates de armas e de armados echôam-lhe em cada pagina, agitada do sopro das batalhas. Se talvez emmudece o gemer dos

feridos, o estertor dos moribundos, a grila dos combatentes, é para que os sons prantivos dos cânticos e as nuvens do incenso votivo ou das hóstias de propiciação subam das aras e dos thu-'"ibulos aos pés de Jehovah.

Eram pois os dois livros, sob o aspecto da choreographia medieva, preciosos repositorios. Para as Cerrito e os Saint-Léon desses dias, que abundoso caudal (('inspiração artística! Primeiro se fatigaria a attenção popular dos extasis violentos, em 1ue a embeberam, mimicamente traduzidas, as paginas sagradas, do que ellas de ministrar, nos rasgos dos heroes, motivos a taes extasis. Martyrios, batalhas campaes, assaltos de muralhas, entradas, saques e incêndios de cidades, perseguição de crentes> os pavores da desolação, o extermínio, a Morte . . . Nada falta. E tudo, mais 011 menos, figurou talvez n'essas rudimentares exhibições theatraes.

Presidiu por certo um intuito primeirb, 1111 pensamento (lição moral, a esses jogos scenicos, reputados auxiliares da cathedra, filiaes do púlpito christão. Crè-se em geral, d-o, como vimos, Ducange, que se quiz significar a universidade da lei, que faz de todos nós divida irrevogável da 'norte.

Na adopção de tal doutrina ainda uma reserva simples. O Pensamento dominante, se o houve, era, naturalmente, a princi-P'º ó do livro, que ministrara o thema. Esse pensamento é manifesto : a constancia na fé.

E theoria, aceita em critica, que os dois tratados, os 'luaes, sob idêntica designação, se completam mutuamente. devem a dois escriptores, por igual desconhecidos. Pois em ambos, a mesma intenção intima. No primeiro, Matathias moribundo diz para seus filhos : « Inquiri geração por geração : não Mí altenuam os que confiam 110 Senhor ; não receeis dos amea-''l,s do peccador, pois a gloria de que se jacta, é esterco e ver-'"e.» (Cap. 11, vers. til e 62). No segundo, ante imminentes c '"morosíssimos tormentos, o mais novo dos sete irmãos, figuradamente denominados Machabeus, exclama: «Nós padecemos Por nossos peccados ; e se. para increpar-nos e corregir-nos, o

Senhor Deus se revela ainda irado contra nós, reconciliar-se-ha com seus servos. » (Cap. vn, vers. 32 e 33).

Era visivelmente esta fé sublime, indómita aos tormentos, ás promessas, ás delicias, ás grandezas da terra, o que se quiz a principio doutrinar com a Dansa. Mais tarde, ainda antes de tornar-se thema dilecto a todo o artista, foi-se o pensamento inicial despontando pelo uso. Naturalmente. Com a falta de explicações verbaes na execução das scenas, a intenção essencial e primeira, foi cedendo o passo ao que immediatamente dominava em cada quadro ou scena — a Morte. Villeneuve Bargemont falia já da « afamada procissão que se via desfilar pelas ruas de Paris sob a designação de *dansa macabra* ou *infernal,* pavoroso passatempo, a que presidia um esqueleto, coroado de diadema régio e sentado em solio resplendente de pedraria.»

As pessoas, que figuravam n'esta mostra lugubre, é de presumir, não dansaram, isto é, não representaram mimicamente scenas, quadros da vida dos Machabeus. Compunham numerosa mascarada na qual cabia talvez, pela razão suggerida por Littré ou por outra qualquer razão, o logar de honra aos heroes hebreus, mas em que a idéa da universalidade da morte, então essencial, transparecia na assistência de outros personagens, papas, imperadores, reis, grandes dignitários da Egreja e do império, caminhando, em purpuras e arminhos, no respeito e na admiração de todos, para o termo proximo, sob a conducta do inevitável, luctuoso guia. E o embryão, o primeiro germen da Dansa macabra, que se ostenta lugubremente nos frescos dos mosteiros, nos relevos dos campos santos.

Em lapides, monumentos de varia especie encontrára mais d'uma vez figuração exacta, symbolisação feliz a idéa amarga da universalidade da morte. Aqui, a hospeda hedionda, sob a fórma de implacavel jogador de xadrez, ganha todas as partidas, que propõe. Alli, vestida de rude lavrador, aduba e avigora, com sangue espargido, a gleba da vida. Ora, dominador potente, vae, a sangue e fogo, devastando a especie humana ; ora, galhofeiro menestrel, ri, com sareastico despejo, das tristezas e misérias da existencia.

I ornou-se, com o tempo, fonte principal de inspiração, guia frequente do pincel e escopro. Facto naturalíssimo. Pintores e esculptores viviam de preferencia á sombra dos mosteilus> «inicos freguezes opulentos, únicos intelligentes apreciadoles' na extineção quasi geral da cultura artística. Se excepcionalmente os chamavam soberanos e senhores era para commetter-lhes a producção de obras religiosas. Thema e lavor ^ei'avam-se, nasciam pois nos retiros claustraes. A inspiração t'ngia-se da luz coada no recinto silencioso pelas rosaceas lacadas de assumptos devotos. A constancia d'este thema triste '"ais nie parece derivar d'ahi que dos dolorosos casos sociaes, ferras, fomes, pestes, (|iie hajam lacerado acaso o coração da ropa. A idéa da Morte presidindo á sociedade, presidindo á arte ; perfeitamente natural: era a idéa dominante da religião ' "islã, que ambas formara e afeiçoara á sua imagem. Para os "eis severamente submissos a uma crença, que affectuosamente Js acompanhava a cada instante, que os consolava com a promessa da futura paz sem fim, haveria não sei que estranha, luocurada e acérrima voluptuosidade n'esse pensamento crú. N ella se embebia, com delicia, a sociedade crente, ainda depois idade-média; os desafortunados, como na esperança d'um reugio proximo; os felizes, por um requinte de fereza comparavel u Angular, e, ao primeiro aspecto, inexplicável crueldade, com 'Ue os corações indoloridos se absorvem na dôr que os dilacera V"

a- vimos, ante a rainha D. Maria, representado o *Auto da a'La do Inferno,* com as lôbregas figuras que o recitam e o consolado thema de que trata, na camara de dolorosa e ireniodiavel enfermidade, (Ponde havia de entrar em pouco a ,llsera senhora á solidão de seu marmóreo tumulo. E foi «para "nsolação >> de sua irreparavel mágua. Dil-o expressamente a cota.

^ Na dansa dos Machabeus encontrou a phantasia artislica Posto e debuxado o thema. Tornou-o com avidez o reprodulu'o sem reservas. Papas, imperadores, reis, prelados, os podeos o 8, os ricos, os moços, as donzellas, todas as classes, todas 'dades, figuravam-se caminhando para a eternidade sob a

conducta de esqueleto de rictus formidando, — letra symbolisação da Morte.

Acode um dia a artista de génio uma intenção feliz : exprima-se por modo mais rápido, preciso e vivo, esse incessante e triste caminhar. Supprimido o guia lugubre, figura a morte primeiro nos accessorios dos personagens, depois sob as insígnias e dislinctivos d'elles. Assim na Dansa macabra de Holbein, o grande e original pintor da Renascença allemã, transporta-se um papa em andor revestido de flores, envolto em perfumes. banhado em ondas de ouro, o prata, c pedrarias. Os fâmulos do pontífice marcham cadentemente, ao som de musica festiva, entre acclamações, que rugem, como tempestades, e 1"' mes, que deslumbram como auroras. Quem são os sisudos portadores do faldistorio pontifício? Esqueletos, muito austeros c compostos, mas fundamente ironicos na sua austeridade, Pª luxuosa compostura de purpuras e brocados roçagantes. A morte a alliciar-nos, a encaminhar-nos ao termo derradeiro, pc'a via graciosa das flores, dos perfumes, das delicias ! A ironia punge cruamente de sob a cobertura esplendida, como o ferro, que retalhou Orpheu, sob a hera embalsamada dos thvrsos dionysiacos.

Vesta e n'outras composições transuda já a ironia viva» mas ainda se reprime e tem no thema lugubre. N'outras desatarain-se logo as demasias. O sarcasmo rompeu em b"l' fonerias d'um faceto horrendo. A morte depoz a própria mageS" lado, como fardo ineonimodo, e riu e fez rir com descaro cy"1' co. O velho thema veio, por estranha contradicção, a produz1' assim um sentimento absolutamente opposto ao que lhe dera o ser. Como .' Por dois modos distinctos e seguros.

Não é sempre a Morte, nem para lodos, adversa, dolorosamá. Para muitos e em muita situação da vida, a certeza termo, mesmo proximo, o avisinhar do transito, todo incerteza- e espanto, o sombra, ás regiões que se estendem indefinida* mente para além da vida, é esperança, refrigerio, bem! Ado1 nhain, sentem esses que a impressão que lhes causa a infatig8* vel devastadora lhes é própria, que nos contentes da terra, Ii(ii"

cheios das suavidades, nos mimosos das caricias d'ella, o fim inevitável tem de produzir por força outro, e bem outro, sentimento. Não têm os resignados com as suas dores, os conformados com os males, de que tristemente os abebera a sorte, amargos sarcasmos para os felizes, não nutrem o ruim desejo de que chegue aos bemvindos da existencia o termo de venturas e prazeres ; mas os irritados de injustiças, suppostas ou reaes, os desesperados de seus inales, os rebeldes a Quem disfribue, e de alto, os males e bens da vida por normas que ignoramos, que havemos de ignorar sempre e sempre, por mais que •entemos, estúpidos que somos, perscrutar-lhes o alcance mysterioso, esses, é bem de vêr que ririam a bom e franco rir do 'mmenso desconsolo, que traz a morte aos venturosos, ó bem de v'er que, no áspero contraste dos júbilos de uma e dos horrores ae outra, encontrariam abundante manancial de alegrias, quando menos, de brutas bulfonerias, de facécias cvnicas. Não seria P°r certo curto o numero d'esses infelizes maus, duas vezes infelizes, em dias de lucta, de violência e sangue . . .

E caso constante, indestructivel na indole singularmente absurda do homem : uma idéa, um sentimento que profundamente a abala, provoca necessariamente, extincta a vehemen-(la da impressão primeira, outra idéa, outro sentimento de intensidade igual e contraria. É humano, é real o descarado chancear dos coveiros do *Hamlet* ante a augusta mudez da morte. O dolente, o luctuoso, o lugubre é como tenue véo lançado á natureza de si risivel e grotesca do homem ; onde a rama se lhe adelgaça, irrompe o brutesco, intenso e espontâneo, como luz viva pelo súbito esgaçar das nuvens. Abalou rijamente a phantasia o contraste do esplendor, da opulência da N'da com a escuridade o o nada intrínseco da morte. Depois 1 sse contraste, pelo motivo expresso, fel-a rir. Que muito? Ha rictus da caveira um não sei que de risada desatada e cy-"lca. As descarnadas mandíbulas parecem escancaradas por 'rouxos galhofeiros. Dir-se-hia que os lábios desappareceram, N mlentamente retrahidos pelo riso.

liste riso imaginario 1rasladou-se realmente a espectado-

res e artistas. Foi preciso exprimir o pensamento novo. E os esqueletos que marchavam muito graves e compactos, sob os diademas e os arminhos, a tiára e a purpura, a formosura da juventude e os fulgores da opulência, descompuzeram-se em tregeitos e visagens, em saltos grotescos e facetas cabriolas. O pensamento pagão, inseparavel da memoria e exposição da morte, rijamente repellido pela onda do christianismo vencedor, emergira de novo para a luz. Todas essas figuras hediondas, sob as demasias do luxo e da grandeza, colhiam, com manifesto afan, os momentos que os separavam da estancia derradeira e próxima. Tão visinhos, tão unidos á morte que nada mais eram do que ossos resequidos na mudez das covas, na escuridade dos sepulchros, exhibiam-se no descaro patusco de folganças truanescas, á maneira de gamenhos subtrahidos á rigidez do mestre. São desatadas buffonerias tirantes ás dansas dos loucos, consagradas por voga geral e estimação unanime, um valsar desconjuntado ao compasso, ou antes, ao descompasso de desentoadas cornamusas, de tibias burlescamente esganiçadas, de avenas desafinadas em uivos de bruxas sob a lividez de Hecate triforme, hórrida sarabanda, onde ha saltitar de ossos desnudos em quebros lascivos, o adejar repulsivo de braços descarnados; celeres volteios ou languidas posturas, saudosas de volúpia extincta, crepitar horripilante de dedos conservando todos a dureza das lousas na infatigabilidade da morte.

Não se ficou a *Dansa macabra* em relevos de cemiterios, em frescos de cryptas luctuosas ; passou ás estrophes dos poemas. A palavra com rythmo e rima, isto é, a palavra alada, mal podia desdenhar o que tanto seduzira o escopro e o pincel. Designa-se, na palavra, de outro modo a fúnebre chorêa, denomina-se, d'ordinario, Dansa dos mortos. Transmittiu-nos a antiga França e a Allemanha medieva poemas d'este assumpto e indole. A Hespanha conserva também piedosamente uma velha composição rimada, um dialogo em verso sobre a Dansa. Chama-se também Dansa da morte. Recebe uma vez esta appellação dolente : *dansa dei lloro.* Passa esta para muitos pela ma's viva, vehemente o vigorosa entre as suas congeneres. N'ellai

como sempre e em todas, a morte *alla/na y requiere que ven-Uan de su grado ó contra su voluntad todos los estados dei niundo.* » A lição moral transluz : todos os chamados accusarn º mesmo descuido do lermo incerto. Muitos requerem prazo Para a reconsideração e a emenda. Mas a inflexível regente responde com o irrecusável: é farde! E fustiga-os com feixes ^'ironias asperas. Todas são composições, mais ou menos, d'estc aiolde. Na palavra, o quadro perde em fórma e côr. O casti-8º) a lição accentua-se tnais. Assim quando menos, a belleza '«oral augmenta.

Do que ahi fica, meramente conjecturado, ou asseverado cºm consciência e prova, resulta que, na evolução longa e lenta que perfez, veio a ter a « ceremonia » lugubre, com a diversidade dos tempos e logares, em que se exhibiu, e a variedade dºs meios — tinta, cinzel, palavra —, que a chamaram á vida mtensa da arte, rasgos característicos, elementos essenciaes; ºs quaes têm de resumir-se n'isto :

l.º A identidade de personagens: papas, cardeaes, imperadores, reis, donas, tafues, donzeis, etc. Breve, todos os estados e classes sociaes.

A ironia da morte, — ironia acre, acerba, galhofeira e lugubre.

3.º A semelhança d'inluitos, — a lição á vida pelo espectaCu'o da morte.

D'estes elementos fundidos n'uma obra d'arte emerge necessariamente a dansa macabra ou da morte.

11

Agora, os autos do poeta portuguez. Accusani-se ahi os lles elementos característicos. Sem a menor duvida. Quanto ao Primeiro dos pontos. Os personagens. Absolutamente os mesmos na primeira parte da trilogia mystica: um fidalgo parasita ' estolido, voluptuoso e vão ; um onzeneiro, a quem confere

o diabo, a modo régio, honras de parente e o anjo desvia de si com rudeza, receando que o bolsão a impar de ruins lucros, lhe empache e tome todo o barco; um sapateiro, triste e único symbolo das decadentes, das quasi absolutamente decahidas industrias nacionaes, ao qual as muitas formas de que se onera, estorvam de entrar no batel da gloria, e a quem o diabo recorda, acreditando a suspeiLa do presago Macbeth : «o inferno fallou verdade » :

Ouvir missa e então roubar
é caminho para aqui.

Um frade, galantemente abordoado em sua dama Florença, debuxado sagazmente n'esles poucos rasgos: gentil e mundanal ; «devoto padre e marido»; sensual e brigão. Uma Brigida Vaz, «preciosa» alcayote, enganadora e villã. Um judeu, que sopesa feio bode por único atavio e viatico, o que fez decerto rebolir em frouxos de beato riso o devoto auditorio, o abriria — confio — um sorriso tenue no «queixo do rosto, um pouco sumido» da serenissima rainha, apesar de triste, a esse tempo> das contínuas dores e da morte próxima. Um corregedor, muito guloso e «amador de perdiz»; santo descorregedor, o appellida o faceto bateleiro do inferno. Um procurador. Um justiçado, que morreu na forca, á maneira de tordo no buiz. Um parvo, jogral e faceto, que «não é ninguém». E quatro guerreiros da cruz, «que morreram nas partes da Africa».

Na segunda scena ou parte, na viagem do Purgatorio, um lavrador; Martha Gil, regateira; um pastor e uma pastora; ui» menino e um taful ou jogador. A cota prevenira ingenuamente: «Trata-se por lavradores». E assim é; em parte.

A cota inicial informa da terceira scena: «Trata-se por dignidades altas». Papa, imperador, rei, cardeal, arcebispo e bispo, e o duque c o conde — em summa, todo o pessoal luminoso de taes Dansas. N'esta «viagem» — traço que mais avisinha do thema medievo a obra de Gil Vicente — todos estes fulgentes personagens são conduzidos aos dois bateleiros pelo sabido fu-

nerario guia. Mas não é de seus lábios áridos que sabem, como nas Dansas da morte, ironias e sarcasmos contra os vicios dos homens, e os erros do tempo. O poeta transferiu para além da vida a scena da tremenda «perfiguração». As reminiscências greco-romanas da Renascença, então balbuciante, cooperam na feitura do scenario lugubre. O logar denuncia-se com penetrante singeleza: «um profundo braço de mar onde estão dois bateis ». E o Acheronte entrevisto pelas setteiras e miradouros, aberlos nos tercetos do Dante sobre a estancia das dores infinitas — « *nelVeterno dolore* »; o Acheronte, que se peja de noniear-se á beira do leito de enfermidade e morte da christianissima rainha. A mudança no logar da scena explica as differenças accidentaes, que distinguem esta de outras composições 'denticas.

Quanto ao segundo ponto. Pôde asseverar-se que são, na composição e na expressão, as scenas das tres Barcas uma ironia viva. A ironia representa aqui para o grande lyrico um papel summo. Serve-lhe até para esboçar e caracterisar de relance as figuras que introduz. Vimol-o já, em dois ou tres exemplos. É de notar que o poeta expõe nos personagens da primeira parte de seu drama mystico, á luz do fogo inextinguivel, os vicios roedores da sociedade portugueza de seu tempo. Ii1 J com ironias e sarcasmos que elle castiga a exhibição ousada d esses vicios. Ao D. Henrique, de que dei noticia, fundando cm ser fidalgo de solar seu presumido jus ao descanço eterno, "epelle o arraes celestial :

> Para vossa phantasia
> mui pequena é esta barca.

1 ensa o túmido senhor em trasladar-se ao inferno em cadeira de pomposa gala, e Satanaz acode :

> Cá lh'a darão de marfim,
> marchetada de dolores.

o frade da dama Florença, que já vimos, lastima-se ingenuamente d'um frade se perder «com tanto psalmo rezado». Brigida Vaz, «a preciosa» Brigida, empéga-se no inferno com grotesca bagagem :

Seiscentos v. . . . postiços,
e tres arcas de feitiços
<(tie não podem mais levar ;

tres almarios de mentir,
e cinco cofres de enleios,

com dez cochins d'embair ;

presumindo arteiramente de martyr por surrada de açoutes e sabida em «tormentos supportados». O corregedor ou descorregedor, de que se fez menção, entra ajoujado d'injustiças e de latins sacramentaes, e observa, em tom de burlesca lastima, que o *dar* até quebra as penhas. Não tem fim o rol. A ironia silva e fere em cada rima.

O pensamento inicial exprimia-se n'uma nota, adoravelmente ingénua, subsequente á indicação das figuras do auto : « Representa-se na obra seguinte uma perfiguração sobre a rigorosa accusação que os inimigos fazem a todas as almas humanas ao ponto que, por morte de seus terrestres corpos, se partem. » A duas figuras de além-tumulo, aos arraes dos dois bateis, incumbe principalmente a punição. Como não escasseou o poeta a facúndia caustica de seu estro, elles desempenharam-se á maravilha.

Pelo que respeita ao terceiro ponto. A lição dada pela morte á vida, deslembrada d'ella, palpa-se. O poeta não condemna todos os seus culposos personagens a eternidade d'insoffriveis pennas. Nem isso importa. O maior numero é, pel° contrario, misericordiosamente salvo. Salvam-se, na primeira scena, os quatro cavalleiros que morreram pela cruz. É claro. Saber morrer era, em século de lucta e sangue, de opulência c vicios, a maior, a quasi única virtude. E não sabia morrer

quem não acabava nas jornadas da Índia, avida de sangue portuguez, ou alanceado em fossado obscuro por aduar de mouros. Morrer pela fé e lucrar a bemaventurança eram, na crença christã e portugueza de outras eras, termos de cabal synonyinia. Satan interroga altaneiro os quatro cavalleiros: «Para onde his?» E elles, cingidos de luzente nimbo, e encaminhando-se a gloria que vingaram, respondem com desdem sereno e luminoso: Morremos «nas partes d'além ;

E não queiraes saber al.»

li o *E piii non dimandare* de Dante, do qual não é esta na trilogia a única reminiscência. Além dos quatro martyres-guerreiros, que nenhum génio da terra ousara condemnar ante Platéa portugueza do século xvi, logra o insensato jogral a eterna bemaventurança. O poeta parece equivocar, com herética travessura, sobre o texto do Sermão da Montanha. A exuberante ironia resalta galhofeira alé ahi da atrevida redondilha.

Na segunda parte destinada a «lavradores», a saber, a Pessoas de afan, de lida, de fraqueza e miséria, confrange-se o coração do piedoso Gil. Não desponta o venabulo da ironia; com o rojão do sarcasmo rasga as carnes d'aquelles, de cujo destino se apieda; mas, com certa unção suave, amacia o •arpão da rima, que sibila. Nado entre o povo lavrador e rude, que a miséria encalça e invencível ignorancia obceca tanta vez, filho por natureza de artífices e trabalhadores e só por adopção de paços realengos, não ousa condemnar toda a sua culposa mas lidada progenitura. Seu coração, docemente condoído, manda, para depurar-se emquanto a Deus apraza, ás chammas da "Praia purgatoria», a regateira «ufana e dando ao quadril», nias devota e crente ; o pastor, que, embora gran peccador professo, como quer Jan Grou, risonha alcunha de Satan, confia 110 poder infallivel da «noite dos pastores»; e a pastora, que, apesar de taxada de mexeriqueira, gulosa e refalsada do torvo e despeitoso arraes, é ingénua, piedosa e Limida, e responde com

attractiva simpleza ás duras imprecações : Era ainda rapariga ! Salva-se também o menino, a quem o poeta assigna este rasgo da alma, deliciosamente commovida :

Fica minha mãe chorando
só porque eu me vim de lá.

E este, naturalmente, o único que alcança a gloria sem castigo prévio e prévia depuração. Só desencontra misericórdia o taful impedernido. Ocioso e burlão, gastador e inútil ! Arrastam-o os diabos ao seu batel. « Com uma cantiga muito desaccordada» recommenda indignada a rubrica. Nas tavolagens, que tudo pejavam das abas dos Paços da Ribeira á taberna enfurnada em lôbrego desvão da Alfama, afundava-se a fazenda pouca e bem havida — se era ás vezes mal em vez de bem havida, sabe-o Deus e o Soldado Pratico,—dos torna-viagem da índia. Immisericordia justíssima.

Na terceira scena o perdão é geral. «Trata-se por dignidades altas>>, dizia a cota O caso explica-se. Foi a estranha trilogia versada para rainhas, para D. Manuel, para a côrte. Gil Vicente era, em primeiro logar, poeta aulico. Ovou o seu fecundo engenho no regaço da realeza. As arvores do horto de seus autos, aos quaes só o apartado dos tempos presta as estranhas rudezas, que o desfeiam hoje, copavam, ensombrando-os, nos degraus d'um solio. Mas o lyrico potente não esqueceu, para gloria sua, a alta missão moralisadora, que assumira espontaneamente. As culpas de magnates e poderosos pôl-as a nú, sem falso rebuço, sem covardia, sem fraqueza. Os barqueiros divinaes afastam tenazmente das tiáras, das coroas, dos báculos, contaminados de erros e vicios condemnaveis, o batel, que navega para a gloria. Debulham-se as desamparadas almas em alto choro, prorompem em «grandes admirações de dôr». Mas Christo, vindo da resurreição, reparte por ellas os remos das chagas, e leva-as festivalmente comsigo. As culpas não deixam de ser condeinnadas; mas sobrevem a misericórdia; Deus perdoa.

Não ousou o poela, é certo, condemnar tão subidos personagens á perpetuidade das penas vingadoras. Mas á indole nativa do poema, ao honesto engenho, á franqueza correcta do Moralista, repugnava a tolerancia inteira com as culpas dos Poderosos da lerra, a cumplicidade affrontosa do silencio. Logrou o grande Gil salvar-se, em taes apuros, pela invenção dºs remos e das chagas. A um tempo justiceiro e piedoso, decoto e cortezão. Condemna os réos em seu tribunal, recto d'intenções e dictames; os condemnados appellam; em derradeira instancia, concede-se-lhes perdão. Nem se escandalisaram os espíritos, rudemente comidos da fome e sède de justiça; nem Se irritaram os melindres dos paços realengos.

Assim, e em conclusão, tudo conspira para dar á formosa trilogia do quinhentista portuguez o caracter de Dansa maca-')ra ou dos mortos.

I11

A obra de Gil Vicente é talvez a ultima de igual deri-^aÇão, em que haja espontaneidade inconsciente e sincera na ld®a, no sentimento, na expressão, na fórmS usada, como vivo ºlde de arte. Sente-se-lhe já em tudo isso o que quer que é mencionai, de *querido* seguramente; mas vò-se, palpa-se que ı em si, em sua alma, em seu coração, em sua fé que o poeta enºontrou quanto lhe serviu a compor o seu drama mystico; não " buscar á região das coisas esquecidas e mortas para o fa-/[ºr viver por mero esforço de imaginação, reflectida o voluntaria.

Não é o seu mérito único. A Dansa da morte do quinhentista portuguez, sobrepuja, sem contenda longa, as de que tenoticia ao norte e sul da Europa. Ha ahi intemperanças de xPressão poética, arrojos d'ironia, ousadias de idéa e sentimento, que só conhecem par nos tercetos do «altíssimo poeta». J'ron perfilhára, sem duvida e sem favor, a indizível amargutl de alguns dictos. A jogralidade sinistra, a chocarrice brutal ''as vaias, das chufas, dos apodos que nos salteiam, á leitura, da SPIII *a selvaggia ed aspra* de suas rimas, parecem temperados

no fel amargo que hervou o *humour* de Swift, — do lacerante e lacerado Swifl. Mas ha n'esta obra singular tanta unção de piedade, tal sympathia pelas tristes fragilidades do homem, tão meiga, tão feminil compaixão, tons de tão plangente queixa no deprecar dos peccadores tardiamente arrependidos, que esta obra dolorosa a todas sobreleva na esplendente superioridade, que presta ás obras do espirito, a interferencia do coração. Supponde uma legião de faunos cabriolando travessos, nas naves de antiga cathedral, cheia de sombras, e poesia, e fé. No p[oe]' La portuguez, a Dansa dos mortos não é só a ironia fria, brutal, cruissima da Morte. O grande e dôce Gil, capaz de sentir e ancioso de traduzir toda a doçura ineffavel, toda a infinita demência do pensamento christão, encheu a sua obra do nome e da piedade de Deus.

É o Dante maior que Gil Vicente, e a *Comedia* de ma>[s] ampla envergadura que as scenas das tres barcas. Sem duvida. Mas o feitor dos autos é indubitavelmente mais poeta do sentimento e da tradição christã que o terrivel ghibellino. Se o caracter grande, terrífico, formidoloso do christianismo [se] accusa com maior poder nos poemas do grande florentino; [o] seu génio indulgente, infatigavelmente piedoso, indefectivelmente humano, por isso mesmo que é divino, em que nos amei' ga uma doçura eterna, e o perdão incansavel de Jesus, — [a] Suprema e Infinita Bondade feita Homem, — o seu génio doce revela-se mais vivamente nos tres autos portuguezes.

Sem a Comedia não existiriam, comtudo, pelo menos con[10] estão, e no que valem, os Lres autos das Barcas d'além-mundo- Os busios recolhidos no silencio de nossos gabinetes conserva'[11] memoria tenaz das vagas, d'onde vêm, e que um'hora os em' balaram ao longo das ribas solitarias. Ouvido que se lhes acerque, sente um rumorejar perpetuo como de oceanos longi'[1] quos ... Ao relêr as vividas estrophes do poeta portuguez senti' mos o remoto marulhar das vagas no mar de poesia e fé, (I"[e] se azula, tumultua e freme nos tercetos immortaes do Dante-"

José de Sousa Monteiro.

OHRONICA POLITICA

(INTERNACIONAL)

No meiado d'esto mez de julho completou-se uni século da data da tomada da Bastilha, que ficou sendo o orago da revolução franceza. A exposição d'este anno fez-se com o intuito de he solemnisar o centenário. Parece pois que estamos em plena apotheose do famoso lemrna da Egualdade, Fraternidade e Liberdade, que no espirito dos sectários educados por Voltaire e Rousseau, por d'Alembert e d'Holbach, devia substituir, na alma dos povos, as tres* virtudes cardeaes fosseis da Fé, Esperança e Caridade.

Discursos, revistas, fogos de artificio, banquetes e todas as costumadas manifestações civicas, não somente solemnisaram o dia 14, como vão solemnisando de um modo chronico o centenario, isto é, a exposição, para gáudio salutar de toda a gente que tem que alugar ou vender o quer que seja. Não deixa de haver uma certa grandeza no espectáculo colossal d'esta romana do mundo a Paris; mas não deixa tampouco de fazer scismar o motivo que lá attrae toda a gente. Vão a Meca? vão a Medina ? vão adorar o tumulo de Danton, com o espirito cheio

tres palavras fatídicas, em que se resume a nova lei, prégada ha um século aos povos ?

Francamente, ninguém pensa n'isto. A gente vae para se divertir; e coisa singular n'este centenário, passa desapercebido o motivo supposto, o verdadeiro pretexto da exposição. Se dirmos o século agora encerrado em cinco períodos de quatro astros, vemos que em nenhuma d'essas datas teria sido possível fazer a apotheose da revolução em França. Em 1809 Napoleão estaurava o império de Carlos-Magno; em 1829 reinavam os Bourbons de novo; em 1849 dissolvia-se a segunda republica; em 1869 estava a ponto de estalar o segundo império. Só agora 1889 tirou a desforra: agora, depois de um século, chegou o momento de lhe fazer a apotheose.

Ora observemos este caso por partes, vendo o que é agora e n'esle proprio mez cada um dos Ires famosos princípios.

Com respeito á Egualdade, não ha duvida que durante este século a evolução da legislação civil caminhou; e quem julgar as sociedades só pelos seus codigos, vendo a generalisação dos direitos políticos, e das garantias dos cidadãos, ha de reconhecer um progresso evidente. Mas a egualdade civil e politica é um facto apenas formal que já na mais alta Antiguidade se considerava insustentável sem a equitativa distribuição da riqueza. E quando, fechando os codigos, vamos aos fastos do capitalismo, e, sem sahir de França, encontramos as duas catastrophes do Panamá e do Cobre, uma fundindo as economias dos pobres para as lançar n'um sorvedouro, outra arruinando muitos ricos com a vertigem do açambarcamento de uma materia-prima para especular sobre ella, locupletando-se á custa do consumo—temos de concordar em que á tal Egualdade dos codigos corresponde nos factos o monopolio e um verdadeiro feudalismo que não é menos cruel por ser menos franco do que era o dos antigos homens de guerra.

Para além do Rheno, na Bélgica e na Inglaterra, greves monstruosas collidem com o capitalismo feudalisado; e ninguém é capaz de dizer hoje o que sahirá das crises sociaes do nosso tempo, podendo comtudo aflirmar-se sem receio de ser desmentido que a famosa Egualdade da Revolução não passa de um amargo embuste.

Valerá mais a Fraternidade ? Cruel ironia, em pleno reinado do darwinismo! A concorrência feroz em tudo e por tudo, o egoisino sêcco e hostil, a acceitação das theorias do *strugglè íor lije* e da selecção pela victoria do mais forte, eis ahi o ponto onde chegaram as idéas depois de um século de elaboração. £ quanto a factos, viu-se, depois das guerras da revolução quí> todavia a necessidade da defeza justificava, a immensa carnificina de Napoleão até 1815 ; dez annos depois a sangrenta resurreição da Grécia e o Oriente ardendo em fogo; tres ou quatro annos mais tarde as revoluções mortiferas da Hespanha; logo a monarchia de Orleans que deu vinte annos de paz á E11'

ropa, seguida pela revolução de 1848 que lavou em sangue a Ralia e a Hungria, e foi suffocada também em sangue pelo golpe d'Estado de 1851. Quatro annos depois, a guerra no Oriente, seguida com intervallo igual pela guerra da Italia, que trouxe como consequência as guerras da Allemanha. No intervallo o medonho conflicto da America. Depois Sadowa, depois Sedan e a Gommuna. Depois outra vez a guerra no Oriente.

Seis grandes guerras internaeionaes, oito ou dez revoluções 'nternas, tres ou quatro grandes guerras civis, eis o balanço da Fraternidade n'este século. E fresca.

Muita gente reconhece, com effeito, (pie a Egualdade e a fraternidade da revolução fizeram fiasco, e (pie os homens de agora não valem mais a tal respeito do que os seus predecessores; mas o que passa como assente é que a Liberdade, sim! a liberdade, é que é a grande conquista de 1789.

Vamos portanto a vèr o que ha de verdade n'isto. Sem entrarmos em analyses mais demoradas, diremos que se chamou liberdade ao principio da intervenção de todos no governo nações, por via das instituições parlamentares. Ora o facto e que agora mesmo, com a exposição aberta e a apotheose patente, assistimos ao facto que ha vinte annos seria escandaloso, os deputados puxarem de revolvers, da tropa entrar no san-'"ario das leis, de metade das camaras chamarem ladrões á outra metade, e de tudo quanto se dá em França se repetir Por todo o mundo latino, provocando em todo elle um movimento explicito ou tácito, em todo o caso unanime, contra o Parlamentarismo.

Fleições systematica e forçadamente viciadas, sophismada a representação nacional, desauctorisados os orgãos do governo : l;'s a consequência que a todo o mundo latino veio do terceiro os lamosos princípios, a Liberdade. E veio a ponto que hoje om França os tribunaes e o parlamento, a machina eleitoral e a machina social, tudo, absolutamente tudo, apesar da própria 'Aposição com a sua torre Eiffel, está girando em torno do Problema de saber se Boulanger e o seu cavallo preto serão, 1 u não serão cônsules.

Desconfio já de que talvez não sejam, especialmente depois do resultado das eleições para os conselhos de departamento. O collapso do boulangismo, o êxito da exposição, hão de influir nas eleições geraes; e na futura camara predominarão ainda, se não me engano, os *hommes d'affaires* com o seu republicanismo moderado, utilitário e pacifico. Resta saber — um futuro breve o dirá — se com esses sentimentos só pôde governar-se um grande povo, sem que escorregue insensivelmente no esquecimento. Resta saber se o descredito inexcedivel do governo pôde manter de pé as instituições. Parece inverosímil-

Ora este triplo descalabro da Egualdade, da Fraternidade e da Liberdade é a razão porque, no centenário da revolução» não apparece nem o vislumbre de uma acclamação espontânea por esse movimento de que todavia se pretende que a exposição seja a apotheose. A grande revolução foi um movimento de racionalismo abstracto, combinado como uma expansão da alma sentimental gauleza. Como querem que a nossa sociedade de hoje, utilitaria e experimental, naturalista e egoista, sinta ° quer que seja diante das tres palavras ante as quaes todavia nossos avós se extasiavam ?

O vento sopra de outro norte, a verdade ha de buscar-se n'outra direcção. Liberdade, egualdade, fraternidade, não sao utopias; mas quando se querem tomar ao pé da letra, imaginando que se vae reformar o mundo, tornam-se em desconchavos. O que a revolução verdadeiramente fez, duradouro e profícuo, não pertence á politica: foi inaugurar o reinado da sciencia-Lavoisier é o seu maior homem, assim como o melhor que ficou do século xvm, não foi Voltaire, foi Montesquieu. A obra mais solida da revolução está no systema métrico, e não na declaração dos direitos do homem, rosário de abstracções que não prima, nem pela originalidade, nem pelo alcance prático-

Por tudo isto a verdadeira apotheose da revolução é com effeito a torre Eiffel, espectaculoso symbolo da victoria da sciencia d'este século.

P. de Oliveira.

OHRONIOA POLITICA

o acontecimento politico mais ruidoso dos últimos tempos lu' com certeza o artigo do *Imparcial*, de .Madrid, a proposito da questão de Lourenço Marques. Pouco depois do governo ter "-'scindido o seu contracto com a empreza constructora dos caminhos de ferro d'aquella nossa possessão, e quando uma parte da imprensa ingleza nos aggredia tão violenta como interessadamente, o alludido collega hespanhol, extrahindo das nossas gazetas as phrases e os conceitos dos grandes polemistas, appicou-nos com elles uma sova brutal, como costuma ser a prosa dos jornalistas de pulso. E, para que o castigo fosse mais doloroso, addicionou á aggressão o sarcasmo, capitulando eupHemicamente a diatribe de conselho fraternal.

A inopportunidade da invectiva e a suavidade irritante da "ºnia que lhe servia de rotulo, de envolta com a grosseira "Exactidão dos factos e com a crassa imbecilidade da critica, davam ao artigo todo o aspecto e porventura o sabor d'uma *turtine* indigesta, condimentada com mostarda das boticas. Não '•a com certeza outra coisa : um empadão muito parecido na da factura e na delicadeza do recheio com uma *frigideira* dº lgo.

Apesar d'isso, a imprensa portugueza affligiu-se, vibrou indignada, e toda se desentranhou em laboriosos períodos de pa- 'olismo arquejante. Primeiro, appareceu a rhetorica engalanada dos dias solemnes. Foi um desforço grandioso de palavras ºmbasticas ; a prosa era explosiva e expansiva como dyna-

jnile. Depois, surgiram as recriminações despeitadas contra a Hespanha, que fôra ajudada com o nosso melhor estylo na questão das Carolinas, e nos vinha ferir depois deslealmente com a prosa insulsa do jornal madrileno no caso critico de Lourenço Marques. Por ultimo, quando pela espinha do paiz corria já um estremecimento de enthusiasmo, vieram as revelações Iragicas. Um grilo agudo de álerta, despedido da redacção do *Tempo,* eclioou em todos os recantos de Portugal, repercutido pelo *Clamor do Guadiana,* pela *Voz do Agueda,* pelo *Clarim da Beira,* pela *Trombeta de Sinjues,* pelo *Arauto do Minho.* por todos os clamores, vozes, clarins, trombetas c arautos, (I[l,e] vibram triumphantemente no jornalismo portuguez.

E as mães que o som terribil escutaram
Aos peitos os filhinhos apertaram.

O caso não era para menos. Havia uma conspiração contra a patria.

Esse irmão, que nos dava conselhos, mancommunára-se com o alliado, que nos insultava, e já dividiam entre si todos os domínios continentaes, insulares e ultramarinos da velha coroa lusitana. A gloriosa túnica de Portugal, *miles magnus* em -Aljubarrota, soldado de Deus em Ormuz, era jogada aos dados, n'uma tavolagem infame. Mais de um patriota exaltado, depo>[s] de lêr a revelação pavorosa, brandiu com desespero, 110 silencio do quarto, a lamina enferrujada com que fizera a cainp[a] nha da *Maria da Fonte.* Mais de um velho poeta desempoe'" rou a lyra, tentando modular um canto guerreiro.

Mas o medo e o correspondente enthusiasmo passaram breve. O redactor do *Tempo* tivera um pesadtdo, e foi a sonha' que gritou álerta. Lord Salisbury é muito menos Herodes do que o pintaram, e as vozes de lord Caslletown não chegaram • • ' a convencer os seus collegas. *Mueh ado about nothing.*

Mas o melhor da passagem, e o que até hoje se não dis*[1] ainda, é que o tal artigo em que se chegou a descobrir a tram do terrível conspiração, teve uma origem e uma causa determ'

nante das mais cómicas e ridículas. Dictou-o, segundo nos consta, um pequenino despeito. O cofre das graças, que tantas vezes e tão liberalmente se abre em Portugal para enfeitar a *"Outonnière* dos litteratos e jornalistas que enxamêam por esse mundo, recusou abrir-se ás solicitações d'um visinlio até então amável. D'ahi a fúria. Por causa d'um habito de Christo, ou coisa semelhante, estivemos em risco de ser atordoados pelo nymno da restauração e por outras manifestações igualmente convincentes e estrepitosas.

Peita assim em poucas linhas e de *cceur léger* a historia "npressionista do magno caso de Lourenço Marques, longe do nosso animo e do nosso proposito está affirmar que podemos dormir tranquillos, descuidosos do futuro das vastas colonias que Portugal ainda possue em Africa. Contra ellas conspira, lanto ou mais perigosamente do que a diplomacia das chancelarias estrangeiras, a própria indolência e o desarranjo economico da metropole.

Apesar de termos *greves,* quasi que não possuímos industria. Os mercados, que no ultramar se vão abrindo, são para os 'nglezes, para os allemães, para os belgas, para os francezes. A nos cabe-nos a honra de fazer a policia, de parlamentar ou de andar ás turras com os régulos visinlios, e a inigualavel satisfação de vêr tremular a bandeira das quinas no presidio de 1'ungo Andongo.

A melhor exploração moderna da Africa faz-se no terreiro do Paço ou na rua dos Capellistas, em Lisboa, e na rua do 'nfante D. Henrique, no Porto, talvez em homenagem ao grande iniciador das aventuras marítimas dos portuguezes. Lopo ^ az de Sampaio precisou de transpor o oceano para se arranja na índia, o seu illustre descendente, Lopo Vaz de Sampaio º Mello, arranja-se melhor em Ambaca, sem arrostar a fúria brava do Mar Tenebroso e sem abandonar as flaccidas molle-

zas da capital. Outros tempos, outros costumes, mas sempre a mesma gente.

E no entretanto prepara-se um congresso internacional, humanitário nos propositos e naturalmente mais humanitario ainda nas deliberações, para no proximo outono se accordarem os meios mais cfficazes de extinguir a escravatura em Africa. Portugal ha de lá ir e concordará com o que os outros quizerem. Nós sempre fomos muito liumanitarios ; até merecemos a benção do papá Hugo, quando abolimos a pena de morte. Em matéria de abolição somos dos primeiros; abolimos tudo. Tudo. tudo, não. Reslam-nos as eleições, e d'isso se trata já activamente.

. Portugal, que é justamente tido e havido por um dos paizes mais indolentes da Europa, cm se tratando de eleições, mexe-se e remexe-se com rara solicitude. Em todo o caso, não sabemos nem queremos dizer porque, o partido do governo vence sempre.

Elegeram-se ha dias quatro pares do reino : todos governamentaes. O mais feliz dos oppiosicionistas alcançou dois votos. Dentro ern dois ou tres mezes far-se-hão as eleições de deputados. Quanto ao resultado geral ninguém tem duvidas : vencerá o governo. Mas o que sobretudo preoccupa e afflige os políticos é saber qual dos grupos opposicionistas obterá o melhor quinhão da minoria.

Não devemos, por emquanto, fazer prophecias que poderiam assumir o caracter e tomar o feitio de *reclames* a favor dos *papyros* do snr. Luciano Cordeiro, do *porto franco* do snr. Thomaz Ribeiro, da *capa rota* do snr. Barjona, 011 da *capa rica* do snr. Serpa ; é cedo. Para o rnoz seguinte fallaremos.

J. A. Gonçalves.

BOLETIM BIBL1oGRAPHICO

Registamos 1l0 nosso Boletim duas obras laboriosamente construídas, eu-
auctores se tornam, pelo assíduo e intelligente trabalho, dignos de sympa-
"'ica menção.

Estas obras são: Os *Lusíadas de Luiz de Camões annolados* por Francis-
'0 Gomes de Amorim — e o primeiro tomo da *Historia do Infante D. Duarte,*
"•mão de D. João IV, por José líamos Coelho.

A primeira d'estas publicações, n'uma bella edição de dois volumes,
"Proximadamente de quinhentas paginas cada um, compõe-se de: — *Introdu-*
ção — cm JJJJJ. Q auctor filz um exame critico, pretendendo demonstrar a fal-
sidade uas relações de Manuel Correa com o poeta; avalia os dados biogra-
[1] nicos extrahidos da edição de 1G13, e aprecia as diversas edições dos *Lu-*
t'a-(Ias, commentando os trabalhos dos diflerentes annotadores do grande poe-
do *Estudo* — sobre o poema e das annotações, correcções e restituição,
"-'"quanto possível, do primitivo texto de todos os dez cantos: — d'um *Appen-*
-onde se aproximam os commentarios da edição dos *Lusíadas* de JUlU,
[r]ibuidos a Manuel Corrêa e a Pedro de Mariz, com as annotações manuscri-
[1] as do exemplar da edição de 1572, demonstrando-se ao mesmo tempo, que
exemplar não podia ter pertencido ao poeta: — e finalmente d'um capi-
[10] intitulado *Vitima verba,* constante de informações e documentos sobre
"estos de Camões, e de varias considerações mais ou menos directamente
^Sadas com o assumpto. Consla d'isto a obra; e o seu auctor, diga-se desas-
iradamente,—se Por um 'ado nos revela um paciente estudo, uma gran-
tenacidade de trabalho esiniuçador, levando-nos ate ás minimas particu-
[J]"dades da intima contextura grainmatical e métrica do poema — por outro
[0] nem sempre consegue conVencer-nos da excellcncia d'uma ou outra cor-
Çao, proposta com o sentido n'uma restituição conscienciosa. É mesmo con-
to.ave, — n-este e ein todos os casos, quando se não trate simplesmente de
snh"ª' 'itelligivel um ponto obscuro d'um auctor — o direito de conjecturar
[10] a maneira de definir este ou aquelle intuito, sobre a intenção artística
[u]a litteraria d'uma ou outra passagem. E algumas das affirmações e indica-
[s] do annotador afiguram-se-nos simples conjecturas.

^ Os *Lusíadas annolados* pelo snr. Gomes de Amorim não nos deixam,
"Pois de os folhearmos, a impressão d'uma obra de exegese, nem era isto,
»[a]-se a verdade, o trabalho que o auctor se propuzera fazer; não fez o es-
lno° ^o Poeta; não fez a analyse dos elementos poéticos, historicos, ethnicos,
aes e so eiaes, das verdades, sentimentos e noções de toda a ordem, que a
Ç5o epopêa portugueza encerra: o seu intento foi apenas dar-nos uma edi-
[i]u Oo. *Lusíadas* expurgada d'erros typographicos, dos lapsos, dos vicios das
jj [ds] edições, dar-nos emflm: *a restituição do que parece ser o texto primí-*
' [e]>n todos os logaves que foi possível fazel-o, sem violar-lhe a integridade.

[i] Tentar este trabalho e realisal-o em parte, com inlnterrompido estudo.
enip[reza] digna de menção, quando mais não seja senão pela quantidade de
" e intelligente assiduidade.

Val' o snr, ^0,nes Ue Amorim não conseguiu agora dar-nos um livro tão
[80] como o que dedicou á memoria de Garrett, o seu grande mestre e
viv '"°slrou-nos mais uma vez quanto o seu espirito culto, e sempre
e resistente o seu amor pelas letras portuguezas.

A segunda obra de que nos occupamos — a *Historia do Infante !>• Duarte* — revela 110 seu auctor um erudito, um Investigador paciente e esclarecido, <iue não desprezou documento algum, que lançou mão de todos os elementos que podiam auxillal-o, empregando-os com intelligencia e critério, e que averiguou assim tudo quanto havia de lendário ou obscuro na historia do infeliz infante, da pobre e sympathica victima de Fillppe IV de Ilespanha.

Querendo classificar este livro, marcar-llie-hiamos logar entre os trabalhos chamados de exposição. Não vemos n'elle o poder de reconstituição histórica, que através do facto, do successo nos põe de pé, pela força da larga c fecunda creação psychologica os typos e figuras d'urna época, movendo-se sol) o impulso de sentimentos e paixões, a que o escriptor insuffla de novo a vida; não é tampouco a obra d'um espirito profundo traçando-nos o quadro d'um periodo historico com larga força generalisadora, ou com o segredo da intima relacionação entre as causas c os successos que d'ellas derivam; não sc ergue acima do documento, transformando o manuscripto, a passagem da chronica, o apontamento colhido no archivo — n'um corpo original de idéas e sentimentos reveladores.

Seguindo os documentos colligidos, ã força de continua, segura, honesta investigação de muitos annos — explica-os, esclareee-os, interpreta-os afim de que o facto em si fique averiguado, e o ponto obscuro illuminado de perto.

Sendo isto, o seu livro é muito. Se não podemos, talvez, dizer que seja 11111 trabalho orgânico — certamente o havemos de apreciar como uma laboriosa e resistente construcção histórica.

O auctor não se poupou a fadigas e esforços. Depois de buscas minuciosas, feitas durante muitos annos, no archivo da Torre do Tombo, na colU'cção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa, na da Academia Real das Sciencias, na da Bibliotheca Real da Ajuda, na Bibliotheca d° Évora; depois de mandar extrahir cópias na de Madrid e 110 Archivo de Simancas — o snr. Ramos Coelho foi para Milão, onde durante mezes esteve copiando todos os documentos attinentes ao infante, que se acliam 110 Archivo d° Estado d'aquelta cidade.

Ao cabo d'esse trabalho de reunião dos materiaes escreveu-nos a Hisio*ria do Infante,* onde segue fielmente todas as pliases e acontecimentos da vida d'este — e onde, ao mesmo tempo que nos dá noticia minuciosa dos factos da nossa historia nacional, nos faz a historia politica da Europa 110 segundo quartel do século XVII.

Acompanham a obra — escripta n'uma fórma nitida e segura — algu[is] desenhos do Castello de Milão (onde esteve preso o infante) que foram offe>[rc,] cidos ao auctor pelo architecto milanez Lucas Beltrami.

A *Historia do Infante D. Duarte* é, finalmente, um livro que faz honra ao snr. Ramos Coelho — o correcto e fino traductor da *Jerusalém libertada.*

O Secretario da Redacção

Manoel da Silva Gayo.

CARTAS DE FRADIQUE MENDES[1]

FRADIQUE MENDES

(MEMORIAS E NOTAS)

I

A minha intimidado com Fradique Mendes começou em 18fe>o, em Paris, pela Paschoa, — quando elle justamente regressava da sua viagem á Africa Austral. O meu conhecimento polom com esse homem admiravel datava de Lisboa, do anno 'einoto de 1867. Foi no verão d'esse anno, uma tarde, no café Martinho, que encontrei, n'um numero já sujo e antigo da *Re** *vºlitçuo de Setembro,* este nome de C. Fradique Mendes, em letras enormes, por baixo de versos que me maravilharam.

Os themas (« os motivos emocionaes », como nós dizíamos e'n 1867) (1'essas cinco ou seis poesias, reunidas em folhetim sºl) o titulo de LAPIDARIAS, tinham logo para mim uma originalidade captivante e bemvinda. Era o tempo era que eu e os "'eus camaradas de Cenáculo, deslumbrados pelo Lyrismo epi-'º da *Legende des Siècles,* «o livro que um grande vento nos

' Este estudo, de que no seu estado incompleto foram já publicados altí"ns fragmentos, é hoje dado na sua fórma definitiva, e integral, como a indispensável introducção ás *Carias de Fradique Mendes,* que, sem elle, seriam im-')erfeitamente comprehendidas.

trouxera de Guernesey » — decidíramos abominar, com vehemencia e com methodo, o Lyrismo sentimental, que, enclausurado nas duas pollegadas do coração, não comprehendendo d'entre todos os rumores do Lᵀniverso senão o rumor das saias d'Elvira, tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma inonotona e interminável confidencia de glorias e martyrios dc amor. Ora Fradique Mendes pertencia evidentemente aos poetas novos que, seguindo o Mestre sem igual da *Legende des Siècles* iam, n'uma universal sympathia, buscar motivos emocionaes fora das limitadas palpitações do coração — á Historia, á Lenda, aos Costumes, ás Religiões, a tudo que através das idades, differentemenle e unamente, revela e define o homem. Mas além d'isso Fradique Mendes trabalhava um outro filão poético que infinitamente me seduzia — o da Modernidade, a notação fina e sóbria das graças e dos horrores da Vida, da Vida ambiente e costumada, tal como nas moradas visinhas das nossas, nas ruas que todos trilhamos, a podemos testemunhar ou presentir-

Assim, n'esscs poemetos das LAPIDARIAS, um Santo symbolico, um Solitário do século vi, ao fim de cincoenta annos dc penitencia e d'ermo, morria, com desesperadas saudades do mundo e da carne, sobre as neves da Silesia : um corvo, facundo e velho além de toda a velhice, contava façanhas do tempo cm que seguira n'um bando alegre as legiões de Cesar subindo á Bretanha escura e vaga, depois as hordas de Alarico rolando para a Italia, nitida, e toda de mármores brancos sob o azul: o bom cavalleiro Percival, correndo o mundo em busca do San-Gral, deixava, por collinas e areaes, o rumor e o faiscante sulco da sua armadura d'ouro: um Satanaz de feitio germânico, lido em Spinosa e Leibnitz, dava n'uma viella de cidade medieval uma serenada irónica aos astros, « gottas dc luz no frio ar geladas». . . E entre estes motivos, de esplendida estranheza, lá vinha o quadro de clara e fresca modernidade, as *Velhinhas,* cinco velhinhas, com chalés de ramagens pelos hombros, um lenço ou um cabaz na mão, sentadas sobre um banco de pedra, n'um longo silencio de saudade, a uma restea de sol d'outono,

i\ão asseguro todavia a exactidão d'estas reminiscências. Lesde essa sésta de agosto, no Martinho, não voltei a lêr as LAPIDARIAS. E o que n'ellas de resto me prendeu, enlevadaniente, não foi a Idéa, mas a Fórma — uma fórma soberba de plasticidade e de vida, que ao mesmo tempo me lembrava o ^crso marmoreo de Lecomte de Lisle com um sangue mais quente nas veias do mármore, e a nervosidade intensa de Baudelaire vibrando com mais norma e cadencia.

Precisamente, n'aquelle anno de 1867, eu, J. Teixeira de Azevedo e outros camaradas, tínhamos descoberto no céo da 1 oesia Franceza (único para que nossos olhos se erguiam) toda '"na pleiade d'estrellas novas onde sobresahiam, pela sua refulgencia superior e especial, esses dois sóes — Baudelaire e Le-' °mte de Lisle. Victor Hugo, a quem chamavamos já o « papá Hugo » ou « Senhor Ilugo-Todo-Poderoso », não era para nós Urn astro — mas o Deus mesmo, inicial e immanente, de quem °s astros recebiam a vida, a luz, o movimento e o rythmo. Aos Seus pés Lecomte de Lisle e Baudelaire faziam duas constella-Çoes de adoravel brilho: e o seu encontro fóra um deslumbramento e um amor ! A mocidade d'hoje, comedida e positiva, que Sfi occupa d'eleições, entende as cotações da *Bolsa* e lê George Ohnet, mal pôde comprehender os santos enthusiasmos com 'l"o nós recebíamos a iniciação d'essa Arte Nova, que em Frangi nos começos do Segundo Império, surgiu das ruinas do Bo-'"anfismo como sua derradeira encarnação, e que nos foi trazida) em Poesia, pelos versos de Lecomte de Lisle, de Baudelaire, Coppée, de Dierx, de Mallarmé, d'outros menores : e menos 'alvez os pôde comprehender aquella parte da mocidade culta 'l"e logo desde as escolas se nutre de Spencer e de Taine, e '|Ue procura com ancia e agudeza exercer a critica, onde nós °utr ora, mais ingénuos e ardentes, nos abandonavamos á emo-

Eu mesmo sorrio hoje ao pensar n'essas noites em que, no rl"arlo de .l. Teixeira d'Azevedo. enchia d'espanto e terror dois (°negos que ao lado moravam, uivando por horas mortas a harogne de Baudelaire, tremulo e pallido de paixão :

Vous serez semblable à cette ordure,
A cette horrible infection,
tótoile de mes yeux, soleil de ma nature,
Vous, mon ange et ma passion !

Do outro lado do tabique sentíamos o raspar espavorido de phosphoros, as camas rangendo sob a agitação dos ecclesiasticos . . . E eu, a tremer, mais pallido, esganiçado de paixão :

Alors, oh ma beauté, dites à la vermine
Qui vous couvrira de baisers,
Que j'ai gardé la forme et 1'essence divine
De mes amours decomposés !

Certamente Baudelaire não valia este tremor e esta palidez. Todo o culto sincero, porém, tem uma belleza essencial, independente dos merecimentos do Deus para quem se evola. Duas mãos postas com genuína fé serão sempre tocantes mesmo quando se ergam para um Santo tão affectado e postiço como S. Simeão Stylita. E o nosso fervor era absolutamente cândido. N'aquelle ponto inicial em que as coisas se equivalem e o vôo da pomba não differe do vôo do condor, este encantado alvoroço com que liamos os poetas novos — reproduzia o transporte que outr'ora tomava os navegadores peninsulares ao pisarem as terras nunca d'antes pisadas, Eldorados maravilhosos, ferteis em delicias e thesouros, onde os seixos das praia[9] lhes pareciam logo diamantes a reluzir.

Li algures que Juan Ponce de Leon, enfastiado das cinzentas planícies de Castella-a-Vellia, não encontrando também já encanto nos pomares verde-negros da Andaluzia — se fizera ao mar, para buscar outras terras, e *mirar algo nuevo.* I[reS] annos sulcou incertamente a melancolia das aguas atlanticas • mezes tristes errou perdido nos nevoeiros das Bermudas: toda a esperança findára, já as proas gastas se voltavam para os lados onde ficára a Hespanha. E eis que uma manhã de grande sol, em dia de S. João, surgem ante a armada extatica os esplendores da Florida! «*Gradas te sean, mi S. Juan bendit*[o]•

que hc mirado algo nuevo!» As lagrimas corriam-lhe pelas barbas brancas — e Juan Ponce de Leon morreu de commoção. Nós não morremos: mas lagrimas remotamente parecidas com as do velho mareante, e nascidas do mesmo ideal satisfeito, sallaram-me dos olhos, quando pela primeira vez penetrei por entre o brilho sombrio e os perfumes acres das *Flores do Mal*. Éramos assim absurdos em 1867 !

De resto, exactamente como Ponce de Leon, eu só procurava em Litteratura e Poesia *algo nuevo que mirar*. E para um meridional de vinte annos, amando sobretudo a seducção da côr e o enlevo do som, que poderia ser esse *algo nuevo* senao um luxo novo de fórmas novas ?

Litterariamente, n'esses tempos, todo o meu interesse e o meu cuidado se concentravam na apparencia exterior do Pensamento e do Sentimento. Sentimentos e Pensamentos não me eram decerto indifferentes. Com infinito apreço acolhia eu os themas rebuscados na Historia e na Lenda, as requintadas sub-'disações da emoção, as analyses desesperadas mergulhando até a Profundidade da alma a procurar o inédito que ainda pudesse haver nos seus recantos : e seguramente me encantava mais Baudelaire mostrando á sua amante na *Charogne* o cadaver Podre do cão, do que Laniartine no *Lago* mostrando a Elvira a 1 aiisada lua, e comparando em ambas a pallidez e a graça meiga. Mas se este áspero, atormentado e fúnebre espiritualismo de Baudelaire me chegasse expresso na lingua lassa e molle de '-asimir Delavigne — eu não lhe teria dado mais valor do que a versos vis do *Almanach de Lembranças*.

Foi sob a influencia d'este inferior critério, sensualmente enterrado na idolatria da Fórma, que deparei com essas -UMD.VUIAS de Fradique Mendes, onde julguei vêr reunidas e '"ndidas as qualidades discordantes de magestade e de nervosidade qne constituiam, ou me pareciam constituir, a grandeza d°s meus dois idolos — o auctor das *Flores do Mal* e o auctor dos *Poemas Barbaros*. A isto acrescia, para me fascinar, que Cste poeta era portuguez, cinzelava assim preciosamente a linbUa que até ahi tivera como jóias admiradas o *Noivado do Se-*

pulchro e o *Ave Cesar!,* habitava Lisboa, pertencia aos Novos, possuia decerto na alma, talvez no viver, tanta originalidade poética como nos seus poemas! Que irmão para conhecer e para amar! E não é de surprehender que n'estas condições, aos vinte annos, eu desse a esse folhetim da *Revolução de Setembro* a importancia d'uma divina revelação d'Arte, uma aurora de Poesia, rompendo para banhar as almas moças na luz e no calor especial a que ellas aspiravam, meio adormecidas, quasi regeladas sob o algido luar do Romantismo. Graças te sejam dadas, meu Fradique bemdito, que na minha velha lingua l>e *mirado algo nuevo!* Creio que murmurei isto, abysmado em gratidão. E, com o numero da *Revolução de Setembro,* corri a casa de J. Teixeira de Azevedo, á travessa do Guarda-Mor. a levar a nova esplendida !

Encontrei-o, como era por vezes seu costume nos silenciosos vagares das tardes de verão, em mangas de camisa, diante de uma bacia que trasbordava de morangos e de vinho de 'I °r-res. Com vozes retumbantes, atirando gestos pathetieos até ao tecto, declamei-lhe a *Morte do Santo.* Se bem recordo este asceta tinha, sobre as neves da Silesia, um fim bem atormentado pela pérfida, inexorável Natureza ! Todos os appetites da paixão e do corpo, tão laboriosamente recalcados durante meio século d'ermo, irrompiam de repente, á beira da eternidade. n'um tumulto bestial, não querendo para sempre findar com a carne que ia findar antes de serem uma vez satisfeitos. E os anjos que para o receber desciam d'aza serena, trazendo molhos de Palmas de Gloria e cantando os Epithalamios da Graça-encontravam, em vez d'um Santo, um Satyro, senil e grotesco — que de rojos, entre berros sordidos, mordia com beijos vorazes a neve, a macia neve, onde o seu delirio furiosamente imaginava nudezas de corlezãs . . . Tudo isto era tratado com uma grandeza sóbria e rude que me parecia sublime. J. 1el" xeira d'Azevedo achou também «sublime — mas bréjeiro »• ^ claro bando dos anjos batera o vôo, aterrado. Eu murmurava • — «Ó Azevedo, é necessário conhecer este homem!» J. Iel" xeira d'Azevedo concordou que convinha procurar Fradiq[UÍ>

Mendes, e erguel-o no alto do escudo como mestre dos Novos.

Fui logo n'essa noite á *Revolução de Setembro,*. então inslallada na Calçada do Correio. Havia lá um companheiro meu de Coimbra, Marcos Vidigal, que nos nossos alegres tempos de Direito Romano ganhára, por tocar concertina e lêr Scudo, unia auctoridade forte nos dominios da Musica. Agora, vadiando em Lisboa, escrevia na *Revolução* aos domingos uma ehro-n|ea musical, para ter gratuitamente o bilhete de S. Carlos.

Era um moço sem sobrancelhas, alvo e sardento, com cahellos côr de manteiga fresca, apagado de idéas e de modos — loe despertava e se illuminava todo quando tinha a opportunidade de conhecer um homem que considerasse célebre, ou «entrar (como elle dizia) n'uma coisa que se lhe afigurasse original »; e isto tornára-o a elle pouco a pouco quasi original e quasi célebre. N'essa noite, que era sabbado e de grande calor, 'á estava á banca, com uma quinzena d'alpaca, suando, bufando, a espremer do seu pobre craneo, como d'um velho limão meio sêcco, gottas d'uma chronica sobre a Volpini. Apenas eu murmurei o nome de Fradique Mendes, alludi áquelles versos que me tinham maravilhado — Vidigal arrojou a penna, já risonho, com um clarão na face :

— Fradique ! ? O Fradique ! ? Se conheço o grande Fradilue ! ? E meu parente, meu patrício e meu parceiro !

— Ainda bem, Vidigal, ainda bem!

Fomos ao Passeio Publico (onde Marcos se ia encontrar ºom um agiota). Tomámos sorvetes debaixo das arvores; e o ehronista da *Revolução* desenrolou, com abundancia e carinho, il historia do poeta das LAPIDARIAS.

Carlos Fradique Mendes pertencia a uma velha e rica fanulia dos Açores, descendente por linha varonil de certo Lopo •Mendes, filho segundo da casa da Troba, que fôra donatario d¹ unia das melhores capitanias creadas nas Ilhas por começos dº século xvi. Seu pai, homem magnificamente bello, mas de

gostos rudes, morrera (quando Carlos ainda gatinhava) d'uni desastre, na caça. Seis annos depois sua mãi, senhora tão airosa, pensativa e loura que merecera d'um poeta da Terceira o nome de *Virgem d'Ossian,* morria também, d'uma febre trazida dos campos onde andára bucolicamente, n'um dia de sol forte, a ceifar feno com uma fouce de prata. Carlos ficou em companhia e sob tutela de sua avó materna, D. Angelina Fradique, velha leviana, erudita c excentrica que colleccionava aves empalhadas, traduzia Klopstock, e se correspondia com Cesar Cantu. A sua primeira educação foi singularmente emmaranhada : o capellão de D. Angelina, antigo frade benedictino, ensinou-lhe o latim, a doutrina, o horror á maçonaria e outros princípios solidos: depois um coronel francez, velho jacobino que se batera em 1830 na barricada de S^-Merry, veio abalar estes alicerces espirituaes fazendo traduzir ao rapaz a *Pucelle* de Voltaire e a *Declaração dos direitos do homem;* e finalmente um allemão, que ajudava D. Angelina a enfardelar Klopstock na vernacuhdade de Filinto Elysio, e se dizia parente de Emmanuel Kant, completou a confusão iniciando Carlos, ainda antes de lhe nascer o buço, na *Critica da Razão pura* e na heterodoxia metaphysica dos professores de Tubinguen. Felizmente Carlos arejava estas suffocantes camadas d'instrucção, gastando longos dias a cavallo nos montes com a sua matilha de galgos : — e da anemia que lhe teriam causado estas abstracções do raciocínio, salvou-o o sopro fresco dos montados e a singela pureza dos regatos em que bebia.

A avó, tendo successivamente approvado estas embrulhadas linhas d'educação, decidiu de repente, quando Carlos completou dezeseis annos, mandal-o para Coimbra que ella considerava um nobre centro d'estudos clássicos e o derradeiro refugio das Humanidades. Dizia-se porém na Ilha que a traductora de Klopstock, apesar dos sessenta annos que lhe revestiam a face d'um pêllo mais denso que a hera d'uma ruina, decidira afastar o neto — para casar com o cocheiro.

Durante tres annos Carlos tocou guitarra pelo *Penedo da Saudade,* encharcou-se de carrascão na tasca das Camelas, pu'

Meou na *Idéa* sonetos ascéticos, e amou desesperadamente a fi-
">a d'um ferrador de Lorvão. Acabava de ser pela segunda
yez reprovado em geometria quando a avó morreu subitamente,
na sua quinta das *Tornas*, n'um caramanchão de rosas em que
3e esquecera até á noitinha, tomando café, e escutando a viola
lue o cocheiro repicava com os dedos carregados d'anneis.

Restava a Carlos um tio, Thadeu Mendes, homem d'ocio-
s'dade, de luxo e de boa mesa, que vivia em Paris onde era
u'n dos fieis (e dos crédores) do príncipe Napoleão, presidente
da Republica e Salvador da Sociedade. E Carlos foi para Pa-
ris estudar Direito nas cervejarias que cercam a Sorbonne, á
espera da maioridade que lhe devia trazer as heranças accumu-
'adas do pai e da avó, calculadas por Vidigal n'um farto mi-
'hao de cruzados. Vidigal era filho d'uma sobrinha de D. An-
gelina, e possuia por legado, conjuntamente com Carlos, uma
(lUlnla chamada o *Corvovello*. D'ahi lhe vinha a parceria.

Depois d'isto Vidigal sabia apenas que Fradique, livre e
'1Co, sahira do *Quartier-Latin* a começar uma existencia «su-
blime». Com um impeto de ave solta, viajára logo por todo
o mundo, em todas as direcções do vento, desde New-York até
•'erusalem, desde a Sibéria até ao Sahará. N'estas jornadas,
sempre emprehendidas por uma solicitação da intelligericia ou
Por ancia d'emoções, aehára-se envolvido em feitos historicos, e
tratára altas personalidades do século. Vestido com a camisa
°scarlate, ao lado de Dumas pai, acompanhára Garibaldi na
c°nquista das Duas-Sicilias. Encorporado no Estado-Maior de
ord Napier, que lhe chamava *lhe portuguese devil* (o demonio
Portuguez), fizera toda a pittoresca campanha da Abyssinia.
Recebia cartas de Mazzini. Havia apenas mezes que visitára
Rogo, no seu rochedo de Guernesey . . .

Aqui recuei, com os olhos esbugalhados. Victor Hugo (to-
dos ainda se lembram), desterrado então em Guernesey, tinha
Para nós, idealistas e democratas de 67, as proporções prophe-
'•cas e lendarias d'um S. João em Pathmos. E recuei protestan-
do, com os olhos esbugalhados, tanto se me afigurava fóra de
'oda a possibilidade que um Mendes tivesse apertado nas suas

a mão augusta que escrevera a *Lenda dos Séculos!* Correspondência com Mazzini, camaradagem com Garibaldi, vá! Mas na ilha sagrada, ao rumor das ondas da Mancha ter passeado com o vidente dos *Miseráveis,*—parecia-me a impudente exageração d'um ilhéo que me queria intrujar . . .

— Juro! gritou Vidigal, levantando a mão solemne ás acacias que nos cobriam.

E immediatamente, para demonstrar a verosimilhança d'aquella gloria, já tão alta para Fradique, contou-me outra bem superior, e que cercava aquelle estranho homem d'uma aureola bem mais radiante. Não se tratava já de ser estimado por um homem sublime, — mas, coisa excelsa entre todas, de ser amado por uma sublime mulher. Pois bem! Durante dois annos, em Paris, Fradique fôra o amante amado de Anna do Léon, a gloriosa Anna de Léon, a mais culta e bella corteza (Vidigal dizia « o melhor bocado ») do Segundo Império, a que ella communicára essa graça especial de volupluosidade intelligente que outr'ora Aspasia deu ao século de Pericles.

Muitas vezes eu lêra no *Fígaro* os louvores de Anna de Léon, e sabia que poetas a tinham celebrado sob o nome de *Vénus Victoriosa.* Os amores com a cortezã não me impressionaram decerto tanto como a intimidade com o homem das *Contemplações :* mas a minha incredulidade cessou, — e Fradique assumiu para mim a estatura d'um d'esses seres que, pela seducção ou pelo génio, como Alcibíades ou como Goelhe, dominam uma civilisação, e d'ella colhem deliciosamente tudo o que ella pôde dar em prazeres e em triumphos.

Foi por isso talvez que córei, já intimidado, quando Vidigal, grilando por outro sorvete de leile, se offereceu para re levar a esse surprehendente Fradique. Sem me decidir, pensando em Novalis que também assim hesitava, enleado, ao subir uma manhã em Berlim as escadas d' Hegel — pergunte' a Vidigal se o poeta das LAPIDARIAS residia em Lisboa. NaO1 Fradique viera de Inglaterra havia duas semanas, sem pararaté Cintra, que adorava, e onde comprára a quinta da *Saragoça* no caminho dos Capuchos, para ter de verão em Portu*

gal um repouso fidalgo. Estivera lá desde julho, com livros e um guitarrista : — e agora demorava-se dias em Lisboa, no Hotel Central, antes de recolher a Paris, seu centro e seu lar. De resto, acrescentou Marcos, não havia, como Fradique, ninguém tão profundo, tão simples, tão alegre, tão sem *pose.* E se eu desejava conhecer um homem genial, que estivesse ao outro dia, domingo, á uma, depois da missa, á porta da Casa Havaneza.

— Valeu? A uma, religiosamente, depois da missa!

Bateu-me o coração. Por fim, com um esforço, como Novalis no patamar d'Hegel, afiancei, pagando os sorvetes, que ao outro dia, á uma, religiosamente, mas som missa, estaria no Portal da Havaneza !

Ioda essa noite preparei phrases, cheias de profundidade e belleza, para dizer a Fradique Mendes. Tendiam todas á glorificação das LAPIDARIAS. E lembro-me de ter, corn especial ('uidado, burilado e repolido esta:— «A fórma de v. exc.ª é "m mármore divino com estremecimentos humanos!»

N'a manhã seguinte apurei requintadamepte a minha *toilette* •orno se, em vez de Fradique, fôsse encontrar Anna de Leon com quem já n'essa madrugada, n'um sonho repassado de audição e sensibilidade, eu passeára pela via sagrada que vai de Athenas a Eleusis, conversando sobre a morte de Sócrates e sobre a versificação das LAPIDARIAS. E ás duas horas, dentro de uma tipóia para que o macadam regado me não maculasse o verniz dos sapatos, parava na Havaneza, pallido, perfumado, foniniovido, com uma immensa rosa de chá na lapella. Éramos assim em 67 !

Marcos Vidigal já me esperava, impaciente. Saltou para a 1'Poia. E batemos através do Loreto, que escaldava ao sol de «gosto.

Na rua do Alecrim (para combater a pueril emoção que

me ia enleando e emmudecendo) perguntei ao meu companheiro quando publicaria Fradique o volume das LAPIDARIAS. POR entre o barulho das rodas, Vidigal gritou :

— Nunca !

E contou-me que a publicação d'aquelles trechos na *Revolução* quasi occasionára, entre Fradique e elle, um arrefecimento. Uma manhã depois de almoço, no Central, emquanto Fradique fumava sobre o divan, Vidigal, na sua plena familiaridade, como patrício e como parente, abrira sobre a mesa uma pasta de velludo negro. Descobrira, surprehendido, largas folhas de versos, n'uma tinta já amarellada... Eram as LAPIDARIAS. Lêra a primeira, a *Serenada de Satan aos astros.* E, maravilhado, pediu logo a Fradique para publicar na *Revolução* algumas d'essas estrophes divinas. O primo sorrira, consentira — com a recatada condição de serem assignadas por um pseudonymo. Qual ? Fradique deixava essa escolha á phantasia de Vidigal. Na redacção, porém, ao rever as provas, só lhe acudiram pseudonymos decrepitos, safados, o *Independente,* o *Amigo da Verdade,* o *Observador*, — nenhum bastante novo para dignamente firmar poesia tão nova. Disse comsigo:—" «Acabou-se! Sublimidade não é vergonha. Ponho-lhe o nome!» Mas ao outro dia, quando Fradique viu a *Revolução de Setembro,* fez-se livido, e chamou regeladamente a Vidigal «in' discreto, burguez, e philistino »! — E aqui Vidigal parou para me pedir a significção de *philistino.* Eu não sabia ; mas archivei gulosamente o termo. Recordo até que logo n'essa tarde, no Martinho, tratei de *philistino* o auctor considerável do *Af>e Cesar!* O epitheto impressionou. E durante semanas foi usado, ora como injuria, ora como louvor, em discussões e folhetins-

— De modo que, rematou Vidigal, é melhor não lhe falia* res nas LAPIDARIAS.

« Porque ?» pensava eu. Talvez que Fradique, á maneira do chanceller Bacon e outros homens grandes pela acção, desejasse esconder o seu ardente génio poético ! Ou talvez essa ira, ao vêr o seu nome impresso debaixo de versos com que se orgulharia Lecomte de Lisle, era -a do artista nobremente e per'

Petuamente insatisfeito que não aceita ante os homens como Sua a obra onde sente imperfeições. Ou ainda, poeta todo intimo, d'uma delicadeza e altivez d'alma incomparáveis, não queria mostrar á multidão o seu sonho e as suas emoções, e ficar por traz d'ellas sorrindo, como o joalheiro que espalha sobre um balcão as jóias que trabalhou. Homem estranho! Tudo •sto cahia na minha admiração como oleo n'uma fogueira. Ao Pararmos no Central, tremia d'acanhamento.

Senti quasi um allivio quando o porteiro annunciou que o Snr. Fradique Mendes, logo pela manhã, partira n'uma caleche Para Belem. Para Vidigal foi um desespero:

— N'uma caleche ! Para Belem ! . . . Ha alguma coisa em Belem ?

Murmurei, n'uma idéa d'Arte, que havia os Jeronymos. •^'esse instante uma tipóia, lançada a trote, estacou na rua, com as pilecas fumegando. Um homem pallido desceu, vestido de Preto. Era Fradique Mendes.

Vidigal correu, apresentou-me como um «escriptor seu amigo». Elle adiantou a mão sorrindo — mão admiravelmente fina e branca onde scintillava um rubi. Acariciou o hombro do Primo Marcos, arejou a face com o lenço: depois abriu uma carta que o porteiro lhe estendia. «Uma carta de pressa, disse o homem, mandada pelos snrs. Pintos Bastos.»

Pude então, á vontade, contemplar o cinzelador das LAPIDARIAS, o familiar de Mazzini, o expedicionário das Duas-Sici-"as, o bem-amado de Anna de Léon! O que me seduziu logo a sua esplendida solidez, a nobre e viril proporção dos membros fortes, o aspecto calmo de poderosa estabilidade com 4ue parecia assentar na vida, tão livremente e tão firmemente •orno sobre aquelle chão de ladrilhos onde pousavam os seus 'argos sapatos de verniz resplandecendo sob polainas do li-n'10- A face era do feitio aquilino e grave que se chama *ce-Sareano,* mas sem as linhas empastadas, a espessura flaccida "Ue a tradição das Escolas invariavelmente attribue aos Cesares na tela ou no gesso, para os revestir de mageslade, antes Pura e fina como a d'um Lucrécio moço. em plena gloria, todo

nos sonhos da Virtude e da Arle: e o que eu tomara por pallidez vinha d'unia brancura de pelle, lactea, fresca, sã, onde a barba, por ser pouca decerto, não deixava depois de escanhoada nenhuma sombra aspera. A finura da physionomia estava na bôca que, sob um buço crespo e leve, offerecia lábios d'um córte extremamente sinuoso e subtil, como talhados assim para afinar e espiritualisar bem a expressão do pensamento. E estava também, mas ahi misturada com energia, nos olhos — olhos pequenos e negros, brilhantes como contas de onyx, d'uma penetração aguda, talvez insistente de mais, que perfurava, se enterrava sem esforço, como uma verruma d'aç.o em madeira inolle.

Trazia uma quinzena solta, d'uma fazenda preta e macia, igual á das calças que cabiam sem um vinco: o collete de linho branco fechava com botões de coral pallido: e o laço da gravata de selim negro, dando relevo á alvura espelhada dos collarinhos quebrados, reproduzia a nitidez detalhada que jª me encantara no seu verso.

Não sei se as mulheres o considerariam *bello*. Eu achei-o um varão magnifico — dominando sobretudo por não sei que graça clara que sahia de toda aquella força mascula. Era o seu viço que deslumbrava. A vida de Ião varias e trabalhosas actividades não lhe cavara uma prega de fadiga. Parecia ter emergido, havia momentos, assim de quinzena preta e barbeado, d'entre o seio vivo da Natureza. E apesar de Vidigal me ter affirmado que Fradique já «trintára», eu sentia n'aquelle corpo a robustez tenra e agil de um ephebo, na infancia do mundo grego. Só quando sorria ou quando olhava, se percebiam im* mediatamente n'elle vinte séculos de litteratura.

Depois de lêr a carta, Fradique Mendes abriu os braços, n'um geslo risonho e desolado, implorando uma vez mais a misericórdia de Vidigal. Tratava-se como sempre da Alfandega-fonte perenne das suas amarguras. Agora tinha lá encalhado um caixote, contendo uma múmia egypcia . . .

— Uma múmia . . . ?

Sim. perfeitamente, uma múmia histórica, o corpo verídico

u Veneravel de Pentaour, escriba ritual do Templo de Amnon om lhebas, e chronista de Ramèzes III Mandára-o vir de Pa-113 para dar a uma senhora da Legação d'Inglaterra, que em plena frescura e em plena graça, colleccionava antiguidades pliaraoriicas. Mas apesar d'esforços sagazes não conseguia arrancar esse defunto lelrado aos armazéns da Alfandega — que elle enchera de confusão e de horror. Logo na primeira tarde, luando Pentaour desembarcara enfaixado dentro do seu eai-x,1o; a Alfandega aterrada avisou a policia. Depois, calmadas Us desconfianças d'um crime, surgira uma insuperável difficuldade j, que artigo da pauta poderia ser applicado ao cadaver Uni hierogrammata do tempo de Ramèzes ? Elle Fradique Sllggerira o artigo que taxa o arenque defumado. Realmente, no fundo, o que é um arenque defumado senão a múmia, sem "gaduras e sem inscripções, d'um arenque que viveu ? Ter sido Peixe ou escriba nada importava para os effeitos fiscaes. O lUe a Alfandega via diante de si era o corpo d'uma creatura, outr ora palpitante, hoje seccada ao fumeiro. Se ella em vida nadava n'um cardume, nas ondas do mar do Norte, ou se, nas fnargens do Nilo, ha quatro mil annos, arrolava as rezes de •^ninon e commentava os *capítulos de fim de dia* — não era "'tamente da conta dos poderes públicos. Isto pareeia-lhe lo-^lCn. T, j odavia as auctoridades da Alfandega continuavam a he-oji dr> coçando o queixo, diante do cofre sarapintado que encer-ll tanto saber e tanta piedade ! E agora os amigos Pintos stos aconselhavam, como mais rápido e mais pratico, que se lvesse um *empenho* do Ministro para fazer sahir sem direi-o corpo augusto do escriba do Ramèzes. Ora este empe-o> quem melhor para o alcançar que Marcos — esteio da Re-"eneração e seu chronista musical

Vidigal esfregava as mãos, illuminado. Ahi estava uma f o1Sa «bem catita», bem digna d'elle — salvar uma múmia do !'seo! E arrebatou a carta dos Pintos Bastos, enfiou para a ti-gritou ao cocheiro a morada do Ministro, seu collega na ei o'"*Pão.* Assim fiquei só com Fradique — que me convidou suhir ao seu quarto para bebermos unia «soda e limão».

Pela escada, o poeta das LAPIDARIAS alludiu ao torrido calor d'agoslo. E eu que ia atraz, e defronte do espelho no patamar parara a revistar, com um olhar furtivo, a linha da minha sobrecasaca e a frescura da minha rosa — deixei distrahidamente escapar esta coisa hedionda :

— Sim, está d'escachar !

E ainda o som não morrera no ar, já uma afflicção me dilacerava, pela chulice assim atabalhoadamente lançada como um pingo de sebo sobre o supremo artista das LAPIDARIAS, o homem que conversára com Hugo á beira do mar ! . . . Entrei no quarto, embaçado, com bagas de suor na face. Debalde rebuscava uma ou outra phrase sobre o calor, bem trabalhada, toda seintillanle e nova! Nada! Só me acudiam teimosamente sordidezes parallelas, em calão vil:—«está de rachar»! «esta de derreter»!... Atravessei alli uma d'essas angustias atrozes e grotescas, que vêm unicamente aos vinte annos, quando se começa a vida e a litteratura.

Felizmente Fradique desapparecera por traz d'um reposteiro de alcova. Só, limpando o suor, reflectindo que altos pensadores se exprimem assim, com uma simplicidade rude,— serenei. E á perturbação succedeu a curiosidade de descobrir em torno, pelo aposento, algum vestigio da originalidade intensa do homem que o habitava. Não avistei raridades. Era a sabida sala d'hotel, com reps azul-ferrete, um lustre, e uma console de pés dourados entre as duas janellas que respiravam para o rio. Somente sobre a console, e por meio dos livros que atulhava" a mesa, pousavam soberbos ramos de flores : e a um canto afofava-se um espaçoso divan, installado decerto por Fradique, arranjado com colchões sobrepostos, que um cobrejão orienta' de cores estridentes recobria flammantemente. Errava além d'isso em Ioda a sala um aroma desconhecido, que também me pareceu oriental, coino feito de rosas de Smyrna, mescladas a um fio de canella e benjoim.

Fradique Mendes voltára de dentro, vestido com nina cabaia chineza de mandarim, de seda verde, bordada a flores amendoeira — que me maravilhou e me intimidou. Vi então um

'mha o cabello castanho-escuro, muito fino, levemente ondeado sobre a testa, mais polida e branca que os marfins de Normandia. E os olhos, banhados agora n'uma luz franca, não apresen-'avani aquella negrura profunda que eu comparara ao onyx, nas uma côr quente de tabaco escuro da Havana. Accendeu "ma cigarette, ordenou a «soda e limão », e disse sorrindo, com sincera svmpathia :

— Aquelle Marcos é uma líòr !

Concordei. Historiei a velha estima que me prendia a Vidigal,

desde o primeiro anno de Coimbra, dos nossos tempos stouvados de Concertina e *Sebenta :* e falíamos de Coimbra, f'Ue eu execrava — mas de que Fradique conservava recordares, cheias d'alegria e illusão. Perguntou-me pelos excellentes '^orias; pelo Pedro Penedo, pelo Paes, por outros lentes ainda, do antigo typo fradesco e bruto; depois pelas tias Camelas, essas encantadoras velhas, que escrupulosamente, através de las-'nas gerações d'estudantes, tinham permanecido virgens, para Poderem no céo, ao lado de Santa Cecília, passar toda uma etemidade a tocar harpa. Era uma das suas memorias mais persistentes de Coimbra, essa taverna das tias Camelas, e as ceias Cabaladas que custavam setenta reis, comidas ruidosamente Penumbra fumarenta das pipas, com o prato de sardinhas cima dos joelhos, o cangirão do *tinto* sobre o chão de terra gra... E que sardinhas! Que arte divina em frigir o peixe! "das vezes em Paris se lembrara das risadas, do appetite, e dos pitéus d'então ! . . .

I udo isto vinha n'um tom muito moço, natural e singelo que eu mentalmente classificava de *crystallifio.* Elle estirá-se no divan ; eu ficara junto da mesa, onde um ramo de rose desfolhava sobre volumes de Darwin e do Padre Manoel olnardes. E então, dissipado o acanhamento, todo no appede de revolver com elle idéas de Litteratura, sem me lembrar que esse homem, como Bacon, quereria esconder o seu génio etico, ou artista insatisfeito nunca reconheceria a obra irnpereila, —_ aliudi ás LAPIDARIAS.

''radique Mendes tirou a cigarette dos lábios para rir —

com um riso que seria genuinamente galhofeiro, se de certo modo o não contradissesse um laivo de vermelhidão que lhe subira á face côr de leite. Depois declarou que a publicação d'esses versos, *com a sua assignatura,* fôra uma perfídia do perjuro Marcos. Não considerava *assignaveis* esses pedaços de prosa rimada, que decaleára, havia quinze annos, na idade em que se imita, sobre versos de Lecomte de Lisle. De resto passara por um tão puro e alto prazer quando os trabalhava em Paris, a uma janella por sobre as arvores do Luxemburgo, julgando-se a cada rima um innovador genial, que não lhe pezava tel-os recompensado deixando-os gozar um pouco da luz e do ruído d'um jornal.

Isto já me pareceu menos sincero — de modo nenhum *crystallino.* Affirmei no erntanto que, depois da obra de Baudelaire, nada me impressionára como as LAPIDARIAS. E preparei a minha esplendida phrase, burilada n'essa noite com paciente cuidado : — «A fórma de v. exc.ª é um mármore divino ...» Ainda consegui collocar —« A fórma de v. exc.ª ...» Mas o precioso resto foi cortado pelo movimento de Fradique, que se erguera, atirára a cigarette, e, *verrumando-me* com os olhos outra vez mais negros :

— Vejo então que tenho diante de mim um discípulo devoto e militante do maganão das *Flores do Mal!*

Córei, áquelle espantoso termo de *maganão.* E, muito grave, confessei que para mim Baudelaire dominava á maneira d'um grande astro, logo abaixo d'Hugo, na moderna Poesia. Fradique sorriu : e afiançou-me que bem cedo eu perderia essa illusão! Baudelaire (que elle conhecera) não era verdadeiramente um poeta. Poesia subentendia emoção : e Baudelaire todo intellectual, todo critico, não passava d'um analysta — um dissecador subtil d'estados morbidos. As *Flores do Mal* continham apenas resumos críticos de emoções nervosas que Baudelaire muito finamente comprehendera, mas que nunca sentira. Exactamente como um pathologista, cujo coração l>atᶜ normal e serenamente, emquanto descreve, á sua banca, n'umª folha de papel, as perturbações medonhas d'uma lesão cardiac'ᵗ-

'anto assim que Baudelaire compuzera primeiro em prosa as *Flores do Mal* — e só mais tarde, tendo comprovado bem a justeza das analvses, as passava a verso, laboriosamente, com um diccionario de rimas ! . . . De resto em França (acrescentou o estranho homem) não havia poetas. A genuina expressão da clara intelligencia franceza era a prosa. Os mais finos conhecedores francezes prefeririam sempre os poetas cuja poesia se caracterisasse pela precisão, lucidez, sobriedade — que são qualidades de prosa ; e um poeta tornava-se tanto mais popular quanto mais visivelmente possuia o génio de prosador. Boileau conciliaria a ser uni clássico e um immortal, quando já ninguém se lembrasse, em França, do tumultuoso lyrismo de Hugo . . .

Dizia estas coisas enormes n'uma voz lenta, penetrante — ciue ia recortando os termos com a certeza e a perfeição d'uni buril. E eu escutava, varado. Que o entupido Boileau ficasse nos ' "nos da Poesia Franceza, com a corôa de louros sobre os ca- ' lios da cabelleira, quando já o nome do poeta da *Lenda dos* Séculos fosse como um suspiro do vento que passou — parecia- Ine unia d'essas affirmações, de rebuscada originalidade, com ciue se procura assombrar os simples, e que eu mentalmente Massificava de *insolente.* Tinha mil coisas, abundantes e esmagadoras, a contestar: mas não ousava, por não poder apresental-as n'aquella fórma rigorosa e crystallisada do poeta das LAPIDARIAS. Essa cobardia, porém, e o esforço para reter os Protestos do meu enthusiasmo pelos Mestres da minha mocidade, suffocava-me, enchia-me de mal-estar: e aneiava só por abalar d'aquella sala onde, com tão sòccas opiniões classicas, tanta 'osa nas jarras, e toda a canella e benjoim que deviam jazer 11 algum canto,—se respirava conjuntamente um ar abafadiço de Serralho e de Academia.

Ao mesmo tempo julgava humilhante ter soltado apenas, aquella conversação, traços escolares e miúdos sobre o Pedro ' enedo e o carrascão das Camelas. Na razoavel ambição de deslumbrar Fradique com um resumo critico, provando as minhas finas letras, recorri á phrase, á lapidada phrase, sobre a fórma do seu verso. Sorrindo, esfregando as mãos, murmurei :

—« Em todo o caso a fórma de v. exc.ª é um mármore. . . » Chegára ao « mármore » quando a porta se abriu com estrondo, e surgiu Vidigal :

— Tudo prompto ! grilou. Despachei o defunto !

O Ministro, homem de poesia e de eloquencia, interessára-se infinitamente por aquella múmia d'um « collega », e jurara logo poupar-lhe o opprobio de ser tarifada como peixe salgado. S. exc.ª linha mesmo ajuntado : —« Não, senhor! não, se-«nlior ! Ha de entrar livremente, com todas as honras devidas «a um clássico!» E na manhã seguinte, Pentaour deixaria a Alfandega, de tipóia !

Fradique riu d'aquella designação de *clássico* dada a um hierogrammata do tempo de Ramèzes — e apontou a morada do Ministro para lhe agradecer tão culta benevolencia. Então eu, tomado subitamente, sem razão, por um sentimento de inferioridade e de melancolia, estendi a mão para o chapéo. Fradique não me reteve; mas os dois passos com que me acompanhou no corredor, o seu sorriso e o seu *shake hands,* foram perfeitos. Apenas na rua, gritei commigo : —« Que pedante !»

Sim, mas inteiramente *novo,* differente de todos os typos de homens que eu até ahi conhecera ! E á noite, na travessa do Guarda-Mór (occullando a escandalosa apologia de Boileau, para nada d'elle mostrar imperfeito), espantei J. Teixeira d'Azevedo com *um* Fradique idealisado, em que tudo era irresistível, as idéas, o verbo, a cabaia de seda, a face marmórea de Lucrécio moço, o perfume que esparzia, a graça, a erudição e º gosto !

J. Teixeira d'Azevedo tinha o enthusiasmo difficil e lento em fumegar. O homem deu-lhe apenas a impressão de ser postiço e theatral. Concordou no emtanto que convinha ir estudar «um machinismo de *pose* montado com tanto luxo ».

Fomos ambos ao Central, dias depois, no fundo d'uma tipóia. Eu, engravatado em selim, de gardénia ao peito. J. Teixeira d'Azevedo, caracterisado de «Diógenes do século xix»> com um jaquetão encardido e remendado que lhe emprestára º criado, chapéo bragiiez orlado de sêbo. grossos sapatões ruraes,

pavoroso cacete ponteado de ferro ! . . . Tudo isto arranjado com trabalho, com despeza, com immenso nojo, só para horrorisar 1'radique— e, diante d'esse homem de scepticismo e de luxo, altivamente affirmar, como democrata e como idealista, a grandeza moral do remendo e a philosophica austeridade da nodoa! Éramos assim em 1867 !

Tudo perdido ! Perdida a minha gardénia, perdida a im-•nundicie estóica do meu camarada ! O snr. Fradique Mendes (disse o porteiro) partira na vespera n'um vapor que ia buscar bois a Marrocos !

I1I

Alguns annos passaram. Trabalhei, viajei. Melhor fui conhecendo os homens e a realidade das coisas, perdi a idolatria da Fórma, não tornei a ler Baudelaire. Marcos Vidigal, que, através da *Revolução de Setembro,* trepára da Chronica Musical á Administração Civil, governava a índia como Secretario f,eral, de novo entregue, n'esses ocios asiaticos- que lhe fazia o Estado, aos seus sólos trabalhosos de concertina : e levado ass'ni esse grato amigo do Tejo para o Mandovi eu não soubera niais do poeta das LAPIDARIAS. Nunca porém se me apagara lembrança do homem singular. Antes por vezes me succedia de repente *vêr*, claramente *vêr* diante de mim, a face ebúrnea e fresca, os olhos côr de tabaco insistentes e verrumando, o sor-"so sinuoso e sceptico onde viviam vinte séculos de litteratura.

Em 1871 percorri o Egypto. Uma occasião, em Memphis, °u no sitio em que foi Memphis, navegava nas margens inundadas do Nilo, por entre palmeiras que emergiam da agua, e L'rguiam em redor, sobre o fundo de ardente luar, a sombra e a s°lemnidade saudosa de longas arcarias de claustros. Era uma solidão, um vasto silencio de terra morta, apenas docemente quebrado pela cadencia dos remos o pelo canto dolente do areies. E eis que subitamente, sem que recordação alguma tivesse evocado esta imagem—*vejo,* nitidamente *vejo,* avançan-

do com o barco, e com elle cortando as faxas de luz e sombra, o quarto do Hotel Central, o grande divan de cores estridentes, e Fradique a celebrar classicamente, por entre o fumo da cigarette, a immortalidade de Boileau ! E eu mesmo já não estava no Oriente, nem em Memphis, sobre a agua verde do Nilo ; mas lá, n'esse corriqueiro aposento de hotel, sentado junto da mesa, diante das duas janellas que respiravam para o Tejo, sentindo em baixo as carroças de ferragens rolarem para o Arsenal. Perdera porém o acanhamento critico que então me enleava. E, durante o tempo que assim remámos n'essa decoração pharaonica para a morada do Sheik de Abou-Kair. fui tacitamente argumentando com o poeta das LAPIDARIAS, e enunciando emfim, na defeza de Hugo e Baudelaire, as coi-.sas tremendas e aceradas com que o devia ter emmudecido n'aquella tarde de agosto! O arraes cantava os vergeis de Damasco. Eu berrava mentalmente:—«Mas veja v. exc.ª nos *Miseráveis* a alta lição moral ...»

Ao outro dia, que era o da festa do Beiram, recolhi ao Cairo pela hora mais quente, quando os *muezzins* cantam ª terceira oração. E ao apear do meu burro, diante do Hotel Shcperd, nos jardins do Ezbekieh, quem hei de eu avistar? Que homem, d'entre todos os homens, hei de eu avistar no terraço, estendido n'uma comprida cadeira de vime, com as mãos cruzadas por traz da nuca, o *Times* esquecido sobre os joelhos, embebendo-se todo de calor e de luz ? Fradique Mendes.

Galguei os degraus do terraço, lançando o nome de Fradique, por entre um riso de intenso e transbordante prazer. Sem desarranjar a sua beatitude, elle descruzou apenas um braço que me estendeu com lentidão. O encanto do seu acolhimento esteve na facilidade franca com que me reconheceu, sob as minhas lunetas azues, o meu vasto chapéo panamá :

— «Então como vai desde o Hotel Central ? . . . Ha quanto tempo pelo Cairo ?»

Teve ainda outras palavras indolentes e aflaveis. N'um banco ao seu lado, todo eu sorria, limpando o pó que se me em* pastára na face com uma espessura de mascara. Durante o curtº

e dôce momento que alli conversámos, soube que Fradique chegara havia uma semana de Suez, vindo das margens do Euphrates e da Pérsia, por onde errára, como nos contos de fadas, um anno inteiro e um dia : e que ia partir, n'um *debarieli* lue já o esperava no caes de Boulak, para o alto Egjpto, para a Núbia, até Ouadi-Alfah.

Eu escutava-o, e sentia já envolver-me a influencia d'aquel- voz incisiva e lenta, dos olhos persuasivos que *verrumavam,* e tomavam na luz mais crua do Oriente uma côr mais clara de 'ábaco da Virgínia. Todo o sol do Mar Vermelho e das planícies do Euphrates não lhe tostára a pelle lactea. Trazia, exactamente como no Hotel Central, uma larga e fresca quinzena Preta, com o collete branco fechado por botões de coral. E o 'aço da sua gravata de setim preto (pensei eu), representava alli, na terra das roupagens soltas e rutilantes, a precisão forma--la das idéas occidentaes.

Perguntou-me pela pachorrenta Lisboa, o que constava de ^'digal burocratisando entre os palmares brahmanicos, se já Se completára a estrada nova de Cintra . . . Depois, como eu continuava a esfregar o suor e o pó, aconselhou-me que fosse mergulhar n'um banho turco, na piscina que fica ao pé da 'Hesquita de El-Monyed, e que repousasse toda a tarde, para "'mos á noite vêr as illuminações do Beiram.

Ein logar de descansar, depois do banho lustral, tentei ainda, ao trote dôce de um burro, através da poeira do deserto libyco, visitar fóra do Cairo as sepulturas dos Kalifas. Quando á noite na sala do Sheperd me sentei diante da sopa «rabo de boi», a fadiga tirára-me o animo de pasmar para outras maravilhas musulmanas. O que me appetecia era o leito '•'esco, no meu quarto forrado de esteiras, onde tão romanticamente se ouvia cantarem no jardim, com uma languidez de Scrralho, as fontes entre os rosaes.

Fradique Mendes já estava jantando, n'uma mesa onde "ammejava, entre as luzes, um ramo enorme de cactos. Ao seu 'ado pousava de leve, sobre um escabello mourisco, uma senhora vestida de branco, a quem eu só via a massa esplendida

dos cabellos louros e as cosias perfeitas e graciosas, como as d'uma estatua de Praxiteles que usasse um collete de Madame Mareei; do outro lado, n'uma cadeira de braços, alastrava-se um homem abundante, cuja face ampla e serena, de barbas encaracoladas, cheia de força tranquilla como a de um Júpiter, eu já decerto encontrára algures, ou viva ou em mármore. E cahi logo n'esta preoccupação. Em que rua, em que museu admirára eu aquelle rosto clássico, de olympica nobreza, onde apenas a fadiga do olhar, sob as palpebras pesadas, trahia a argilla mortal?

Terminei por perguntar ao negro de Seneh que me servia- O selvagem abriu um sorriso de radiosa alvura no ébano do carão redondo : — e através da mesa lançou um grunhido, onde julguei distinguir estas syllabas, respeitosamente engoroladas: — *Cé-tun-diú!* Nos lábios toscos do servo de Seneh estes sons tentavam talvez significar — *Cest un Dieu!* . . . Justos céos! Pretenderia o negro affirmar que aquelle homem de barbas encaracoladas *era um Deus?* Fôra pois n'um altar, n'uma téla devota, que eu vira essa face, dilatada em magestade pela absorpção perenne do incenso e da prece? De novo interroguei o Nubio quando elle voltou, erguendo nas mãos espalmadas uma travessa de macarrão. De novo o Nubio me atirou em syllabas já claras, bem feridas, dissipando toda a incerteza — *Cest un Dieu!*

Era uni Deus ! Sorri a esta idéa de litteratura — um Deus de jaquetão, jantando á mesa do Hotel Sheperd. E, pouco a pouco, através do meu estado de enervação e fadiga (a qual longos tragos de vinho de Borgonha, bebidos com uma sede de BeduinOj juntavam um começo de soinnolencia), foi-se d'ella evolando não sei que sonho, esparso e tenue, corno o fumo que se eleva de uma braza meio apagada. Era sobre o Olympo e os velhos Deuses e aquelle amigo de Fradique que se parecia com Júpiter. Os Deuses, scismava eu, não tinham talvez morrido : mas viviam, desde a chegada de S. Paulo á Grécia, refugiados n'um valle da Laconia, outra vez entregues, nos ócios que lhes fizera o Deus novo, ás suas occupações primordiaes de

'avradores e pastores. Sómente, pelo habito que os Deuses nunca perderam de imitar os homens, e para escapar aos ultra-Jes da Christandade, os olympicos abafavam sob casimiras, e chitas, e saiotes, o rabonas, o esplendor das nudezas que a An-'•guidade adorara : e como tomavam outros costumes humanos, ,ira por necessidade (cada dia se torna mais difficil ser Deus), ora por curiosidade (cada dia se torna mais divertido ser Hoaiem), os Deuses iam lentamente consummando a sua humani-SaÇão. Já por vezes deixavam a doçura do seu valle bucolico; e 'oln bahús, com saccos de tapeie, viajavam por distracção ou "egocios, folheando os *Guias Becleclcer*. Uns iam estudar nas ''dades, entre a civilisação, as maravilhas da Imprensa, do ' ar'amentarismo e do Gaz ; outros, aconselhados pelo erudito "crnies, cortavam a monotonia dos longos estios da Attica, bebendo as aguas em Vichy ou em Carlsbad: outros ainda, na saudade imperecível das omnipotencias passadas, peregrinavam até <ls minas dos Templos onde outr'ora lhes era offertado o mel e o sangue das rezes. Assim se tornava verosímil que aquelle homem, cuja face cheia de magestade e força serena reproduzia tls feições dogmaticamente impostas a Júpiter pela Escola Atenas,— fosse na realidade Júpiter, o Tonante, o Fecundador, pai inesgotável dos Deuses, creador da Regra e da OrUem. Mas o que o trazia alli, vestido de flanella azul, pelo Cairo, f"-"o Hotel Sheperd, comendo o macarrão que se lhe prendia as barbas divinas por onde a ambrósia escorrera? Tratando-se Júpiter, o frascario, o femieiro Júpiter, os seus motivos '•anspareciam togo, límpidos e lógicos. O que o podia arrastar ao Cairo senão *alguma saia,* esse desejo esplendidamente insanável de deusas e de mulheres, que outr'ora tornava pensatiNas as donzellas da Hellenia ao decorarem na Cartilha Pagã as datas em que elle batera as azas de Cysne entre os joelhos e Leda, sacudira as pontas de touro entre os braços d'Euro-"a> gottejára em pingos d'ouro sobre o seio de Danae, pulára ' "' bnguas de fogo até aos lábios d'Egina, e mesmo um dia, fnojando Minerva e as damas sérias do Olympo, atravessára 'oda a Macedónia com uma escada ao hombro para trepar ao

alto eirado da morena Seméle? Agora, evidentemente, viera ao Cairo passar umas férias sentimentaes, longe da Juno conjuga'» com aquella soberba mulher, cujo busto irresistível provinha das artes conjuntas de Praxiteles e de Madame Mareei. E ella, quem seria ella? A côr das suas tranças, a suave ondulação dos seus hombros, tudo indicava claramente uma d'essas deliciosas Nymphas das Ilhas da Ionia, que oulr'ora os Diáconos Christãos expulsavam dos seus frescos regatos, para n'elles baptisar centuriõfes cacheticos e comidos de dividas, ou velhas matronas com pêllo no queixo, trôpegas do incessante pereg''ı' nar aos altares de Aphrodite. Nem elle nem ella porém podiam esconder a sua origem divina : através do vestido de cassa o corpo da Nympha irradiava uma claridade ; e, attendendo bem, vêr-se-hia a fronte marmórea de Júpiter arfar em cadencia, no calmo esforço de perpetuamente conceber a Regra e " Ordem.

Mas Fradique? Como se achava alli Fradique, na intimidade dos Immortaes, bebendo com elles champagne Clicquot, ouvindo de perto a harmonia sem igual da palavra de Jove- Muito naturalmente, como se encontram sempre Fidalgos ricos e fieis, junto dos Reis no exilio. Fradique era um dos derradeiros crentes do Olympo, devotamente prostrado diante da l°r' ma, transbordando de alegria pagã : visitava a Laconia, fallava a lingua dos Deuses, recebia d'elles a inspiração : — nada mals consequente do que descobrir Júpiter no Cairo, e prender-sc logo ao seu serviço, como *cicerone,* nas terras barbaras de Allah. E certamente com elle e com a Nympha da Ionia, ia Fradique subir o Nilo, até aos derrocados templos onde Zeus foi temido sob o nome de Amnon.

Através d'uma salada de lomates, eu desenvolvia, coordenava estas imaginações — decidido a convertel-as n'um Cont° para publicar em Lisboa na *Gazeta de Portugal.* Devia cha* mar-se *A derradeira campanha de Júpiter:*—e n'elle obtenha o fundo erudito e phantasista para incrustar todas as notas de costumes e de paizagens, colhidas na minha viagei» do Egypto. Somente, para dar ao conto um relevo de mode'

mdade e de realismo picante, levaria a Nympha das aguas, durante a jornada do Nilo, a enamorar-se de Fradique e a trahir Júpiter! E eil-a aproveitando cada recanto de palmeira' e cada sombra lançada pelos velhos pilones d'Osiris, Para se pendurar do pescoço do poeta das LAPIDARIAS, murmurar-lhe coisas em grego mais dôces que os versos de Hesíodo, deixar-lhe nas flanellas o seu aroma de ambrósia, e ser por todo esse valle do Nilo inimensamente *cochonne* — 'mquanto o Pai dos Deuses, sem nada perceber, cofiando as barbas encaracoladas, continuaria imperturbavelmente a conceber a Ordem, augusto, ineffavel, perfeito, ancestral e cornudo !

Enthusiasmado, já construia a primeira phrase do Conto quando vi Fradique adiantar-se para mim, com a sua chávena de café na mão. Júpiter também se erguera vagarosamente. Pareceu-me um Deus pesado e molle, com um principio de obesidade, arrastando a perna tarda, bem proprio para o l'd'raje que eu lhe preparava na *Gazeta de Portugal.* Ella poss'em tinha a graça, o esplendor, o aroma, o andar d'uma Deu-

— 1 anto que resolvi logo substituir-me a Fradique no Conser eu o *cicerone,* e com os Immortaes vogar á véla e á sir-8a sobre o rio de immortalidade! Junto á minha face, não á de radique, balbuciaria ella, desfallecendo de paixão entre os gra-"d°s sacerdotaes de Medinet-Abou, as coisas mais dôces da ^'tthologia! Ao menos, em sonho, realisava uma triumphal viagem a Thebas. E faria pensar aos assignantes da *Gazeta de ortUgal:* — « O que elle por lá gozou ! »

Fradique senlára-se, recebendo, de Jove e da Nympha que Passavam, um sorriso cuja doçura também me envolveu. Vivamente puxei a cadeira para o poeta das LAPIDARIAS :

— Quem é este homem? Conheço-lhe a cara . . .

— Naturalmente, de gravuras ... E Gautier !

Gautier! Theophilo Gautier ! O grande Theo ! O mestre 'mpeccavel ! Outro ardente enlevo da minha mocidade ! Não me en8anára pois inteiramente. Se não era um Olympico — era Pp'° menos o derradeiro Pagão, conservando n'est.es tempos de

abstracta e cinzenta intellectualidade, a religião verdadeira da Linha e da Côr! E esta intimidade de Fradique com o auctor de *Mademoiselle de Maupin* tornou-me logo mais precioso e mais querido este compatriota sem par. Para saber se elle desejava genebra pousei-lhe a mão sobre a manga, com meiguice. E foi um extase, diante da sua penetração, quando elle me aclarou o grunhir do negro de Seneh. O que eu tomara pelo annuncio d'uma presença divina significava apenas — *c'est le deax*. Gautier no hotel occupava o quarto numero dois- e para o barbaro, o plástico mestre do Romantismo era apenas — *o dois!*

Contei-lhe então a minha phantasia mythologica, o Conto que ia trabalhar, os adoraveis dias de paixão que lhe destina^ na viagem para a Núbia. Pedi mesmo permissão para lhe dedicar a *Derradeira campanha de Júpiter*. Fradique sorriu, agi'a' deceu. Desejaria bem, confessou elle, que essa fosse a realid3' de, porque não se podia encontrar mulher de mais genuina bel leza e de mais aguda seducção do que essa Nympha das Aguas' que se chamava Jeanne Morlaix, e era comparsa dos *Delasse' ments-Comiques*. Mas, para seu mal, a radiosa creatura estava caninamente namorada de um Sicard, corretor de fundos, tlue a trouxera ao Cairo, e que fôra n'essa tarde, com banqueiros gr£" gos, jantar aos jardins de Choubra . . .

— Em todo o caso, acrescentou o originalíssimo home111' nunca esquecerei, meu caro patrício, a sua encantadora inten ção !

Porque vim eu narrando, com lai diffusão, este episodio 1llt apparentemente se prende tanto com o estudo do caracter e do espirito de Fradique, como aquelles ramos de faia que se balou çam á brisa de maio, rente da minha janella? Porque pens° que elle originou a calorosa amizade de Fradique para comfl1 go, communicando-lhe esse sabor de phantasia e humorismo 1ll< n'ella derramou tanto encanto. Descartes, zombando, creio e ' da Physica Epicuriana ou Atomisla, falia algures das affeiç^et produzidas pelos *Átomos croclins* ou átomos recurvos — dando uma explicação phantasista d'um phenomeno obscuro da sens'

bilidade por meio d'uma applicação phantasista da theoria Ato-
niIca do Universo. Estes átomos, em fórma de colchete ou d'an-
Zu', engancham-se invisivelmente d'alma a alma e de corpo a
'orpo, o formam essas *cadeias*, abstractas e resistentes como o
•"Onze, que para sempre ligam dois seres, sem que os possam
Separar — nem a desillusão, nem a lassidão, nem a discordan-
Cla dos temperamentos, nem a conlradicção dos caracteres. Um
Malquer nada provoca esse fatal ou providencial enganchamcn-
d átomos. Por vezes um olhar, como desastradamente em Ve-
ona succedeu a Romeu e Julietaí por vezes uma fugitiva pala-
Yjin
a que se trocou, como na amizade classica de Orestes e Pv-
aes
tPfl - Ora, por esta theoria (tão satisfactoria como qualquer ou-
em Psychologia affectiva), vim a pensar que a esplendida
Ventura de amor, que eu tão generosamente reservara a Fradi-
1l'e no plano da *Ultima campanha de Júpiter*, foi a causa
^ysteriosa, inconsciente para elle mesmo, o *nada* que deter-
a!no" a sua primeira sympathia para commigo, desenvolvi-
da .
' solidificada depois, em seis annos de intimidade intelle-
etual.

Muitas vezes, no decurso das nossas relações, elle alludiu
Rrat i
1 lamente a essa minha *encantadora intenção* de lhe atar em
no do pescoço os braços de Jeanne Morlaix. Era por cau-
a desses braços? Não ! Logo á volta do Egypto, os teve col-
os a si, insistentes e já pesados, durante todo um verão,
as sombras do Vesinet. Era pela subtil e poética homenagem
llQ eu assim prestava ás suas seducções de homem? Quem
ahe? Os motivos d'elle jaziam sempre muito enterrados nos
'aninhos do seu complicado espirito, para se poderem definir
cla.ro rigor. — Mas, quando nos erguemos para ir vêr as
'""inações do Beiram, Fradique Mendes, com um modo novo,
aberiHJ! quente, quase intimo, ja me tratava por *vosse.*

A« illuminações no Oriente consistem, como as do Minho,
6 tigelinhas de barro ou de vidro, onde arde um pavio ou uma

mecha d'estopa. Mas a descomedida profusão com que se pro' digalisam as tigelinhas (quando as paga o Pachá) torna essas velhas cidades meio arruinadas, que assim se enfeitam em louvor de Allah, realmente deslumbrantes — sobretudo para um occidental besuntado de litteratura, e inclinado a vêr por toda a parte, reproduzidas no moderno Oriente, as muito lidas maravilhas d'essas *Mil e uma noites* que ninguém jamais leu.

Na celebração do Beiram o Pachá pagava devotamente, as tigelinhas eram incontáveis — e todas as linhas do Cairo, a6 mais quebradas e as mais fugidias, resaltavam, sublinhadas por um risco de luz. Longas fieiras de pontos refulgentes marcavam a borda dos eirados ; as portas abriam sob ferraduras de lumes ; os varandins pousavam em gradarias de fogo ; dos toldos pendia uma franja que faiscava ; um brilho tremia, com a aragem, sobre cada folha d'arvore ; e os minaretes, que a Poesia Oriental classicamente compara desde séculos aos braços da Terra levantados para o Céo, ostentavam, como braços em no1' te de festa, um luxo de braceletes fulgindo na treva serena- Era, disse eu (querendo puerilmente, diante de Fradique, mostrar Imaginação e Litteratura), como se durante todo o dia R' vesse cabido sobre a sórdida cidade uma grossa poeirada d ou ro, pousando em cada friso de *moucharabieh* e em cada ramo de jardim, e agora rebrilhasse, com esplendida saliência, na ne grura da noite calma : ou ainda, como se a uma ordem div"1'1 um Anjo musulmano andasse avivando os contornos aereos Cairo, com um pincel molhado na tinta de que Allah se ser^c para redigir os Destinos, e de que as estrellas são por todo 11 espaço a esparrinhadura radiante. Fradique sorrindo approvo11 estas desordenadas imagens.

Mas a belleza especial estava na multidão festiva que at" lhava as praças e os bazares. E, rompendo através d'ella lent'1 mente, avaliei então, assombrado, com quanta profundidade 1 miudeza Fradique conhecia o Oriente ! De todos aquelles ho meus tão intensamente diversos, desde as feições até aos traj(i — elle sabia a raça, a historia, os costumes, o logar proprio n*1

'ivilisação oriental. Devagar, abotoado n'um paletot de ílanella, cºm uni chicote de nervo (que é no Egypto o emblema da Autoridade) entalado debaixo do braço, ia-me apontando, condimento explicando essas estranhas figuras, que eu comparava as d'uma mascarada fabulosa, arranjada por um archeologo em noite de folia erudita, para reproduzir as « modas » dos Semitas através das idades desde Sem. filho de Noé, que usava ºm torno dos rins uma tira de pelle de chibo. E assim me faz'a distinguir e comprehender — o *Fellah,* ridente e agil na sua 'ºnga camisa de algodão azul ; o Beduíno sombrio, movendo gravemente os pés entrapados em ligaduras, com o pesado al-'ange de bainha escarlate pendurado no peito ; os Abadiehs, de grenha arranjada em fórma de mêda, e erriçada de longas cerdas de porco-espinho que os coroam d'uma aureola negra ; os •^"nautas insolentes, com curtos saiões tufados e encanudados, eºmpridos bigodes esvoaçando ao vento, armas ricas reluzindo "as cintas de sèda ; os bellos homens do Sennar, estatuas gregas esculpidas em ébano ; os Moghrebinos altivamente embru-"lados nos seus albornozes de riscas flammejantes ; os cavallei-")s do lledjaz, com a cabeça envolta n'um lenço amarello cujas franjas immensas lhes fazem uma romeira de fios d'ouro . . .

outros ainda ! Libvos arrastando as túnicas que já usavam nº tempo de IlerodoLo ; Judeus immundos, de caracoes frisal'os; Santões em farrapos, uivando o nome de Allah ; Coptas togados á maneira de senadores ; soldados prelos do Darfour, Cortl fardetas de linho conservando as nodoas de poeira e de san-!,'Ue ; Ulemas de turbante verde ; Persas de mitra de feltro ; Mendigos de mesquita, cobertos de chagas ; amanuenses turcos, Pomposos e anafados, de collete bordado a ouro . . . Que sei eu ! ' ¹¹¹ estonteante Carnaval, onde a cada momento passavam. 'Galrando aos pares, ou sacudidos pelo trote dos burros sobre '"bardas vermelhas, enormes saccos enfunados — que eram mu-"'eres. Toda esta turba se movia com uma gralhada mais viva ('Ue a de pardaes n'um loureiral, por uma tarde de maio. E a l'ada esquina, sob molhos de lampadas, eram invocações a '^"ah, repiques de pandeiretas, gemidos estridentes partindo

das cordas das *dourbakas,* e cantos lentos — esses cantos arabes, d'uma voluptuosidade Ião dolente e tão aspera, que Fradique dizia passarem n'alma com uma «caricia rascante». Por vezes, entre o casario decrepito e rendilhado, surgia uma frontaria lisa, casa rica de Sheik ou de Pachá, com a funda varanda aberta em arcarias, por onde se avistavam lá dentro, n'u'H silencio de harém, sedas colgantes, floridos recamos d'ouro,um tremor de lumes no crvstal dos lustres, finas formas immoveiS sob longos véos claros. Enlão a multidão parava, emmudecia-o de todos os lábios sabia um grande *ah!* languido e maravilhado. Nada na terra podia ser mais prodigiosamente interessante para mim — que nunca assistira a uma festa no Oriente- E, todavia, bem depressa esqueci cantos, lumes, sedas, brilhos d'armas, para só escutar Fradique Mendes !

Ao sahirmos do Moujick, este estranho homem parara 8 trocar, com um moço pallido, de esplendidos olhos, o *saiam* •—' essa saudação oriental em que os dedos tres vezes precipitadamente batem a testa, a boca e o coração. E como eu, rindo, lhe invejava aquella intimidade com um «gentleman musulmano», Fradique explicou que esse moço era um Ulema de Ragdad, de raça antiga, superiormente intelligente, d'uma enei" gia calma de apostolo — uma das mais finas e seductoras personalidades que elle encontrára na Pérsia. Com a familiaridade que se ia entre nós accentuando, perguntei-lhe então o cl"e o detivera assim na Pérsia um anno inteiro e um dia como nos contos de fadas. E Fradique, com singeleza, confessou que se demorára tanto nas margens do Euphrates por se achar casualmente ligado a um movimento religioso que, desde 1849, l°* mava na Pérsia um desenvolvimento quasi triumphal, e que sC chamava o *Babismo.* Attrahido primeiramente para essa no\° seita por curiosidade critica, para observar como nasce e sC funda uma Religião, chegára pouco a pouco a ganhar pelo Ba bismo um inleresse activo — não por admiração da doutrina- mas por veneração dos apostolos. O Babismo (eontou-me elle, seguindo por uma viella mais solitaria e favoravel ás confidencias) tivera por iniciador certo Mirza-Mohamed, um d'esses

Messias que cada dia surgem na incessante fermentação religiosa do Oriente, onde a religião é a occupação suprema e luerida da vida. Tendo conhecido os Evangelhos Christãos por contacto com os Missionários ; iniciado na pura tradição mosaista pelos judeus do Iliraz ; sabedor profundo do Guebrismo, a velha religião nacional da Pérsia — Mirza-Mobamed amalgamara estas doutrinas com uma concepção mais abstracta e pura do Mahometismo, e declarára-se *Bab.* Em persa *Bab* quer dizer *porta.* Elle era, portanto, a *porta* — a única *poria* atrais da qual os homens poderiam jamais penetrar na absoluta herdade. Mais litteralmente, Mirza-Mohamed apresentava-se '-onío o grande *porteiro,* o homem eleito entre todos pelo Senhor para abrir aos crentes a porta da Verdade — e portanto do Paraíso. Em resumo era um Messias, um Christo. Como tal atravessou a classica evolução dos Messias: teve por primeiros discípulos, n'uma aldeia obscura, pastores e mulheres: soffreu ll sua tentação na montanha: cumpriu as penitencias expiado-'as: prégou parabolas: escandalisou em Méca os doutores: e Padeceu a sua Paixão, morrendo, não me lembro se degolado, Se fuzilado, depois do jejum do Rhamadan, em Tabriz.

Ora, dizia Fradique, no mundo musulmano ha duas divi-Soes religiosas — os Sieds e os Sunis. Os Persas são Sieds, como os Turcos são Sunis. Estas differenças, porém, têm no fundo um caracter mais politico e de raça, do que theologico o de dogma ; ainda que um fellah do Nilo desprezará sempre "'" persa do Euphrates, como *heretico* e *sujo.* A discordância a'arga-se, mais viva e marcada, logo que Sieds ou Sunis neces-s'feni pronunciar-se perante uma nova interpretação de dou- "na ou uma nova apparição de propheta. Assim o Babismo L'ncontrára enlre os Sieds uma hostilidade que se avivou até 1 Perseguição : — e isto desde logo indicava que seria acolhido Pelos Sunis com deferencia e sympathia.

Partindo d'esta idéa, Fradique, que em Bagdad se ligára 'amiliarmente com um dos mais vigorosos e auctorisados aposlolos do Babismo, Said-El-Souriz (a quem salvára o filho d'uma f L)!'e paludosa com applicações de *Fruit-salt),* suggerira-lhe um

dia, conversando ambos no eirado, ao luar, sobre estes altos interesses espirituaes, a idéa de apoiar o Babismo nas raças agrícolas do valle do Nilo o nas raças nómadas da Libya. Entre homens da seita Suni, o Babismo encontraria um campo fácil as conversões ; e pela tradicional marcha dos movimentos sectários, que no Oriente, como em toda a parte, sobem das massas sinceras do povo até ás classes cultas, talvez essa nova onda de emoção religiosa, partindo dos fellahs e dos beduínos, chegasse a penetrar no ensino de alguma das mesquitas do Cairo, sobretudo na mesquita de El-Azhar, a grande Universidade do Oriente, onde os ulemas mais nioços formam uma cohorte de enthusiastas, sempre disposta ás innovações e aos apostolados militantes. Ganhando ahi auctoridade lheologi,ca, e litterariamente polido, o Babismo poderia então atacar com vantagem as velhas fortalezas do Musulmanismo dogmático. Esta idéa penetrara profundamente em Said-El-Souriz. Aquelle moço pallido, com quem elle frocára o *saiam*, fôra logo mandado como emissário babista a Medinet-Abou (a antiga Thebas), para sondar o Sheik Ali-llussein, homem de decisiva influencia em todo o valle do Nilo, pelo seu saber e pela sua virtude: e elle, Fradique, não fendo agora no Occidente occupações attractivas, cheio de curiosidade critica por tão pittoresco Advento, partia também para Thebas, devendo encontrar-se com o babista, á lua mingoante! em Beni-Soueff, no Nilo . . .

Não recordo, depois de tantos annos, se estes eram correctamente os factos. Só sei que as revelações de Fradique, lançadas assim através do Cairo em festa, me impressionaram indizivelmente. Á medida que elle fallava do Bab, d'essa missão apostolica ao velho Sheik de Thebas, de uma outra fé surgindo no mundo musulmano com o seu pathetico cortejo de martyNo e d'extasis, da possivel fundação de um império babista-'o homem tomava aos meus olhos proporções grandiosas. Não conhecera jamais ninguém envolvido em coisas tão altas. Sent'a'me ao mesmo tempo orgulhoso e aterrado de receber este segredo sublime. Outra não seria a minha commoção, se, nas vésperas de S. Paulo embarcar para a Grécia, a levar a Palavra

aos gentílicos, eu tivesse com elle passeado pelas ruas estreitas de Seleucia, ouvindo-lhe as esperanças e os sonhos !

Assim conversando, penetrámos no adro da mesquita de El-Azhar onde mais fulgurante e estridente tumultuava a fesla do Beiram. Mas já não me prendiam as surprezas d'aquelle ar-'aial musulmano — nem as *almées* dansando entre brilhos dc vernielho e d'ouro ; nem os poetas do deserto recitando as façanhas d'Antar; nem as luctas dos athletas nubios, bellos e ágeis '°mo dioscuros de bronze; nem os Derviches, sob as suas 'endas de linho, uivando em cadencia os louvores d'Allah . . . balado, invadido só pelo pensamento do Bab, revolvia commigo o confuso desejo de me aventurar n'essa campanha espiritual ! •e eu partisse para Thebas com Fradique?... Porque não? Tinha a mocidade, tinha o enthusiasmo. Melhor me cabia essa 'arreira evangelica, que recolher de novo á banal Lisboa, a es-1 "evinhar Liras de papel, sob um bico de gaz, na *Gazela dc I °i'tugal!* E pouco a pouco d'este desejo, como d'uma agua ciue ferve, ia subindo o vapor lento d'uma visão. Via-me disci-Pulo do Bab, — recebendo n'essa noite, do ulema de Bagdad, a 'niciação da verdade. E partia logo a pregar, a espalhar o ver-bo habista. Onde iria? A Portugal certamente, levando de presencia a salvação ás almas que me eram mais caras. Como S. ' au'o, embarcava n'uma galera: as tormentas assaltavam a mi-",la prôa apostólica : a imagem do Bab apparecia-me sobre as a!?Uas, e o seu sereno olhar enchia minha alma de fortaleza indomável. Um dia, por fim, avistava terra, e na manhã clara sulcava o c1aro Tejo, onde ha tantos séculos não entra um enviado Deus. Logo de longe lançava uma injuria ás egrejas de Lis-°a, construcções d'uma Fé vetusta e menos pura. Desembar-

E, abandonando as minhas bagagens, n'um alto desprenimento dos bens terrestres, galgava aquella bemdita rua do 'Meerim e em meio do Loreto, á hora em que os Directores G

eraes sobem devagar da Arcada, abria os braços e bradava : " Eu sou a *Poria! »*

Não mergulhei no Apostolado babista mas succedeu que, n'°Vado n'estas phantasmagorias, me perdi de Fradique. E não

sabia o caminho do Hotel Sheperd, nem outros termos úteis, em arabe, além de *agua* e *amor!* Foram angustiosos momentos em que farejei estonteado pelo largo de Al-Azhar, tropeçando nos fogareiros onde fervia o café, esbarrando imprudentemente contra rudes beduinos armados. Já por sobre a turba atirava, aos brados, o nome de Fradique — quando topei com elle olhando placidamente uma *almée* que dansava . . .

Mas seguiu logo, encolhendo os hombros. Nem me permit* tiu adiante admirar um lindo moço, um poeta, que, em meio de féllahs pasmados e de Moghrebinos arrimados ás lanças, ha, n'uma toada langorosa e triste, tiras de papel ensebado. A dansa e a poesia, dizia Fradique, as duas grandes artes orientaes, iam em lamentosa decadencia. N'uma e outra se tinham perdido as tradições do estylo puro. As *almées,* pervertidas pela influencia dos casinos do Ezbequieh onde se perneia o can-can- já polluiani a graça das velhas dansas arabes, atirando a perna pelos ares á moda vil de Marselha ! E na Poesia triumphava a mesma banalidade, raiada de extravagancia. As formas delicadas do classicismo persa nem se respeitavam, nem quasi se conheciam; a fonte da imaginação seccára entre os musulmanos, e a pobre Poesia Oriental, tratando themas avelhados e gasto» com uma emphase preciosa e burlesca, descambava, como a nossa, n'um *Parnasianismo* barbaro . . .

— De sorte, murmurei, que o Oriente . . .

— Está tão medíocre como o Occidente.

Recolhemos ao hotel, devagar, emquanto Fradique, findai) do o charuto, me dizia como hoje o espirito oriental vive sobre tudo da actividade philosophica, agitado pelas novas e comp'ı cadas concepções da Moral, que sem cessar lhe offerecem ı>ı? Logicos dos bazares e os Metaphysicos do deserto . . .

No dia seguinte acompanhei Fradique a Boulak, onde el'e ia embarcar para o Alto Egypto. O seu *debarieh* esperada, amarrado á estacaria, rente das casas do Velho Cairo. O s°' mergulhava nas areias libycas. No alto, o céo adormecia, seI" uma sombra, sem uma nuvem, puro em toda a sua profundidade como a alma d'um justo. Pesadas barcas, vindas d'Assouao-

Jaziam ao lado, carregadas de lentilhas e de molhos de cana. Uma "'a de mulheres coptas, com o esguio cantaro amarello pousado no hombro, descia para a agua do Nilo, bemdita entre Iodas as aguas. E os ibis, antes de recolher aos ninhos, vinham, como no tempo em que eram Deuses, roçar a beira dos eirados, espalhando com um bater d'azas a benção crepuscular sobre o coração dos humildes.

Baixei atraz de Fradique ao salão do *debarieh*, todo envidraçado, com divans fofos de cretone escuro, armas penduradas Para as manhãs de caça, rumas de livros para as séstas de estudo e de calma quando lentamente se navega á sirga. Depois, du-'ante um momento, no convés, contemplámos silenciosamente aquella paizagem que tem sido a seducção de tantas raças, e Para que têm alongado os olhos, cubiçosos ou pensativos, tan-*os Conquistadores, tantos Santos, tantos Sábios, através das compridas idades. Aqui, n'esta quieta margem, pararam como nos, olhando em silencio, enleados 110 encanto d'estas aguas, destes céos — Reis de Judá, Reis da Assyria, Reis da Pérsia ; os Ptolomeus magníficos ; Prefeitos de Roma e Prefeitos de Byzan-'10; Amrou enviado de Mahomet, S. Luiz enviado de Jesus; ^'exandre-o-Grande, Cesar, Bonaparte sonhando o império do Oriente ; e ainda os que vieram só para contar da terra adora-

desde o loquaz llerodoto até ao primeiro Romântico, o ho-'nem pallido de grande *pose* que disse as dores de « Réné». Bem conhecida é ella, a paizagem divina e sem igual. O Nilo to're. Para além serenamente verdejam os jardins de Rhodah.

ais longe as palmeiras de Giseh, finas e como de bronze so-')le o claro ouro da tarde, abrigam aldeias pacificas. A orla do deserto, erguem-se, no orgulho da sua eternidade, as tres Pyra-nildes. Apenas isto — e para sempre a alma fica presa e lem-

ando, e para viver n'esta doçura e n'esta belleza os povos Nam entre si longas guerras.

Mas

a hora chegára : abracei Fradique com singular emo-Çuo- A véla fôra içada á briza suave que arrepiava a folhagem

mimosas. Á prôa o arraes, espalmando as mãos para o céo, 'amou : — « Eni nome de Allah que nos leve, clemente e mise-

ricordioso ! » Ao redor, vozes lenias murmuraram : — « Em nome de Allah que vos leve ! » Um dos remadores, sentado á borda, feriu as cordas do *dourbaka,* outro tomou uma' flauta de barro. E assim, entre bênçãos e cantos, a vasta barca fendeu as aguas sagradas, levando para Thebas o meu incomparável amigo.

Eça de Queiroz.

OS FILHOS DE D. JOÃO T [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* JV, 50.

Ill

A VILI.A DO INFANTE

Por esta época, em 1418, D. Henrique era um homem de lr|te e quatro annos, na plenitude da força que nos temperamentos espontaneamente activos desabrocha mais têmpora. Alejandre morreu de trinta e tres annos.

Alto e corpulento, de largos e fortes membros, com a pelle °stada pelos sóes e ventanias, os cabellos negros, espessos, 'Jos o levantados, um bigode farto e negro também e duro, ste infante não era bello: pelo contrario. Faltava-lhe na phylolW>mia o encanto da bondade, som o qual não ha formosura. **I dureza do seu olhar cru antipathica. Descendia directamente PUI,** no **r|nal so** vira **um exemplar acabado do temperamento** e tenaz, sem poesia, sabendo alJiar a violência á astu- ^'a quando o proposito formado o reclamava para attingir um ' • do puro temperamento portuguez, ou beirão, que tem algu coisa de taurino. A vontade predomina exclusivamente em "nens d'estes, pouco dados á contemplação. Formado um pla-

^ontinuado da pag. 156, numero do 1.° de agosto.

no, delineada uma vida, todas as energias animaes são escravisadas, e o homem torna-se o instrumento do proprio desígnio. Talvez por se achar retratado n'elle, D. João I dava a este filho uma estima tão preferente.

Faltava-lhe de todo, como ao seu irmão Affonso, o bastardo de Barcellos, aquella veia de sentimento germânico, legada por D. Philippa ao caracter dos outros infantes; aquelle indelinido mystícismo humano, que só em allemão tem palavra capaz de inteiramente o definir: o *gemnth*, mixto de sentimentalidade affectiva, de emoção melancólica, de serenidade d'animo contemplativa, de humorismo transcendente, em combinações infinitamente variaveis, e que desabrochando produziu as creaçoes mais sublimes e também as mais extravagantes da imaginação poética, n'um Shakespeare, n'um Goethe, n'um Heine. D. Henrique era um peninsular hespanhol, affirmativo, duro, terminante, pratico em tudo: na acção energica, no mysticismo ardente, na habilidade astuta. Para levar por diante os seus planos, primeiro sacrificou á intriga, e depois chegou a ser cruel; e p&ra não mentir aos seus votos, entendendo a religião ao pé da letra, ficou virgem toda a vida. Talvez d'ahi provenha também 8 deshumanidade que se lhe encontra no retrato.

A sympathia e a grandeza dos homens como foi o infante D. Henrique não está propriamente, pois, no caracter ou na individualidade : está na empreza a que se devotaram. E como u plano do infante era verdadeiro e fecundo, como a sua idéa df um Portugal novo, destacando-se da Hespanha e estendendo-?1 pelos confins de Marrocos, Africa em fóra, até limites indetei minados nas regiões desconhecidas do mundo, provou afinal ser uma realidade, devemos-lhe, nós portuguezes, uma segunda Pa tria; e deve-lhe a civilisação europêa uma das suas tres quatro conquistas fundamentaes. É isto o que faz d'elle um lt? roe, na mais nobre accepção da palavra, apesar das sombra* que por vezes lhe escurecem a vida, e de não se lhe encontra' belleza, nem o encanto humano que distinguem outros filhos d' D. João I.

Casto e abstemio, soldado e sacerdote d'essa religião ff1"

despontava, nas alvoradas da Renascença, abraçada ainda ás telhas crenças do christianismo medieval, a dureza ingenita do caracter do infante encontrava nas visões do sou plano um objecto e uma sancção tão profunda, que a sua alma, realistaUIente mystica á hespanbola, tinha allucinações, julgando proceder por mandados da divindade. Esta fé e esta inclinação do génio, que chegando á mania e tendo como objecto um fim sem "tilidade real ou reconhecida, se chamam loucura, deviam concorrer para accentuar ainda mais o caracter reservado e agreste do infante.

A primeira vista, o seu aspecto era temeroso, segundo di-en» os que o trataram, e arrebatado em sanha, o semblante toi'nava-se-lhe muito esquivo. Nenhum homem, perseguido e do-""nado por uma idéa, tem meiguice, nem aquella impassibilidade intima que mais ou menos corresponde sempre á morte da tnorgia, pela contemplação ou pelo scepticismo. Mas o infante "ao era expansivamente colérico, não tinha accessos, nem fu-"as: era, pelo contrario, esquivo, isto é, reservado. Amodorra-franzia a testa, empinava as sobrancelhas, e com a palavra "lansa e o gesto comedido, mandava passear quem o desgosta-d • « Dou-vos a Deus, sejaes de boa ventura ! •>

Nunca foi avaro, e comprehende-se, porque a sua paixão l|a outra. A riqueza era-lhe apenas um instrumento ao serviço J sua idéa. Avarento é o homem que, fazendo-se centro do 'atindo, refere tudo a si; e o infante via as coisas d'uin modo diametralmente opposto. O centro, o núcleo, o amago de tudo, es-va n'esse plano a que se votaria a si proprio, sacrificando os Scus, para exaltação da sua fé e da sua terra, para que gernii-"asse, para que nascesse, florisse, e fructificasse a semente que t'azia no pensamento envolvida também nas dobras da inconsciência — porque nunca o infante sonhou os cruéis resultados (iae á sua terra haviam de vir do glorioso sacrificio a que a vo-'dVa, impondo-lhe a missão de descobrir o mundo, para que a nu"ianidade tivesse, depois das illusões inebriantes, os desengaos tinaes, e na garganta o travo amargo dos fructos paradisíacos da arvore da sciencia.

Não tinha a impassibilidade olympica: não podia ter esse condão dos apathicos. O seu temperamento fervia, mas como portador de uma idéa ardentemente crida, se o seu gesto era socegado e a sua palavra mansa, também o seu génio era constante nos casos adversos e alheio inteiramente á vaidade da gente débil. Modesto, como os fortes são sempre, por não carecerem de ostentação que os mantenha erectos, o infante era-o lambem por ser asceta. Casto e abstemio, como se disse, jejuava meio anno. Tinha uma vida interior absorvente que escusava as affirmações externas, essenciaes para o commum dos homens. Sem meiguice, nem encanto de especie alguma no aspecto, nem no génio, reservado, vagaroso no dizer, distrahido, (juasi misanthropo, os contemporâneos levavam com acerto essa falta de qualidades agradaveis ao «senhorio que a freima havia em sua compleição, ou á emlição da sua vontade movida a algum certo fim aos homens não conhecido.»

Esse caracter fatídico e assustador vinha com effeito da *freima,* da chamma, que lhe devorava o peito, enleiando-lhe. não a vontade, mas sim as manifestações externas d'ella nas relações com os seus semelhantes. Trazia na alma um incêndio e por isso mesmo o exterior era gelado : a chamma aspirava e consumia todas as parcellas de calor peripherico. Pelo que sabemos do génio dos povos remotos de Tyro, Sidónia e Carthago, o infante D. Henrique tinha em si o caracter de um phenicio; e marcando a Portugal o destino ulterior da sua vida, pre* nunciou também a physionomia que este povo ia apresentar nos seus actos eollectivos e no génio dos seus grandes homens. Acaso formada com sementes de sangue africano, a arvore da população portugueza, em que decerto se enxertaram muitos ramos de origem púnica, talvez désse no infante um fructo de longínqua ascendencia. Era o filho de um bastardo que nascera em entranhas populares, e se fizera homem e rei por um movimento da vontade espontanea de todo o povo portuguez.

A chamma interior em que ardia, devorando-o, fortalecia-o- E um engano rhetorico suppôr que a intensidade de um pensa-

'"ento, quando é fecundo, mata. o que destroe os homens é a apathia e a enervação. Na sua vida, o infante apresenta-nos um dos primeiros exemplares do asceta da sciencia. Consumia os dias, velava as noites, estudando, indagando, meditando, e "ao nas vagas congeminações mais ou menos phantaslicas do lheosopho 011 do metaphysico, mas em volta da realidade posi- e pratica do mundo esboçado diante de seus olhos nos '"appas rudes do tempo. Como um alehimista, queria extrahir dessas folhas o segredo da terra. Não queria uma chimera. «E " corpo, assim obstinado, parecia que reformava outra natureza.» Não queria uma chimera, queria o que era possível — e tão Possível que bastou um século para ser um facto.

Com o casamento do rei, lizera-se mais cosmopolita ainda a corte portugueza que nunca fôra palrioticamenle exclusiva, Pois o sentimento da independencia alfirmava-se bastante na hostilidade a Castella. Desde que a capital se ia fixando em -isboa, já tornada um centro de commercio marítimo e uma estação de *desvairadas gentes*, como diz Fernão Lopes, Portugal. '"Ia primeira côrte fôra franceza, cuja côrte d'agora era inglez'u'a, adquiria cada vez mais esse caracter de um paiz aberto, o,11o foi Roma no Lacio, preparando-se também para se transfo'mar, como se transformou o pequeno estado do Tibre, n'um 'mPerio colonial.

A casa do infante, patente a quantos havia bons e valiosos o reino, era porém sobretudo o asylo dos estrangeiros que ("operavam com elle na sua empreza absorvente. Dava-lhes '"ais acolhimento ainda do que aos nacionaes; chamava-os, pre-'Uiava-os, para que viessem iniciar-nos em lodos os seus segredos e armar-nos com todos os recursos necessários á missão QUe via desenhar-se no mappa immenso do mar desenrolado diante de Portugal. E n'esta religião ardente da sciencia, o ante incluia todos os povos, até os judeus, e todas as artes, á a medicina, que n'esses tempos era apanagio d'elles. Quando, em 1431, se reformou a Universidade de D. Diniz, por infl "eneia e sob a direcção do infante, creou elle uma cadeira de "Medicina. destinando-lhe uma sala em que mandou pintar a

imagem de Galeno [1]. E como a Universidade « non tinha casas próprias em que lessem e fezessem seus autos, antes andava sempre por casas alheyas, e de aluguer, como cousa desabrigada, e desalojada », comprou e deu-lhe um prédio na freguezia de S. Thomé de Lisboa. Em 1448 consignou o subsidio de doze marcos de prata annuaes, tirados das rendas da Madeira, para a cadeira de prima de lheologia Por tudo isto, as gentes do nosso reino traziam em vocábulo que os grandes trabalhos d'este príncipe quebrantavam as altezas dos montes

Assim que voltou de Ceuta, ein 1518, tinha vinte e quatro annos, começou a realisar o seu plano. Obtivera informações oi> noticias dos mouros de Marrocos acerca das regiões austraes da Africa? Talvez ; e sabe-se que a sua idéa desde logo consisti[11] em reconhecer a costa para o sul, por meio de expedições marítimas, ao mesmo tempo que as campanhas d'Africa, iniciadas em Ceuta com tão grande fortuna, iriam transferindo o imperio marroquino das mãos dos mouros para as dos portuguezes. Na° consentira o pai que tomasse Gibraltar; nem lhe permittiria tl[lli*] se lançasse n'outra empreza aventurosa como a de Ceuta, P°r' que estava já com os pés para a cova. Mas elle era moço, reservado e persistente. Esperava. As circumstancias mudariam-

Traçou portanto as linhas da segunda metade do pensamento que o absorvia. Foi pousar no Promontorio Sacro. Tinha comsigo dois escudeiros e as suas barcas, chegadas com elles de Ceuta. Ruminava uma idéa e viam-lhe esse parecer esquia° que afastava. Concentrado e meditativo, amadurecia o seu projecto. Até que um dia, levantando-se da cama, n'um impeto

[1] Max. Lemos, *A med. em Portugal; diss.* 1881, Porto.

- J. S. Ribeiro, *Hist. dos estabel. scientif. lilt. e art. de Por'" gal,* i, 31.

[3] V. os traços elementares do retrato do infante em Azurara, *Conq• "n Guiné,* iv. Karros (*Decad*. I. i, 1fi) apenas reproduz e amplifica.

de decisão terminante, mandou armar as barcas e aos escudeiros que partissem para o sul, ao longo da costa marroquina . . . "pressionada a gente com o arrebatamento violento do infante attribuia-o a uma revelação milagrosa [1]. Queria saber que ferras se escondiam para longe, encobertas no manto cerúleo das ondas, e que verdade havia no que ouvira ácerca dos arames do deserto e dos reinos dos jolofos, perto da Guiné. Perdeu-se a barca na vastidão do mar, e as correntes, desviando-a das costas, as correntes e os ventos, lançaram-na contra uma dha que chamaram Porto-Santo. Voltaram a dar conta do achado, instando com o infante para que a mandasse povoar"-.

Este resultado era imprevisto : não entrava nos seus planos, voltados para léste. Surgiam-lhe ilhas a oeste ! É verdade que ouvira fallar d'essas ilhas do Atlântico em Ceuta, e das peregrinaçÕes de Xerif Aledris que ahi nascera por 1099, e, fugindo á perseguição do Mahdi fatimita, fôra parar á Sicilia, onde Roger-o-conquistador o acolhera, permittindo-lhe escrever em cego a sua geographia. Talvez até visse algum traslado d'esse livro e as obras posteriores de Masudi e Ibn Said, que também contavam como o mundo acabava nas sombras do Mar Tenebroso, desfeito em vapores e lodo liquido, para além da Nigricia, onde os arabes chegavam por terra em caravanas, indo os architectos de Granada dirigir obras em Timbocotu, sobre o Niger. Mais recentes, os geographos arabes do século xiv, Abulfeda e Albyruny, davam noticia da navegação da costa oriental d'Africa até Sofala ; e Bakui, iá da éra do 1403, e Ibn Fatima descreviam a costa Occidental até Arguim [a]. Como terminava porém esse continente africano? alongava-se em cunha, ou curvava-se em leque, para o interior dos mares do sul? Acabava o mundo, ou havia uma passagem?

"-is-ahi a razão das preoccupações do infante,-que o traziam ugreste e mal disposto. O achado da ilha de Porto-Santo, acaso

Barros, *Dec. 1, i, 2.*
Azurara, *Conq. de Guine*, cxxxm.
Santarém, *Priorité des décour.,* etc

identificada com as Fortunatas dos antigos, as modernas Lanarias, confirmou-lhe a verdade da lenda de Xerif Aledris, na sua descripção de Lisboa, quando pinta a cidade antes de ser portugueza, assente ao norte do rio que os arabes chamavam Taga, o rio que vem desde Tolaitola (Toledo), abrindo-se em frente de Medina-Lisboa, n'um golfo de seis milhas de largura, onde entra o fluxo e refluxo das marés. Na margem fronteira do rio ficava o Castello-da-mina (Hisn-Almaden, Almada), assim chamado, porque nas praias depositava o Tejo muito oure de Tibar, ouro puro em palhetas. Também nos reinos dos jolofos, pensava o infante, havia ouro, que o Tejo não produzia ja, e esse ouro, tomando proporções phantasticas, allucinava-lhe a imaginação, como aos alchimistas dobrados anciosamente sobre fornos, cadinhos e retortas.

De Lisboa, conta Xerif Aledris, ou Edrisi, partiram os almogavarins, valentes do mar, em procura do segredo do oceano ; e para memoria da viagem d'esses argonautas arabes, havia na cidade mourisca, proximo da Alhama-Darab, rua do Banho, a rua chamada dos Almogavarins. A lenda era esta:

Reuniram-se oito primos-irmãos e armando uma nau de carga juntaram n'ella mantimentos para muitos mezes, e sahiram a barra do Tejo levados por um léste fresco. Navegando onze dias com fortuna, chegaram a certo ponto do mar em que as aguas eram grossas, cheiravam mal, e havia fortes correntes. Começava a ser escuro como breu. Receando naufragar, rumaram para o sul; e depois de doze dias de viagem foram dar a Gezirah-Alganem, a Ilha-dos-gados, assim chamada pelos muitos numeros rebanhos que ahi andavam sem pastor. Aportaram, desembarcaram, encontrando uma fonte de agua crystallina que nascia á sombra d'uma figueira silvestre. Mataram algumas rezes, prepararam-nas, e, guardando as pelles, seguiram no rumo do sul, achando ao cabo de doze dias outra ilha com casas e campos lavrados. Desembarcaram; mas foram logo assaltados pela gente armada com dardos que os prendeu e levou por mar a uma cidade, onde os homens eram vermelhos, altos, de cabellos compridos, mas raros, e as mulheres maravilhosamente formosas.

I res dias os tiveram presos e ao quarto veio ter com elles 11111 homem que fallava arabe, perguntando-lhes quem eram, d onde vinham e a que vinham. Contaram-lhes a sua historia e o 'nterprete do rei prometteu-lhes bom despacho. Ao outro dia foram á côrte, e o rei fez-lhes as mesmas perguntas do seu *truSWian*[1]. Dizendo elles que tinham partido com o desejo de saer a verdade das relações maravilhosas que corriam, o rei '"andou, sorrindo, observar-lhes que já seu pai ordenára se re-'onhecesse este mar em toda a sua extensão; e assim foi, du-'ante um mez, até que, faltando a luz, voltaram os mareantes S('rn proveito da viagem. Ordenou mais o rei ao seu trugiman f],le lhes désse segurança para regressarem a suas terras.

Esperaram no cárcere pela volta da monção Occidental, e (]uando chegou vendaram-lhes os olhos e embarcaram-nos, e ao iabo de tres dias e tres noites de navegação placida, deixa-•am-nos n'uma praia. Nasceu o sol, e elles. maltratados e cheios e afflicção, alegraram-se, parecendo-lhes ouvir vozes humanas. Ataram em côro por soccorro, e acudiu-lhes com effeito gente f'UG os desatou, porque estavam amarrados, e que fallava arabe. Urn dos que chegaram perguntou-lhes : Sabeis quanto distaes vossa terra? — Não ; responderam elles. — Pois entre vós e 11 v°ssa terra ha o espaço de dois mezes. — Wasafy! ai dôr min a! exclamou o principal d'elles. E d'ahi ficou o chamar-se Asafy, que é Mersa, o logar, ultimo da costa do Almagreb Asafy ou Safy eslá na costa de Marrocos em 32° 20'; as Cana-"as, mais ao sul, entre 27° 30' e 29° 40'. Porventura no século X| a occupação dos arabes não descia além d'este ponto no lit-',lral do occidente africano . . .

Quando os escudeiros voltavam com o achado de Porto-' "Oto, chegava a Sagres João Gonçalves Zarco, fidalgo da casa

Dragoman (drogman) em turco e persa : secretario, ministro, ou interPrete do soberano.

Descri/i. de Espuiiu, de Xerif Aledris ; Ir. por Conde. Madrid, 1799.

" a lenda dos almogavarins, Hartmann, *A/r. Edrisi,* .'117., í) : e Humboldl, *!'"ft crit. de la gèog. dn nnuc. coníin.,* u, I39,

do infante, com o piloto João de Morales que trazia de Ceuta e contava, por seu turno, uma historia singular. Em 1416, havia quatro annos, morrera o Mestre de Calatrava D. Sancho, infante do Aragão, deixando em testamento uma grossa quantia para o resgate de captivos. Entre os remidos viera a Ceuta o piloto João de Morales e ahi conhecera João Gonçalves, a quem communicou a historia ou lenda de Roberto Machin, perdido na praia de uma ilha encoberta. Seria Porto-Santo? Pelos signaes nao era. Partiu segunda expedição, acompanhando os da primeira-além de Zarco, Bartholomeu Perestrello. Os navegadores eram todos da *família* do infante, que tivera de ir pessoalmente a Lisboa resolver o pai a permittir a viagem. Na côrte os pre" goeiros d'estas novas eram tidos como visionários e recebidos com escarneos.

Partiu a segunda expedição e chegando a Porto-Santo, ao observarem o horisonte, para o sul, viam um nevoeiro constante a assignalar a existencia de terra. Mas alguns, assustados, diziam com pavor que era a ilha de Cipango por mysterio de Deus encoberta, onde os bispos e o povo de Ilespanha se asy* laram, fugindo aos sarracenos. O mar estava coalhado de leli' das, flocos de espuma da imaginação creadora, que agora o vento fresco da vontade ia desmanchando successivamente em fumo . . . Era peccado manifesto, contra a Providencia, querei desvendar o que Deus encobrira ! Mas Zarco, outro phenicio como D. Henrique, ou curioso celta indagador como foi depoii' D. João de Castro, arrostou com o medo, metteu-se no varine • e largou.

A névoa cahia sobre a agua espessamente. Seria esse mar tenebroso dos almogavarins de Lisboa? Terra não se via-mas ouvia-se tragica a arrebentação do mar. O varinel seguhl no meio da nuvem, desflorando as aguas que se abriam espada nando. Cada vez o rugido das ondas era mais distincto : echoa va nas sombras em trovões medonhos, reboando e subinoo ameaçadores. Já se desenhavam como gigantes ou monstro as penedias da costa, destacando-se mais negras no negrume da névoa. Os marinheiros, brancos, benziam-se, n'uma agonia. '

o ar lufava medos ... De repente viram diante de si estendido um tapete verde d'agua clara, e levantando os olhos, um amphitheatro de montes deslumbrantes Era a praia, era uma bahia, era a Madeira, esse paraiso, que emergia do mar, vest'da de mattas, engrinaldada de flores, ondina encerrada n'uma "amara de nuvens que a vontade audaz d'um marinheiro descerrara.

Perestrello veio a Lisboa dar conta do achado, Zarco ficou ; o infante repartiu entre os dois o governo da ilha. Esses Primeiros filhos do seu consorcio mystico com o Mar, enchendo-o de enthusiasmo, não o desviavam porém do proposito de saber como acabava a Africa e de ganhar para Portugal o império de uma das partes do mundo. Com ella avassallaria o resto ! O desvairamento da monarchia universal, folhas sêccas trazidas Pelo vento morno da Historia desde os tempos longínquos dos "omanos, devia, nos vagos horisontes da imaginação, surgir de um modo remoto ao pensamento do infante; mas como era um espirito positivo e pratico, nem se deixava arrebatar por chimeras, nem pelos sonhos azues da phantasia céltica. As ilhas do mar, encantadas, não o attrahiam como sereias que eram. Da sua torre, no Promontorio Sacro, quasi que via Ceuta, Tanger, Alcácer, as praças de Marrocos, o seu império, e, para o sul, ir descendo ao longo do mar a costa, sua esperança.

Estava ahi o infante como embarcado. Dobrado o cabo de Vicente, a costa retrae-se correndo na direcção oeste-léste durante uns quatro kilometros; depois irrompe em angulo recto sobre o mar, para o sul, e fórma a península escolhida por D. Henrique para o seu estabelecimento. E uma pequena lingua de terra, de superfície penhascosa, sem outra vegetação mais do 'lue uns zimbros enfezados medrando na areia solta. Conta no

' K. Manoel de Mello, *Epanaph.* III ; Azurara, *Conq. dc Guiné,* i.xxxm.

seu comprimento um kilomelro e na maxima largura meio. t>e léste fica a enseada semi-circular, limitada do lado opposto por outro morro, que principia a costa cm direcção a Lagos. A abertura da enseada medirá também um kilometro. É um pequenino porto, ninho marítimo, que foi d'aguias ou gaviões do mar. D'ahi ensaiaram um vôo, ao depois estendido por todos os céos do mundo, essas aves de larga envergadura, que nas azas brancas levavam marcada a vermelho de sangue a cruz de Christo, brazão de Portugal.

Voltada em frente contra Marrocos, como um dardo a investir, a península recebia em cheio as lufadas do sul, que. vindo d'Africa, trazem comsigo a própria areia adusta do deserto. Mais de um grão dos que o infante pisava nos seus passeios sombriamente agitados, como na tolda d'uma nau em horas de temporal, viera do Sahará arrebatado nas azas do simún, encapellando as ondas que se lhe despedaçavam aos pes- Estava alli como a bordo. Tinha á prôa o mar e a Africa ; a bombordo para léste o mar, a enseada ; a estibordo para oeste o mar ainda, na vastidão immensa do Atlântico. Só á popa, esquecida, segura por uma amarra ao massiço da terra, a nau do infante se prendia a Portugal, balouçando-se destacada do sólo e da gente portugueza, como o seu pensamento ondeante em longínquos planos, arrebatado pela visão d'uma patria abstracta, estendida n'um velario azul sobre o mundo inteiro-

Foi n'esta lingua de terra, ultima garra adunca do leão portuguez que, estendido de norte a sul ao longo da praia occidental da Hespanha, dormia com a mão avançada sobre o mar d'Africa : a bordo d'esta nau, foi que o infante decidiu fundar a sua Terça-naval, assim que a empreza de Ceuta ficou rematada. Mas que era a Terça-naval, ou nabal, como escrevem os chronistas coevos? que' era essa installação depois chamada Villa do Infante, e sua thebaida á volta da aventura desgraçada de Tanger? que eram, quando em pé, as ruinas a que agora chamamos Sagres?... Também o império gerado pelo infante se desmoronou, ficando como a sua villa !

A principio, o estabelecimento do cabo de S. Vicente naO

Passava de um pequeno porto de abrigo para as barcas e varineis que a medo largavam a reconhecer a costa d'Africa, fronteira. D'estes primeiros ensaios veio, como vimos, a descoberta do archipelago da Madeira (1418-20). D. Henrique installou-se na península e abriu ahi escola de nautica e cartographia. D. ' edro, de volta das suas viagens (1428), augmentára a bibliotеca do irmão, com o livro de Marco Polo veneziano, os inappas de Valseca[1] e as obras de Jorge Purbach, que em Vienna ensinou o celebre João Muller, de Konigsberg, por isso cliama-

Begiomontano, ou de Monte Régio, auctor do tratado do *r,'l<i)igulo*, traductor do *Almagesto* de Ptolomeu, livros que '"nla influencia tiveram depois na cosmographia nacional. Co11-l|atára o infante em Mayorca mestre Jayme, cartographo e c°nstructor dos rudes instrumentos náuticos do tempo, e nas ai'tas de marear do mayorquino se iam dia a dia registando as observações feitas durante as viagens que se repetiam constantemente. O livro de Marco Polo e os mappas de Veneza, foram Pai'a o infante uma revelação que a sua fé abraçou com entliu-s'asnio. A geographia antiga de Ptolomeu, sobre que os arabes tinham construído à rede aerea das suas lendas, cahia por te,ra diante do testemunho ocular do viajante, que em mais de 'nte annos de viagens na Asia, penetrara até á China, descrevendo o Cathay (nome com que no Oriente é ainda conhecido "nperio). atravessado por elle desde Pekim até ás provin-

<-.o111 o livro de Marco Poio trouxe o infante D. Pedro de Veneza um '[a]PPa-mundi, onde os últimos resultados da geographia estavam registrados. Tidelineado todo o âmbito da terra, e estava indicado o cabo da Africa, de' c,'[la]niado das Tormentas ou da Boa Esperança; embora não se adiasse localiza, nem delineada com exactidão, a «Fronteira d'Africa» (assim se denominava) (J ' [1] a ideia arabe, affirmando a existencia d'uma passagem maritiina para o [en,re]- Viram ainda este mappa, Antonio Galvão, o *Apostolo das Molucas* auctor do *Tratado dos descobrimentos antigos c modernos, ele.* 'sboa, 1563) e o dr. Gaspar Fructuoso (1522-1591) que no seu livro das *Saudades ri-ua terra,* até hoje inédito, compendiou a historia do descobrimento dos '[llp]es (V. Cordeiro, *Hist. ins.* ií, 2); viram e descrevem-no conforme se deixa di-lo. ___ ,... tantos, *Alem. sobre dois antigos mappas, ele.,* nas *Mem. ile Litt.* da [cade]mia, vi,i, 275 a 301.

cias do extremo sul. Visitando muitos pontos do Indostão, Marco Polo revelava a existencia dos reinos de Bengala e Guzerate, descrevendo as suas riquezas e poderio. Tinha navegado no oceano indico, recolhendo informações sobre Zipangri ou Cipango, que provavelmente era o Japão ; tinha estado em Java e em outras ilhas de Sunda, em Ceylão e na costa do Malabar, até ao golfo de Cambaya, indicando os nomes actuaes das suas terras. O mysterio do Oriente estava desvendado por esse livro revelador, ao mesmo tempo que os novos mappas attestavam, como o acreditava a fé viva de D. Henrique, a passagem que devia haver pelo sul da Africa.

Nem por isso elle descurava, comtudo, a pescaria milagrosa dos archipelagos atlanticos.

Em 1405 abandonára João de Bethencourt as Canan»" de que fôra r e i c , descoberta a Madeira, o infante queria tomar posse d'esse outro archipelago, preparando em uma frota com dois mil e quinhentos homens para as ir conquistar -. Sobrevieram porém complicações do lado dc Castella, e D. João I não consentiu, para evitar conflictos ao I'ı" da sua vida longa e afortunada.

Entretanto, o estabelecimento do Cabo de S. Vicente |U tomando corpo. Havia uma escola, um porto e um pequeno forte. Construiam-se as igrejas de Santa Maria e de Santa Catharina, padroeira dos navegantes[3]. Na enseada fundeavam esses navios redondos, pequenos, chamados caravellas, que nº dizer de Cadamosto, o veneziano, também contratado pelo infante, eram os melhores navios de vela que andavam sobre mar *. Mais fina, mais rapida, mais obediente á manobra do

' *Hist. de la prèin. descouverle et conqueste des Canaries, faile dés 1102, etc.* Paris, 1630.

- Azurara', *Com/, de Guiné,* LWIX.

« *Item :* estabeleci e ordenei a igreja dc Santa Caterina que esto® '°l' da villa do Iffante. li a Capella de Santa Maria que estaa dentro em a dita vil ª- — Test. do inf. L). Henrique, na *Cull. inss. de Pedro Alvares,* III ; publ. PE'° '" do Sousa, na sua *Primeira con/er. ele.*

Navegações de Cadam. na *Coll. de Xot.* da Acad. n, 3,

clue as naus boiantes, a caravella, de que as faluas do Tejo nos conservam ainda o typo inicial, era a gaivota dos bandos a'ados que largavam das costas portuguezas pairando sobre os mares. Ligeira e dócil, insinuava o seu vôo por todos os recessos das costas, roçava ao de leve pelas praias, e partia Para o largo, batendo as azas, fugindo rapida como uma setta.

De vinte a trinta metros de comprido, com seis ou oito de boca, a caravella, de tres mastros, sem cestos de gavea nem vergas transversaes, armava latinos em longas vergas obliquas pendendo suspensas d'uma alça presa no tope dos mastros. Eram como braços de azas que. abertas as velas '''angulares, roçavam a base pela amurada, inclinadas no ar "s pontas á feição do vento. Corriam com lodo elle, girando ,l sua mercê. Se batia de lado, bolinavam em direitura como se fossem arrazadas em pôpa, e quando queriam mudar bas-'ava cambar as velas, como fazem as aves com as azas [1].

\a enseada fundeavam os navios, na praia arrumavam-se "s armamentos e equipações. Era um arsenal? Também era: assim o infante lhe chamara terça, ou tercena, do veneziano durcena, que não significava outra coisa -. Era um arsenal, um 'orle e uma escola nautica, installada n'aquelle ponto «onde combatern ambollos mares, scilicet, o grande mar Oceano com " niar Mediterrâneo » [3]. Vindo das aguas interiores, o phenicio 'evantára em Gades as columnas de Melkart ou Hercules, para marcar o fim do mundo; e os phenicios d'agora erguiam ao lado, n'um promontorio mais distante, uma esculca ou vigia para desmentir os antigos, affirmando que, em vez de terminar, o mundo, através dos mares, alli começava — n'esse ninho d'aguias fnde ensaiaram o vôo de tantas viagens e de tão dilatadas aventuras !

[1] Osorio, *Vida e jeitos d'elrei D. Manoel* (tr. F. M. do Nascimento) i, 193: snr. Candido Corrêa, no seu *Catalogo official* da expôs, naval (1888) onde se '" na o fac-simile de uma caravella.

Goes, *Chron. do Pr. D. João,* iv.

Azurara, *Conq. de Guiné,* v.

Esta proximidade de Cadix fôra intencional no espirito do D. Henrique, por ter o pensamento em Africa, e depois que o pai lhe não permittira tomar para si Gibraltar. Consentira em que chamassem Villa do Infante á povoação que ia crescendo, e esperava que ella se tornasse uma estação de refresco para toda a navegação do Levante, que alli, como em Cadix, acharia mantimento e pilotos. O seu proposito firme, a sua idéa fixa, era chamar a Portugal o commercio do Oriente, que tirara a Ceuta, e que ainda não viera, como depois veio, a Lisboa. Evidentemente pensava em transferir Ceuta para a margem fronteira do Estreito. Quando a villa ia ainda em principio, entrou em tratos com os genovezes para estabelecerem ahi uma colonia. com franquia do commercio, como as feitorias de Caffa, Snurna [1] e outras, plantadas pelos italianos nas terras do turco, la para o fundo do Mediterrâneo.

Porém a curta distancia de Lisboa prejudicava a Villa do Infante, que também tinha ao pé, em Lagos, uma bailia concorrente. Lagos tornou-se em breve o centro das navegações africanas, e mais tarde Lisboa chamou a si o èmporio do commercio ultramarino. A sua Villa foi para D. Henrique apenas unia lhebaida de mysticismo activo em que, depois de acalmar o fervor dos entliusiasnios luminosos que succederam a Ceuta, engoliu as lagrimas ardentes do erro fatal de Tanger, combatendo da mesma fórma os impulsos e os desânimos, a fortuna e a miséria, com a disciplina igual o sempre efficaz, do trabalho que [1] a melhor das preces, e do estudo que é a mais fecunda contemplação.

Começada a Tercena talvez logo em 1518, mais de trinta annos depois, e sete antes da morte de D. Henrique, quando em 1453 Azurara lhe contava os feitos-, ainda a villa não ti-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné,*

- Gomes Eaniles de Azurara foi nomeado guarda-mór da Torre do Ton»l[0] em 1454 ; no anno precedente concluíra a *Chronir.a da Conquista de OuH"*

V. Innocencio F. da Silva, *Dier. bibliogr.*

nha mais do que os muros que eram de boa fortaleza, com algumas poucas de casas; «mas obrava-se n'ella continuamente». Que importa? Em 1460 morreu o infante, e a villa apenas esboçada, tombou em ruinas ao abandono. É que também se abandonava o largo e fecundo pensamento, só mais tarde restaurado por D. João II. N'um intervallo de vinte 011 trinta anãos, Portugal, 11a mão de Affonso V, com a energia estouvada d'esse príncipe, apenas seguiu dos planos de D. Henrique a primeira metade : conquistar Marrocos. Mas se essa politica era apenas o primeiro acto no grande drama da conquista do mundo desconhecido !

A Villa do Infante cahiu em ruinas; porém o seu plano, germinado no seio d'esse ninho marítimo, resurgiu, e soube-se afilai, em 1498, como acabava a Africa, onde ficavam as Índias e o dourado reino do Preste Joham. A Tereena voltou a chamar-se Sacrum, Sagres, como hoje se diz, tanto é verdade que só dura aquillo que, por debaixo dos planos mais ou menos ephemeros dos heroes, se enraiza na tradição obscura, innominada, do pristino bruxulear dos povos. Sacrum chamavam em latim ao promontorio onde velhas gentes vindas das margens do Ana, celtas ao que diziam, tinham n'outras éras levantado "m templo. E foi esse o nome que ficou.

Derrocaram-se os muros, cahiram as casas, dispersaram-se os niappas, bateram azas as caravellas e as galés como cysnes Partiram remando. Ficou só, deserto, sagrado, como fôra antes, o promontorio diante do qual as armadas n'outro tempo abatiam velas, e onde a lenda mystica do christianismo poz o naufrágio da nau que trazia o cadaver de S. Vicente guardado por corvos. Mas se a ruina do templo dos celtas sagrára o cabo, se o naufragio lhe abençoou a tradição pagã, mais sagrado e venerando o tornam as ruinas posteriores da Villa do Infante, berço da nossa epopêa histórica.

*

A reacção que se declarou em 1460, quando o infante morreu, trazia fundas raizes. Não se muda assim o temperamento historico d'um povo até alli rural. A aventura de' Ceuta fôra tomada como o capricho desculpável e sem consequências de um rei querido e dos filhos que elle e Portugal inteiro adoravam. Mas um capricho não se repete; em aventuras não se prosegue, pondo em perigo o socego e a fortuna da nação. O plano clássico de trocar o arado pelo remo não quadrava a este povo bisonho de lavradores. A situação era absolutamente idêntica á do Lacio, quando o grande Scipião lançou Roma no caminho das conquistas, apesar dos protestos, apesar dos estorvos, apesar de tudo quanto Catão fez e disse, acclamado por um povo de pequenos lavradores, com os seus juizos terra-a-terra, as suas opiniões rasteiras, os seus preconceitos, é verdade, mas também com o seu solido bom-senso, a defender a preferencia do bem-estar humilde sobre a gloria que é sempre origem de catastrophes. Eternamente os homens hão de debater este problema fundamental da vida pratica, retratado por Cervantes nos seus typos immortaes de Quixote e Sancho.

Terras e maninhos ha no reino para romper e aproveitar, diziam logo do principio, sem perigo do mar, nem despezas desordenadas. Os reis passados d'este reino, sempre dos reinos alheios para o seu trouxeram gente a fazer novas povoações; e elle, o infante, queria levar os naturaes portuguezes a povoar terras ermas, por tantos perigos de mar, de fome e de sêde, como vemos que passam os que lá vão. Certo que outros exemplos lho déra seu pai, pouco havia, quando fizera doação a Lamberto d'Orches dos maninhos de Lavra, junto a Coruche, para que os rompesse e povoasse, com obrigação de trazer a elle moradores estrangeiros, de Allemanha [1]. Assim faziam os reis antigos. Assim Guilherme e Roberto de la Corne tinham povoado Atouguia-dos-francos, e a Lourinhã fôra doada a um .1ourdan, e a Azambuja povoada por Childe Rolim, e Villa Verde por D. Alardo, e Alcanede, e Almada, e depois Villa

[1] Harros, *Der*. I, i, 4.

F*

"anca e Montalvo de Sor, para onde Sancho I mandara vir ^nte da Flandres.

A insistência do infante em mandar navios para o sul to-'"ava-se como uma perfeita loucura, pois o pareoer corrente era ainda o dos arabes, de que o mar acabava n'um charco de lodo, 'ºnsuinido pelo calor de fogo, agonisando largamente em baixios "Parcellados de recifes e sorvedouros. Era esta a opinião de "mitos mareantes que voltavam aterrados das primeiras inves-"das contra o cabo Bojador. Os murmurios cresciam, e consi-erava-se uma rematada insensatez essa teima contra uma im-Pºssibilídade manifesta e «tão estreita, pela qual julgavam que UQca podiam vir a fim.» Mas, logo que se começaram a vêr Primeiros resultados da colonisação da Madeira, ao.mesmb ll"'Po que Gil Eannes voltava afinal, depois de ter dobrado '1.. terrivel cabo; com a noticia de que o mar não terminava u"' (1434); assim que as gentes iam e vinham da Madeira em niuito maior abundancia, iam-se já calando os maldizentes cºni vozes baixas começavam a louvar o que antes publica-nientе detestavam

D- João 1 morrera, e n'esse proprio linno (1433) o rei D. "arte doava ao irmão «em todolos dias da sua vida as nos-Sas ilhas, convém a saber, a ilha da Madeira, Porto Santo e I)

eserta, com todolos direitos e rendas d'ellas, assim como as n<JS de direito havemos e devemos de haver, com sua jurisdi-ção eivei e crime, salvo em sentença de morte ou talhamen-to de membros, etc.» [2] A colonisação da Madeira progredia uni modo brilhante. Em 1445, vinte e cinco annos depois descoberta, Cadamosto que a visitou, encontrou lá quatro ')ovoações : Machico, Santa-Cruz, Funchal e Camara de Lo-os, com oitocentos habitantes, nos quaes cem *de cavallo.* As vºuras que a principio chegavam a dar sessenta sementes, avam ainda trinta e quarenta. As plantas de canna de assu-

Azu *yUlltJ.de Ci*

a Carta de doação, em Sousa. *Hist. geneal. Provas,* i. 442. Cin-tfa 26 dp setembro de 143:!

car e vinha que o infante para lá mandára, propagavam e produziam admiravelmente. A Madeira já rendia quatrocentos cantaros venezianos de assuear, que são quatrocentos e sessenta e oito quintaes. O cedro e o teixo das mattas infinitas da ilha, a que tinham dado o nome, eram as preferidas para o corte. Havia numerosos engenhos de serrar. A terra era um jardim, a gente achava-se rica e feliz: já tinham 11111 convénio de frades L

Os sonhos e as esperanças do infante 110 seu observatório de Sagres iam-se realisando. Via surgir do mar uma terra sua, povoada, arroteada e plantada por sua arte, com lavras exóticas e novas. Via levantar-se do lado d'Africa o tremendo cabo já despido dos seus mysterios e terrores. O mar na acabava alli, não ! a estrada era franca, o caminho patente ao longo da costa para os reinos obscuros dos jolofos. Inca paz de alegrias infantis, a sua face arrugava-se com o êxito, medindo o alcance do que havia a consummar e não o valo' do que estava feito. Ganhava esforço com o caminho andado- E assim como os seus mareantes iam marcando a passagem ao longo da costa africana, levantando cruzes de madeira, Si gnaes symbolicos de suzerania (que D. João II mandou a° depois substituir por padrões de pedra -), assim no seu esp11' to insaciavel cada passo andado ficava impresso como uni v ticinio.

Morrera o pai com setenta e sete annos. Não é natura' que o infante lhe chorasse muito o passamento. A doçura e crC as impressões suaves da saudade não coininoviam o seu n nio duro, temperado como aço na chamma de 1111 design10' D. João I estava já velho de mais para comprehender (alcance dos seus projectos c abalançar-se á aventura dos seu planos. Impedira-o de conquistar Gibraltar; não o deixara 1 tomar conta das Canarias. Sem a gente e os seus recurso proprios e da ordem de Christo, cujo Mestre era, não se 1"

' *Maveg. de Cadam.* dali; Azurara. *Cnnq. de Guiné,* LXXXMI

" Barros, *Dec. I,* m,

ria feito o pouco que se fizera. E podia-se ter já na mão Tanger, Alcácer, Azamor, Arzilla : toda a costa de Marrocos! Desesperava-se por não quererem vêr o alcance da tomada de Ceuta, e considerarem esse feito apenas como uma façanha de cavallaria. A cavallaria d'agora era outra, completamente diversa! Forte empreza, a tomada de Ceuta! quando cumpria descobrir o mundo. E afigurava-se-lhe tão fácil, tão simples ! ' arecia incrível que não entrasse pelos olhos de toda a gente a dluminação que lhe enchia o cerebro de relampagos e auro-'as deslumbrantes. Ceuta fôra nada, um instante : oito victimas só . . .

R agora que o irmão, bom, passivo, dócil, estava no "irono, elle tyrannisava-o para que não fizesse como o pai, dando ouvidos aos conselhos da gente sem fé na sua estrella e no magnifico futuro que via abrir-se a Portugal. Ruminava o plano de Tanger? Provavelmente. Em todo o caso, qualquer que fosse o ponto escolhido, estava decidido a empenhar 'udo para que o novo reinado entrasse abertamente na em-Preza da conquista dc Marrocos, parallela do progresso das navegações austraes.

Oliveira Martins.

Á memoria do insigne historiador e poeta portuguez

ALEXANDRE HERCULANO [1]

POEMA DE CASPAR NÚñEZ DE ARCE

VERSÃO no CASTELHANO POR FERNANDO LEAL

Se é verdade que a mágoa compartida
Chega a calmar-se, porque o pranto alheio
E para o triste um bálsamo de vida :

E se é verdade que um afflicto seio.
Quando encontra piedade e brando abrigo,
Palpita já com mitigado anceio ;

Permitte, oh Portugal ! que um povo amigo.
Diante do sepulchro de Herculano,
Em prova d'affeição chore comtigo.

A morte, causa d'esse immenso damno,
Nunca pôde eclipsar a eterna gloria
Do mais insigne génio lusitano.

' Com esta traducção dos versos de .Nunes de Arce, um dos mais li< criptores da Ilespanha, começamos, na nossa REVISTA, uma série dos poe trangeiros mais queridos e considerados nas suas respectivas nações.

Lançou jorros de luz na patria historia ;
Enalteceu a santa poesia ;
E aos tempos imporá sua memoria.

Cantor de vigorosa fantasia,
Inspirado pulsou a *Harpa do Crente;*
E a liberdade, — quem não ama o dia ? ! —

Àmou-a ; ao mêdo não dobrou a frente,
Nem a lisonja vil manchou seu lábio ;
I ratou fracos e fortes, nobremente ;

Em honra da verdade, — e o clero sabe-o ! —
Combateu os assaltos da mentira
Com mão d'arfista e convicção de sábio.

Enérgico e tenaz, sem odio ou ira,
Lutou em pró d'uma sagrada ideia
Com a voz, com a penna e com a lyra.

Farto de lutas, procurou na aldeia
A dôce paz, esse rural encanto
De quem tranquillo o pátrio chão grangeia ;

F hoje, em rústico e pobre campo santo,
Seus restos guarda honrada sepultura
Que o povo portuguez rega com pranto.

Feliz a alma que ao romper a escura
''risão, de eternos louros coroada,
Volve ao seio de Deus intacta e pura !

Sirva de exemplo á nossa era minguada,
Em que mais do um engenho peregrino
lodaçal do mundo se degrada ;

E, contrariando o immortai destino,
Como rameira sem pudor, offerece
Ao êxito brutal o estro divino.

Ah ! grande pôde ser, mas não merece
Louvor e inveja o pensamento humano
Que se humilha, e se arrasta, c se envilece.

Quem o condor audaz, que o soberano
Vôo remonta, comparar poderia
Com o reptil immundo 011 o gusano?

Oh religião da arte ! oh Poesia !
Oh communhão das almas, quando levas
A paz, o bem, mais a razão por guia !

Quando contra a infamia te sublevas,
E erguendo o vôo sem que a tua aza trema,
Ao principio da eterna luz te elevas !

Pousa em terra, e em signal de magua extrema
Ante essa pobre tumba deposita
A fé no Céo, a tua flôr suprema,

Que nunca murcha, e ao fogo nem crepita ;
Dá-lh'a, a quem só, porém não olvidado,
Sereno dorme ao pé da cruz bemdita ;

A quem foi, por teu númen excitado,
Do inspiração manancial fecundo
E teu apostolo e tenaz soldado.

Rompe o silencio lobrego e profundo
Que cerca o pó desaggregado e frio
De quem 110 cérebro continha um mundo.

Ah ! esse inundo estéril e sombrio
Já o não animam sonhos d'esta vida;
•lá o não animam, porque está vasio !

Porém bastam-llie á lama esclarecida
As creações sublimes do poeta.
Onde a grande alma nos deixou esculpida.

Que bem nos pinta a inquietação secreta
Do padre, victima do mysticismo,
Lutando contra si como um athleta !

Que a um tempo luta e ama com heroísmo,
k vê rolar sem gloria nem esperança
lJatria e virtude para o mesmo abysmo !

Quando, espalhando o odio e a matança.
^ mourisma feroz passa o Estreito
n qual torrente caudalosa, avança

Contra o império gothico desfeito,
A paixão insensata em que esgrime,
Com sacrílego ardor lhe abraza o peito.

E chora, e treme, e estorce-se 110 crime,
L emfini, á custa só da inútil vida.
De seus perpétuos votos se redime.

Caliiu honrosamente ! Essa ferida
Antecipou-lhe o fim ; porém levava
'norte nas entranhas escondida.

Ah ! em qual coração, uivante e brava,
Não estala em horas d'intimó duello
rebeldia da matéria escrava?

Quem é que alguma vez, com fundo anliel
Do impossível não soffre a sede anciosa?
Quem não escalou o Céo n'um sonho bello?

Surge depois a imagem luminosa
D'Affonso, o architecto, que na extrema
Cegueira, e velho, ainda não repousa.

lndigitou-o a decisão suprema
Para lavrar maravilhoso templo,
E é forçoso que finde o seu poema.

De tão viril constaneia ante o exemplo,
Com quanta angustia, d'esta era presente
A vergonhosa indecisão contemplo !

Incrédula, mordaz, iridifferente,
Lida sem fé, sem convicção se agita,
Nem sabe formular isso que sente.

Ou com surdo fragor se precipita.
Como as aguas do monte, ou assustada
As cadeias do escravo solicita.

Marcha rebelde ou serva na jornada,
E mais que ao rogo, ao látego obedece,
Ah ! quando não vencida, fatigada.

Ante esta geração que desfallece,
l)'esse inspirado artista a alta figura,
Quão excelsa a meus olhos resplandece!

Cheio de génio, edificar procura
Abobada alta e extensa, — uma epopeia ! —
Pasmo e terror da geração futura.

Acariciando a sua audaz ideia,
Como extremoso pae, com tranquilla
Vontade, a alma lhe dá, de sonhos cheia.

O povo pasma, treme e se horripila
Ao comprehender o temerário empenho.
K instantes ha em que elle até vacilla.

— Não seria, talvez, esse desenho
De tão audaz e portentosa nave
A concepção de um visionário engenho?

Acerta? Ou equivoca-se? Quem sabe ! —
laes os juizos, cálculos e assombros.
Elle, porém, decide, calmo e grave.

Enterrar a vergonha nos escombros,
F, se decreta Deus a infausta ruina,
Recebel-a impertérrito em seus hombros.

Ditoso cego a quem a fé illumina !
Ardido luta na atrevida empresa,
a portentosa fabrica termina.

Finalmente, desrnancha-se a represa
'Je cimbres e pilares; logo o espanto
"j)n todos é maior do que a surpresa.

Ficou deserto o templo sacrosanto,
^ o nobre velho em extase, em anceio,
(-om seus olhos sem luz, mas não sem pranto

Sósinho, orando no intimo do seio,
Viveu esperando até o terceiro dia
A catastrophe horrenda, que não veio.

E a milagrosa nave alli se via,
Firme como granitica montanha
Que a cólera dos tempos desafia.

Oh velho illustre, a tua audaz façanha,
Do pertinaz labor a que se entrega
A mente humana, o svmbolismo entranha!

Cançada embora do trabalho, e cega,
Obedecendo ás normas que a dirigem.
Sem cessar edifica, e não socega.

Dóceis á sua voz, desde a origem
Os povos com ruidosa indecisão
Á sua gloria o monumento erigem.

Teme ás vezes a ignara multidão
Que venha a terra o vasto monumento.
Cedendo ao peso da edificação ;

Mas o sereno e audaz entendimento
Bem sabe que em seus eixos de diamante
Seguro vae girando o firmamento.

Não tombará, porque o varão constante
Desterre o medo, e com afan profundo
Nas azas da sciencia se levante.

Ah ! se houvesse cedido ao infecundo
Pavor que nossas almas encadeia,
Colombo não houvera achado um mundo.

A dúvida os bons Ímpetos refreia,
Cava um profundo leito ao egoismo,
E só constroe na movediça areia.

Mas é árduo fugir ao scepticismo !
Eu, que o seu mal deploro, as horas passo
Duvidoso entre os céos e entre o abysmo.

Ferido a um tempo do fulgor escasso
De um moribundo sol, que lentamente
Nas sombras cae do occidental espaço,

Como da tibia aurora que no Oriente
Começa a despontar, também vacillo,
E apenas sei onde pousar a frente.

Ah ! Quem pôde com animo tranquillo
Dar a ultima e triste despedida
Ao dôce lar que lhe serviu d'asylo !

Mas basta já de indecisão 1 A vida
\ ao medrando ao calor d'outras ideias.
Que nos mostram a terra promettida,

E em cidades, e em campos, e em aldeias.
Retumba um côro universal que canta :
Bemdifa, oh luz d'aurora, que semeias !

O Leu fulgor, que os orbes abrilhanta,
Somente á negra noite, engendradora
De monstros e de crimes, é que espanta. —

Ah ! quem podesse, aos raios d'essa aurora,
Os seres convocar que de Herculano
Forjou a fantasia sonhadora !

Mas não abrigo o pensamento insano
De animar as figuras colossaes
Que cinzelou ; de tanto não me ufano.

As mysticas angustias, as mortaes
Anciãs, os rancorosos extravios
Que descreve, patheticos e reaes,

Trasbordariam de meus versos frios.
Se contel-os alli eu intentára,
Como dos leitos os inchados rios.

Mas não somente na região, que, avara,
As ficções ou as fabulas encerra,
Abriu caminho essa razão preclara.

Corno raio de sol que se soterra
Por occultos resquícios, e illumina
Os concavos reconditos da terra,

Negras crateras, a profunda mina
E a gruta dos abrolhos resguardada,
Que não conhece já fauce tigrina,

Sua vista sagaz, exercitada,
Mergulhou fulgurando nos escuros
E fundos penetraes da era passada.

E decifrando, nos ciclopeos muros
De tão lobregos antros, os incertos
Signos, para alcançar dados seguros.

Buscava, nos sepulchros enlre-abertos
Do remoto preterito, a memoria
Quasi gasta dos tempos encobertos.

Se quando, atormentado pela gloria,
Com levantado espirito escrevia
Do povo portuguez a heróica historia,

A fanatica e torpe hypocrisia,
De luz medrosa, não houvesse roto
Sua aurea penna, onde irradiava o dia,

Se em meio do frenetico alvoroto
De invejosas calumnias, não tivera
'•eito de emmudecer solemne voto,

O monumento que com fé sincera
A patria quiz erguer seu erudito
E vasto engenho, perdurável era.

Fôra como essas moles de granito
Em que povos-titães que não existem,
Seus já esquecidos fastos hão escripto.

Taes glorias onde estão? Em que consistem?
Que resta d'ellas n'este mundo? Nada :
As pvramides só, que inda resistem.

Essa Historia, entre tantas celebrada,
Que do egregio Herculano honra a memoria,
Ficará para sempre inacabada.

Mas tantas perfeições mostra essa Historia
Que é, e será nos mais remotos evos,
Gloria de Portugal ! . . . e nossa gloria !

Os aggravos íataes dos tempos sevos,
Que entre nós poz o batalhar insano,
Romperam nossos vinculos primevos?

São irmãos o hespanhol e o lusitano,
A mesma origem seu destino enlaça,
E um só berço lhes deu o Ser soberano.

Mas, que elles fossem de inimiga raça,
A generosa terra em que hão crescido
Com maternal orgulho a ambos abraça.

Que nos importa o rumo que hão seguido?
Duas aguias serão d'opposta zona
Com seus ninhos no mesmo cimo erguido.

O sol, de que a Península blasona,
Com torrentes de luz seus campos banha,
E seus fructos idênticos sazona.

Juntos vivem nos términos de Hespanha
Partilham ambos com igual direito
O mar, o rio, os plainos e a montanha.

Quando algum invasor, achando estreito
Pai'a a sua ambição o mundo, os cerra,
A mesma espada lhes traspassa o peito.

Combatem pelo mesmo lar na guerra,
o mesmo sentimento a ambos inspira,
A ambos cobre na morte a mesma terra.

O que a um fere, é lei que ao outro fira;
São como os fortes dedos d'uma mão,
Como as cordas vibrantes d'uma lyra.

Se lutam com rancor no coração.
Pergunta Deus ao vencedor impío :
— Que fizeste, Caim, de teu irmão? ! —

Juntos mostraram indomável brio
Em rijas lutas, e indole altaneira,
Conl ra um poder despotico e sombrio.

E juntos alçarão, quando Deus queira
lJòr termo á sua mútua desventura,
1 ma patria, uma lei e uma bandeira.

Porisso a Hespanha, ao pé da sepultura
Que guarda o mais insigne de teus filhos,
Soluça, oh Portugal! de mágoa pura.

Com seu nobre pensar fixo em teus trilhos,
Acode anciosa a consolar-te as penas,
Sem partilhar teus gozos nem teus brilhos.

Pôde o ruim temor, se o não condemnas,
Fazer que entre ambos o odio se diffunda,
E não sôem jamais horas serenas.

Pôde impedir a nossa união fecunda ;
Porém não que da patria minha o pranto
Com o que tu derrames se confunda.
Não o conseguirá ! Não pôde tanto !

A EPOPÊA DA HUMANIDADE'

11

As riovK r •

ab lorraas da Civilisação determinam uma nova idealisação na Arte. — O "n do século XVIII, na sua crise social e mental, suggere uma renovação da Poe- André Cliénier ensaia a tentativa de uma Epopêa humana nos fragmen- P°ema de *Hermes*. — A synthese philosophica da Historia, em Herder o "'dorcet, provoca na poesia do século xix o apparecimento do ideal da Humanidade i laniartine tenta o poema das *Visões,* que ficou em esboço ; sua re- 'lo m°rphologica com a *Divina Comedia*. — Falta de capacidade philoso- a no poeta. — Victor Hugo obedece à mesma aspiração da época traçando *Lenda dos Séculos;* plano do poema cyclico, e seu alto sentimento da Huma- ^'dade. li prejudicado pelo deismo c negativismo revolucionário.—Importancia 11('eal da Humanidade sobre o caracter, segundo Maudsley; a deshumanisaç.ão "P^mindo um profundo estado pathologico. — Outras tentativas de poemas de u°s°Phicos: Lenau, Giovanni Prati, Ampere.—Quinei e Michelet, discípulos ^ erder e Vico, definem a Epopêa humana 110 *Génio das Religiões* e *Bíblia* (' *Humanidadc*. — Augusto Comte, na *Politica positiva,* apresenta os con- "os Ua Epopêa humana, tal como a deve elaborar o génio italiano. — Littré erisa a Arte positiva como dando fórma a esse novo ideal. — Conclusão.

^ A aridez do sentimento poético do fim do século XVIII, ef- ^ " da admiração banal de um pseudo classicismo atrazado, e "m naturalismo precoce a que se deu o nome de proto- nantisnio, fez proclamar o acabamento da Poesia, e a prepon-

i „
continuado da pag. 211, numero do 1.° d'agosto.

derancia da edade da prosa destinada á discussão critica o a dispersão das especialidades scientificas. A affirmação gratuita chegou até ao nosso tempo, envernizada na phrase brilhante e superficial de Eugénio Pelletan. Não era natural que a Civihsação, dando ao homem um mais elevado gráo de consciência, uma maior receptividade emocional e recursos mais vastos de expressão, o privasse da capacidade esthetica para crear unia arte correspondente ao estado moral que attingira. Em todas as phases que a Civilisação tem apresentado um novo aspecto, apparece simultanea uma nova Poesia. Aos que concebiam a Edade média como um retrocesso, a poesia do christianismO transformando a metrificação latina, dando-lhe a base da *accentuação* e a *rima;* a poesia feudal creando as energicas Canções de Gosta ; a poesia das novas relações affectivas expressas na canções amorosas dos Trovadores da Provença, forçavam a ip conhecer que esses séculos de transição social eram fecundiss' mos na sua elaboração organiea. O mesmo phenomeno se paS sou no século do encyclopedismo, sob essa estupenda crise revolucionaria, que obrigava o proprio De Maistre, representante do espirito conservador, a confessar que tudo nos conduzia paIíl uma grande synthese. E effectivamente, além da transformaÇj0 da sociedade civil, a Historia renovava-se pelas descobertas da antiguidade do Egypto, encetadas pela leitura dos hieroglvphos, pela descoberta do zend, que tornava possível a leitma do *Avesta,* pela revelação d'esse mundo ignorado da Chim1, pela aproximação da lingua sanskrita do grego, do latim e d(celta proporcionando pelo estudo comparativo o estabelecimento da unidade das raças indo-europòas, e pela glottologia, 1,1 strumento de analyse psychologica e histórica da origem a linguagem, dos mythos e das instituições sociaes. Tudo isto vava a expungir da Historia o espirito separatista, com 1uC catholicismo amesquinhou a antiguidade greço-romana, com (I" o protestantismo desprezou a Edade média, e com que o deism arrastado pelo exagero theorico renegava toda a idéa de filiação com o passado.

A Historia, por esta somma de elementos, e impondo P

"luctoridade dos factos o ponto de vista relativo, lornou-se uma •orma do critério humano, um dos aspectos essenciaes do método scientifico.

Augusto Comte, ao começar a Dynamica social, no terceiro '°mo da *Politica positiva,* acentua esta idéa: «O século actual Será principalmente caracterisado pela irrevogável preponderan-ı la da historia na philosophia, na politica e na poesia.» Pelo °nc adeamento doutrinário é que se vê como os systemas philo-S(l phicos, esgotados pelo exagero da subjectividade, se foram '^'ficando sobre os dados objectivos, pelos trabalhos constantes da escola escoceza, até se coordenarem no criticismo de Kant, na construcção synthetica da Philosophia positiva. Pelo conhecimento das instituições sociaes da índia, da Grécia, de Ror,la e dos povos germânicos, é que Freeman na sua *Politica Co'nparativa* descreve os typos orgânicos, que através dos cru-^'nentos das raças e dos conflictos dos povos, produziram as fór-"las aristocráticas e democráticas que persistem em todos os alados da Europa. A concepção da continuidade humana es-^elecida pela Historia, cujo verdadeiro espirito é essencialmente universalista, não podia deixar de actuar profundamente la Poesia e na renovação esthetica. Esta mutua dependeneia 'nlre a Historia e a Poesia, que fôra proclamada por Aristote-' P°r isso que na Grécia os grandes historiadores como Ile-"doto e Thucydides, tendiam para a concepção synthetica, já o 'ún do século XVIII era reconhecida como a condição de uma no va actividade esthetica. Os génios críticos, como Ilerder e °ndorcet, concebiam a Historia como uma synthese, e creavam 111 1784 a *Idéa sobre a Philosophia da Historia da Humani-ade,* e em 1794 o *Quadro dos Progressos do Espirito liuma-*Xo> os génios artisticos sentiam a necessidade de uma idealisa-'pi o - da humanidade, como se observa nas tentativas de André enier com os fragmentos de *Hermes*, e na admiração pelas obra o

""-primas de todas as litteraturas, cujos typos provocavam a deter»r,"

"-rminação de formas universaes independentes do gosto estaecido pelas escolas. O estudo das tradições populares de todas 'aças e nacionalidades veiu revelar os elementos generativos

da poesia, e determinar o thema da idealisação. Quinet, que se disciplinára mentalmente com o livro de Herder, percebeu esta fórma nova da arte : « As tradições locaes que se contradizia"[1] e luctavam gntre si, quando estavam subordinadas ás formas individuaes da consciência de uma raça, libertadas d'este nexo. recuperarão a sua ordem natural na consciência politica da humanidade. »

Quando Condorcet, em 1794, esboçava nos momentos do refugio contra o terror robespierrista, o sublime *Quadro il*[os] *Progressos do Espirito humano,* o poeta André Chénier, q[1]" poucas semanas sobreviveu ao philosopho, deixava entre os seus manuscriptos os fragmentos do poema *Hermes,* em que traça*[3] a synthese poética da Humanidade. Sainte Beuve descreve o estado d'esses fragmentos : « O poema devia de ter tres cantos, ao que parece ; o primeiro, sobre a origem da terra, a formaÇ[a<'] dos animaes, do homem ; o segundo, sobre o homem em par'[1] cular, o machinismo dos seus sentidos e da sua intellig[enCia'] seus erros desde o estado selvagem até ao nascimento das sociedades e origem das religiões ; o terceiro, sobre a sociedade politica, a constituição da moral e a invenção das sciencias. o todo devia terminar por uma exposição do systema do mundo segundo a sciencia mais avançada.» O sentimento poético Chénier levára-o a representar a Terra como o grande-Fet' che ; diz elle em algumas das notas passageiras : «É preciso magnificamente representar a Terra sob o emblema metapho" co de um grande animal que vive, move-se, e é sujeito a [11111] danças, revoluções, febres, perturbações na circulação do [sel1] sangue.» Sainte Beuve analysando os fragmentos poéticos e n tas suggestivas do poema de *Hermes,* relaciona-o com a marcha das doutrinas philosophicas do século xvm: «O *Hermes,* [inos] fra-nos André Chénier tão inteiramente e tão calorosamente d° seu século, a seu modo, como podiam sòl-o Baynal ou Hid[1] rot.» «A doutrina do século xvm era 110 fundo o materialismo' ou o pantheismo, ou ainda o naturismo, como se lhe qui[zfl] chamar ; teve os seus philosophos, e mesmo os seus poetas ei" prosa, Boulanger, Buffon ; devia provocar o seu Lucrécio. E

e verdadeiro, e é lai o movimento e a tendencia de então 1'ara incitar assim o poeta, que, por 1780 e nos annos seguintes, achámos tres talentos occupados com o mesmo assumpto e Asando cada um á gloria difficil de um poema sobre a natureza das cousas. Le Brun tentava a obra segundo Buffon ; Fontanes, na adolescenci.a, entrava a sério no assumpto, como o attestam dois fragmentos, um principalmente de uma belleza innega-

André Chénier avançou mais do que os outros, e, pelo visor das idéas, era bem digno de produzir um verdadeiro poema '"dactico no amplo sentido. Mas a Revolução apparece; dez an-"os, fim da época, desabaram bruscamente com o que elles promt'ttiam, e abysmaram os projectos e os homens; os tres *Hernies* falharam. A poesia do século xvm não teve o seu Buffon.» oa,nte Beuve accentúa ainda mais a influencia philosophica a flle obedecia André Chénier, deduzindo-a de uma outra refelencia dos fragmentos do *Hermes:* «Pelos seus planos de poeSla Physica, regressando a Empedocles, André, era além d'isso o 'Oliteniporaneo e como que discípulo de Lamarck e de Cabanis; nao o é menos de Boulanger e de todo o seu século pela explicaÇão que tenta da origem das religiões.» E lamentando o não

realisado o grande projecto, observa, que «apesar da novidade do estylo, elle teria reproduzido sem muitas variantes, o 'undo do *Ensaio sobre os Preconceitos* de d'Holbach.» [1]

Egger, na *Historia da Critica entre os Gregos,* allude a esta tentativa : ^ousa estranha : apesar de Chénier não ter conhecido o *Hermes* grego, não sólente reproduz o pensamento geral, mas encontra-se com Eratosthenes em certas "cularidades das suas investigações eruditas: ambos interrogavam os myste-^ >s du natureza antediluviana, ambos descreviam a harmonia das espheras ceies-1, as divisões do nosso globo, etc. 1la nada mais tocante e mais triste do que '""nas que se correspondem á distancia de vinte séculos, ruínas feitas pelo e ruínas feitas pela mão do carrasco? » *(Op. eit.,* pag. :177). O poema de *""es* fôra para André Chénier a mais bella esperam a da sua vida :

Tol 1'objet le plus cber des veilles de dix uns.
Qui m'as couté des soins et si doux t*l si lents

Se é verdadeira a phrase attribuida a André Chénier, quando caminhava

O falso classicismo de Delille nos *Tres Reinos,* veiu desvirtuar esta nova idealisação da natureza e do homem ; como a indisciplinada originalidade de Lemercier, na *Atlantiada,* confunde as noções scientificas com a idealisação esthetica. Ladj Morgan, no seu livro *A França,* descreve em poucas linhas a *Atlantiada* de Lemercier: «Abandonando os exercitos dos martyres e as legiões dos santos, bem como as divindades qut reinavam no Olympo e sobre o Parnaso, elle inventava um novo systema de molas poéticas . . . Seguindo o systema dc Newton, elle tirou os seus personagens *das forças virtuaes d" mundo.* Assim, deixando bem longe as intrigas das plantas [1] os amores dos triângulos, Lemercier mette logo em scena as suas forças centrífugas e centrípetas sob o nome de *tíanjthèa* e *Proballana* como os principaes personagens do seu poema, emquanto que *Curgire* (o movimento curvilíneo), *Pyropese (°* calorico), *Sulphydro* (o enxofre) e *Electrone* (a electricidade) servem para o desenvolvimento do poema, e dão logar a muitos episodios interessantes.» (*Op. cit.,* n, 297).

Muitos poetas comprehendendo a necessidade de uma transformação da poesia, procuram os seus elementos pittº rescos nos dados concretos das sciencias, em vez de darem expressão aos novos estados de consciência. Afundam-se na [111] potencia e mesmo na mediocridade. O lado superior do Shel ley, nos seus poemas philosophicos, que tendem a esta coroprt hensão do ideal humano, consiste em elle, em vez de pôr e" verso conhecimentos experimentaes, exprimir emoções resul tantes dos estados de consciência a que levaram esses conheci mentos. A preoccupação de uma Epopêa philosophica, no fim d" século xviii, transmittiu-se ao século xix, e apparece nas litte raturas franceza, italiana, allemã e hespanhola ; mas em geI'a ' os poetas não foram dirigidos por uma concepção philosophi"o como lhes competia.

para a guilhotina, levando a mão á fronte: «*Mourir! pourlanl j'aiais chosc lã!*» este grito com certeza referia-se ao pensamento do grande poema que andava occupado e que a fatalidade dos acontecimentos truncou.

Eamartine, no *Curso familiar de Litteratura*, íalla do 1'lano de uma Epopêa humana, que se tornara a aspiração da sua vida : « eu tinha concebido, ainda na mocidade, uma epo- Pea, o grande sonho da minha vida, a única epopêa que me Parece hoje realisavel, sobre um plano quasi analogo ao plano da *Oivina Comedia*.

« Dissera commigo : Que haverá hoje de mais interessante lla humanidade? Porventura as batalhas, as conquistas, eleva- 'oes e catastrophes dos impérios? Não ; o mundo tem visto antas d'essas cousas, e conhece por tal fórma as molas com fUe a fortuna alevanta ou abaixa os conquistadores por cá, 'lUo nem já se admira das vicissitudes dos impérios mais que encapellamento e do baque de uma vaga espumante no oCeano. O que interessa verdadeiramente o homem, é o ho- llleni; e no homem, é a parte permanente do seu sêr, é a alma ! e na alma, é o destino passado, presente, futuro, eterno este principio immaterial, intelligente, amante, appetitoso, sof- redor, consciencioso, virtuoso ou criminoso, punindo-se a si 'llesmo pelos seus vicios, recompensando-se a si mesmo pelas suas virtudes, afastando-se ou aproximando-se de Deus, se- ^l,ndo vôa para o alto ou para baixo na esphera infinita da Sua carreira eterna, pela fé crescente e pelo amor identifican- do-se ao seu Creador, o soberano Sôr, a soberana verdade, o soberano bem.»

Depois do poeta dar largas á phantasia descrevendo os lo- les, a hora e as emoções que sentiu ao esboçar o plano da ' Popèa a nue chamava .-ls *Visões ou as Leis moraes*. resume estas linhas a concepção :

« Eu me imaginava assistindo, como um Bardo de Deus, Creação dos dois mundos material e moral. Tomava duas al- 111,8 emanadas no mesmo dia : uma masculina, outra feminina, 1,1110 se a lei universal da geração pelo amor, esta tendencia aPaixonada da dualidade para a unidade, fosse uma lei das es- teias immateriaes do mesmo mundo que é a lei dos seres "•'teriaes animados (o o que ha que não seja animado no que para se reproduzir?). Eu lançava estas duas almas irmãs,

mas tornadas entre si extranhas, na carreira da sua evolução através dos modos da sua vida renovada. Eu as seguia com um olhar sobrenatural e eterno nas principaes transfigurações angélicas ou humanas por que tinham de passar nos mundos superiores e inferiores, encontrando-se ás vezes sem se reconhecerem completamente de esphera em esphera, de edade em edade, de existencia em existencia, de vida em morle e de morte em renascimento no céo e sobre a terra. Depois, em seguida a estas doze ou vinte transfigurações passadas, que umas veze? as aproximava de Deus pelas virtudes, outras vezes as afastava pelas suas culpas, ao mesmo tempo que estas virtudes ou estas culpas as aproximavam também ou as separavam mais uma da outra, eu as ajuntava por fim na unidade do amor mutuo e do amor divino, na fonte da vida, da santidade e da felicidade d'onde tudo emana e onde tudo converge pela sua gravitação natural para o soberano bem e o soberano bello, o Sêr perf®i* to, o Sêr dos seres, Deus.

« Cada scena d'este drama sagrado era tirada da terra ou dos outros planetas do espaço, e as decorações poéticas mudavam também, ao grado do poeta, como a época, os acontecimentos, os personagens. o poema começava ás portas do Eden e terminava no acabamento da terra pela explosão do globo- tornando todas as suas almas purificadas, divinisadas pela m¹ sericordia de Deus, e lançando suas chispas de fogo no firma mento como faiscas de um brazido que se consome a si mes mo depois de acabado o holocausto.

«Comprehende-se que riqueza, e que variedade, que thetico e que mysterio um tal texto de epopêa prestaria ao poeta, se é que houvesse um poeta ou se eu mesmo fosse ess» poeta digno de conceber e fixar em meus cantos uma tal in-

spiração. »

Laniartine termina : « O meu poema depois de o ter coi templado por alguns annos, deslez-se na minha cabeça com° uma d'estas bolhas de sabão coloridas, deixando-me só algum8 gottas de agua sobre os dedos, ou antes algumas gottas de ll" la, porque a *Queda de um Anjo,* o *Jocelyn, o Poema dos*

"•adores, que perdi nas minhas viagens, e alguns outros esboços épicos que adiantei e depois interrompi, são d'essas gotlas de tinta. Estes poemas eram outros tantos cantos esparsos da mi-n'ia epopêa da alma.» [1]

O poema nasceu lalho de ideal ; Lamartine concebia a alma humana segundo a theologia catholica, e servindo-se das lendas bíblicas com o respeito de um crédulo, entretecia as pe-'ipecias da epopêa com os diversos casos da doutrina das penas e das recompensas. Tudo isto estava mais bem idealisado nas lendas primitivas, e no systema da moral lheologica, do lue nos quadros phantasmagoricos do poeta que confundia a]ꝛuptamenle os velhos clichés religiosos. O poeta presentia 4<ie a alma humana, fóco de todas as emoções, concepções e actos, era o verdadeiro thema de uma epopêa subjectiva ; mas 'altava-lhe a preparação philosophica para uma nitida compreensão do assumpto a que tinha de dar relêvo artistico. O mys-'ifisnio religioso que o levava a explorar os symbolos do chris-'•anismo, o Deismo vago que lhe suppria a deficiencia de uma synthese deixaram-n'o impotente para realisar esse sonho da sua vida, que se chegasse a ter fórma seria de uma leitura dif-lc'il como a *Queda de um anjo* que, segundo a affirmação do Pºeta, pertencia a esse plano. E, comtudo, que grandiosa se-"a a Epopêa da Alma surgindo da vida vegetativa e instin-lj,lva á consciência ; elevando-se da ferocidade bestial e do canibalismo á affectividade e á concordia; afastando o nevoeiro denso das sensações indistinctas e das miragens subjectivas até ''ninar as idéas geraes, descobrindo pela critica as leis da ma-Lºr'a, <pte submette ao seu serviço, pairando por fim o livre es-1'irito na creação de novos modos da existencia pela Arte, pela oral, pela Justiça, pelo Dever, pelo Amor, por todas as mani-'l-stações que tornam o sêr humano uma potencia do universo! "iniartine não podia dispensar Deus, e o Deus catholico, 110 Seu elenco épico; e a alma humana no seu advento á consciên-1,1 reduzia-se ao drama de um amor segundo a lenda arabe e

Poesias inéditas (le Lamartine, pag. 135 a I!

ás aproximações nas mesmas praticas do ascetismo. O poeta chegou a escrever o argumento circumstanciado da Epopêa, que constaria de dez Visões, em quarenta e oito cantos; por esse argumento se vê que lhe era preciso um elemento objectivo ou historico para servir de fórma pittoresca ao longo fadário da alma. Infelizmente a trama da historia soffre da mesma falta de luz philosophica, prejudicando a construcção geral. Transcreveremos alguns d'esses elencos:

«PRIMEIRA VISÃO: Canto primeiro: Invocação. Quadro dos últimos dias do mundo. — A scena é em Roma.

«Canto segundo: Um mancebo, Eloim, tendo ficado o único sêr vivo nas solidões dos Alpes, o qual fôra educado por sua mae na religião christã, atravessa os desertos e chega, á procura de gente, a Roma. Guiado pelo espirito de Deus, atravessa Roma, vê-a com horror; perseguido pelos homens, foge para o lado de Tibur, encontra uma caverna, entra, caminha e acha uma porta; é-lhe aberta por Enoch, o único homem eternamente vivo- Enoch acolhe-o em um Eden que Deus lhe deu a faculdade de crear em redor de si: Eloim encontra alli uma joven virgem que serve o Senhor junto do Propheta.

«Terceiro canto : Enoch conta a Eloim quem elle e, como a joven virgem veiu ter ao seu jardim para se salvar dos cultos odiosos dos homens. Elle ensina ao mancebo a orar, mostra-lhe o livro sellado com os sete sêllos que o Espirito lhe deu o dom de comprehender. Apenas Eloim lança os olhos ao livro, a memoria dos séculos extinctos desperta-se n'elle e elle se vê em todos os tempos. Reconhece-se sob diversas formas; nomes e figuras, e conta os seus destinos aos que o agasalham.»

Lamartine vae assim encadeando as antigas lendas do Diluvio, dos Patriarchas, de Elias no Carro de fogo, do naseimento, paixão e morte do Redemptor, da Thebaida e Vida solitaO»' Cavalleria, Revolução «quando o aperfeiçoamento material do homem attinge o cumulo, e que as disputas e as doutrinas apagaram os vestígios de toda a verdade.» Termina pelas sediado Apocalvpse, pela resurreiç.ão dos mortos e juizo final.

Vê-se, em presença de um tal esboço, que Laniartine possuindo a parte technica da poesia em um alto gráo e um delgado sentimento de lyrismo, não tinba nem a capacidade, neni os elementos para ser o moderno Homero como o descreve Edgar Quinet. Da sua tentativa é só valiosa a intuição da necessidade da Epopêa humana.

Victor Hugo deveu aos acontecimentos que o confinaram em Jersey esse espirito de protesto que transpira em todas as suas idealisações do exilio e depois do exilio. Menos christão que Laniartine, mas egualmente deista, o esgotamento do lysmo romântico por effeito da edade, e a falta de estimulo para a creação do drama por se achar afastado da grande capital, fizeram com que Victor Hugo encontrasse um novo drama e um fonioniovente lyrismo na Historia. O crime coroado de Napoleão H fazia com que o poeta visse na Historia um tribunal e uni Julgamento ; posta de parte a paixão politica do momento, a Historia, no seu aspecto severo e grandioso tomava a mageslade de uma Epopêa. Foi n'este espirito que Victor Hugo escreveu em Jersey a primeira série da *Lenda dos Séculos,* Acentuando, ao contrario de Laniartine, o seu caracter objectivo u historico. O ponto de vista, exposto no preliminar da *Lenda Séculos,* é a consequência de um gráo superior de idealisafao a que chegára o poeta, e que torna este livro a sua obra Pital. Escreve Victor Hugo: «Exprimir a humanidade em na especie de obra cyelica ; pintal-a successivamente e simulanearnente sob todos os seus aspectos, historia, fabula, philophia, religião, sciencia, os quaes se resumem em um só e imenso movimento de ascensão para a luz ; fazer apparecer em ua especie de espelho sombrio e claro — que a interrupção aturai dos trabalhos terrestres quebrará provavelmente antes elle tenha a dimensão sonhada pelo auctor — esta grande ura nua e múltipla, lugubre e radiante, fatal e sagrada, o nieni ; eis aqui de que pensamento, de que ambição, se se lUizer, sahiu a *Lenda dos Séculos.*»

Victor Hugo sente o novo ideal da Arte, e dotado de uma epção exclusivamente objectivista limitada aos moios dc

expressão pelos contrastes e pelas comparações, procura na Historia os themas objectivos que dêem unidade ao quadro da Humanidade :

« Os poemas que compõem este volume não são senão impressões successivas do perfil humano, de data em data, desde Eva mãe dos homens, até á Revolução, mãe dos povos; impressões tiradas, uma vez da barbarie, outras da civilisaçao, quasi sempre sobre o vivo da historia ; impressões modeladas sobre a mascara dos séculos.

« Para o poeta como para o historiador, para o archeologo como para o philosopho, cada século é uma mudança de ph>" sionomia da humanidade ... »

« De resto, estes poemas, diversos pelo assumpto, mas mspirados pelo mesmo pensamento, não têm entre si outro nexo além de um fio, que ás vezes se attenua a ponto de se torna' invisível, mas que nunca se quebra, o grande fio mysterioso do labyrintho humano, o Progresso.» — «O genero humano, consi derado como um grande individuo collectivo, realisando de época em época uma série de actos sobre a terra, tem dois as pectos : o historico e o legendário. O segundo não é menos verdadeiro que o primeiro ; o primeiro não é menos conjectural que o segundo. — Todos estes poemas, pelo menos os que res mem o passado, são a realidade histórica condensada, ou a roa lidade histórica adivinhada. Por vezes domina a ficção, nun<a a falsificação ; nenhum augmento de linhas ; fidelidade absoluta á côr dos tempos e ao espirito das civilisações diversas.»

Na sequencia do preliminar, Victor Hugo esboça o pia"o geral da Epopêa humana, que irá realisando em mais dois p°(inas, *O fim de Satan* e *Deus* « onde se reverbéra o problem único, o Sôr, sob a sua tríplice face, a Humanidade, o Mal, o Infinito ; o progressivo, o relativo, o absoluto ; ao que se podei'1 chamar tres cantos: a *Lenda dos Séculos,* o *Fim de Sato"-Deus.* — A expansão do genero humano de século em século, " homem sahindo das trevas para o ideal, a transfiguração pa'n disiaca do inferno terrestre, o desabrochar lento e supremo da liberdade, direito emquanto a esta vida, responsabilidade o111

'luanto á outra ; uma especie de hymno religioso em mil estrophes, tendo no seu âmago uma fé profunda, e sobre o seu ápice u®a alta prece ; o drama da creação illuminado pela fronte do Creador, eis aqui o que será, uma vez terminado, este poema no seu conjuncto.»

A condição para realisar esta nova concepção ideal da humanidade consiste em o artista se despojar dos velhos *cli-*

que uma educação theologica, e uma tendencia metaphysica revolucionaria deixaram impressos nos espíritos ainda os 'nais audaciosos. Victor Hugo, mesmo através das suas mais arejadas metaphoras, conserva a préga mental das duas doutrinas, que em conflicto no seu espirito, perturbam a serenidade

toda a idealisação, dando á creação esthelica um errado destino de combate. Crê na creação theologica do homem e 11a 'imortalidade objectiva do individuo, e inspira-se na convulsão lovolucionaria, como se a Revolução fosse o estado normal para onde a humanidade gravita. Ha na idéa geral que o dirige na uoncepção da *Lenda dos Séculos* os dois themas orgânicos da JPopèa humana, que dominam a historia : O *mundo oriental* ;iPi'esenta a comprehensão patbetica e mysteriosa do universo, '111 que a existencia é como um sacrifício e uma fatalidade; em 'lUu a Razão se abandona ao nihilismo contemplativo e passivo '"ante dos dois absolutos Deus e o Mal. Victor Hugo, tendo re-'pddo no seu espirito este aspecto, incutido desde a inlancia Po'a educação catholica, retoma um ideal já tão bellamente '^alisado na *Genesis* e no *Livro de Job*, e sem vantagem para u definição da Arte moderna correlativa á moderna conscien-la- O outro thema, o *mundo occidenlal*, em que ha a serenidade heróica do homem apoderando-se das leis da natureza, destruindo o prestigio do absoluto pelo abandono da Causa e desligação crescente das Leis, ou relações das cousas, não 'Pparece ao poeta senão pela face limitada e mesquinha da re-o'ução politica, sob um metaphysicismo robespierrista. Diante ^ antinomia d'estes dois aspectos, a Historia, campo da acção ,l Epopêa humana, apresenta espalhados os *Disjecta membrq* > que só serão idealmente unidos, quando o homem, nas

suas viagens e occupações da terra, relacione o Occidente com o Oriente, conhecendo-se as Raças irmãs, e quando vier a descobrir debaixo da crusta das modernas capitaes os craneos dos homens primitivos, que por um esforço proprio se elevaram da animalidade á consciência. Pela Sciencia adquiriu o Homem o dominio da terra ; mas só pelo sentimento da Humanidade e que elle poderá adquirir a posse de si mesmo. O sentimento da Humanidade dá ao espirito o seu pleno equilíbrio, pelo destino altruísta dos actos e pela sancção moral separada das penas e recompensas theologicas.

Victor Hugo terminava a sua Epopêa humana por uma prece, illuminando a fronte de Deus a obra da creação ; encontra-se na mesma contradicção de Laniartine, que termina o seu esboço pela bemaventurança divina, segundo o thema oriental. Segundo o thema Occidental, em que prevalece a comprehensão scientifica do universo, o ideal da Humanidade, unia vez determinado converte-se na base definitiva da sancção moral, o grande psychologista Maudsley demonstra, como os maiore crimes praticados na especie humana resultaram do afastamento dos indivíduos poderosos da norma e relações communs da humanidade, e como as formas da loucura são na sua essência uma degenerescencia da normalidade da especie, uma *desh* da *manisação;* transcreveremos as suas memoráveis palavras, *Pathologia do Espirito :*

« Como uma grande parte da natureza com a qual o ho mem deve pôr-se em harmonia não é o que chamamos a natu reza physica, mas a natureza humana, é claro que o grande trabalho da vida será em adaptar-se á sua especie. Nada pôde embaraçar de o fazer nas formas mais grosseiras das socieda des primitivas; e a observação da sua própria paixão sob o te mor dos effeitos secundários da paixão do seu visinho serve base solida a uma especie de sentimento social primitivo; porém, nos estados superiores do organismo social as nossas re'ações como elementos sociaes tornam-se muito mais complexas especiaes. Ter sympathia pela sua especie e proceder bem para ser feliz de uma maneira directa ou indirecta, taes são as con

dições essenciaes da existencia e do desenvolvimento do organismo social o mais complexo ; e nenhum mortal conseguirá 8upprimir estas condições. Deixae-o acreditar, porque poderá fazel-o, que o conflicto da vida humana é uma triste farça, que eUe e os seus companheiros de trabalho quasi que não são superiores aos brutos, e que como os brutos elle morrerá para de lºgo para sempre ; tudo isto, em resumo, não passa de uma ^a'dade e uma afflicção de espirito; deve-se sentir e trabalhar pºm a sua especie, quando ha a saúde do espirito. A misan-Hiropia não é, habitualmente, mais do que uma loucura em viá (le desenvolvimento. É por isso que o humor que possue sem-Pre um fundo de sympathia é uma qualidade mais elevada e mais salutar do que o cynismo, que é sempre inspirado pelo desprezo. Se um individuo deixa de se pôr em relação sympa-lliica consciente ou inconsciente com a natureza humana que o 'odeia, está no caminho, ainda que aconteça não ir ao cabo, que eºnduz á loucura 011 ao crime; elle pôde ser comparado a um elemento morbido n'um organismo physiologico, o qual não Pode funccionar com os elementos ambientes, é um extranho, clue tem de ser eliminado ou tornado inoffensivo pela sua se-fluestração ; é extranho á sua especie, e póde-se dizer com egual herdade, que é extranho a si mesmo, porque a funcção de um ºu normal é pôr-se de accordo com a sua especie. As excentri-''dades de caracter, quando não são contrabalançadas por um Juízo solido, podem conduzir á loucura, quer o individuo em si, ^er os seus descendentes; e os maiores crimes de que a histo-"a conserva a memoria, crimes que ainda inspiram horror, fo-ram praticados por aquelles que, tendo conquistado a auctori-('ade e o poderio, ou tendo-os recebido por herança, se eman-''Param tão completamente dos laços sociaes do sentimento humano, que elles eram, por vezes, verdadeiramente loucos. (Cap. '"•) «Um bom sentimento moral deve ser considerado como 11111 elemento essencial de um caracter são e bem desenvolvido nº estado actual da evolução humana, nos nossos paizes civilizados ; a sua acquisição é a condição do desenvolvimento no Prºgresso da *humanisação*.» A ausência d'este caracter accusa

uma degenerescencia 11a raça. A idéa de Maudsley, comprovada pelas observações scientificas, vem revelar-nos as consequências praticas do novo ideal da Humanidade; a Epopêa humana não tem por fim uma glorificação vaidosa da especie, mas sim universalisar um sentimento que é a base imprescindível da existencia normal. Tudo quanto fôr desvirtuar este sentimento com ficções que afastem o homem da subordinação a Humanidade, desviando a sympafhia e a sancção moral Para Deus ou para um idealismo anarchico, é propagar germens de loucura, ou *deshumanisação,* e perturbar o advento a essa harmonia entre a natureza e o homem que a aperfeiçoa pelas próprias forças que se acham na natureza. É este o destino da Epopêa humana, que não poderá ser realisada segundo o fini e o espirito que a suggere, se transparecer na idealisação do poeta uru finalismo deista. Lamartine abandonou o seu plano desvairado no cabos da própria phantasia; Victor Hugo, ao fim de dezoito annos continuou a accumular episodios dramáticos da historia, dando-lhes o nexo chronologico, sem ter achado a trama psychologica ou subjectiva que só se descobre por uma observação philosophica da marcha da Humanidade. Ainda assim, a *Lenda dos Séculos* será sempre a parte fundamental ila sua obra poética.

Apontaremos outras tentativas ; na Áustria, o poeta Nicoláo Lenau procura exprimir a idealisação das grandes épocas da Humanidade nos seus poemas com intuito philosophico, *Fausto* (1836), *Savonarola* (1837), *Os Albigenses* (1841) " *Dom João* (1851). A sua educação scientifica presla-lhe novos elementos do concepção poética ; porém os poemas fiaram meros episodios.

Na Italia, o poeta Giovanni Prati emprehendeu também a epopêa cyclica, que intitula *Deus e a Humanidade*, da (lua' compoz mais de quarenta episodios, segundo o processo empregado por Victor Hugo, posto que as suas tentativas antecederam seis annos a *Lenda dos Séculos.* Era ao génio italiano <l.u Augusto Comte attribuia a missão, no concurso das nações do Oceidente, de elaborar a Epopêa da Humanidade, pela ausen-

Cla da actividade guerreira d'âquelle povo, pela harmonia da linguagem tão adaptada á poesia e ao canto, e pela relação em 1ue se achava a *Divina Comedia* para com o fim da Edade 'nédia, como a Epopêa humana para a aproximação do estado no°rnial ou da sociocracia. Transcreveremos as palavras de Comte, mostrando corno as differenças nacionaes devem se-(l'ndar o destino universal da transformação do Occidente conforme as necessidades da regeneração : « Esta lei representa o demento italiano como devendo associar-se antes de todos ao movimento oi'ganico, cujo desenvolvimento esthetico lhe condem especialmente. A sua lingua tornar-se-ha commum a quaesquer nações, em virtude da sua preeminencia poética e "Musical, socialmente pura de toda a propaganda oppressiva. — Além d'este commum concurso, a Italia deve especialmente aPerfeiçoar a transição organica produzindo um complemento (sHietico 'ao culto concreto da Humanidade. Esta participação 'esultará sobretudo de uma Epopêa sem exemplo, que caracter'sará o desfecho da revolução occidental, como a incomparável composição de Dante instituiu o começo. A lingua destinada á universalidade completará assim os seus titulos acabando de representar o movimento ipoderno, ultima phase da mrnensa preparação que devia gradualmente substituir a theo-'•acia pela sociocracia.»[1] Infelizmente o génio italiano tem-se afastado para bem longe das condições previstas por Comte Para a elaboração de uma Epopêa, que fosse para a edade moderna, o que a Epopêa do Dante foi para o fim da Edade mél»a. Comte indicou os perigos, apontando-lhe as falsas preoccu-Pações de uma unidade territorial, que serviu apenas para ensandecer a vaidade e as ambições da familia dos Duques de °ya, sob a illusão da unificação da Italia, com que se masfarou a pedantocracia monarchico-representativa, o centralismo <t('niinistrativo, o exercito permanente, as conquistas militares a Ppetexto de colonias na Africa, e por ultimo a insensata poli-

[1] *Syslème de politique positive,* tom. iv, pag. '18I o 482.

lica de Crispi pondo-se do lado inimigo da França e falseando a clara missão politica da occidentalidade. Eni uma tal corrente de absurdos, a Italia perdeu o seu alto ideal, e o génio italiano imitando as especialidades scientificas da paciência allemã, acha-se sem representação na grande synthese esthetiea- São eminentemente significativas as palavras de Comte sobre a situação da Italia : «Posto que a população italiana esteja mais emancipada do que nenhuma outra dos costumes militares, os seus guias espirituaes nunca cessaram de carpir a sua antiga dominação, e mesmo de aspirar ao restabelecimento universal. Em logar de apreciar a sua decomposição politica como aprox'-mando-a mais do estado normal, elles tendem para uma unidade não menos retrograda do que anarchica, incompat've com a independencia necessaria.» O que o philosopho previ'd em 1854 actua fatalmente sobre a Italia, em que o seu gemº creador está sacrificado em nome da unidade politica á anai chia e retrogradação dos Saboyas. Para fazer bem comprehen dida a opportunidade da Epopêa moderna como a idealisaça correspondente ao fim da grande crise occidental, Comte, q11 tão luminosamente comprehendera a Edade média que era des cripta como um retrocesso, aponta a *Divina Comedia* como a idealisação de uma arte nova correspondente ao inicio da gra11 de transição revolucionaria.

Esta relação adquire um alto valor esthetico quando vemos Lamartine tomar o poema de Dante por modelo da Epopêa do homem, em que trabalhára na mocidade : « Eu comprehendo tanto melhor o plano da *Divina Comedia*, que eu mesmo, ah mil vezes inferior em concepção, em eloquencia e em poesia, ao grande exilado de Florença, eu tinha concebido, desde a mocidade, uma epopêa, o grande sonho da minha vida, a um<< epopêa que me parece hoje realisavel, sobre um plano pom" mais ou menos analogo ao plano da *Divina Comedia.*» ,li- ludindo á acção representada nas duas almas, seguia-as <<na sua *Divina Comedia*, através da vida, da morte, até á etern vida.» Também J. J. Ampère, que comprehendeu tão super10' mente a poesia da historia, projectára um poema em 183®»

Dante no século XIX : « Unia palavra dará idéa da obra e do sentimento com que era composta: Esta nova viagem que Danfe, na minha ficção, emprehendia no nosso tempo devia como a ºutra abranger o inferno, o purgatorio e o paraiso : no inferno eu collocára os *reis;* no purgatorio, os *povos ;* o paraiso era o futuro.» Vê-se que era um quadro a que se ligavam as orgias militares do império napoleonico e da Santa Alliança, e porventura o vate de Florença annunciaria no futuro o regimen de liberdade consciente. Pelo seu lado, Victor Hugo termina a explicação preliminar da *Lenda dos Séculos,* mostrando como o inferno terrestre se transforma em uma floração paradisíaca, segundo a impressão recebida da trilogia dantesca. O philosoPno teve a comprehensão da relação intima que existia entre o fim da edade theocratica e a nova manifestação esthetica ; os Pºetas não viram no poema de Dante senão o quadro pittoresco que lhes podia servir ainda para representar a entidade moral que pretendiam idealisar, a Humanidade no seu percurso liistorico. Edgar Quinet, deduzindo o ideal universalista implicado em todas as epopêas antigas, considera o poema de Dante a imagem da Humanidade destacando-se dos seus véos mysticos : « A Comedia divina do Dante será o primeiro acto de uma especie de julgamento final, onde se explicarão e reconhecerão o fulgor do espirito universal os enganos, as falsas allianças, os grupos esparsos de uma acção que os séculos por si mesmos implicaram. No seu génio abstracto, a Comedia divina não terá por desfecho nem a tomada de uma cidade, nem a vingança de uma tribu, nem a migração de um povo, mas a lei Prºgressiva do mundo civil ... As epopêas precedentes eram a ºbra e o quadro de uma raça ou de uma nação; a epopêa Dante, que abre um novo cyclo, apparecer-nos-ha como a ºbra e a imagem do genero humano.» Esse novo cyclo é representado pela acção dos portuguezes; Quinet o reconhece: «a Edade média finda no dia em que o Oriente, com todas as Pºmpas da vida exterior, é restituído ao Occidente pela descoberta do Cabo da Boa Esperança. — Ao culto da dôr, succede ' espírito da industria.»

Ao fallar do pensamento do uma Epopêa moderna, depois dos poetas compete o logar de honra aos historiadores-philosophos Edgar Quinei e Michelet, irmãos em espirito, e que pelo estudo de Vico e de Herder, unificando o génio italiano, allemão e francez, se elevaram ás concepções universaes e espalharam em volta de si as mais profundas suggestões. Para os dois grandes escriptores a Revolução do fim do século XVIII era UMA rejuvenescencia do mundo, e para comprehendel-a seguiam-na remontando o curso do passado humano, e viam na acção da França a missão hegemónica da Occidentalidade. Espontaneamente esses dois espíritos, um seguindo os cursos de Creuzer, e outro as investigações de Jacob Grimm, um traduzindo a Pi'ı' *losophia da Historia da Humanidade* de Herder, e o outro nas *Origens do Direito francez* penetrando a poesia dos costumes das raças, sentiram ambos a necessidade de uma nova epopêa e lhe esboçaram os contornos. Antes de Quinet escrever o esplendido livro que se intitula *Génio das Religiões, ,1ª* desde 182S começava a organisar uma epopêa em prosa intitulada *Ashaverus,* que com os poemas de *Prometheu* e Napoliº formavam uma especie de trilogia, de que o drama *Os Escravos* era como que um epilogo. O seu génio, suggerido pela idealisação poética veiu caminhando para as investigações da historia na sua mais complexa e profunda comprehensão. Michelet, tendo dispendido a mocidade nos poderosos estudos críticos com que construiu a *Historia de França*, veiu em plena maturidade traçar o quadro épico da Historia, na sua expressão ideal como a concebia Aristóteles, no deslumbrante livro, sempre mal comprehendido, a *Biblia da Humanidade.* O poder de expressão piltoresca d'estes dois escriptores, torna-os reveladores commoventes de épocas históricas, de idéas e noções moraes pel" seu aspecto emocional; é justamente o lado sentimental que torna possível a idealisação da Humanidade, e o *Génio das Religiões* e a *Biblia da Humanidade* são livros suggestivos e ne' eessarios para a educação de um artista moderno. O profundo sentimento de humanidade, que inspira Quinet e Michelet, sup" pre n'elles a falta de uma philosophia completa ou systematiea!

c o seu negativismo revolucionário é resgatado por intuições assombrosamente geniaes.

No Quadro synthetico do futuro humano, com que termina o *Systema de Politica positiva*, Augusto Comte traça os contornos para a elaboração esthetica da grande Epopêa humana: * Realisando a philosophia da historia, o poema *A Humanidade* caracterisará successivamente todas as phases da vida preparatória prolongada até ao advento do estado final.» Fixando em treze o numero de cantos da Epopêa systematica, era harmonia com a apreciação social, especialisa as divisões: "o canto preliminar apresenta um caracter stalico, para idealisar a unidade cerebral, em que a desordem se manifesta pela •etrogradação, quando a perturbação sympathica altera o estado synthetico conduzindo da lei para a causa. Então se realisa em tres cantos, a descensão mental e moral, do relativo Para o absoluto, primeiramente monotheico, depois polytheico e Por lim fetichico, aspirando sempre á harmonia completa, sem Poder nunca attingil-a. Nos oito cantos seguintes, o coração e o espirito elevam-se gradualmente para a unidade positiva, successivamente elaborada pelo fetichismo, pela astrolatria, pela teocracia, expansão especulativa, polytheismo social, monoteísmo defensivo, civilisação feudal, e movimento moderno. Finalrnente, o decimo terceiro canto, idealisa a existencia normal, s"nultaneainente affectiva, contemplativa e pratica, tanto collelly a como individual. Mas esta conclusão não deve desenvolol'-se mais, para não alterar a epopêa, essencialmente dynamica> própria para a transição, reservando para o futuro o poema statico que só elle poderá suscitar.» [1] Estas poucas palavras en-'ei'ram todos os grandes períodos da historia subordinados aos "nPulsos subjectivos ou psychologicos; bem comprehendidas dft nf" ao poeta o meio de evitar a fragmentação o incoherenc;a que apparecem nos poemas, sempre episodicos, que procu-'a"i realisar o ideal humano. -

[1] *Politica positiva,* lom. iv, pag. 482.
Na tonlativa do Epopêa humana, de que fazem parte os poemetos que

Littré, na *Applicação da Philosophia positiva ao g°' verno das Sociedades,* accentuando a crise em que a Arte pagã pereceu, quando o Christianismo lhe arrebatou o seu destino e o seu publico, e em que por seu turno a Arte christa succumbiu quando a Revolução lhe fez experimentar a mesma sorte, mostra como sob o regimen positivo: «Da nova situação dos corações e dos espíritos nasce um ideal esplendido, a Humanidade, cuja concepção é devida á sciencia, mas cuja creação esfhelica está reservada para a imaginação. Poesia, musica, pintura, esculptura, architectura fecundar-se-hão n'esta fonte commum.» [1] O eminente vulgarisador da Philosophia positiva relaciona com uma exlraordinaria clareza as duas grandes épocas em que se está operando a transição da sociedade: «O[11]' tr'ora, era a crença no monotheismo que, no meio do mundo pagão, estabelecia o seu ideal sobre a base estreita do supernaturalismo, *tendo por historia a legenda;* hoje, é a crença na Humanidade, que, no meio do mundo christão, estabelece o seu ideal sobre a base solida da realidade, *tendo por legenda « historia.*

«É verdadeiramente uma cousa maravilhosa considerai'? como n'esle espaço longínquo dos séculos percorridos, corno legenda, na apparencia tão caprichosa e tão fictícia, pôde, na ausência de verdades ainda desconhecidas, prestar aos honien[s] as condições de uma sociabilidade complexa, sabia, moral [e] perfectivell Que espontaneidade feliz n'esle instincto que p[ei] sonifica todos os objectos da natureza, tornando-os mysteriosos e veneráveis, e cria, fundando o fetichismo, a trama primitiva da exisíencia social ! Que esplendor de imaginação e que inspiração de belleza, quando todo este fetichismo, deixado como grosseiro e inculto, vem expandir-se n'eslas creações, tão racionaes como engenhosas, que se chamam o polytheismo!

reunimos na *Visão dos Tempos, Tempestades sonoras, Ondina do lago, Torrentes* e *Miragens seculares,* dirigidos pelas doutrinas de Vico e Ilerder, Heg[c']' Comte, este nexo psychologico, determinado na Philosophia positiva *è* (|ue nos deu a coordenação final.

[1] *Conscrvation, Revolution et Posilivisme,* pag. 138. Ed. 1852.

"m, <]ue austeridade moral, que inlelligente reducção dos seres Hieologicos, que vigoroso esboço do poder espiritual, quando foi dado á razão mais amadurecida, elaborar o catholicismo! Ad-lniravel efficacidade da legenda primitiva, incessantemente apu-'ada; da legenda, que, como um roble venerando, cujas raizes Se seceam, perde as folbas e deixa d'abi em diante sem sombra todo o sólo em redor.

«Mas, é uma cousa ainda mais maravilhosa e mais attrahonte, contemplar como a historia na apparencia, tão limitada o lncoherente, a pouco e pouco contornou a grande e soberana f'8ura da Humanidade ! — Emquanto a legenda imagina e preenche gloriosamente um officio indispensável, a realidade, humilde e pequena, ajunta pacientemente os seus thesouros. A humanidade só será conhecida quando os homens conhecerem U Paragem que habitam; quando os astronomos medirem o mundo, e os viajantes explorarem a terra. Ella não será conheça senão quando os phenomenos que nos cercam deixarem de Sfir maravilhas inexplicáveis; quando espíritos engenhosos cativarem o raio, decompuzerem a luz, subjugarem o calor e Su'prehenderem o segredo das combinações moleculares. Ella r'ao será conhecida senão quando se adquirirem noções positi- as sobre as condições da vida, e mãos activas sondarem os orkaos delicados dos vegetaes e dos animaes, colhendo uma ara-''a mésse de imprevistas verdades. Ella será, finalmente, conhecida, quando a Historia, até agora dispersiva, se tornar realmente a sua Historia; e, ao tempo necessário para a evolução °mrnum, a historia deixa adivinhar a sua unidade fundamental > completando, por um ultimo trabalho, o immenso trabalho esta nova revelação. — Outr'ora, segundo o meio em que a°tuavam, a theologia e a metaphysica sua serva, deram a sua monstração da existencia divina. Semelhantemente, a sciencia

Positiva dá hoje a demonstração da existencia da Humani- e- Já se não pôde desconhecer o crescimento d'este ideal, a !ôn idariedade que une o seu passado mais remoto ao seu mais 8mquo futuro, e esta vida poderosa, da qual cada homem foi, o será um orgão. Vida tanto mais potente, quanto os orgãos

individuaes forem melhores ! Órgãos tanto melhores, quanto a vida da Humanidade se desenvolver mais ! . . .

« Tal é a coroa de toda a nossa poesia e de todas as nossas bellas-Artes. Van teria sido a empreza. quando o paganismo expirou, de revivificar a esthetica que lhe estava ligada, c era de força que tudo acompanhasse a inevitável decadencia da idéa religiosa. Não menos van teria sido a tentativa, quando pela primeira vez o catholicismo foi abalado, de querer conservar esta poesia, esta architectura e pintura, por elle inspirada- - Por toda a parte sente-se e deplora-se uma incerteza, uma decadência, uma incolierencia, attestando, não com certeza o enfraquecimento das faculdades estheticas, nias a influencia de um meio que já não sabe communicar nem receber uma 1111 pressão. A divergencia illimitada das intelligencias tira iodo o poder e toda a serenidade á poesia e suas irmãs.—A Humanidade traz um novo typo de belleza. Poetas, ella vos pedira cantos ; pintores e esculptores, ella vos pedirá telas e marmo res ; architectos, ella vos pedirá templos ; músicos, ella vos pe dirá harmonias. E d'esta inspiração commum dada a todos os génios creadores nascerá para os séculos vindouros o que a no" nos falta, gerações revolucionarias, isso que foi concedido em certa medida á edade polytheica e á edade catholica, a contemplação do bom o do verdadeiro 11a sua belleza ideal. »'

São de uma alta eloquencia as palavras do grande diso pulo de Comte ; revelam-nos que elle acompanhára o philo®º pho também na parte constructiva da synthese affectiva, ta" desconhecida pelos que faliam do Positivismo. Comte, ao teruu nar a Synthese especulativa, 110 *Curso de Philosophia pos.t' va,* apresenta as conclusões tão luminosamente comprehendida" por Littré ; eis as suas palavras : « Á medida que um fut"'º próximo desenvolver emfim o verdadeiro caracter intelloctual-moral e politico, proprio da existencia moderna, póde-se asse gurar, que esta vida nova encontrará immediatamente um8 idealisação contínua. O duplo sentimento do *verdadeiro* e

[1] *Des progres du socialisme.* Conserv.. pag. 281 u 284.

horu, não seria nitidamente expresso sem que o sentimento do ^'Ho, que não é, em todo o genero, senão o instincto da perdição rapidamente apreciada, haja também surgido : de modo (|Ue esta ultima acção geral da Philosophia positiva é, por sua natureza, intimamente ligada a cada uma das tres que acabam e ser examinadas.» [1] Para se generalisar este estado novo da 'onsciencia, não existe meio mais poderoso do que a emoção U|'Ustica ; na sua missão social a intervenção do poeta moderno tc'n uma importancia egual á do philosopho. Comte reconhecia riue a synthese especulativa 011 mental só poderia penetrar no Povo pu]a sYn(jiese affectiva ou emocional : « *Vensemble du po-"ttwisme ríayant désormais besoln que de Vessor poétique.»* " assombrosa esta concordância dos espíritos sobre a mesma '°ncepção renovadora do coração, do espirito o do caracter do Moinem moderno. Na confusão e tropel das raças e das nações '111 lucta sedenta de egoismofe; no furor intolerante das crenças ' religiões ; na avidez dos interesses individuaes, houve espíritos que n'este estertor e ranger de dentes da gehena da Histo-"a> sentiram a harmonia indefinida annunciando a Humanidade. *Extinctis Diis, successit Humanitas!* Os Philosophos, 1,01110 Pascal e Leibnitz, Condorcet, Hegel e Comte; os Sábios, Como Turgot, Price, Priestley, Quinet e Michelet; e os Poetas, '01110 Chénier, Lamartine, Prati e Victor Hugo, comprehendendo a continuidade e solidariedade humanas, tiveram a visao do *Gt ande-Sêr*, d'esse conjuncto ideal dos seres passados, '"turos e presentes, que concorrem livremente pela fórma affe-llya, especulativa e pratica para aperfeiçoar a ordem univer-Sa'' E como na idealisação dos Ilymnos primitivos, *Sumna* ct[26] 1

a boa palavra que ligava em concordia as famílias patriar-des, compete á Epopêa nova dar harmonia á acção dos po-como orgãos dependentes da Humanidade. Por esta via a rle achará mais uma vez o seu publico e o seu destino.

Theophilo Braga.

Court dc Phil. positive, tom. vi, pag. 7õy.

UM ECONOMISTA PORTUGUEZ

(ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA)

1

Sob o titulo de *Guicla alio studio deli'economia politica,* dr. Luigi Gossa tratou dos princípios fundamentaes, do metbo do, e das relações d'esta sciencia com outras, e escreveu a bis toria critica do progresso d'ella na Europa. A obra é muito e* timada pelos especialistas, e tida como principal trabalho do ®ª bio professor da universidade de Pavia; comtudo, occupando-se de Portugal, mostra que o auctor se guiou por insufficientis»¹ mas e nem sempre exactas informações ; assim, referindo-se monographias, somente citou a memoria de Morato Roma a re peito da moeda, o livro de Serzedello Júnior acerca dos ban cos, e pòz, a par d'estes trabalhos, a obra do snr. visconde de Benalcanfôr sobre a exposição de Vienna em 1873. Apesa' d'estes defeitos, o dr. Cossa foi deeerto benevolentíssimo não h vando a sua critica além d'estas palavras : « Os estudos ecoii° ii a micos em Portugal estão ainda em peiores condições q¹¹C Ilespanha».

E em verdade são taes estas condições, que nem seque Lemos obras que no seu conjuncto sirvam para se conheceie" bem as phases por que têm passado as questões theoric°8 praticas da economia social. Não temos, nem tivemos, um só e'

criptor que seja para esse ramo de conhecimentos o que, por exemplo, Ferreira Borges foi para o direito mercantil e Silvestre Pinheiro Ferreira para o direito publico. Em 1850, Vicente Ferrer Neto de Paiva, escrevendo a defeza da representação da universidade de Coimbra contra a lei restrictiva da liberdade de imprensa, allegava que os trabalhos scienlificos dos 'entes attestavam tal progresso desde 1834 que mereceria, em logar d'essa lei, alguma consideração dos governos, apparentemente ignorantes dos esforços professoraes; da lista d'esses trabalhos pertenciam, porém, á economia politica somente os livros de Adrião Forjaz e Bernardino Carneiro, isto é, de dois escri-Ptores que, sejam quaes forem seus merecimentos, occupam loí?ar muito modesto na historia dos serviços prestados á sciencia social[1].

Os economistas estranhos ao corpo docente universitário também não eram numerosos ; os livros escriptos por elles eram Pouquíssimos. A cultura intellectual portugueza não era ainda [s]ufficiente para acolher bem e premiar, com a extracção de Recessivas edições, tratados ou elementos de economia politica, [e] estudos profundos sobre questões especiaes d'ella ; nem sequer ''avia estimulo para traduzir as obras dos mestres ; quem pregava de conhecimentos da sciencia das riquezas, tinha de recorrer necessariamente a livros estrangeiros; só em dois estabe-'ecirnentos officiaes, um de Coimbra, outro de Lisboa, era ella Professada ; e tinham sido mallogradas as tentativas da assolação mercantil de Lisboa, e da associação commercial do Porto para divulgal-a em cursos livres e gratuitos. A legislação [c]'e Manoel da Silva Passos sobre ensino secundário mandava 'icluir no quadro d'este os princípios de economia politica, mas [a] '[o]i não foi inteiramente cumprida. No curso de commercio da [,lt]ademia polytechnica do Porto quasi não entravam noções ''ireniatologicas ; e é preciso vir até 30 de dezembro do 1852 Para achar o decreto que, ampliando o ensino technico, man-

[1] *Defcza da representação dos lentes da universidade de Coimbra con-" [o] Projecto dc lei acerca da liberdade de imprensa.* Coimbra — 1850.

dou crear em Lisboa uma cadeira de economia e legislação industrial.

O dr. Cossa diz que Rodrigues de Brito propozera nas *Memorias economicas,* em 1803, a creação de uma cadeira de economia politica na universidade de Coimbra; mas que o projecto não tivera bom êxito, porque a opinião publica lhe era adversa. A bem dizer o paiz não se oppunha ineluctavelmente, nem dava apoio efficaz, a que n'aquelle ou n'outro instituto fossem expostas as doutrinas de Smith e Turgot; em 1803 o paiz não tinha grande influencia nos negocios do estado; a sciencia certa era morgadio da corôa; só o augusto monarcha possuia dogmaticamente faculdades metaphysicas para julgar que alimentos convinham ás humildes almas dos seus devotados súbditos, e ein que dóses deviam ser-lhes prudentemente ministradas; regia então os destinos de Portugal D. João VI, não como perfeito monarcha, mas sim como simples regente, visto que, ao fechar-se o século dezoito, se apagára officialmente a luz da razão no cérebro de D. Maria I. A D. João VI, Ínclito príncipe e varão das mais distinctas qualidades como exuberantemente o provam numerosas peças poéticas e prosaicas d'esse tempo, competia decidir se quadrava bem na alta escola conimbricense o estudo da economia politica; se o projecto de Rodrigues Brito não se realisou, é porque a sciencia monarchica teve profundas razões contra elle.

Se o leitor quizer saber o que continha, e como foi considerado um projecto do deputado J. Rodrigues de Brito, nas cortes constituintes de 1821, achará noticia que o satisfaça *Instituto* de Coimbra, vol. 31.°, pag. 505. O eruditíssimo lente, dr. Frederico Laranjo, ahi lhe diz que o projecto queria tres cadeiras de economia politica em Lisboa, Coimbra e Porto, ensinadas pelo catechismo e tratado dc J. B. Say, emquanto na apparecesse coisa melhor ; aos professores livres dar-se-iam premios e honras proporcionalmente ao numero de alumnos ; o esta sciencia viria a ser, passados dois annos, preparatório obrigado para a matricula na universidade. Pouco depois appareceram propostas dc dois particulares sobre ensino de economia poli'[1]

°a. O parecer da commissão parlamentar affirmou a utilidade de crear as cadeiras; mas a sciencia era nova em Portugal, faltavam os meios de conhecer a aptidão dos candidatos, e talvez alguns mestres attendessem mais as vans theorias e a princípios genéricos do que ás circumstancias peculiares de Portugal; con-[c]l'iindo, propunha que se recebessem compêndios originaes, ou traducções, ou compilações, afim de que, sendo approvados estes trabalhos, seus auctores podessem abrir aula de economia politica ; os que provassem maior aptidão deveriam ser preferidos na regencia de cadeiras publicas. Mezes depois, Manoel d Almeida remettia ao congresso um compendio, cuja primeira Parte foi impressa em 1822. A segunda tem vindo a lume no Instituto. As cadeiras publicas, porém, não se fundaram ; e a reacção, que amaldiçoou o codigo politico de 1822, não tinha ^"ande empenho em melhorar o ensino d'esta ou d'outra scien-"[a]- Não foi mais feliz a proposta parlamentar de Alexandre 1 homaz de Moraes Sarmento, em 7 de fevereiro de 1827, Para na universidade se substituir a cadeira de analytica do direito romano pela de economia politica; se teve parecer favo-•avel em 2 de março, não conseguiu percorrer os tramites res-[1] antes para ser lei observada.

Mas o tracto dos negoeios públicos, as relações com o es-[ll]'angeiro durante a emigração, e a importancia crescente dos P'°hlemas economicos obrigava ou attrahia ao estudo da scien-'a das riquezas. Mousinho da Silveira, para darmos um bom [fx]enipl$_0$ de estadistas, havia estudado e meditado os principaes [ec°]nomistas do seu tempo. Ferreira Borges publicára em 1834 *Instituições de economia politica*, depois de ler eseripto em os *Princípios de Syntelologia;* visou a que o seu livro fosse [es]ta sciencia o que eram no direito romano as obras de Gaio e "stiniano ; seguiu principalmente Storch, auxiliando-se também "a reflectida leitura de todas as obras importantes então conheças. Agostinho Albano deu á estampa em 1838 as prelecções "itroducloi•ias ao curso na associação commercial do Porto. Pelo iesmo anno Oliveira Marreca fez sahir do prélo as *Noções elementares* destinadas a compendio no curso creado pela associa-

ção mercantil de Lisboa. Em 1840 appareceu em Paris o P'é~ *eis (Tun cours cTéconomie politique*, escripto por Silvestre Pinheiro Ferreira, que no anno anterior ahi mandou imprimir, em inglez, um resumo de uma obra de Mac Culloch, annotado, e a introducção d'nm curso de economia.

Todos estes trabalhos são boje mal conhecidos, e nem se pôde asseverar que em tempo algum influíssem consideravelmente no pensar dos portuguezes ; todos ficaram na primeira edição ; e não ha, que nós saibamos, estudo algum sobre o conjuncto das mencionadas obras d'esses aliás distinctos iniciadores ou continuadores dos estudos economicos em Portugal. Agostinho Albano e Ferreira Borges não escreveram mais sobre economia politica propriamente dita ; o primeiro somente se entregou ainda a estudos financeiros; o segundo proseguiu na cultura do direito mercantil. Silvestre Pinheiro, se posteriormente se occupou de varias questões economicas (associações operarias, *greves,* monopolios, credito predial, etc.), dedicou-se particularmente ao direito publico.

Oliveira Marreca, embora dando-se á litteratura e á p°'1' liça, provou, principalmente em tres composições, que a sciencia econoinica jamais deixou de merecer-lhe affectuosos cuidados , ainda antes de nomeado professor do instituto industrial de Lisboa, inseriu no *Panorama* uma série de artigos notáveis a proposito do curso de Miguel Chevalier, e outra ácerca da questão das machinas ; em 1850 elaborou o relatorio da exposiç»° industrial lisbonense de 1849 ; finalmente, em 1853 leu na academia real das sciencias um parecer e memoria sobre a proposta de Alexandre Herculano concernente a um projecto «J' estadística.

11

Em todas estas producções, Oliveira Marreca patenteia-»° profundo pensador ; não recebe servilmente as doutrinas correntes, ainda que venham abonadas pela auctoridade de famoso

nomes; examina, pondera, medita e francamente expõe a sua Pinião ; o fallar d'elle é sempre modesto ; por muito convencido (iue esteja das idéas que apresenta, ou das objecções que offe-roce, jamais a palavra denota arrogancia, jámais a critica rebela pueril contentamento de derrotar um adversario. Trabalha fomo quem satisfaz uma aspiração de elevado espirito.

Um dos assumptos que teve de apreciar nos artigos concernentes ao *Curso* de economia politica de Chevalier foi o da lrussão do estado; assumpto dos mais difficeis, que tem originado os mais longos debates, as mais vastas analyses, e que ainda agora se não pôde dar como perfeitamente esclarecido. Não é, Portanto estranhavel que Marreca deixasse também o problema soni 'frefutavel solução; importa, porém, saber se, ao tractal-o, mostrou conhecer os defeitos das opiniões oppostas, e seguiu o melhor caminho.

Os fundadores da economia politica têm sido persistentemente accusados de advogarem um exagerado individualismo. s palavras *laissez faire, laissez passer* servem a muito critico Paia prova de que elles contrariavam toda a intervenção do estaf)o\ nos trabalhos particulares. As opiniões de Smith parecem onlirmar a censura ; e os relativamente modernos atrevimentos th

fioricos de Bastiat auxiliam poderosamente aquella accusação.

Com tudo o *laissez faire, laissez passer,* ou fosse proferido PQl Gournay, ou por Legendre, não pretendeu resumir uma doutrina completa ácerca das funcções da auctoridade ; Gourlay occupava-se exclusivamente das leis restrictivas do com-"ercio e da industria ; Legendre dava um conselho a Colberl aeerca das providencias que conviria tomar para desenvolver osses dois ramos de trabalho ; em tal tempo, o *laissez faire, laisse-*

Passer equivalia á justa condemnação de leis funestamente estrictivas, que não só erguiam potentes obstáculos ao commeieio interprovincial, mas também subordinavam a penosas e mJUstas regras o trabalho fabril.

Quanto a Adam Smith, a sua opinião ácerca do estado foi "xPressa nos seguintes termos :

« No systema da liberdade natural o soberano tem só tres

deveres a cumprir: tres deveres de alta importancia, é certo, mas claros, simples, e ao alcance das intelligencias ordinarias. O primeiro é a defeza da sociedade contra todo o acto de violência ou de invasão praticado por outras sociedades independentes. O segundo é o dever de proteger, quanto possivel, cada membro da sociedade contra a injustiça ou a oppressão de qualquer outro membro, isto é, o dever de estabelecer a exacta administração da justiça. O terceiro é o dever de realisar e conservar certas obras publicas e certas instituições que o interesse particular jamais poderia produzir, porque jamais lhe dariam lucro, embora o proveito social exceda muito o simples reembolso das despezas ».

Que princípios philosophicos limitavam assim as funcções do estado? Porque haviam de ser precisamente tres, nem mais nem menos, os deveres da auctoridade soberana? Smith não deu sufficientes explicações a este respeito ; ó, porém, de observar que as suas palavras veem logo depois da analyse do systema mercantil e da physiocracia. As demasias da intervenção do estado, praticadas longo tempo no dominio do mercantilismo, impressionavam profundamente ; e não seria de estranhar que a reacção contra ellas conduzisse a estabelecer uma theoria em que o individualismo tomasse maior importancia que a marcada por uma analyse imparcial. Mas a doutrina de Smith e muito menos incorrecta do que geralmente se pensa ; os dois primeiros deveres correspondem ao respeito da liberdade e da propriedade e á consequente defeza d'ellas contra inimigos internos ou externos ; não se contentando, porém, com elles, e assignando o terceiro, Adam Smith attribuiu ao estado uma fuocção importantíssima, qual é a de crear instituições que, embora socialmente productivas, não podem nascer da iniciativa particular. A critica dos trabalhos d'esse economista philosopho tem quasi sempre fallado d'esta parte d'elles, como se fossem inspirados por um individualismo intransigente. Contribuíram para este errado juizo não só os adversarios da economia politica, mas também economistas que passam por orthodoxos; opiniões radicaes d'estes fizeram crer que também o sábio professor es

cossez pensara como elles. Finalmente a discussão acerca da liberdade de commercio e do proteccionismo aggravou a confusão das idéas; entendeu-se vulgarmente que era contra toda a mtervenção do estado quem se pronunciava contra as elevadas taxas aduaneiras ; e como a grande maioria dos economistas advogavam a liberdade mercantil entre as nações, con-'"uiu-se d'ahi que á escola de Smith repugnava essencialmente aquella intervenção.

As doutrinas de lvant, que tanto influíram na philosophia dº direito, vieram também engrossar a corrente favoravel ao 'ndividualismo ; segundo ellas, o direito era o complexo das Condições pelas quaes a liberdade externa de cada um pôde coexistir com a liberdade de todos ; mantel-a cuidadosamente, obstar a toda a offensa do direito individual, eis toda a missão estado ; e que era isto senão uma especie de *laissez faire, issez passer*, não como simples condemnação de leis nocivamente restrictivas, mas como regra fundamental de direito publico ? Smith havia censurado no systema de Colbert o não conceder a cada individuo a faculdade de tratar dos seus negócios particulares como entendesse, subordinando a sociedade 'l um vasto plano de igualdade, de liberdade e de justiça ; es-'as palavras do professor de Glasgow não são mais individualistas do que as do philosopho allemão.

Ha, porém, uma grande differença 110 pensar d'elles : a formula kantiana parece dar ao estado a única missão de fazer r(ispeitar as fronteiras nacionaes, e a esphera do direito individual ; o juiz e o soldado personificam essa missão ; a auctoridade nada mais tem a fazei'. Pelo contrario, na sua doutrina ' mith rasga outro horisonte aos poderes públicos ; incunibe-os dº fundar instituições que nada têm com a segurança e a jus-'tÇa "o *sentido restricto;* e, como exemplos d'ellas, occupou-se especialmente das vias de communicação, dos estabelecimentos ensino, e disse expressamente: «Para facilitar certos ramos Particulares do commercio, são precisas instituições que demand^n especial e extraordinaria despeza. O trato com povos incul-s demanda especial protecção. » Que outras funcções do esta-

do reconheceria Adam Smith se escrevesse hoje? Qualquer qlie fosse o pensar d'elle nas actuaes circumstancias do mundo economico, e sob o dominio das idéas philosophicas do século xix, não teria de reformar a sua doutrina para ficar ao abrigo das criticas ao exagerado individualismo. Essa doutrina pertence evidentemente ao grupo das *organisadoras* das actividades particulares, das que *socialisani* ou *estadisam* alguns trabalhos além dos que usam chamar-se da paz e da liberdade. Sem modificações verdadeiramente fundamentaes, e sem violência da lógica, poderia caminhar-se d'ella para o proprio socialismo cathedratico. A legislação protectora dos operários e fomentadora do bem-estar d'elles não é incompatível com as idéas professadas por Adam Smith; ellé proprio, tratando dos salarios, escreveu o seguinte :

« Sempre que a legislatura procura dar preceitos ás luctas entre operários e patrões, consulta sempre estes últimos ; quando o regulamento sae favoravel aos trabalhadores, é sempre justo ; quando é a favor dos patrões, já succede ás vezes o contrario; assim, a lei que obriga os donos dc fabrica, em muitos ramos de industria, a pagar os salarios em dinheiro e nao em mercadorias, é inteiramente razoavel ; não damnifica o patrão ; manda somente entregar em numerário o mesmo valo' que elle dizia pagar, mas realmente não pagava sempre, em mercadorias.»

Parece-nos, pois, injusto considerar Adam Smith como fundador de uma economia politica extremamente individualista, Bastiat como um dos melhores representantes da escola fundada por elle ; entre o primeiro e o segundo ha uma differença característica ; e depois do que dissemos do philosopho escossez, basta, para a tornar evidente, accrescentar que, para o auctor das *Harmonias Economicas,* o estado só deve ter exento e magistrados afim de conservar a ordem e corrigir as offensas da liberdade, ou solver as duvidas ácerca dos direitos individuaes.

As qualidades litterarias de Bastiat, o enthusiasmo sincero das suas convicções, os excessos theoricos de alguns de 6el,s

adversários, e a deficiencia de conhecimentos de historia económica na maioria do publico, deu a esse escriptor uma auctoridade excedente á que merecia ; d'ahi veio também o considerar-se como doutrina incontroversa entre os economistas o que escreveu ácerca das funcções do estado ; as polemicas sobre a liberdade de commercio tiveram mais uma vez consequências analogas ás indicadas a respeito de Adam Smith.

Não queremos affirmar, e seria grave erro asseverar, que além de Bastiat não houvesse economistas que defendessem tal theoria do estado ou ainda outra mais individualista; o que asseáramos é que o publicista francez se desviou, n'um ponto essencial, do pensar de Smith; e que esse desvio não exprime o pensar de todos os mais notáveis economistas. Procure-se na obra capital de Stuart Mill, publicada em 1848, o que elle pensa a respeito das funcções do estado: reparte-as em necessarias e facultativas ; se lhe perguntarem como limita o conjuncto d'ellas, e qual o critério para distinguir as primeiras, responderá assim: "As incontestadas funcções do governo estendem-se por um espaço demasiado vasto para se murar com uma definição restricta ; é quasi impossivel assignar a todas as funcções do governo outra razão de ser que não seja a *utilidade publica;* esta phrase estende-se muito longe ; é também impossivel limitar a intervenção do governo por qualquer regra geral, a menos que não se admitta a regra bem simples e vaga segundo a qual esta intervenção não deve ser aceite, senão nos casos de evidencia da utilidade.» Perguntassem a Rossi o que pensava este ponto de direito economico, e elle diria que ao estado cumpro não ser simplesmente politico e defensivo, *mas também* productivo; não de uma actividade esmagadora, mas promotora da individual: não que a combata, mas que a auxilie. Fizessem a mesma pergunta a Miguel Chevalier, quando já tinham decorado oito annos depois da sua entrada como professor no Collége de França, quando, portanto, já não era simples propugnador da doutrina sansimoniana ; ouvil-o-iam dizer em 1848, nas *Etudes sur l'organisation du travail,* que era chegado o momento de completar a obra da assembléa nacional de 1789,

dando ao principio da associação o desenvolvimento concedido então á liberdade do individuo isoladamente considerado ; ou' vil-o-iam dizer que o regimen do isolamento pesa sobre cada um de nós ; que pelo proprio espirito da legislação moderna a sçciedade vai por um declive que leva ao estado que Hegel denominou atomistico, e no qual já não ha cohesão; que os poderes públicos deviam intervir no regimen disciplinar do trabalho ; ouvil-o-iam, finalmente, discorrer ácerca do principio societário como quem acreditava que, em matéria de industria, a associação devia em certos casos abranger a nação inteira.

Poderíamos investigar a opinião de outros escriptores, e principalmente a de Blanqui, o professor, que louvou a orientação de vários economistas francezes por considerarem como f"11 de toda a cultura humana o aperfeiçoamento *geral* da sociedade, sem excepção de classe, e condemnarem tanto o trafico dos negros, como a exploração dos brancos ; Adolfo Blanq1" chamava *social* a escola que as obras d'esses escriptores estavam fundando. E, porém, desnecessário ir mais longe : os nomes já citados bastam para prova do que pretendíamos mostrai-

Mais de um século decorreu desde que foi publicada a obra de Adam Smith. Numerosos philosophos, economistas 1 publicistas escreveram ácerca da missão do estado ; comtudo não pôde ainda considerar-se como definitivamente acceite na região da sciencia uma das doutrinas a esse respeito. Para nos limitarmos ao terreno economico, as opiniões variam desde a anarchia até á maxima regulamentação de todo o trabalho ; os systemas socialistas vão desde os que, nitidamente separando a propriedade publica da particular, querem uma legislação me' lhoradora das classes laboriosas e reguladora de certas industrias, até aos que consideram a nação como composta de ope rarios, trabalhando cada um d'elles na fabrica nacional; flo? primeiros systemas pertence o *katheder socialismus,* do <Tua'

Ja dissemos que não tem por irreconciliável adversaria a doulrina de Smith.

1[

A opinião de Oliveira Marreca ácerca do papel economico-Politico do estado acha-se no trabalho que publicou no *Pationa* de 1843 : não quer a indifferença da auctoridade para as Tuestões economicas; não quer também a restauração do poder atmoluto d'ella. Eis como se exprimiu :

" Os povos pensam, trabalham e produzem por si, porque Se coinpõein em grande parte de adultos. Os governos protegem o pensamento, o trabalho, e a producção individual, mod°'ando os conflictos do interesse particular de uns com os ou-'los 011 com a sociedade. E porisso *governos paternaes* são hoje •Parate e anachronismo que corresponde a *povos meninos;* e ternos automatos o mesmo significam que povos sem dire-

A tutela absoluta funda-se na theoria que os homens são banhos ; a anarchia economica, no principio que são perfeitos. Pnmeira doaria o exclusivo da agricultura, das artes fabris, capitães, das propriedades, ao governo. A nullidade economica roubar-lhe-hia a acção bencfica que elle pode exercer omo administrador de grandes rendas, possuidor temporário de landes fundos, apreciador mais exacto, pela sua posição, das 6cessidades e recursos do paiz. A verdadeira economia politica Llr'a entre estes dois excessos. Os estados pereceriam regidos X(hisivamente por uma d'estas idéas. Os governos nunca adoPlarani exclusivamente nenhuma d'ellas.»

Estas linhas mostram que Oliveira Marreca não confiava j |nteresso particular como sufficiente para de per si só proZlr o máximo progresso geral; pelo contrario, tinha-o por in-^lpaz de remontar-se á eminencia dos interesses públicos ; e, ac'tando especialmente da liberdade do commercio, entendia só o interesse social, «engrandecendo a questão com as 'loPorções do tempo, com a mira no futuro, com as lições da *Pcriencia, com o pensamento da perpetuação da nacionali-

dade», podia e sabia resolvel-a proveitosamente. Chegando a exagerar uma vez os serviços do estado á civilisação, attribuia-lhe a maior parte dos modernos progressos, que, no seu dizer. « refutavam com estrondo a doutrina do quietismo economico, *laissez-faire* da aucLoridade, mostravam a impotência do interesse particular, e declaravam que nenhumas instituições economicas podem organisar-se sem a intervenção e a vigilam'1-1 das forças collectivas da sociedade. » [1]

Se lhe respondessem com exemplos, qual o da Inglaterra, vulgarmente considerada como o paiz do *self-governement* em matéria economiea, elle não só responderia que é incorrecto ° consideral-a assim, e opporia aos admiradores da Gran-Bretanha a penúria de muitos habitantes d'ella, inas também deixaria entrever que o seu espirito se inclinava á intervenção do estado para minorar esse mal publico.

« A miséria de uma numerosa parte de seus naturaes, s erevia elle em 1843, como que está intimando que a actividade do homem e o apuro da arte, por grandes que sejam, não hastam á felicidade material das associações humanas ; *é indispel sável que a justiça venha jazer ojjicio de medianeira no co" flicto da miséria com a riqueza e sanccionar a lei da vi a' que é o direito primordial da nossa especie, assegurando 11,11 ter logar a cada individuo no banquete em que todos devem quinhão. »*

Também não o seduziam as doutrinas de liberdade me cantil, advogadas principalmente na Gran-Bretanha, e por recommendadas como extremamente úteis, a todas as nações- exame do trabalho, que acabamos de citar, mostrará como pen sava a este respeito.

Rodrigues de Freitas.

[1] *Sociedade promotora da industria nacional. Exposição da indus*r em 1819. Relatorio geral do jurado.* Lisboa, 1856, pag. 61,

A CAVALLARIA PORTUGUEZA

NA EU A 1) E MÉDIA

^ Cavallaria, instituição — Cavallaria militar e Cavallaria tio honraria — Formaturas, tactica e emprego habitual da Cavallaria na Edade Média

Não é da Cavallaria como característica instituição social l'a Edade Média que me proponho tratar ; mas unicamente da ^avaliaria sob o ponto de vista militar. Não tenho de me oc-'upar, embora seja esse um estudo muito digno de attenção, ^ aquillo que, na opinião de Philarète Chasles, representa, com o nonie de Cavallaria, um conjunto de costumes, de idéas, de "abitos, peculiares á Meia Edade, o que não tem coisa analoga nos annaes humanos.

Não necessito, pois, de investigar se ella foi, no seu intuicomo quer Roedereruma alta conspiração dos senhores ^oadaes contra a realeza e o terceiro estado; se, na sua origem, segundo Voltaire, o producto da anarchia dos tempos carlo%lngios, proveniente da associação dos senhores feudaes contra o morticínio e a pilhagem ; ou se, como o pretende Chateau-Dand, foi uma mescla do elemento arabe com o elemento setentrional, do natural galanteador dos mouros com a fidelidade dos germanos, — explicando assim o seu particular caracter 6 a sua missão -.

' *J-ouis XI et François 1.*
Études historiques, préf. à *VJIistoirc de France.*

Não lenho de ir aos Eddas, 110 Tácito, 011 aos Niebelunge" para investigar as suas origens poéticas, nem descer até á sl1' blime creação do *D. Quixote* para percorrer, da aurora ao occaso, essa brilhante quadra com todas as grandezas e defeit°s que lhe imprimiam caracter, acabando finalmente por ter na obra de Cervantes um tumulo condigno. Não lenho de fazer resurgir n'estas paginas as figuras lendarias, quer phantasiadas, quer reaes, de um Lançarote [1], de um Amadis de Gaula, ou de um Magriço; nem de perscrutar até que ponto foi origina' ou imitada, duradoura ou ephemera a instituição da Cavallaria enlre nós, e até que ponto sympalhica ou condemnavel a sua acção social.

Produclo do meio em que surgia, a Cavallaria foi rude e sanguinaria com os teutões e francos ; romanesca, sentimental e monastica na Península Ibérica ; senhorial e aristocrática na Inglaterra ; poética e galanteadora na Provença, d'onde irra' diou por toda a Europa os seus moldes litterarios e os seus hábitos de gentileza ; mas em toda a parle soube imprimir cunho e originalidade.

Radicada ás qualidades de corrupção e ferocidade do tempo, mas começando já a ser alumiada pelo clarão espiritual da idéa christã, a Cavallaria foi um amalgama característico de quanto podia produzir de bcllo e repugnante, de sublime e odioso, uma época em que se entrechocavam as mais rudes tradições barbarescas e as mais generosas aspirações da civilisaçaO- Houve mesmo n'esse período qualidades proeminentes que nao mais se manifestaram com aquella intensidade e relevo. O respeito pela fé jurada, a generosidade, a valentia, o culto pe'a força e pela belleza, o acatamento da tradição, a crença n essa coisa ideal e luminosa, que nunca se consegue attingir, mas <IU inspira tantas acções boas e tantas dedicações sublimes; c nalinenle, o culto pelo *ponto de honra* teve-os a Cavallaria co mo nenhuma outra instituição. Apresentou, porém, grandes defeitos, e, alguns d'elles, defeitos das suas qualidades, as quae

Lanceio!.

apressaram a sua ruina, com a mudança radical da moralidade e dos costumes. O reflexo d'esses mesmos defeitos acabára 'anibem, mais tarde, com a Aristocracia.

Foi comtudo a Cavallaria um elemento resistente durante (luatro séculos, oppondo mesmo ás influencias chrislãs uma reacção mais forte na Irlanda, na Noruega, em Saxe e 11a Turin-Sla- Não é porém meu fim occupar-me aqui da Cavallaria sob esse aspecto.

Sob o ponto de vista militar póde-se aceitar a opinião de (l'e ella fosse um embaraço para o progresso do aperfeiçoamento da instituição das armas, que não podia circumscrever a blla acção ás luctas, embora valorosas, corpo a corpo, e que ne-'esitava de aproveitar todos os elementos de guerra, fazendo-os 'oncorrer para o mesmo fim: a aniquilação do inimigo; visto 'luc a guerra outra coisa não é senão o emprego de todos os meios para atacar e defender. O desdem pelos que combatiam a Pé, reputando-se honrados só os que pelejavam a cavallo, e, sobretudo, o profundo desprezo pelos que, servindo-se das armas c'e arremesso ou de fogo, evitavam a lucta corpo a corpo, — a "nica que se considerava digna de homens de honra, — fazia 'o,n que não se concebesse outra fórma de combate.

Observa o escriptor militar francez tenente-coronel Rocquancourt, director de Estudos 11a *Escola especial militar*, que a existência simultanea da tactica e da antiga Cavallaria era ('e Unia impossibilidade absoluta; tanto os seus princípios eram oPPostos.

«A primeira repellindo toda a acção individual e retalhadi

prescreve exclusivamente o emprego das massas; a segun-

pelo contrario, ignorando, ou desdenhando a arte de organiSar e dirigir essas massas, não reconhece e não estima senão a *P"oeza (proaesse)*, palavra antiga mas muito expressiva, para 'mlicar um feito de armas isolado, no qual o heroe deve mais á s"a força physica do que á reflexão.» [1]

[1] Rocquancourt, *Cours complet cl'An ei d'Ilistoire militaire,* tom. 1, i_a ed.

Com effeito, o acto de força physica e de destreza era o grande, o único processo de guerra na Edade Média, sendo tudo mais accessorios sem valor; as guerras eram, por assim dizer, duellos individuaes, e ficaram memoráveis os actos de um Godofredo de Bonillon, que partia ao meio um sarraceno com uma espadeirada; de uni Raymundo de Antiochia, que fazia parai 1111 cavallo a galopo, apertando-o entre os joelhos; dc uni D. Duarte, rei de Portugal, que foi o primeiro cavalleiro do seu tempo, e com o cavallo á desfilada levantava do chão uma vara, e com o menear do corpo desviava todos os golpes

Se as Cortes de Amor eram a escola do sentimento, as justas, os torneios, os passos de armas eram a grande escola da guerra. As armaduras chegavam a ser de tal ordem que para vencer o cavalleiro era necessário matar o cavallo, mais exposto, apesar de também arnezado; e, apanhado em terra o cavaleiro, era mister um machado para lhe romper a couraça!

Mas o arcabuz que foi ao principio considerado a arma dos cobardes [3], pois feria de longe, sem o atirador ter a coragem de se pôr cara a cara com o inimigo, venceu a causa da infanteria, aperfeiçoando-se successivamenle o tiro de bala, q«e passou a ser o meio principal da guerra. Já antes d'isso o p¹ He que, armando a infanteria,—elevada á categoria de arma resistencia e de combate, a exemplo dos suissos, povo refractario ás influencias da Cavallaria—-, constituirá nas mãos do poituguez um instrumento excellente, que elle soube aproveitado com excepcional destreza e energia. Nas nossas guerras guerrilhas o chuço tem sido nas mãos do povo um terrível instrumento de morte, e parece ser a nossa arma tradicional, Pok

' Faria c Sousa.

[3] Entrou em Portugal em 1528 ou 20, a regularmo-nos pela seguinte ticia :« E arcabuz ha sele ou oito annos, pouco mais ou menos, que veiu ter ne» terra com seu nome nunca de antes conhecido nella. » Fernão de Oliveira, (••'" *watiru,* ed. de 1536.

Dizia Bayard, faltando do arcabuz : » C'est une honte qu'un liomni<-coeur soit exposé à perir par une miserable *friquenette, »*

Ja Estrabão dizia dos lusitanos que «se serviam de lanças com Ponta de bronze».

O pique nas mãos da nossa infanteria não desmereceu, antes fortaleceu os seus créditos.

Combater a pé passou a ser também honroso para os que Se convenceram de que eram legitimas as conquistas da tactica sobre o exclusivismo da acção individual. O que no século xi Se apontava como caso raro, isto é, o apear-se o cavalleiro para combater, passou a ser vulgar, e o exercito a pouco è pouco '°i-se constituindo n'um machinismo complexo, d'onde haviam d® sahir esses organismos admiraveis e terríveis, — os modernos corpos de exercito.

A Cavallaria tinha de ceder na primazia absoluta; mas ficava ainda com um papel decisivo e importantíssimo. O termo das guerras das cruzadas, onde o seu exclusivismo não lhe dera a garantia da posse effectiva das suas conquistas, as quaes, com () auxilio da infanteria, teriam sido muito mais efficazes e duradouras ; a organisação dos exercitos permanentes ; as guerras dynastieas, obrigando os Estados a concentrarem as suas for-?as e a aperfeiçoal-as; a centralisação do poder real; a descoberta das armas de fogo; o predomínio da gente de pé nas ''enquistas dos nossos navegadores; a sciencia da guerra, emfi

accentuando por todas as formas a supremacia da tactica, lsl° é, da commum,. acção de todos os elementos da guerra. " "m conjuncto homogeneo e equilibrado, tiraram á Cavallaria aquella feição particular, aquella missão absorvente que ella se rrogava ; mas não lhe podiam tirar, na concorrência dos componentes da acção, o papel que sempre teve e continua tendo,

uma maneira cada vez mais exigente e de responsabilidade.

A defeza do territorio era, 110 antigo direito senhorial, priMlegio exclusivo dos nobres. Em Portugal coube, porém, esse '"cargo, nos primeiros momentos da monarchia, aos que acom-

panharam aqui o conde D. Henrique, e aos que depois se nobilitaram, batalhando ao lado d'elle, e conquistando, pelo seu valor, fóros de indiscutível fidalguia.

o domínio dos arabes na Península aniquilára a antiga nobreza gothica, cujas reliquias se haviam refugiado nas Astúrias e na Cantabria, soffrendo, por conseguinte, n'esse isolamento, transformações inevitáveis. Na concorrência entre indivíduos reunidos n'uma sociedade restricta, as antigas preeminencias nivelaram-se com as que as circumstancias foram .creando, sob o influxo das novas condições sociaes. A nobreza teve de buscar os seus melhores pergaminhos nos feitos de armas contra o sarraceno dominador; e, necessariamente, o que succedia em Hespanha era secundado em Portugal pelos que de lá vinham fundar os alicerces d'uma monarchia sobre as ruínas do império mourisco.

As conquistas não só deram brazões, mas riquezas, e estas foram um titulo, não menos seguro, de nobreza para os que o povo humilde e miserável chamava os *rico-homens,* titulo mais tarde honrado pelos reis, que o reconheceram, distinguindo aquelles de quem dependiam, para terem sempre á sua disposição um núcleo certo de servidores, assoldadados com o dinheiro d'aquelles potentados. Estes serviços eram compensados com donativos, regalias e privilégios.

Eram pois os ricos-homens — senhores de *pendão* e *caldeira*[1] — com os seus subordinados, e toda a mais fidalgo

[1] O *pendão* era a signa individual de cada rioo-homem, em volta da q... os seus pelejavam. A *caldeira* era a do rancho commum. No convento de Aic... está uma de ferro, tomada aos hespanhoes em Aljubarrota.

« Teve principio esta dignidade (rico-homem) com os mais calamitosos U... pos da monarchia gothica, porque, com a sua fatal dissolução, aquelles P... magnates que ficaram, como mal apagadas faiscas, sobresahiram de entre o l... do incêndio, acolhendo a miserável plebe que desgarrada andava, formavam a quadra de que se faziam caudilhos para contratar a ultima violência, mal reduzda com as debeis rapinas que, se não reparavam, suspendiam a extrema necess' dado ; por cujo amparo, em gratificação, lhes davam o titulo de ricos-homen-S era toda a sua riqueza uma caldeira, em que se guizava o vulgar alimento p... a misera gente, e um pendão e armas com que acaudilhavam os ditos,

fiuer aristocratica, quer do povo, que, sob o mando supremo do rei, se apresentavam na guerra com as suas bandeiras, e defendiam valorosamente a causa commum, ou caminhavam para ma empreza de interesse geral, cobrindo-se de honrarias elles, e de gloria o seu paiz.

E Egas Moniz o primeiro rico-homem que com tal titulo se "os apresenta na nossa historia ; e é d'essa classe de nobreza que vimos sahir successivamente, no decurso dos tempos, desde Ifonso V, os titulos de duques[1], e marquezes[2], á imitação da

[4] Eram chamados próceres, magnates, optimates, altos e ricos-homens; era [1,0] Srande a sua dignidade que não podiam os reis fazer coisa alguma grande Sern seu conselho, e tinham voto activo e passivo nas eleições do rei. Em cuja me- "oria os reis de Oviedo e Leão, confirmando a justíssima investidura do povo, co-,leÇaram a instituir os ricos-homens e os maiores senhores d'aquelle tempo, e em Ull imitação os reis de Navarra, Aragão e Portugal, de cujo nobilíssimo caracter ratn divisa umas caldeiras com que alimentavam os soldados, e aquella era o fendão com que arvoravam contra os inimigos.

* A ceremonia em que se creavam era a mais apparatosa que soube inventar Na'dade, porque primeiro velava suas armas o candidato com todas as observaceremonias da Cavallaria, e depois era levado por todos seus parentes e gran- s do reino ante el-rei, de cuja mão, de joelhos, recebia o pendão com as caldei- ' como signal da preeminencia que, como general, lhe dava em a gente de f^Uorri

u> a quem era obrigado não só a amparar, mas alimentar; d'aqui tiraram os ^ • suceessivos as mesmas ceremonias para a investidura de condes e mais titu- •" *Genealogias varias.* Man. da Bibliotheca Publica de Lisboa.

Duques, de *(lacere*, conduzir; eram primitivamente os que conduziam as es; posteriormente eraiu poderosos governadores de província e senhores de terra» -n primeiro duque que houve em Portugal foi o infante D. Pedro (duque Coimbra), filho de D. João I.

j "O primeiro marquez foi o de Valença, antigo conde de Ourem, no tempo ^ • Affonso V. A palavra marquez, de origem allemã, fal-a Duarte Nunes de 10 derivar de *marcha,* «que quer dizer divisa ou limite entre províncias, como | Adalrico Zazio, no *Tratado dos Feudos,* p. i, cap. i, d'onde se chamaram p. r(1Ue<!es os capitães que eram das províncias das fronteiras e d'ahi teve princi- n'1 dignidade.» *Origens da Lingua Portugueza,* cap. xm. Com effeito, *mar-* ^(i ou u *marca,* quer dizer toda a circumscripção de terra demarcada ou delimila- ^'ichelet, *Origine du droit français.* Outros fazem derivar a palavra de *mark,* (lUe em „ feaulez, segundo Pausanias, queria dizer cavallo. Entre os germanos desi- «Hava a antigos officiaes de cavallaria, incumbidos de guardar as fronteiras, as luaesfip aram chamando-se *marche* em francez, e *marken* em allemão. Vicomte de

Inglaterra'e da França, e ainda anteriormente os condes[1], titulo de antiga origem romano-peninsular.

Conjunctamente aos *ricos-homens* — grandes do reino, senhores feudaes, senhores de castelle e fortalezas, conselheiros d'el-rei — figuravam os *infançòes,* filhos segundos d'aquelles, o os *vassallos,* quer fossem fidalgos *acontiados,* quer da classe abastada do povo, e que se distinguiam em cavalleiros, besteiros a cavallo e peões [2]. O cavalleiro da classe, por assim dizermos, aristocratica do povo, ou cavalleiro villão, correspondia ao *privado* wisigothico e ao *herdador* nas monarchias de Leão L Oviedo.

Estas distineções entre *vassalos,* que no tempo de D. J°a° I se nos apresentam agremiados por comarcas, foram desappª recendo com o tempo, passando o titulo de vassallos a todos o* súbditos portuguezes que foram, sem dislineção, obrigados a servir na guerra, dos dezoito aos setenta annos, mais tarde ie duzidos a sessenla sendo o tempo de serviço de seis mezes. pelo menos, em cada anno.

Isto lhes dava, durante o periodo de alistamento, direitos a privilégios que aos que serviam na guerra vinham já dos tem pos anteriores á monarchia, e que se estendiam até á viuva e filhos [4].

Vaullan, *La France au temps des Croisades.* — Entro nós ternos a palavra »"" *eo,* significando limite, demarcação, ele.

[1] De *comes,* companheiro ; e, segundo a nobiliarchia portugueza, teve principio nos dois cônsules que os romanos elegeram, um para governai coisas de guerra, outro para as de paz, e considerados companheiros, iguaes, *" P"r* do rei. Os imperadores nomearam depois certo numero de letrados e niilitarcS, que chamaram condes. *Genealogias varias.* Man. cit. — Os primeiros condes * ram com o conde D. Henrique.

[2] Havia os cavalleiros fidalgos, antigos *miles* ou *milites,* e oavalleiiios sl" pies ou vilião, antigos *cavallarii* ou *milites vilani,* não fidalgos, tambeni c'l' inados escudeiros por trazerem um pequeno escudo branco. — Herculano. ll's,or *de Portugal.* — Viterbo, *Elucidário.*

Regimento de 10 de dezembro de 1570. ^

•i Foral de Coimbra, dado na 7.ª calenda de junho da éra de Cesai 1140, ou 1111 da éra christã. Ap. *Diecionario jurídico* de Andrade e Silva'

A Cavallaria não só tinha a preeminencia na hosto, mas, pelos núcleos certos constituídos pelos fidalgos, e com os quaes o rei podia contar nos momentos de perigo, representava, por assim dizer, um exercito permanente, ou de relativa permanencia> e do qual se dispôz sempre nos lances críticos da vida da nação.

Já no século xii encontramos a Cavallaria em Portugal com uma certa organisação, sujeita a regras e preceitos tradicionaes, não como orgão dependente do mecanismo complexo chamado exercito, mas como corpos autonomos, com a solidez e unidade bastante para constituírem uni terrível elemento destruidor nas luctas corpo a corpo. Comtudo, o que se chama probamente organisação, só podemos encontral-a, rudimentarmente, no tempo de D. Fernando, nos seus sábios regulamentos \ laborados com os elementos, não só da tradição peninsular, ias da experiencia e sabedoria estrangeiras; e mais tarde no tempo de D. Affonso V, no seu excellente *Regimento de guerra*

Até ao século xiv, emquanto a infanteria, ou *peões,* combatia um tanto desordenada e livremente, armada de bestas, ""das, arcos e flechas, paus tostados, arremessões, maças, barras' gadanhas e outras armas, a Cavallaria tinha na experiencia t'os capitães os seus regimentos, onde havia muito da sabedoria romana, gothica e sobretudo arabe [3].

[1] Concorreu para isso a vinda a Portugal do general duque de Cambridge, itipuis genro de el-rei. D'essa época data, como veremos, a creação dos cargos de ""*deslavei* e *marechal,* que deram maior unidade de acção ao cominando supe-'01 exercito. Depois do conde de Cambridge tivemos outros generaes estran-M-iros, como educadores do nosso exercito: —o conde Schomborg, no tempo de JoJo II ; o conde de Scbaumbourg Lippe no de D. José I, e finalmente Bereslorij

' marquez de Campo Maior, 110 principio d'este século.

Ordenações do Senhor Rey D. Affonso V, Liv. 1, tit. 11.

^ ' ' •.. pello que se escreve nas Historias e com bom juizo se pôde entender c*"as, eu creo que da Milicia dos Mouros (contra quem outo séculos campearam <lrmas de Hespanha) recebemos a maior parte dos institutos militares ; tanto I, | .Sores',a a ult'ma nação com que batalhamos, quanto por se julgar por mais [1] osa que as antigas, como se viu no effeito . . . Esta doutrina, sobre barbara,

A infanteria pouco mais era do que a auxiliar da Cavallaria, e juntas formavam a *hoste.*

*

o primeiro cavalleiro, nos dilficeis transes da guerra era o rei: — assim o foi D. Affonso Henriques em Ourique e Santarém, D. Sancho nas batalhas do Algarve, e D. Affonso III, e H-Affonso IV, e D. João I, e D. João II, e D. Sebastião, e H-João IV.

Cavalleiros eram os homens commandados pelo *guarda~mór*, e depois pelo *capitão de ginetes* [1] a quem era contiada a guarda do rei, em numero de 20 no tempo de D. Affonso V, « armados de cotas e barretas, braçaes, lanças e espadas »[1] que houve tempo em que foram em numero de 200, chegando a formar 4 companhias no tempo dc D. Pedro II [3].

A Cavallaria era a flôr, a nata da sociedade portugueza-Paulo Lacroix[4], o celebre «Bibliophile Jacob», fallando da Cavallaria da Meia Edade, diz que ella era « uma associação fraterna, ou antes um compromisso enthusiastico, entre gel1te de coração e de coragem, de delicadeza e de dedicação-»

Nascida da lucta a monarchia lusitana, e na lucta revigorada, não podia deixar de ser para ella os seus homens mais considerados e queridos aquelles que pelo seu valor e coragem consolidavam e impunham ao respeito universal a pequena monarchia que surgira de um campo de batalha. E sendo a Cavai

proveitosa, se estendeu mais especialmente o uso de Cavallaria, em que os afric-[1] nos mostram maior destreza.»-— Francisco Manuel de Mello, *Epanaphora trag"""*

[1] O cargo ou titulo de *capitão de ginetes* foi creado por D. João H [n'] pessoa de D. Fernando Martins de Mascarenhas, commandante da guarda real- • guarda de *alabardeiros* foi creada por D. Sebastião, para sua segurança pes*[0,]

[2] *Ord. A/f.,* Liv. I, tit. LI, § 6.°.

[3] Dec. de 7 de maio de 1704, e *Regimento* do 11 do mesmo mez.

[J] P. Lacroix, *t.a vie militaire ait Moyen-âge et à Vépoque de la lte',al' sance.*

'ária a força principal, e sem competencia n'aquelles tempos, compreende-se que no heroico exercicio d'ella estivesse o principal meio do portuguez se nobilitar e ascender ás maximas honrarias e grandezas.

Assim tivemos, com categorias distinctas, mas com uma funcção commum na guerra, a Cavallaria propriamente chamada militar, e a Cavallaria de honraria; sendo aquella composta de cavalleiros armados na guerra, onde conquistavam as suas esporas de ouro, ou dos seus descendentes, e esta dos cavalleiros pertencentes ás ordens religiosas.

Ainda em 1642 [1] o servir na Cavallaria pertencia particularmente ás pessoas nobres e fidalgas ; ainda no principio d'este seculo a tradição da fidalguia existia n'aquella arma, onde de Preferencia se alistavam os filhos da classe nobre ; mas o certo é que, desde os primeiros tempos, essa honra podia ser conquistada no campo da batalha, podendo os peões chegar a cavalleiros[2] e mesmo a cavalleiros de esporas d'ouro, e serem recebidos nas ordens militares.

Os que não tinham alcançado na batalha a honra de cingir a espada, de afivelar a espora, de enfiar o escudo e empunhar a lança ou a facha d'armas, se a possuíam é porque a haviam obtido de herança, pela nobreza da sua descendencia.

Aos sete annos era o filho do nobre conduzido aos paços feudaes, ou aos ricos solares, para alli ser educado ao cuidado de illustres damas, no culto da religião e das armas; aos quatorze assistido por seus paes, o joven pagem era pelo sacerdote investido aos pés do altar, na qualidade de escudeiro, sendo-lhe então cingida pelas ungidas mãos a espada que elle era incumbido de honrar e ennobrecer. Aos vinte [3]. se no campo de batalha não

Alv. ile C de fevereiro.

[2] Nos velhos costumes godos era aos quatorze annos que se dava aos mancebos a emancipação social e guerreira, entregando-se-lhe, n'uma ceremonia especial < a espada, a lança e o escudo. — Pilkington, *Hislory o/ lhe Goths.*

[3] Ha exemplo de serem armados cavalleiros de menor edade ; assim succedeu a Nuno Alvares Pereira. Quando a rainha D. Leonor Telles o quiz armar, não havia capacete que lhe servisse, tão pequeno era o futuro Condestavel ; foi preciso

tivesse fido melhor ensejo de ascender á dignidade superior[1], era armado cavalleiro com grande pompa, juntando-se as ceremonias militares ás religiosas, afim de receberem no honrado grémio o illustre novel [2].

Essas ceremonias, — como o velar as armas; o jejum; o recolhimento durante tres dias n'uma capella, para rezar; as vestes brancas do neophyto, symbolisando a pureza; a benção da espada, o ceremonial da investidura, — davam ao caso um caracter de grandeza e gravidade.

Isto impunha ao homem, assim enaltecido, o indeclinável dever de conservar religiosamente as suas armas, sem poder dispor d'ellas para fins menos dignos, — como vendendo-as, efli" penhando-as no jogo ou nas tabernas, deixando-as ern mãos de barregãs ; de não praticar actos vis 110 contracto com os homens, nem mostrar cobardia nos momentos difficeis[3]. Qualquer d'estes irreparáveis crimes de lesa-dignidade era motivo p[a'a] desautoração, ceremonia tão solemne como a da investidura, em que a mão de um escudeiro cortava com um cuLelo, ao homem condemnado a ser expulso do grémio da Cavallaria, [<l] cinta da espada e a correia das esporas, que não mais podia tornar a usar [4].

Comprehende-se, pois, como era realmente composta + de

servirem-se do capacete de D. João [1], que também muito menino fôra investido n'aquelle grau. Em todo o caso estava estabelecido que antes dos vinte annos n[1 0] se podesse receber tal honraria. Em França a edade limite era de vinte e um • nos, e cita-se como raro exemplo o facto de S. Luiz, escrupuloso respeitadoi da. regras da Cavallaria, haver armado cavalleiro aos dezeseis annos o filho do p[r1]" cipe de Antiochia.

[1] A ceremonia no campo de batalha, sobre os despojos do inimigo, [011] ralmente em vespera de batalha, era da maior simplicidade. Bastava o logar [c] ' oircumstancia para lhe dar toda a importancia e valor.

[2] São tradicionaes, entre outras, as pompas com que foram [feitos] cavai *• ros, por el-rei D. Pedro, o primeiro conde de Barcellos, D. Affonso Tello, e, P[0'] el-rei D. Affonso V, seu irmão D. Fernando.

[3] *Ordenações Affonsinas.*

[J] Quando o crime era de maior gravidade a desautoração era incumbid' ao carrasco.

8ente distincta, não só pelo seu valor, mas pelas suas qualidades de educação e de caracter, a Cavallaria, a flôr, o núcleo, a fibra da aguerrida milicia medieval portugueza. Era uma escola de guerra, onde a lucta pela vida, uma lucta de todos os fomentos, estabelecia a selecção, convertendo Portugal n'uma especie da antiga Sparta, dos costumes sobrios e do culto pela forÇa e pela coragem

Ao primeiro alarme os tínhamos reunidos sob o estandarte real, conduzido pelo *alferes-mór* e que era como que a baneira do mastro grande, na capilaina, a sobrepujar a toda uma "oresta de mastros empavezados de uma forte armada guerrei-'a ! cada povo, cada capitão levava a sua insígnia, em volta da fIual pelejavam.

A Cavallaria formava massas de ferro, verdadeiros couraçados, que ora manobravam isoladas, ora reunidas, formando 'aladupas irresistíveis.

[1] As *Ord. Aff.,* quando tratam dos cavalleiros, «como e por quem devem set feitos e desfeitos», dizem que tres cousas necessitam os defensores do paiz, a Sil|ber «esforço, honra e poderio», e dão as razões porque são os cavalleiros aquel-'os a quem « mais principalmente pertence a defensiva». Liv. i. lit. LXIII. Segundo c'to, os germanos não confiavam armas aos mancebos antes das tribus os reconhecerem aptos e em condições de poderem usar dignamente d'ellas. Só então é 'Ue Perante a assembléa, um dos chefes, ou o pae, ou um parente lhe entregava o s<udo e a lança (framea.) — Tácito, *Costumes dos Germanos.*

" Cavalhero chamam, e dizemos cavalhero ao homem nobre ; a toda a acção 'ma, que se obra, chamamos cavalharia e lance de cavalhero ; á generosidade, á '"oralidade, ao primor, ao bom trato, ao valor, á cortezia, á ostentação, ao lusi-"'cnto, âs coisas que mais se estimam no mundo, alli chamámos de cavalhero.» — *"s^acções de cavallaria de brida,* por Antonio Pereira do Rego.

Alferes, da palavra arabe *jerezc*, que correspondia a cavalleiro, e que taeria dizer porta-bandeira. Alferes-mór era o que levava a signa ou bandeira rea'> quando o rei commandava a hoste em pessoa ; era uma bandeira que dava o Sl8nal de combate, e não se desenrolava senão em batalha campal, seguindo todas mais bandeiras o exemplo. A bandeira real era maior que as mais bandeiras e IH,'ndões.

Nos primeiros dois séculos da monarchia, emquanto o exercito se não organisou n'um corpo uniforme, a guerra tinha geralmente o caracter de uma correria, ou de uma expedição de mão armada, que, ora se realisava com grande poder de mihcia, ora por meio de partidas mais ou menos numerosas.

Isto na offensiva ; na defensiva era um combate corpo a corpo, em volta dos castellos, ou das povoações, que tinham de estar quasi sempre alerta, com os seus *escuitas* e atalaias a postos, para ao menor signal do inimigo o denunciarem, P^ro' cedendo-se immediatamente ao *appellido,* ou convocação de todos os homens validos, por meio de trombetas o rebate de sinos. Todos pegavam então nas armas que tinham obrigação dc ter, montavam a cavallo os que eram obrigados a manlel-o, ^c sabiam a campo, a maior parte das vezes desordenadamente, devendo o bom ou mau êxito do eonflicto á sua maior ou menoi destreza e coragem.

Como o caracter subitaneo d'estes ataques ou emprezas requeria principalmente a Cavallaria, para a promptidão do golpe e rapidez da retirada, a força de cavallos com que levavam a effeito as expedições ou *cavalgatas*, como então lhes chamavam- dependia da qualidade d'ellas.

Ou era uma empreza de maior monta e a *hoste* marchava com poderosa mão armada, capitaneada pelo rei, ou a expedição se effectuava em *mesnadas* de força variavel, tendo p^o1 caudilhos, quer o alcaide, quer pessoas de reconhecida auctoridade.

Na *hoste* era a seguinte a disposição d'essa grande unidade, que hoje chamaríamos exercito : reparlia-se em quatro ou cinco corpos, depois chamados *batalhas* (ordinariamente quatro) [1], a saber : a vanguarda [2], denominada *dianteira,* a retaguarda [3], 011 *çaga,* e as alas direita e esquerda, ou *costaneiras-*

[1] Na tomada dc Sevilha (1130) pelo infante S. Sancho, depois rei de P^or' tugal, o exercito foi dividido em cinco batalhas. — *Chronica d'El-Hei D. Ali^o"' so Henriques*, por Duarte Nunes de Leão.

[2] Bemguarda, ou avanguarda, ou vanguarda, segundo a época.

[3] Reguarda, ou retroguarda, ou retaguarda.

Quando a divisão era em cinco corpos 011 batalhas, um era [1] ollocado no centro, e chamava-se batalha *média*

A dianteira era um corpo de *êlite* commandado em geral l)elo primogénito do rei, ou por um capitão de relevante mérito, [u] composto dos fidalgos mais distinctos ; na *çaga,* cujo cominando ordinariamente era dado a um filho bastardo do rei, iam os [n°]bres de menor categoria, e as coslaneiras eram commandadas Pelos lilhos segundos do monarcha.

Quando não fossem príncipes ou infantes, como então os chamavam, os que capitaneavam estas grandes fracções, era o cargo confiado a homens de armas de reconhecido valor e alta '•nhagem.

Na batalha de Aljubarrota assim succedeu, e o grande Camoes descreve-o do seguinte modo :

Os primeiros armigeros regia
quem para reger era os mais possantes
orientaes exercitos, sem conto,
com que passava Xerxes o Hellesponto.

Dom Nuno Alvares, digo, verdadeiro
açoute dos soberbos castelhanos . . . -

Outro, também famoso cavalleiro,
que a ala direita tem dos Lusitanos,
apto para mandal-os e rcgel-os,
Mem Rodrigues, se diz, de Vasconcellos.

[1] A batalha média foi depois conhecida pela *batalha* propriamente dita, 011 *P°<* conservando as duas, anterior e posterior, os nomes de vanguarda e reta- *"arda. — .<1 rie militar,* de Mendes de Vasconcellos. — *De re militari,* manuscri- [pto] 'la Bibliotheca Publica.

Este Nuno Alvares, diz o *Chronicon Conimbricense,* era muito certeiro [11] armar as batalhas e vencel-as, em nome d'aquelle senlior (o Mestre d'Aviz), [qUe n] lez contra grandes cavalleiros e senhores de Castella.

^ Era filho do prior do Hospital Alvaro Gonçalves Pereira, e com a filha d'el- [Cj]sou el-rei D. João I seu filho D. Affonso, a quem deu o primeiro titulo dc Sue de Bragança.

li (ia outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
que depois foi de Abrantes nobre conde,
das gentes vai regendo a sestra mão.

Logo na retaguarda não se esconde
das quinas e castellos o pendão,
com Joanne, Rei forte cm toda a parte,
que escurecendo o preço vai de Marte.

Lus., cant. i\. est. ia, 31, 25.

(Continua).

Christovam Ayres.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

por JOÃO DINIZ, prefaciadas por EÇA DL QUEIROZ—-Intimas, por CIIRISTOVÃO AYRES

-iquarellas, de João Diniz, não envelhecem nem murcham d'um dia ,ira 0 °utro. Por isso, embora sahidas do prelo ha já algum tempo, tem ain- ac tualidade no nosso Boletim a noticia que se refira a esse bello livro de v<=rsos.

0 magnifico prefacio com que o snr. Eça de Queiroz enriquece o Volume f'ne-nos e aponta-nos claramente a corrente ou tendeneia em que vai o es- poeta através das 140 paginas da obra.

João Diniz tem o raro valor de nos dar sentimentos e impressões since- dentro d'uma fórma límpida, em que se não nota ou adivinha um exage- ro esforço d "arte.

Kssa limpidez, que nos deixa vêr e sentir quanto excitou e feriu o cora- ^ Poeta, assemelha-se mais á d'uma agua viva, que se espraia dôcemente. 'fie ao brilho d'um diamante, que uin obreiro paciente, como os lapidarios nsterdam, estivesse polindo durante dias e noites.

^ ^s vezes nota-se, mesmo, uma ou outra negligencia de menos bom effeito. ellas poucas, e a fórma clara e simples dó livro dá-nos, na verdade, ^'ato encanto e um fresco aroma da vida, que parece ser por nós directa- "lentp aspirado n'essas paginas.

eonio se, — depois de percorrermos — ao ler tantas e tão requintadas e C,0Sas obras de uma penivel litteratura de decadentes — um museu de ^ os raros, n'uma curiosidade intensa — abríssemos uma larga janella dei- 0 sobre os campos, e de lá nos viesse o bafo morno das coisas vivas: da yva I 'uinida, das arvores escorrendo selva, dos ribeiros mugindo, dos lavra- i s - das ceifeiras cantando ao longe, dos moinhos rodando e rangendo, esin- s aromas de campo, os tranquillos aspectos de existências simples.

a interpretação eommovida dos sêres e das paizagens rústicas — o <Iue '"'"* nos prende no livro de joão Diniz, ([uer elle nos dè uni occaso, de luz (iue"1(e alaranjada, quer nos mostre um adro ou uma deveza batida de sol.

O proprio tom desprendido e solto da sua Ironia passageira e leve te1" uni <juè da graça e da malícia nativa do povo. E quando é uma dôr, uWa saudade, um desgosto que lhe faz vibrar os versos, a sua tristeza nunca e tira e revoltada. Paira-llie sobre a pagina uma melancolia dôce, em cuja ma tenue se esbate e como que se suavisa tudo.

É esta a impressão geral que nos fica da leitura das *Aquarellas.* Se são um livro igualmente original e vivo em todas as cinco partes, e se na1 são um Irabalho artístico impeccavet — revelam, no emtanto, um temPc1 mento poético, que tem estas duas boas e raras qualidades d'arte: em0**10 sincera e expressão fácil.

Seria injusto não fallar na edição d'este livro, que é realmente pri"H rosa. É da livraria Gutenberg. do Porto.

As *Intimas,* de Christovâo Ayres, são o seu livro do lar, a obra que o '" tista consagra á família, cantando assim os mais castos e puros senti®e" 0

Quasi que se receia fallar d'um livro d'estes, não porque o não inei v mas porque suppomos sempre — estranhos como somos — profanar, critiC'"1 do-os, esses versos repassados d'amor, de affectos íntimos, de aleg"115 gradas.

O maior elogio que se pode fazer a uma obra d'esta natureza, e con» tar que, ao percorrer as suas paginas, nos julgamos, por momentos, recebi110 entre esse pequeno... e immenso mundo n'ellas cantado, e que, pelo calor verdade e sympatliia com que são contadas, assistimos a todas as scenas P' que o poeta teve uma palavra eommovida ou graciosa, sobretudo quando suas estrophes cingem, como uma grinalda de rosas claras, as frontes el1 1adoras de Nally e de Cande.

é u ua»'

E tudo isto se sente com o livro de Christovâo Ayres, cuja fórnia ' sempre correcta e litteraria.

O Secretário da Redacção

Manoel da Silva ***Gayo•***

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance tle RIDER HAGGARD, traduzido do Inalai

Agora que este livro está impresso, e em vesperas de cor-'tíl o niundo largo, começa a pesar fortemente sobre mim a desconfiança de que, para elle ser aceitavel, muito lhe falta c º m º Estylo e como Historia.

Emquanto á Historia, realmente, não pretendi, nem tennietter n'estas paginas tudo o que fizemos e tudo o que vi- 11103 na nossa viagem á terra dos Kakuanas. Ha todavia n'esse Cstranho povo coisas que mereciam exame detalhado e lento :

Apresentando hoje, em conformidade com o Programma da *Revista* (que, 'ra\és de difficuldades, vamos lenta e progressivamente realisando), a traducção "lia obra de Litteratura Estrangeira, e escolhendo-a na Litteratura Ingleza, tão º a e tão desconhecida entre nós, demos a preferencia, por motivos muito com- ' re ı letls iveis, a uma obra de Imaginação, a um Romance que, n'estes últimos cinco tem em Inglaterra obtido a mais larga e mais duradoura popularidade. ser u 'n d'esses trabalhos de alta litteratura, que se impõem pela elevação ^Js ren< tencias, pela profundidade e delicadeza da observação, pelo forte e fino es- ^ 0 da natureza e da vida, e polo brilho d'uma fórma superior, as *Minas de Sa-* """>, de Rider Haggard, tiveram centenas de edições, provocaram commentarios "ni, foram traduzidas nas linguas mais cultas da Europa, e crearam um ge- ^ "• de que todavia, pela espantosa invenção e pela excellencia da factura, as "'as Permanecem o inegualavel modelo. A popularidade das *Minas* provém " duvida de que Rider Haggard, comprehendendo que o meio cm que se movo ^ º n 'ance moderno está demasiada e fatigantemente explorado, arrasta o Leitor

— a sua Fauna, a sua Flora, os seus costumes, o seu dialecto (tão aparentado cora a lingua dos Zulus) o magnifico systema da sua organisação militar, a sua arte subtil em trabalhai os metáes . . . Que interessante estudo se faria, além d'isso, com as lendas que ouvi e colleccionei ácerca das armaduras de malha que nos salvaram na batalha de Loo ! Que curiosa, tambem, a tradição que entre elles se tem perpetuado sobre os *Silenciosos,* os dois colossos que jazem á entrada das caveinas de Salomão! No emtanto pareceu-me (e assim pensaram o barão Curtis e o Capitão John) que seria mais efficaz contar a historia a direito, e sêccamente, deixando todas estas pa ticularidades sobre a região e sobre os homens para serem tratadas mais tarde, n'um tomo especial, com minudência e largueza.

Resta-me pois implorar benevolencia para a minha tosca maneira de escrever. Estou mais habituado a manejar a carabina do que a penna — e sempre me foi alheia a fina arte dos arrebiques e floreios litterarios. Talvez os livros necessitem esses floreios e ornatos : não sei, nem possuo auctoridade para o decidir : mas, na minha barbara idéa, as coisas simples sao as mais impressionadoras — e mais facilmente se deve acreditai e estimar o livro, que venha escripto com séria e honesta sinc

para muito longe da sua civilisação, dos seus hábitos, das suas paixões, do stU scenario habitual, — e lança-o na Africa, na *A/riea portentosa*, n'esse secreto escuro continente, onde, como diz um dos seus exploradores, tudo succede, o *possível, e até mesmo o que é possível !* A Africa todavia com as suas regiõcS os seus povos, já em parte popularisados por narrações de viagens, não seria su' ficiente para prender o Leitor, se Rider Itaggard não tivesse collocado n'esse "lC" — a acção mais nova e mais estranha, já pelos extraordinários episódios, já l)C1a inesperadas revelações da vida negra, já pelas singulares paizagens, já pelo '"" ' que toda essa acção se dirige, fim tão cheio de mysterio e de irresistível fascin cão. A maioria dos Leitores procura na mera obra de ficção, que serve para c" clier e encantar as horas livres, alguma coisa *nova e emovente.* Essa *emoç"o* essa *novidade* dá-as Rider Haggard — e n'uma fórma litteraria excellente, graciosa, cheia de relevo. Isto decerto trará ás *Minas de Salomão,* em Portugal e l,l Brazil, o vasto numero de leitores, que por toda a Europa tem grangeado es'£ raro e originalíssimo livro.

'Gza. *Lança aguda não precisa brilho*, diz um provérbio dos Kakuanas : e, movido por este conselho da sabedoria negra, arrisco-me a apresentar a minha historia, núa, lisa, nas suas 'ilhas verdadeiras, sem lhe pendurar por cima, para a tornar "'ais vistosa, os dourados galões da Eloquência.

A llão Quartelrnar.

CAPITULO I

ENCONTRO COM OS MEUS CAMAUADAS

E bem estranho que n'esta minha edade, aos cincoenta e S(-ls annos feitos, esteja eu aqui, de penna na mão, preparando-me a redigir uma historia !

Nunca imaginei que tão prodigiosa occorrencia se pudesse dai'

na minha vida — vida que me parece bem cheia, e vida 'lie nie parece bem longa . . . Sem duvida, por a ter começado 'ào cedo ! Com effeito, na edade em que os outros rapazes ainda s°'etram nos bancos da escola, já eu andava agenciando o meu ')ílo por esta velha colonia do Cabo. E por aqui fiquei desde °ntão, mettido em negoeios, em serviços, em travessias, em berras, em trabalhos — e n'essa dura profissão, que é a mi-n"'a, a caça ao elephante c ao marfim. Pois, com toda esta dili-^ leia, só ultimamente, ha oito mezes, *arredondei o meu sac-*

E um bom sacco. E um sacco graúdo, louvado Deus. Creio "lesr>io que é um tremendo sacco ! E apesar d'isso, juro, que ')ara o sentir assim, redondo e soante entre as mãos, não me riscava a passar outra vez os transes d'este terrível anno que " Vai. Não ! Nem tendo a certeza de chegar ao fim com a I'°lle intacta e com o sacco cheio. Mas eu no fundo sou um ti-'ni('o, detesto violências, e ando farto, refarto de aventuras !

Como dizia pois, é coisa estranhíssima que assim me lan-

ce a escrever um livro. Não está nada no meu feitio ser homem de prosa e de letras — ainda que, como outro qualque', aprecio as bellezas da Santa Biblia e gózo com a *Historia do Rei Arthur e da sua Tavola Redonda*. No emtanto tenho razões, e razões consideráveis, para tomar a penna com esta maº inhabil que ha quasi cincoenta annos maneja a carabina. primeiro logar, os meus companheiros, o barão Curtis e o digiºº Capitão da Armada Real John Good (a quem chamo por habito «o Capitão John») pediram-me para relatar e publicar a nossa jornada ao Beino dos Kakuanas. Em segundo logar, estou aqui em Durban, estirado n'uma cadeira, inutilisado para unias se manas, com os meus achaques na perna. (Desde que aquelle W fernal leão me traçou a côxa de lado a lado, fiquei sujeito a estas crises, todos os annos, ordinariamente pelos fins do outo no. Foi em fins de outono que apanhei a trincadella. F duro que depois de um homem matar, no decurso da sua honrada carreira, quarenta e cinco leões, seja justamente o ultimo, o quasc dragesimo ssxto que o file e use d'elle como de tabaco que masca. É duro! Quebra a rotina, a estimável rotina — o Pau mim, pessoa d'ordem, qualquer surpreza me sabe peor do 1U" fel). Em terceiro logar, além d'encher os meus ocios, compºnºº esta historia para meu filho Henrique, que está em Londres, interno no hospital de S. Bartholomeu, estudando Medicina- uma maneira de lhe mandar uma longuíssima carta que o en tretenha e que o prenda. Serviço de doentes, n'uma enfermai abafada e lobrega, deve pesar intolerável mente. Mesmo o rela lhar cadaveres termina por ser uma rotina, rica em monoº nia e tédio : — e assim esta historia, onde tudo ha menos tº dio, vai por uns dias levar ao meu rapaz uma saudavel e ale gre sensação de aventuras, de viagens, de força e de vida 1' vre. E emfim, como ultima razão, escrevo esta chronica, Poº ser, sem duvida, a mais extraordinaria que conheço — na ltea lidade ou na Fabula. Digo «extraordinaria» mesmo para ºs Leitores profissionaes de Romances—apesar de n'ella não tra ver mulheres, além da pobre Fulata. Ha Gagula, sim- 1 aS esse monstro tinha cem annos, pouca fórma humana, e não se»

s'bilisa. Em Iodas estas duzentas paginas, realmente, não passa *Ulla saia.* E todavia, assim escasso como é nas graças do Feminino, não creio que exista um caso mais raro e mais captivanle.

A única vez que tive de fazer publicamente uma narrado foi diante dos Magistrados, no Natal, quando depuz como testemunha sobre a morte dos nossos serviçaes Khiva e Vanvogel. por esga occasigo comecei assim, muito dignamente, com "Pprovação de todos, com louvores do periodico de Durban : — "Eu, Allão Quartelmar, residente em Durban, no Natal, *gen-* *^ernan, declaro e juro que ...* » — Não me parece porém que soJa esta a adequada maneira de principiar um livro. Além isso posso eu affirmar, em typo de imprensa, que «sou um **entleman?»* O que é um *gentleman?* O que é ser *gentleman?* Conheço aqui Cafres nús que *o são:* e conheço cavalheiros ('legados de Inglaterra, com grandiosas malas e anneis d'armas 1103 dedos, que *o não são.* Eu, pelo menos, nasci *gentleman* 'aPesar de me ter volvido depois n'um pobre e simples ca-(,ador de elephantes. Ora, se n'essa carreira e nos acasos que e"a me trouxe, permaneci sempre *gentleman,* não me compete mim avaliar. Deus sabe que com valente esforço procurei "nservar-me *gentleman* — como nascera. Tenho morto, é certo, "mito homem: mas estas duas mãos, bem haja a minha fortu-' estão puras de sangue inútil. Matei para que não me matas-Sem- O Senhor deu-nos as nossas vidas, como sagrados deposil,ls (iue lhe pertencem e que devemos defender. Guiei-me sem-P'e por este principio: e conto que o bom Deus, um dia, me ^'ra lá em cima —« *Fizeste bem, Quartelmar/»* Este mundo, "eus amigos, é áspero de atravessar: e os destinos violentos im-P"em-se por vezes com uma lógica inexorável. Aqui estou eu, mem ordeiro, timido, bonacheirão, que, constantemente, desde "ança, me acho envolvido em carnificinas! Felizmente nunca oubei. Uma occasião, é verdade, abalei com quatro vaccas que ertenciam a um Cafre. Mas o Cafre tinha-me rapinado sordimente — e desde então essas quatro vaccas trago-as sempre ha p

Lonsciencia. Só quatro vaccas. Pois têm-me pesado mais que U,na manada de gado!

Foi ha dezoilo mezes, pouco mais ou menos, que encontrei os dois homens que deviam ser meus companheiros n'esta aventura singular á terra dos ICakuanas. N'esse outono, eu andára n'uma grande batida aos elephantes, para lá do districto de Bamanguato. Tudo n'essa expedição me correu mal, e pº' fim apanhei as febres. Mal me pude ter nas pernas, larguei para as minas de Diamantes (as Diamanteiras), vendi o marfim. qlie trazia, passei o carrão e o gado, desbandei os caçadores, e to mei a diligencia para o Cabo. Ao fim d'uma semana, no Cabo, descobri que o Hotel me roubava infamemente: além d'isso Jª vira todas as curiosidades, desde o novo Jardim Botânico 1ue ha de certamente conferir grandes benefícios á cidade, até ao novo Palacio do Parlamento que, tenho a certeza, não ha d' conferir benefícios nenhuns: de sorte que decidi voltar para º Natal pelo *Dunkeld,* pequeno vapor costeiro que estava nas docas á espera do paquete de Inglaterra, o *Edinburgh Castle.* Tomei passagem, e fui para bordo. N'essa tarde chegou *Edinburgh Castle:* os passageiros que trazia para o Natal transbordaram para o *Dunkeld,* e levantámos ferro ao Pº do sol.

Entre os passageiros de Inglaterra, que mudaram para *Dunkeld,* havia dois que me despertaram logo certo interes^1' Um d'elles, um homenzarrão de perto de trinta e cinco anno , ^ tinha os hombros mais cheios e os braços mais musculosos que eu até ahi encontrára, mesmo em estatuas. Além d'isso cabel'º, ondeados e côr d'ouro; barbas ondeadas e côr d'ouro; feiÇºeí aquilinas e de córte altivo ; olhos pardos, cheios de firmeza e ile honestidade. Varão esplendido que me fez pensar nos anti?º ' CO' Dinamarquezes. Para dizer a verdade, Dinamarquezes so nheci um, moderno, horrivelmente moderno, que me estafou c-' libras: mas lembro-me de ter admirado um quadro, os Antin *Dinamarquezes,* em que havia homens assim, de grandes ha ^ bas amarellas e olhos claros, bebendo n'um bosque de carval por grandes cornos que empinavam á bôca. Este cavalhei

(vim a saber depois) era um Inglez, um fidalgo, um *baronel.* Chamava-se Curtis — o barão Curtis. E o que me feriu mais ioi elle parecer-se extremamente com alguém, que eu encontrara no interior, para além de Bamanguato. Quem ?... Não me podia lembrar.

o sujeito que vinha com elle pertencia a um typo absolutamente differente, baixo, reforçado, trigueiro, e todo rapado. Calculei logo pelas suas maneiras que tínhamos alli um official de marinha ; e verifiquei depois, com effeito, que era um primeiro tenente da Armada Real, reformado em Capitão-tenente, e Por nome John Good. Esse impressionou-me pelo apuro, ^unca conheci ninguém mais escarolado, mais escanhoado, mais engommado, mais envernizado ! Usava no olho direito um ^idro, sem aro, sem cordel, e tão fixo que parecia natural eonio a palpebra. Nem um só momento o surprehendi sem Ucíuelle vidro, e cheguei mesmo a pensar que dormia com elle Cravado na orbita. Só muito tarde descobri que á noite o met-

no bolso das calças — no mesmo bolso em que guardava a dentadura postiça, a mais bella, a mais perfeita dentadura que me recordo de ter contemplado, mesmo em annuncios de dentistas. E o Capitão, d'estas, possuía duas !

Apenas nos fizemos ao largo, começou o mau tempo. Brisa orte, névoa húmida e fria. Depois cada solavanco (o *Dun-* eld, barco de fundo chato, não levava carga) que não se podia ai'riscar uma passada confortável na tolda. De sorte que me recolhi para junto da machina, onde fazia um calorzinho se-'eno, e alli fiquei olhando para o pêndulo, que marcava, com desvios largos, o angulo de balanço do *Dunkeld.*

— Pêndulo errado, rosnou de repente unia voz ao meu 'ado, na sombra da noite que cahia.

Olhei. Era o official de marinha.

— Errado, hein? . . . Acha? perguntei.

— Acho o que? ... Se o vapor se inclinasse quanto mar-Ca n

o pêndulo, não se tornava mais a levantar ... Aqui está o ''Ue eu acho. Mas é sempre assim, com estes capitães de marinlla mercante...

Felizmente, n'esse instante, tocou a sineta do jantar, com immenso allivio meu—porque se ha, sob a cupula dos céos, uma coisa temerosa, é a loquacidade d'um official da marinha de guerra, desabafando sobre a inépcia dos officiaes da marinha mercante. Peor do que essa coisa temerosa—só a coisa inversa !

O Capitão John e eu descemos juntos para o salão. O barão Curtis já lá estava, no topo da mesa, á direita do commandante do *Dunkeld*. John accommodou-se ao lado do seu companheiro : eu defronte, onde havia dois talheres desoccupados. Logo depois da sopa o commandante, com a lamentável mania dos homens do mar, começou a fallar de caça. Prl' meiramente de caça miúda, de condores e de abutres. Depois passou a elephantes.

— Ah 1 commandante (exclamou ao lado um patricio meu, de Durban), para elephantes temos presente uma grande auctoridade ... Se ha homcni em Africa que entenda de elephantes e aqui o nosso companheiro e amigo Allão Quartelmar.

Por acaso, n'esse momento, eu pousára os olhos no barao Curtis ; e notei que o meu nome, assim pregoado com a minha profissão, lhe causára emoção e surpreza. John cravou também em mim o seu vidro, com uma curiosidade que faiscava. Po' fim o barão inclinou-se, através da mesa, e n'uma voz grave e funda, bem própria do robusto peito d'onde sabia :

— Peço perdão, disse, mas é porventura ao snr. Ali*o Quartelmar que me estou agora dirigindo?

— A elle proprio.

O homemzarrão passou a mão pelas barbas, — e distinctamente, muito distinctamente, o ouvi murmurar: «Ainda bem-1

Não se passou mais nada até ao dôce. Mas fiquei rumina" do aquelle espanto e aquelle «ainda bem!»

Depois do café, enchia o meu cachimbo para subir a tolda, quando o barão, com os seus modos sérios e lentos, adiantou para mim, e me convidou « a passar ao seu beliche' tomar um grog, e conversar ... » Aceitei. O barão occup&va um camarote de tolda, o melhor do *Dunkeld,* espaçoso, are

jado, com um sofá, espelhos, e duas largas cadeiras de ver-

o Capitão John viera também. Todos tres nos sentá-mos, accendendo os cachimbos, emquanto o moço corria pelos grogs.

Houve primeiramente um silencio. Outro criado entrou, a accender o candieiro. Por fim appareceram os grogs.

O barão Curtis então passou a mão pelas barbas, 11'esse "eito que lhe era costumado, e voltando-se bruscamente:

— Diga-me uma coisa, snr. Quartelmar . . . Aqui ha dois annos, por este tempo, esteve n'um sitio chamado Bamanguato, o norte do Transwaal. Não é verdade?

— Perfeitamente, respondi eu, pasmado de que aquelle cavalheiro se achasse, no seu condado, em Inglaterra, tão bem inumado das jornadas que eu fazia no sul d'Africa !

— A negocio, liein? acudiu o Capitão John.

— Sim, senhor, a negocio. Levei uma carregação de fazenda

> acampei fóra da feitoria, e lá fiquei até liquidar.

O barão conservou durante um momento pregados em •nim os seus olhos cinzentos o, largos. Pareceu-me que havia 11 e"es anciedade e temor.

E diga-me, encontrou ahi, em Bamanguato, um homem °baniado Neville?

~ Encontrei. Esteve acampado ao meu lado durante uns 'lu>nze dias, a descançar o gado antes de metter para o norte. 1m ha mezes recebi eu uma carta d'um procurador, perguntando-me se sabia o que era feito d'esse sujeito . . . Respondi Cor*° pude . . .

Bem sei! atalhou o barão. Li a sua resposta. Dizia o Sr"- Quartelmar que esse sujeito Neville partira de Bamangua-' no principio de maio, n'um carrão, com um serviçal e um 'Hador cafre chamado Jim, tencionando puxar até Inyati, ullnia estação na terra dos Matabeles, para de lá seguir a pé, Pois de vender o carrão. O snr. Quartelmar acrescentava 'Ue o carrão decerto o vendera elle, porque seis mezes depois ra~o em poder d'um portuguez. Esse portuguez não se lemílya bem do nome do homem a quem o comprára. Sabia só

que era um branco, e que se mettera para o matto com um Cª' fre . . .

— E verdade, murmurei eu.

Houve outro silencio, que eu enchi com um sorvo ao gro?- Por fim o barão proseguiu, com os olhos sempre cravados em mim, insistentes e anciosos :

— O snr. Quartelmar não sabe quaes fossem as razões que levavam assim esse sujeito Neville para o norte ? . . . Não sabe qual era o fim da jornada?

— Ouvi alguma coisa a esse respeito, murmurei.

E calei-me prudentemente, porque nos iamos avisinhaudo d'um ponto em que, por motivos antigos e graves, eu nao de sejava bolir.

O barão voltou-se para o seu companheiro, como para o consultar. O outro, por entre a fumaraça do cachimbo, baixou a cabeça, n'um *sim* mudo. Então o meu homenzarrão, decid¹ do, abriu os braços, desabafou :

— Snr. Quartelmar, vou-lhe fazer uma confidencia! lhe mesmo pedir o seu conselho, e talvez o seu auxilio . • • ^ agente que me remetteu a sua carta afiançou-me que eu po' dia confiar absolutamente no snr. Quartelmar, que é um mem de bem, discreto como poucos, e respeitado como nenhu"¹ em toda a colonia do Natal.

Dei um sorvo tremendo ao cognac, para esconder o OH" embaraço — porque sou extremamente modesto.

— Snr. Quartelmar, concluiu o barão, esse sujeito chamado Neville era meu irmão.

— Ah ! exclamei !

Com effeito! Agora, agora recordava eu bem com quem o barão se parecia! Era com esse Neville. Somente o outro ti nha monos corpo, e a barba escura. Mas nos olhos havia mesma franqueza, c havia a mesma decisão.

— Era meu irmão, continuou o barão. Meu irmão mai novo, e único. Até aqui ha cinco annos, vivemos sempre junto-' Depois um dia, desgraçadamente, tivemos uma questão, ¹¹¹¹¹¹ terrível questão. E, para lhe dizer a verdade toda, snr. Qual

teimar, eu comportei-me para com meu irmão da maneira mais "ijusta ! Foi sob o impulso do despeito, da cólera, é cerlo . . . ^las em summa comportei-me injustamente.

—-Cruelmente, murmurou do lado o Capitão John, que fumava com os olhos cerrados.

— Cruelmente, com effeito. Como o snr. Quartelmar sabe, em Inglaterra, quando um homem morre sem testamento e não em senão bens de raiz, tudo passa para o filho mais velho. Ora succedeu que meu pai morreu exactamente quando meu irmão ''or?e e eu estavamos assim de mal. Herdei tudo: e meu irmão, (]Ue não tinha profissão, nem habilitações, ficou sem real. O meu dever, está claro, era crear-lhe uma situação independente. 'J o que todos os dias se faz em Inglaterra, n'esses casos. Mas l)Qr esse tempo a nossa questão estava em carne viva. Eu "ao lhe offereci nada. Elle também, orgulhoso, sobretudo brio- ' nada pediu. Assim ficámos, de longe, eu rico e elle pobre ... eÇº perdão de o fatigar com estes detalhes, snr. Quartelmar. "las Preciso pôr as coisas bem claras . . . Não é verdade, John?

— Escrupulosamente claras ! acudiu o outro. De resto o "osso amigo Quartelmar guarda para si esta historia . . .

— Pudera ! exclamei.

Pois bem, continuou o barão, meu irmão possuia de Seu> n'essa época, umas duzentas ou trezentas libras. Um bello dia, agarra n'esta miséria, toma o nome de Neville, e aba- 'a para Africa a tentar fortuna! Eu só o soube tarde, mezes depois d'elle ter embarcado. Passaram tres annos. Noticias d'elle, "enhumas. Comecei a andar inquieto. Escrevi-lhe. Naturalmente ,ls minhas cartas não lhe chegaram. E eu cada dia mais afflicto! p ara o snr. Quartelmar comprehender tudo bem, deve sabei' rI"e, desde pequeno, desde o berço, meu irmão foi a forte e grande affeição da minha vida. E. por outro lado a nossa ques-

assim amarga e aspera por sermos ambos muito novos e muito exaltados, nasceu de quê? D'uma mulher. D'uma mulher ' "J° nome já quasi me esqueceu. E meu pobre irmão, coitado, Se ainda é vivo, não se lembrará mais que eu. Ora aqui tem ! J Ja por isto o snr. Quartelmar comprehende . . .

— Perfeitamente, perfeitamente . . .

— Pois bem, descobrir meu irmão passou a ser a minha idéa constante, dia e noite. Mandei fazer aqui, no Cabo, toda a sorte de pesquizas. Um dos resultados, o mais importante, foi a sua carta, snr. Quartelmar. Importante porque me dava a certeza que, mezes antes, meu irmão estava na Africa, e vivo. Desde esse momento decidi vir eu mesmo, pessoalmente, continuar as pesquizas. Agentes, por mais dedicados, mais bem pagos, nao têm o interesse de coração : é com o coração justamente que eu conto, com a perspicacia, a inspiração especial que elle ás vezes possue. De resto sempre tencionei visitar as nossas colónias d'Africa . . . E aqui tem o snr. Quartelmar á minha historia. O mais extraordinário, é que o tivéssemos encontrado logo, a si, a pessoa justamente que viu meu irmão vivo, a pessoa justamente a quem eu me ia a dirigir apenas chegasse ao Natal- Quer que lhe diga? Acho bom agouro. Em todo o caso, aqui estou, prompto para tudo, com o meu velho amigo, o Capitao John, companheiro fiel de muitos annos, que teve a dedicação de me acompanhar.

O outro encolheu os hombros, sorrindo, com a sua esplendida dentadura.

— Não havia n'este momento nada interessante a fazei na velha Europa ! . . . Gasta, insipidissima, a velha Europa •

Depois, reenchendo o cachimbo, acrescentou muito sério •

— E agora que o nosso amigo Quartelmar conhece os mo livos que nos trazem á Africa, e o interesse que nos prende a esse homem chamado Neville, espero da sua lealdade que nao terá duvida em nos dizer tudo o que sabe, ou tudo que ouvi", a respeito d'elle. Hein?

Impressionado, respondi :

— Não tenho duvida, por ser questão de sentimento.

CAPITULO I I

PRIMEIRA NOTICIA DAS MINAS DE SALOMAO

Sacudi a cinza do cachimbo na palma da mão, e comecei, muito devagar, para tudo pôr bem claro e bem exacto :

— Aqui está o que ouvi a respeito d'esse cavalheiro Ne-vdle. E isto, que me lembre, nunca, até ao dia d'hoje, o disse a ninguém. Ouvi que esse cavalheiro fôra para o interior á busca das minas de Salomão.

Os dois homens olharam para mim, com assombro :

— As minas de Salomão !? Que minas? . . . Onde são?

— Onde são, não sei. Sei apenas onde *dizem que estão*. - Vi ha annos vi de longe os dois picos dos montes que, segundo corre, lhes servem de muralha. Mas entre mim e os montes, meus senhores, havia duzentas milhas de deserto. 12 esse deserto, meus senhores, nunca houve ninguém (quero dizer, homem branco) que o atravessasse, a não ser um, n'outras eras. Porque toda esta historia vem muito de traz, de ha séculos! Ei-lo não tenho duvida em a contar, mas com uma condição: é que os cavalheiros não a hão de transmittir sem minha auctorisação. Tenho para isso razões, e fortes. Estão os cavalheiros de accôrdo?

— Com certeza !

Narrei então longamente tudo o que sabia, historia ou fabula, sobre as minas de Salomão. Foi ha trinta annos que pela primeira vez ouvi fallar d'estas minas a um caçador d'elephantes> um homem muito sério, muito indagador, que recolhera assim, nas suas jornadas através d'Africa, tradições e lendas singularmente curiosas. Tinha-me eu encontrado com elle na corte dos Matabeles, n'uma das minhas primeiras expedições ao interior, á busca do elepliante e do marfim. Chamava-se Adans. Era um dos melhores caçadores d'Africa. Foi estupidamente morto por um búfalo, o está enterrado junto ás quedas do Zambeze,

Pois uma noite, sentados á fogueira, no inatto, succedeu mencionar eu a esse Evans umas construcções extraordinárias com que casualmente dera, andando á caça do *koodoo* por aquella região que fórma hoje o districto de Lydenburg no Transwaal. Essas obras foram depois encontradas, e aproveitadas até, pela gente que veio trabalhar as minas d'ouro. Mas ninguém (quero dizer, nenhum branco) as tinha visto antes de mim. Era uma estrada enorme, magnifica, cortada na rocha viva, levando a uma galeria sem fim, mettida pela terra dentro, toda de tijolo, e com grandes pedregulhos de minério d'our empilhados á entrada. Obra extraordinaria! E a raça que a fizera — desapparecera, sem deixar um nome, nem outro vestígio de si, além d'aquella estrada e d'aquella galeria, que revelavam um grande saber, uma grande industria e uma grande força !

— Curioso! murmurou Evans. Mas conheço melhor!

E contou-me então que no interior, muito no interior, descobrira elle uma cidade antiquíssima, toda em ruinas, que tinl'a a certeza de ser Ophir, a famosa Ophir da Biblia. Lembro-®º bem a impressão e o assombro com que eu escutei a historia d'essa cidade phenicia perdida no sertão d'Africa, com os seu& restos de palacios, de piscinas, templos, de columnas derrocadas ! . . . Mas depois Evans ficára calado, scismando. De repente diz :

— Tu jã ouviste fallar das serras de Suliman, umas granades serras que ficam para além do territorio de Machukulumbe, a noroeste?

— Não, nunca ouvi.

— Pois, meu rapaz, ahi é que Salomão verdadeiramente ¹ nha as suas minas, as suas minas de diamantes!

— Como se sabe ?

— Como se sabe ! ? Tem graça ! Sabe-se perfeitamente. que é *Suliman* senão uma corrupção de *Salomão?* O nome aS serras, realmente, sempre foi *serras de Salomão.* Além d isso' de uma feiticeira do districto de Manica, uma velha de mais cem annos, contou-me tudo . . . Isto é, contou-me que para

das serras vive um povo que é da raça dos Zulus, e falia um dialecto zulu : mas como força, e corpulência, e coragem, vale mais que os Zulús. Pois n'esse povo ha videntes, grandes feiticeiros, que de geração em geração têm trazido o segredo d'uma mina prodigiosa, que foi d'um rei branco, muito antigo, cujas ainda hoje está cheia de pedras brancas que reluzem . . . De sorte que não ha duvida nenhuma.

Para mim havia toda a duvida. As ruinas d'Ophir interessavam-me, como da nossa crença e da Biblia: mas das minas de *pedras brancas que reluzem*, conhecidas em segredo por feiticeiros zulús, teria certamente rido se não fôra o respeito devido a um caçador tão digno como Evans. De madrugada Evans partiu, a acabar tristemente nas pontas d'um búfalo. E n'isso pensei mais em Salomão, nem nas suas minas de diamantes.

Aqui ha vinte annos porém, num encontro muito singular que tive no districto de Manica, de novo ouvi fallar das minas de Salomão, e d'um modo que para sempre me devia impressionar. Era n'um sitio chamado a «aringa de Sitanda». Não havia Peor em toda a Africa. Fructa nenhuma, caça nenhuma, tudo secco, tudo triste — e os pretos vendem os ossos d'um frango por fazenda que vale uma vacca.

Apanhei lá um ataque de febre, e estava fraquíssimo, enfadadissimo, quando me appareceu um dia um portuguez de Lourenço Marques, acompanhado por um serviçal mestiço. Entre os portuguezes de Lourenço Marques — ha soffrivel e ha pessimo. Mas este era dos melhores que eu vira — um homem muito alto e muito magro, de bellos olhos negros, os bigodes grisalhos todos retorcidos, e umas maneiras graves que me fizeram pensar nos velhos fidalgos portuguezes que aqui vieram ha Séculos e de que tanto se lê nas historias. Conversámos bastante n'essa noite, porque elle fallava um bocado de mau inglez, eu um bocado de mau portuguez ; e soube que se chamava José Silveira, e que possuía uma fazenda ao pé da cidade> de Lourenço Marques,

•^a manhã seguinte, cedo, antes de partir com o mestiço

acordou-rrie para se despedir, de chapéo na mão, cortez e grave como os antigos, os que tinham *Dom*.

— Até mais vêr, camarada !

— Boa viagem I até mais vêr !

O homem conservava, pregados em mim, os grandes olho? negros que rebrilhavam. Depois acrescentou muito sério:

— Se nos tornarmos outra vez a encontrar, hei de ser ;1 pessoa mais rica d'este mundo ! E pôde contar, camarada, I11' não me hei de esquecer de si !

Nem ri. Estava muito debilitado para rir. Fiquei estirado na manta olhando para o estranho homem que, a grandes pas sadas, com a cabeça alta e cheia de esperança, se mettia pe'o matto dentro.

Passou uma semana, e melhorei da lebre. Uma tarde acha va-me sentado no chão defronte da barraca, rilhando a ultim perna d'um d'esses frangos que os pretos me vendiam Po1 chila do valor d'uma vacca, e pasmando para o enorme diseº do sol que descia ao fundo do deserto — quando de repente av's de lei, escura sobre a vermelhidão do poente, n'uma elevação terreno, a figura d'um homem que era certamente europel1 porque Irazia um casacão comprido. No momento mesmo ei que eu dera com os olhos n'elle, o homem oscilla, cae de bru-ços e começa a arrastar-se pelo chão, lentamente ! Com um cs forço desesperado, ainda se ergueu, e tentou pelo comoro aba' xo alguns passos que cambaleavam. Por fim tombou de novo, ficou estirado, como morto, contra um tufo de tojo alto. Grite' a um dos meus caçadores que acudisse. E quando elle volto u> amparando o homem nos braços — quem hei de eu vêr? O Jºs(Silveira !

José Silveira — ou antes o seu miserável esqueleto, oo11 lodos os ossos rompendo para fóra da pelle, mais sêcca (I"(pergaminho e amarella como gema de ovos. Os olhos salta E o vam-lhe da cara, á maneira de dois bugalhos de sangue, cabello que eu lhe vira grisalho, vinha branco, todo bra'10 como uma bella estriga de linho.

— Agua ! gemeu elle. Agua, pelas cinco chagas de ChrisR'

O infeliz tinha os beiços horrivelmente estalados, e entre "lies a lingua pendia-lhe, toda inchada e toda negra ! Dei-lhe ªgua com leite, de que bebeu talvez dois quartilhos, a grandes sorvos, e sem parar. Foi necessário arrancar-lhe a vasilha. epois cahiu de costas, rompeu a delirar. Ora gemia, ora gritava. E era sempre sobre as serras de Suliman, os diamantes e o deserto !

Eevei-o para dentro da tenda : e, com o pouco que tinha, o pouco que podia. O homem estava perdido. Rente da meia noite socegou. Eu, esfalfado, adormeci. Acordei de madrugada ; e, ao primeiro alvor da luz, dou com elle (fórma sistra!) de joelhos, á poria da barraca, de olhos cravados para o 'onge, para o deserto ! N'esse instante, um raio de sol que nas- "a frechou através do vasto descampado, e foi bater ao fundo, cem milhas de nós, o pico mais alto das serras de Suliman. nomem soltou um grito, atirou desesperadamente para diante ns dois braços de esqueleto :

- L á estão ellas, Santo Deus, lá estão ellas! . . . E dizer (lue não pude lá chegar ! Parecem tão perto ! Logo alli, uns 1'assos mais ... E agora acabou-se, estou perdido, ninguém mais pôde lá ir !

De repente emmudeceu. Depois virou para mim, muito deªfar, a face livida e como esgazeada por uma idéa brusca.

: o camarada, onde está vossê? ... Já o não distingo, vai-me a fugir a vista !

Estou aqui ; socegue, homem.

Tenho tempo para socegar, tenho Ioda a eternidade ! *S| ute. Eu estou a morrer. Vossê tem sido bom commigo, cama-, <lda • . . E para que havia eu de levar o segredo para debaixo u terra? Ao menos alguém se aproveita ! Talvez vossê lá possa legar, se conseguir atravessar esse deserto que matou o meu 'o re criado, que me está a matar a mim . . .

Começou então a procurar tremulamente dentro do peito da camisa. Tirou por fim uma especie de bolsa de tabaco, já apertada com uma correia. Estava tão fraco que as suas ' o',,,es mãos nem puderam desfazer o nó. Fez-me um gesto, um

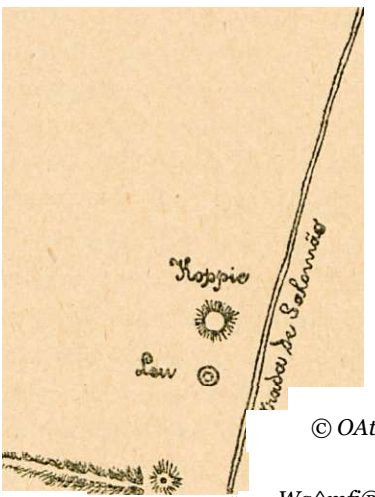
gesto exhausto, para que eu o desatasse. Dentro havia um ia"* rapo de linho amarellado, com linhas escriptas, n'um tom antiquíssimo, de côr de ferrugem. E dentro do farrapo estava um papel dobrado.

— O papel, murmurou elle n'uma voz que se extinguia, e a cópia do que está escripto no trapo. Levou-me annos a decifrar, a entender . . . Foi um antepassado meu, um dos pnmoiros portuguezes que vieram a Lourenço Marques, que escreveu isso, quando estava para morrer acolá n'aquellas serras. Chamava-se D. José da Silveira, e já lá vão trezentos annos. •• Um escravo que ia com elle, e que ficára a esperar, do ladº de cá do monte, vendo que o amo não voltava procurou-o, f.01 dar com elle morto, e trouxe para Lourenço Marques o bocado de linho que tinha letras. Desde então ficou guardado na nossa família. Ha trezentos annos ! E ninguém pensou em o decifra' até que eu me metti n'isso . . . Custou-me a vida. Mas talvez outro consiga. Talvez outro chegue lá, ás malditas serras! Sera então o homem mais rico d'este mundo ! O mais rico, o ma's rico ! Tente vossê, camarada . . . Não dè o papel a ninguém ! vossc 1

As ultimas palavras sahirani como um débil sopro. Cal"" de costas, recomeçou a delirar. D'ahi a uma hora tudo ac bou. Deus tenha a sua alma em descanço ! Morreu serename" te, sem esforço e sem dor. Por minhas mãos o enterrei, he"1 fundo na terra, com fortes pedregulhos por cima do peito. Ao menos assim não darão com elle os chacaes.

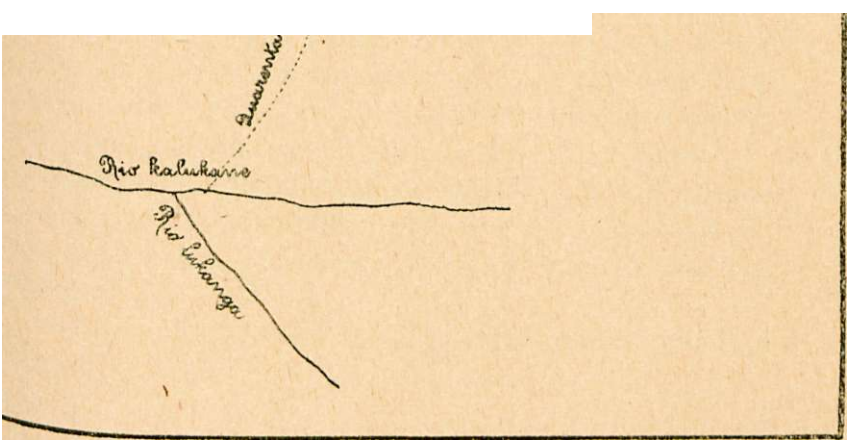
Foi ao pé da cova, onde o desgraçado jazia, que exam"11' o documento. Era, como disse, um farrapo do linho, rasgado d'uma fralda de camisa e do tamanho d'um palmo. No topo ti nha os traços de um mappa, ou de um roteiro, rapidamente « toscamente lançados. Era pouco mais ou menos isto :

0/.-, o



© OAtMVjZ/

Ou*rS<hft>C Wa^mfi®®^' ©«WwA



unesp 10 11 12 13 14 15

Por baixo vinham linhas escriptas, n'uma letra muito anti-»ª e côr de ferrugem. Para mim eram inintelligiveis. Mas o papel continha a decifração, e dizia assim:

« Estou morrendo de fome, n'uma cova da banda norte "dum destes montes a que dei o nome de «Seios de Sabá», * no que fjca raajg a su] gou j3 josí (jjj Silveira, e escrevo "isto no anno de 1590, com um pedaço d'osso, n'um farrapo "('a camisa, tendo por tinta o meu sangue. Se o meu escravo " aqui voltar, reparar n'este escripto, e o levar para Lourenço "-^arques, que o meu amigo *[aqui um nome illegivel],* logo " ')e'a primeira nau que passar para o Reino, mande estas coisas ao conhecimento d'El-Rei, para que Elle remetta uma armada 4ª Lourenço Marques, com um troço de gente, que se conse-^uir atravessar o deserto, vencer os Kakuanas que são valentes, e desfazer os seus feitiços (devem vir muitos missiona-"os) tornarão Sua Alteza o mais rico Rei da Christandade. " Com meus proprios olhos vi os diamantes sem conta amontoados i'um subterrâneo que era o deposito dos thesouros de "Salomão, e que fica por traz d'uma figura da Morte. Mas por * ''aição do Gagula, a feiticeira dos Kakuanas, nada pude tra-Zur> apenas a vida ! Quem vier siga o mappa que tracei, e "Irepe pelas neves que cobrem o Seio de Sabá, o esquerdo, até 1 'iegar ao cimo, d'onde verá logo, para o lado norte, a grande calçada feita por Salomão. D'ahi siga sempre, e em tres dias de '"archa encontrará a aringa do rei. Quem quer que venha que '"ate Gagula. Rezem pelo descanço da minha alma. Que El-Rei |Tosso Senhor seja logo avisado. Adeus a lodos n'esta vida!»

'al era o extraordinário documento que textualmente li 10 barão Curtis e ao Capitão, porque trazia sempre commigo (e '"da trago) uma traducção d'elle, em inglez, na carteira.

Quando acabei, os dois amigos olhavam para mim, mudos L esPanto. Por fim o Capitão, com o leve suspiro de quem re-1 °"sa d'uma prolongada emoção, bebeu um trago de grog — e mais sereno;

O nosso amigo o snr. Quartelmar não nos tem estado a Pujar?

Metti com força o papel na algibeira, e, erguendo-me, repliquei sôccamente :

— Se os cavalheiros assim pensam, não me resta mais nada senão desejar-lhes muito boas noites !

O barão acudiu, pousando-me no hombro a sua larga mão :

— Pelo amor de Deus, snr. Quartelmar ! Nem John, nem eu duvidamos da sua veracidade. Mas, emfim, tenho ouvido dizer que aqui na colonia é coisa corrente e bem aceita troçar um pouco os que chegam, os *novatos* d'Africa . . . E depois essa historia é tão extraordinaria !

Insisti, ainda offendido :

— O original escripto pelo velho fidalgo no farrapo de camisa, tenho-o em Durban ! Será a primeira coisa que lhes hei de mostrar em chegando ! . . . Não ha uma palavra . . .

O barão atalhou gravemente :

— Toda a palavra do snr. Quartelmar é coisa séria, 6 como tal a tomamos.

Durante um momento ficámos calados. Eu serenei. Por f»n o barão, que dera sobre o tapete do beliche alguns passos pensativos, parou diante de mim :

— E meu irmão? Como soube o snr. Quartelmar que meu irmão tentou também essa jornada ás minas?

Narrei então o que me succedera com esse sujeito Nevil'e> quando estavamos acampando, lado a lado, cm Bamanguato- Eu não o conhecia; nem então começámos relações, apesar de termos o gado junto. Mas conhecia perfeitamente o serviçal qlU o acompanhava, um chamado Jim. Era um Bechuana, excellente caçador — e, para Bechuana, esperto, consideravelmente esperto! Na manhã em que Neville devia metter-se para o sei tão, vi Jim, ao pé do meu carrão, cortando folhas de tabaco-

— Para onde é essa jornada, Jim? perguntei eu, sem 01 riosidade, só para mostrar interesse ao rapaz. Ides a ele phantes?

Jim mostrou os dentes todos, n'um riso vivo:

— Não, patrão. Vamos a coisa melhor que marfim,

— Melhor que marfim!? Ouro?

— Melhor que ouro ! murmurou elle, arreganhando mais a dentuça.

Calei-me, porque não convinha á minha dignidade de patrão e de branco revelar curiosidade diante d'um Bechuana. Confesso, porém, que fiquei intrigado. D'ahi a pouco Jim acabou de cortar o tabaco. Mas por alli se quedou, rondando, coçando devagar os cotovelos, á espera, com os olhos em mim. Não dei attenção.

— Ó patrão ! murmurou elle, n'uma ancia de desabafar.

Pei•maneei indifferente, por dignidade. Elle tornou:

— Ó patrão!

— Que é, homem?

— Vamos á procura de diamantes, patrão! atirou-me elle ao ouvido.

— Diamantes !? Boa! Então ides para o lado opposto. Deixleis metter direito ao sul, para as Diamanteiras.

O Bechuana baixou mais a voz:

— Ó patrão! Já ouviu fallar das serras de Suliman? Pois a ó quo estão os diamantes. O patrão nunca ouviu?

— Tenho ouvido muita tolice na minha vida, Jim.

— Não é tolice, patrão. Eu conheci uma mulher que veio lá, com um filho, e que vivia no Natal. Morreu ha annos, o 1'lho poI' já anda. E foi ella que me disse tudo. Ha lá diamantes !

— Olha, Jim, o que te digo é que teu amo vai dar de co-'nei' aos abutres, que andam por lá esfomeados. E tu, essa PºUca carne que tens nos ossos também vai d'aqui direitinha aos abutres!

O homem teve outro riso fino:

— A gente tem de morrer, e eu não desgosto de experimentar terras novas. O elephante por aqui já não rende. O Be-'luana cá vai para os diamantes, e o Bechuana vai cantando!

— Pois quando a morte te agarrar pelas guelas, veremos fintão se ainda canta o Bechuana!

•'im abalou. D'ahi a meia hora o carrão do snr. Neville

poz-se em marcha para o norte. Mas não rodara ainda dez .lar" das, quando Jim voltou para traz, a correr.

— Adeus, patrão! exclamou. Não me quiz ir de todo sem lhe dizer adeus, porque me parece que o patrão tem razão, e que nunca mais cá voltamos!

— Ouve cá, Jim, teu amo vai com effeito ás serras de Suliman, ou tudo isso é patranha?

O Bechuana jurou que não contava patranhas. O amo ia realmente em demanda das serras e das minas que estavam para além. Ainda na vespera o amo dissera que, para tentai fortuna na Africa, tanto montava ir em cata de diamantes, como de ouro ou de ferro. Tudo dependia da sorte, porque nº torrão tudo havia. Assim elle ia aos diamantes, que era o mais rápido para enriquecer — ou para morrer.

Reflecti um momento.

— Escuta, Jim. Vou escrever umas palavras a teu amo- Mas has de prometter que não lh'as entregas senão em chegando a Inyati!

Inyati ficava d'ahi a umas quarenta legoas. O Bechuana prometteu.

Rasguei um bocado de papel da carteira, escrevi a lapis estas linhas: «Quem vier ... trepe pelas neves que cobrem o Sei" «de Sábá, o esquerdo, até chegar ao cimo, d'onde verá logº> «para o lado norte, a grande calçada feita por Salomão.»

— Bem! Ora agora, Jim, quando deres este papel a teu amo dize-lhe que lh'o manda quem sabe, e que siga bem a m dicação! Mas ouviste? Só lh'o dás quando chegares a Inyati, que eu não quero que elle me volte para traz e me venha zer perguntas! Entendeste? Então abala, madraço, que o ca' rão come caminho!

Jim agarrou o bilhete e largou a correr. D'ahi a pouco º carrão sumiu-se por traz das collinas. E isto, em verdade, era tudo o que eu sabia a respeito d'esse sujeito Neville.

Mal eu acabára. o barão, sem hesitar, e com perfeita si'11 plicidade, disse:

— Snr. Quartelmar, vim á Africa procurar meu irmª •

'^esde que alguém o viu pondo-se em marcha para as serras de Suliman, o que devo a mim mesmo é marchar também Para esse lado. Pôde ser que o encontre; ou que venha a saber que morreu ; ou que volte sem nada saber, na antiga incerteza ; °u que não volte, como o velho fidalgo. Em todo o caso o meu dever, desde que me impuz esta tarefa, é tomar o caminho que meu irmão tomou. E agora pergunto eu : quer o snr. Quartelmar vir commigo ?

lambem não hesitei. Foi logo, de golpe :

— Muitíssimo obrigado, snr. barão! Se tentássemos atravessar as cordilheiras de Suliman, ficavamos lá como os dois Silveiras- Eis a minha candida convicção. Ora ha em Londres um pobre rapaz que anda nos seus estudos, que é meu filho, e que me não tem senão a mim n'este mundo. E por elle, se não já Por mim, não me convém por ora morrer. Em todo o caso agradeço a sua lembrança. É de amigo !

O barão voltou-se para o seu companheiro, com um ar Profundamente desconsolado, e que quasi commovia n'aquelle homem tão robusto e tão nobre. O outro murmurou :—«E pena, grande pena!»

— Snr. Quartelmar ! exclamou então o barão. Quando eu me nietto n'uma empresa, tudo sacrifico para a levar a cabo. Cu tenho fortuna, uma grande fortuna, e necessito do seu auxilio. O snr. Quartelmar pôde portanto pedir-me o que quizer Pelos seus serviços, já não digo dentro do razoavel, mas dentro do possível. Além d'isso, apenas chegarmos a Durban, vamos a m tabellião, e eu obrigo-me por uma escriptura a continuar a educação de seu filho, no caso de lhe acontecer a si um desastre; i ou a deixar-lhe uma independencia, no caso de eu estourar ambem. Vè que estou prompto a tudo. Ainda mais. Se por acaso descobríssemos os diamantes, metade d'elles ficariam Pertencendo ao snr. Quartelmar, outra metade ao Capitão John. verdade que nenhum de nós acredita nos diamantes, e portanto esta vantagem conta como zero. Mas podemos applicar a ^esnia regra a ouro ou marfim, qualquer fazenda que encontrarmos. Finalmente escuso de dizer que todas as despezas da

expedição correm por minha conta. Creio que não posso fazer mais.

Eu olhava para elle, deslumbrado :

— Barão, essa proposta é a mais generosa que tenho recebido na minha vida 1 Mas também, que diabo, a empresa seria a mais arriscada em que me tenho niettido . . . Preciso pensar. E antes de chegar a Durban eu lhe darei a resposta. Por hoje ficamos aqui.

— Ficamos aqui por hoje! acudiu o Capitão, erguendo-se, e respirando com allivio.

Com effeito era tarde. Dei as boas-noites aos dois cavalheiros; e no meu beliche, até de madrugada, sonhei côm o antigo D. José da Silveira, com El-Rei Salomão, e com montões de pedras que reluziam no fundo d'uma caverna.

CAPITULO III

O HOMEM CHAMADO UMBOPA

Durante o resto da jornada pensei constantemente na pro' posta do barão. Mas nem eu nem elle voltamos a fallar d< Neville ou da travessia para as minas. Na tolda e no beliche as nossas conversas rolavam todas sobre caça, sobre aventuras de caça na Africa. Os dois, homens de grande *sport,* na" se fartavam de escutar. E eu, velho palrador, cheio de memorias e já anecdotico, não me fartava de contar.

Finalmente, n'uma esplendida tarde de janeiro (que é aq11' o mez mais quente do anno) avistámos a costa de Natal —-colU a esperança de dobrar a ponta de Durban ao sol-posto. rIoda esta costa é adoravel, com as suas longas dunas avermelhadas- os ricos tapetes de verdura clara, as alegres aringas dos Cafies espalhadas aqui e além, e a orla espumosa e alva do mar que rebenta nas rochas. Mas, justamente perto de Durban, a regiao toma uma incomparável riqueza de tons. Nas ravinas, cavadas

Pelas enxurradas de séculos, faíscam riachos innumeraveis : o verde do matto é mais intenso : os outros verdes de jardins enlremeiam-se com as plantações d'assucar: e a espaços uma Casa muito branca, sorrindo para a azul placidez do mar, põe "ma linda nota, humana e domestica, na vastidão da paizagem.

Como disse, contavamos dobrar, antes do sol-posto, a ponta e Durban. Mas quando deitámos ancora já era crepusculo cerra o, tarde de mais para entrar a barra. Tínhamos ainda essa noite a hordo: e descemos ao salão, para um jantar quieto em aguas serenas, depois de vêr o salva-vidas remar para terra ' °m as malas do correio.

^ Quando voltámos á tolda, a lua ia alta, e tão brilhante so- u mar e praia, que quasi offuscava os lampejos largos do Pharol. De terra vinham, através do ar calmo, aquelles pican- e dôces aromas de especiarias, que, não sei por quê, me faZe® sempre lembrar hymnos de egreja e missionários. O bairro e Berea parecia em festa, com todas as varandas alumiadas. N'i

m grande brigue, ancorado ao lado, os marinheiros estavam lutando, ao som do *banjo*. Era uma noite d'encanto, como só as ha n'este abençoado sul d'Africa, que lançava sobre a alma I Wla 'nfinita paz, infinita e suave como a luz que derramava a a eheia. Até o bull-dog d'um passageiro irlandez, que não essára de rosnar ferozmente durante toda a jornada, cedera mfim ás pacificadoras influencias do sul, e dormia, estirado no convésj com um ar de tregoa e de perdão aos homens.

O harão, o Capitão John e eu, estavamos sentados junto á °da do leme, olhando e fumando em silencio.

— Então, snr. Quartelmar? exclamou de repente o barão, °rrindo. Aqui estamos em Durban . . . Pensou nas nossas propostas?

^ Vamos ou não vamos de companhia á busca do snr. cville? echoou do lado o amigo John.

Não tugi. Mas ergui-me, e fui devagar sacudir para fóra da amurada a cinza do meu cachimbo. A verdade é que, depois de muito matutar, eu ainda não tomára uma resolução, — ou antes a minha resolução permanecia vaga, informe, mal assente,

necessitando uni pequeno impulso exterior que a definisse e a fixasse. E foi justamente aquella exclamação risonha dos dois, o movimento de me erguer e de me abeirar da amurada, que tudo fixou e definiu no meu animo. Ainda a cinza não cahira na agua e já eu estava resolvido a partir.

— Pensei e vou ! declarei, voltando a sentar-me. E se os cavalheiros me dão licença, direi as razões por quê, e as condições com quê.

Expuz logo as condições, muito claramente :

O barão, em primeiro logar, corria com todas as despezas , e qualquer achado de valor, diamantes, ouro ou marfim, feito durante a expedição, seria irmãmente dividido entre mim e o Capitão John. Em segundo logar, o barão pagar-me-hia em dinheiro de contado, antes de partirmos, quinhentas libras, com promettendo-me eu a acompanhal-o e fielmente servil-o até que a jornada terminasse ou por um triumpho, ou por um desastre, ou simplesmente por se reconhecer a sua inutilidade. Em terceiro logar, o barão obrigar-se-hia por uma escriptura a dar annualmente a meu filho, emquanto durassem os seus estudos, uma pensão de duzentas libras, no caso de eu morrer ou ficar inutilisado . . .

Ainda eu não findára, já o barão aceitára tudo, largamente, alegremente! «O que eu quero, seja por que preço fôr (diz-a elle), é a sua companhia, snr. Quartelmar, é o soccorro da sua experiencia !»

— Muito bem. Pois agora, depois de dizer as condições em que vou, quero dizer as razões por que vou. E porque nós tentarmos atravessar as serras de Suliman, não voltamos de lá vivos! O que succedeu ao velho Silveira, ao que tinha *Dom,* ha trezentos annos ; o que succedeu ao outro, ao que não tinha *Dom,* aqui ha vinte ; o que succedeu naturalmente ao snr. Neville, é o que nos vae suceeder a nós ! Não sahimos de lá vivos.

Olhei attentamente para os dois homens. O amigo arripiou um bocado a face. O barão ficou impassível, murmurando apenas : — « Corremos-lhe o risco ! »

Eu prosegui:

— Agora dirão os cavalheiros: «Se julgas que não sahes de lá vivo, para que vaes lá?» Em primeiro logar, porque sou fatalista. Se Deus já decidiu que eu hei de morrer nas montanhas de Suliman, nas montanhas de Suliman hei de morrer ainda que lá não vá. E se Deus decidiu já o contrario, posso ir impunemente e de cara alegre. Isto é claro. Em segundo '"§ar, estou velho, e já vivi tres vezes mais do que costuma vina Africa um caçador de elephantes. De sorte que, continando n'esla carreira, e desgraçadamente não tenho outra, que posso eu durar ainda? Uns annos. Ora se morresse agora, com 8 dividas que me pesam em cima, o meu pobre rapaz ficava "ma situação má, coitado d'elle ! Emquanto que assim, com quinhentas libras soantes, saldo as dividas ; e se estourar, o meu rapaz tem diante de si duzentas libras por anno para acabar o curso e para se estabelecer. Ora aqui têm os cavalheiros a oisa em duas palavras.

O barão ergueu-se. excellente homem ! e apertou-me as com effusão.

— Essas razões, a ultima sobretudo, fazem-lhe immensa onra, snr. Quartelmar. Immensa honra ! Emquanto a sahirmos Xlvos ou não da aventura, o tempo dirá. Eu por mim estou decidido a ir até ao cabo, seja qual fôr, triumpho ou morte ! Em todo o caso se temos assim de morrer tão cedo, não me parecia 'nau que antes d'isso, pelo caminho, arranjassemos uma bat'da aos elephantes. Sempre desejei caçar o elephante, e com a !!erspectiva de deixar assim os ossos nas serras de Suliman, é Pr"dente que me apresse... Não é verdade, John?

— Com certeza ! . . . De resto, todos nós vimos já muitas ^ezes a morto diante dos olhos. É um detalhe ; para que se ha d® insistir n'elle? Viemos á Africa com certo fim. Ha perigos? ^eabou-se. Deus é grande.

— Está tudo portanto decidido, conclui eu, e parece-me ('Ue hegou a occasião d'um grog.

Fomos ao grog.

No dia seguinte desembarcámos. Alojei os meus amigos

n'uma «barraca» que possuo na Berea, e que a chamo em dias d'orgulho «a minha casa». É construída de tijolo, com um telhado de zinco que abriga tres quartos e uma cozinha. Em redor, porém, está planlado um bom jardim, com esplendidas arvores e flores, que um dos meus caçadores, chamado Jack, t-raZ lindamente tratadas. E um pobre homem a quem um búfalo esmigalhou a perna na terra dos Sikukunes. Já não pôde segui' a caça; mas na sua qualidade de Griqua, jardina bem — coisa que um Zulú nunca faria decentemente. O Zulú tem horror a* artes da paz.

o barão e o seu amigo dormiram n'uma tenda que Uies armei no jardim (dentro de casa não havia espaço), no meio do laranjal. Aqui em Durban as laranjeiras têm ao mesmo tempo a flôr e o fructo : de sorte que com o perfume todo em torno, e o brilho das laranjas côr d'ouro, e o murmurio d'aguas correu fes, o sitio era aprazivel e grato. Ha peor na Europa.

Logo no dia seguinte, sem mais tardança, começámos o* preparativos. Antes de tudo fomos ao tabellião lavrar a escn ptura em que o barão se obrigava a pensionar o meu rapaz • houve difficuldade por jazerem em Inglaterra as propriedades do barão : mas arranjou-se uma «tangente», e segura, graças as artes d'um Advogado, que pelos seus serviços apresentou a con ta infame de vinte libras ! Depois recebi o meu cheque de qlU nhentas libras. Satisfeita assim a prudência, passámos a com prar o carrão e as juntas de bois. Descobrimos um carrão e- cellente, com eixos de ferro, solido e leve, que já fizera um excursão a Lourenço Marques — o que garantia a firmeza c ,L de sistencia das madeiras. Era um carrão dos que chamamos *meia-tenda*—isto é, toldado somente até ao meio, e aberto t-'11 frente para as bagagens. Sob o toldo tinha almofadões ond(- podiam dormir bem duas pessoas : além d'isso suspensões PdItl as espingardas e bolsos de guardar roupa. Custou-nos cento vinte e cinco libras, e sahiu barato. As juntas de bois eram dez, magnificas. Ordinariamente para uma jornada atrellanl'sC oito juntas : mas para uma aventura d'estas, vinte bois nao vão de mais. Todos eram de raça zulú, a mais pequena d'Af"

caí mas a melhor ; e todos elles *salgados*. Chamamos aqui *salgados* aos bois já muito jornadeados pelo sul d'Africa, e á procura portanto da «agua vermelha» — que destroe ás vezes todas as juntas d'um carrão. Além d'isso, todos tinham sido vaccinados contra a *maleita de pulmões,* fórma horrível de pneumonia, que é n'estas terras um flagello para o gado.

Em seguida organisámos provisões e remédios. Este detalhe demandava sciencia e cuidado, porque convinha, n'uma primeira presa tão accidentada, que nem faltasse o necessário, nem o carrão partisse abarrotado e carregado em demasia. Para os remedios foi-nos de grande utilidade o Capitão John, que em tempos estudára para medico da Armada, e que (além de possuir muito a proposito para nós, um estojo de cirurgia e uma pharmacia de viagem) conservara conhecimentos genericos não tolerável pratica. Durante a nossa estada em Durban tirou elle o dedo pollegar a um Cafre com uma maestria — que fazia appetite vêr ! O que o perturbou foi o Cafre (que observára a operação em perfeita impassibilidade) pedir-lhe depois para jantar por outro igual novo.

Bestava emfim a importante questão de criados e armas, 'Quanto ás tínhamos por onde as escolher — entre as que eu possuia e a collecção esplendida que o barão trouxera de Inglaterra. Sete espingardas de dois canos para differentes cargas e ditferentes caças, tres carabinas Winchester, tres rewolvers Colts -— assim ficou constituído o nosso armamento. Emquanto aos criados, depois de muita consulta e reflexão, decidimos licitar o numero a cinco — um guia, um boieiro, e tres serviçaes. Boieiro e guia achámos nós facilmente em dois Zulús, que se chamavam — um Goza e outro Tom. Mas os serviçaes eram de mais difficil e delicada escolha. Da paciência, da fidelidade, da coragem dos serviçaes poderiam muitas vezes depender as nossas pobres vidas n'esta aventura sem igual.

Finalmente arranjei dois, um Hottentote chamado Venvo-Kel) e um rapazito zulu, de nome Khiva, que tinha o mérito Considerável para os meus companheiros) de fallar inglez com fluencia, O Hottentote já eu conhecia. Era um dos melhores

«farejadores de caça» de toda a Africa. Ninguém mais rijo nem mais resistente. o seu defeito sério consistia na *bebido-* Mas como iamos para região onde não lia «aguas-ardentes» nem quasi aguas correntes, pouco importava esta fragilidade do digno Venvogel.

Tínhamos pois dois serviçaes. O terceiro parecia impossível descortinar. Tentei, tentei — até que resolvemos partir sem elle, esperando encontrar, antes de mettermos para o deserto, algum homem aproveitável entre Inyati e Zukanga. Na vespera porém da nossa partida estavamos jantando, quando Khi va, o rapaz zulú, veio annunciar que um homem se viera sen tar 110 meu portal, á minha espera. Mandei entrar. Appareceu um rapagão muito esbelto, robusto, magnifico, apparentando trinta annos, e claro de mais para Zulú. Floreou no ar o caja do á maneira de saudação, encruzou-se sobre o soalho, a um canto, e ficou calado com singular dignidade. Não lhe dei 1°"° attenção. Assim se deve proceder com os Zulús. Se o branco lhes falia com promplidão e agrado o Zulú conclue immediata mente que está tratando com pessoa *de pouco cominando.* Ob servei no emtanto que este homem era um *Keslha,* um *horne" Ao de-annel* — isto é, que trazia na cabeça aquella especie rodilha, feita de gomma, e toda lustrosa de sebo, que elles e tremeiam na grenha e usam, quando chegam a uma edade de *respeito* ou attingem nas suas aringas uma posição superi°r- Também me pareceu reconhecer aquella cara—realmente bella-

— Bem, disse por fim, como te chamas?

— Uinbopa, respondeu o homem n'uma voz lenta e gra^1'

-Estou a pensar que já te vi algures.

— Já, Makumazan !

Makumazan é o meu nome cafre—e significa aquelle fluC se levanta pelo meio da noite para vigiar ; ou antes, aqui'"1 (pie conserva sempre os olhos bem abertos.-

— Makumazan, continuou o Zulú, viu-me em Izand-luana, na vespera da batalha . . .

Lembrei-mo então completamente. Eu fui um dos guia® d^ Lord Chelmsford, na desgraçada guerra com os Zulús.

acaso, na vespera da batalha de Izand-luana, que consuramou o desastre das tropas inglezas, fui mandando levar para fóra do acampamento uns poucos de carrões de bagagens. Quando se estava atrellando o gado, este homem (que commandava um trOço de Cafres, dos indígenas auxiliares) veio para mim, dizendo que o acampamento não estava seguro, que era certa uma surpreza, e que o vento *trazia cheiro de inimigo*. Respondi-lhe que eu lhe « dobrasse a lingua», e deixasse a segurança do acampamento a melhores cabeças que a d'elle. Pois grande razão tinha o Zulu ! Logo n'essa noite o acampamento foi terrivelmente assaltado . . . Tudo isso porém vem na Historia.

— Que queres tu ? perguntei. Lembro-me perfeitamente de dizer-lhe o que queres.

Quero isto. Correu aqui voz que Makumazan vai para o norte, n'uma grande expedição, com os chefes brancos que teem d'além do mar. É verdadeira a voz?

— Verdadeira.

Correu aqui também voz que Makumazan e os chefes partiram para o rio Lukanga, que fica a um bom quarto de lua de jornada do districto de Manica. É verdade?

Franzi o sobr'olho, descontente de vêr assim tão conhecido o roteiro da nossa expedição.

Para que queres tu saber? que tens com isso?

Tenho isto, oh brancos ! Que se ides assim para tão longe, eu quereria ir comvosco.

Havia uma altivez nas maneiras d'este homem, e especialmente no seu emprego da expressão «*oh brancos*» em logar de «*oh inkosis*» (chefes), que me surprehendeu grandemente.

Estás esquecendo a quem falias ! repliquei. As palavras teem-te demasiadas e imprudentes. Como é o teu nome? onde é a tua aringa? É necessário saber quem temos diante de nós !

O meu nome é Umbopa. Sou da raça dos Zulús, mas sou Zulú. O sitio da minha tribu é muito longe, para o norte. Os meus ficaram lá quando os Zulús desceram para aqui; isso foi muito, ha mais de mil annos, antes de Chaka ser rei.

Não tenho aringa. Muitos annos vão que ando errante. Quando vim do norte era criança. Depois fui dos homens de Cetewa}º no regimento de Nomabakosi. Por fim fugi dos Zulús, e vim para o Natal para vêr as artes dos brancos. Foi então **q u t** servi na guerra contra Cetewayo, e que te encontrei, Makum zan ! Agora tenho trabalhado no Natal. Mas estou farto, quero ir para o norte. O meu logar não é aqui. Não peço soldada, mas sou valente, e valho bem o pão que comer. Eis as pala vras que tinha a dizer.

Este homem e a sua grande maneira de fallar — intriga **vam-me singularmente. Era certo para mim que** *só* **dissera verdade;** mas na côr, nos modos, differia muito do Zulú orí ina' rio ; e a sua offerta de vir comnosco sem soldada, extraordin» **ria n'um Africano, enchia-me de desconfiança.**

Na duvida traduzi as estranhas falias aos meus anngº8' solicitei-lhes conselho. O barão pediu-me que mandasse pòr º homem de pé. Umbopa ergueu-se, deixando escorregar ao mes mo tempo o vasto casacão militar que o envolvia, e ficoU diante de nós, mudo, erecto, soberbo, todo nú, com um simp'1-6 pedaço de pano em torno dos rins e um fio de garras de leão enrolado ao pescoço. Era, realmente, um esplendido homem Tinha mais de dois metros de altura, e largo em proporÇ3º' agil, admiravel de formas. Na luz da sala em que estavamos- a pelle parecia apenas muito trigueira, como a d'um arabe Aqui e além, pelo corpo, conservava cicatrizes terríveis de an tigos golpes de zagaia.

O barão foi direito a elle, e cravou-lhe os olhos nos olho8, que se não baixaram, e que rebrilharam :

— Gosto de ti, Umbopa, disse em inglez, e tomo-te ao me serviço.

Umbopa evidentemente comprehendeu, porque murniu em zulú :

—- Está bem.

Depois, atirando um olhar para a grande estatura e fºr' do branco, acrescentou :

— Somos dois homens, tu e eu !

CAPITULO IV

OS ELEPHANTES

Sahinios de Durban no fim de janeiro, e andadas as trezentas léguas que vão d'aqui ao sitio em que se juntam os rios ''Ukanga e Kalukue, chegámos, pelos meados de maio, á aringa de Sitanda, onde acampámos. Durante a jornada tivemos aventuras varias, mas d'acjuellas que são usuaes em todas as IravCSsius d'Africa e jú muito contadas nos livros. Depois em Inyati, lill1 uuima estação mercante da terra dos Matabeles, ondo 1-iOben-8ula (esse atroz velhaco !) é rei, separámo-nos, com fundas saudades, do nosso confortável carrão. Dos vinte bois que trouxermos de Durban, só doze restavam. Um morrera da mordedura da cobra, tres da falta d'agua; um perdeu-se; os outros tres comeram uma herva venenosa, chamada *tulipa*. Os restantes deixámol-os com o wagon ao cuidado de Goza e de Tom (o boieiro e o guia), pedindo a um digno Missionário escossez que habita aquelle desterro, que caridosamente nos vigiasse o carrao> o gado e os homens. E no dia seguinte, acompanhados por Umbopa, Khiva, Venvogel, e meia dúzia de carregadores que 'franjámos em Inyati, largámos para o deserto, a pó, em seguimento da nossa temeraria aventura.

Era de madrugada; e lembrei-me que no momento de nos Pormos em marcha estavamos todos tres bem cominovidos! Cada um perguntava a si mesmo, decerto, se jámais tornaria a vêr o carrão, os bois e o Missionário. Eu por mim levava a certeza *não*. Os primeiros passos foram lentos, dados em grave sdencio. Mas de repente Umbopa, que marchava na frente, 'nupeu n'um grande canto — uma canção zulú, dizendo d'uns mens que, cansados da vida e da monotonia das coisas, se tiniam mettido ao deserto, para achar occupação ou morrer, e 'uo> para além dos sertões, subitamente, encontravam um paaiso cheio de raparigas moças, de gado, de caça, e de inimigos n'ara matar! Esta canção pareceu-nos de boa promessa.

A quinze dias de marcha de Inyati começámos a atravessar uma região arborisada e farta em aguas. As collinas estavam espessamente cobertas do matto que os indigenas chamam *idaro :* e por toda a parte se estendiam bosques de *machabelas,* arvores que dão um fructo amarello, enorme, quasi todo caroço, mas deliciosamente fresco e dôce. As folhas e fructos d'estas arvores são o alimento querido dos elephantes ; e decerto os immensos animaes andavam perto, porque a cada passo topavamos arbustos quebrados e desarraigados. O elephante p01 onde vai comendo, vai assolando.

Uma tarde, depois d'uma caminhada fatigante, chegámos a um sitio particularmente pittoresco e de amavel repouso. Era junto d'um outeiro todo vestido d'arvoredo. Ao pé serpeava o leito sècco d'um rio, conservando ainda aqui e além poças de agua crystallina e fria, espesinhadas em redor pelas largas pe' gadas de feras. Em frente verdejava um bello parque de mimosas, machabelas e outras arvores ainda, raras e cheias de floi • — e em torno era o matto, o matto silencioso, denso, impenetrável.

Decidimos ficar alli e construir um *scherm,* a pouca distancia d'uma das poças d'agua. O *scherm* é uma especie de acampamento entrincheirado, que se faz cortando grande quan tidade de matto espinhoso e armando-o circularmente n um vasta e rude sebe que fórma defeza. Todo o espaço interior si aplaina como uma arena : ao centro amontôa-se herva secca, um capim chamado *tambouki,* que serve de divan e de cama • aqui e além, em volta, accendem-se alegres fogueiras.

Quando acabámos de arranjar o *scherm* — vinha nascendo a lua. O jantar estava prompto. Bem parco era elle, compos o dos tutanos e lombos d'uma girafa, que n'essa tarde, ao fim da sésta, fôra morta pelo Capitão John com um tiro providen ciai. Mas depois de coração de elephante (a mais fina dehcU que se pôde ter), tutano e lombo de girafa são os petiscos periores d'Africa, e grandemente os saboreámos sob o esplen 01 da lua cheia, que ia alta nos céos. Depois accendemos os cachimbos, e conversámos no vasto silencio em roda do 1111711

Os meus companheiros não se fartavam de contemplar aquella scena de sertão, familiar para mim, com os meus quarenta annos d'Africa, mas que a elles só offerecia estranhezas — até na maneira por que as claridades alumiam, até na maneira por que a noite é silenciosa. Eu por mim, confesso, admirava sobretudo o nosso excellente Capitão John. Alli estava eUe, no interior da Terra-Negra, em pleno deserto, estirado em cima d'um sacco de couro, — tão apurado, tão correcto, tão bem Pregado, como se viesse de passear n'um parque luxuoso de Castello inglez, em dia de caça ao faisão. Tinha um fato completo de cheviote castanho, com chapéo da mesma fazenda, po-'ainas irreprehensiveis, luvas amarellas de pelle de cão, a face escanhoada, inonoculo no olho, os dentes postiços rebrilhando em gloria! Nunca o sertão africano vira decerto um homem mais catita. Até trazia collarinhos altos (collarinhos de gutta-Percha), de que enimalára na mochila uma escandalosa porção ~~«por serem leves (dizia elle), fáceis de lavar, e dar logo á Sente um ar de aceio e distincção ».

Pois assim estivemos muito tempo, sob o magnifico luar, ¹ onversando e observando os Cafres, que chupavam a *dacca* 'los seus longos cachimbos feitos de cornos de *eland,* e que, Um por um, se iam enrolando nas mantas e estirando á beira lume. Só Umbopa por fim ficou acordado, longe dos Cafres (a quem geralmente não admittia familiaridades), çom o queixo encostado ao punho, os olhos perdidos na lua, n'uma d'aquellas abstracções em que por vezes eu o surprehendera desde o começo da nossa jornada.

He repente, da profundidade do matto, por traz de nós, S|'biu no ar um longo e rouco rugido. « li uni leão !» excla-'uol- l odos nos erguemos, a escutar. Quasi immediatamente, Jlnto á poça d'agua pura, visinha do riosso *scherm,* resoou co-1110 erii resposta a estridente trompa d'um elephante. *«Unkun-bU'dovo! Unkungunlovo* /» murmuram á uma os Cafres, legando as cabeças das mantas:—e momentos depois avistá-

Klephante! Elephante

mos uma lila de enormes e escuras formas, movendo-se devagar da beira da agua para o matto. O Capitão, com um salto, agarrara a espingarda. Tive de o segurar pelo braço :

— É inútil, não se faz nada. Nada de barulho. Deixal-os ir.

— Em todo o caso, disse o barão excitado, este sitio pa.ra um caçador é um verdadeiro paraiso ! Se aqui ficássemos um dia ou dois ? . . .

Estranhei: porque até ahi o barão, impaciente, viera-nos sempre apressando para diante — sobretudo desde que soubera em Inyati, pelo Missionário, que dois annos antes um inglez, chamado Neville, vendera alli o carrão em que viera de Bamanguato e se internára no sertão com um Cafre por serviçal. Mas ouvira o leão, ouvira o elephante — e os seus instinctos de caçador dominavam, irresistivelmente.

— Pois muito bem, filhos meus, disse eu, uma vez que se quer um bocado de divertimento, ter-se-ha; mas ámanhã. Por agora é tratar de dormir, e erguer com o primeiro luzir do dia. para apanhar esse rico gado antes que elle vá aos seus negócios. Toca pois a accommodar.

O Capitão John (extraordinário homem!) tirou o fato, sacudiu-o, metteu o monoculo e os dentes postiços dentro do bolso das calças, dobrou tudo cuidadosamente, guardou tudo ao abrigo do orvalho debaixo do seu *makintosh,* alisou o cabello, tomou um bochecho d'agua, e estirou-se de lado para dormi , com correcção e conforto. O barão e eu, depois de contemplai"' rindo, estes requintes, embrulhámo-nos simplesmente n'um eo bertor:—e d'ahi a pouco envolvia-nos aquelle somno profundo, absoluto, sem sonhos, sem movimentos, que é a recompensa e a consolação de quem moureja por estas terras negras.

Com o primeiro alvor da madrugada estavamos a pé, I"1 parando para a acção. Tomámos as carabinas, munições abun dantes, cantis cheios de chá frio (que é a melhor bebida, a uru ca, quando se caça), e partimos, depois de engolir de pé 11111 almoço breve, acompanhados de Umbopa, do Khiva e de Ven vogel.

Não tivemos difficuldade em achar o carreiro aberto e P

Sado pelos elephantes, que, segundo Venvogel declarou, deviam ser uns vinte ou trinta, a maior parte machos e todos Crescidos. Mas o bando afastára-se durante a noite; e eram quasi nove horas, já o calor ardia em céo e terra, quando pelos arbustos quebrados, pelas cascas e folhas d'arvores esmagadas, e pelos montes de bosta fumegante, percebemos que os bichos andavam cerca — e seguros. D'ahi a instantes, effectivamente, avistámos o rebanho todo, uns vinte a trinta elephantes (como Venvogel calculára), parados n'uma cova de terreno, quietos, 'endo decerto acaíiado o primeiro repasto, e sacudindo com lentidão e magestade as suas immensas orelhas. Era uma vista soberba! Só as ha assim na Africa !

Estavamos separados d'elles por umas cem jardas. Agarrei Uni punhado de capim e atirei-o ao ar para tomar a direcção vento : — porque se um elephante nos farejasse, bem sabia eu que, antes de podermos pôr as carabinas á cara, o rebanho 'nteiro abalava. A aragem, se alguma corria, soprava para nós lado dos bichos : de sorte que rastejámos cuidadosamente através do matto, mudos, sem respirar, até nos aproximarmos "nias quarenta jardas mal medidas. Justamente diante de nós, p de ilharga para nós, estacionavam tres magníficos elephantes '"achos, um d'elles com enormes dentes e o ar supremo de um ' atriarcha. Avisei, baixinho, os companheiros que me encarregava Jó animal do meio : o barão apontou ao mais pequeno, o da esquerda: o Capitão ao «Patriarcha».

Agora! murmurei.

Bum! bum! bum! O elephante do barão tombou redondo, •"ado no coração. O meu cahiu pesadamente sobro os joelhos; '"as quando pensei que ia desabar para o lado, morto, vejo a "ºrme massa que se ergue e larga galopando por diante de '""u. Metti-lhe segunda bala na ilharga, que o abateu. A pres- ' com dois cartuchos mais na carabina, corri para elle e fin- ei-lhe misericordiosamente a agonia.

Voltei-me então para vêr o que se passára com o ele- 1''ante do Capitão, o «Patriarcha», que eu ouviía por traz de n'm bramando de dôr e fúria. Encontrei John excitadíssimo.

Ao que parece, o elepliante, apenas ferido, rompera contra elle (que meramente teve tempo de se desviar com um salto), e seguira, furioso e sem ver, para a banda do nosso acampamento. O resto do rebanho no emtanto, espavorido, rompera para o outro lado, através da espessura.

Durante um momento ficámos indecisos entre seguir o « Patriarcha» ferido 011 o resto da manada. Por fim resolvemos bater atraz do bando. Seguil-os era fácil, porque tinham aberto um caminho, mais largo e liso (pie uma estrada real. esmagando o matto espesso como se fosse relva de primavera- Acbal-os, porém, era mais complicado: e tivemos, durante duas infindáveis horas, de marchar sob um sol faiscante, antes de os avistarmos. Lá estavam todos outra vez muito juntos (excepto um dos machos): e pela inquietação com que se mexiam, pelo constante erguer das trombas desconfiadas, farejando o ar — era claro que esperavam, temiam outro ataque. Um dos machos afastado, á laia de sentinella, vigiava para o nosso lado, de tromba ameaçadora e alta. Entre elle e nós mediavam umas sessenta jardas. Se este cavalheiro nos presentisse, dava signa' e o rebanho abalava, tanto mais facilmente quanto nos achavamos, bichos e homens, em terreno descoberto. De sorte que dos tres lhe apontámos, todos tres lhe atirámos. Bum ! bum • bum ! Morto ! Mas os outros partiram, n'uma desfilada, como eollinas rolando.

Infelizmente para elles, logo adiante havia um *nullah,* isto é, uma ribeira sccca, com as bordas abarrancadas do nosso lado e quasi a pique do lado fronteiro (sitio parecido áquelle em que o Príncipe Imperial foi morto 11a Zululandia). l'ara ahi justamente se atiraram os elephantes em tropel. Quando chegámos á borda, dêmos com elles em medonha confusão, e ' forçando-se por trepar a outra ribanceira (escarpada e h» ta), empurrando-se uns aos outros, n'um furor e egoísmo vei dadeiramente humanos, e atroando os ares de bramidos- A nossa opportunidade era escandalosamente brilhante. Sem 011 tra demora, disparando tão depressa como carregávamos, de mos cabo de cinco elephantes ; e teríamos dizimado o rebanl'o

'nteiro se elles de repente, abandonando a teima estúpida de galgar a ribanceira, não largassem a fugir ao comprido do leito secco (jue se perdia ao longe na espessura. Estavamos cansados de mais para os perseguir, enjoados também d'essa vasta mortandade. Oito elephantes n'uma manhã, antes do *lanch,* é decente.

De sorte que, depois de descansarmos e vermos os Cafres cortar os corações a dois dos elephantes para servir á ceia, Soltámos vagarosamente os passos para o acampamento, devagar, satisfeitos com a proeza, e calculando o valor do marfim, 'lue no dia seguinte cedo os carregadores viriam serrar.

Ao passar no sitio em que o Capitão tinha ferido o «Pa-'riarcha», encontrámos um rebanho de *elands.* Não lhe atirámos, porque não ha nada no *eland* que valha dinheiro, e man-'•mentos já trazíamos, deliciosos e abundantes. O bando passou ª° nosso lado, ligeiro e trotando ; depois, adiante, onde se erguia "m tufo de arbustos em flôr, parou ; e todos a um tempo se ᵛºltaram, a olhar para nós, espantados.

O Capitão nunca vira um *eland.* Quiz aproveitar a occaˢ'ao, deu a carabina a Umbopa, e seguido dc Khiva adiantou-ˢᵉ> de monoculo fito, para o tufo de arbustos em flôr. O barão ' ᵉu senlámo-nos á espera, n'uma pedra.

O sol ia justamente descendo, n'um grande esplendor de Vermelho e ouro. O barão e eu contemplávamos, calados, ª(l«ellᵤ belleza de céo e luz, quando de repente ouvimos o ^amido d'um elephante e vimos, escura sobre a vermelhidão poente, uma vasta fórma avançando a galope, de tromba erguida e cauda espetada. Logo immediatamente vimos outra rº'sa horrível : — o Capitão, e Khiva, o serviçal zulú, fugin-º para nós n'uma carreira perdida, perseguidos pelo elephante! Era o grande bicho ferido, o «Patriarcha» que alli ficára, errando. Agarrámos n'um impeto as carabinas. Mas quê! Fera ¹ homens, correndo para nós, vinham juntos! Se disparássemos, <l ^ala podia varar John ou Khiva... E assim ficámos n'esta indecisão, com o coração a tremer, quando o pobre Capitão esºrrega n'aquelles infames botins de bezerro com que teimava

em trilhar o sertão — e cae, estatelado, de face na terra, diante mesmo do enorme elephante que chegava bramindo !

Fugiu-nos a respiração! O pobre camarada estava perdido! Largámos ainda a correr para elle, desesperadamente. E o desastre veio, com effeito — mas d'um modo bem differente. Khiva, o Zulú (valente, heroico rapaz que era!) vendo o amo p°r terra, volta-se, e arremessa a zagaia a toda a força contra a tromba do elephante. A fera lança um uivo de dôr, arrebata o desgraçado Zulú, bate com elle no chão, põe-lhe uma immensa pata sobre as pernas, e enrodilhando-lhe a tromba no peito, rasga-o — litteralmente *o rasga em dois.*

Corremos, cheios de horror, fizemos fogo uma vez, outra vez, furiosamente — até que o elephante se abateu como um monte sobre os pedaços sangrentos do Zulú.

Foi um instante de indizível consternação. Apesar de endurecido por quarenta annos de caça e carnificinas, eu próprio sentia um « nó na garganta», e creio que me fiz pallido- O barão tremia todo. E o pobre Capitão torcia as mãos, na do' de vêr assim despedaçado o servo valente que dera a vida por elle.

Só Umbopa teve a palavra serena que convinha á disciplina. Veio, com os seus passos altivos e leves, contemplar os restos de Khiva, n'uma poça de sangue, junto á massa enorme do elephante, moveu a mão no ar e disse :

— Morreu. Bem d'elle, que morreu como uni homem !

(Continuai.

Trad. li- <1-

A CAVALLARIA PORTUGUEZA[1]

NA EDADE MÉDIA

aliaria, instituição — Cavallaria militar e Cavallaria de honraria — Formaturas, táctica o emprego habitual da Cavallaria na Edade Média

Esta disposição taetiea enconlraraol-a já na época da fun-
I da monarchia ; assim, segundo Duarte Nunes Leão, na
[al]alha do Ourique, Affonso Henriques «partiu a sua gente em
Dialro batalhas. Na primeira metteu 300 homens de cavallo e
^ ®0 de pé ; na retaguarda fez outra batalha com outros 300
[L'a]vallos e 3:000 de pé. E outra de outros tantos, que todos
",U'n L-000 de cavallo e 10:000 de pé. Na primeira batalha ia
o pr;incipe com mui bons cavalleiros, entre os quaes ia D. Pero
'%PS> fue levava a bandeira, e D. Diogo Gonçalves Valente,
[ct'a] pessoa principal. A retaguarda ia encommendada a
Lonçalo de Sousa. A ala esquerda ia encommendada a Mem
> Hlr'gues, filho de Egas Moniz, e a outra a Martini Moniz, seu
"•mão 2.»

Pelejar na dianteira constituía uma distincção ; e a maneira
' muitas vezes, de o rei dar uina prova de preferencia a uma
erra
' era consentir que os seus cavalleiros servissem n'aquelle
'"P° privilegiado da sua *hoste*.

Continuado da pag. 38(1, numero do 1.° de setembro.

Huarle Nunes de Leão, *Chronica de /). Affonso Henriques.*

A cavallaria ou concorria com a infanteria nas acções de maior monta, ou isoladamente nas empresas mais longínquas, r pidas e arriscadas ; consoante o serviço que d'ella era exigi^o, assim se apresentava em unidade de maior ou menor força.

Quando se podiam reunir uns cento e cincoenta cavall°s> era uso constituir-se, sob o commando de um *adail,* unia compaiia, e então, visto passarem de cem cavallos, era-lhes da o levar um pendão especial.

Os caudilhos ou coudeis eram escolhidos entre os princ paes, sendo-lhes requerido nobreza de linhagem, poder e sabe dória e era-lhes dada uma signa farpada sempre que rep" sentassem mais de cem cavallos '-.

Havia, porém, fracções de cinco, dez e cincoenta cavai'o*'

As formaturas mais usadas para as grandes unidades ei as que se denominavam *az, muro, mó. cunha, cerca* ou *cW^J* e *tropel.*

No meu entender quasi todas estas formaturas tanto si empregavam na infanteria como na cavallaria.

Que a *az* era formatura de cavallaria deduz-se das pr prias palavras da Partida n de Affonso o Sabio, que diz (IlU «las azes tendidas fizieran porque parecescen mejor en ellas l°s *cavalleros* e se muestran por mas delo que son, que es ,o!'a que faz a-la mala gente tomar espanto e vencer-se mas ayn

Como se vê, era uma linha extensa de cavalleiros que sim se formavam para apresentar uma grande frente, que l'gl E-tas rasse maior numero de tropa do que realmente havia. J^h *azes* ou *hazes* collocavam-se umas atraz das outras para mal° effeito, e mesmo para se substituírem successivamente, qua'1 a da frente se sentia exhausta. Com as filas unidas, mas n um só fileira, as companas formavam ora para esperar ataque, o para melhor envolver, pelos flancos, o inimigo.

O *muro,* que não era mais do que um quadrado comp3i''

[1] Affonso o Sabio, Partida n. Lei 4.ª

[2] Idem. Lei 13.»

de gente, era evidentemente uma formatura de infanteria contra a cavallaria.

A *mo* era uma formatura circular contra os movimentos envolventes do inimigo.

A *cerca* ou *curral* era a formatura em quadrado, de tres 'eiras de soldados em cada lado, guardando um espaço no entro. Sendo feita pela infanteria, era guarnecida exteriormente Por uma sebe de lanças ou piques, cravadas no chão e inclinadas para o inimigo. -Mas também a cavallaria, na minha opi- "Uo' tinha aquella formatura na Edade Média. Vimol-a, por IXemP'o, empregada na batalha de Bovines pelo conde de Bougne qUe <(^ un *iyaiainon* 1 carr(i *dhommes d'armes* serrés ^ f deux rangs, forteresse vivante, berissée de lances au milieu aquelle était un espace resté ouverte en guise de porte. » ljI'a ao meio d'esse quadrado que o conde ia descançar de- ' Jls das cargas que pessoalmente dirigia.

A *cunha* ou *cabeça de porco* era em fórma triangular, colne?ando no vertice da frente, em geral, por tres soldados, e indo suceessivamente augnientando ou dobrando o numero. Era 'ornniatura de ataque contra o inimigo formado em linha ou *az.*

Que esta formatura em *cunha* ou *coinha* era também de aliaria se deduz igualmente da Partida n, a que nos temos Aferidoj quando trata da maneira de a ordenar : « E deve ser fecha d'esta guisa, poniendo primeiramente delãte tres cavalleros, e las espaldas delles seis, dose, é erapos destes vinte e quatro' e assi doblando-los, v cresciendo-los, todavia, segun fuera 'a 'anipafia s.»

Em Franca, como entre nós, batalhão significou n'esse tempo unidade de ^*aliaria.* Vul. *Regimento tle guerra* de Martim Affonso dc Mello, o Moço, e *Restaurado,* onde o conde da Ericeira chama *batalhão* aos corpos de cavali ^ ' aria, e *esquadrão* aos de infanteria. Na própria descripção da batalha de lnes encontrámos o seguinte dizer : « Les cent quatre vingt *ehevaliers* cham- "es l formèrent un senI *bataillon.* » Ap. V. de Vaublanc. *La Franee aux temps* oisades.

Partida u. Lei 14."

Para reforço da minha opinião de como as formaturas do *curral* e *cunha* pertenciam também á cavallaria, lembrarei qllí ellas eram já usadas pela cavallaria no tempo dos gregos.

A formatura em quadrado ou rectângulo, propriamente, era vulgarissima na cavallaria grega. O rectângulo tinha dt zeseis cavallos de frente, sobre quatro de fundo e ás vezes oito, guardando os esquadrões, assim formados, um certo intervallo de que nem Polybio nem outros escriptores dão noticia certa. mas que se pôde calcular correspondessem a metade do co primento da frente, quando entre os esquadrões se colloca^a> segundo era uso, a infanteria ligeira (psilites), como fez Epa'111 nondas na batalha de Mantinéa

A formatura em cunha, isto é, em triangulo ou losango guiar, com uma ponta voltada para o inimigo, era entre os g,e gos empregada geralmente quando carregavam em forrageado * ~ (G res [2]. Esse triangulo ou losango era formado pela reunião duas *ilhas,* que nós chamaríamos hoje esquadrões e <lue compunham de sessenta e quatro cavalleiros, representando fracção menor do *epitagma*, que é o nome que se dava a união de toda a cavallaria da *tetraphalangarchia* ou exercio

Na infanteria grega o quadrado era o que havia de)nal usual, e a fórma em triangulo, quando foi ensaiada por Crés[11] , na batalha de Timbrea, foi-lhe fatal por ser impotente contra formatura em tenaz, que Cyro lhe oppoz com enorme vante- gem. Ora, é claro que sendo na Edade Média imitadas ou se produzidas as formaturas da alta antiguidade clássica, oao

[1] Rocquancourt, *Cours complet d'Ari et d'Histoire mililaire,* tom. ^

[2] - « Chargeant en tourrageurs, les escadrons grecs formaient bientôl pointe, dont la lète était composée de cavaliers les plus courageux et lps 1 montês.

« 11 leur arriva ce que arrive encore auiourd'hui aux Tartares, aux Ma"1 elu- nt Ic cor cks, aux Cosaques irreguliers, et aussi à une ineute de chiens qu'animeni et la vue du cerf. Cette pointe toujours irregulière, est devenue, entre les ^an- dns tacticiens grecs et autres, que les ont copiés sans reflexions, tantôt un gle, tantôt un losang irrégulier. Voilà, du moins, ce qu'il y a de plus invraií blable.» — Rocquancourt, liv. cit.

''mitáriaiii a adoptar as formaturas e disposições da infanteria, '"as também da cavallaria, que era a força principal.

Além das formaturas que ficam summariamente expostas, av'a como auxiliares d'ellas uns corpos envolventes chamados Wharas, que tinham por fim guardar e proteger os flancos das quando collocadas a tal distancia umas das outras, que Pudesse o inimigo introduzir-se nos intervallos ou mesmo «por-'Ue quando las hazes se ajutassen, pudiessen venir mas ayna os de las alas delias a ellas, por ferir los inimigos de traviesso, o Moinar las espaldas.»

Havia também umas companhias, evidentemente de caval- ' chamadas *tropéis,* encarregadas de debandar as forças inimigas- quando abaladas, ou desbaratal-as na retirada.

^ l'-stas disposições tacticas eram empregadas nas campanhas ^""aes da *hoste* ou do *fossado;* mas não as maneiras mais uiuentes da guerra nos primeiros tempos.

O que era habitual, quasi quotidiano, eram as correrias, as xPedições e> defezas mais ou menos desordenadas e livres, que Prosença dos arabes no territorio da Península tornava necesai'as, quer resistindo ás invasões ã mão armada, da parte dos '°"ros, que entravam constantemente a talar os campos ou a ac'ar as povoações; quer exercendo, pelo nosso lado, uma íão devastadora nos domínios do inimigo.

Essa era a maneira mais frequente da guerra na alta Edade Média.

t.oino a principal condição d'essas correrias era a presteza, c'aro p° que só á gente de cavallo podia competir taes empresas, jpa portanto justificado o enthusiasmo que havia pelo cavallo > a cujo aperfeiçoamento o génio luminoso de Mafoma, o gr; ^a"de reformador musulmano, entendera dever applicar o inth ixo da religião e o seu prestigio. De modo que prometteu o c«o , quem tratasse convenientemente d esse animal precioso. biliar e companheiro das glorias humanas.

Na tradição prophetica dos mouros encontra-se que quando Allah quiz crear o cavallo, disse ao vento: «Desejo que de [1] sáia um sêr; condensa-te!»

E o vento condensou-se, produziu o cavallo. D'ahi o ha^ei o mouro consubstanciado na seguinte formula as qualidades dº cavallo de guerra: — O bebedor de ar é: — no combate, o pn- meiro a cahir sobre o inimigo; depois da victoria, o primem na pilhagem ; e, no caso de derrota, o primeiro a afastar-se [1] perigo

Em contacto permanente e em lucta com os arabes, pal lhámos com elles esse enthusiasmo, esse culto pelo cavallo, [1] isso tanto mais facilmente, quanto na Península Ibérica, e so breludo na antiga Lusitania havia uma alta tradição com •es- peito á ligeireza e valia dos nossos cavallos, das margens do Tejo e proximidades de Lisboa, deixando-nos Solino, Phm[io]. Terencio, Varrão e outros escriptores a informação unanime da crença que então existia d'esses cavallos serem gerados pelo vento [2].

Nos combates da Edade Média, portanto, sendo qualidades inapreciáveis a ligeireza e a velocidade, era legitimo o amº do pelo cavallo, que rapidamente conduzia o soldado ao ponto do ataque e rapidamente o afastava do perigo.

Nas guerras formaes as marchas faziam-se tendo em vista todos os preceitos da estrategia e da tactica, que tinha os seus principaes fundamentos, embora rudimentares, perfeitamente a sentes e principalmente as da poliorcetica ou arte de ataca defender as povoações, a qual, para a sciencia d'aquelle temp representava a ultima palavra.

A *lioste* movia-se com todas as precauções, adoptando os

' Le general E. Daunias, *l.es cheraux au Sakaru.*

« Spirante favonio vento concipiunt et sitientos viros, aurarum maritantur. » Solino, cap. xxxvi. « Olyssipo eqnarum é Favonio vento coi nobilem.» Plinio, liv. viu e liv. iv. « In futurum res incredibilis est in sed vera est quod in Lusitania ad Occeanum in ea regione ubi est oppi sipo monte Tagro quiedam é vento concipiunt certn temporeequse.» Varrao, *rústica*, liv. li.

caudilhos ou coudeis as medidas necessarias para a segurança ou marcha, passagem de rios, desfiladeiros e outros obstáculos, acampamento (aposentação) das tropas, etc.

Havia já regras estabelecidas para os serviços de exploração de reconhecimento de terreno, de segurança em estação. A estranietação obedecia a preceitos rigorosos, a que os *aposentadores* tinham de obedecer, sendo por isso escolhidos para esses cargos, como para os de adais e outros, homens de competencia e saber.

km tudo se encontrava em germen o que na Renascença ha de produzir os primeiros grandes progressos da sciencia da guerra.

Consoante a natureza do combate, assim se chamava á lutravada por meio de preceitos regulares, ou *lide,* ou *torneio,* ou *fisienda* ou *espolanada.*

Lidar ou combater foi o termo generico para indicar a luem campo; mas nos primeiros tempos *lide* significava com- e sem caudilhos nem insígnias, entre forças que de súbito encontravam em conflicto, e não podiam attender aos preceitos das formaturas prescriptas.

Quando no combate tomavam parte os reis, — e era então obrigatorio o rufar de tambores e o clangor das trombetas, — o combate chamava-se *batalha* ou então *fasienda* se, embora sem a assistência dos reis, se attendia a todas as formalidades. *Torneio* era o combate em volta de uma praça sitiada ou mesmo entre forças que sabiam dos respectivos acampamentos, a combater, e a elles regressavam após a refrega. *Espolanada,* egualmente, era o combate entre os que atacavam e defendiam um logar ou povoado

Nas correrias, porém, ou cavalgatas, como então lhes chamavam, as expedições tinham, conforme o seu destino, o nome de *lossado, algara, azaria, fronteira,* etc.

Cavalgatas, ou cavalgadas, lhes chamavam, pela razão da pressa com que era necessário montar a cavallo, subitamente e

Partida II, Lei 27,"

sem maiores preparativos. Eram verdadeiras irrupções nos cai" pos e povoados inimigos, com o fim de os pôr a saque, colh"' os fructos novos, cortar a lenha das mattas, recolher os gados £ os mantimentos, apoderar-se de tudo emfim que tivesse algo"'' utilidade, fazendo ao mesmo tempo o maior damno possivel ao inimigo, não só privando-o do que possuisse, mas partindo-l''® os engenhos, viciando-lhe e esgotando-lhe os poços, desviando lhe os veios d'agua, etc.

Todos os meios eram Jicitos para incommodar e *roiil>ar* (era o termo) o adversario. Na rude linguagem sincera do ten po assim era designado o acto que, na hypocrisia contemporâ-

nea, se chama represália de guerra, e que investiu, por exei pio, os francezes no direito de arrasar as preciosidades artis" cas do Portugal, com uma selvageria que repugnaria á ProPrl£ bruteza medieval.

Entre as correrias havia uma mais formal, chamada j°s*do do [2], á qual eram obrigados todos, e era uma contribuição guerra, que começa a apparecer no principio do século ix, como pesando sobre indivíduos não nobres, e representa um antio encargo do codigo visigodo — *cavallos ponere.*

Tinha por fim essa expedição, corrida ou cavalgada, coiu lhe queiram chamar, talar os campos inimigos, colher as melh res novidades do anno em fructos, cereaes e outros produi °6 Por isso se realisara annualmente « n'aquelles mezes em q"c paes estavam em terra, quando não fosse maduro », e tomava o

[1] <• Kl uno porque no podià biê *rubor.*. . Kallãdo los inimigos de pa'" e *robando.* » Partida n. Lei 29.ª

Talvez de *fossinagar,* que entre os lombardos significava campo cult' ^ do e cheio dc pastos e renovos. Viterbo, *Elucidário.* D'ahi as designações ^ *de fossadeira,* em outros pontos chamada também *Cavallaria,* com o a<>[1S] de outros encargos e que queria dizer herdade sujeita á contribuição do *foss* ^ ^ a qual de pessoal passou a ser adstricta a povoações, passando, com a exP ^ dos arabes a ser, em vez de annual, unicamente nas occasiões de guerra com ^ e Castella, e convertendo-se depois, do século xm em diante, em simp'es (^^ buição predial, chamada *fossadeira,* paga em dinheiro, generos, bragaes linho). A. Herculano, *Historia de Portugal,* tom. m e iv.

nome da maneira por que essas expedições levavam a effeito a sua empresa.

«Em iaes correrias, diz Alexandre Herculano, destinadas unicamente a procurar recursos, a destruir os inimigos e a attrahir por vontade ou por força as populações mosarabes á nºva patria christã, deviam dar-se certas eircumstancias ... A natureza da expedição exigia que as marchas fossem rapidas, o ªPparecimento inesperado, a retirada segura ; e só os troços mais ou menos numerosos de cavalleiros podiam satisfazer a estas condições indispensáveis para o resultado. Subitamente esses terríveis guerreiros appareciain n'uma província, n'um districto 'Uusulrnano; se as guarnições das cidades e logares fortificados nao alcançavam repellil-os no campo, acolbiam-se ás fortificações emquanto se appellidavam as tropas dos districtos visinhos. Entretanto, na corôa do outeiro, no viso da montanha, ou na garganta do valle, os invasores acampavam, entrincheirando-se em valias, formadas com a terra das cavas ou *fossas,* que abriam em roda para não serem salteados emquanto faziam Partir para o norte a população christã, e recolhiam os despojos (los sarracenos que haviam podido escapar ao seu odio[1].»

Ao *fossado* iam todos, cavalleiros, escudeiros e villãos, tomando parte n'elle príncipes e bispos, sendo a expedição, quan- possível, realisada de fórma que os cavalleiros levassem pão nºs alforges e podessem regressar no mesmo dia ao castello ou ll Povoação d'onde haviam partido, deixando 11'elle parte da -íente a guardal-os. Os cavalleiros iam o mais aligeirados[2] pos- s'Vel, levando geralmente só lança e escudo, para poderem ca- 'nhar mais depressa, apprehender e retirar com mais presteza.

Esta era a principal condição de todas as expedições d'esta ordem.

Algara[3] parece ter sido uma somenos expedição, especie

Historia de Portugal, tom. 111.

Foral da villa de Moz em 1162. 1

Fazem derivar *algara* do arabigo *algar,* que significava, como ainda enaós *algara,* cortadura do monte, ou sitio onde, por uma depressão no sólo, se

de partida de pouco numerosos cavallos, que ou sahia das diversas terras, em incursões nas dos inimigos ou do grosso da expedição que ia em fossado [1].

Apesar da sua menor importancia, comparativamente com o *fossado,* era comludo uma expedição em fórma, devidamente acaudilhada, mas inferior em qualidade a uma outra que nos primeiros tempos se chamava *corredura,* e tinha um caracter de promptidão e rapidez extremas

Azaria era uma expedição ou correria feita por conta e iniciativa dos habitantes de qualquer povoado, que se aventuravam a ir incommodar e affrontar o inimigo ou buscar mantimentos, em occasião que melhor lhes parecesse, e sem as formalidades do *fossado,* da *algara* ou mesmo da *fronteira.* Era uma correria súbita, em partidas mais ou menos restrictas, e que tinha por fim guardar as costas dos que iam a monte ou aos coutados, quer do inimigo, quer proprios, mas constantemente ameaçados pelo arabe. A *azaria* tinha pois por fim cortar e carregar lenha e madeiras [3].

A *fronteira* consistia n'uma expedição aos limites da p'ovincia ou do paiz, expedição com caracter propriamente defensivo [4]. Tinha por fim impedir as correrias (*ghaswats)* dos aiabes ou os *fossados* castelhanos.

juntam as aguas, mas que d'antes propriamente significava atoleiro, paul ou tidal. D'alii o direito sagrado da *erecta,* isto é, de rehaver o cavallo perdido n expedições, por se haver mettido em terrenos d'essa natureza, direito que prele» a todos os outros que davam partilha nos despojos mesmo ao quinto do rei. Vite^bo, *Elucidário* : Herculano, *Historia de Portugal;* Foraes de Penamacor de 1229'

em Castello Branco, pelos templários em 1213, e carta de el-rei D. Diniz em Também fazem derivar *algara* de *algarú,* que vem do arabe *gazúa,* convo de gente para a guerra. Viterbo, *Elucidário.*

[1] Partida n. Lei 2'J.»

[2] «Por esso es llamada corredura, porque los que vã en ella h5 de}[1] na e venir-se, quanto mas ayna ellos venir pudiessein. » Partida n. Lei 29."

[3] Fazem derivar *azaria* de *aza,* que é como se chamava ao niai'[1]'[1] d'onde a *azza* dos italianos, a *liacka* dos hespanhoes, e a *liache* dos francez[1]-' *axe* dos inglezes, tudo significando machado. Viterbo, *Elucidário.*

[4] Herculano, *Historia de Portugal:* Viterbo, *Elucidário*

Havia ainda as *celadas* de que particularmente se occupa Alfonso o Sabio; a expedição de *anaduva* ou *anadiva,* que •correspondia a uma contribuição de guerra, para lodos, e que tinha por fim levantar caslellos e fortificações ou reparal-os; e ainda outras expedições, que seria longo enumerar aqui.

Perdido, com a expulsão dos arabes, o caracter de correia, na guerra, a pouco e pouco se foi tornando necessário dar maior unidade e harmonia ao exercito, estabelecendo as bases ae uma organisação.

Foi o que começou a fazer-se no tempo de D. Fernando I.

Christovam Ayres.

VORREI MORIRE!

Canta uma voz ... É noite ... A noite é fr
o céo gotteja estrellas . . . Sombra densa.
Dôce voz de mulher ! . . . Paira, sombria,
na treva espessa uma tristeza immensa . . .

Canta : tem gritos de paixão fremente . . .
Abre-se o coração — gruta em ruinas —
para sorver-lhe a melodia ardente,
para escutar-lhe as notas crystallinas.

Canta : as notas soluçam ... Ha queixumes
longos, tristes, sentidos, dolorosos . . .
Passam na noite, em lugubres cardumes,
todas as queixas dos perdidos gosos . . .

Almas, que morrem : corações partidos
em plena flôr, em plena mocidade —
n'aquelle canto exhalam-se em gemidos,
gemem na angustia da immortal saudade • • •

VORREI MORIRE!

Aquella voz, aquella voz sublime
— voz de archanjo e mulher, forte e sonora —
no intenso arroubo, gemedora, exprime
quanta magua de amor o mundo chora 1

Os sons, que passam — passam orvalhados
de sangue e pranto . . . sôam, lancinantes,
os tristes ais dos peitos desprezados,
as supplicas perdidas dos amantes . . .

— « *Vorrei morire* . . . » — Como é cedo ainda !
Voz de mulher e moça — e falia em morte !
Lança na noite uma amargura infinda
essa queixa tristissima da sorte. "

Dizem que a vida é bella, é boa a treva . . .
O vento lá por fóra, nos espaços
galopando febril, nas azas leva
um frémito de beijos e de abraços . . .

E, no entretanto, ha lábios solitários,
lábios sedentos de gostosos beijos,
almas mortas nos trágicos calvarios
dos impossíveis e fataes desejos !

Quanta tristeza ! Aos poucos se esvaece
a voz que canta ... As almas dos Trahidos,
colhendo no ar as notas d'essa prece,
ungem na sombra os corações feridos.

Calou-áe a voz. Na escuridão, furtiva,
não ha canção de brisa que suspire . . .
Róla . . . cae-me do olhar lagrima esquiva,
soluça o coração : *Vorrei morire!*

Medeiros e Albuquerque.

UM ECONOMISTA PORTUGUEZ[1]

(ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA)

IV

As palavras *livre-cambio* e *proteccionismo* são empregadas não só como designações de oppostas escolas no campo da sciencia, mas também como vozes de porfiada guerra nas regiões do egoismo. Se, na própria esphera das discussões scientificas, a critica dos argumentos ás vezes se uniu desgraciosamente á injuria, não é de estranhar que, trazido o pleito para os tribunaes em que o interesse domina ou perturba, se tenham proferido insultos, e calumniado intenções.

Cada uma d'essas escolas tem phrases de effeito: o livre-cambio diz-se defensor dos direitos do homem n'uma das suas mais importantes formas; o proteccionismo apresenta-se como advogado sollicito do trabalho nacional. O livre-cambio accusa de espoliador socialismo a protecção; o proteccionismo flagella com o vitupério de inimiga da patria a liberdade mercantil- livre-cambio affirma que os seus inimigos fomentam systeinaticamente o atrazo das industrias; os proteccionistas asseveram que seus adversarios querem matar as fabricas nacionaes.

Apezar do tom decisivo com que tantas vezes são **proferi**

[1] Continuado da pag. 370, numero do 1.º de setembro.

das estas razões contradictorias, não é raro achar nas obras dos proprios chefes das escolas a prova de que a opposição entre ellas, embora seja grande, não o é tanto como vulgarmente se julga.

Aqui temos Smith, o grande fundador da sciencia econonnca, ou ao menos geralmente proclamado assim; avaliassemol-o Pelo que escreveu d'elle um pensador tão distincto como o famoso Friedrich List, e pensaríamos que elle não teve na menor conta a existencia das nações, os elementos peculiares a 'ada uma d'ellas, ou que tratou da permutação dos productos como se todo o mundo constituísse uma vasta republica, ou 'Galisasse os velhos sonhos da monarchia universal. E, se contássemos nos clamores vulgares contra o livre-cambio, acrediariamos que elle deseja arrasadas immediatamente as alfandeSas, sem attenção aos capitaes e ao trabalho já organisados de erto modo sob a influencia das tarifas aduaneiras.

Mas quem lêr a obra de Smith saberá que, muito ao con-'•ario do que lhe attribuem, elle teve em tanta conta a existenCla das nacionalidades quando estudou a questão das permuta- que escreveu o seguinte :

« Pai•ece-me haver dois casos em que geralmente seria antajoso estabelecer algum imposto sobre a industria estran- a para animar a nacional.

<(O primeiro, quando uma especie de trabalho é necessário a defeza do paiz. Por exemplo, a defeza da Gran-Bretanha deponde muito do numero dos seus navios e dos seus marinheiros.

Pois, acertado o *Acto de navegação* que procura attribuir aos navios e marinheiros da Gran-Bretanha o monopolio da naVetação do seu paiz, já por absolutas prohibições, já por fortes 1 ncargos sobre a navegação estrangeira.»

Depois de summariar as disposições principaes do *Acto,* Smith pondera as 'desvantagens, puramente ou restrictamente oeoUomicas, derivadas d'elle ; reconhece que é desfavorável ao accrescimo da opulência, da qual o coniinercio é também oriSGm• »

, porem, acima da questão da riqueza material immediata, 'eu espirito vê a questão patriótica, as necessidades do orga-

tiismo nacional, a superior conveniência de o robustecer ; p[01]'' isso conclue n'estes termos :

« Diminuindo (por causa do *Acto)* o numero dos vendedo- res, necessariamente diminuímos o dos compradores ; **ficamos,** pois, expostos a comprar mais caro as mercadorias estrangei- ras, e a vender mais barato as nossas, do que se houvesse per- feita liberdade de commercio. Como, porém, a segurança do es- tado é coisa de maior importancia que a sua riqueza, o *Acto de navegação* é porventura o mais sábio de todos os regulamen- tos mercantis da Inglaterra[1].»

o segundo caso em que Smith entende que geralmente será vantajoso impôr taxas sobre a importação de mercadorias estrangeiras para animar a industria nacional, é quando o pr[o]' dueto d'esta é objecto de algum imposto interior.

Ainda Smith se occupou das represalias aduaneiras, ás ve- zes empregadas como resposta a fortes direitos **lançados** p[o]r nações estranhas sobre as mercadorias de um dado paiz; no seu entender, taes represalias podem ser de boa politica, se ha pr[o]" habilidade de conseguir por ellas a revogação das taxas. vantagem de recuperar um grande mercado estrangeiro, ser geralmente maior que o passageiro inconveniente de pag[ar] mais caro, durante breve período, algumas especies de **merca-** dorias. O prever os effeitos das represalias pertence talvez me- nos aos conhecimentos do legislador, cujas decisões devem se' determinadas por princípios geraes **e** immutaveis, do que á ha bilidade do sêr insidioso **e** astuto vulgarmente chamado poli'"[11] ou estadista, mijas opiniões se dirigem segundo a **versátil e** m[o] mentanea marcha dos negoeios públicos [2]. »

Estes trechos não deixam a menor duvida no **espirito** leitor ; instruem-n'o sufficientemente para se convencer de (]"< Adam Smith não construiu uma theoria tão *abstracta. ou 311*

[1] Adam Smith, *Investigações sobre a natureza e as causas da riq<"~ das nações,* na tr. franceza de Germain Garnier, ed. Gnillaumin. Paris, t859> pag. 220 e scg.

[2] Obr. cit., pag. 225 e seg.

tes tão utopico systema, que desattendesse a divisão da humanidade em nações. Pôde discutir-se a opinião d'elle ácerca das re'ações mercantis internacionaes ; porém é inteiramente infunda a asserção de que as suas doutrinas foram estabelecidas So re a hypothese de que os homens constituíam um só estado.

Acaso será menos injusta a critica segundo a qual a es- u'a de Adam Smith quer a immediata demolição das barreiras alfandegarias? Sejam as seguintes passagens da sua obra funmental a resposta a esta pergunta :

<(Quanto a manufacturas, basta pequenissimo lucro para íue os estrangeiros as possam vender no nosso proprio paiz e j^oi preço menor que as fabricadas cá... Se fosse permittida a ro importação dos productos das fabricas estrangeiras, muiLas das do interior provavelmente soffreriam com isso ; talvez l'S'imas ficassem completamente arruinadas; e parte considera- Ve l dos capitaes e trabalho, agora empregados em fabricas nossas > vêr-se-hia forçada a buscar outro emprego.»

« Quando, por avultados direitos ou pela prohibição de ne'cadorias estrangeiras, se tenham desenvolvido fabricas naj'onaes a ponto de empregarem muitos braços, ... a humani- e pôde exigir que a liberdade mercantil não seja restabeleça senão por muito lentas graduações, com muita circumspe- ^Çào e reserva. Se de um só golpe fossem destruídas essas propões e extinctos esses direitos, poderia o mercado interno Ser i

1ogo inundado de mercadorias estrangeiras mais baratas, 'oi maneira que muitos milhares de concidadãos nossos ficas- m simultaneamente privados de seu ordinário officio, e des- ' i d o s de todo o meio de subsistência. Poderia ser muito ^rande a desordem proveniente de tal facto . . .

<(O dono de uma vasta manufactura que se visse obrigado abandonar o trabalho porque o mercado interno repentinalonte se abriu á livre concorrência dos estrangeiros, incontes- Emente soffreria damno considerável. É possível que sem diffi- uldade empregasse de outra sorte o dinheiro que usava gasW em salarios e matéria prima ; porém nao conseguiria ínverter sem grave perda o capital fixado nas officinas e outros

strumentos economicos. Justa consideração dos interesses deste fabricante exige, pois, que não sejam violentas as **mudanças-** mas antes realisadas successivamente, com vagar, e **annuncia** das de longe L »

J. B. Sav, sobre o qual teem cabido accusações análogas ás que soffreu Smith, escreveu também que, apezar dos **incon** venientes da prohibição de mercadorias estrangeiras, fôra te merario abolil-a subitamente ; que uma doença não se cura n'um dia ; que os proprios capitaes e trabalho, **empregados** eia monopolios, devem ser tratados com cuidado ; que talvez na° seja demasiada toda a habilidade dos grandes estadistas p^ari1 cicatrizar as chagas occasionadas pela extirpação do **system** restrictivo : sendo, pois, tão diffic-il restituir a liberdade **ás** t'° cas, concluia Say que se devia ser muito cauteloso **e reservado** em tirar-lh'a.

Mas não **só** avisou os reformadores liberaes do **cuidado)n** dispensável á transição d'**um** para outro regimen; **Lambem** n^a" foi d'um liberalismo radical em theorias de **commercio entr** nações. Quem julgar Say pelo que vulgarmente se **affirnia,** f' cará decerto surprehendido com estas palavras **escriptas P°1** elle : « Talvez um governo proceda bem, estimulando **industria-** que, apezar de causarem perda a principio, **evidentemente** de vem ser proveitosas em poucos annos.» E logo recordou **o** exem pio de Colbert que adiantára 2.000 francos por tear em act'^1 dade aos fabricantes de sêda e panno; talvez a isto, obsei^1 elle, se devam as fabricas francezas d'estes productos. App'° vou também que, para se crearem marinheiros e ter marin Luiz **XIV** desse o premio de **5** francos por tonelada **a** q^uCI1 equipasse navios. Say formava, pois, ácerca das leis franceza-- protectoras da navegação, juizo analogo ao que **formulava** Smit'1 a respeito do *Acto* britannico. Relativamente á **ingerencia** d< estado na industria, que não tivesse relações directas **e intim^aS** com a independencia ou poderio nacional, os **encomios** do **P** fessor do Collegio de França ás providencias do tempo do

Ohr. cit., pag. 213, 229, 234 e 235.

Sol nao estão plenamente de accordo com o expresso pensa- "lento do professor de Glasgow [1].

•J- B- Say teve Rossi por successor n'aquelle instituto pari- Slpnse ; Rossi defendeu eloquentemente a liberdade de commer- rio > "ias distinguiu com luminosa nitidez entre a economia de °ada nação e a economia universal.

Se no mundo industrial e mercantil não houvesse barreiras Politicas, dizia elle ; se para as relações economicas estivessem c°mpletamente extinctas as ditferenças de nacionalidade ; se odos os estados podessem constituir as precisas receitas sem "'1'araçar a circulação das mercadorias. — em taes condições 'iberdade de commercio seria extremamente útil. Mas por in- fel" idade esta bvpothese, continua Rossi, é romanesca; passan- do au mundo real, n'elle podem achar-se estados incipientes, aos l"aes a liberdade das trocas permittiria abrir commodamente a "a estrada social; e outros estados em que o rápido estabele- ""ento da liberdade mercantil seria uma revolução; comtudo, "esmo nos primeiros a doutrina liberal admitte excepções : nea- hu 111 pae de familia ignora que em certas circumstancias o sa- crificio actual pôde conseguir um lucro futuro ultracompensa- dor •> suspeitando da existencia de grandes riquezas mineraes no seu prédio, certamente gastaria em pesquizas afim de opu- ar os filhos com mais esta fonte de prosperidade. O mesmo ' °de succeder a uma nação : fidedignos inquéritos conven- ^e"i-na da vantagem de fundar uma industria, próspera no es- angeiro ; então o governo toma parte na empresa, ou lança

B. Sav, *Traité (VÉconomie politique,* ed. Guillaumin. Paris, 1849,

Richeiot, annotando List, cita a seguinte passagem de Smith para o mos- trar „ pouco inclinado a admittir vantagens no proteccionismo : « Em verdade]ód e sor que por virtude d'estas leis um paiz adquira um genero de fabricas mais 'lei Press a do que o houvera adquirido sem ellas, e que no fim de certo tempo o res Pectiv "o producto se faça no paiz tão barato, ou ainda mais, que no estrangei-

Kichelot esqueceu-se que immediatamente Smith considera as vantagens, l res ultantes, inferiores aos damnos causados por tai legislação. Vide Smith, ob P. 'ler "' 1-, pag. 211, tomo u, e *Système national d'Économie politique* par Fré- "' List, trad. de Henri Richelot. Paris, Capelle. 1851, pag. 272.

uma taxa pautal sobre a mercadoria que vier de fóra; ta%a que deve ser temporaria, e cuja grandeza depende da grandeza de capital fixo ; taxa que attráia sufficientemente os capitaes pela esperança de lucro.

Considerações politicas o levavam também a admittir excepções; vendo no estado, não um aggregado qualquer de ind> viduos, mas sim um organismo com fim determinado, moral, ne' cessario, e um meio indispensável á especie humana para o seu progresso material e ethico, accrescentava: «A economia politica não é a dominadora do mundo, a legisladora universal das .sociedades civis; ella quer a liberdade do commercio e da in dustria com poucas excepções: tem razão na esphera das suas idéas; mas ha casos em que a riqueza encontra a politica, es sencialmente encarregada de prover á primeira necessidade de toda a nação, isto é, á independencia, á força, á defeza do paiz- Antes de pensar em ser mais ou menos rico, é preciso existir- E, resumindo uma parte da sua doutrina, concluía: «A liker dade commercial, sabiamente combinada com as exigências nacionalidade e da politica, se deve portanto pedir o amp'o concurso de compradores e vendedores, necessário aos povos cuja industria foi sobr'excitada pelo monopolio[1].»

Conhecidas tão claras affirmações de tres dos mais notavei economistas clássicos, é evidente a sem-razão de attribuir á es cola de Smith uma intransigência jacobina quanto ao regiinlCl do commercio internacional; e comtudo as accusações teem Pa' tido não só de escriptores vulgares, mas também dc altos espi ritos, profundamente versados na historia da economia politica' basta recordar outra vez List que, apresentando-se como reformador de uma parte da sciencia, escreveu que um dos defeito essenciaes d'essa escola consistia n'um cosmopolitismo chilre co, sem comprehensão da nacionalidade, e não se preoccupan dos interesses nacionaes.

[1] *Cours d'Économie politique* par M. P. Rossi (1836-1838), Iir"*cl''' 1851, pag. 467 n 511.

V

A doutrina proteccionista estabelecerá doutrina mais seve- ra- Acreditará que os direitos aduaneiros são sempre vantajo- 808• Seja o mesmo List quem nos esclareça n'este ponto.

Em primeiro logar, elle não admitte a utilidade das tarifas Pautaes para a agricultura ; fôra insensata a empresa de a ani- niar com taxas protectoras,' porque, no seu entender, esse ramo tra balho só pôde ser favorecido pela existencia da industria llla nufactureira no paiz; e a exclusão das matérias brutas e d°s productos agrícolas estrangeiros só pôde retardar a evolu- Çao industrial.

Em segundo logar, elle pensa que «a educação economica u m paiz pouco intelligente e pouco instruído, ou fracamente P°voado relativamente á extensão e fertilidade do seu territo- > SG realisa mais seguramente commerciando com povos Cantados, ricos, e industriosos; fôra prematura toda a restri- ção que visasse a crear ahi fabricas ; a protecção poderá jus- ''tcar-se unicamente quando a cultura intellectual, politica e e°°nomica, sob o influxo da liberdade mercantil, estiver assaz a Untada para que a importação de artigos estrangeiros e a alta de mercado para os productos do paiz obstem ao ulterior ^envolvimento d'elle. A industria manufactora prende-se a antos ramos da sciencia e da arte, suppõe tanta experiencia, 'anta pratica, tão radicados hábitos, que só lentamente pódo ef- 'ºctuar-se a educação fabril de um povo. Toda a protecção ex- 'essiva e prematura expia-se pela diminuição da prosperidade nac ional.»

Em terceiro logar, List julga nocivos os favores aduaneiros n°s paizes que não tenham população considerável e vasto eri itorio; um pequeno estado não pôde tornar perfeitos os di- Ulsos ramos de trabalho. Toda a protecção constituiria n'elle "m inonopolio particular. Só allianças com nações mais podero-

!

sas, somente o sacrifício de algumas das vantagens da nacionalidade, só esforços extraordinários podem manter, e ainda penosamente, a sua existenc.ia.» Nem o *Zollverein* lhe parecia suficientemente grande (List escrevia em 1841); para ser pel' feita, a associação aduaneira allemã necessitava estender-se a lodo o littoral «desde as embocaduras do Rheno até ás fronteiras da Polonia, comprehendendo a Hollanda e a Dinamarca. - nacionalidade germanica alcançaria assim o que lhe faltava, is'(l é, pescarias e forças marítimas, commercio dos mares e colonias.»

o implacavel critico da escola smithiana mais parece te' estabelecido um systema talhado cuidadosamente para o corpº germânico, do que uma solida theoria scientifica. Nações pequenas como Portugal, e ramos de trabalhos tão vastos como os agrícolas, não teem que esperar d'elle; todas as providenci com que vários paizes, entre os quaes a Allemanha, procuram defender a sua lavoura contra a concorrência dos EsLados-Lmdos, da índia e da Australia, seriam condemnadas na escola de List; n'ella ficariam sem explicação, e protestando clamorosamente, os grandes progressos economicos realisados por modestissimas sociedades politicas, taes como a Suissa e a Belg'ca'

Debalde se procurarão na obra de List robustas razões do seu pensar ácerca dos contrários effeitos da protecção, confoi me se exerça na industria ou na agricultura. Porque é uti concorrência de estranhos na lavoura cm todos os seus grande desenvolvimento, e é perniciosa nas fabricas até um muito avançado ponto da sua evolução? E não é só 11'esta base f1"1 damental da doutrina que residem as contradicções; appareee" Lambem quando List compara esses dois grupos do lavor I'" mano: exaltando nimiamente a industria por offerecer carrei a variadíssimos talentos, occupar mais braços, fomentar a pº pulação, estimular as artes e as sciencias, portanto aproveita' accrescenLar as forças productivas do paiz, — logo deprime agricultura, da qual chega a dizer que n'ella o merecimento d' homens se mede geralmente pela força physica. Só as manufac 11 ras dão verdadeira grandeza e merecem protecção ; mas se or

assim, como conciliar-se com tal proposição a outra do mesmo USc nptor segundo a qual só devem intervir as tarifas aduaneilas quando a nação tiver, pela liberdade do commercio com Cantados povos, obtido solida cultura intellectual, politica e ecº nomica? Porque motivo o livre-cambio ó superior ao protec-''onismo para dar estes elementos de riqueza a uma sociedade Principalmente agrícola, mas deverá n'um certo ponto do caminio da civilisação ceder o logar ao seu adversario? List não o ºxplicou, embora esta questão seja fundamental.

Excessivamente injusto para com os fundadores da econo-"Ua politica, é excessivamente fácil em estabelecer princípios ºu formular regras; censura severamente J. B. Say por querer 1Ue a protecção, nos casos excepcionaes em que o escriptor 'raneez a adinitte, só seja dada quando se acredite que a res-Pectiva industria poderá dispensal-a passados poucos annos ; e í;olotudo List não quer direitos aduaneiros excedentes a 40 ou Por cento, por entender que se um ramo de trabalho os ne-'essita maiores para subsistir, o mesmo vale confessar que não cºnvém acclimal-o. Que differonça essencial existe, porém, enre querer que o prazo da protecção não seja muito longo, e o lmPugnar que as taxas ultrapassem uma dada percentagem?

ambos os casos se põem limites ao sacrifício para a educa-<>'ao industrial do paiz, a qual sendo, como nos indivíduos, dessdente do tempo e das disposições naturaes, por isso mesmo Pareceria exigir que se completasse o pensamento de Say com o e List, depois de os tornar ambos menos rigorosos. De todo modo, ninguém pensaria que o sábio allemão, n'uina pagina r'uito anterior áquella em que repreliendeu o professor francez, esse deixado estas palavras : « Quando, sob o império de diíltos convenientes e progressivos, as manufacturas de um paiz lao florescem, é porque a nação não possue ainda as condições ^cessarias para ser industrial.» D'esta maneira List generaa e defende a regra que violentamente repreliendeu em J. Say.

A exposição de uma parle da doutrina de economistas clássicos ácerca da liberdade de commercio internacional e º exame de algumas passagens da obra de um dos mais notáveis proteccionistas allemães permittem-nos asseverar que nem aquelles deixaram de ponderar o principio da nacionalidade ¹ as exigencias da politica, bem como de abrir excepções ao hvre-cambio ainda mesmo no terreno estrictamente oconomieº' nem List deixou sequer as linhas principaes de uma theoria geral e harmónica do commercio das nações.

VI

Vejamos agora o que pensava Oliveira Marreca.

Em 1838, nas *Noções de Economia politica,* defendeu " livre-cambio, concluindo, porém, que, « apesar da incontestável evidencia e rigor dos princípios, applicados á totalidade das nações quando as consideramos como uma vasta associação regi ª pelas mesmas leis moraes, ou ao menos dominada por **necessi** dades communs, nem por isso elles devem resistir a uma Pr" dente e temporaria modificação occasionada pelas circunistancias especiaes de algum paiz, circumstancias sempre ou quas sempre nascidas do inveterado predomínio dos princípios contrarios.» Quatro annos antes o seu compatriota Ferreira Borgeᵴ seguia rigorosamente o livre-cambio; mas em 10 de janeiro 1837 era referendada a nova pauta das alfandegas, a qual, em hora especialmente destinada a pôr ordem no confuso e.anai chico regimen aduaneiro, onerava com fortes direitos, e as zes até prohibia a importação de numerosas mercadorias estia' geiras. O progresso dos seus estudos economicos, porventi"ª creação e o desenvolvimento de fabricas no paiz, inclina''ᵗᵗᵗ Marreca para a escola proteccionista. Acaso influiu também Rrc* seu espirito o desejo de vêr mingoada a influencia da Grantanha nos nossos mercados, e o ter na conta de desleaes ᵘ conselhos livre-eambistas de escriptores e homens de **estado** '

glezes? No *Panorama* de 1843, pag.- 252, disse elle que, ao xor «a Inglaterra aconselhar o continente que desista da indus-'r'a fabril, lembrava-lhe Roberto de Limoges, bispo de Lich-'ield, que por 1071-1072 publicou um decreto prohibindo aos clérigos saxões o uso dos alimentos nutrientes e livros instrutivos, com receio, diz o historiador, de que o bom alimento e a sciencia lhes dessem demasiada força contra o seu bispo. » Marreca procurava que a sua patria fosse também manufactora e mercantil ; contestava os que a pretendiam essencialmente agrícola. Não acreditava na divisão do trabalho pelas nações de modo que uma permanecesse na lavoura, outra se désse exclusivamente ás fabricas, outra empregasse no commercio to-

os seus thesouros economicos. A Inglaterra acaso não era 'udo simultaneamente? Acaso cada povo não cuidava de abastecer de artigos indígenas o seu mercado? Mas se estas refle--voes o ^ avam para o proteccionismo, logo deixava conhecer (Iue não o tomava por systema definitivo. Se pensava muito na Patria, nem por isso lhe esqueciam os interesses da humanidade. Acceitava as restricções, porém duvidava que fossem úteis ao progresso universal; acceitava-as, porque, não tendo Portugal braço omnipotente que as estorvasse, era necessário curvar-se us condições geraes. (Pag. 221 e 236).

E no *Relatorio*, que já citámos, o da exposição industrial oiii 1849, publicado em 1850, que Oliveira Marreca se demora no exame das principaes condições economicas de Portugal, e o occupa com largueza da questão das pautas. O jurado con-'a^a entre os seus membros homens de muito saber como José laria Grande, Guilherme Pegado, Andrade Corvo, Julio Maxi-'oo de Oliveira Pimentel, Marino Franzini, Almeida Garrett; o "-latorio exprimia o pensar commum, exceptuando o de João Andrade Corvo, que assignou com declarações, talvez por não 'uncordar na defeza do proteccionismo. Oliveira Marreca não Vem designado como relator; mas não só biographos e críticos "'Inocêncio, e Lopes de Mendonça, por exemplo) o considera-

auctor d'esse trabalho, mas lambem Marreca fallava d'elle como de obra sua.

o fomento da industria fabril figurava-se-lhe extremamente necessário; Portugal tinha o sólo em grande parte pouco povoado ; superabundava a producção agrícola em numerosos logares; e se n'outros escasseava, certo era que mandavamos a terras estranhas muitos generos ; mas fôra erro o firmar nos mercados alheios a principal esperança de progresso dos campos portuguezes ; os paizes nossos competidores haviam de medrar, e do mesmo passo talvez decrescessem absoluta ou relativamente as nossas vendas. « Deixemos livre o vôo á exportação agrícola ; busquemos mesmo novos mercados aos nossos generos ; mas consideremos o mercado indígena como a providencia da agricultura. É mais amplo este mercado, sem comparação nenhuma, que todos os outros juntos. É mais seguro e mais permanente.» Quando o consumidor está, por assim dizer, quasi á porta do productor, as operações mercantis são mais fáceis, economisa-se nos transportes, ha maior probabilidade de prompto embolso. Mas as classes agrícolas não podem consumir o sobejo da producção ; é, pois, « forçoso crear novas series productores não agrícolas que o absorvam.» Nem se diga que nos faltam elementos industriaes : são precisos braços? Abundam os homens que desejam empregar-se, e é grande o numero de ociosos. São precisos capitaes? Também hão de apparecer, o proprio facto de comprarmos tantos productos estrangeiros manifesta a existencia de recursos para alimentar fabricas, pois fundemol-as entre nós com esses mesmos recursos, comprando artefactos portuguezes em vez de os pagarmos a estranhos ; ficará entre nós o lucro, entre nós o salario, e, com tudo isto, o estimulo de população util.

Nem são unicamente esses capitaes os que podem servir a tão patriotico fim ; os estrangeiros também vão aonde os chama a grande probabilidade de elevado lucro ; veja-se o que succede com os inglezes : cresceu-lhes a opulência ; accumularam economias sobre economias ; mas, attingido certo grau de poder financeiro, os seus capitalistas frequentemente procuraram collocar parte de seus haveres fóra do paiz. E não procederam d'este modo somente os argentarios ; tiveram por companheiro

muitos empresários e trabalhadores ; todos elles foram propagando os conhecimentos fabris e as posses inonetarias que se tinham constituído na Gran-Bretanha, e a tornaram outr'ora a maior força economica do mundo ; todos elles, por esses mesmos factos foram creando concorrentes á sua terra natal; todos foram seguindo pelos diversos caminhos que pouco a pouco, mas persistentemente, vão diminuindo as differenças dc riqueza moral e material dos povos cultos. Ao examinar o que se passou n'esse animadíssimo theatro da arte fabril, « desengana-se o observador de que não ha esforço capaz de contrariar esta ^ndencia de quasi todos os paizes para utilisar as invenções mecanicas e as riquezas naturaes, nacionalisando o trabalho 'ndustrial.» E consultada a experiencia dos povos cultos, ella Lnsina que ainda os propriamente agrícolas entraram de ºnsaiar os trabalhos fabris desde que os salarios attingiram Certa altura, e os productos naturaes se multiplicaram até certo Ponto.

Poderiam objectar-lhe que a fundação de fabricas em Por-'ugal teria por consequência o alto preço dos productos d'ellas. arreca responderia que, apezar d'isso, em varias nações esse ranio de lavor social foi plantado e protegido por actos voluntários, suggestões de patriotismo, causas accidentaes, favor árctico, impulso de imitação, e, mais que tudo, pela força impe-"ºsa das necessidades humanas. «Se a todos estes estímulos P'ovalecesse o interesse de comprar artefactos no mercado mais '"aiato, a própria Inglaterra, grande potencia industrial, seria Je (1850) nação fabril mesmo de segunda ordem? Quando e 'a e a França começaram os seus ensaios, a Italia e a Flan-d|es offereciam-lhes sedas, pannos, e outros artigos de fabricado mais baratos e bem acabados do que os podiam obrar as Qhoj. tlb nações que noviciavam n'uma carreira em que as outras 'am já veteranas. Na mesma escala subalterna a respeito de odos o8 povos fabris da Europa se achavam os Estados-Unidos DA A tra -vmerica, quando, haverá pouco mais de quarenta annos, entam a aprender os rudimentos da industria. Talvez se não uma só nação, onde o trabalho fabril se fundasse sobre o

principio da barateza ou os productos do uma manufactura principiante não subissem mais caros que os productos similares das nações mais adiantadas.»

A questão do baixo preço, a dos interesses do consumidor, parecia-lhe mal posta : ha muitos consumidores que não produzem, que vivem do trabalho de outrem ; a questão, portanto, era, para elle, a justa ponderação do interesse dos productores ; de contrario, entrariam generos estrangeiros, e a agricultura nacional pereceria ; entrariam os artefactos inglezes e a nossa industria extinguir-se-hia. A egualdade de encargos e sacrificios quer que o mercado nacional seja assegurado aos nossos industriaes, embora os lavradores soffram por algum tempo; quer que o mesmo mercado seja garantido á nossa agricultura, embora temporariamente os manufactores percam.

Que importa essa allegada carestia se, no parecer de Oliveira Marreca, ella faz associar a lavoura á industria, combinar as vantagens de ambas, promover a população, auxilia' os campos com a influencia das fabricas, favorecer estas pela clientela que lhes trazem aquelles, variar as applicações do capital e fixal-o em empresas nacionaes? Não decahiriam para a miséria as classes productoras se faltasse a procura de braços ou os salarios fossem tenuíssimos? Pelo contrario, os favores ás manufacturas não augmentam a procura dos operários, e o* salarios ?

Pensava, porém, o nosso economista que a escola protectora tinha achado a formula do melhor systema de politica mercantil? O vigor de muitas paginas do relatorio, a abundancia dos argumentos, a analyse notável que fez da questão Jo barateza, analyse que honraria qualquer dos seus mais jlluslres de contemporâneos, e na qual provou illustrada independencia espirito e excellentes dotes de critério, — tudo isto levaria nC" suppôr que a pratica do proteccionismo era para elle uma cessidade ineluctavel, uma phase histórica da economia de 10 dos os povos progressivos. Mas logo depois de paginas tão di gnas de leitura, depois de ter considerado nociva a liberdad mercantil absoluta, bem como a absoluta prohibição, e de ac i"'

sufficientemente amplo o espaço *neutro*, resume a opinião geral dºs membros da commissão :

« O jurado, comtudo, não julga que a formula actual de ec[uilibrio economico, que esta hesitação constante entre a proibição e a liberdade de commercio, seja o *ultimatum* do progresso social. Acredita, ao contrario, na necessidade de um Principio superior, que aproveite o que ha de bom n'estes systemas contradictorios, e organise o que nenhum d'elles, per si sº> poderia organisar.»

Dir-se-hia que depois de ter cuidadosamente construido todo aquelle edificio conforme o plano que julgára mais sábio, logo viera a reconhecer n'elle defeitos que o impossibilitavam de cºmpletamente satisfazer ao fim a que se destinára ; mas também achava n'elle bellezas que o impediam de o demolir ; e cjoe lhe valeria o trabalho de o lançar por terra, se não podia traçar melhor desenho, nem pôr melhores forças em nova construcção? Conservou-o, portanto ; mas declarou immediatamente a necessidade de principios superiores aos que o inspiravam, princípios que assegurassem ao trato internacional o proveito 'naximo, principios ainda por descobrir.

E, após a declaração, deu conselhos aos nossos industriaes ; advertiu-lhes que o jurado faria triste serviço á industria, e grave injuria á sciencia, se dissesse aos fabricantes que pode-"am descançar á sombra das barreiras artificiaes ou naturaes ; Acrescentou que seria grave perigo ficar estacionário no meio dos grandes progressos realisados por povos estrangeiros ; que nem uma muralha de ferro poderia proteger as nossas manufaíLuras contra a crescente concorrência que de toda a parte as 'ºdeava. E estas palavras eram proferidas diante da exposição dºs primores de muitas de nossas melhores fabricas, quando já 'reze annos tinham decorrido sobre a publicação das pautas de fºrtes direitos!

Se não se podia dizer logo, e sem maior exame affirmar, ('Ue a experiencia condemnára por insensatas muitas esperanças Proteccionismo, também não havia motivos para lhe decre- r coroas triumphaes.

Comparado a outros escriptores proteccionistas, Oliveira Marreca não perde no confronto ; antes se avantaja a muitos d'elles quando encara alguns dos pontos fundamentaes da questão ; mas não conseguiu, nem podia, provar completamente o que desejava. Examinemos seus principaes argumentos.

É certo que a importação de productos estranhos mostrava que no paiz havia recursos para os comprar ; os fabricantes de fóra não os mandavam de presente ; mas uma coisa é a série de pequenas sommas possuídas por numerosos consumidores, outra é a união d'ellas em capital fundador de fabricas ; uma coisa o o commerciar em vários pontos de um paiz, mandando vir talvez a credito mercadorias de fóra, outra é possuir ou colligir n'um so logar os fundos indispensáveis á creação de um estabelecimento fabril. Por outras palavras : além da questão da totalidade de capital, ha a ponderar onde existem as parcellas d'elle e como se empregam ou se podem empregar.

Mas ainda que assim não fosse, a argumentação de Oliveira Marreca só podia applicar-se a ramos de trabalho cuja organisação economica não ficasse em más condições por ser pequeno o consumo ; se o mercado interno, accessivel a uma fabrica, só podesse aborver uma quantidade de mercadorias inferior á que ordinariamente produziria um estabelecimento bem montado, ou a manufactura portugueza se constituiria mal, ou os productos haviam de sahir por preço desproporcionado aos processos technicos empregados por ella ; em qualquer dos casos, a creação da fabrica dar-se-hia em circuinstancias que dificultavam o progresso fabril.

Não faltam os braços, dizia Oliveira Marreca ; antes supe' abundam e cumpre dar-lhes trabalho. Mas aquelle facto e esP dever não provam que esses braços estejam habilitados pai'¹ numerosas profissões industriaes ; e as artes fabris não pedem só força, requerem força disciplinada, exercida em certas dnᶜ cções. Replicar-se-ha que as manufacturas devem ser protegidaˢ' exactamente porque teem de servir como escolas? A ser assim, ter-se-hia de provar que as pautas aduaneiras são o nieH'º¹ instrumento administrativo para promover a educação indˢ

Mal de um povo ; e é exactamente este um dos pontos que os Proteccionistas não teem illuminado com as suas discussões.

Pelo facto de lançar direitos fortes sobre mercadorias estrangeiras, as pautas não garantem, nem podem garantir, que os capitaes e o trabalho hão de associar-se para montarem no Paiz fabricas que lavrem productos similares d'aquellas mercadorias; não garantem, nem podem garantir, que n'esse ramo das artes fabris a nação ha de principiar brevemente a ser ensinada por modo a ficar bem instruída no menor período possível; não garantem, nem podem garantir, que, nos estabelecimentos erguidos á sombra protectora das pautas, se realisarão os melhores processos technicos, e se empregarão as melhores qualidades administrativas de que o paiz disponha ; nem sequer prometam com segurança que os capitalistas hão de aproveitar os favores que as tarifas lhes offerecem. A historia industrial do "osso paiz, a contar das pautas de 1837, seria excellente explanação pratica do que acabamos de dizer.

Imagine-se que minuciosos estudos levam a concluir pela "'•ande utilidade de implantar uma industria no paiz, se houvesse operários devidamente instruídos n'ella ; admitta-se também a conveniência de os educar, e que os capitalistas particulares não querem correr com as despezas do ensino creando fabricas, ou mandando-os ao estrangeiro, ou contractando mestres de fóra ; conceda-se, finalmente, que mais vale á nação o fazer ella própria, pelo thesouro publico, esses gastos immediatamente do que deixar que n'outro dia, por má ventura remoto a iniciativa particular venha a colligir os elementos para a fundação d'essa industria. Já um economista allemão, ainda admirador de List, e que reconheceu n'elle e em Carey o Perito de haverem posto a boa luz o pensamento de que a economia publica deve positiva e collectivamente aspirar aos mais elevados graus da actividade material, sahindo, portanto, da base agricola e attingindo grande desenvolvimento manufa- — já esse economista disse: «A instrucção, a organisação e a protecção directa, seriam muito mais profícuas do que o processo dos favores aduaneiros ; por estes se não garante

que em certo prazo os ramos industriaes protegidos estarão fortes para a concorrência, contentando-se com os preços do mercado universal. Fôra, portanto, melhor solução o contractar com os respectivos pretendentes de favores que, em troca de um privilegio, elevariam a industria privilegiada a certo grau em tempo fixo, ao cabo do qual findaria o monopolio ; haveria até direito a exigir d'elles que organisassem collectiva e corporativamente a manufactura, afim de ser promovida a desejada causa por systematica educação dos operários, por obtenção de machinas, e sobretudo por organisações que obrigassem todos L»

Apesar de serem graves os inconvenientes d'esta acça° governamental sobre o desenvolvimento fabril, parecem-nos elles muito menores que os geralmente resultantes da tentativa de *crear industrias* pela influencia de fortes direitos pautaes, se as taxas aduaneiras são um convite aos capitalistas e empre" hendedores nacionaes, o convite pôde não ser correspondido, o até não ser comprehendido; o lançamento de 40 por cento o-d *valorem,* ou de equivalente taxa especifica, sobre um producto estrangeiro não tem por necessaria consequência ou companhia que a iniciativa particular conheça ou passe a conhecer as cu* cumstancias especiaes da respectiva industria e reúna os elementos para lucrativamente a fundar. Os estadistas podem juntamente analysar as circumstancias economicas de um povo, [1] comprehender que teria remuneração abundante o capital q[llf]> sob aquelle direito protector, se empregasse no alludido ram fabril ; mas de que valerá isto, se os homens de iniciativa e os de dinheiro não pensarem como os homens de estado, ou nem estudarem os cálculos e os planos d'estes?

Pondo de parte as considerações politicas, por causa das quaes possa ser preciso fundar certas manufacturas independeu temente da questão do preço, — que significação tem a affirma tiva de que um paiz necessita de novas fabricas? Marreca [11]

[1] Diiliring, *Cursus der National-und Socialiikonomie,* 2.te Auflage, k[el] pzig, 1876, pag. 383.

n"u-as por convenientíssimas ao engrandecimento da agricultu- > e indispensáveis ao mais útil consumo dos productos da 'erra, sobrantes em muitos logares do paiz, amplificando-se e oarantindo-se d'esta maneira o mercado interno para a lavoura o ic manufacturas portuguezas. Sobre o mutuo auxilio d'estes s grupos de lavor, e a importantíssima superioridade do ommercio interno sobre o externo, já Adam Sniilb tinha apresta do valiosas considerações, embora certos críticos digam o ontrario porém o reconhecimento d'esse auxilio e d'essa sul)Lrioridade não basta para se concluir que todo o momento é Prº Prio á fundação de manufacturas ; se a ingerenc-ia da lei, se Os f• avores pautaes tivessem o poder que lhes attribuem os pro- Sionistas, bem dep ressa as mais atrazadas nações se erguej'arn ao nivel das mais avançadas; e as mais pobres se transitariam em opulentíssimas; ora a industria, sobretudo a d'es- ^ século, depende de tantos conhecimentos especiaes, e precisa estar tão attenla aos progressos que annualmente enriquecem 'echnologia, que seria de desvairada imaginativa o querer que 111 Povo atrazado se mettesse a produzir o que só é proprio de oc'edades com intensa instrucção. Fôra excellente que pelo das nossas províncias se podessem com presteza erguer em oas condições e manter prosperamente numerosas fabricas de ^ a, iadissímos artefactos; mas forças economicas assás robus- para realisarem tal *desideratum,* não existem entre nós; e foi Bei a mesma razão que, apesar das pautas proteccionistas de JQ67 oo a iniciativa particular não se apressou a erigir raanu- acUiras.

é para esquecer que muito limitadas seriam as vistas onomicas do legislador que se contentasse com que as pautas pisassem necessariamente a creação de alguns estabelecimentos r,s; cumpre-lhe também pensar se elles se constituirão sobre

Cai'ey, que nio pode ser suspeito ao proteccionismo, fez inteira justiça a "lith n>

' neste ponto. Veja-se a traducção franceza, *Príncipes de la Science so-* ^aillaumin. Paris, 1861, tomo 1, pag. 221 e 336. Veja-se também *Manuel """oinic politique,* de Peshine Smith. Paris, 1854, cap. vn.

/

bases racionaes, e se ha probabilidades de que vão aeomp³' nhando os progressos realisados nas mais cultas nações; se co- meçarem o trabalho com maus agentes, ou se crescerem n'u® meio de tenue instrucção e débil concorrência, é de crêr que durante longos annos, ou por toda a sua vida, vão ficando **rela-** tivamente mais atrazados, isto é, que se distanciem, com funes- ta persistência, do fim para que foram feitos. E **quanto** malS pequena é uma nação, bem como quanto menos densamente povoada e menos rica, maior é o perigo de tentar a fundação de numerosas industrias por obra e graça das pautas.

E excellente possuir boas fabricas; mas quando se **recom** menda a creação d'ellas pelo systema protector, acaso se tem estudado assas a economia nacional para poder affirmar l"¹ vale mais cultivar novos ramos de trabalho do **que desenvolve'** os já existentes? Não sabemos que seja costume attender a es la ponderação; veja-se o que, por exemplo, tem **succedido e"** Ire nós: quizemos ser amplamente industriaes; louvável desejo, profícua ambição, se houvesse meios para o sermos; **comtu º tem** sido tão difficil o habilitar para as luctas do **mercado ""** versai qualquer das nossas artes fabris, que as manufactura portuguezas entram por uma verba pequeníssima no **quadro** das exportações, e ainda importamos fortes sommas em **produ** etos similares. E ainda a agricultura que nos ministra **quasi** to dos os recursos para pagamentos directos. **A subdivisão** dos frf- nossos debeis capitaes foi tal, e temo-nos instruído tao camente, que o trigo portuguez teve de pedir leis **excepciºlia** lissimas e direitos muito mais elevados que nas 'outras **naÇºeS-** Por outro lado, foi-nos necessário o incentivo dos comprado'º' francezes para augmentarmos de milhares de contos a **nossa r'** queza em vinhedos; e ainda hoje precisamos de estudar mu'to para devidamente aproveitar todas as qualidades do **sólo** e do clima, que nos permittirão obter muito mais vasto logar ¹¹ mercado dos vinhos.

É muito errónea a proposição segundo a qual **o nosso** palZ é essencialmente agrícola, se por ella se pretende dizer <I"C não devemos entregar-nos á industria, e que nos circurnscre^

mos ás lides campestres. 12 muito errónea, porque a própria lavoura, quanto mais se desenvolve, tanto mais attrae as manufacturas, tanto mais facilita a creação d'ellas, tanto mais amplifica para os fabricantes indigenas o mercado interno; mas)ft'a importancia relativa que ainda hoje teem as aldeias na f'onomia portugueza e pela grande superioridade numérica da Í^Pulação d'ellas, pôde ainda agora asseverar-se que somos esse«cialmente agrícolas; e com maior motivo se applicariam esas palavras ao Portugal da primeira metade do século xix; é, Porém, evidente a vantagem de fazermos todos os esforços para dilatar com a possível rapidez as manufacturas; sobre este ponto llao pôde haver fundamentado desaccordo; e séria perder for<as o provocal-o, ou mantel-o. A desharmonia só pôde razoavelmente dar-se quanto aos meios de attingir tão momentoso fim i.

Os que negam ás pautas qualidades próprias de meio preS(ntaneo e indefectivel para engrandecer a industria nacional, ao teem menor desejo de a vêr desenvolvida e aperfeiçoada (l'ie o teem os mais emperrados proteccionistas; e a opinião Huhring, acima exposta, é uma das manifestações de doslc'nÇa do effeito attribuido ás tarifas pelos seus advogados; ('<>scrença muito significativa em tal escriptor. Não assentamos soja livre de muitas consequências nocivas o alvitre recomendado por elle ; mas, como já dissemos, terá em geral menores inconvenientes e trará menos difficuldades que os forles "eitos ; as pautas, como auxiliadoras da educação industrial "m povo, parece-nos que terão de ir cedendo o seu preten-

' É muito erradamente que ás vezes se altribue aos fundadores da econo- Politica o affirmarem que umas nações devem ser exclusivamente agrícolas, Utras exciusivamente industriaes. Além do que jà dissemos de Smith, lembremos , Se8uintes palavras de .1. B. Say: « Cest par une distinction futile qu'on classe ' nntions en nations agricoles, manufacturares et commerçantes. Si une nation Ss't dans 1'agriculture, c'esl une raison pour que ses manufactures et son com- prospèrent ; si ses manufactures et son commerce sont flonssants, son ^8r'culture s'en trouvera mieux.» (Obr. cit-, pag. 144). De List é que pôde dizer- 'Uo estabelecia para certas zonas aquella divisão.

cioso e desproporcionado papel ao ensino technico, geral n'u®ª terras, adequado n'outras ás circumstancias locaes ; além do technico, o ensino primário despojado de todas as inutilidª des e ampliado com noções de immediata applicação na mal ria das manufacturas, servirá directamente ao possível **engra11** decimento fabril da nossa patria ; engrandecimento, não só pc'ª quantidade de producção, mas também pelo preço, pela faOid dade de concorrer sem medo com os induslriaes de outra nações.

Venhamos agora á questão dos braços ; as pautas pi'olc cloras, dizem os defensores cPellas, determinam o **emprego** muitas pessoas que aliás ficariam na miséria. Mas porque estª vam desoccupados esses trabalhadores? Por falta de habih ª ções, ou por não haver capitaes disponíveis, ou por já terem chegado ao máximo desenvolvimento as industrias existentes- Mas se carecem de habilitações, que ramos de trabalho Po(^e rão prosperar com a obra de taes indivíduos? Se não ha cap laes disponiveis, não se podem crear novas fabricas. Se as 111 dustrias existentes já chegaram ao máximo desenvolvimento- mal se comprehende que a nação não tenha assás iniciativa perimentada para cultivar alguma nova arte fabril sem o aux> lio pautal. Além d'isto, são frequentes os exemplos do desem prego de numerosíssimos operários sob o regimen da protecção Nos Estados-Unidos tem succedido, como lembra **Lexis,** <lu apesar das pautas, as crises industriaes leem **obrigado muit'** trabalhadores a passar das fabricas para a agricultura ; e quantos casos a emigração não é preferível a instituir **fabrica** em tão más condições, que talvez sejam forçadas a conti'ibu1 para augmentar o quadro das misérias do proletariado [1] ! d'islo, os defensores do industrialismo usam esquecer as vant gens reaes da vida dos campos sobre a das fabricas, e **a ne'e** sidade de engrandecer a agricultura pelo emprego de capitaº pelo trabalho de operários intelligentes, pela **actividade** de e

[1] W. Lexis, *Handel,* no *Handbucli der politischen (Ekonomie,* PªÉ>' 111®' vol. i da l.ª ed. -— Ttibingen, 1882.

Prehendedores muito illustrados. Sobretudo um paiz pequeno o atrazado, como o nosso, mal pôde esperar, ainda quando fosseni exactos os princípios proteccionistas, que por obra das Pautas simultaneamente progridam muito a agricultura e as manufacturas ; o estado presente das questões agrícolas (cereaes, Nlnhos, credito, escolas) é uma das provas de que Portugal não '"ília forças para realisar os progressos que o proteccionismo sonhava. Se a industria fundamental, a da terra, ainda está tão Vazada, como poderiam ter ascendido a alto grau de aperfeiçoamento as manufacturas que as pautas pretenderam favoreCer? Forçosamente a maioria d'ellas tiveram ou de fundar-se Uln bases pouco solidas, 011 de progredir com demasiada lentidão. A culpa não foi dos fabricantes; a culpa foi... de não se erem comprehendido as nossas condições economicas.

Olh'eira Marreca, embora defendendo a acção pautal, já v'nios que exhorlava os manufactores a progredir. Perante a exPosição não tinha só palavras de alegria ; deixava conhecer a s"a tristeza. Acaso acreditava, ao menos, que a protecção gadntiria altos salarios? Se acreditasse, não continuaria assim as Sl'as exhortações aos donos de fabrica :

(< Os deveres d'estes são grandes. Ensina-os a prudência a scar as economias e reducção das despezas 11a distribuição de rabalhos bem ordenada, na expedição de processos; não na reacção de salarios. Reducção legitima, se é fundada em uma dlxa considerável no preço dos artigos de subsistência do opcj rio 5 mas que, faltando-lhe esse fundamento, sobre violar as . 18 l'a justiça e os dictames da humanidade, paralysa sempre a Áustria, e redunda na diminuição das compras de artefactos, na abstinência de compradores, cujo maior numero pertence ls lasses assalariadas.»

^ Se a protecção pautal assegurasse a larga remuneração s '"abalhadores, para quê esta invocação dos princípios de lUstiça e humanidade? Se as relações do trabalho com o capiSe tornassem favoraveis ao operário desde que as tarifas "Pedissem a concorrência de productos estrangeiros, não seria 'lpriso pedir o melhoramento d'aquellas em nome de considera-

ções mais elevadas que a lei dos salarios. **A** razão e a histoi provam que o problema de laes ^elações não pode ser bem re solvido nem pela liberdade de commercio, nem pelo **protecei** nismo : as luctas do operariato rebentam em todos os **centro-** industriaes, qualquer que seja a legislação aduaneira. **Apesa'** de tantos elogios ao proteccionismo como defensor dos **traba** lhadores (tantas vezes esquecidos *de jacto* quando se elevafl direitos aduaneiros), elle não pôde provar que as tarifas de fo' les taxas tenham contribuído para erguer e conservar mais ele vada a remuneração dos operários, do que sob o **regimen** con trario.

Se a escola liberal **não** pôde render-se aos **argumentos** de seus adversarios, não defende, porém, e já o vimos, a incond' cionahnente rapida diminuição ou extincção dos direitos **adua** neiros ; nem sequer, em nosso entender, pôde affirmar que vozes não seja até necessário o eleval-os. Tudo depende da del condições especiaes de cada industria; ha de **ser** o **exame** las a base indispensável da deliberação. Um direito **leviana** mente abatido pôde causar enormes damnos, quer ás respe(tl vas manufacturas, quer aos ramos de labor com que ella se ' lacionava; ainda quando tivesse acaso sido um erro o **plantai o.** não se ha de condemnar á morte só por isso. Um **direito 111** hontem era bastante ou até demasiado, pôde boje ser insu ciente. Um direito indevidamente conservado, pôde ser a man" tenção de um monopolio de facto, a causa de urna iniqua dis tribuição do riquezas, e até o indevido favor a **productores** Irangeiros com revoltante prejuízo do trabalho **nacional.**

Rodrigues de Freitas•

DESTINOS POLÍTICOS

DO BRAZIL

momento actual são muitas as questões discutidas na Pº'itica do Brazil. Todas se resumem e se entrelaçam nos dois Pºntos simultâneos d'esla dupla interrogação : Continuará a Xlslir a monarchia? Continuará a existir unido o Brazil?

^ Estas duas interrogações exprimem n'aquelle paiz a ques- republicana e a questão federativa. Ellas não podem ser se- cadas, porque ambas revelam a duvida em que parecem pos- ' a fórma do governo e a unidade da nação. A republica e ra8«ientação do paiz são, aos olhos de uns, hypotheses insepa- a^e's, ligadas como o effeito está ligado á causa; dizer monar- ' na opinião de outros, é dizer unidade nacional.

^ L ahi um debate apaixonado acompanhando os incidentes ri°s de uma crise grave, fatal mesmo, se a inconsistência do Oclerno caracter latino, em terra tropical, não desse garantia QQ ' por qualquer modo, com uma solução qualquer, ou tal- vez seni ella, tudo acabará em completa calma, por falta de ^ s'stencia nervosa na massa da população brazileira e nas 8ses capazes de dirigil-a.

O momento de agora é psychologico na vida da nação •'zileira. N'uma raça em que as impressões são tão promptas Uant» superficiaes, embora as reacções sejam.tão lentas, como

na raça brazileira, esse momento é muito breve. O *dilettanU* c o psychologo não têm tempo a perder para observar o organismo em crise, recolligir as antecedentes, registrar os **sympt**o' mas **e** então exercer a mais tentadora faculdade do **espirito,** a de ir ao encontro do futuro, a de tentar satisfazer a tão **natural** impaciência do conhecimento do que vai haver amanhã, depois, e ainda mais tarde. Prognosticar é tanto officio de medico como prazer de todos ; **e** quem não é um pouco medico **n'e»**lt' mundo?

No caso do Brazil, a psychologia social é obscura e po' **isso** interessante. Dizer **o** pensamento nacional é querer talvez entrar nos domínios da adivinhação, a menos que, **desnorteado** com as pretendidas **e** contrarias expressões d'esse **pensamento, o** observador não comece por negar, no cerebro do paiz, **a** existencia de **lodo e** qualquer pensamento. **Se** admittirmos que as questões mais graves são as inais discutidas, **veremos** no Brazil nas phrases ditas e escriptas, dois vocábulos mais repetidos do que os outros ; são elles : republica e federação. **As** phrases acompanham actos de verdadeira agitação. Até que ponto e* primem as palavras da imprensa e os conceitos dos politico verdade das coisas brazileiras no presente? Estão com **eff**elt imminentes as mudanças que uns apregoam **e annunciam** e tros temem **e** reprovam?

Estas perguntas ficarão talvez respondidas para quem co seguir avaliar as forças activas de destruição **e** as **forças** re&i tentes de conservação da sociedade brazileira actual, e P' ^ quem puder verificar se ella tem, não só vitalidade imma ^ e sufficiente para conservar-se, como Lambem **energia has** para progredir.

A idéa republicana é a fórma mais apparente das) eiidem cias que chamaremos destructivas, ou antes, é a idéa que' ^ necessidade de momento, resume em si todas as ideas de des

fruição. Para estudal-a é preciso conhecer os seus partidarios e estudar o seu fundamento na lógica da historia brazileira.

Ha mais de sessenta annos o Brazil recebeu um systema de governo complexo e adeantado, ao qual não se havia o paiz amoldado pela adaptação lenta do seu desenvolvimento histori- em Este é o facto culminante da existencia politica do Brazil, a anomalia inicial a que se prendem, mais ou menos, todas as '^consequências da vida politica da nação. Desde a independência houve immensa desproporção entre o estado da civilisação nacional e as aperfeiçoadas instituições dadas ao paiz. Emquanto o papel dos europeus d'aquelle tempo era o de crear governos bastante liberaes para a civilisação do povo, na Ame- Ilca do Sul, a missão quasi impossivel dos directores das novas 8°ciedades politicas foi a de crear povos na altura das instituições livres, organisadas de proposito e applicadas na occasião.

Quem estudar a historia do Brazil independente verá a desproporção entre a civilisação real do paiz e o adeantamento das suas instituições originando um desequilíbrio sensível ainda 'l°je. Os algarismos demonstram que nenhum paiz dotado de "m governo livre apresenta tão grande numero de qualidades '"oralmente negativas quantos são no Brazil os analphabetos, "s rústicos isolados 110 interior e os representantes das raças '"'eriores ainda não extinetas ou annulladas pela absorpção na 'a?a civilísada. Uma prova mais forte do que a das estatísticas temos 110 facto de Ler sido a sociedade brazileira a que por mais le,nPo foi compatível com a escravidão, só por ultimo abolida, a apenas um anno. Por mais terreno que a civilisação possa ganho no Império, não se pôde pretender seriamente (pie o sp" desenvolvimento tenha sido tal que o Brazil não possa mais uPportar a monarchia constitucional representativa e sinta-se "J° acanhado dentro de uma fórma de governo com a qual se °ntenta a alta cultura dc tantos povos. E islo eomtudo o que I"1 tende a opinião republicana brazileira.

Sustenta esta opinião que a republica é o regimen único ""'Palivel com o grau máximo da civilisação de um povo. A x'stencia das monarchias do velho mundo não é levada em

conta e a Inglaterra, a Allemanha, o resto da Europa com excepção da França actual e da Suissa são talvez nações de civilisação inferior. Dizeni mais os republicanos brazileiros que o seu paiz, fazendo parte d'um continente politicamente dividido em muitas republicas, deve adoptar a fórma republicana, k uma theoria de pura symetria geographica applicada ás instituições. Adoptada ella 110 velho mundo, veriamos os Suissos reclamando a monarchia, a bem da uniformidade continental- Esse espirito de uniformisação politica em vista d'um accidentc geographico, esquece que os Brazileiros, distinguindo-se dos outros americanos inglezes e hespanhoes, na origem e na ling'a bem podem também distinguir-se d'elles pelo modo de governo- A leitura de todos os manifestos, circulares, discursos e outros documentos republicanos brazileiros não revela outras razoes allegadas. Todas resumem-se nos argumentos da republica, foi ma adeantada de governo e na americanisação do paiz; nenhu ma outra idéa descobre-se no estudo da agitação republicam'-

O povo é estranho ao movimento e se elle vier a agitar-se. é de temer que seja n'um desvario inconsciente. Esta inacça°> esta não interferencia do povo verdadeiro, das grandes cama das da população brazileira nos acontecimentos públicos é sem pre observada. Um pintor brazileiro, Pedro Américo, no seu grande quadro *A Proclamação da Independencia do Brazih* retraçou o facto com toda a verdade e toda a philosophia. ^c se n'essa pintura o Príncipe Regente, a cavallo, de espada dcs embainhada, cercado da sua guarda de honra, dos gentis-h° . »• d c mens da sua camara, de vários capitães-móres e de officiaes ordenanças. Os couraceiros, os officiaes, os da côrte brandem as espadas ou agitam os chapéos e no quadro ha a vida adm' ravel d'aquelle momento historico. A um canto, um homem lh'á côr guiando um carro, arreda os seus bois da estrada e 01 admirado para o grupo militar; ao longe, destacando-se n fundo illuminado d'uma tarde que cae sobre a paizagem "u lancolica, um homem do campo, um *caipira* retem o pass" cavalgadura e voltando tranquilamente o rosto vê, de longe, " scena que não comprehende. Esses dois homens são o p"x

''razileiro, o povo real, a maioria da população que não participou da independencia e muito menos toma parte na agitação lepublicana promovida em nome d'elle.

O que se está chamando no Brazil o movimento republicano é um movimento de descontentes, todos formando minoria "a classe dos privilegiados possuidores da terra ou dos indivíduos a quem couberam parcellas de instrucção superior — homens feudaes ou homens de penna — collocados acima do po- e do illetrado. O descontente politico é mais vezes um mau *e* cniienlo nas sociedades do que um factor de progresso ou um "Perario de regeneração. Nos paizes quentes e sem uma elevada organisação moral, é um bilioso não refreado pela educação, Seni a nobre faculdade de respeitar, degradado na selvageria de linguagem porque lhe faltam musculos para manifestações '"ais viris duma coragem em que não foi creado. A organisação social brazileira, baseada na escravidão, a incompleta e ar- '"icial apparencia de educação que a classe dirigente pode receber, multiplicaram no paiz o numero dos desclassificados de '"do o genero, descontentes por fatalidade, entre os quaes figura em primeira linha o bacharel, quasi sempre verboso, sabendo mais 011 menos umas regras abstractas, ignorando o resto, pobre, sem educação e de má saúde.

Os bacharéis constituem quasi que exclusivamente a classe d"s polilicos. Ora a politica vem a ser, em toda a parte, mais ou menos, a arte de ganhar eleições e de obter empregos. No razil, o caso aggrava-se porque a deficiente organisação social ' economica não dá ás actividades as occasiões de successo normfdmente possiveis 110 commercio, nas industrias e nas artes. *m* a'ii resulta a procura de empregos públicos, por mais que es- 'es se tenham multiplicado, augmentando sempre, e os assum- P os referentes ao Estado, isto é, eleições, cargos, etc. etc., justo Ejecto da attenção de todos os cidadãos, mas não negocio de cl asse alguma, transformados no fito único, no meio de vida da s'ande maioria dos brazileiros sabendo lòr e escrever, dividi- (ios em dois partidos, e dos que estão nos empregos e o dos que ts'ào fóra d'elles, como se diz nos Estados-Unidos, os *in* e os

out. Este systema pôde funccionar sem grandes riscos, commentado apenas pelas lamentações dos idealistas, exprobrando aos partidos a sua falta de principios, ao passo que estes, de accôrdo com a civilisação da sociedade de que são naturaes representantes, vão desempenhando alternadamente a missão de governar o paiz e de provêr-lhe ás necessidades successivas. Não acontece porém assim no Brazil, onde até hoje, desde a adopção das formulas do systema parlamentar representativo, nenhum partido conseguiu o poder ganhando uma eleição, k111 todos os outros paizes da America, com excepção do Canadá e dos Estados-Unidos, onde aliás dois chefes d'estado foram as" sassinados e um installado pela fraude, póde-se dizer que acontece o mesmo. Em todas as republicas hespanholas, até hoje, nenhum partido ainda obteve o poder pelo voto eleitoral- o partido no governo ainda foi supplantado senão por meio d£ uma revolução.

Como cahem e sobem os partidos no Brazil? Não é pe'u derrota ou pela victoria eleitoral, e quarenta e tantos annos de continua paz interna mostram que não é também pela violência das revoluções. Nos paizes em que o ganhar uma eleição geia' é para o vencedor a conquista do poder, o vencido não tem de quem se queixar ; não lhe resta senão appellar pacificamente do povo para o povo melhor informado, na primeira eleição 11 Lura. Nos paizes americanos onde a sorte das revoluções decide do poder, os vencidos de hoje, aniquilados, não perturbam paiz ou, contidos pela força, esperam o ensejo de uma revo u ção que os faça vencedores ámanhã. No Brazil, o systema ' mais simples. O Imperador designa o partido que tem de esta1 a governar o paiz até o mesmo Imperador dar de novo esse agradavel encargo ao partido adverso. Até hoje, apesar daleis eleitoraes as mais livres, de todos os protestos dos pat"(Las, ainda não foi possível a victoria eleitoral da opposição, a' vezes até completamente excluída da camara dos deputados- força das coisas e a fraqueza dos homens, mais do que a ^o11 Lade do soberano, entregaram ao Imperador a missão singu'al perigosa de fazer de opinião publica, desde que esta não ex -

ºu não se pôde manifestar nas eleições. Esta anomalia persis-
lente desde o começo do longo reinado do Senhor D. Pedro II,
'em poupado ao paiz as revoluções que podem ser crises passa-
geiras de organismos jovens e sãos, mas em vez d'ellas, no
meio da tranquillidade brazileira, tem originado males, uns la-
mentes e outros visíveis, comparaveis ás feridas pallidas, sem
^ôr, nunca cicatrizadas, porque se alimentam de caries pro-
fundas.

Os partidos estão convencidos da inutilidade de todos os
Seus esforços pela conquista do poder, se em soccorro d'elles
nao vier a intervenção imperial. D'ahi resultam a fraqueza das
ºPPosições, a insolência dos governos e a situação falsa e des-
'noralisada dos chefes políticos, dependendo directamente, não
corpo eleitoral, mas do Imperador, eixo único do Estado,
ºni torno do qual gira toda a machina da vasta monarchia bra-
sileira.

Esta tem sido a força e a fraqueza do governo monarcbico
no Brazil. Nos primeiros tempos do Império o facto era inevitá-
vel. ventura do Brazil tendo por monarcha um homem bom,
'ºntribuiu muito para a felicidade da nação. O mal está em
Mno se haver o povo educado na época própria, está no habito
'ontrábido. O que podia ser tolerado como uma excepção tem-
porária no systema de governo, tornou-se a essencia do mesmo
governo. Os homens mais eminentes do Brazil têm attribuido
'sºni razão a permanencia d'esta monstruosidade constitucional
aº Imperador, quando é evidente que elle só não pôde transfor-
ar n'um povo livre um eleitorado, cuja maioria vota sempre
Cºm o governo. Muito menos pôde o Imperador, sem a cumpli-
''dade dos politicos, manter a sua exprobrada omnipotência.

A culpa não cabe ao Imperador; é incrível que elle possa
desconhecer quando perde a monarchia com ter sempre de in-
tervir na attribuição do poder ora a um ora a outro partido. De
nada ou de pouco lhe vale a irresponsabilidade constitucional
diante dos perigos de uma indeclinável responsabilidade moral.

Partido despedido do poder pelo Imperador não se queixa
<los adversários nem de si mesmo, queixa-se do Imperador. O

empregado que perde o seu emprego, o politico que deixa a posição official é fatalmente levado a dizer mal d'aquelle pº quem o mal lhe veio. Tantas vezes quantas o Imperador tem tirado um partido do poder, tantas tem levantado contra si os clamores dos decahidos sem conquistar a gratidão dos favorecidos no momento.

Hoje, no fim de tantos annos de reinado, o Soberano do Brazil poderá verificar que não existe um polilico brazileiro dí algum valor, que na sua esphera grande ou pequena não tenha mais ou menos atacado o Imperador. Se o individuo fosse mai • o caso seria menos grave e mais natural. o Imperador porem, é innegavelmente bom aos olhos de lodo homem justo e isto faz com que haja quem queira concluir d'ahi que o mal não ven do homem mas da instituição, não é devido ao Senhor D. 1 ¹ dro II, mas á monarchia. Cada vez que se dá uma mudança dc politica, uma parto da nação lorna-se descontente. São descon tentes temporários, até á chamada ao poder do partido deca hido. Esta situação tem dado em resultado a perda do respeito pelo throno e contribuído para a diminuição de todo respei social em geral. As ultimas mudanças politicas têm sido assi gnaladas por explosões de descontentamento, ainda mais Mº lentas do que as anteriores. Alguns dos descontentes declaram se taes para sempre e de verdade e a fórma d^ste desconten lamento (que a experiencia mostra não ser sempre incurável) ¹ • por ora, no Brazil — o republicanismo.

Em 1888 e 1889 esta expressão ultima e suprema de dee contentamento tornou-se mais commum, e quem o diria.' porqu a escravidão teve de ser abolida. Nos Eslados-Unidos, em sl tuação idêntica, a existencia da nação correu risco gravíssimo- No Brazil ha quem pense que a monarchia está ameaçada Pº' ter annuido á extincção da escravatura. Verdade é que, pouco tempo, outros affirmavam que o throno ia cahir por<I'u tolerava a escravidão.

O bacharel, a entidade fallante e escrevente no meio hiª zileiro, nem sempre pôde ser empregado, nem sempre pôde rar lucros da vida de advogado. Pôde, porém, sempre, sei

Publicano, isto é, fallar ao povo em nome d'elle povo, sem que este o ouça ou o tenha nomeado seu representante. O romance nacional e o theatro ainda não crearam o typo, mas elle, sob os seus aspectos tropicaes, isto é, mais exuberante, é um mixto do Julião de Eça de Queiroz e do Homais de Flaubert. Até pouco tempo, junto da classe dos proprietários territoriaes, o bacharel occupava uma posição de real inferioridade. Para o fazendeiro rico e vaidoso, o bacharel realmente hábil ou com facilidades de successo na politica, podia ser um genro acceitavel, na falta de um filho, educado também para bacharel. Era um commensal protegido, um assalariado de certa ordem, consultor nos casos eleitoraes, nos apuros das dividas e das hypothecas difficeis nas festas domesticas, o orador dos brindes n'outro tempo soluçantes de lyrismo, hoje modernisados com os vocábulos do positivismo, corrente já nos remotos confins das províncias. O altruísmo e a evolução em vez das brizas e dos lírios.

Demais, o bacharel, hoje, é chamado a outros feitos. Muitos dos antigos proprietários de escravos, devedores insolvaveis dos bancos e dos capitalistas, condição que já muito os dispunha para o papel de descontentes, injuriam a monarchia pelo crime imperdoável de haver presidido á liberdade dos escravos. O bacharel é o porta-voz do escravista despeitado. A vingança de um quer ser servida pela ambição de outro. Um quer destruir a monarchia que lhe tirou o negro, outro, parasita social improductivo, cliente devendo obediencia ao patrono, verdadeiro escravo a quem não aproveitou a abolição, escravo sabendo grammatica e entendendo da lei, como os tinham os grandes romanos, esse bacharel, sicário movido do odio alheio, quer tirar Proveito de alguma coisa nova que surja no Estado. Por traz do orador, do jornalista, está muitas vezes o antigo e impenitente senhor de escravos transformado em apostolo de todas as "herdades, excepto da do negro. Quem quizer ter uma idéa do que, ao serviço do ex-senhor, pôde produzir o bacharelismo agricola, deve ler os manifestos com que, em linguagem grandíloqua, com uma adjectivação pedantesca e uns conceitos historiados, uns fazendeiros de uma parochia do interior de Mi-

nas Geraes, têm vindo àdherir á republica, nas columnas pagas dos jornaes do Rio de Janeiro. Não se encontra ahi a simplicidade da convicção nem a seriedade de um acto de patriotismo. Não fallavam assim os republicanos da America em l^/O quando se revoltavam contra o rei de Inglaterra e combatiam contra as suas tropas. Os republicanos hespanhoes, com o cavalheirismo que é a gloria da sua nação, não atacam uma rainha, mãi de um rei-criança. Estes exemplos são desprezados pelos republicanos brazileiros e pobre é a idéa que da civihsação brazileira dariam os libellos republicanos se elles fossem bastante litterarios para serem conhecidos fóra do circulo em que apparecem. A imprensa tem no Brazil uma influencia muito superior ao seu merecimento. Ella divulga esses documento» estimulantes da rhetorica latente de centenares de individuou dominados da paixão da publicidade, sentimento equivalente nos paizes novos ao amor das côres vivas e dos ornatos bnlhantes, característico do selvagem.

Será comtudo temerário affirmar que a agitação republicana não é capaz de chegar a seus fins, apesar dos convencidos, do» homens de valor e de caracter, que são republicanos, não poderem guiar os seus correligionários porque os irresponsáveis e o» mais audazes são os chefes reaes do movimento. N'um paiz i'¹ disciplinado em que tudo é flaccido e desaggregado, qualquei agitação prolonga-se em ondulações até aos extremos, t m corpo solido pôde não se alterar com o movimento recebido, º liquido reproduz a minima oscillação e só com o repouso volta a seu nivel. O Brazil é na realidade um paiz indisciplina^'¹' Como Portuga], elle foi formado socialmente debaixo da dis<¹ plina da Egreja e teve dois séculos do ensino dos jesuítas. - Egreja perdeu a sua auctoridade, os jesuítas desappareceram º ninguém os substituiu. Os paizes da Europa têm a força das tradições ; a Inglaterra a disciplina do puritanismo, regendo também pelo seu prestigio a grande communidade norte-am' ricana ; a Allemanha achou na disciplina militar o correcta da destruição de auctoridades feita pelos seus philosophos. ¹ º Brazil nada d'isso existe. A escravidão tornou a idéa e o senti

mento do dever social da obediencia coisas humilhantes e repulsivas.

A educação não suppre o pouco prestigio das auctoridades e a instrucção desegual e falseada não dá á classe dirigente um 'nterio seguro. Por uma anomalia singular, o ensino official é 'l'iasi sempre republicano. Nas escolas superiores faz-se politica 'ºPublicana na aula de chimica; ha médicos, ha parteiros que 'eccionam republica de envolta com as matérias do ensino. E o fnsino entendido assim é mais fácil para os alumnos e principalmente para o mestre nunca indifferente á popularidade que tls suas idéas e mais ainda o seu pouco rigor criam-lhe entre os discípulos.

Entre os políticos, passam como dogmas novos erros antigos a respeito de certos paizes estrangeiros, sempre citados e ""nca imitados. Uma das forças do republicanismo é a igno- 'ancia em que vive o publico brazileiro da historia das republi- 'as hispano-americanas e do que hoje se vai passando n'aquel- 'es paizes. Mais longe, praticamente, d'estes visinhos a quem Pºr urna falsa e artificial solidariedade se quer imitar, do que das nações da Europa mais civilisadas, sem relações commer- 'aes com elles, sem conhecimento das suas individualidades e ''as suas coisas publicas, sem lêr os seus jornaes, sem ouvir as saas queixas, o politico brazileiro não tira lição alguma da ex- Periencia d'aquellas republicas. E como no Brazil muitos dos ''ºmens que têm sido chefes de governo, ou por scepticismo, !>or fadiga do clima ou desanimo, chegam a ter horror á leitura ı ao estudo, o que entre o povo lhes dá ainda mais reputação lalento e em certo circulo é até um attestado de seriedade, "ao é coisa admirável que as mais arriscadas affirmações republicanas possam passar sem exame.

O que temos dito mostra apenas a acção moral do partido "Publicano. É preciso não esquecer o seu meio de acção ma- 'erial. Tem elle consistido até hoje nas intrigas militares. Os rePublicanos, desejando mudar a fórma do governo do paiz Pºrque a monarchia não é bastante liberal, e desejando restau- a liberdade politica pensam assegural-a por meio de uma

insurreição militar. Os restauradores da dignidade civica do» cidadãos acceiiam a republica nascida da indisciplina dos quartéis. Esta indisciplina é todos os dias insufflada á tropa pelo" jornaes republicanos; qualquer official pouco respeitoso dos seus superiores é incensado e engrandecido; qualquer velle¹' dade de caudilhismo manifestada por um general **ignorante** ᶜ logo afagada e um simples sargento, desde que é insubordinado é logo um heroe com que a causa republicana pôde e deve contar. E fácil avaliar o perigo para a civilisação brazileira d um conflicto entre a tropa e o regimen legal. Seria para o Brazf uma decadencia moral incalculável, um retrocesso de meio se culo e a perda do conceito honroso de que elle goza no mundo quando comparado ás republicas militares da America hespa nhola.

Temos indicado as probabilidades de successo com que -¹ causa republicana pôde talvez contar 110 Brazil. As forças d'es»ª causa correspondem a grandes fraquezas nacionaes. A indis^¹ plina geral, a artificialidade da educação, a **organisação ainda** cahotica da economia social e **a** insubordinação do **exercito** saº os grandes elementos da esperança republicana e os fundanien los da sonhada e nova ordem de coisas.

Um traço final e este bem característico é a **legenda** aeH ditada no Brazil do Imperador ser republicano. **A palavra** re publicano exprime popularmente no Brazil Ioda **opposiçaº** elegancia e ao luxo. **A** simplicidade do vida do Imperado¹'' simplicidade que toca ás raias da philosophia menos **preocci** pada das formas, uma democratisação de attitude social leva ª ao extremo, tem dado apparencias materiaes de **verdade a** ᶜSf" legenda talvez confirmada por algum dito tão espirituoso ᶜI"J< pouco sincero e mais de litleralo que de rei. Humanitario ˢ)' temático como toda a geração do tempo da sua mocidade. ª¹ Imperador talvez repugne a repressão material de uma tenta Liva revolucionaria. Uma vez o seu throno em perigo, é posˢˡ vel que elle profira as palavras do rei Juba no *Catão* **de ("** rett, :

Nasci, amigo,
No throno ; mas se o throno lia de custar-me
Uma só violência, um só gemido,
—abjuro o throno.
ACTO III, SCENA »IÍ.

Esta crença na extrema abnegação do Imperador deve contrariar aos que sustentam a monarchia não pela dynastia mas para o bem do paiz. Ella é, no emlanlo. uma das esperanças dos republicanos.

E quando e como se poderão realisar essas esperanças? Vemos como é fraca a força de resistencia do que existe. E tal é a inconsistência dos elementos conservadores mas de outro lado é tão artificial e desnecessária a agitação republicana, que. por isso mesmo, não errará quem disser que a republica, possível de um lado Para o outro, poderá nunca vir a ser uma realidade brazileira.

A republica tem a vantagem de ser um governo contra Idem pessoa alguma no Brazil tem queixas pela simples razão que esse governo ainda não começou.

A monarchia brazileira tem o mérito e na pratica o melhor dos governos, isto é, o de já existir. N'uma época em que a Paz e a estabilidade são a ambição de todos os paizes, n'um tempo de reacção universal contra o absoluto dos princípios em favor da relatividade das conveniências, quando a unidade nacional e a ordem publica já tem uma tradição monarchica no Brazil; é possível que o throno seja salvo por um ultimo, instinctivo e invencível sentimento de conservação social que poderá se lazer sentir no momento decisivo. Haverá talvez a consciencia incerta de que, quando morre n'um paiz uma fórma de governo, a nação pôde soffrcr uma morte temporaria, ás vezes precursora da desorganisação final.

Ora, as nações morrem, dividem-se ou se esterilisam por falta de ideal ou de uma missão histórica. Os exemplos não faliam ; o povo que já não tem uma missão a desempenhar, desapparece ou immobilisa-se.

Qual a missão que a historia e a fortuna destinaram ao

Brazil? Em relação aos povos da America hespanhola e meridional, ao Brazil cabe o destino de ser predominante na vertente atlantica do continente como o Chile será e já 6 boje soberano do lado do Pacifico, ao passo que os outros povos hespanhoes da America terão de ser arrebatados no circulo de attracção dos Eslados-Unidos e que a Republica Argentina, em sua prosperidade, terá um grande desenvolvimento dentro dos seus limites mediterrâneos. Em relação a si mesmo e ás populações da Europa a que se impõe a necessidade fatal da eu" gração, o destino do Brazil, o ideal da sua nacionalidade e o do rápido povoamento do territorio, o da utilisação immediata dos recursos naturaes e da creação de um grande meio para a& gerações futuras.

Pelo lado internacional, a missão do Brazil tem sido desempenhada pelo Império com mais acerto **e** unidade de **acça°>** apesar de fraquezas **e** inconsequencias innegaveis, do que P° deria **têl-o** sido pela republica. **A** diplomacia exige **estabil**'dª de, resolução, **e** pensamento não interrompido, da parte dos **g°** vemos. Nada nos poderá levar **a** crer que o Brazil **repuhhea** teria sido mais feliz do que os povos republicanos seus **visinhos** cpie, desilludidos **e** lamentando os erros dos seus governantes- attribuem sempre á diplomacia brazileira um **atilamento,** um energia e uma superioridade, bem longe, ás vezes, da real' dade.

O problema interno do destino brazileiro formulado com° 1111 *desideTalum* de grandeza fundada n'uma população civi'¹ sada e forte, prosperando pelos recursos ulilisados de um vasto territorio, ainda eslá longe da sua solução. Um espirito super'¹ ciai seria capaz de desanimar ao seguir a lentidão do desen volvimento do Brazil através de quasi quatro longos século- decorridos depois da descoberta. Só pelas grandes qualidade- colonisadoras dos portuguezes, pela fecundidade das suas c lianças com a raça indígena que elles tiveram de subjuga' força de coragem e valentia, é que o Brazil poude ser fe'·(' apesar de todos os erros do governo de Portugal. Os desce" dentes dos Portuguezes têm progredido desde que lhes coube

responsabilidade da direcção da nacionalidade, tal qual ella existia já em 1822, isto é, unificada pela origem, pela lingua e Pela religião, pela invencível força das coisas, apesar das divi-sºes politicas do territorio, capitanias 011 províncias, datando de 'Pes séculos. Os Brazileiros têm ganho por certo em civilisação, "'as comparado a outros paizes novos, mais novos do que elle, º brazil é um retardatario. A consciência d'este alrazo nacional ' revelada pela preoccupação dos patriotas esclarecidos, e com '"ais ou menos propriedade, pela imprensa e pelo parlamento, o,'!,'ãos admitlidos da critica social. As causas de raça e de Ut'ucação não são discutidas quando se aponta o mal e esquecem todos que ainda perduram os effeitos da grande causa de '"fecção nacional — a escravidão. Recuando deante do irremediável ou desanimando com a idéa de uma reforma nacional de cºstunies, superior ás suas forças, erguem-se os representantes esPontaneos da opinião publica, pedindo o impossível ou pelo mfi"ºs o difficil ou sejam novas instituições ou mudanças nas ºx'stentes, em todo o caso apenas alterações em effeitos de cau-Síls permanentes. Já vimos que uns pedem a republica. Outros Pedem mais liberdades provinciaes.

11

Embora eslas reformas sejam do caracter secundário como SU(I alinal todas as reformas politicas que de pouco valem sem a reforma primaria dos costumes, os brazileiros que faliam em "º'"e das provincias partem de um principio verdadeiro e têm seu favor a experiencia. Essa experiencia demonstra que na Ustidão do territorio brazileiro onde são tão diversas as neces-s'dades de regiões distantes, é impossível ao governo central o b ernar com acerto, sendo inevitáveis o desconhecimento das frºvincias e o sacrifício dos interesses regionaes.

O regimen colonial não ponde furtar-se á necessidade da eação do poderes parciaes no territorio. As divisões estabeleças originaram historicamente as provincias brazileiras, man-

tidas pelo Império e fortalecidas pelo accrescimo .do poder provincial. **A** independencia do paiz tornou-se real só pela **adhesão** successiva de cada uma das províncias, verdadeiro acto de soberania effectiva e acto ereador de direitos, praticado pelas provincias ao iniciar-se a nova ordem politica. Por esse facto **capital** a existencia das províncias foi definitivamente consagrada e o paiz escapou ás consequências do erro revolucionário, da imitação franceza do retalhamento do territorio, da uniformidade artificial, causas em França da quebra das tradições da **naçao** o dos dois grandes males modernos d'aquelle paiz, a **morte** da vida provincial e a omnipotência parisiense. Os **adeptos** das idéas francezas, tão fataes á administração no Brazil, **contemplando** na carta imperfeita as desegualdades da divisão **politica** do paiz, lendo nas vagas o atrazadissimas estatísticas officiaeS provas de grandes differenças entre as províncias, **quanto** á **p°*** pulação, ao commercio e á producção, lamentam por **certo** apparente heterogeneidade nacional. Os norte-americanos, me nos theorisfas, accommodam-se com as desegualdades **geograp'ıı** cas, economicas e demographicas dos estados da União **e nao** vêem inconveniente nas mil milhas de superfície de Rhodc-**ls** land **e** nas 262,000 do Texas, nos 62,000 habitantes de Nevada e nos 5.000,000 de New-York. Nas suas linhas geraes, as I"'o' vincias brazileiras têm a sua indestructivel razão de ser histo rica, e a coexistência d'ellas com vida própria, mais ou menos autonomica, é a causa mais forte da unidade do Brazil-

O paiz pôde ser comparado ao corpo humano. Se o esqm loto do homem fosse inteiriço, desprovido de **articulações** fleXı veis, seria Lambem incapaz de resistir **ás** pressões **exteriores,** esforço do individuo **e** ao menor choque elle se partiria. **As** Pr vincias representam os differentes ossos, uns menores, out"ı' maiores, com destinos differentes, tendo livres **e** não **ankyl°sa** das como n'um corpo doente, as suas francas **articulações** sen as quaes não haveria vida possível no organismo, nem o m°xı mento que, nas nações, chama-se progresso. Fortalecer o °rg'ı nismo nacional robustecendo as articulações, dando **liberda** ı ás províncias, não é destruir a unidade do Império, é hygití,ı<

Politica e social, é dar á vida do paiz plenitude, inteireza, vi- Sºr e duração. Somente a politica que assim entender o seu dever merecerá o nome de conservadora.

Considerada theoricamente, isto é, segundo as leis organizas brazileiras, a província tem uma largueza tal de attribuições (l"e um estrangeiro, enganado pela apparencia, poderá chamar o h'azil uma monarchia federativa. A província, ao contrario do estado norte-americano e do cantão suisso não tem limite 'l"anto ao numero de força publica policial e permanente que Pode arregimentar, percebe direitos de exportação e faz frementes invasões nas attribuições fiscaes do governo geral. Ella 'L8'sla soberanamente sobre instrucção primaria e secundaria. sºbre a divisão judiciaria e ecclesiastica, decreta impostos sobre '"aterias já tributadas pelo governo geral, e, nos últimos tempos da escravidão, duas provincias sustentadas pela opinião nacional conseguiram não ser estorvadas no seu proposito de, por "eios indirectos porém efficazes, abolir a propriedade servil no sºu territorio. Ao passo que as novas constituições dos estados di ii --

'-niao americana, conformando-se á força da opinião corren- lfi> Prohibem aos governos dos estados o levantamento de em- P'estinios de qualquer natureza, os commettimentos industriaes 11 'inanceiros, a garantia de juros a estradas de ferro ou a dnc os, as provincias do Brazil podem levantar e tem levantado eitl prestimos internos e externos, sem mais limites do que o seu 'edito ainda novo, e garantido juros, dado subvenções a escadas de ferro, a bancos, a estabelecimentos industriaes, a eo »ipanhias de vapores.

A província brazileira, na apparencia, não necessita de '"ais liberdades e franquezas. Da pratica diaria da vida das !'!"v incias nenhum brazileiro pôde tirar com sinceridade esta cº"clusão. O regimen actual das franquezas provinciaes é inef- l(í>z pela falta de recursos, pelo atrazo, pela pobreza do algu- ns provincias quando não é essencialmente falseado na appli- aÇão. i*as provincias, investido de grandes attribuições, está o ''esidente que o governo geral nomeia e demitte livremente, "'Pre um partidario activo, passando rapidamente pela admi-

nistração sem que lhe chegue o tempo para conhecer o serviço publico e as condições da província a que é quasi sempre estranho. A experiencia mostra que um presidente, apoiado Pc'o governo que o nomeou, pôde administrar despoticamente uma província contra a opinião publica, contra a assembléa provincial. A responsabilidade do presidente da província como a do» ministros é letra morta no Brazil. O poder do ministério naº tem outro limite real além da vontade do Imperador; o poder do presidente não tem outro correctivo pratico além da vontade do ministério. Se o parlamento resiste ao ministério, o Impe''a' dor concede a este a dissolução da camara dos deputados e o ministério faz eleger uma camara obediente. Como o Impe>'a dor não é homem de partido o arbítrio ministerial ó mais ou menos contido ou punido de surpreza por uma demissão- ministros porém são partidarios, sustentam até o fim os seu» presidentes e dão a estes as facilidades de um dominio ilhm' tado.

As províncias mais civilisadas e dispondo de recursos utih sáveis nos seus melhoramentos vêem muitas vezes a sua energia tornada infructifera e a sua boa vontade contrariada. Os hº mens esclarecidos d'essas províncias, tendo n'ellas interesse» - de reaes, são patriotas do único patriotismo sincero e capaz grandes coisas, o que vae do particular para o geral ; eS amam primeiro o logar e a região onde vivem, amor que corpo ao sentimento da nacionalidade em vez de enfraquecei-º- como o amor do Suisso pelo seu cantão, do Americano pelº sel O estado não impede o ardente patriotismo d'estes dois povos. politico, habitante do Rio dc Janeiro, desprendido dos inte>º' ses provinciaes, exercendo alternadamente no governo ou 1º' d'elle o agradavel encargo de governar ou a tarefa enervant de censurar os que governam, esse naturalmente julga inlem peslivas as exigencias das provindas reclamando uma refor"1' coagindo a rotina parlamentar a um esforço de trabalho 1 inacção ministerial a dar passos para deante. O atrazo i'1(" testavel do Brazil, a muitos respeitos, prova que o governo ce' tral não tem sabido nem podido cumprir a sua missão. ,9 ver-

dade que ha provincias incapazes de fazer muito por si mesmas, mas será isto razão para prender outras mais favorecidas da sorte e mais adeantadas ? As provincias de pouca população, de recursos mingoados e de civilisaçâo incipiente julgadas ainda não preparadas para mais liberdade, poderão conservar temporariamente a sua organisação actual tendo na com-'"unhão brazileira o mesmo papel dos Territorios dos Estados-Unidos.

Não é difficil organisar uma lista de factos provando que muitas vezes os bons desejos e o espirito progressivo das pro-^ meias têm sido contrariados e annullados pelo poder central. Ainda na questão da abolição da escravatura e da organisação trabalho se fez sentir esta acção perniciosa. Em 1872 a as-sembléa provincial do Rio de Janeiro promulgou leis auctori-•sando a construcção de engenhos centraes e a introducção de '2,000 immigrantes. Os presidentes da província, representan-'es do governo geral impediram a execução d'essas leis. Mais 'arde S. Paulo, temendo a agglomeração do escravos no seu 'erritorio votou impostos sobre a entrada d'elles e os presiden-'Cs, por todos os meios contrariaram e protelaram a execução da medida aggravando muito as difficuldades da província. A dssembléa provincial de Minas votou ha pouco uma série de "fedidas favoraveis á immigração e o presidente impediu a execução de todas ellas. É indeclinável alterar um systema que dá 'aes resultados. Deixar as provincias com as suas liberdades "leorícas, querer governal-as de mais a pretexto de salvar a "mdade do Império é aggravar descontentamentos já bem visi-eis, é preparar talvez o desmembramento do paiz.

E difficil a tarefa de reorganisar os poderes provinciaes. "a exagerações perigosas, ha temores capazes de peiar o espi-nto reformador e de esterilisar todos os esforços. A autonomia Provincial não deve ser a autonomia aliás apenas theorica das Prºvincias da Republica Argentina. Apesar das eircumslancias da civilisaçâo do Brazil serem outras que não eram as d'

aquelle paiz quando adoptou a fórma federativa, apesar do ^'men provincial em vigor ter já constituído um aprendizado

de autonomia, os legisladores brazileiros devem ter muito em vista a historia argentina. Só uma verdadeira predestinaça° histórica para a unidade salvou aquelle paiz no fim de cincoenta annos de dissensões armadas e de luctas entre as provincias- Se o governo do Brazil fosse o politico machiavelico que os Argentinos suppõe, essa unidade hoje não existiria e pelo menos duas provincias argentinas teriam proclamado a sua independência, tantas têm sido as propostas, sempre desattendidas, q[uc] o governo imperial tem recebido de governadores de provincias solicitando auxílios para as suas revoltas contra Buenos-Ayrcs- O proprio Rosas, o defensor feroz do federalismo entendido a hespanhola, quando viu derrocado o seu poder, poude vêr também, ao lado das tropas brazileiras, soldados argentinos commandados por dois governadores de provincias da Confederação. Mais tarde, quando os Argentinos foram alliados do Brazil contra o Paraguay, as suas forças tinham de abandonar o campo para irem impedir ou reprimir revoltas de governadores de provincias. Este período de caudilhismo terminou na Bep blica e se não é provável vir elle jámais a principiar no Bia zil, nem por isso deixa de ser uma grande lição histórica. o mal argentino que o Brazil deve temer é o de dar ás províncias uma autonomia illusoria. Aos poderes provinciaes devem cabei attribuições limitadas porém exercidas com toda a verdade, preciso não continuar velhos sophismas e muito menos genera lisar novos. É preciso não corromper ainda mais o caracter P° lítico nacional erguendo instituições para falseal-as como ac°n tece também na Bepublica Argentina, onde o estado de sitio < frequentemente proclamado nas provincias sob o nome de i tervenção nacional e onde, por motivo da eleição do governa dor, um batalhão é mandado á província, supprime a liberda e do eleitorado e faz sempre vingar a vontade do Presidente da Republica.

Será preciso apontar para o México, para a Colombia para Venezuela?

As lições norte-americanas são mais animadoras. As 1"" vincias do Canadá, onde apesar do systema apontado de p[r]

'iuenos gabinetes responsáveis com assento nas legislaturas não ter dado grandes resultados, offerecem talvez ás províncias brazeiras uni typo mais attingivel. Os Estados-Unidos, onde o Povo de cada Estado tem pelo seu governo particular unia dedicação só comparavel á sua lealdade para com o governo federal, offerecem um nobre exemplo cpie não deve comtudo induzir os Brazileiros ao erro de uma imitação servil das formas, erro que tanto tem custado a outros paizes latinos da America, °nde as tradições de governo local não existiam e onde faltava a instrucção. As constituições dos estados da União variam, mudam rapidamente, tornam-se cada vez mais casuisficas e diflusas, envolvem a legislação toda que perde o seu caracter scientifico e, como acontecia a respeito de fallencias e ainda boje acontece a respeito da validade dos casamentos e de outros pontos, as contradicções de estado a estado criam nas relações privadas e na ordem publica situações criticas, fataes talvez para a sociedade de um outro paiz.

Na questão da autonomia das províncias brazileiras, questão que basta existir para ter de ser resolvida sem que lho aproveitem adiamentos ou subterfúgios, o Brazil terá de contar ,m pouco, no meio das suas difliculdades, com a *vix medicatrix natura,* força que nos paizes novos pôde bem entrar nos cálculos da politica. A prudente lentidão com que se fazem reformas constitucionaes permittirá um accordo sobre as modalidades da autonomia desejada. O poder da primeira auctoridade executiva da província, boje mais forle praticamente do que o do governador de Estado nos Estados-Unidos, terá de ser diminuído quer este poder lhe venha do governo central, quer lhe seja conferido por eleição. O poder legislativo provincial deverá dividir-se em dois ramos? assumirá funcções executivas? serão as leis organicas das províncias formuladas por estas dentro dos limites da constituição nacional? em vez de muitas constituições feitas pelas províncias dará a nação uma lei fundamental única para todas ellas? Eis ahi algumas das questões lue terão de ser discutidas.

Para os espíritos educados nos systemas europeus, lla ad-

*

niiração das idéas napoleónicas e na concepção romana do Estado, tudo isto é anarchia, subversão social e paradoxo.

O Brazileiro porém tal qual elle começa a se desprender da sua formação ethnographica, tem a sensibilidade da raça africana, a paciência do indio temperando a força do Portuguez que elle mesmo é um calmo ao lado do Hespanhol. Poderão exprobrar-lhe o ser talvez incapaz de enthusiasmo prolongado, avesso a todo o fanatismo, mas o que elle é, na verdade, é uni opportunista de instincto que, ao contrario do Francez, não pretende á gloria de bater-se por uma idéa. Faltou á nação brazileira uma edade heróica ; a independencia, a liberdade, ella nao as conquistou na lucta e no soffrimento e o brazileiro não tem por ellas a ardente idolatria de outros povos, porque as coisas valem o preço do sacrifício que custaram. Um povo assim formado, afeito aos compromissos e ás condescendencias, tem, nesses mesmos defeitos apparentes, verdadeiras qualidades para uma espectativa e uma conformidade que o tornam capaz de vencer com o tempo difficuldades contra as quaes outros se revoltariam inutilmente. Demais o Norte-americano, o Suisso, c o Brazileiro são os únicos povos que têm clara a noção e a educação de uma dupla soberania, a soberania local do seu estado, do seu cantão ou da sua província, e a soberania superior da nação. É coisa que já está nos hábitos do paiz. O cidadão tem já o costume da dupla obediencia que presta, sobretudo na qualidade de contribuinte, ao estado e á província. Dentro dos tres círculos concêntricos da soberania do município, da província e da nação a actividade dos povos dcsenvolve-se livremente. Esta distincção, subtil para os olhos europeus, na America é noção pratica elementar ; o cidadão não se considerara desobrigado para com o Estado se a sua província tiver uma esphera de acção mais ampla do que a actual.

Uma razão muito poderosa para não se acreditar na possibilidade da província erguer-se hostil contra o Estado é a identidade do pessoal que governará a província e que, representando-a na capital do paiz, tomará também parte no governo geral da nação. Como hoje acontece, aos partidos nacionae.

corresponderão nas províncias partidos provinciaes fazendo estes parte integrante d'aquelles. A província autonomica será governada pela influencia dos homens que hoje são seus deputados e seus senadores, e d'entre os quaes são tirados hoje os ministros do Estado. Serão estes homens que hão de erguer a sua província contra o centro governativo do paiz, onde elles tem um theatro mais vasto do seu valor politico, exercem funcÇoes representativas, têm, em uma palavra, a sua parte segura de poder?

Outra apprehensão vaga, outro temor gravemente manifestado contra a autonomia provincial é que uma vez ella decretada ninguém representará nas províncias uma certa coisa indeterminada e intitulada o *pensamento politico* do governo. Esta expressão deriva também das idéas francezas. Os prefeitos de Napoleão III eram sempre os depositários d'esse pensamento politico. Estudado de perto era elle apenas o pensamento de ganhar as eleições. Que mal poderá vir para o paiz da ausen-c'a de tal pensamento no governo de uma província? N'um Paiz em que a opposição nunca poude ganhar uma eleição geral não é preciso tomar cautelas para não enfraquecer a influencia eleitoral dos governos.

A autonomia das provincias não quebrará a unidade do Império porque essa unidade, fundada já na tradição histórica, ^o facto de liontem e de hoje, na lingua, na religião, terá ainda Uma garantia infallivel no exercício reservado ao poder central de todas as grandes funcções da vida nacional.

Esse poder central será o orgão da representação exterior d° paiz e, como monarchia, a fonte da honra e da graça para toda a nação. Elle terá o exercito e a marinha e deverá reerguer o prestigio d'essas duas grandes escolas de unidade naconal, como as chamam os Italianos. Foi principalmente para crear estas escolas que a Italia, á custa de tantos sacrificios, °rganisou as forças de mar e de terra, e fazendo o soldado italiano e só italiano, com um só chefe e uma só bandeira, quiz riue os cidadãos obrigados todos ao serviço militar não fossem lnais Piemontezes, Toscanos ou Napolitanos mas só Italianos.

Na historia recente do Brazil, na guerra do Paraguay ha uni exemplo d'este fortalecimento de unidade do paiz pela confraternisação militar fortificada no soffrimento, como quando se aboliu a escravidão esta unidade se manifestou no unisono jubilo nacional.

A maioria da nação brazileira, professando e querendo a religião catholica como religião do Estado, ao poder central caberá a direcção das altas relações da Egreja com a naçao. A sua influencia moral e real se exercerá nos estabelecimentos de instrucção publica superior já existentes, pelo grande numero dos seus funccionarios espalhados pelo paiz, pela direcção dos correios, dos telegraphos, dos portos, pela sua auctoridade exclusiva de crear e de regular a moeda, pelas suas alfandegas, pelo seu privilegio de cobrar direitos de importação e, na esphera internacional, pela direcção que só elle poderá dar as relações do paiz com o resto do mundo.

Tem-se dito, sem que na proposição haja uma verdade absoluta, que os governos parciaes têm tido a lendencia de restringir a liberdade civil e politica, mas essas liberdades não ficam á mercê dos governos parciaes. Ellas são consagradas pela Constituição nacional que se impõe a todos os governos locaes- E se esta suprema investidura do Estado, se todas as attribuições capitaes, enfeixadas nas mãos do poder central, não bastam para manter a unidade brazileira, ó porque esta unidad' é impossivel e nada pôde preserval-a.

Alliviada dos encargos locaes, a missão do Estado poderá ter um desempenho útil e efficaz. A divisão do trabalho, tão fecunda na ordem economica, dará na ordem politica, resultad<ís preferíveis aos da organisação centralisada. O parlamento q'H hoje perde metade de seu tempo em questões locaes estereis 01 que elle não pôde resolver com acerto, ganhará muito em elevação moral e ficará mais livre. A monarchia isenta das funestas responsabilidades que hoje lhe dá o encargo inteiro da nação, será a representação suprema da patria, a **magistratura** que ninguém disputará, será a ordem, a paz e a unidade, assentando sobre a base larga e firme da união de províncias f°r

Les e não fracas ou descontentes como lioje. A sua influencia moral ganhará com o seu progresso e a sua democratisação. A missão nacional do povoamento e da utilisação do sólo será mais rapidamente cumprida e melhor succedida se, em vez de ser mal dirigida de um ponto único e distante, ella fôr desempenhada pelas provincias limitando cada uma os seus esforços, Por isso mais efficazes, dentro do proprio territorio. O elemento estrangeiro é 110 Brazil a civilisaçâo. O immigrante é o professor nacional do trabalho, o factor e o mestre primeiro da producção da riqueza. Iniciado a principio na pequena comrnunidade provincial, o immigrante mais fácil e mais rapidamente se mteressa pelas coisas da sua terra adoptiva e fórma parte da nacionalidade. As communidades provinciaes, coexistentes na nação, terão por certo rivalidades, mas ellas originarão uma eompetencia que é o estimulo ao progresso. As provincias ensinarão umas ás outras os meios de adiantamento moral e mate- "al que forem adoptando e em vez da legislação única que 'rafa egualmente coisas e pessoas deseguaes, as leis provinciaes terão um caracter experimental que falta á legislação uniforme de outros paizes.

Se a monarchia no Brazil, até hoje associada tão intimamente á vida do paiz, não separar-se d'elle na phase nova em rçue elle tem de entrar, póde-se dizer que ella firmará o seu Proprio prestigio, garantindo a sua gloria e a sua existencia. Assim a educação nacional se modifique, e dos variados elementos estranhos e indígenas com que se está formando a nacionalidade brazileira do futuro, sáia um povo que, em relação ils instituições herdadas de seus antepassados, tenha aquelle nobre sentimento de confiança, de dedicação e de lealdade para o qual, na lingua politica da Inglaterra, se inventou a bella palavra — *loyalism.* Erga-se até elle o caracter nacional e renove a monarchia os seus títulos não só á lealdade, mas ao reconhecimento dos Brazileiros.

Leipsig—Setembro, 1880.

Eduardo Prado.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes-
CAMÕES, *Lus.* iv, 50-

IV

AS VIAGENS DO INFANTE D. PEDRO

D. Pedro era inteiramente outro homem : contemplativo, cavalheiresco, humano, prudente, sábio. Era louro. Tinha nas veias o sangue da mãi e assignalada na face a ascendencia- Assim que voltou de Ceuta, formou logo o pensamento de uma grande viagem, piedosa e politica, para sua instrucção, conlam do vagamente com aventuras quixotescas em que cumprisse o legado da mãi moribunda de defender as donas e donzellas, planeando ir á moda christã visitar o Santo Sepulchro, e de la internar-se quanto podesse na direcção mal determinada dos reinos do Preste Joham das índias, conforme as infantes commendações do irmão que explorava tudo em beneficio da sua idéa. Estudasse o caminho por esse lado, emquanto elle. D. Henrique, ia iniciar em Sagres as viagens de exploração do mar. Trouxesse-lhe de fora tudo o que por lá encontrasse acei ca da sciencia dos mappas e das viagens dos genovezes e vi nezianos, tão celebradas no mundo d'então.

A terra, cuja extensão se calculava, pois se lhe conhecia

[1] Continuado da pag. 319, numero do 1.° de setembro.

ja a redondeza, apparecia porém como um vasto enigma e o maior problema do tempo. Acordada a curiosidade desde os Primeiros movimentos das Cruzadas, a fé excitava-a com o empenho de christianisar todas as regiões do mundo. Parece-nos eUe hoje mesquinho para o illimitado das nossas cogitações e d°s nossos meios de acção. Falíamos instantaneamente de um extremo a outro, percorremos em breves mezes toda a extensão globo, conhecemol-o em todos os seus pormenores, explora-mol-o na sua superfície inteira: pôde dizer-se que realisámos o Mellio symbolo religioso e imperial, aguenlando-o sobre a mão, e Pesando-o! Por isso mesmo lhe tomamos cada vez maior desgosto. Mas no principio do século xv, o mundo tinha um encan- de sereia, uma seducção de mysterio, uma attracção de enigma. Nada se sabia ao certo dos mares, nem das terras, nem das gentes, fóra d'um acanhado recanto em volta do Mediterrâneo: e tinham passado os tempos obscuros da Edade-média, em que os povos e príncipes, cada qual no estreito âmbito dos Seus paizes, viviam absorvidos pelo cuidado exclusivo da sua ""ganisação interna. Acalmada a crise que revolucionára as populações da Europa latina, desabrochava a flôr da curiosidade ryana, encantadora, mas venenosa: essa ancia de saber, que é ao mesmo tempo a nossa corôa e o nosso supplicio!

D. Pedro tinha somente dois annos mais do quq D. Henri-(,Ue: vinte e quatro em 1416, á volta de Ceuta, quando o rei deu o ducado de Coimbra. Impaciente por partir para a sua l°rnada, teve de a adiar por causa das complicações de 1417 fom Castella, e em seguida pela expedição a Ceuta em 1418. depois d'essa data pôde ter partido, porque n'esse anno o vimos no Algarve com seu irmão D. Duarte reunindo as reser-Nas para soccorrer D. Henrique em Ceuta, caso fosse necessa-rio. Diz-se que só largou de Barcellos em 1424 L

[1] O Abb. de Castro, no seu *Resumo historico da vida e acções do in-í"nte* o. *Pedro*, propõe a éra de 1416 em vez da de 1424, tradicionalmente .lCceile, Tal substituição não pode admittir-se.

A descripção da viagem consta de um folheto que entrou na litteratu-1,1 Popular *de cordel,* chamado *Livro* (ou *auto,* como dizia a 1." ed. 1544) *do*

Levava o infante comsigo doze companheiros, em memoria dos doze discípulos de Christo, diz piedosamente o chronista viagem, mas este numero sagrado era também clássico nas h'storias de Cavallaria desde os tempos de Carlos Magno. Fosse"[1] doze, ou os que fossem, partiram direito a Valladolid, onde e tão estava a côrte de Castella. O rei D. João II, filho de Catharina de Lencastre, era primo-irmão do infante, filho de D- 1 lippa;. pois o casamento de Henrique III fôra a solução que p[01] fim tinham tido as pretenções do duque de Lencastre á heranç[3] da corôa castelhana. Havia quatro annos (em 1424) que, depois d'uma menoridade de dezeseis, o rei João II tomara aos dezoito as redeas do governo. Metade do largo período da nieno ridade do rei, até 1412, governára como regente o infante Fernando, eleito n'esse anno para a corôa de Aragão, vaga p[ela] morte do rei obeso Martinho em quem se esgotava a linhage" dos velhos condes de Barcelona, e que acabou tristemente das pimentas que tomava, a vêr se conseguia ter successão. Quatr annos apenas, de 1412 a 1416, durou o reinado aragonez de Fernando, que na regencia de Castella se enchera de gloria- batendo o granadino na campanha de 1407-8, e tomando-1 Antequera em 1410, depois de concluída a tregoa. Seu ffli Affonso V succedeu-lhe ; e as duas familias reinantes, de tella e do Aragão, tão estreitamente aparentadas, mais se garam ainda pelo casamento de João II com a prima, irmã Affonso V, Maria de Aragão, irmã também da que foi esp°[síl] do nosso rei D. Duarte.

Mas se, com este casamento do rei de Castella, as dua grandes monarchias da Península andaram mais um passo caminho da fusão, realisada ao depois em 1504, foi taUibel essa a causa das graves perturbações que agitaram o reina de João II. Logo que principiou a governar, o rei do ento-

*Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sette partidas (par*rtes) ào *mundo, feito por Gomes de Santo Estevam, um dos doze que foram "" companhia.* V. Inpoc. *Dicc. Bibliogr.*

Sobre a biographia do infante I). Pedro, eonsulte-se Soares da *Mem. do reinado de D. João I,* I, 315-79 e IV, 463-506.

f>°u-se de corpo e alma a D. Alvaro de Luna (de quem mais lai'de falia,•emos com vagar) que fez condestavel, conde de San-

Estevam, dando-lhe seis cidades e setenta fortalezas; isto, (lu ando os irmãos da rainha, os infantes de Aragão, Henrique e 0ao (que no proprio anno do casamento da irmã, herdára pela 'sPosa a coroa de Navarra) imaginavam ter subido com a rai-nlla Maria ao throno de Castella

Estas deploravas historias que de futuro se haviam de li-

tão intimamente á trama dos acontecimentos de Portugal Urante a regencia do infante D. Pedro, não agitavam porém lunda a côrte castelhana, onde o condestavel Alvaro de Luna 10"iava omnipotente, na occasião em que o infante por lá pas-ou a caminho de Jerusalem. D'essa visita vieram decerto as 10'ações de estreita amizade que ligaram D. Pedro ao condes-ttUel de Castella, determinando o segundo casamento de João II, 0,il a filha do infante D. João, indigitada esposa de Affonso V Pelos inimigos de D. Pedro.

Iodas essas historias distantes, ainda estavam, repetimos, Hl

'nassa dos futuros imprevistos, quando o moço infante e a SUa cavalgada deixavam galhardamente a côrte castelhana, de-8 de apertada a amizade com o rei, rapaz de vinte an-nos lambem, e com o seu querido e omnipotente condes-avel. Um e outro foram acompanhar os cavalleiros andantes

uma legoa fora de Valladolid. Tinham dado ao infante, além u·u grosso presente de vinte e cinco mil peças de ouro, um ''lesouro maior ainda no interprete, ou lingua, Garcia Ramires, "•"atiço no latim, no grego e nas linguas d'esse Oriente remoto, turco e o hebreu, o chaldaico e o arabe, para onde os caval-lros se propunham jornadear. Ao lado do infante, seu fiel chates, galopava Alvaro Vaz d'Almada, fadado para um des-Uno igual. . .

Atravessando a Hespanha, atravessando a Italia, pelos ca-ninhos mais directos, foram dar a Veneza, sem que do trajecto ^cassem noticias. Estas longas jornadas da Cavallaria eram

[1] Oh. Romey, *Hisl. d'Kspagne,* ix, 16 e 17.

communs. Em Veneza desfizeram-se dos cavallos para segun viagem por mar. A republica attingia n'esse proprio moment° fastígio do poder a que chegara, desde os tempos obscuros que, apavorados pela invasão de Attila, os venetos se tinham seravelmente escondido nas lagunas do Rialto, refugiando-se Ire os lodos das ilhas. Distantes éras! Diversa fortuna! Nos de séculos decorridos, tinham assistido á derrocada do Império o cidental, e encostados a Byzancio saqueavam dia a dia o Imp rio oriental, emquanto do lado opposto o arabe, depois o tur o desmembravam. Esses dez séculos tinham sido um cam constante. Rainha no Adriático, Veneza disputava a Mil dominio da Lombardia, imperando no Mediterrâneo com as sua colonias espalhadas em toda a velha área grega.

Attingindo no século xv a culminancia do seu poder, neza, sobre a rede de canaes onde vogavam negras como esquifes, dez mil gondolas cruzando-se debaiX de quinhentas pontes, apresentava ao viajante um mesmo tempo deslumbrante e singular. O esplendor dos p cios, o luzido dos mármores, as illuminações das vidraças ridas estonteavam a vista, sem que os ruidos das dades ferissem os ouvidos. A rua que liga a praça de S. cos ao Rialto era uma feira onde todos os géneros appareciam expostos á venda em bazares intermináveis. r drarias e perfumes, alfaias e especiarias, brocados, marfi productos do Oriente e os da Europa, entre os quaes os e os livros de Veneza tinham uma primazia eminente. O ars nal e o thesouro, um encerrado no seu cinto de muralhas to readas, outro escondido nas cryptas de S. Marcos, g com o corpo milagroso do patrono da cidade, com as coroas Chypre e de Creta, e com os dois carbunculos tamanhos ovos de franga, eram das maiores maravilhas da cidade guiar nascida do casamento com o Adriático, todos os an celebrado ainda

[1] V. *Itinerário da Terra Santa, etc.* por Fr. Pantaleão Daueiro (Lisb narra* 15%, 2.ª ed.). Este itinerário valiosíssimo servir-nos-ha para completar a

0 commercio inteiro das regiões distantes vinha parar a nez a. Os seus navios mandavam nos proprios mares da terra 0s turcos. Commissarios e mercadores seus penetravam em j^a a metade oriental do mundo ; e em 1270 Marco Polo pu- cara as suas viagens que pareciam phantasticas, e por isso o Cu ,,vro andava em todas as bocas. A republica, em agradeci- nento a D. Pedro pelas liberdades de que em Portugal goza- Q am os venezianos, offereceu-lhe, como guia para a viagem ao 'ente, o livro de Marco Polo preciosa dadiva que elle re- o n o u para seu irmão Henrique, juntando ao livro os mappas n o s ' Enfardando cuidadosamente os presentes, partiram os °'neiros, via de Chypre, para a Palestina. Embarcaram, e des- ando o Adriático, ladeando o Peloponeso e Creta, sempre em &uas (ja Republica, foram para léste dar a Nicosia, capital Qe chypre e côrte dos Lusignans, que reinavam sobre a ilha "e 1191, quando Ricardo Coração-de-Leão, depois de a con- raj 'Uls tar aos arabes„ a dera a essa familia franceza. Acharam a la em prantos porque seu marido, Hugo IV, andava eaptivo o8 egypcios.

•limaria de Gomes de Santo Estevam. Posterior um século, Aveiro visitou <u "erra Q„ an ta quando ella já tinha passado, com toda a Syria e o Egypto, para o m'o da Turquia, sem por isso saliir do regimen musulmano. Fr. Pantaleão se- derrota que depois ficou adoptada, de desempenhar em Jaffa, e subir a Je- (in -llein Vla Rama (p. 107). D. Pedro foi primeiro ao Cairo, pois a Pales- i'°rtencia ao Egypto. Esta circumstancia depõe a favor da autlienticidade -parcial <Ult ' ' como veremos) da narrativa de Gomes de Santo Estevam. Aveiro não [.. .,, 'l SUa v iagem, mas dizendo que sahiu de Roma no pontificado de Paulo IV, é "'ipr a rr • ' rmar e„a se fez nos annos de 1556 a 1559, quasi quarenta antes da i essao flo itinerário, e cento e vinte depois da de D. Pedro,

no tem P° 1 ue 1,0 Iffante dom Pedro de gloriosa memoria, nosso tio, |ils a Veneza. E depois das grandes festas e honrras que llie foram feitas po- crdades que elles têe nestes nossos regnos, como por ho elle merecer, lhe p0 0ln. em grande presente ho liuro de Marco Paulo que se regesse por elle, ese java de ueer e andar pollo mundo ...»

fi ssi ma. ra,,, c,e JIarco Polo, por Valentim Fernandes, prol', da edição de 1502, ra- "lo no ex. da Bibliot.li. de Lisboa. Cf. Santos, *Memoria sobre dois antig fptts.* etc. 276,

\

Amigos, de que geração sois? perguntava a rainha chorosa.

E dizendo-lhe o infante quem era e d'onde vinha, a triste senhora observou melancolicamente :

— Prouvera a Deus que as províncias de Hespanha estivessem perto do nosso senhorio, e nos poderamos soccorrer uns aos outros : assim os inimigos da fé seriam menos poderosos

O turco era n'essa época o terror medonho do mundo. Sentiam-no vir, como em séculos distantes se ouvira crescer o trovão aterrador dos cavalleiros de Attila. Toda a metade oriental do .Mediterrâneo, para além da ltalia, estava sendo um verdadeiro inferno, desde que o império byzantino começara a cahir a pedaços das mãos impotentes dos Paleologos.

A pobre rainha de Chypre chorava sósinha as consequencias de um caso cruel. Em 1365 o Lusignan fôra incendiar Alexandria aos mamelukos, em cujo poder estava o Egypto, tendo passado por varias mãos depois dos arabes. Em 1424 os mamelukos assaltaram Chypre, tomando e saqueando l'allia gusta ; no anno seguinte tinham voltado, prendendo o rei l' depois fizeram seu tributário. O infante D. Pedro, ao passar por Chypre em 1425, achou a ilha n'uma desolação e a rainha bulhada em lagrimas ao

Largando Chypre e a sua attribulada rainha, foram ter ao acampamento, ou corte, de Amurai II, sultão dos turcos, cai" Patras, no golfo de Lepanto -; foram provavelmente com se tas e recommendações de Veneza, pedir salvo-conducto para se internarem no Oriente, e obtiveram-no mediante vinte e

O *Lwro* de Guines de banto Lstevam, que vamos seguindo, além mado como uma fabula. A nós parece-nos verdadeiro, até certo ponto. - outras provas que se irão vendo, está esta da visita a Chypre, e da rainha pelo captiveiro do marido. Ora é facto, segundo se vè no texto, que Hugo hiu prisioneiro dos egypcios em 1425 ; e esta data resolve também o problema começo da viagem do infante, que n'ist.o encontra uma razão mais para • em 1424.

- O *Livro* diz que primeiro foram procurar o turco ein Mandua (' depois é que foram a Patras. Mandua será Nicomedia?

Peças de ouro. Amurat commandava os turcos havia quatro annos, tendo em 1421 succedido ao primeiro Mahomet. Passado o furacão de Tamerlan, quando o império esteve a ponto de naufragar em Angora (1402) onde Bajazet ficou prisioneiro, e concluído o periodo sangrento das guerras civis entre os filhos do sultão captivo, Mahomet reconstituirá a unidade do império com a victoria magnifica de Semendria sobre os gregos (1412). datava d'ahi a grandeza da Turquia. Alastrando-se como uma Nasta cheia, dominava ludo, desde o Egeo até ao Danúbio, intuindo a Bulgaria, a Macedónia, a Thessalia, a Thracia, e impondo a suzerania á Servia, á Valachia, e aos restos miseráveis império grego, reduzidos a Byzancio onde os Paleologos dormitavam. Acampado em frente, em Nicomedia, Amurat II, eni 1423, cercou pela segunda vez a cidade de Constantino [1] ; ' então que se ouviu nos Dardanellos o ribombar surdo dos canhões; mas Constantinopla salvou-se pela revolta dos irnaos do sultão que se levantaram em Nicea, obrigando Amurai ll Ir lá estrangulal-os. João JI pôde ainda morrer no seu throno (1448), porque só ao cabo de cinco annos Byzancio cahiu ás Illaos de Mahomet II.

Le Patras seguiram os viajantes para Constantinopla, a vlsitar a magnifica cidade, agora tão decahida no império, mas 'ada vez mais brilhante no seu luxo, no desvairamonto das Suas festas e na folia constante do seu viver : Constantinopla flUe suceedia a Antiochia, e de que Paris é hoje o paradigma, !'°rque todas as civilisações carecem de um centro de gáudio c°°smopolita. A cidade, mal saradas ainda as feridas do cerco 1423, estava prevenida com um triplo cinto de fossos e coroas, contra o annunciado ataque dos cavalleiros de Bhodes. lll Bhodes, como em Chypre, como na Syria, o movimento das ^'"zadas deixára pequenos núcleos de nações, formados por k°nte <j0 norte, e que teriam crescido com os despojos do imP'rio byzantino. se os turcos não viessem substituir-se-lhes des-

0 primeiro cerco de Constantinopla data de 1397,

Iruindo successivamente esses ephenieros estados neo-feudaes. Rhodes, conquistada em 1310 pelos cavalleiros de S. João de Jerusalem, depois da queda da Syria christã ás mãos de Saiadino (1187) era o ninho fortificado d'essa Ordem, denominada depois pela ilha que tiveram até 1479, quando Maliomet II os expulsou de lá. Rhodes fôra tomada a Byzancio, e os cavalle* ros pensavam lambem em herdar Constantinopla, sem nunca poderem passar de planos. A velha metropole do mundo grego, n'uma caducidade garrida, dormiu socegada atraz dos seus fossos e corcovas.

Mas estes aprestos de guerra faziam escassear os mant' mentos: não havia carneiro, nem vacca; comia-se dromedário, o cavallo d'esse Paris de outras éras. Partiram por terra. Jomadearam por desertos em que se perderam. O roteiro nota grandes serras cobertas de neve. N'um ponto diz que viam a terra de Jerusalem, n'outro que deixavam á mão esquerda o norte da Noruega. Montavam dromedários ao uso da região «e cada dromedario leva quatro homens com todo o necessário para ehcspão, agua, mel, manteiga, figos, passas, com Ires ou quatro saicos de tamaras, que é o mantimento da cavalgadura. » Tudo nos está dizendo que não sahiram das regiões da Asia-meno , que a visinhança da Noruega é uma phantasia como tantas q" se encontram nas viagens remotas, em tempos antigos — e la» de* bem modernos. Outra phantasia é o verem Jerusalem, que certo viam apenas com os olhos d'alma, pois esse era o primeiro destino da viagem do infante.

Provavelmente, de Constantinopla passaram á Asia e pendendo-se talvez nas serras da Armênia, vieram parar de novo De costa do Mediterrâneo, onde embarcaram para Alexandria- outra forma, vindo por terra, pela Syria ao Egypto, teriam contrado primeiro a Palestina.

O ***grão Bàbylão*** que foram visitar a Babvlonia, na a mais do que o sultão baharita do Cairo. Chamavam muitos vellu esta cidade Babylonia do Egypto, confundindo-a com o Cairo, ou Babul, fundado por Amru em 658, a meia legoa Nilo cidade moderna de que é um arrabalde, no ponto onde o

recebe o canal de Trajano Quando o infante D. Pedro visitou o Egypto ainda os turcos lá não tinham chegado. Destacado do califado arabe de Bagdad no principio do século x, cahira no poder da dynastia apostolica dos fatimitas, que teve P°r quasi dois séculos toda a Africa mediterrânea. No ultimo quartel do século xn o Egypto voltou a reconhecer o califado de Bagdad (que já era então, como o papado de Roma é hoje, apenas uma instituição religiosa) mantendo a sua independência politica sob os novos sultões ayubitas, em cujo tempo (1171-1254) se deram as cruéis tragedias de Saladino na Syria e a expedição do santo rei de França, em que ficou captivo. 01 um periodo de anarchia sangrenta, terminando com o assassinato do sultão pelo chefe dos seus mamelukos, Ibegh, o fundador da nova dynastia baharita que durou até ao principio d° século xvi, quando o imperador Selim trucidou os mamelucos e annexou o Egypto á Turquia (1517).

Ao tempo da viagem do infante D. Pedro, em 1425 ou ^26, a Syria, portanto, era dos mamelukos. Depois da catastrophe de 1291, em que o reino christão de Jerusalem fòra de-

'Altivamente aniquilado, o rei de França obtivera, em 1336, IUe a guarda do Santo Sepulchro se confiasse a monges chris-Uos [2]. Comprehende-se pois que, para ir a Jerusalem, como era Seu desígnio, o infante quizesse primeiro obter o salvo-conducto

[1] Pietro delia Valle, *il pellegrino,* nas cartas da sua viagem pelo Egypto, l)e'a Syria, pela Pérsia e pela índia, onde viu de pé, e em plena força ainda o "USso império, escreve do.Cairo a 25 de janeiro de 1610 : «Ma io, a dir la verità, Sono andato pensando un' altra cosa, non sò, se totalmente a proposito : cioè, che il r •

^airo, dal suo primo fondamento, sia stato sempre dove adesso è il nuovo, e '*'le il Cairo vecchio sia l'antica Babilónia di Egitto, colonia gia di quei Caldei, 'le'i como narra Strabone & anche Diodoro Siculo, havulo dei Ré di Egitto quel 1 0 (lu habitare, ivi la edificarono e dal nome deli' altra Babilónia loro patria cosi chiamarono.» *Viaggi* (ed. Veneza, 1661), i, 283. —«O Soldão do Grão Cairo : lue muytos chamam Babylonia ...» diz Aveiro, *Jtincr.* 181 v.

V. *La lerrc saincle, ou description topographique très particulière L's saincts lieux fr dc la terre de Promission,* etc. par F. Eugène Roger, recollect

• nussion. em Barberie. Paris, 1646, 4.°. Embora posterior pouco mais de dois st1 "los, a descripção do missionário, minuciosa e eruditamente feita, e luxuosa-

do sultão do Egypto ; mas é no Cairo que pela primeira vez o chronista accusa o segundo intento da jornada : ir ao Preste Joliain das índias ! Descobrir esse reino tão encantado como as ilhas do Oceano, entrava decerto nas idéas combinadas antes da partida com o infante D. Henrique. A viagem terrestre de um irmão completava o plano emprehendido no mar pelo outro. Diz o roteiro que se demoraram no Cairo quatorze dias, e que o sultão (juiz que lhe contassem como eram os reinos do poente e lhe dessem noticias de Hespanha.

D'ahi largaram para Jerusalem, por terra. Do Cairo para a Palestina, a estrada das caravanas seguia, como ainda hoje, em linha recta para oriente, passando pouco acima de Suez. É o que o chronista chama a província de Centurio onde viu que « quando nasce uma criança d'ahi a nove mezes lhe põem uma verga de ferro na cabeça, e assim fica com pouco juizo, mas mui forte de cabeça.» Ora, entre os vários povos que na teria seguiram esse uso ou rito antiquíssimo da macrocephalia, de formando de vários modos os craneos tenros dos recem-nascidos, estão justamente os egypcios, e os egypcios de Suez, propagando-se d'esse ponto o uso para norte e para oeste, entre kabylas. A especie de deformação do Egypto é a que Vesale chamou lateral ou temporo-parietal, commum aos macrocephalos de Hippocrates, aos abases do noroeste do Caucaso, o aos antigos habitantes do norte europeu : flamengos, belgas e ou Iros. Consiste na compressão lateral do craneo em toda a sua extensão, no sentido anterior ou posterior, e obliquamente, baixo para cima, produzindo o entumecimento da fronte e do

mento impressa, tem para nós o máximo valor historico. E também bibliograp camente um primor. D'ella nos servimos no texto para completar os aponta tos de Gomos de Santo Estevam ; e o *Itinerário* de fr. Pantaleão Daueiro, sando também as *Viaggi* de Della Valle, já citadas, que visitou a Terra Sa em 1616,

occiput, como nos macrocephalos de Hippocrates, ou de um dos dois isoladamente, ou por fim o estreitamento da abobada superior do craneo e o alargamento da sua base. Esta deformação, que só se praticava, ou se pratica, sobre as crianças do sexo masculino, obtem-se por meio de compressões manuaes, ou pela applicação de compressas e apparelhos apropriados[1]. Gomes de Santo Estevam descreve um d'esses nas palavras transcriptas.

A estrada transpõe uma das gargantas dos montes que licitam por oeste o deserto de Tih, habitado por tribus de ***alarves*** quasi selvagens, que andavam nús, alimenlando-se de her-\as e carne crúa, errando entre as montanhas e o deserto, onde desciam para assaltar os viajantes. Chegando a meia largura ^a península que termina no monte Sinai, dividindo as aguas mar Ròxo nos dois golfos de Suez e de Akabah, a estrada vira para norte, bifurcando: um ramo vai a Gaza, e segue na costa por Jafa até Cesarêa, outro ramo toma as cumiadas dos montes de Judá em direitura a Jerusalem. Eoi esta ultima a derrota que seguiu D. Pedro.

Por ahi entrou na Terra Santa, chão predestinado para teatro da epopêa do mundo, desde o Paraiso e o seu Peccado, até á Redempção pela morte de Jesus, e ao Juizo Final que encerrará a Historia no valle escuro de Josaphat. Dividiam neste tempo a Terra Santa em quatro províncias. A primeira ('alilêa, entre o Libano e Samaria, indo a metade superior do Jordão á Phenicia, e a inferior de Saphet aos montes Gil-'boe> com o lago Tiberiade, e até ás serras de Zabulon. Na Ga-'nè® ficam, além dos montes Gilboe, Hermon e o Thabor, e as '"nas das velhas cidades de Nazareth e de Nain, de Salem.

[1] Magitot, *Éssai sur les mutilalions elhniques,* no liei. do Congresso 'ternn. de Antliropol. e Archeol. prehist. de 1880; pag. 549-612.

Alarve era o termo generico COMI que se designavam os mouros ou arabes 'u,"adas, mais ou menos salteadores. A exactidão perfeita da narrativa de Gomes ' anto Estevam encontra-se em Della Valle que com os mesmos traços descreve S trilj us nómadas das visinhanças do Sinai. • Se altro no trovano, mangiano ra-(lÍqJ 6 loglie ji herbe, se pur deli' lierba lianno ventura di trovare.» *Viaggi,* i, 310.

Bethulia, Tiberiade, que deu o nome ao Iago, Canna, Sephons e Bethsaida. Depois vem a Phenicia, desde o Adónis, fronteira da Syria, ao longo da costa mediterrânea, até ao castello do Peregrino : faxa de seis legoas de largura por vinte e cinco de extensão, sobre a qual assentam Biblis e Barut, Patron e Sidónia, Tyro, Ptolomaida, Caipha e Sarepta. Depois, Samaria ; depois, a Palestina propriamente dita, com os seus quatro portos de Jaffa, Gaza, Ascalonia e Cesarêa em ruinas; com as cidades santas de Ramatha e Lidda, Bethlem, onde nasceu Jesus, Hº bron e Emmauz, Azotns e Jericbó, escondida entre hortas palmares, vergeis e canaviaes de assucar, regados pelas linhas de agua que vão dar ao Jordão, depois de banharem a vas a cfi campina de Galgala [1], tapetada d'essas rosas vermelhas que tingem de branco, e revivem sempre, apesar de sêccas, 1°8[0] que se immergem n'agua

A terra da promissão, tantas vezes alagada em sangue, sempre abençoada por Deus, era ainda o jardim onde o leite o ° mel corriam em ribeiros. O romano cobrira-a de cidades e 'lltí numentos ; a santa imperatriz Helena, primeira mulher de Con» tancio Chloro e mãi do Constantino, o que converteu o imp[011]" ao christianismo, coalhára-a de igrejas e mosteiros, consagrando os momentos divinos da historia dôce de Jesus. Agora a deso lação via-se por toda a parte, as ruinas a cada lado, dep°' das invasões dos arabes e egypcios : especialmente depois da quista de Saladino que em 1187 expulsára os christãos de J[c] rusàlem, annexando o reino ao sultanato de Damasco ; e dep°[1£]

' Aveiro, *Itin.,* 214.

- Eug. Roger, *La lerre saincle,* 18 a 20 e 119. A rosa de Jerichó, • *m*ília» *tatica hieros, é* uma crucifera que, depois de sécca, sempre <|ue se mette n> absorvendo-a por capillaridade, abre, parecendo reverdecer. De tal phenom o vem a superstição antiquíssima da influencia d'esta planta sobre os parto» commercio que d'esta relíquia fazem ainda Iioje os judeus e mouros da l'ale[5'1]c, rio e i Na occasião das dóres immerge-se o pé da flrtr sêcca em agua, e o parw quando termina antes da rosa estar completamente aberta. Rotira-se da ag[11,] * nue f""a ga-se, sécca, e guarda-se para outra vez. Quanto á mudança de côr, u[e] 4 o missionário, não se observa nos exemplares que vèm para a Europa-

do incêndio da cidade santa pelos turcos do Egypto em 1244, até á data de 1291 em que, tomada S. João d'Acre, toda a Palestina ficára em poder d'elles. Fôra um longo século de destruição feroz !

Mas se as cidades cabiam por terra despovoadas, se os mosteiros abandonados se despedaçavam, transformando-se os santuários em estrebarias, essa terra, igualmente sagrada para Judeu, para o christão e para o musulmano, continuava a desabrochar em flores e fructos, como um verdadeiro paraiso que era. Os sycomoros, as acacias, as palmeiras, os aloés e as ce^adilhas, os jujubeiros, os terebinthos, e todas as arvores mediterrâneas, fechavam-se em mattas, cobrindo com a sua sombra tapetes de rainunculos e narcisos, de anémonas, jacintos e "ardos, de açucenas e lírios, flores bulbosas, de um aroma inebriante, que trepam nos vallados, bordando os caminhos, en'remcando-se com o aconito cuja raiz basta pegar-lhe para se 'ahir em syncope, com o kermes d'onde se tira a purpura, com a niandragora e as solaneas cujos venenos religiosos contribuem Para a exaltação mystica d'essa terra eleita por Deus. Nas °ncostas dos montes trepa a vinha, e os meloaes cruzam a rêde d°s seus braços como polvos ; a oliveira ensombra os altos, e Pelas varzeas estendem-se os pomares de amêndoas, os figuei'aes, as amoreiras que dão a seda celebre da Phenicia, e os al-Sodoaes entremeados pelos bosques de cana saccharina. Mais Para longe, as searas louras ondeam ao vento, e nas serras Pastam os rebanhos de cabras de orelhas pendentes, como podengos, cujo cabello fino de setim faz os ricos chamalotes da Syria e de Damasco, e as manadas de ovelhas e carneiros de 'auda tão farta e gorda que suppre aos judeus o toucinho nas 'oníidas[1]. A Judêa dorme em paz nas suas ruinas[2] compri-'"'da sob o pé do egypcio, bafejada pela aragem fresca do "orte que se côa pelas neves eternas do Libano, defendida dos ^entos do deserto pela cortina dos montes de Seir e da Idu-

' Aveiro, *Itin.,* 53.

«... inda que terra sancta está toda ou quasi destruída ...» *Ibiã.,* 54 v.

mea. No coração da terra, dividindo-a de norte a sul em duas, o Jordão, bordado de tamargueiras e altos canaviaes , transposto o lago Tiberiade, distribue para ambas as margens uma rega invisível e abençoada, evaporado no ar pelo calor fecundante do sol até se ir perder no sumidouro do mar Morto, que o mesmo sol aspira constantemente, sorvendo as aguas da lagôa pôdre de Sodoma, cujas emanações mephiticas levam no> ares a peste a Jerusalem [3].

Antes d'ahi entrar, a caravana do infante obliquou p[aia] oriente, deixando a direcção norte, e descendo ao deserto di Judá foi pelas margens do mar; Morto metler-se no valle do Jordão, que subiram até á fonte onde reza a lenda ter si^0 baptisado S. Paulo. « Ganham-se alii cem quarentenas de p[eI] dão». De lá partiram para Nazareth, «d'onde foi a linhage[111] de Nossa Senhora».

Nazareth, que quer dizer flôr, fica na planicie olhando [a] oriente, com o horisonte limitado por um circulo'suave de montanhas arborisadas. Era uma villa de duzentos fogos mouros que habitavam sacrilegamente no meio das ruinas venerandas- Em baixo, no centro da cidade velha, ficava a casa de San l'Anna, onde Nossa Senhora recebeu a Annunciação: a casa construída pela imperatriz Helena, porque a verdadeira fòra l[p] vada pelos anjos para Loreto [4]. Sobre os alicerces d'essa levan tou a santa imperatriz outra, cuja porta dá para o lado de I' rusalem, e estava encerrada dentro d'uma basílica, transfo'

[1] Della Valle, *Viaggi,* i, 463. —«O Jordão vay naquella parte (junto Jerichó) muyto fundo, & estreyto : não tem area, mas hum lamaçal quasi com greda, da qual lama me disse o Abbade Caly que tomasse e ao sol sequasse p[ar] ^ trazer comigo a Franquia, affirmando-me ser teria miraculosa e muy medeÇ* para febres ... Da outra parte vay o terreno mais alto, & em algu rochedo, >- ^ hua, & outra cuberto de arvoredo muyto espesso, o mais d'elle tamargueyras lissimas, mostardeiras & grandíssimos carriços.» Aveiro, hín., 217 [v]-

[2] Eug. Roger, *La Urre saincte,* 3, 4. ^

[3] «A causa de ser alli a peste tam continua lie o mao cheiro qa° [vt] mar de Sodoma, quando no verão continua Leuante ; porque passa por "l[1]"' maldito inar & conrõpido o ar pausa peste. » Aveiro, hin., 149 v.

[4] Aveiro, *ltin.,* 267 v.

•nada agora em estrebaria pelos mouros. Duas columnas de Porphyro marcavam o logar da Virgem e o do Archanjo ao c°mmunicar-lhe a ordem celestial. E por entre as ruinas desconjuntadas brotavam anémonas e chalcedonias, rainunculos, narcisos, cyclamens e iris, enchendo o ar de uncções devotamente perfumadas. Logo ao pé visitaram a fonte da Virgem e os jardins plantados por Santa Helena ; mais acima, para o Poente, a duzentos passos, a mesa do Messias, lapide redonda °nde Jesus ceou com os doze apostolos. Por toda a parte viam e se benziam da piedade de Santa Helena que, repudiada pelo niarido por causa do seu christianismo, mereceu por isso mes-1110 do filho o titulo de imperatriz e do céo o logar de santa [3].

Estavam outra vez na região montanhosa e desciam agora, nas serras samaritanas, provavelmente a estrada que por Sebasta ou Samaria, Silo e Arimathia, vem direita a Jerusalem. ' anto assim que, antes de entrarem por fim na cidade, visitaram a aldeia de Emmauz, sacrosanta, afastada apenas duas le-"°as para noroeste. D'ahi a Virgem Maria fugira para o Egypto ,:°nt o Menino Jesus. A lembrança d'estes casos ingenuamente P^dosos, enchia de encanto o generoso espirito do infante. Fo-'arn vêr a palmeira que se baixou ao passar a Virgem, para (,"la colher as tamaras que deu a seu divino filho [2]. Ao pé da Palmeira está uma fonte que por essa occasião brotou, e d'onde eberam a Virgem e o seu esposo S. José. A suave lenda do "Ornem-deus enchia-os de contrição. Emmauz, a duas legoas e •neia de Jerusalem, deserta, demolido e abandonado o seu moseiro, no sitio onde milagrosamente Jesus appareceu aos dis-"Pulos, erguia-se no cimo da montanha fechada n'um ninho [1] 'nzento de olivaes. Pelas encostas pedregosas, tornadas ferieis á força d'arte, com as levadas e cisternas abertas a ferro [11a] rocha dura, as pendentes Íngremes, que as aguas desnu-

[1] Eug. Roger, *La terre sainctc,* etc. 48 a 54.

«Un' albero antichissimo di Terebinlo che ha oerti rami molto bassi & [L fa]'Ua clie gl' inclinasse alia Madona una volta che di la passava. » Della Valle, [V]*aggi,* i, 478.

dariam, ficavam interceptadas por escadas de socalcos successivos sustentados com muros L Além, está a fonte onde o Redeniptor lavou os pés com os seus dois discípulos Cleophas e o outro, e essa agua milagrosa era fresquissima e de muito sabor [2].

Porque não entraram logo em Jerusalem? Talvez quizessem preparar-se visitando primeiro todos os logares introductorios ao drama sagrado da paixão de Christo. O facto é que, torneando a cidade, foram primeiro a Bethlcm, do lado do sul, na estrada que, seguindo pelos montes de Judá, entronca em Hebron com a que vem de Gaza, da costa.

Em Bethlem visitaram o presepe do natal do Redempt^or> e a sepultura de S. Jeronymo, deixando a sua espórtula de um cruzado por cabeça. A igreja, levantada por Santa Helena sobre o sagrado presepe, que é uma gruta de quinze passos de comprimento por quatro e meio de largura, e nove ou dez de altura, estava de pé, coberta ainda pelo seu tecto de cedro, mas os infiéis tinham-lhe arrancado os revestimentos de ma[1]' more. O convento, em torno, fôra saqueado; e jazia deserto em ruinas, levantando no ar um esqueleto de muralhas torreadas- Das ruinas, no alto da calçada que vem do nascente subindo para Bethlem, viam desenrolar-se a paizagem opulenta, na qual se divisava perto Engaddi reclinada no seu valle mystico, ondi entre os pampanos das videiras cresce o balsamo dôce da J" dêa. Ao pé, ficava o sitio do apparecimento do anjo aos pasto res, mais a gruta cujo saibro augmenta o leite das mães

/ 90.

[1] Eug. Roger, *La icrre saincle,* etc. 161. — Della Valle, *Viaggi,* i>

" Aveiro, *Jtin.,* 237.

[3] «II paese, al mio gusto, é il piu vago, è '1 piú delitioso che possa iniaS' narsi. » Della Valle, *Viaggi,* i, 479. — Eug. Roger, *La terre saincle,* 161, "3 [e]

«A terra desta Capella & toda a mais daquella furna he quasi como bran & desfasse como farinha, a qual tem particular virtude de accrescentar o leyl° ' molheres & aos outros animaes brutos que se crião e não só usão delia niolh[IIL] christãas, mas também as Turcas & Mouras, bebendo-a com agoa e a dão ordin riamente a seus animaes pêra o que digo. Chamão todos áquella terra leyt' nossa Senhora.» Aveiro, *Itin.,* 186 v.

De Bethlem caminharam para norte, em direcção de Jerusalem que lhes appareceu ladeada pelas suas collinas, cada uma das qúaes ficou bemdita por uma sacrosanta lembrança. A torrente do Cedron, bifurcando, abre entre os seus dois braços um Planalto em que Jerusalem assenta. Por léste corre apertada contra o monte das Oliveiras, de cujo cume dominante, abi onde houvera o templo de Astaroth, Jesus subiu ao céo, deitando marcada no sólo a sua derradeira pegada, que mouros e christãos beijam sofregamente. Santa Helena puzera n'esse logar unia igreja octogonal, agora arruinada [1]. Na vertente oriental do monte fica Bethphagé; na de occidente, estendem-se, abençoados pela paixão do Salvador, os jardins de Gethsemani, sobre o Cedron, que para o sul corre apertado contra o Candal, cujo cimo se erguia o palacio dos Erros de Salomão. Na Zebrada entre o Olivete e o Candal passa o caminho de Betânia, deixando á direita os tumulos dos Apostolos. Para oeste de Jerusalem, ao longo do segundo braço do Cedron, por onde segue o aqueducto de Bethlem, subindo para o norte, encontra-se o monte do Mau-conselho, onde se tomou a resolução fatal: *Expedit ut unus moriatur homo!* (Joan. n, 50) ladeado Pelo do Escandalo da idolatria no tempo de Salomão[2]. É na base d'estes cerros que o Cedron bifurca, abrindo-se em dois valles, e deixando em meio o espaço da cidade. Para o sul, vai correndo, perder-se no mar de Sodoma, a oito legoas de Jerusalem, depois de lavar a Gehenna onde em antigos tempos fôra templo de Moloch: esse deus phenicio cujas entranhas esbraseadas se alimentavam com crianças vivas, inferno immundo Para onde vasam os despejos da cidade que a torrente leva no Mu[illegible]-audal intermittente [3]. Acima do monte do Mau-conselho, adeando Jerusalem pelo poente, erguem-se as eminencias em que o rei David destruiu os philisteus; depois, o morro em cuja

[1] Aveiro, *ibid.* 145 v. — Roger, *ibid.* 138.

[2] «Perche la sopra furono edificati i Tempij & adorali gl' Idoli dalle conne con permission di Salomone.» Della Valle, *Viaggi,* i, 438.

[3] Roger, *La terre saincte,* etc. 138.

base ficam os sepulchros dos Juizes de Israel; depois, a garganta obscura da piscina, d'onde nasce este braço do Cedron, depois, a montanha, com os seus dois cumes, ladeada ao fundo pela gruta de Jeremias, junto da qual passa o caminho de P^a masco. Ficam ahi os tumulos dos reis de Judá e foi ahi a c° versão de S. Paulo.

Antes de entrarem em Jerusalem, D. Pedro e os seus com panheiros metteram-se pela garganta aspérrima do Cedron, do lado de léste, subindo o terrível valle de Josaphat, cujo com primento mede meia legoa, com quatrocentos a quinhentos p^aS sos de largura, e onde os turcos e judeus têm o cemitério em , ' «Q sepulturas escavadas na rocha das encostasForam ate alto até ao tumulo de Nossa Senhora, que é onde por esl(lado começa a torrentg cujas alluviões tinham soterrado quasi a capella construída por Santa Helena [8]. Estavam ahi diante da ponte da estrada de Bethania, que vai dar á porta dos Ret>^a nhos, ou de Santo Estevam, pois junto d'ella foi lapidado o proto-martyr. Viram as pégadas dos apostolos, quando fazia[111] vigilia ao cadaver de Nossa Senhora, no momento em q^ue 0 anjos a levaram ao céo ; viram junto á porta os pés e mãos de Nosso Senhor marcados na rocha com a profundidade de doi^s

[1] «I sepolcri di Oierusalem non sono tombe ... ma fatti a guisa d'un a,1,'" da dir Messa ú d'una pietra sola, o di piu, secondo i luoglii : e sopra qucsti muli (per dir cosi) come altari si metteva il cadavero disteso dentro ad una cC, o cameretta clie era o fabricata a posta, overo cavata a forza di scarpello; c011 erano le piu nel sasso vivo de' monti, clie da tutti i lati ce n'e abbondanza, una di queste celle, vi erano o piú tumuli overo uno solo, secondo per chi hav^e da servir la sepoltura. » DeUa Valle, *Viaggi,* i, 433, 4.

- Roger, *La terre saincte,* etc. 123, 4. ^

:l *Ibid.,* 129. O sepulchro da Virgem tem duas camaras : á direita a n··esto Sant'Anna e S. Joaquim, á esquerda a de S. José. Tudo está soterrado.« w tempio é molto basso sopra terra e per andare al Sepolcro delia Nostra Sig"l"^ si scende anche sotto terra da cinquanta scalini : cosa che mi fa credere Valle in quei tempi fosse assai piú cupa che adesso no è ; riempiuta forse pioggia e dalla terra che il torrente deve portar da i monte intorno.» Della V^a' *Viaggi,* i. 433.

dedos ; e penetrado por um sagrado terror. Garcia Ramires disse :

— Aqui havemos de ser julgados no dia do Juizo: deixemos um signal para nos encontrarmos juntos.

Mas o infante D. Pedro, inspirado por uma piedade mais Pura e por isso menos realista, observou que seria tentar a

e, estranhando as palavras de Garcia Ramires, respondeu severamente :

— Nunca Deus queira que taes signaes fiquem n'este logar!

Oliveira Martins.

CHRONIOA FINANCEIRA

LISBOA 28 DE SETEMBRO DE 1889.

A situação geral dos mercados monetários europeus, não pode dizer-se muito animadora, ao findar de setembro.

O banco dTnglaterra que, em 8 d'agosto, elevára a sua taxa de $2^1/_2$ a 3 %, e, tres semanas depois, de 3% a acaba de a subir novamente a 5 %, *maximum* a que nos uH' mos annos tem attingido officialmente o preço do credito principal estabelecimento do mundo.

A gravidade da situação do mercado inglez deprehende-^ facilmente do que fica exposto, desde que, no curto prazo de semanas, o juro subiu ao dobro e attingiu o máximo dos an nos anteriores.

Em qualquer outro mercado tão rapida elevação do pref" do credito, no seu estabelecimento regulador, teria, quasi exclusivamente, importancia local. Com o banco **d'**Inglaterra, porém, não succede outro tanto, pois é sabido que Londres o mercado em que se centralisa quasi todo o movimento rnon tario universal. N'elle se reflectem sempre, com maior ou "1(nor intensidade, todas as operações importantes dos mercado- da Europa e da America.

A alta ou a baixa do juro em Londres tem, por isso ni^eS ino, influencia em todas as praças que, salvo circumstancias e

ceePcionaes, regulam o seu movimento, (dando-lhe maior ou me-
"°r expansão), pelas tendencias do mercado inglez.

Em virtude d'esta influencia crê-se, como infallivel, que o ujanco imperial allemão elevará também a sua taxa de descon-lo de 4 a 5°/0, acompanhando, assim, mais uma vez o banco ^ Inglaterra, na adopção da unic-a medida que, até hoje, se tem reconhecido como verdadeiramente efficaz para defeza das re-Solvas metallicas dos bancos emissores. E tem sido considerável d sahida d'ouro do banco regulador do mercado de Berlim nas Ultinias semanas.

O banco de França, fortalecido com as enormes sommas de ouro que desde a abertura da exposição têm affluido ás suas Caixas, já por effeito da expansão do cominercio francez d'exl)01'tação, já pelo das despezas que nacionaes e estrangeiros

feito em Paris, parece que sustentará a actual laxa de 3°/'0, so as suas reservas não continuarem a diminuir, como começa-'ani, segundo se vê dos últimos balancetes. O de 26 de corren-to' accusa a sabida de 11.385,000 francos em ouro.

Dh'ersas são as causas que têm contribuído para a situalao pouco fortalecida do banco d'Inglaterra. Entre ellas, avullam presentemente duas : uma, as remessas d'ouro para o Brazd , outra, as repetidas emissões do thesouro inglez que tem de '°ncluir até aos primeiros dias d'outubro o reembolso dos antih0s consolidados 3 °/0 que não acceitaram a conversão.

A primeira das duas causas apontadas é, presentemente, a fiue maior pressão exerce no mercado inglez, lanlo mais que l'ara o Egypto têm sahido também importantes sommas e não Se conta com mais remessas da Australia, d'onde as entradas """rn sido, aliás, pouco avultadas, relativamente fallando.

Para a Escossia e Irlanda, em princípios d'outubro, devem Se8uir sommas importantes, como é proprio da época, em que a Clrculação metallica alli, bem como a de notas representativas cie Pequena importancia, attinge sempre valor avultado.

O alto premio a que subiu o ouro na Republica Argentina unde a Inglaterra importa, na actual quadra, valiosas quantidades de lã, é ainda outro motivo de se recearem novas e

avultadas remessas d'ouro para Buenos-Ayres, e consequente depauperação das reservas metallicas do banco d'Inglaterr

Comquanto a alta do juro não tenha influenciado muito 0b mercados financeiros, inclusivè o de Londres, a baixa do con solidado inglez dá perfeita idéa da gravidade da situação do mercado monetário inglez, visto que tendo-se desinteressado d'este titulo os demais mercados europeus, por occasião da con versão do 3°/0, não são corrigidas pelas arbitragens as oscilla ções de preço que se manifestem.

A attitude dos mercados financeiros é, apesar do que semos com respeito á probabilidade d'uma época próxima di carestia de juro, bastante animadora.

Paris dá o impulso á alta e todos os demais mercados, mais ou menos, o seguem, no que diz respeito a valores into nacionaes, exceptuando, porém, os fundos italianos que 0 França continuam a ser muito offerecidos, invertendo-se o p'° dueto das vendas em fundos portuguezes e hespanhoes, esp^e cialmente em portuguezes, cujas óptimas condições, quanto a rendimento e segurança, estão sendo devidamente apreciada- no mercado francez.

O mercado nacional, abundantemente provido de recur^SOS, manteve-se indifferente ás perturbações dos mercados externo»- Assim o desconto de bom papel, até tres mezes, realisa-se com toda a facilidade, havendo tomadores a 4 1/3 °/0.

O papel cambial tornou-se abundante com a alta do ca bio do Rio sobre Londres. Não pôde, no emtanto, contar-se com remessas muito importantes, e sim bastante inferiores ás 1,u n'outras épocas acudiam ao mercado nacional, logo que o cai bio sobre Inglaterra ascendia a 27 d.

Para afastar os capitaes represados no Brazil duas causa- contribuem presentemente. Uma de caracter mais permanente- a do juro ser, nas nossas praças, bastante inferior ao norma no Brazil, paiz novo que retribue mais elevadamente o capita'- Outra, temporaria, inas que exerce agora intensamente a su< acção : a subscripção para o banco nacional do Brazil, (org^a" nisado por um grupo francez de que é chefe o banco de P^ar)

e dos Paizes-Baixos), calculando-se para o novo estabeleeimento uni lucro liquido de 15 a 18 °/0 annuaes sobre o desembolso.

As transacções bolsistas têm sido mais que regulares, se tivermos em attenção as influencias contrarias á capitalisação (Iue predominam presentemente nos mercados financeiros nacionaes, taes como a ausência de muitos frequentadores da bolsa, *villegiaíura* nas praias e thermas do paiz, e a seducção que °fferece aos nacionaes a exposição de Paris, a qual representa, 0 anno corrente, para Portugal, segundo se calcula, a despeza anormal de 3.000 contos, que se, em absoluto, não deixa de ser lmPortante, relativamente o é mais ainda, como mais tarde poderá apreciar-se.

No emtanto, o progresso das receitas dos caminhos de fer-10! o das receitas aduaneiras, o maior movimento dos algarismos do commercio externo, não traduzem situação desanimadora- Pelo contrario, relativamente, já se vê, ao estado periclitantc da nossa economia alguns annos antes, em que todos os e'enientos se conspiravam para que a nossa situação se apresta sse diffieil.

Os últimos preços cotados adiante são em relação a transpões realisadas.

Detjlgnac&o	C<'tacões
'nscr|Pções d'assentamento	65,25
i, * de coupcms...	65,30
^nd os externos	67,25
•'"Préstimos de 1888, 4 p. c. (com prémios)	**22,200**
1888, 4 y_2 p. c. (assentamento) .	90,500
1888, 4 y_z p. c. (couponsi	90,400
j„ ' 1 889, 4 i/2 p. c. . . .	90,300
"dos liespanlioes externos	71,20
"Bações dlstrictaes de 5 p. e. . .	93,500
• » 4 Vá P- c	91,500
municipaes • 5 p. o.	93,500
» 4 l/2 p. c	90,900
predlaes » 0 p. c. (assentamento) .	04,000
• • 5 p. c. (assentamento! .	93,700
• 5 p. e. (coupons)	94,500
' 4 l/2 p. c	91,500
* 4 p. c.	**88,200**

I

I

Designação	Cotações
Obrigações do banco ultramarino	
» da companhia das aguas	
» » nacional de caminhos de ferro do caminho de ferro através d'Afrlca .	
• do credito real do Brazil	
dos caminhos de ferro do norte e léste, 4 p. C.	
» da mala real portugueza .	
Acções do credito predial portuguez .	
banco de Portugal .	
» nacional ultramarino	
lusitano	
commercial de Lisboa	
Lisboa & Açores, 1." emissão	
• » 3." emissão	
do povo	
Acções da com janhia lisbonense d'illuminação a gaz.	
dos ascensores mechanicos	
carris de ferro	
da fabrica de papel do Prado .	
de algodões de Xabregas	
fiação de Torres Novas	
de seguros Probidade .	

4. *B. dos Santos.*

O Secretario da Redacfão

Manoel da Silva Gayo.

CARTAS DE FRADIQUE MENDES [1]

FRADIQUE MENDES

(MEMORIAS E NOTAS)

III

Durante annos não tornei a encontrar Fradique Mendes, 'l[u]e concentrára as suas jornadas dentro da Europa Occidental emquanto eu errava largamente pela America, pelas Antilhas, P[(>]las republicas do golfo do México. E quando a minha vida [e]ttifirn se aquietou, n'um velho condado rural do Inglaterra, [ra]dique retomado, como elle dizia, « pela bisbilhotice ethno-[fera]phica», começava a sua longa viagem ao Brazil, aos Pam-^[as]> ás republicas do Pacifico e á Patagonia.

•Mas o fio de sympathia, que nos unira no Cairo, não se I[la]rti[u] . [nem] apesar de tão tenue, o deixámos perder por ' atre os interesses mais fortes das nossas fortunas desencontra-is- Quasi todos os três mezes trocavamos uma carta — cinco [>u] seis folhas de papel que eu tumultuosamente atulhava de Pagens e impressões, e que Fradique miudamente enchia de 'déas e de factos. Além d'isto, eu sabia agora de Fradique por 'Suns dos meus camaradas, com quem, durante uma residencia [Irıaıs] prolongada em Lisboa, do outono de 1875 ao verão de elle creára amizades onde todos encontraram interesse in-[tell]ectual e encanto.

[1] Continuado da pag. 298, numero do 1.° de setembro.

Todos, apesar das dissemelhanças de temperamentos ou das maneiras differentes de conceber a vida — tinham como eu sentido a seducção d'aquelle homem adoravel. lTelle me escrevia em novembro de 1877 o auctor do ***Portugal Contemporâneo :*** —«Cá encontrei o teu Fradique, que considero o portugu[eZ] « mais interessante do século xix. Tem curiosas parecenças com « Descartes ! É a mesma paixão das viagens, que levava o phi- «losopho a fechar os livros «para estudar o grande livro do «Mundo»; a mesma atlracção pelo luxo e pelo ruido que em « Descartes se traduzia pelo gosto de frequentar as « cortes e « os exercitos » ; o mesmo amor do mysterio, e das súbitas des- «apparições; a mesma vaidade, nunca confessada, mas intensa, « do nascimento e da fidalguia ; a mesma coragem serena ; [a] « mesma singular mistura de instinctos romanescos e de razao « exacta, de phantasia e de geometria. Com tudo isto falta-lhe « na vida um fim sério e supremo, que estas qualidades, em « excellentes, concorressem a realisar. E receio que em logar do ***« Discurso sobre o Methodo*** venha só a fazer um ***vaudevM[e]•**** Ramalho Ortigão, pouco tempo depois, dizia-me d'elle n uma carta fervorosa : — « Fradique Mendes é o mais completo, mai[b] «acabado producto da civilisaçâo em que me tem sido dado « embeber os olhos. Ninguém está mais superiormente apetre « chado do que elle para triumphar na Arte e na Vida. A ro»[a] « da sua botoeira é sempre a mais fresca, como a idéa do st' « espirito é sempre a mais original. Marcha cinco legoas sem «parar, bate ao remo os mais destros remadores de Oxford, « mette-se sósinho ao deserto a caçar o tigre, arremette com um « chicote na mão contra um troço de lanças abyssinias : [e] «noite n'urna sala, com a sua casaca do Cook, um enorme ci<[l] « vo branco, uma pérola negra no esplendor do peitilho, [s0I,,r] « ás mulheres com o encanto e o prestigio com que sorrira á « diga, ao perigo e á morte. Faz armas como o cavalleiro « Saint-Georges, e possue as noções mais novas e as mais ceita « sobre Physica, sobre Astronomia, sobre Philologia e sobre Ale- i»» «taphysica. É um ensino, uma lição de alto gosto, vêl-o aq[1U] «seu quarto, na vida intima de ***gentleman*** em viagem, entre

suas malas de couro da Rússia, as grandes escovas de ouro lavrado, as cabaias de sêda, as carabinas de Winchester, preparando-se, escolhendo um perfume, bebendo goles de chá que «lhe manda o Gran-Duque Vladimir, e dictando a um criado de calção, mais veneravelmente correcto que um mordomo de Luiz XIV, telegrammas que vão levar noticias suas aos *boudoirs* de Paris e de Londres. E depois de tudo isto fecha a porta ao mundo, e lê Sophocles no original. »

0 poeta da ***Morte de D. João*** e da ***Musa em Ferias*** chamava-lhe « um Sainte-Beuve encadernado em Alcides». E explicava assim, n'uma carta d'essa época que conservo, a sua Pparição no mundo : « Deus um dia agarrou n'um bocado de "enri Ileine, n'outro de Cbateaubriand, n'outro de Brummel, eni pedaços ardentes d'aventureiros da Renascença, e em fra*Smentos resequidos de sábios do Instituto de França, entor**ao u-lhe por cima ***champagne*** e tinta de imprensa, amassou tu" do nas suas mãos omnipotentes, modelou á pressa Fradique, e arrojando-o á Terra disse: «Vai, e veste-te no Poole!» Em'',n Carlos Mayer, lamentando como Oliveira Martins que ás "ltip]as e esplendidas aptidões de Fradique faltasse coordenaUo e convergência para um fim superior, deu um dia sobre a Personalidade do meu amigo um resumo pittoresco e profundo: " ^ cerebro de Fradique está admiravelmente construído. Só * falta uma idéa para viver e governar lá dentro. É um gen'o com escriptos !»

1ambem Fradique, n'esse inverno, conheceu o pensador *uas* ***Odes Modernas***, de quem, n'uma das suas cartas do meu <imi8o a Oliveira Martins, falia com tanta elevação e carinho.

0 ultimo companheiro da minha mocidade que se relacionou 00,11 o antigo poeta das LAPIDARIAS foi J. Teixeira d'Azevedo, verão de 1877, em Cintra, na quinta do ***Saragoça,*** onde 'adique viera repousar da sua laboriosa jornada ao Brazil e Us »

republicas do Pacifico. Tinham ahi conversado muito, e di'Sido sempre. J. Teixeira d'Azevedo, sendo um nervoso e apaixonado, sentia uma insuperável antipathia pelo que elle 'lamava o ***lymphatismo critico*** de Fradique. Homem todo de

emoção não se podia fundir intellectualmente com aquelle homem todo de analyse. O extenso saber de Fradique também não o impressionava. «As noções d'esse guapo erudito (escre- « via elle em 1879) são bocados do Larousse diluídos em agua « de Colonia.» E emfiin certos requintes de Fradique (escovas douradas e camisas de seda), a sua voz mordente recortando o Arerbo com perfeição e preciosidade, o seu habito de beber champagne com ***soda-water***, outros traços ainda, causavam uma irritação quasi physica ao meu velho camarada da Travessa do Guarda-Mór. Confessava porém, como Oliveira Martins, que Fradique era o portuguez mais interessante e mais suggestivo do século xix. E correspondia-se regularmente com elle — para o contradizer com acrimonia.

Em 1880 (nove annos depois da minha peregrinação Oriente), regressando de Lisboa por vesperas do Paschoa, Parel durante uma semana em Paris, seduzido por uma primavera lesta e amavel que já acordára o sol, avelludára o ar, e atirava pela rua os lilazes ás braçadas. Uma noite, depois do theatro, fui cear solitariamente ao Bignon, na avenida da Opera. Tini' encetado as ostras e uma chronica do ***Gaulois,*** quando Po' traz do jornal que eu encostára á garrafa assomou lentanienl' uma larga mancha clara, que era um collete, um peitilho, uma gravata, uma face, tudo de incomparável brancura. E uma voz muito serena murmurou : «Separámo-nos ha annos no caes de Boulak ...» Ergui-me com um grito, elle com um tranqu' sorriso ; — e o ***maitre-d'hotel*** recuou assombrado com a mer dional effusão do meu abraço. D'essa noite em Paris datou ve dadeiramente a nossa intimidade intellectual, que em seis a" nos, sempre igual e sempre certa, não teve uma intermissa°< nem uma sombra que lhe toldasse a pureza.

Determinadamente lhe chamo ***intellectual,*** porque esta timidade nunca passou além das coisas do espirito. Nas aleg'e" temporadas que com elle convivi em Paris, em Londres e Lisboa de 1880 a 1887, na nossa copiosa correspondência, P" vei sempre, sem reserva, com a intelligencia de Fradique ininterrompidamente assisti e me misturei á sua vida pensante

"unca porém peneirei na sua vida affecliva de sentimento o de "oração. Fradique envolvia a sua «carreira sentimental» (como elle diz algures de Musset) no mais opaco, inaccessivel recato : e eu, por mim, nunca tive curiosidade de a conhecer — talvez Por sentir que toda a inédita originalidade de Fradique se concentrava no sêr pensante, e que o outro, o sêr sensível, feito da 'janal argilla humana, repetia sem especial relevo as costumadas Agilidades da argilla. Na realidade, o coração d'um homem só 'Uteressa criticamente quando elle é, como em Musset ou em ^lielley, o directo inspirador do cerebro e da obra. De resto, desde esse passeio no Cairo que iniciou e moldou as nossas relações, nós conservámos através d'ellas o habito especial, um P°uco altivo, talvez estreito, de nos considerarmos dois puros espiritos. Se por essa época eu concebesse llllll livro, ou preparasse os mandamentos d'uma nova Religião, ou surripiasse á Natureza distrahida uma das suas secretas Leis — de preferencia revelaria a Fradique estes episodios de actividade espiritual; mas nunca, na ordem do sentimento, iria a elle com a coníiden- Ua d^ima esperança ou d'uma desillusão. E Fradique egual- 'Uente manteve commigo esta restricta altitude — porque nunca e'le se manifestou aos meus olhos senão na sua funcção intellectuai

•Muito bem me lembro eu d'uina dôce manhã de maio em 'lue alravessavamos vagarosamente, conversando por sob os Lastanheiros em flôr, o jardim das Tolherias. Fradique vinha desenvolvendo esta idéa—«que a extrema democratisação da ciência, o seu universal e illimitado derramamento através das Plebes, era o grande erro da nossa civilisação, que com elle Preparava para bem cedo a sua catastrophe moral.» De repen- e> ao transpormos a grade para a praça da Concordia, o Phi- "s°pho que assim lançava, através das tenras verduras de ">aio5 estas predicções de desastre e de fim — estaca, cmmude- Ce ' diante de nós, ao trote fino e alto d'uma egoa de luxo, Passava vivamente, n'uma pressa subtil, para os lados da rua '^oyale, um « d'esses coupés escuros onde bate o coração» co>no Fradique diz, com rebuscada preciosidade, n'uma carta a

Madame de Lobrinski. Vivamente também, Fradique balbucia um «adeus!», acena a um fiacre, e desapparece, ao galope arquejante da pileca, para os lados do caes d'Orsay. «Mulher»- pensei eu. Com effeito, era a mulher e o seu tormento. Com° nitidamente se deprehende d'uma carta a Madame de Jouarie (datada de «Maio, sabbado», e começando : « Ilontem phil°s0 «phava com um amigo, no jardim das Tulherias...») Fradiqu° corria ivesse fiacre a uma desillusão bem rude e mortificante- Ora n'essa tarde, ao crepusculo, fui (como combinára) buscai Fradique á rua de Varennes, ao velho palacio dos Tredenne». onde elle recentemente installára os seus aposentos com 1,111 luxo tão nobre e tão sobrio. Apenas entrei n'aquella sala t1llP denominávamos a «Heróica», porque a revestiam quatro a peçarias de Luca Cornélio contando a ***Historia de Hercules,*** o estranho homem rompeu para mim, com as mãos enterradas nos amplos bolsos d'uma quinzena de seda. E, como se desdi essa manhã ***nenhum outro*** cuidado o absorvesse senão o se" thema do jardim das Tulherias :

— Não lhe acabei de dizer ha pouco ... A Sciencia, 1,161 caro, tem de ser recolhida como outr'ora aos Santuarios, ou <u Academias, e entregue a um sacro collegio intellectual quC ' guarde, que a defenda contra as curiosidades das plebes . • • a fazer com esta idéa um Programma para as gerações novas-

Talvez na face, se eu tivesse reparado, encontrasse resto- de pallidez e de emoção : mas o tom era sereno, d'um crit"° genuinamente recolhido na deducção do seu conceito. Pense* commigo :—«Houve mulher, mas em doçura e paz.» Aquelle homem solfrera horas antes uma desillusão morf' l cante e rude. Outro murmuraria ao menos, n'um desafogo í-1 nerico e impessoal: —« Que estúpida é a vida!» Elle fallou Sciencia e das Plebes : — desenrolando determinadamente diante de mim, ou impondo talvez a si mesmo, os raciocínios do se cerebro, para que os meus olhos não penetrassem de leve, 01 os seus não se detivessem de mais, nas amarguras do seu 10 ração.

N'uma carta a Oliveira Martins, do 1883, Fradique diz :

" 0 homem, como os antigos reis do Oriente, não se deve mos-
4 tr ar aos seus semelhantes senão única e serenamente ***occupa-***
" no ojjicio de reinar — isto é, de pensar.» Haveria n'esta
ie S"a, assim proclamada, um orgulho apenas permissivel a um Spinosa ou a um Kant, se elle não accrescentasse «que por " isso viajava, desapparecia, para se não mostrar, como era, in- " completo e inhabil no ***ojjicio de reinar.D*** Essa regra porém dirigia frequentemente a sua conducta : e, pelo menos, para ni m, sempre assim se comportou, immutavelmente, através da nossa activa convivência, não se manifestando nunca aos meus olhos senão no ***ojjicio de pensar.***

N'essa carta Fradique affirma também — « que todo o ho- " me m digno da Humanidade por ter plenamente vivido pelo " Sentimento, pela Acção e pela Intelligencia, devia dar depois " ('e morto, — para um Romance, uma Monographia histórica * e um Artigo de Revista.» O «Romance» de Fradique não o Posso coordenar n'estas paginas, porque apenas d'elle conheço 0 lue as suas cartas imperfeita e fragmentariamente revelam.

sua «Monographia histórica» outra penna se occupa, mais Paciente e segura. Só me resta pois o «Artigo de Revista», (mde fi xe as impressões e reminiscências d'uma Intelligencia, f l u e mais que nenhuma outra exerceu sobre mim império e se-ducção.

IV

O que impressionava logo n'esta Intelligencia, ou antes na s"a maneira de se exercer, era a extrema liberdade junta á Cx lrema audacia. Não conheci jamais espirito tão impermea- Ve' a tyrannia ou á insinuação das «idéas feitas»: e decerto " u nca um homem traduziu o seu pensar original e proprio com '" a 's soberbo desassombro. « Apesar de trinta séculos de geo- metria me affirmarem (diz elle n'uma carta a J. Teixeira d Azevedo) que ***a linha recta é a mais curta distancia entre pontos,*** se eu achasse que para subir da porta do Hotel

« Universal á porta da Casa Havaneza me sahia mais directo «e breve rodear pelo bairro de S. Martinho e pelos altos da « Graça, declararia logo e friamente á secular geometria — (1ue «a distancia mais curta entre dois pontos é uma ***curva*** vadia e «delirante!» Esta intlependencia da Razão, que Fradique assim apregoa com desordenada Phantasia, constitue uma qualidade rara : — mas o animo de affirmar intemeratamente essa independencia diante da magestosa Tradição, da Regra, das conclusões oraculares dos Mestres, é já uma virtude, e raríssima, de radiosa excepção.

Fradique (n'outra carta a J. Teixeira d'Azevedo) falia d'um polaco, G. Cornuski, professor e critico, que escrevia na ***Revista Suissa,*** e que constantemente sentia o seu gosto, muito pessoal e muito decidido, rebellar-se contra obras de Litteratura e de Arte que a unanimidade critica, através dos séculos- tem consagrado como magistraes — a ***Gerusalemme*** *Liberal"* do Tasso, as telas do Ticiano, as tragedias de Racine, as orações de Bossuet, os ***Lusíadas,*** outros monumentos. Mas, sempre que a sua probidade de Professor e de Critico lhe imponha a proclamação da verdade, este homem que heroicamente sr batera em duas insurreições tremia, pensava: — «Não! Porque « será o meu critério mais seguro que o de tão finos entend'- « mentos através dos tempos? Quem sabe? Talvez n'essas obras «exista a sublimidade — e só no meu espirito a impotência d»' «a comprehender.» E o desgraçado Cornuski, com a alma inais triste que um crepusculo d'oulono, continuava, deante dos coros da ***Athalie***, e das nudezes do Ticiano, a murmurar desconsoladamente : — « Como é bcllo ! »

Nem todos soffrem as angustias intellectuaes do desditoso Cornuski. Mas, já porque o nosso espirito seja esteril para pro" duzir uma opinião ***sua ;*** já porque não possua a viril corage'ti de affrontar a auctoridade d'aquelles a quem tradicionalmente attribue um crilerio mais firme e um saber mais alto ; já P0'" que as idéas estabelecidas, fluctuando diffusamente na nossa memoria, depois de leituras e conversas, nos pareçam ser as nossas próprias ; já porque a suggestão d'esses conceitos se i'n"

P°nha e nos leve subtilmente a concluir em concordância com elles — a lamentavel verdade 6 que hoje todos nós submissamente tendemos a pensar e sentir como antes de nós e em torne de nós já se sentiu ou pensou.

« O homem do século xix, o Europeu, porque só elle é essencialmente do século xix (diz Fradique n'uma admiravel *carta a Carlos Mayer), vive dentro d'uma pallida e morna ***infecção de banalidade,*** causada pelos quarenta mil volumes *que lodos os annos, suando e gemendo, a Inglaterra, a Fran- "Ça e a Allemanha depositam ás esquinas, e em que intermi- "avelmente e monotonamente reproduzem, com um ou outro arrebique sobreposto, as quatro idéas e as quatro impressões *legadas pela Antiguidade e pela Renascença. O Estado por 'leio das suas escolas eanalisa esta infecção. A isto, oh Caro- ms, se chama ***educar!*** O baby começa logo, mal balbucia "Papá» e «Mamã», a inhalar a primeira camada d'estes mias- mas do logar-commum — camada que lodos os dias, através *da vida, a Escola, o Jornal, a Revista, o Livro lhe vão tornando *mais espessa, até que todo o espirito lhe fica empastado em banalidade, tão inútil para a producção como um sólo cuja "fertilidade nativa morreu por a terem barbaramente alastrado "de areia e de pedregulho. Para que um Europeu lograsse "ainda hoje ler algumas idéas novas, de viçosa originalidade, "ria necessário que se internasse no Deserto ou nos Pampas ; *e ahi quietamente esperasse que os sopros vivos da Natureza, 'mtendo-lhe o espirito e d'elle pouco a pouco varrendo os "detritos de vinte séculos de Litteratura, lhe refizessem uma *virgindade. Por isso eu te affirmo, oh Carolus Mayerensis, *que a Intelligencia que altivamente pretenda crear por si, re- "ganhar a divina potencia de gerar, deve ir curar-se da Civilização lilteraria por meio d'uma residencia lonica, durante dois "annos, entre os Iloltentoles e os Palagonios. A Patagonia, "filho, meu, opéra sobre o Intellecto como Vichy sobre o fi- 'gado — desobstruindo-o e permittindo-lhe o são exercicio da 'funcção natural. Depois de dois annos de vida selvagem, en- "tre o Hottentote nú movendo-se na plenitude lógica do Ins-

« tincto, que restará ao civilisado de todas as suas idéas herda-
« das sobre o Progresso, a Moral, a Religião, a Industria,
« Economia Politica, a Sociedade, a Arte e os Direitos do H°'
«mem? Farrapos. Os pendentes farrapos que lhe restarão das
«pantalonas e da quinzena que trouxe da Europa, depois de
«vinte mezes de mattagal e de brejo. E não possuindo em tor-
«no de si Livros e Revistas que lhe renovem uma provisão de
«idéas feitas», nem um benefico Nunes Algibebe que lhe foi
« neça uma outra andaina de «fato feito »•— o Europeu ira
« sensivelmente regressando á nobreza do estado primitivo,
« dez do corpo e originalidade da alma. Quando de lá voltar *
« um Adão forte e puro, virgem de litteratura, com o craneo
«limpo de todos os conceitos e todas as noções amontoadas
« desde Aristóteles, podendo proceder soberbamente a um exa
« me inédito das coisas humanas. Carlos, espirito que clistilla^
«espíritos, queres remergulhar nas Origens e vir commig⁰
«inspiradora Hottentocia? Lá, livres e nús, estirados ao sol en
« tre a palmeira e o regato que tutelarmente nos darão o su
«tento do corpo, com a nossa lança forte cravada na relva,
« mulheres ao lado vertendo-nos n'um canto dôce a porção d<
«poesia e de sonho que a alma precisa — deixaremos liM^e
« mente as ilhargas crestadas estalarem-nos de riso á idéa das
«grandes Philosophias, e das grandes Moraes, e das grandes
« Economias, e das grandes Criticas, e das grandes Pilhérias-
« que vão por essa Europa, onde densos formigueiros de ena
« péos altos se atropellam, estonteados pelas superstições da Ci
«vilisação, pela illusão do Ouro, pelo pedantismo das Sciencias,
«pelas mistificações dos reformadores, pela escravidão da rol'
« na, e pela estúpida admiração de si mesmos ! . . .»

Assim diz Fradique. Ora esse «exame inédito das coisa-humanas», só possível, segundo o poeta das LAPIDARIAS, Ao Adão renovado que regressasse da Patagonia depois de se tei embebido methodicamente, durante annos, de verdade naturai —- tentou-o elle, antes de percorrer a Patagonia, com incomps ravel vigor e sinceridade. E n'isto mostrava intrepidez moral, porque no mundo a que irresistivelmente o prendiam os seu-

gostos e os seus delicados hábitos, — mundo mediano, regrado, comedido, sem invenção e sem iniciativa intellectual, onde as Idéas, para agradar, devem ser como as Maneiras, « geralmente adopLadas» e não individualmente creadas, e onde, sobre todas as coisas da Sociedade e da Natureza, desde a queda do Império Romano até ás montanhas da Suissa, existem opiniões e expressões já cunhadas como as libras e como ellas redondas resvalando facilmente — Fradique corria, com a sua indócil e brusca liberdade de JUÍZOS, o perigo de passar por um petulante rebus-'ador de originalidade, ávido de gloriola e de excessivo destaque. N'esse mundo um espirito inventivo e novo, com uma forÇa de pensar muito própria, deixando transbordar a vida abundante e múltipla que o anima 6 enche — é mais desagradavel que o homem rudemente natural que não regre e limite, den-1"° das «Conveniências», a espessura da cabelleira, o estridor das risadas, e o franco mover dos membros grossos. D'esse espirito d'alto e fino relevo, indisciplinado e creador, logo se murmura com desconfiança : « Pretencioso ! busca o effeito e o destaque !» Ora Fradique nada detestava mais intensamente do flue o ***effeito*** e o ***destaque excessivo.*** Nunca lhe conheci senão gravatas escuras. E tudo preferiria, a ser apontado como um d[1]u esses homens, que, sem odio sincero a Diana e ao seu culto e StJ Para que d'elleS'Se falle com espanto nas praças, vão, em Plena festa, agitando um grande facho, incendiar-lhe o templo r'n Epheso. Tudo preferiria —- menos (como elle diz n'uma carta a Madame de Jouarre) «ter de vestir a Verdade nos armazéns {i do Louvre, para poder entrar com ella em casa do Anna de " ^'arle, duqueza de Varie e d'Orgemont. A entrar hei de levar "a minha amiga núa, toda núa, pisando os tapetes com os seus "Pés nús, enristando para os homens as pontas fecundas dos ' seus nobres seios nús. ***Arnicas Mandas, sed rnagis amica Ve-'"Uas!*** Este bello latim significa, minha madrinha, que eu, no "fundo, julgo que a originalidade é agradavcl ás mulheres, e "só desagradavel aos homens o que duplamente me leva a " amal-a com pertinacia.»

Esta independencia, esta livre elasticidade de espirito e in-

tensa sinceridade — impedindo que por seducção elle se desse todo a um Systema, onde para sempre permanecesse por incr* cia — eram as qualidades que melhor convinham á funcção m- telleclual que para Fradique se tornara a mais contínua e p[rC, ferida. « Não ha em mim (escrevia elle a Oliveira Martins, em «1882) nem um sábio, nem um philosopho. Quero dizer, [lUlo «sou um d'esses homens seguros e uleis, destinados por temp[e]" « ramento ás analyses secundarias que se chamam Sciencias, [e] « que consistem em reduzir uma multidão de factos esparsos « Typos e Leis particulares por onde se explicam modalidades « do Universo ; nem sou também um d'esses homens fascinantes « e pouco seguros, destinados por génio ás analyses superiore « que se chamam Philosophias, e que consistem em reduzir es « sas Leis e esses Typos a uma formula geral por onde se e- « plica a essencia mesma do inteiro Universo. Não séndo p[olb « um sábio, nem um philosopho, não posso concorrer para [0] « melhoramento dos meus semelhantes — nem accrescendo-lh[ei] de « o bem-estar por meio da Sciencia que é uma productora «riqueza, nem elevando-lhes o bem-sentir por meio da Meta « physica que é uma inspiradora de poesia. A entrada na H['s] [gg] « toria também se me conserva vedada : — porque, se, para «produzir Litteratura basta possuir lalentos, para tentar a Hi[g] « toria convém possuir virtudes. E eu ! ... Só portanto me resta «ser, através das idéas e dos factos, um homem que passa, [lll] «finitamente curioso e attento. A egoísta occupação do meu [tn] «pirito hoje, caro historiador, consiste em me acercar d um « idéa ou d'um facto, deslisar suavemente para dentro, perc<" « rel-o miudamente, explorar-lhe o inédito, gozar todas as [s'"] « prezas e emoções intellectuaes que elle possa dar, recol[ie] « com cuidado o ensino ou a parcella de verdade que ex «nos seus refolhos — e sahir, passar a outro facto ou a ou [r]< « idéa, com vagar e com paz, como se percorresse unia a "i « as cidades d'um paiz d'arte e luxo. Assim visitei outr'ora « ıLalia, enlevado no esplendor das côres e das formas, lemi" « ral e espiritualmente fiquei simplesmente um *toarist*e-»

Os *touristes* da intelligenc.ia abundam em França e em

\

glaterra. Somente Fradique não se limitava, como esses, a exames exteriores e impessoaes, á maneira de quem n'uma cidade d Oriente, retendo as noções, os gostos e os orgulhos de Europeu, estuda apenas o aéreo relevo dos monumentos e a roupagem das multidões. Fradique (para continuar a sua imagem) transformava-se em «cidadão das cidades que visitava». Maninha por principio que se devia momentaneamente *crer* para 'lem comprehender uma crença. Assim se fizera babista para Penetrar e desvendar o Babismo. Assim se afiliara em Paris a "ni club revolucionário chamado ***As Pantheras de Batignolles,*** ' Requentara as suas sessões, encolhido n'uma quinzena sórdida Pregada com alfinetes, com a esperança de lá colher «a flôr de a'guma extravagancia instructiva». Assim se encorporava em "ondres aos Positivistas rituaes, que vão, nos dias festivos do Calendário Comtista, queimar o incenso e a myrrha na ara da humanidade e depôr braçadas de rosas ante a Imagem de Augusto Comte. Assim se ligára com os ***Theosophistas***, concorrera Prodigamente para a fundação da ***Revista Espiritista***, e presidia as Evocações da rua Cardinet, envolto na túnica de linho, enlre "s dois ***mediums*** supremos, Patoff e Lady Thorgan. Assim 'lQl>itára, durante um longo verão, Seo-d'Urgel, a catholica ci- adella do Carlismo, « para perceber bem (diz elle) quaes são (<°s motivos e as formulas que fazem um ***Carlista*** — porque *lodo o sectário obedece á realidade d'um motivo e á illusão ≺H' u uma formula.» Assim se tornára o confidente do venerável rincipe Koblaskini, para «poder desmontar e estudar peça a Peça o mecanismo d'um cerebro de Nihilista». Assim se prepara (quando a morte o surprehendeu) a voltar á índia, para Se tornar budhista praticante, e penetrar cabalmente o Budhis- nio> em que fixára a curiosidade e actividade critica dos seus derradeiros annos. De sorte que d'elle bem se pôde dizer que foi 0 devoto de todas as Beligiões, o faccioso de todos os Partidos discipulo de todas as Philosophias — cometa errando atj,avés das idéas, embebendo-se convictamente n'ellas, de cada lrna recebendo um accrescimo de substancia, mas em cada uma Qei*ando alguma coisa do calor e da energia do seu movimento

pensante. Aquelles que imperfeitamente o conheciam, classificavam Fradique como um ***dilettante.*** Não! a séria convicção (que os inglezes chamam ***earnestness)*** com que Fradique se airemessava ao fundo real das coisas, communicava á sua vida uma valia e efficacia muito superiores ás que o ***dilettantis***»i°> essa diversão sceptica que tantas injurias arrancou a Carlyle> communica ás naturezas que a elle deliciosamente se abandonam. O ***dilettante***, com effeito, corre entre as idéas e os factos como as borboletas (a quem é desde séculos comparado) correm ,entre as flores, para pousar, retomar logo o vôo estouvado, e contrando 11'essa fugidia mutabilidade o deleite supremo. Fradique, porém, ia como a abelha, de cada planta pacientemente extrahindo o seu mel: — quero dizer de cada opinião recolhe'1 do essa «parcella de verdade» que cada uma invariavelmente contém, desde que homens, depois de outros homens, a tenham fomentado com interesse ou paixão.

Assim se exercia esta inquieta e suprema intellectuahdade. Qual era porém a sua qualidade essencial e intrínseca? Tanto quanto pude discernir, a qualidade dominante de 1ra l que pareceu-ine sempre ser — uma percepção extraordinaria Realidade. «Todo o phenomeno (diz elle n'uma carta a Anther «de Quental, extremamente suggestiva através de certa ne\°' « que a envolve) tem uma Realidade. A expressão de R^ah « ***dade*** não é philosophica, mas eu emprego-a, lanço-a ao aca-,el «so, tenteando, para apanhar dentro d'ella o mais possiv « d'um conceito pouco coercivel e quasi irreductivel ao vei « Todo o phenomeno, pois, tem, relativamente ao nosso entendi-«mento e á sua potencia de discriminar, uma Realidade « quero dizer certos caracteres, ou (para me exprimir por uma «imagem, como recommenda Buffon) certos *contornos* I110 o «limitam, o definem, lhe dão feição própria no esparso e un' «versai conjunto, e constituem o seu ***real*** e ***único*** modo « ser. Somente o erro, a ignorancia, os preconceitos, a tradiÇa « a rotina e sobretudo a **ILLUSÃO,** formam em torno de pn da « phenomeno uma névoa que esbate e deforma os seus contorci nos, e impede que a visão intellectual o divise no seu cx*cacto*•

^ ***real*** e ***único*** modo de ser. E justamente o que succede aos « monumentos de Londres mergulhados no nevoeiro . . . Tudo <(isto vai expresso d'llllll modo bem quebrado e incompleto ! Lá 1 fora o sol está cahindo d'um céo muito fino e nitido sobre o (1 meu jardim coberto de neve dura : n'este ar tão puro e claro, ' em que as coisas tomam um relevo rigido, perdi toda a flexi- <(bilidade e fluidez da technologia philosophica : só me poderia <(exprimir por imagens recortadas á tesoura. Mas vossè de- <(certo comprehenderá, subtil Anthero ! Já esteve em Londres, <(em novembro? Nas manhãs de nevoeiro, n'uma rua de Lon- ((dres, há difficuldáde em distinguir se a sombra densa que ao <(longe se empasta é a estatua d'um heroe ou o fragmento <(d um tapume. Uma pardacenta illusão submerge toda a ci- " dade — e com espanto se encontra n'uma taverna quem jul- <(gára penetrar n'um templo. Ora para a maioria dos espíritos <(unia névoa igual fluctua sobre as realidades da vida e do mundo. D'ahi vem que quasi todos os seus passos são trans- vios, quasi todos os seus juízos são enganos; e estes constan- <(temente estão trocando o Templo e a Taverna. Raras são as bisões intellectuaes bastante agudas e poderosas para romper <(através da neblina e surprehender as linhas exactas, o verda- " deiro contorno da Realidade. Eis o que eu queria tartamu- *dear.»

Pois bem ! Fradique dispunha de uma d'essas visões privi- '°giadas. O proprio modo que tinha de pousar lentamente os "lhos e ***detalhar em silencio*** — como dizia Oliveira Martins — 'evelava logo o seu costumado processo interior de concentrar ' applicar a Razão, á maneira de um longo e pertinaz dardo de luz, até que, desfeitas as névoas, a Realidade pouco a pouco surgisse na sua rigorosa e ***única*** fórma.

A manifestação d'esta magnifica força que mais impres- 10 n ava — era o seu poder de ***definir.*** Possuindo um espirito 'l llG ***via*** com a maxima exactidão ; possuindo um verbo que ***tra-*** 'hizia com a maxima concisão — elle podia assim dar resumos ''bsolutamente profundos e perfeitos. Lembro que uma noite, s ua casa da rua de Varennes, em Paris, se discutia com ar-

dor a natureza da Arte. Repetiram-se todas as definições de Arte, enunciadas desde Platão : inventaram-se outras, que erani, como sempre, o phenomeno visto limitadamente através d'um temperamento. Fradique conservou-se algum tempo mudo, dardejando os olhos para o vago. Por fim, com essa maneira lenta (que para os que incompletamente o conheciam parecia professoral) murmurou, no silencio deferente que se alargara : -—

«Arte é um resumo da Natureza feito pela imaginação.»

Certamente, não conheço mais completa definição d'Arte • E com razão affirmava um amigo nosso, homem de excellenU phantasia, que « se o bom Deus, um dia, compadecido das n°s- « sas hesitações, nos atirasse lá de cima, do seu divino ernio, a «final explicação da Arte, nós ouviríamos resoar entre as nu- « vens, soberba como o rolar de cem carros de guerra, a defini « ção de Fradique!»

A superior intelligencia de Fradique tinha o apoio de uma funda e forte cultura. Já os seus instrumentos de sabei eram consideráveis. Além d'um solido conhecimento das hn guas classicas (que, na sua edade de Poesia e de **Litteratura** decorativa, o habilitára a crear em latim barbaro poemetos ta° bellos como o ***Laus Veneris tenebrosa;)*** — possuia profundamente os idiomas das tres grandes nações pensantes, a França? a Inglaterra e a Allemanha. Conhecia também o arabe, q¹"' (segundo me affirmou Riaz-Effendi, chronista do sultão Abdul Aziz) fallava com abundancia e gosto.

As sciencias naturaes eram-lhe queridas e familiares, [1] uma insaciavel e religiosa curiosidade do Universo impelli[ra]"° a estudar tudo o que divinamente o compõe, desde os i[ns](cios até aos astros. Estudos carinhosamente feitos com o ração — porque Fradique sentia pela Natureza, sobretudo p[e]'° animal e pela planta, uma ternura e uma veneração genu[l] namente budhistas. «Amo a Natureza (eserevia-me elle em « 1882) por si mesma, toda e individualmente, na graça e na «fealdade de cada uma das formas innumeraveis que a en

" chem : e amo-a ainda como manifestação tangível e múltipla <(da suprema Unidade e da Realidade intangível a que cada " Religião e cada Philosophia deram um nome diverso, e a que «eu presto culto sob o nome de VIDA. Em resumo adoro a Vida " — de que são egualmente expressões uma rosa e uma cliaga, * urna constellação e (com horror o confesso) o conselheiro Aca- <(cio. Adoro a Vida e portanto tudo adoro — porque tudo é <| viver, mesmo morrer. Um cadaver rígido no seu esquife (< v've tanto como uma aguia batendo furiosamente o vôo. E a " minha religião está toda no credo de Athanasio, com uma pe- <(quena variante:—«Creio na *Vida* toda-poderosa, creadora <(do céo e da terra ...»

Quando começou porém a nossa intimidade, em 1880, o inquieto espirito mergulhava de preferencia nas sciencias sooaes, aquellas sobretudo que pertencem á Pre-historia — a Antropologia, a Linguistica, o estudo das Raças, dos Mythos e das Instituições Primitivas. Quasi todos os três mezes, altas rumas de livros enviados da casa Ilachette, densas camadas de 'avistas especiaes, alastrando o tapete de Caramania, indica- vam-me que uma nova curiosidade se apoderára d'ellc com 'nlensidade e paixão. Conheci-o assim successiva e ardentemente occupado com os monumentos megalithicos da Andalu- /aa ; com as habitações lacustres ; com a mythologia dos povos ^''yanos ; com a magia chaldaica ; com o direito céltico, com llS leis dos Cafres ; com as raças polynesias ; com a christiani- SaÇão dos Deuses Pagãos . . . Estas aferradas investigações du- 'avam emquanto podia extrahir d'ellas «alguma emoção ou sur- <(Preza intellectual». Depois, um dia, Revistas e volumes desapareciam, e Fradique annunciava alargando os passos alegres I'°r sobre o tapete livre: — «Lá rompi com a astrologia chaldaica !», ou « Esgotei os Polynesios !»

O estudo porém a que se prendeu ininterrompidainente e '0® reverente constancia foi o da Historia. «Desde pequeno (es- * crevia elle a Oliveira Martins, n'uma das suas ultimas cartas "em 1880) tive a paixão da Historia. E adivinha vossè por- * Inê, Historiador? Pelo confortável P conchegado sentimento

que ella me dava da solidariedade humana. Quando f'z onze annos, minha avó, de repente, ***para me habituar às coisas duras da vida***, como ella dizia, arrancou-me ao pachorrento ensino do padre Nunes, e mandou-me a uma escola chamada ***Terceirense.*** O jardineiro levava-me pela mao' e todos os dias a avó me dava com solemnidade um pataco para eu comprar na tia Martha, confeiteira da esquina, bolos para a minha merenda. Este criado, este pataco, estes bolos, eram costumes novos que feriam o meu monstruoso orgulho de morgadinho — por me descerem ao nivel humilde dos filhos do nosso procurador. Um dia, porém, folheando uma ***Encyclopedia de Antiguidades Romanas*** que tinha estampas, li, com surpreza, que os rapazes em Roma (na grande Roma!) iam também de manhã para a escola, como eu, pd® mão d'um servo denominado o ***Capsarius;*** e compravam taro bem, como eu, um bolo na tia Marília do Velabro ou do Q[lU]rinal, para comerem á merenda — que elles chamavam o I[en]~***taculum.*** Pois, meu caro, no mesmo instante a veneravcl antiguidade d'esses hábitos firou-lhes a vulgaridade toda q[ue] n'elles me humilhava tanto ! Depois de os ter detestado p[or] serem communs aos filhos do Silva procurador — respeitei-os por terem sido habituaes nos filhos de Scipião. A coropra do bolo tornou-se como um rito que desde a Antiguidade todos os rapazes de escola cumpriam, e que me era dado P[01] meu turno celebrar n'uma honrosa solidariedade com a g[ran] de gente togada. Tudo isto, evidentemente, não o sentia eu com esta clara consciência critica. Sentia apenas uma confusa vangloria. E nunca entrei d'ahi por diante na tia M[al]tha, sem erguer a cabeça, pensar com importancia: — «Ass>[n]faziam também os romanos!» Era por esse tempo pouco mJ'[h] alto que uma espada góda, e amava uma mulher obesa T" morava ao fim da rua...»

N'essa mesma carta, adiante, Fradique accrescenta·' Levou-me pois effectivamente á Historia o meu amor da ' [lll] dade—amor que envolve o horror ás interrupções, ás '[a]cunas, aos espaços escuros onde se não sabe o que ha. ^[ia]

jei por toda a parte viajavel, li todos os livros de explora-
«çoes e de travessias — porque me repugnava não conhecer
globo em que habito até aos seus extremos limites, e não
sentir a contínua solidariedade do pedaço de terra que tenho
sob os pés com toda a outra terra que se arqueia para além.
Por isso, incansavelmente exploro a Historia, para perceber até
aos seus derradeiros limites a Humanidade a que pertenço, e
" sentir a compacta solidariedade do meu ser com a de todos os
que me precederam na vida. Talvez vossê murmure com des-
« dem — « mera bisbilhotice !» Amigo meu, não despreze a bis-
bilhotice ! Ella é um impulso humano, de latitude infinita,
" clue, como todos, vae do reles ao sublime. Por um lado leva a
" escutar ás portas — e pelo outro a descobrir a America !»

O saber historico de Fradique surprehendia realmente pela
an»plexidade e pelo detalhe. Um amigo nosso exclamava um
d'a, com essa ironia affavel que nos homens de raça celti-
Ca sublinha e corrige a admiração: «Aquelle Fradique! Tira
a charuteira, e dá uma synthese profunda, solida, d'uma trans-
Parencia de crystal, sobre o Socialismo da Lei Sempronia ou
«sobre a guerra do Peloponeso ; — depois accende o charuto, e
" rec onstrue o scenario historico da morte de Tibério Graccho
' aos pés da estatua de Numa, em frente ao Templo de Fides,
°u explica o feitio e o metal da fivela do cinturão de Leoni-
das ! D Com effeito, a sua forte capacidade de comprehender
ldiilosophicamente os movimentos collectivos, o seu fino poder
de evocar psychologicamente os caracteres individuaes — allia-
va-se n'elle a um minucioso saber archeologico da vida exte-
110ri das maneiras, dos trajes, das armas, das festas, dos ritos
de todas as edades, desde a índia Védica até á França Impe-
di. As suas cartas a Oliveira Martins (sobre o Sebastianismo,
0 "osso Império no Oriente, o Marquez de Pombal)[1] são verda-

[1] Estas cartas constituem verdadeiros Ensaios Historicos, que, pelas suas
ro Porções, nào poderiam entrar n'esta collecção. Reunidas as notas e fragmentos
Pers sos, devem formar um volume a que o seu compilador dará, penso eu, o ti-
do de Versos e *Prosas de Fradique Mendes.*

deiras maravilhas pela sagaz intuição, a alta potencia synthetica, a certeza do saber, a força e a abundancia das idéas novas. E, por outro lado, a sua erudição archeologica repetidamente esclareceu e auxiliou, na sabia e pittoresca composição das suas telas, o paciente reconstructor dos Costumes e das Maneiras da Antiguidade Classica, o velho Suma-Rabêma. Assim m'o confessou uma tarde Suma-Rabêma, sob os castanheiros de Hampton Court.

Fradique era de resto ajudado por uma prodigiosa memoria que tudo recolhia e tudo retinha — vasto e claro armazém de factos, de noções, de formas, todos bem arrumados, bem classificados, limpos, promptos sempre a servir. O nosso amig Chambray affirmava que, comparavel á memoria de Fradique- como «installação, ordem e excellencia do ***stock»,*** só conhecia a adega do café Inglez.

A cultura de Fradique recebia um constante accrescimo alimento das viagens que sem cessar emprehendia, sob o impulso de Admirações ou de curiosidades intellectuaes. Só a Archeologia o levou quatro vezes ao Oriente: —ainda que a sua derradeira residencia em Jerusalem durante dezoito mezes foi motivada (segundo me affirmou o cônsul Raccolini) por poéticos amores com uma das mais esplendidas mulheres da Syria, uma filha de Abraham Côppo, o luxuoso banqueiro de Alepp> tao lamentavelmente morta depois, sobre as tristes costas de Chypre, no naufragio do ***Magnolia.*** A sua aventurosa e aspera Peregrinação pela China, desde o Tliibet (onde quasi deixou de

Lahsá) até á alta Manchúria, constitue o mais completo estudo até hoje realisado por um homem da Europa sobre os Costumes, o Governo, a Etílica, a Litteratura, e o organismo sócia d'esse povo «profundo entre todos que (cbrno diz Fradiq" « conseguiu descobrir os tres ou quatro únicos principios de m « ral capazes, pela sua absoluta força, de eternisar uma civil' «sação.»

O exame da Rússia e dos seus movimentos sociaes e religiosos trouxeram-no prolongados niezes pelas províncias ruraes dentre o Dnieper e o Volga ; a necessidade d'uma certeza sobre os Presídios Penaes da Sibéria impelliu-o a affrontar centenas de milhas de steppes e de neves, n'uma rude telega, até as eovas de Ivara, e ás minas de prata de Nerchinski : e proseguiria n'este activo interesse, se não recebesse subitamente, ao chegar á costa, a Archangel, este aviso do general Armankoff, fihefe da iv secção da policia imperial : — ***Monsieur, vous nous °bseivez de trop prés, pour que votre jugement rien soit faus-s(t >' je vous invite donc, sur votre intérêt, et pour avoir de la Hiissie une vue d?ensemble plus exacte, d^aller la regarder de Phs loin, dans votre belle maison de Paris!*** Fradique abalou Para Vasa, sobre o golfo de Bothnia. Passou logo á Suécia, 0 mandou de lá, sem data, este bilhete ao general Armankoff: ***~~ Monsieur, j'ai reçu votre invitution ou il y a beaucoup d'in-°lerance et trois jautes de français.***

Os mesmos cuidados de espirito e «necessidades de cer- * teza» o levaram na America do Sul até á Patagonia, na Afri- la Austral até ás margens negras do Zambeze . . . « Tenho folheado e lido attentamente o inundo como um livro cheio de "'deas. Para vêr ***por fora***, por mera festa dos olhos, nunca fui <<senãoa Marrocos.»

O que tornava estas viagens tão fecundas como ensino era a sua rapida e carinhosa sympathia por todos os povos. Nunca ^sitou paizes á maneira do detestável ***touriste*** francez, para "otar de alto e peccamente « os defeitos» — isto é, as divergen- ' ias d'esse typo de civilisação mediano e ponderado d'onde sahia 0 que preferia. Fradique amava Ipgo os costumes, as idéas, os Preconceitos dos homens que o cercavam : e, fundindo-se com c"es no seu modo de pensar e de sentir, recebia uma lição directa e viva de cada sociedade em que mergulhava. Este Eficaz preceito — ***«em Roma sê romano»*** — tão fácil e doce f,'e eumprir em Roma, entre as vinhas da collina Celia e as a8uas susurrantes da Fonte Paulina, cumpria-o elle gostosamente trilhando com as alpercatas rotas os desfiladeiros do

Himalaya. E estava tão homogeneamente n'uma cervejaria p'[11]' losophica da culta Allemanha, aprofundando o Absoluto, entre professores de Tubingen — como n'uma aringa africana da terra dos Matabeles, comparando os méritos da carabina « Ex* «press» e da carabina Winchester, entre caçadores de elephantes.

Desde 1880 os seus movimentos pouco a pouco se concentraram entre Paris e Londres — com excepção das «[v1]" « sitas filiaes » a Portugal : porque apesar da sua dispersão pel° mundo, da sua facilidade em se nacionalisar nas terras alheias, e da sua impersonalidade critica, Fradique foi sempre um genuíno Portuguez com curtos e irradicavois traços de fidalgo ilhéo.

O mais puro e intimo do seu interesse deu-o sempre ao> homens e ás coisas de Portugal. A compra da quinta do ***Saragoça,*** em Cintra, realisára-a (como elle diz n'uma carta a 1 • G., com desacostumada emoção) « para se prender mais, e p[e]° «forte vinculo da propriedade, ao sólo augusto d'onde uni dia « tinham partido, levados por um ingénuo tumulto de idéas g[ran] « des, os buscadores de mundos, de quem elle herdara o san « gue e a curiosidade do ***alem ! »***

Sempre que vinha a Portugal, ia « retemperar a fibra» P[CI] correndo uma província, lentamente, a cavallo—com demor* • em villas decrepitas que o encantavam, infindáveis [cavaquei'3]- á lareira dos campos, fraternisações ruidosas nos adros e [11aS] tavernas, idas festivas a romarias no carro de bois, no vetusto e venerável carro sabino, toldado de chita, enfeitado de louro- A sua região preferida era o Ribatejo, a terra chã da lezir'[3] e do boi. «Ahi (diz elle), de jaleca e cinta, montado n u «potro fresco, com a vara de campino erguida, correndo enl'[1] «as manadas de gado, nos finos e lavados ares da manha- «sinto, mais que em nenhuma outra parte, a delicia de ^[1] «ver.»

Lisboa só lhe agradava — como paizagem. « Com tres f°[r]

(<t es retoques (escrevia-me elle em 1881, do Hotel Braganza), ' °oni arvoredo e pinheiros mansos plantados nas collinas calvas 4 da Outra-Banda ; com azulejos lustrosos e alegres revestindo "as fachadas sujas do casario; com uma varredella definitiva 4 por essas bemditas ruas — Lisboa seria uma d'essas bellezas da (< Natureza creadas pelo Homem, que se tornam um motivo de * s onho, de arte e de peregrinação. Mas uma existencia en- 4 "aizada em Lisboa não me parece tolerável. Falta aqui "uma atmosphera intellectual onde a alma respire. Depois tu- 4 do aqui toma um tom — entre ***alitteratado*** e ***afadistado :*** "ha ***litteratice*** na simples maneira com que um caixeiro ven- 4 de um metro de fita, e, nas próprias graças com que uma " grande senhora recebe, transparece ***jadistice.*** Além d'isso, " duas feições, ambas repugnantes, dominam — o ***catitismo*** e o 4 c°***nselheirismo:*** mesmo em farrapos se é ***catita***, mesmo em 4 amanuense se é ***conselheiral.*** Finalmente a nausea suprema 4 v em da politiquice e dos politiquetes.»

Fradique nutria pelos políticos todos os horrores, os mais n JUstificados : horror intellectual, julgando-os incultos e bron- l °s i inaptos absolutamente para crear ou comprehender idéas ; "orror mundano, presuppondo-os rudes e reles, de maneiras "•'assas, improprios para se misturar a naturezas de gosto ; lior- l0r physieo, imaginando que nunca se lavavam, raras vezes '""davam de roupa branca, e que d'elles provinha esse cheiro morno e molle, que tanto surprehende e enoja em S. Bento aos '|Ue d'elle não têm o habito profissional.

Havia n'estas ferozes opiniões, certamente, laivos de serena verdade. Mas em geral, os juizos de Fradique sobre a Poética offereciam o cunho d'um preconceito que dogmatisa — e n'lo d'uma observação que discrimina. Assim lh'o observava eu uma manhã, no Braganza, mostrando que todas essas defi- Cencias de espirito, de cultura, de maneiras, de gosto, de finu- a > tão acerbamente notadas por elle nos Politicos — se expli- 'a m sufficientemente pela precipitada democratisação da nossa s°ciedade ; pela estreita vulgaridade da vida provincial; pelas 'nfluencias abominaveis da Universidade ; e ainda por intimas

razões que são no fundo honrosas para esses desgraçados 1 líticos, votados por um fado vingador á destruição da nossa terra.

Fradique replicou simplesmente :

— E boa ! se um rato morto me disser, «cheiro mal p° «isto e por aquillo e sobretudo porque apodreci», eu nem P01 isso deixo de o mandar varrer do meu quarto ! . . .

Havia aqui uma antipathia de instincto, toda physiologu"1- cuja intransigência e obstinação nem factos nem raciocínios pú diam vencer. Bem mais justificado era o horror que lhe inspl rava, na vida social de Lisboa, a inhabil, descomedida e pa palva imitação de Paris. Essa «saloia macaqueação», superioi mente denunciada por elle n'uma carta que me escreveu em 1885, e onde constata, n'um luminoso resumo, que «***Lisboa*** e i se ***«uma cidade traduzida do francez em calão»*** – tornava- para Fradique, apenas transpunha Santa Apolonia, um tormen lo sincero. E a sua anciedade perpetua era então descobri', através da frandulagem do Francezismo, algum resto do gem" no Portugal.

Logo a comida constituía para elle um real desgosto, cada instante em cartas, em conversas, se lastima de não P° der conseguir «um cozido vernáculo 1»—«Onde estão (exc a « ma elle, algures) os pratos veneráveis do Portugal portugue > « o pato com macarrão do século XVIII, a almôndega indigesta, e « divina do tempo das descobertas, ou essa maravilhosa cabe « delia de frango, petisco dilecto de D. João IV, de que os f' « dalgos inglezes que vieram ao reino buscar a noiva dc Cai «los II levaram para Londres a surprehendente noticia:' I ud° «estragado ! O mesmo provincianismo reles põe em calão as « comedias de Labiche e os acepipes de Gouffé. E estamo-nos «nutrindo miseravelmente dos sobejos democráticos do bou^e ***«vard,*** requentados, e servidos em chalaça e galantine ! Desas «tre estranho ! As coisas mais deliciosas de Portugal, o lomh° « de porco, a vitella de Lafões, os legumes, os dôces, os vinho- « degeneraram, ***insipidaram . . .*** Desde quando ? Pelo que « zem os velhos, degeneraram desde o Constitucionalismo e

" Parlamentarismo. Depois d'esses enxertos funestos no velho " tronco lusitano, os fructos têm perdido o sabor, como os ho- [1] mens têm perdido o caracter ...»

Só uma occasião, n'esta especialidade considerável, o vi plenamente safisfeito. Foi n'uma taverna da Mouraria (onde eu [0] levára), diante d'um prato complicado e profundo de baca- "'au, pimentos e grão de bico. Para o gozar com coherencia, Radique despiu a sobrecasaca. E como um de nós lançara cabalmente o nome de Renan, ao atacarmos o pitéu sem igual, ' 'radique protestou com paixão :

— Nada de idéas ! Deixem-me saborear esta bacalhoada, [0111] perfeita innocencia de espirito, como no tempo do Senhor • João V, antes da Democracia e da Critica !

A saudade do velho Portugal era n'elle constante : e considerava que, por ter perdido esse typo de civilisação intensamente original, o mundo ficára diminuído. Este amor do passado revivia n'elle, bem curiosamente, quando via realisados em Lisboa, com uma inspiração original, o luxo e o «modernismo» "telligente das civilisações mais saturadas de cultura e perfeitas em gosto. A derradeira vez que o encontrei em Lisboa, foi [no] Rato — n'uma festa de raro e delicado brilho. Fradique pa- [rec]ia desolado :

- Em Paris, disse elle, a duqueza de La Rochefoucauld- [Bis]accia pôde dar uma fesla egual. E para isto não me valia a Pena ter feito a quarentena em Marvão! Supponha porém vossê ([Ue eu vinha achar aqui um sarau do tempo da Senhora D. Ma- "a I, em casa dos Marialvas, com fidalgas sentadas em esteiras, ''rades tocando o lundum no bandolim, desembargadores pedin- mote, e os lacaios no pateo, entre os mendigos, rezando [Prn] côro a ladainha ! . . . Ahi estava uma coisa única, delicio- pela qual se podia fazer a viagem de Paris a Lisboa em liteira !

Um dia que jantavamos em casa de Carlos Mayer, e que ''radique lamentava, com melancólica gravidade, o velho Portal fidalgo e fradesco, do tempo do snr. D. João V — Ramalho Ortigão não se conteve :

— Vossè é um monstro, Fradique ! o que vossê queria era habitar o confortável Paris do meado do século xix, e ter aqu>i a dois dias de viagem, o Portugal do século xvm, onde podesse vir, como a um museu, regalar-se de pittoresco e de archais-mo . . . Vossê, lá na rua de Varennes, regalado de decencia e de ordem. E nós aqui, em viellas fedorentas, inundados á noite pelos despejos d'aguas sujas, aturdidos pelas arruaças do m[aI]' quez de Cascacs ou do conde d'Aveiras, levados aos empurrões para a enxovia pelos malsins da Intendencia, etc. etc . • • Confesse que é o que vossê queria !

Todos em redor rugimos, apertando os cabos das f[a] cas :

— Confesse !

Elle, serenamente :

— Moysés, o Budha, Jesus, Proudhon, todos os justos tem dito : ***a cada um segundo os seus méritos*** . . . E realmente [a] vida não é vivivel sem um bocado de pittoresco depois do al moço.

Com effeito, n'esta saudade de Fradique pelo nosso Portu gal antigo, havia sobretudo o excessivo amor do «pittoresco") estranho n'um homem tão subjectivo e intellectual: mas sobie tudo havia o odio a esta universal modernisação que reduz vi lentamente todos os costumes, crenças, idéas, gostos, modos, [0] mais nativos e mais originalmente proprios, a um typo unif°' me (representado pelo ***sujeito utilitário e serio***) — com a m° notonia com que o chinez apara todas as arvores d'um jardim* de até lhes dar a fórma única e dogmatica de pyramide ou vaso funerário.

Por isso Fradique em Portugal amava sobretudo o povo o povo que não mudou, como não muda a Natureza que o en volve e lhe communica os seus caracteres graves e doces. Am va-o pelas suas qualidades, e também pelos seus defeitos • " pela sua morosa paciência de boi manso ; pela alegria id>' lica que lhe poetisa o trabalho ; pela calma acquiescencia vassallagem com que depois do ***Senhor Rei*** venera o ***Senh°r Governo;*** pela sua doçura amaviosa e naturalista; pelo seu

tholicismo pagão e carinho fiel aos Deuses latinos, tornados santos calendares ; pelos seus trajes, pelos seus cantos ; e ainda Pela sua linguagem escassa, trôpega, romba, mas viçosa, e «a "nica em Portugal (diz Fradique) onde se não sente odiosa- (< Hente a influencia do Lamartinismo e das ***Sebentas*** de Direi- *Publico.»>

Eça de Queiroz.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

l nclyta geração, altos infante[5]-
CAMÕES, *LUS.* IV. 50.

AS VIAGENS L)U INFANTE D. PEDRO

Entre os valles divergentes sulcados pelo Cedron, J[tír]" salem levanta-se na lombada de quatro collinas reunida[5]' formando um planalto continuo. Por qualquer lado se sobe para entrar na cidade santa, sobre cujo lastro de casaria, encerrada nas muralhas, as cupulas do Templo e do Sant° Sepulchro se erguem sobranceiras. O monte Acra fica no cen tro, o Gion a poente, o Moria a nascente, fronteiro ao O'[1] vete, ladeando o Cedron. e ao sul o Sion que é de todos o tf[ials] alto Na beira d'elle o rei David mandou construir um P[a,a]

' Continuado da pag. 511, numero do 1." de outubro.

• assi"[1]

l[T]m illustre peregrino de hoje, o snr. bispo de Bethsaida, descrevt » a cidade santa que visitou :« Jerusalem pôde considerar-se situada em poSiÇ"[1] ' ^ melhante á da cidade alfa de Coimbra. A natureza do sub-sólo 6 egualmen es[o1)C] carea. Tomando o alvéo do Mondego pela torrente do Cedron e a encosta q"[e] de desde o caes até ao cimo das Couraças, pelo pendor do valle de Josapbat, 1[)U] o muito bem o monte em que se levanta o convento de Santa Clara assemelha-se no egreja velha dc Santa Clara a gruta da Agonia ... O valle de Josaphat nao fundo tão largo como o do Mondego : a largura média não ultrapassa cem "[11] o vá" e o comprimento tres kilometros, cortando a cidade por dois lados, como de Coselhas unido com o do Mondego.

« Jerusalem fórma um quadrilátero, cujo maior lado mede 1:200 met' [s] menor 800. Approxima-se d'um quadrado : e é toda circuitada de altiva '

'[10]i cujos alicerces ainda se viam, 110 proprio sitio em que observara Bersabé banbando-se no ribeiro que corre em baixo, •'unto ao palacio do rei está o seu tumulo, e ao lado os de Salmão e Josaphat\

Jerusalém era agora um lerço menor do que 110 tempo dos romanos, quando Jesus padeceu. O monte de Sion ficava 'óra das muralhas, mas o do Calvario fôra incluído n'ellas. Ti-"'[1a] a cidade sete portas, das quais a ultima, ao sul, a Ester-1[U1]linaria, por onde as immundicies sabiam para a Gehenna, fôra [a]1tfella por onde entrára Jesus Christo depois de preso no monte [J]as Oliveiras. Habitavam Jerusalem quatorze a quinze mil almas, [l,J]rcos, mouros, arabes e christãos latinos, gregos, georgianos, ar-'"enios, coptas, syrios e nestorianos, abexins, chaldeus, gossitas e [1,ns] centos apenas de judeus'-. De samarra branca e sapatos ver-

População não chega a 21:000 almas. Com propriedade equivalente ã que se '""Prega,'ia dizendo-se : que a cidade de Coimbra assenta sobre cinco montes : dan- aste nome aos diversos cabeços em que se fundamentam a Universidade e os [t0n]ventos de Santa' Thereza, de S. Jeronymo e das Ursulinas e o cemiterio da El-[!i,lt1a] ; supprímindo, ou, melhor, enchendo e nivelando os valias das cercas dos [c]1tos e dos Cruzios ; — assim se diz quo a cidade santa está alteada sobre cinco "[10]ntes : Sião, Moria, Bezeta, Acra e Gareb. — Ora, se algum d'estes avulta sen-[IVe]lmente, também algum é quasi imperceptível . . .

* E no declive do Gareb que está situado o Calvario ; como na suave descida [|uo•'] Para o Jardim Botânico, vem do convento de Santa Thereza, está o dc Anna... Agora accrescente-se : que toda a denominada montanha ladeirenta [0] tlalvario e o sepulchro onde foi depositado o Redemptor, cabem folgadamente [f]"tro d'um edifício menos vasto do que a Sé Nova ; e lembre-se que a via dolo-' • *crucis,* desde a casa de Pilatos, no centro da cidade deicida, ate ao pro-[PPÍ0] '°gar da elevação da cruz, pouco mais percorre de meio kilometro. » *Ensaios " Púlpito* (1880), pag. 185 a 8.

Eug. Roger, *I.a lerre saincle,* etc., 05 a 1.

lbid. 8(1 a 00. « Os Judeus ordinariamente não chegào a seiscètos, pos-[l,Ue] «Igumas vezes sejam mais, & outras menos; porq como na terra não tê fa- Ue raiz, nê nella não ha modo de viuer cõ mercadorias, nem outros tratos '" lue possam sustentar a vida : come o que leuarão ajuntarão em outras par-tts „ , -Os Judeus viuê humildemêtc mal (ratados & pior vistos de todos. Os Chris-t Peio cõtrario, permittindo assi o Senhor Deos por sua misericórdia porque de ([0s s]ão bê tratados cO muito respeito : os que morão na terra, como hospedes, "[10 S]io Gregos *Sc* Arménios todos tê o que hão mester, os que morão como na-

melhos como o cinto, gorro encarnado-escuro, longas barbas pe[11]' dentes da face adunca, o judeu cruzava-se com o negro nubio ou ethiope semi-nú, com o arménio de turbante azul e branco, [se]" melhante ao dos gregos. Passavam nas ruas as freiras armenia[s]> cujo rito não tem clausura, com as suas vestes compridas, calções de panno da Turquia, e um véo negro na cabeça, mendigando esmolas, arranjando o leito das calçadas, para que o pés nús dos peregrinos se não magoassem demasiado. O arabc, a cavallo, de turbante branco, envolvido em largo manto, branco também, raiado de rôxo ou vermelho, com o cinto de marroquim segurando a adaga e a machada, de alfange pendente « redeas de couro azul, trotava soberanamente, ladeado p[e]l°[s] peões de largas calças atadas nos tornozelos sobre os borzeguins vistosos. Os syrios nús de peito e pernas, com saiões escuros de algodão presos ao hombro por um suspensorio e j[lis]" tos na cinta, traziam na cabeça altos gorros de pelle de carneiro e o seu armamento era o arco e frechas, com uma adaga e um alfange recurvo á cintura. Mulheres arabes, de mãos e p[eb] nús retintos a vermelho, com manilhas de contas nos tornozelos e nos pulsos, seguiam vestidas nas suas amplas camisa» de algodão azul, que as cobriam todas, levando na cabeça o capello guarnecido com moedas de ouro e prata cosidas em ®[sca] mas e um lenço negro a cobrir-lhes a cara, com dois óculos diante dos olhos. Nas orelhas traziam brincos e no nariz anne>[s] de agatha, ou lapis-lazuli, ou jaspe verde. As faces, a testa e braços eram tatuados com signaes symbolicos. As crianças, [a o s] molhos, revolviam-se alegremente núas pelas calçadas, com trellas pintadas a c-ôres sobre as testas. E no meio d'esta confusão pittoresca dos povos e usos mais extravagantes, enconli'[1]

turaes são afazõdados muyto mais que os Mouros, cõ suas laurãças de pão ' vinho. » Aveiro, *Itin.* 62 e 62 v.

o Tem por costume os Judeus que vivem naquellas partes Orientaes fa*" possiuel por ajuntar dinheyro : com que se possão sustentar em terra sãc [a]> ^ juntos se vão morar a Hierusalem & alli se aposentão & morão todo o tenip[0] 'I . ,„ar os llie dura a provisão esperando o Mexias que hade vir ao dia de Juyzo jui» viuos & os mortos. » *Ibiã.* 14".

v'a-se a gente de Deus : os derviclies e santões, os mendigos, ermitões, calendéres, e toda a casta de homens allucinados pela visão, ululando esfarrapados, fazendo gala da sua miséria, que o povo respeitava com verdadeiro medo. O derviehe vestido com um poncho de cores rutilantes, agitando o seu bastão, de mitra branca e pernas mias ; o mendigo com mantos singulares, rapada a cabeça, ou emmaranhada em cabelleiras e barbas grotescamente medonhas, de cruz de ferro na mão, batendo como um doido; o calendér completamente nú, attestando d'um modo Physico a castidade da sua vida [1] ; as santas mulheres maronitas, vestidas á moda syria, seguindo processionalmente e solando coros de gritos agudos e estridentes — Heli, li, li, li, li, " • • • com a ponta da lingua agitando-se entre os beiços n'um delírio-; todos esses doidos da religião, eram a gente querida "a metropole do mundo transcendente, na cidade santa de judeus, mahometanos[3] e christãos. Tinham a mesa sempre posta e o tecto patente sempre, em todas as casas, para os receber, a'imentar e servir, com uma veneração feita de piedade e sus-

como relíquias sagradas do antigo vendaval da fé, quando em turbilhões se agitavam as velhas heresias: gnosticos e priscillianos, carpocraticos o elksaitas, marcosianos e nicolaitas, mon-'anislas e arianos, circuncellios, valesianos, sethanianos, arconti-Lios, marcionitas, e os cainitas satanicos, mais os ebionitas, di-

[1] Eug. Roger, *La terre saincle,* etc. pass.

" Della Valle, *Viaggi,* i, 455.

[3] Ziarét é o nome que os mahometanos dão aos logares santos que sem Serem sagrados pelo islamismo, são reconhecidos como taes e onde os chistãos se ',(hnittiam mediante espórtula. V. Della Valle, *Viaggi,* i, 462. O culto dos inusu'uianos por alguns dos logares santos é attestado por todos os peregrinos. Do ^'Puíchro Santo diz Pantaleão d'Aveiro : « E os peregrinos assim Mouros como ^ Urcos que vão em Romaria á Casa de Meca não a tem por boa íc acabada, se "•"> vão visitar este Téplo & outras particularidades de Hierusalem.» (138) Além Sepulchro, o Templo de Salomão, o tumulo da Virgem e a sepultura dos pa-lr|archas em Hebron, eram logares visitados sempre. No dia I de agosto, seis, seou oito mil turcos e mouros celebravam no tumulo da Virgem a festa da sua Ssumpção, vindo ahi de todas as partes, até da índia. (152) O mesmo succedia comm o presepe de Bethlem. (183).

rectos discípulos do Galileu, que proclamavam a morte universal por uma doce caridade apathicamente extenuante.

Entraram em Jerusalem, indo habitar no recinto da cidade baixa, reservado aos peregrinos christãos, que os receberam de braços abertos com extremos de religiosa alegria. **Começaram** logo as suas peregrinações devotas. A primeira foi ao Santo Sepulchro, que fica na vertente sul do Golgotha, adiante da prisão de S. Pedro ; e, entrando na egreja, oraram em companhia dos doze monges que, havia um século, o rei de França Philippe ^ ' alli puzera, com licença do sultão, para guarda do **Sepulchro** Santo e em memoria dos doze apostolos [1]. O guardião acompa' nhou-os logo ao recinto sagrado que um mouro guardava -t o dando-lhe vinte peças, penetraram cheios de contrição. Sobie o Sepulchro havia uma Capella onde não cabiam mais que tres homens : o sacerdote da missa, o diácono e o sub-diacono. Para entrar era mister curvarem-se todos e sujeitarem-se á **affronta** de receber uma bofetada da mão do mouro. Mais soffrera Jesus Christo para nos trazer a redempção !

Visitado o Sepulchro, subiram ao Calvario, no alto do monte Golgotha, d'onde para poente viam fechar-se a garganta escura de Gehennon, em que nasce a torrente do Cedron, e palparam com as suas mãos as tres covqs ainda abertas das cruzes do Sacrifício. Todo o monte do Calvario, pequeno cerro de dezoito a vinte pés de altura, incluindo o logar do Sepulchro

[1] Em 1418, sete ou oito annos antes da viagem de D. Pedro, alguns enu los dos frades menores, a cuja guarda fôra confiado o Santo Sepulchro, quiz cral despojal-os d'essa regalia; o papa Martinho V coinmetteu a causa ao **patriarch** de Jerusalem, Egradense, que sentenciou a favor dos franciscanos. V. **Aveiro, 1"'** 105 e 105 v.

[2] Era ainda assim um século depois, como diz Fr. Pantaleão d'A^el c. „0 ai- «A porta d'este Sagrado Templo, sempre está fechada com duas chaues: c*. ^ to selada com o selo do gram Turco, o qual selam pondo bua escada de ^ chaues, & selo estão sempre a bom recado, na mão de tres Turcos, tendo hum les o selo, & os dois cada hum a sua: os quaes, quãdo se hade abrir a porta, P ^ ra entrarem peregrinos, ou por qualquer outra causa são chamados os ditos Turcos cõ seus officiaes», *etc.* (68 v. 69). V. a descripção do Santo Sepulcl'ro- xxn o XXIII.

/

Santo, e aquelle onde se achou a verdadeira cruz do Salvador ao tempo de Santa Helena, íora pela piedosa imperatriz transformado n'um santuario de innumeras capellas. Aqui está a °ova onde se ergueu a Cruz, emmoldurada em prata [1] e confiada á guarda dos georgianos [2], ladeada pelas columnas erguidas ao logar das cruzes do bom e mau ladrão; além a rotunda do Sepulchro, com os seus lampadarios que n'outros tempos, quando havia ainda milagres ! em Sabbado Santo o fogo do céo, baixando, v'nha accender[3]; depois a capella de Santa Maria Egypciaca, essa outra Magdalena ; depois a dos turnulos de Godofredo de ^ouillon e de Balduino ; depois muitas mais, incluindo aquella °nde se guardava a verdadeira cabeça de Adão, trazida alli nas ondas do diluvio, para que fosse regada pelo sangue do Redemptor [4].

Desceram a Via . Sacra, Dolorosa, Tenebrosa, ou da Amargura, que do Calvario vae dar á porta dos Rebanhos, por onde Se sae para Bethania pelo valle de Josaphat, cortando em angulo recto o caminho desde o palacio dos Macchabeus até ao de Herodes de Ascalonia, levantado no cerro de Bezetha. Na "'tersecção dos dois caminhos ficava a casa de Poncio Pilatos &°hre o logar do antigo paço de Salomão ; e defronte, a qualenta passos para o norte, as ruinas da capella erguida no proPrio logar onde o Salvador fòra açoutado. Blasphemia ! Essa capella era agora ()ma estrebaria [5].

[1] « Tem aquelle buraco mais de dois palmos daltura & quasi de tres : sua rgura quasi que cabo hua cabeça humana: o que muitas vezes experimentey pe- [9] 'ninha spiritual consolação, hora metendo a cabeça, hora os braços... Tem o buraco hum grande bocal de prata laurado de Imagens, & derredor hum le- [l].Yro que diz : *Locus in guo Crucem domini fixa fuit quando in ca pependit. »* Ave»'o, *hin.* 75.

« O qual lhe concedeo o Soldão do Egypto, quando possuia aquella ter- *ra-» Ibid.* 95.

[3] Id. *ibid. 111.*

[4] « Onde affirmão que foi achada a caueira do nosso Padre Adam & que atando nosso Redemptor crucificado na Cruz: seu diuino sangue correu de ma- e'ra que foi dar na caueira, & a banhou toda & tem os Georgios isto tanto por lluo só Deos lhe pode fazer crer outra cousa.» *Ibid.* 9'i v.—Roger, *La lerre °ain»e,* 103 a 120.

Eug. Roger, *La terre saincte,* 101.

o palacio do antigo pretor da Judêa está por cima do templo de Salomão ; e ainda, apesar de tão grandes voltas dadas pelo mundo, era a residencia do pachá egypcio ; ainda se levantava sobre doze degraus de pedra : outros, porque os antigos **tinham ido, muito havia, para S. João de Latrão, em** Roma- **O Pretorio servia de cozinha ao pachá[1].**

Paravam-se a **orar, ajoelhando piedosamente em todos os logares santificados. Foram á arcada do** *Ecce Homo*, **junto da qual Nossa Senhora e S. João encontraram Jesus no** caminho **do Calvario ; subiram á galeria que atravessa a rua sobre a arcada, com duas grandes janellas, d'onde Pilatos, cujo palacio** fica **para sul a trinta passos, mandou mostrar o** Salvador **aos judeus, vestido de purpura, coroado de espinhos e ainda** lavado **no sangue da flagellação, perguntando o arauto qual das duas vidas preferiam, se a de Christo, se a de Barrabas ! E a plebe n'um delirio respondeu, condemnando Jesus :** *Tolle, tolle, crucifige !* **A galeria estava franca aos romeiros, e na pedra dos> pilares via-se gravado o clamor blasphemo:** *Tolle, tolle, cru[1-1] jige I* [2]

Pisaram o proprio sitio em que Simeão ajudou o Redempto* **a levar a cruz ; a casa do pobre lazaro, onde as santas** mulheres **choravam ; a do mau rico ; a de Isabel, fronteira ao colleg[1o] dos scribas ;** e **com todas estas recordações presentes** recon **struiam na sua alma atribulada o glorioso drama da** Paixao-

[1] Aveiro, *Itin.* 131 ; Roger, *La terre saincte,* 100.

[2] Eug. Roger, *La terre saincte, etc.* 101. Da Arcada do *Ecce Homo,* Della Valle : « La sua prospettiva é una colonna in mezo che sostiene due •»[rC'1] voltati un di qua & un di la, come due finestre grandi. » *Viaggi,* x, 429. A <-'••' da Verónica « é ancora in piede e se habita.» *Ibid.* 428.

« Este passadiço tem duas janelas, hua ao Norte, outra ao Sul, laura toscamente, cõ seu pilar no meyo de obra rústica & tem ao pé do pilar de <•• parte hua pedra grade com hum Letreyro de Letras gregas & Latinas : » tf rOI"o estão gastadas do tempo, & altas: hus affirmam dizerem hua cousa & outros o' tra. No Letreyro da parte do Norte se lê claramète *Christus Deus* de Letras tinas: & na outra parte das mesmas *Ecce Homo: et Tolle, tolle:* Eu, ou p°'° '' ouuia dizer a outros, ou por ser assi: sempre me parecia que lia estas pala[vra] Aveiro, *Itin.* 132.

Para o sul, na velha cidade de David, sobre o Sion, foram vêr as casas de Annaz e de Caiphaz, na rua do Captiveiro, e observaram com religiosa compuncção que nem a herva crespa, nem havia terra oitenta passos em volta do logar onde Judas deu a paz a Christo : todo o chão ficou da côr do sangue! Ambas as casas dos juizes eram egrejas : na de Annaz um convento arménio ; na de Caiphaz o templo de S. Salvador ainda de pé, e sob cujo altar se guardava a tampa do Santo Sepulºhro. No átrio da casa de Annaz viram a oliveira onde amarraram o Senhor emquanto esperava que o julgassem, e ao pé a laranjeira a que se encostou Pedro quando pela primeira vez renegou a Christo. Escutaram a vêr se ouviam o ruido milagroso da bofetada dada na face do Salvador ... [1] **No pateo da ºasa de Caiphaz ainda havia um resto da chaminé a que o mesmo Pedro se aquecia quando renegou Christo pela segunda Vez.**

Viram por doze cruzados a cadeira de Annaz, em que julgou a morte de Jesus ; e subiram ao tumulo de David no alto da acropole da velha Jerusalem Querendo entrar no Templo, "ao lhes foi consentido. Junto aos muros, na encosta do monte Moria, tinha sido o templo de Salomão d'onde Jesus expulsou ºs vendilhões, e onde sua mãe veio encontral-o a discutir com ºs doutores. Arrazado e queimado por Tito, quando os romanos Saquearam Jerusalem, no logar d'elle tinham construído os maometanos outro, cuja entrada era absolutamente defeza a christãos. O Haram, assim lhe chamavam, era um corpo octogonal

[1] « Opinião lie de muytos Christãos da terra que alli naquella Igreja se ºUve sempre o tom de hua bofetada, em memoria da injuria que alli foy feita a "osso Redemptor... Nunca tal cousa senti, & se passa, como dizem & affirmão, I101' meus peccados não mereci ouvila, nem sentila.» Aveiro, *Itin.* 125 v. e todo o caP- xxxviu. V. Eug. Roger, *La terre saincle,* 99, 100.

[2] <> L'antica torre di David cliè composta di grossissime pietre quasi intera uifin' adesso si conserva.» Della Valle, *Viaggi,* i, 441.«... cuberta com hu muy r'co pano de ouro broslado do mesmo, com letras Mouriscas entalhadas & recamaque declarão cuja é a sepultura: a qual lie feita como hum Altar, em cima qual tem posta, como tumba, daltura de dous couados: & o pano douro cobre tndo até o chão. » Aveiro, *Itin.* 121.

encimado por uma cupula, ricamente vestido de mármores. A porta Áurea ficava ao lado: alli Jesus pregava ao povo, encostado aos humbraes, que do roçamento do seu divino corpo receberam uma efficaz virtude para a cura da gota coral e para a extracção de demonios. Pela porta Aureia entrou o Redemptor em triumpho, no dia de Ramos [1].

Proseguindo as suas visitas para o lado oriental da cidade, foram ao logar onde S. João Baptista fazia oração e á gruta onde dormia, e pagaram um cruzado. « É perdoada culpa e pena.» Junto á porta dos Rebanhos, para norte, ao lado da probatica Piscina, encostada aos muros da cidade, está a casa de S. Joaquim e da Senhora Sant'Anna, os paes da Virgem, piedosamente guardada por uns santões, «e não ha casa em Jerusalem mais conhecida, porque é feita a frontaria de grandes e formosas pedras.» Via-se ainda o proprio quarto dos paes da Virgem, e em que ella foi concebida sem peccado. Apesar da egreja servir de mesquita, e do convento annexo estar occupado por um chefe mouro, dizia-se ahi missa, dizia-se também no proprio quarto da Senhora Sant'Anna[2], porque os musulmanos eram tanto mais tolerantes em Jerusalem, quanto n'esse berço commum das religiões do Livro, já não corria perigo o seu império. Sahiram as portas, passaram a ponte do Cedron • estavam na outra margem, diante do monte das Oliveiras, melancolicamente levantado perante os seus olhos arrazados de lagrimas.

Não tinham visitado ainda a casa de Nossa Senhora, Jª" mas-el-Adra, que ficava a uns cem passos para o sul do lemplo, e que, depois d'elle, era o melhor monumento de Jerusalém, com os seus tres zimborios cobertos de laminas de chumbo, as sentes sobre columnas de mármore cinzento. Aqui a Virge' esteve desde a edade dos tres annos até ao seu casamento: n casa de Anna prophetisa como quem vivia em jejuns e devo ções, separada de seus paes. Janias-el-Adra era tida em grande

[1] Aveiro, *Itin.* 139 v. e todo o cap. XLII ; Roger, *La terre saincte,* 90 a "S'

[2] Roger, *ibid.* 120, 1.

despeito pelos mouros, e os infiéis vinham ahi rezar piedosamente Tampouco tinham visto ainda a fonte da Virgem, cujos restos vão cahir na piscina sagrada de Siloé, e onde Nossa Senhora ia com as raparigas de Jerusalem lavar a roupa ; nem [a] casa no cume do Sion, logo ao lado do Cenáculo (onde Jesus Christo instituiu o Sacramento do seu divino corpo e sangue), [e]ni que a Virgem viveu depois da Ascensão de seu filho, e em 1[u]e os apostolos se reuniram para lhe assistir á morte. Restava d'essa casa um lanço de parede [2].

Faltava-lhes ainda vêr, com a sua curiosidade piedosa, tantos logares sagrados ! O horto de Gethsemani, encravado no [s°]pé do monte Olivete [3], onde Jesus chorou, junto ao ponto em [c]iue se apartam a estrada de Bethania e a rua do Captiveiro; a gruta da Agonia onde chorou S. Pedro, e se arrependeu de ter negado a Nosso Senhor Jesus Christo. Ahi pagaram quarenta dinheiros por cabeça. Viram a própria arvore em que Judas se enforcou, a figueira da Maldição, e junto d'ella os restos da arcada do traidor [4]; pisaram o proprio logar da prisão de Jesus, Junto á ponte, no começo da rua do Captiveiro ; andaram no deserto onde o Salvador jejuou a quaresma, e sobre o sitio em rçue Satanaz o tentou, ao pé do tumulo de Zacharias, já no fim d° valle de Josaphat, para o sul, quasi no sopé do morro do Candal, junto das sepulturas de Jeremias e dos prophetas.

*
* *

' Eug. Roger, *La terre saincle,* 95.

- Aveiro, *Itin.* 120 ; Della Valle, *Viaggi,* i, 428 ; Roger, *La tcrre saincle, 123*

3 « E está tam metido dentro da raiz do Monte Olivete, que parece ficar [s°]bterraneo. As paredes & coberto de cima são do mesmo Monte, a terra he como [Sa']bro, & pisarra: & da mesma tem no meyo dous esteios que sustentam aquella [to"]a : a qual terra aproueyta pera muytas infirmidades & a temos lá por particu[lar] Relíquia.» Aveiro, *ibid.* 155.

4 Eug. Roger, *ibid.* 133.

Terminada a visita de Jerusalem, jornadearam outra vez para o norte, atravessando a Samaria. Pararam no monte Thabor, onde Jesus Christo appareceu transfigurado aos seus discípulos, Pedro, Thiago e João, resplandecendo-lhe a face com° sol, vestido de uma alvura offuscante ; e Moysés e Elias vieram fallar-lhe, e os discipulos cahiram por terra fulminados p°1' aquella revelação milagrosa da divindade do Mestre e da m1s" são divina que tinha a cumprir em Jerusalem. O Thabor appa" receu-lhes envolvido no seu manto de milagres, coroado **de neve, «e uma sepultura mui grande ; e quando a gente chega perto desapparece a neve e a sepultura, e tornando depois a olhar, logo torna a apparecer, que não é Nosso Senhor servido que os homens saibam onde está** o **corpo de Moysés.»**

o Thabor levanta-se isolado, com a fórma de um pão d'assucar. Na base medo uma légua de circuito ; o cume tem qu1" nhentos passos de diâmetro ; e d'esse terraço, mil metros erguido sobre o mar, avista-se toda a Palestina, salvo Tiberiade **e o seu lago que o monte Saron esconde. Tiberiade, a sele léguas de Nazareth para oeste, não era então mais do que urna floresta de columnas, no meio das quaes habitavam umas dúzias de famílias de mouros O lago, também chamado** Gene zareth **e mar da Galilêa, tem uma superfície de vinte légua quadradas ; o seu aspecto lembrava aos viajantes o golfão do Tejo, em frente de Lisboa [2].**

A sua agua é santa para judeus, arabes e christãos. Vas

[1] Eug. Roger, *Lu Icrre saincle,* 61. Na primeira metade do século xvi > que é quando Roger a descreve, havia em Tiberiade doze famílias de judeus p°1 luguezes, certamente fugidos á perseguição do século anterior. Já no meiado d esse século a viagem de Fr. Pantaleão d'Aveiro accusa a existencia de numerosas col° nias de judeus portuguezes e castelhanos emigrados. Em Sapheto moravam >na de quatrocentos (26G, 8), «dizendo-me que seus peccados os auiam tirado de P°1 gal não pera a terra da promissão como elles cuidauão: mas pera a terra da esperação, onde se uião & com suas misérias espermentauão.» Em Damasco, o% jante encontra outra colónia (273); em Tripol, o porto de mar de Beiruth, *aue dois mil Judeus, os mais delles Portuguezes.» (292).

[2] Aveiro, *Iiin.* 264.

margens viçosas de pomares congregavam-se cinco tribus : Manasse, Gad, Issachar, Zabulon e Nephtalin ; e dos tempos felizes da Judêa, quando os romanos a governavam, viam-se em 'ºrno d'elle as ruinas de numerosas cidades : Tiberiade, reclinada sobre a agua que lhe beija os pés, Capharnaum, Corosailla, Hippos e Bethsaida, onde nasceram S. Pedro e Santo Anfrré, S. João e S. Thiago, os pescadores galileus que primeiro o,ıviram a palavra do divino Mestre, cuja voz amansou as aguas (Iuando iam na barca deitando as redes . . . Entre Bethsaida e Tiberiade, no alto da collina, erguiam-se negras as ruinas das mu-ıa'has do castello de Magdalon, d'onde tirou o nome a formosa -^agdalena. E pelas margens do lago sagrado, entre as ruinas ^as cidades, erravam mouros impenitentes : dez ou doze fami-"as viviam em Bethsaida [1].

lambem o Thabor já se erguera duas vezes coberto de ' ºnstrucções : da primeira nos tempos remotos em que o filho ®e Aristobulo ahi defendera a independencia da Judêa contra os Ornanos de Vespasiano commandados por Gabinio ; da segunda (!l,ando Santa Helena fez da montanha um santuario, levantando tres capellas no cume. As ruinas da cidade antiga, as ru'nas das muralhas, as ruinas das egrejas e conventos, desapareciam sob as espessas moitas de medronhos, de cambroeiros, camarinhas e cevadilhas, de alfarrobas e zambujos, erguen-º-se no chão coalhado de rosmaninho, esteva e tojo. Bandos 'nfinitos de rolas gemiam, como a chorar a desolação do monte Sagrado de que os javalis tinham tomado posse, e cujas Íngremes vertentes eram absolutamente inaccessiveis por todos os lamenos um. Na base d'essa vereda abrupta, a poente, a alcia de • Tur, habitada por mouros, vivia miseravelmente das 6sPºrlulas dos peregrinos : cada subida ao monte sagrado dei-•Xavva-lhes vinte soldos [2].

^ Transpondo as fronteiras da Galilêa, foram outra vez a a^areth, e visitaram o ponto onde Nosso Senhor, resuscitado,

[1] Koger, *La terre saincte,* 62 a 4.

[2] Id. *ibid,* 55 a 9. Della Valle chama Tabor á aldeia. *Viaggi,* i, 500.

appareceu a seus discipulos ; depois de terem ido a Hebroi[1]! oito léguas distante de Jerusalem, vêr a sepultura de Ada[o]. Tinham os mouros posto ahi um templo magnifico, traçado so bre o risco do de Jerusalem, guardando a gruta onde estão ao» pares enterrados, Adão e Eva, Abrahão e Sara, Isaac e Rebec ca, Jacob e Lia, logar vedado aos judeus e christãos[1]. P[ara] além da Galilêa, entra-se, e entraram os nossos romeiros, [no] *campo damasceno*, **de cujos bancos de terra vermelha e gord[a]> como greda, foi que Deus fez Adão[2]. Levaram d'esse bari[o]> para reliquia ; viram as grutas onde Adão e Eva habitara'[11] depois de expulsos do paraiso, e a bananeira cujo fructo com? ram [3]. Não puderam ir a Jaffa, que foi onde Noé construiu a Arca do Diluvio [4]. Toda a historia, sagrada pela religião, U'[es] apparecia concretamente, com uma nitidez de fabula** realist'[1]. **Jornadeavam de novo a caminho da Armênia, Syria em f[ora]' esperando que, abençoados já com a santa peregrinação, pude[1]' sem penetrar n'esse Oriente mysterioso, depois do** mallogro **primeira investida, quando tinham partido da côrte do [1][urfo] com o salvo-conducto para atravessar** a **Asia-menor.**

Diz o chronista que chegaram ás serras da Armênia on **a lenda põe a arca de Noé depois do diluvio, no monte Araraf**

v \vei"

[1] Gomes de Santo Estevam diz *Ecrcm :* evidentemente é Hebron. ». , ro, *Ilin.* 95 e Roger, *ibid.* 185, C.

[2] «Os christãos da terra fazem delia rosayros de contas que vendei» peregrinos : bus da mesma côr natural, & outros, que tinge de negro. Os Mour ^ fazem delia hus bolinhos como pastilhas a que chamam Terra Sigilata & os a vender a Pérsia, Ethiopia, & índia: & per todo o Oriente os vendem como muy preciosa & de estima. A coua donde a tirão, quanto ao que vi, podem ^ caber Ires homens, aos quaes dará pola cintura. Affirmão os moradores daqu ^ terra, assi Mouros como christãos, estar sempre em hum ser a terra daquella co com tirarem de confino delia.» Aveiro, *Itin.* 200 v.

Kiepert, *Atlas antiq.* põe o Paraiso na entrada N. do Valle de Bucca, xo de Laodicea, n'um confluente do Orontes. Damasco fica ao sul, fóra do v< léste do Anti-Libano.

[3] «Estas são huas aruores de altura de hua lança, ou quasi: dão hus ir cri chos grandes» etc. Segue a descripção de uma especie de musa que o auctor serem « as Bananas do nosso Sã Thomé ». Aveiro, *ibid.* 32 v.

[4] Roger, *La terre saincte,* 185, 6.

(Macis, ou Agri-Dagh) que fica a treze léguas para sudoeste de Eri-Van. Não é crivei, porém, que fossem tão longe, porque, sendo assim, a narrativa não seria tão summaria, nem tão caprichosa. Os nomes regionaes applicavam-se com uma grande determinação, e a Armênia era um d'esses. Progredindo para o norte da Palestina, chegaram talvez até á cordilheira do Libano, sendo forçados a regressar. « Estas serras da Armênia são mui altas, diz Gomes de Santo Estevam, e gastamos em subil.as dia e meio, e por entre as serras passa um rio mui corante onde se acham pedras preciosas[1]. Entre estas serras está atravessada a Arca de Noé e da humidade do rio estava a rca coberta de hervas, e do esterco das aves estava branca como a neve, e nenhum de nós pôde chegar junto á Arca por causa dos grandes bosques e altas serras que alli havia.»

Mallograda, pois, a segunda investida para o Oriente, tornam ao Egypto ; e n'este ponto a jornada do infante adquire Um caracter novo.

Chegada a caravana a Babylonia, isto é, ao Cairo, encontram ahi outro sultão. O de agora era castelhano, natural de ^illa Nova da Serena, na Extremadura, e filho de mestre Mars e da Barbuda. Estas indicações positivas, sem relação com 'is idéas convencionaes do século xvr, em que pela primeira vez Clo a lume a narração da viagem, são mais um argumento a or da

sua authenticidade. Ou já mutilada e interpolada pelo Primeiro editor que a teria colligido d'algum velho manuscri- ou adrede accrescentada para lhe dar um alcance historico "Perior ao da empreza do infante D. Pedro, o facto é que este egundo periodo da viagem se encontra singularmente confuso falseado.

Não porém no caso do sultão do Egypto, decerto aldos muitos renegados que desde então até hoje, e sempre, "ndaram nos estados musulmanos.

Talvez o Lita ou o Orontes que, nascendo em Balbek (Heliopolis) no 'ro do valle de Bucca, aberto entre as cordilheiras parallelas do Libano o do 'Libano, correm divergentemente, o primeiro para o sul, vindo sahir ao mar r-ana de Tyro, o segundo para o norte, indo confundir as suas aguas com as do l'thero que cae no mar em Zemar (Simyra). — Kiepert, *Alias anliq.* 82.

Contou o mameluko a sua historia. Fôra feito captivo n'uma correria dos arabes de Granada que o tomaram na sua villa, o mandaram a Fez, e o fizeram mouro. O caso era frequente, e muito mais nas províncias e estados, como o Egypto em que, pela anarchia do império, o poder cahira nas maos soldadesca: tão frequente que as próprias guardas do sultão do Egypto se compunham de renegados como elle. Em taes circumstancias, corria-se o perigo de encontrar nos renegados uma ferocidade excepcional, originada no remorso; mas succedeu também, e foi isto o que succedeu ao infante D. Pedro, achal-os rendidos pela saudade da patria. O mameluko recebeu os peregrinos de braços abertos e permittiu-lhes que seguissem acompanhados por guardas suas.

Seguissem para onde? Parece fóra de duvida que caminharam pelo valle do Nilo, subindo-o. Pela terceira vez investiam com o Oriente mysterioso, em demanda do Preste João, e d'esta feita iam por estrada certa e mais segura. Pelos desertos que ladeiam o Nilo, chegaram até *Assião,* que é sem duvida Assíian (24° 5') no extremo da região inferior do rio. Daqui entra-se no desconhecido. A travessia do deserto de *Ninive* ser a da Núbia; e a cidade de *Samasa* pôde ser Samhara, no littoral do mar Vermelho, em baixo, junto ao estreito de Bab el-Mandeb. O chronista diz, com effeito, que passaram depois Arabia (e a costa do Yemen fica fronteira) de onde cita o nhecido uso da exposição dos cadaveres, mencionando com exactidão a cidade de Saba que é Mara, Marieba, hoje Mareb ou Sabbiah, entre o Yemen e Mascate, emporio do commercio oriental, velha e riquíssima terra d'onde as tradições fazem a rainha que visitou Salomão, na éra em que esse D. João da Judêa estabelecia as suas relações commerciaes com Ophir, que é a índia occidental, por meio da navegação do mar e do golfo de Akabali, lateral do Sinai, com as frotas construidas nos estaleiros de Asiongaber[1].

Se pelo Nilo foram até ao extremo da costa occidental do

[1] V. Renan, *Hist. du peuple d'Israel,* n, 119-20.

niar Vermelho, subiram-n'a pelo Oriente até ao Sinai; e o 1 reste Joham que procuravam, deixavam-no escondido nas SUas montanhas acastelladas da Ethiopia. No Sinai, destino já 11o Egypto indicado á peregrinação, foram visitar o tumulo de ^anta Catharina, guardado por um batalhão de cento e oitenta frades. Eis aqui a descripção do livro de Santo Estevam :

<(O logar onde está o corpo de Santa Catharina é acima mosteiro em uma penedia muito alta, a qual dizem que fe- "u Moysés com a vara, quando sahiu agua em abundancia Pai'a os filhos de Israel. Em o penedo está um grande signal e os la agua não sae. Em cima d'esta penedia está uma egreja pe- 'lUena, onde está a sepultura d'esta santa e continuamente es- lao aqui dois frades de S. Francisco que vigiam o corpo de anta Catharina que está alli em carne e osso. Ao pé d'este penedo estão duas estacas, e uns calabres muito grandes atados n eUas, e em cima da parede da egreja de Santa Catharina es- ,ao outras duas estacas, onde os cavalleiros estão bem amarrad s> o por elles á maneira d'escada com seus degraus de corda sooeni acima, que bem haverá cento e sessenta braças d'alto, e os frades do mosteiro, de baixo, de tres em tres dias lhe man- 111 tres cousas : pão e agua para os frades, e azeite para a ampada : e isto mettem dentro d'uma cesta, a qual tomam os ('G cima por uma corda que está no alto. E assim, quando hão "l)ster alguma cousa, escrevem um papel, e mettem-no dentro da

co sta, e de baixo olham o que querem e o mettem dentro, e em signal que tirem ao de cima, e logo sobem a cesta. Pedi- lllos licença ao prior para subir acima, que de boa vontade a oncedeu. E começamos a subir pela escada, e como nos senti- atn os padres de cima, deitaram-se de peitos sobre os degraus altar, que não lhe pudemos vêr a cara. Entrámos na egreja, rial é feita de duas pedras só. O chão da egreja e os de- "5'Uus do altar e do sepulchro de Santa Catharina, onde está o rato em que cae o oleo do corpo da Santa, tudo é uma pedra; o Portal da egreja e a abobada d'outra pedra, e d'onde está f i x a d a , é feito milagrosamente por mãos dos anjos. E su- "'do sobre os degraus se vê o corpo d'esta santa em carne e

osso, que está mettido no altar meia vara para dentro. E Para que se possa vêr sem lhe tocar, está diante uma pedra a modº de rêde, milagrosamente feita, e no altar celebram os padres missa. E alli se vê o oleo que lhe sae dos braços, o qual sara todas as enfermidades. Estivemos a fazer oração, e vendo 8 perfeição da egreja cinco ou seis horas, e depois descemos PG'a escada de corda para o mosteiro de baixo, e D. Pedro pediu 1' cença ao prior para passar adiante. O prior lhe disse :

Ho

«— Pois vossa vontade é ir ávante, olhai que haveis passar por terras de infiéis ; e vós outros sois treze, e se algiiiii morrer, levai d'aqui treze túnicas em que sejaes enterrados-

E muito fácil que no Sinai houvesse, por occasião da visita do infante, ermitões stylitas vivendo á moda habitual d'esses monges, no alto de penedias inaccessiveis, recebendo a comida por vai-vens de corda; mas não é menos verdade que o chronista da viagem mistura aqui o phantastico e o verdadeiro, em dóses variadas. No cume do Sinai está a capella onde a tradição reza terem os anjos guardado o corpo de Santa Catharina[1] ; eiii baixo o mosteiro onde se conserva o cadaver da santa convento, erguido sobre o logar em que a sarça ardente app'i receu a Moysés, quando guiava o seu povo para a terra da Prº missão, foi primeiro apenas uma capella construída por. Santa Melena ; mais tarde Justiniano edificou uma vasta egreja e mosteiro acastellado em volta de cujos muros os alarves do Si nai veem diariamente reclamar alimentos com alaridos ameaça dores. Reza a tradição que Mahomet fôra um d'esses nómada^ servindo de moço de camêlos aos frades, e que em reconheci mento ordenára se respeitasse por todo o sempre o mosteiro do Sinai[3].

[1] «... cappelletta clie slá nella cinia altíssima dei Sinai itovc gli Ange portarono il corpo di Santa Caterina e lo custodirono un tempo. II sasso punto ella giacera è, per iniracolo, come dicono, gonfio e mostra quasi Ia f'í'"[1] de un corpo nel luogo dove il suo corpo riposava. » Della Valle, *Viagg'*<

- « Bacciamo piíi volte la Santa testa e la mano sinistra, clie bellissiIIIil vede con tulte le sue dita, carne, & ungliie.» *Ibid.* 362.

Id. *ibid.* 345, 7.

No Sinai acaba, ao que parece, a descripção da viagem ; Se Porventura não pertence também ao dominio da phantasia a excursão da Arabia. Do Sinai voltou provavelmente D. Pedro a Europa pelo Egypto, atravessando embarcado o Mediterrâneo [1]

De volta do Oriente, foi o infante á côrte do Sigismundo (!Me regia o império desde 1411, sendo rei da Hungria desde e da Bohemia desde 1419. O antecessor do duque Alberto Áustria, cuja eleição, em 1437, fixou o ceptro dos romanos na casa dos Hapsburgos, andava então oçcupado na Bohemia Loni a guerra dos hussitas (1420-33). De lá, ou da Hungria, ^avessando

toda a Europa central, seguiu D. Pedro para a 'namarca. Desde a união das tres coroas da Suécia, da Noega e da Dinamarca, na cabeça da rainha Margarida, a quem rik I succedera em 1397, eleito pelas cortes de Calmar, os povos scandinavos, unificados n'um só estado, pretendiam concluir no norte um império parallelo ao velho império romano, ou germânico, do centro da Europa. O mesmo succedera em "espanha, quando Affonso VI (1072-109) depois da expansão prodigiosa

dos seus domínios, também se chamava imperador. o pensamento politico da Edade-média ficára a idéa de que, ac'ma dos thronos independentes das nações, tinha de haver j'rri poder suzerano, denominado império, como succedia na Allanha e na Italia ; mas esta idéa não se generalisou, nem a

^ O *Livro* ou *Auto* de Santo Estevam diz ainda que foram á casa de Meca u o tumulo do propheta (que aliás está em Medina) e descreve as viagens de • Pero ro na Ethiopia, pintando as terras do Preste Joham com os traços que se "'uniram nos chronistas do século xvi. (V. a *Verdadeira informação das terras 'to p "cHe João das índias* pelo P. Francisco Alvares, ed. de 1540, fielmente re-|'o<luzida pela Imprensa Nacional de Lisboa, 188[J.) Não é crivei que D. Pedro Sse 4 Ethiopia, nem que descobrisse o Preste, pois um tal facto não poderia pasar desapercebido. São evidentes additamentos do editor do século xvi.

Europa se dividiu em impérios, principalmente por causa da constituição moderna da França que deu ás monarchias UI)1 typo novo a imitar.

A tentativa de império scandinavo falhou também em quando Erik I foi deposto ; e se Christovam-o-bavaro ainda conservou a união por oito annos, em 1448 os tres reinos separ3' ram-se. Na occasião da visita do infante, o *imperador* Erik estava no pleno gozo de um poder considerável, e D. Ped'° acompanhou-o na expedição que conduziu á Hungria para combater ao lado do imperador Sigismundo na guerra travada com os turcos alliados aos venezianos que, socios no saque do impe rio byzantino, eram muitas vezes inimigos da Europa occide'1 tal. Em paga dos serviços feitos por D. Pedro, o imperado' deu-lhe o feudo da marka de Treviso, que Veneza perdera na guerra, depois de quasi um século de occupação, desde 1339« quando tinha começado a alargar o seu dominio na Italia con tinental adquirindo essa fronteira.

Terminada a guerra, o infante passou a Inglaterra onde reinava Henrique VI, ultimo dos Lencastres, desde 1422. kr'1 também um rapaz ainda, este rei seu primo, fadado para 1111i destino infeliz. Era um rapaz, e a sorte apresentava-se-lhe iU" soriamente ditosa. As conquistas de França cresciam a pont° de em dois annos (1429-31) chegar a ser coroado em Pall5' quando em Rução queimavam Joanna d'Arc. Talvez esse crime fosse a causa do rápido desmoronamento do seu poder; poi'1ue em 1451, com a perda de Bordéus e Bayonna, acabou-se-lhe reino de França, e no anno seguinte, com a rebellião do dul1i0 do York, foi-se-lhe o juizo. Pobre rei Lear, depois da longa " cta da guerra das Rosas, a branca de York e a vermelha Lencastre, prisioneiro em Saint-Albans (1455) vencidos os seU em Northampton, em Wakefield e em Towton (1460-61). deposto do" throno, exilada a rainha Margarida dc Anjou Pa'1 França, acclamado o York: pobre rei Lear, acabou preso lorre sombria de Londres !

Henrique VI dera ao infante seu primo a ordem da Ja" leira, com que voltou a Portugal em 1428, depois de qua1'

annos de viagens dilatadas. Vira, pôde dizer-se, o mundo inteiro. Trazia um thesouro de licção e experiencia como ninguém possuia em Portugal. Vinha encontrar o pae quasi caduco e o irmão inteiramente absorvido pelos seus planos de descoberta e de conquista.

No anno seguinte, em 1429, casou-se com Isabel, a filha d° duque de Urgel, que disputára em tempos (1410-12) a coroa de Aragão ao pae da rainha de Castella e da futura rainha de Portugal, mulher de D. Duarte, que eram irmãs. Provavelmente vinha d'ahi a inimizade para com D. Pedro por parte da princeza desposada também n'esse anno. No mesmo anno casou mais a infanta D. Isabel com o duque de Borgonha e conde de Flandres, D. Philippe, « o maior príncipe sem coroa que n'aquelle tempo havia na christandade [1].» A infanta D. Isabel teve por filho a Carlos, o Temerário, que tanto se vangloriava do seu sangue portuguez.

Quando casou, contava o infante D. Pedro trinta e sete annos, e com a experiencia ganha em tão dilatadas viagens estava senhor de um saber encanecido. Por isso o irmão, ao tomar conta do reino em 1433, por morte do pae, o nomeou curador principal, conjuntamente com D. Henrique, do herdeiro da coroa recemnascido (1432) que depois foi Aflonso V Os dez annos que medeiam entre a sua volta de Inglaterra e a morte D. Duarte empregou-os a viajar pelas remotas paragens do Pensamento. Vira o mundo por fora : queria vêr agora a medulla das coisas.

lira um homem alto, sècco, bem leito, com o rosto comprifoi o nariz cheio, a barba, que usava toda, e os cabellos ruivos, nio inglez, e nos olhos azues uma vaga expressão de molleza denunciando o feitio contemplativo do seu espirito, a fleugma saxonia do seu génio. Tinha os defeitos inherentes a esses temeramentos: a apathia que se lhe denunciava no fallar arrasado e accusadamente indifferente, com uma amabilidade affe-

[1] Azurara, *Chron. do conde D. Pedro*, xwvi.

" V. a carta regia, em Sousa, *llist. geneal.* Provas i,

ctada ; a teima própria de quem não tem a decisão prompta ; e a cólera explosiva, faiscando em relampagos, natural nos homens contemplativos em que a vontade habitualmente nao funcciona, e que por isso, em momentos dados, querem vin" gar-se pela violência excessiva da sua falta ordinaria de energia. Mas tinha também as qualidades preciosas da gente que vive por inclinação com as coisas ideaes, estranha ao mundo, e por isso compassiva no meio da indifferença. Além de tudo o que a origem saxonia da mãe lhe trouxera para o sangue, deralhe ella ainda uma bondade inexcedivel, uma modéstia e gravidade raras, e um tal respeito e modéstia, que não permittia que os ecclesiasticos lhe beijassem a mão nem ajoelhassem diante d'elle. Jejuava com frequencia e na quaresma dormia vestido sobre um molho de palha[1].

Vê-se pois quanto era o contrario do infante D. Henrique- Este esquecia o homem pelo mundo, escravisava-o á acção, com a vista e a vontade alongada para longe; emquanto D. Pedro, homem subjectivo e philosopho, voltando para dentro de si pro prio a vontade e a vista, consumia-as a indagar o segredo do* enigmas moraes. Afinal, os dois irmãos achavam-se ambos em penhados n'uma tarefa similhante, absorvidos por uma idéa pd rallela de descoberta: um, a do mundo que é considerado real, outro a do mundo que passâ por phantastico. Mas qua d'elles, finalmente, será o verdadeiro? E qual das duas voca ções valerá em absoluto mais para o fim mysterioso do universo?

Os dez annos que decorrem entre o casamento de D- 1i dro e a morte de D. Duarte foram decerto os d'essa segunda viagem, em que se deitou a visitar as terras vastas do pensa mento. Explorando a Antiguidade, traduzia o *De officiis* de C' cero e o *De re militari* de Vegecio[2]; recordando as suas "O*1 tas ás cortes da Europa, trasladava o tratado de Gilles de Co

[1] Ruy de Pina, *Chron. de Affonso V,* cxxv ; nos *Ined.* da Academia 432-3.

[2] Id. *ibid.* cxxv,

'°nna, *De regimine principum,* **primeiro catechismo do direito Publico das monarcbias modernas [1]; para uso de seu irmão, punha em linguagem o livro de Marco Polo que lhe trouxera de Deneza[2]. E temperado o seu espirito pelos estudos alheios, sabedor da sciencia do seu tempo, fixava no tratado da** *Virtuosa Benfeitoria* **as suas conclusões moraes, e nas** *Horas da Contusão* **os votos da sua alma mystica [3]. Mas onde o espirito se acha reproduzido como n'um espelho, é no poema do** *Menospreso das cousas do mundo*[4]**, d'essas próprias coisas que ar-'ebatavam de enthusiasmo e esperanças seu irmão Henrique.**

O infante poeta fôra consagrado pelo príncipe da poesia contemporânea, João de Mena que, respondendo-lbe em verso uma caria escripta na mesma fórma, lhe allude ás viagens " estes termos :

Nuuca fue despues ni ante
quyen vysse los atavios
6 secretos de Leuante,
sus montes, jnssoas y rrios,
ssus calores y ssus frios,
como vos, senhor jfante[6].

Fr. Egidio, ou Gilles, de Colonna, conhecido pelo Romano, ou De Roma,])o« ahi escreveu (1247-J316), tinha o cognome de *iloclor fundatissimus et theo-Siruni princeps.* Era frade agostinho ou *correado,* d'onde P. de Mariz fez Gil rreia. (V. Innoc. *Diccion. bibliog.* III, 143). O *De regimini principum,* com-P°sto para educação de Philippe-o-bello (1285-314) de França, estava sempre á C:U>eeeira de D. João I, que aprendia n'elle a arte de governar.

[J] Barbosa, *Bibi. lusit.* art. D. Pedro.

Leal Cons. xxxvn. O cod. da *Virtuosa Bemjeiloria* pertence á Acalmia fteai das gciencias.

[1] No *Cancioneiro geral* de Garcia de Rezende ; ed. Iíausler, Stuttgart, [18] ; 73 : « Do jfante Dom Pedro, fylho dei rrey dom Joam da groriosa mearia, sobre o menospreço das cousas do mundo, em lingoajem castelhana, as luaes tem grosa.»

[5] *Ibid.* 70, 3.

As estrophes do poema do infante D. Pedro respiram de principio a fim a suave tristeza nacional, a saudade — palavra também singularmente portugueza — de um mundo melhor; e no proprio momento em que a alma d'este povo, pulsando no cerebro de D. Henrique, se embriagava com a esperança de um futuro doirado, n'esse proprio momento, essa própria alma, pulsando também no coração de D. Pedro, descobria o vácuo desolador das empresas heróicas. Mais para longe, quando viesse a tarde melancólica do dia que despontava agora, o enthusiasmo de um e o desengano de outro, o génio da acção e a musa contemplativa, as cordas todas da alma portugueza vibrariam na lyra incomparável de Camões . . .

Desferindo melancolicamente a sua, no balbuciar ingénuo de uma poesia que começa, com as vacillações de uma arte incipiente, D. Pedro principia por indagar o que seja a fortuna, elle que vira o mundo na ruidosa torrente das suas ambições •

Nom fabrica muro de firme betumen
aquesta senora non cuerda, mas loca.

Louca é o nome adequado á fortuna que só é fiel, veid-quando é adversa, e mentirosa sempre que é próspera. Não se illuda o homem com as tentações e miragens : as historias es tão cheias de cruéis desenganos, eruditamente enumerados pe'o poeta que, conhecendo os auctores clássicos, mal sonhava ainda o triste exemplo de desengano proposto ao futuro pela sua Pro pria historia !

De todas as ambições, de todas as fortunas, a riqueza e a mais commum ; mas, se as riquezas só se tornam bellas

quando u muchos son bien repartydas,

que valor tem a eubiça estonteadora ou a vaidade da ostenta ção? O valor de um engano, tão falso como a fama que

Kebuelas com alas todo'l vniuerso
y trahes desseos caducos do gloria.

Em vez d'esse pó obcecante da fama e da riqueza, do ouro e da gloria, que motivo instigará o homem a viver, que mola o 'Wpellirá a mover-se, com que balsamos curará as dores amargas da existencia, em que fundamentos assentará o edificio da sua actividade? Na virtude, que é o alicerce da fama verdadeira.

... La fama vera
todos sus bienes assienta eu virtud.
Dexad à la fama & su vanidad
ó vos mortales, semblantes á Dios !

Este conselho salomonico, verdade eterna e eterno esquecimento dos homens, em momento algum era mais necessário que na ambição de reinar, doença que o infante poeta vira perto em todas as cortes por onde andára. Singular illusão do throno !

Menos preciad aquell' alta cumbre
de los impérios & de los reinados,
pues no contiene en si clara lumbre
nin faze los ombres bienaventurados.

Quantos casos melancólicos observára de perlo ! E, sem sahir de casa, seu proprio pae, para quem o governo fôra como carga de um camelo, e seu irmão Duarte que perdera a saude e o gosto da vida com os trabalhos e cuidados do despalho! Singular engano da fortuna, essa tentação do poder!

Valia mais o prazer ? Valia mais a mulher ou a mesa ? o attior e o vinho ? Também não. Embriagavam ambos, mas tanto n'um como n'outro subia logo o travo á bôca:

Al cabo siempre son muy enojosos,
& muestran el mal que lienen celado,
dexando los hombres tristes, dolorosos,
feridos con fierro muy emponçonado.

El cuerpo destruyen, el anima matan.

Que importava, pois? a clareza da estirpe? Outro engano.

Todos somos fijos dei primero padre,
todos traemos ygual nascimiento,
todos auemos a Eva por madre,
lodos fazemos vn acabamiento . . .

Iguaes na origem, irmãos na morte, a fidalguia é ina's uma illusão pueril, uma sombra vã. Estará portanto a vei dade do lado opposto, no povo obscuro, cujo amor desvali'1 **tanta gente, cujas acclamações embriagam como vinho,** e sedu **zem como olhares languidos de mulheres tentadoras ? Ai, tam bem não ; porque o povo é ignaro. Tanto levanta idolos, com° os despedaça :**

A caos profundo a horas abaxa
a horas sublima, al cielo loando . . .

Por isso o infante, reservado e fleugmatico, não amava a» **explosões populares, nem seduziam a sua reflexão fria os imp tos insensatos d'esse animal chamado a turba, em que os m< instinctos lhe appareciam superiores aos bons :**

"No amo ni punto el amor popular,
ni loo quien mucho en el se confia ;
ca non sabe amar, ni sabe desamar.
Los mas de sus fechos van torcida via.
Sin razon, sin causa, mantiene porfia,
Sin razon, sin tiempo se dexa daquella ;
jamas discrecion no lleua por guia,
nin honra la virtud, nin se cura d'ella.

Ao seu espirito moralmente fidalgo, isto é, justo, sem amor caridoso que perdoa todos os vicios quando são espon a neos, por virem da imperfeição da natureza, e aperta n 111 mesmo abraço todos os seres por incompletos que sejam, co111 o proprio homem, muito mais incompleto ainda quando se cha ma multidão : ao seu espirito, formado pelo pensamento refl erl

do, fria e fleugmaticamente stoico, deviam com effeito repugnar erros ingénuos, a maldade espontanea das turbas que não *amava ni punia* — nem nada ! Isso não impedia, porém, que abstractamente, e pelo seu culto da bondade e da virtude, se dedicasse a beneficiar esses proprios que provocavam o seu desdém. Praticava o bem para com o proximo, não por uma effusão de amor caridoso, mas sim por uma obediencia stricta e permanente á virtude, única verdade adoravel para que no seu coração havia culto. Por isso era um philosopho, e um jussem ser um santo. A santidade consiste n'essa chamma de amor espontâneo que tudo queima, até o proprio erro, consumindo-se n'um incêndio de sacrifício incessante.

Comprehende-se pois como celebrava a velhice, que é a edade exacta d'estes espíritos feitos de distincção moral fundada na contemplação do mundo, e como condemnava a mocidade e os seus ímpetos espontâneos :

Dy, en que tienes, loca jouentud
porque te estimes de tanto valor.
Dy, porque maldizes à la senectud
y no le conosces su grande honor.

A mocidade, com effeito, é o symbolo de todas as illusões, luando a vida parece um tecido de estrellas. E de todas as illsões da mocidade, o pulso, a força physica, tão preponderante n esses tempos de gymnastica permanente : a força que todavia encontra na morte um luctador sempre victorioso,

A todas fuerças se fuerça la morto !

a própria força physica se perde em meio, no rápido momento de uma vida sempre angustiada :

*

La vida es breve, por luenga que seya,
y quanto mas dura, mas dolores siente.

Vivel-a, consisto unicamente em praticar o bem ; outra especie de vida equivale á morte : é o que o poeta se não cançará de pregar :

Yo eslo gritaree & osadamente :
ser cl bien morir á los buenos vida
y la mala vida muerte ciertamente
la qual de penar es dulcc finida.

O bem é a **suprema amizade ; os amigos que** o **mundo no^ dá « siguen como moscas á la miei» ; o bem soberano** encontra-se **« do es la verdad» identificado com ella, no** proprio **1º' gar d'ella. O philosopho dá o braço ao moralista** mystico, **com um desdem superior pelo mundo e pela vida, guiado Pº1 esse instincto aristocrático do pensamento especulativo,** procur **dentro em si proprio e** nas **dobras mais recônditas da sua consciência o palacio encantado de uma ventura subjectiva. A effu são amorosa cpie abraça mundo e homens com uma** caridade **irradiante, não é própria d'estes espiritos superior e** virtuosa **mente fleugmaticos. Cada qual deve procurar dentro em si " remcdio das suas moléstias ; não espere que lhe venha de foi[a]- pois** o **mundo é hostil, a vida amarga, a fama, a gloria, a " queza, são fumo,** e **a amizade não passa de moscas á** procur **do mel. Não é no mar que se encontra caça, nem** pescado **no- mattos.**

Quien busca pescado & beluas marinas
no busca los montes, mas busca los mares,
pues menos se buscan las cosas diuinas
en los tenebrosos & fondos lugares:
A la bienandança, tu, si la buscares,
buscala dentro en tu alma mera ;
con esta te goza, si bien la fallares ;
de las otras burla como de chimera.

Para se conseguir encontrar a *bienandança*, **o princip[1o] da justiça moral que se aninha recondito no seio da** alma, **mister que o socego, a solidão, a abstenção do mundo,** estabe

'eÇam em volta de nós a noite mystica em que só apparece essa 'Uz intima, e o silencio trágico indispensável para que se ouça a falia esquiva, fugidia, tenuissima, da nossa consciência.

Abraçad el ocio, amad soledad,
fuyd multitud, fuyd sus rumores :
aquella es madre de grand santidad,
la otra de granes & grandes dolores.

H'aqui vem a necessidade da vida asceta ; mas este asce-''smo é inteiramente diverso d'aquelle que praticam os heroes. ^n'quanto o infante D. Henrique se tempera com jejuns e abstlnencias para obter novas forças que applique á sua empresa; (imquanto esse Mestre de Christo segue a velha doutrina dos 'nonges militantes : para o infante D. Pedro, precursor do monaeMsmo novo, quasi buddhico, inventado pela philosophia, " ascetismo não é **apenas condição indispensável a uma vida SuPeriormente activa, mas sim consequência implicita de uma c'oridemnação total das cousas. A humildade, a continência, a abstinência, a misericórdia, a obediencia, a paciência, a liberalidade, a constancia, a clemencia, todas as virtudes praticamente passivas, hão de exercer-se, não para deixar mais forte e "vre a acção heróica, mas sim porque exprimem o estado de allt las fechadas em si próprias, hostis a um mundo perante o "Ua' a boca deve calar-se também.**

Kuyd multiloquio, amad el callar
el qual las mas vezes sana y guaresce.
O quantos se íallan, fablando, malar !
Kl vero saber callando floresce :
es muclio fablar senal de locura.

Mudo, indifferente, embora compassivo ; mysticamente orgulhoso pela posse do segredo das coisas, o philosopho, como ''a D. Pedro, atravessa a vida como quem atravessa um pesa--lo. Julgando ter decifrado o enigma do mundo, porque o vê intpiramente' vazio, faz d'essa negação total a base chimerica

de um saber torturante. Desnaturado, procura na morte a redempção, porque só a morte pôde sanccionar uma doutrina negativa. Fielmente christão, o infante philosopho acreditava-se remido por Christo ; e a morte apparecia-lhe como o ingresso na verdadeira vida em que a alma adquiria a sua plena liberdade-

Quando con muerte nos libro de muertc
libre nos lia fecho el verbo incarnado.

Mais tarde, e por virtude de todas essas empresas em Q[1'6] os heroes, como D. Henrique, andavam empenhados, dissip[a'se] a nuvem candida da fé; e os herdeiros dos philosophos, com foi D. Pedro, invocam a morte redemptora pelo aniquilamento formal da realidade, a morte medianeira d'essa libertação alcançada com a perda da consciência individual, confundidas [a?] almas no seio obscuro da força elementar !

Assim D. Pedro, aos quarenta annos, depois da sua dupla jornada, percorridas todas as *partidas* do mundo physico e d[o] mundo moral, conhecendo o orbe no seu corpo e na sua alma, reconhecia-lhe o vácuo ; e com um sorriso de amarga triste[2] acompanhava as explosões da vontade indomável de um dos " mãos, sorrindo meiga e amoravelmente para a bondade apathica de D. Duarte que lhe admirava a sabedoria, quando P-de Henrique os não deixava com os seus incessantes planos conquistas e viagens. D. João I agonisava, e o seu genu'i'o successor e herdeiro estava esperando que acabasse de fecha os olhos para alcançar do irmão que o deixasse ir a Tangei-

A philosophia, fallando pela bôca de D. Pedro, mostrava-de lhe em vão a temeridade da aventura, sem lhe dizer o q[ue] si para si dizia, isto é, que na vaidade universal das cousas, única *bemandança* era assegurar a paz, o socego, a fortuna, esses povos que cegamente borborinhavam no espaço do paiz [so] bre o qual Deus lhes impuzera o duro encargo de reinar. Esta, e só esta, era a verdade e a sabedoria para príncipes; esta, só esta, a virtude, para a sua alma em que toda a fleugma -

xonia entrara, diluindo-se em pessimismo, ao calor penetrante da agudeza meridional.

A sua viagem pelas *partidas* **do mundo moral terminou-a provavelmente, com o poema que as descreve, depois de viajar lambem pelo mundo politico. Foi talvez depois de concluida a sua regencia (1439-46) e de ter experimentado todo o desgosto Pela mesquinhez dos homens : foi talvez então, na dolorosa passagem para a crise em que, perdida a cabeça, perdeu a vida, *lue as estrophes mais lugubremente saudosas d'esse poema foram escriptascomo clarão derradeiro de uma alma que se dissipava.**

Oliveira Martins.

[1] Amador de los Rios, na sua *Hist. crit. de la lilt. csp.* vn, 79, 80, diz 'lue o poema do *Desprecio dei mundo* foi composto de 1440 a 1446, fundando-se 'Jara isto nos seguintes versos, em que o poeta, ao pintar a instabilidade dos favoles coртezãos, allude á privança de D. Alvaro de Luna, o condestavel de Castella:

> Ya pues veyamos. Aman que razona
> de ti, o que siente de bien, o de mal.
> fable el mastre sefior d'Escalona.
> diga si le fueste fiel & leal.

A *desgraça* de D. Alvaro de Luna, « o mostre senhor do Escalona », durou 1439 até 1441 ; em 1449, data em que o infante D. Pedro morreu, estava elle outra vez na plenitude do poder. Em 1441, vendo o rei João II preso pelos infantes do Aragão, largou de Escalona, terra do seu degredo, para o vir libertar. Por-se-hia pos datar esia estrophe de entre 39 e 41 ; mas na mesma se chama 'esire a D. Alvaro, que só obteve esta dignidade em 45, da batalha de Olmedo que morreu o infante aragonez D. Henrique. Parece pois que se deve datar de 4fi i sendo a allusão do poema referida á *desgraça* de 39 a 41.

O SEOULO XVIII EM PORTUGAL

i

A LITTERATURA PORTUGUEZA E O DESPOTISMO NO SÉCULO XVIII

Comecemos por caracterisai' o espirito e a tendencia histº rica do século xvm, para julgarmos da coherencia dos esforÇºs quer da auctoridade, confinada no Cesarismo, quer da intell' gencia, amesquinhada nas Academias. A organisação da soei' dade moderna foi iniciada pelos jurisconsultos do fim da Edade média, que fundaram a *Egualdade civil;* atacando a prepote" cia dos barões feudaes, que se impunham pela impetuosidade arbitraria, procuraram estabelecer a lei escripta, quer redigi'^º as garantias locaes, ou fazendo reviver o direito romano. Assi'11 a vontade era subordinada a uma norma prescripta. Pela for»1, escripta as garantias locaes fortificaram as populações trabalhadoras dos campos e dos burgos, e acordando o sentimen1º do individualismo suscitaram esses movimentos revolucionário- que deram em terra com a desegualdade feudal. Era unia grande parte da obra que fundou a ordem social sobre a estº bilidade do direito ; o terceiro estado ou a existencia jurídica do proletariado, tornou-se a condição para o desenvolvimento de um poder central, a quem convinha reconhecer o novo prin cipio da *Egualdade civil.*

Esse poder era a realeza, que se destacou e tornou in<b

O SÉCULO XVIII EM PORTUGAL

Pendente do feudalismo pela hereditariedade dynastica; o trabalho dos jurisconsultos coadjuvou esta independencia pela renascença erudita do Direito romano, em que prevalecia o espirito centralista da unidade imperial. Preoccupados exclusivamente (m *Egualdade civil,* os jurisconsultos abandonaram o outro elemento imprescindível do progresso, a *Liberdade politica,* que os seus conhecimentos humanistas teriam encontrado claramente definido na civilisação hellenica. D'este abandono resultou, que lodas as Republicas da Edade média foram cahindo diante da absorpção do poder monarchico, e por ultimo a própria egualdade civil ficou exposta aos caprichos de um poder irresponsavel, tornado absoluto, despotico e cesarista.

o que se não fez pela tradição histórica completou-se pela especulação philosophica e pelas aspirações senlimentaes, que 'nspiraram as litteraturas. É por isso que o problema da *Liberdade politica* pertence ao século XVIII, ao século dos Encyelo-Pedistas, aos litteratos, como Voltaire e Rousseau, e aos philosophos, como Montesquieu, Diderot, Condorcet, Turgot, vindo as revoltas communaes a encontrar o seu complemento definitivo no grande phenomeno da Revolução franceza.

Em Portugal achamos a primeira parte do movimento da 'eorganisação social moderna; desde o século xv, que florescem ntre nós os grandes jurisconsultos codificadores, João Mendes, '*u5r Fernandes, Ruy Boto, João Façanha e Fernão de Pina. alguns dos quaes, como Velasco dc Gouvòa, chegaram a presenti[. a *Liberdade politica* affirmada em principio na doutrina DA soberania nacional. Mas o nosso século XVIII não teve philosophos, e os litteratos eram académicos convencionaes que imiavam os cânones rhetoricos das épocas da decadencia classica, "ao tinham idéas, estavam fóra do seu tempo, e as suas aspirares limitavam-se a acolherem-se ás graças do cesarismo omnipotente. Como não existiram philosophos, nem os litteratos se '"spiravam da verdade do sentimento, por isso não se crearam "Piniões, e os raros espíritos que se alimentaram das doutrinas ^os Encyclopedistas e dos Physiocratas, calaram-se com o ter'or da repressão ou emigraram de Portugal, mesmo antes da

terrível intendencia de Manique fechar os portos á entrada do» livros francezes, ou mandal-os queimar na praça publica pé'3 mão do carrasco, ou apprehendel-os nas livrarias particulares; como se fez á de frei Joaquim de Santa Clara, á de Jose Anastacio da Cunha, á de Bocage e até ás encommendas do duque de Lafões, parente da casa real. As *idéas jrancezas* e *philosophismo,* como em Portugal se designava a corrente da liberdade politica, foram duramente abafadas por todos os p°"' deres conservadores do estado. Por isso desde a Renascença- em que fomos grandes, até ao primeiro quartel d'este século- Portugal proseguiu em uma irremediável decadencia, a cuja causa se pôde ainda altribuir a apathia actual —a falta ou a sophismação da *liberdade politica.* O século xvm, tão rico em Portugal de homens de talento e de sciencia, contrasta com < profunda irracionalidade das instituições por falta do compre' mento da egualdade civil na liberdade politica. O proprio Marquez de Pombal, extremamente regalista, tornou essa liberdade um crime de lesa-magestade, chegando a punir com cárcere [1] degredo o direito de representação.

Qual seria n'estas condições deprimentes o destino do homem de letras? No século xvm, em Portugal, o poeta era um miserável, que se admittia á mesa dos criados das casas fidalgat" e como diz o proprio Tolentino, retralando-se inconscientemente: acabava sempre por pedir esmola; suppria o antigo costume dos bobos dos palacios feudaes, metrificando encomios sobi(todos os successos da realeza ou da aristocracia. As comp°s1ções mais appetecidas eram as que não tinham pensamento, (1"' se ouviam no intervallo das grandes digestões dos banquetes e dos outeiros poéticos dos abbadessados, vindo a constituir-se um genero de composições *joco-serias,* e acabando por se dissolv o rem na obscenidade. Os poetas tornavam-se por este meio, n diremos populares, porque elles ignoravam as fontes vivas da tradição, mas a fabula da gente, chegando o nome de poeta tomar-se na accepção de sordido e desbragado; os mais conheci dos pertencem á corte de D. João V, esses Thomaz Pinto I3randão, Alexandre de Lima, o padre Braz da Costa, frei Lucas d<

Santa Catherina e Caetano da Silva Souto Maior, o Camões do Rocio. Este symptoma de decadencia intellectual persistiu sob José, em Antonio Lobo de Carvalho ; Bocage e o proprio tilinto Elysio sacrificaram parte do seu talento a esta perversão do sentimento. Não havia outro intuito senão louvar, encorar, panegyricar com descaro, até á indignidade; o que se escrevia não era obra litteraria, era para uns uma garantia contra s Prepotências do cesarismo, para outros um ganha-pão, um Pretexto para os presentes dos ricos, e os mais elevados viam ..i esse trabalho um nobre ocio, um honesto passatempo, que "uo deixava que a consciência se insurgisse contra a intoleranCla catholica ou contra a violência cesarisla. N'este intuito é loe se formaram as Academias litterarias, em que os desembargadores, os conselheiros, os altos funccionarios do estado, os "dalgos, se reuniam, como constituindo uma classe á parte, mas Sllnilhante á dos escribas do Egypto ou da China, porque a st|,aÇão politica de Portugal era idêntica á d'essas civilisações ""Progressivas. Alguns escriplores, como Cruz e Silva, tinham Nergonha de publicar os seus productos litterarios pelo facto o não deslustrar a respeitabilidade de desembargador ! Com-P'ehende-se bem, n'esta dormência intellectual em que a literatura não tinha destino, porque é que os dois poderes, o ^atholicismo e o Cesarismo, patrocinaram esse genero de cultura. Desde o século xvi os Jesuítas apoderam-se do ensino Publico para embaraçarem a intelligencia por um esteril e ôco "oianismo, afastando-a da corrente de renovação scientifica que 'Oníeça em Galileo, e adquire a sua maior intensidade depois ('e Descartes. Pelo seu lado a realeza cesarista protegia as Academias litterarias emquanto ellas adormentavam a aspiração da "herdade politica ; D. João V protege a *Academia de Histo-* '"> o Marquez de Pombal patrocinou momentaneamente a *Arqadia de Lisboa*, e o Intendente Manique era o protector nato [j.

Nova Arcadia ou da *Academia de Bellas Lettras*, durante <l demencia de D. Maria I. A acção profunda do Marquez de "oibal estendeu-se também á litteratura : batendo os Jesuítas regulamentação do ensino official, foi-lhes ao encontro no

desenvolvimento dos productos humanistas, lí extraordinário o numero de volumes de versos compostos para a ceremonia da elevação da Estatua equestre e para as festas reaes ; o Mal" quez era implacavel para as satyras em verso, e ai d'aqueH® sobre quem cahisse a suspeita de um verso menos respeitoso contra a sua pessoa, porque ficaria sepultado para sempre nas masmorras da Junqueira ! Esta situação de espirito explica-no^ como, tendo o Marquez de Pombal sido um dos membros d<> antiga *Academia de Historia portugueza*, se achou primeira mente bem disposto em favor da nova fundação da Arcada *Ulyssiponense*, e como acabou por fim perseguindo por de* confianças ainda não explicadas os principaes dos seus men bros, como Garção.

de

Façamos a transição do reinado de D. João V para o D. José, para compreliender-se melhor a influencia de Polu bal na Litteratura. A opulência do reinado de D. João V con trasta com o estado miserável da nação, arrasada pelo tratado de Methwen, reduzida em 1732 á cifra de menos de dois mi Ihões e meio de habitantes, em geral indigentes, porque a terra pertencia aos morgados, aos titulares, ás casas real, de Bra gança e do Infantado, e ás corporações monachaes, c estupi dos, porque o ensino estava monopolisado pelos frades e redu zido a disciplinas pedantescas. As riquezas dispendidas IiaS construcções pharaonicas eram o producto casual das minaS de ouro do Brazil, e não a consequência de uma força vi ' como a riqueza que provém da industria. As minas do Braz' produziram de 1714 a 1746 em ouro amoedado 96,040, ^ ' 628 contos de reis, e em diamantes 12,000,000 contos. Cota- prehende-se como a monarchia era um poder mysterioso, como as energias individuaes se abandonavam á vontade so berana que distribuía tantos recursos. Esse extraordinário capi tal corrompia, não fecundava ; viu-se isso tanto na Arte coin na Litteratura. A basílica de Mafra e a Patriarchal não produ ziram uma escola artística, e o gosto do *rocócó,* a *chi»ezali'* de tomados da moda franceza, com o estylo jesuítico acabaram destruir todas as noções do bello que existiam na alma P'"i'

gueza. O estupendo Theatro da Ribeira (1755), onde o architecto decorador Servandoni phantasiava ornamentações desvairadas, capazes de arruinar um estado, não produziu nem a Opera nacional, para a qual existia o elemento nacional da *Modinha,* como o declara Strafford, nem o Drama litterario, apesar do talento excepcional do desgraçado Antonio José. A fundação da esplendida Bibliotheca da Universidade de Coimbra, começada em 10 de abril de 1712 e terminada em 1728, °ustou 66:6228129 reis ; e a compra dos livros de Francisco Barreto por 5:6008000 reis, a do padre La Rue em Paris, e a de João Baptista Lerzo, bem como as remessas de Lucas Seaura da Silva, tudo foi improfícuo, porque os lentes não se instruíram e a Universidade desceu ao ponto de em 1772 o ministro de D. José ter de reorganisal-a pela omnipotência offic'al. A fundação da *Academia de Historia portugueza,* em '720, não creou entre nós o critério da historia, apesar do rei il dotar com lodos os privilégios imaginaveis, mandando-lhe Patentear todos os cartorios do reino, nomeando paleographos Para tirarem as copias precisas, e impondo por um decreto de de agosto de 1721 o respeito aos seus vassallos por todos °s monumentos architectonicos. Apesar de todos estes influxos, u decadencia intellectual vê-se patente no estylo e nos resultados das Noticias, Praticas, Orações, Elogios e Dissertações dos seus membros.

Uma cousa faltava para que estes generosos esforços frutificassem,—a liberdade! A nação não tinha parlamento, o povo ftão tinha terra, o trabalho era considerado degradante, a educação publica estava em poder dos Jesuitas, a consciência era atropellada por um clero absorvente e canibal, o espirito critico linha a espionagem do Santo Officio e a fogueira, a Realeza R,,a um fetiche, e a aristocracia uma prostituição galante. lira '"n meio excellente para a indignidade campear infrene, mas nUnca para se crearem concepções artisticas, ou se manilestarein os pensamentos fecundos. Um povo sem opinião, submisso ao regimen que córta toda a manifestação do pensamento sobre o8 actos do governo discricionário, os espectáculos destinados a

desviarem as attenções da causa publica, as idéas consideradas como um perigo social, tudo conduzia ao cretinismo, á idiotia, para exprimir a qual é ainda generosa a palavra — decadencia. E essa decadencia nacional não podia deixar de aggravar-se com as monstruosidades de um rei epiletico, faustoso como Luiz XIV, devasso como Luiz XV, e fanatico como Philippe II; tal era D. João V, que o seu contemporâneo Frederico II, o violador da Pragmatica Sancção, e portanto seu inimigo, retratava com uma phrase sarcastica, mas profunda : « *Ses plaisirs étaient des jonctions sacerdotales, ses bâtiments des convents; et ses mées des moines, et ses maitresses des religieuses.*» As tentativas de reforma litteraria sob D. João V cahiram pela esterilidade do meio social e official, postoque d'ahi proviessem os germens de novos esforços. Ainda assim, esses germens pertenceram á iniciativa particular e individual, e é notável como os primeiros esforços para a fundação da *Arcadia de Lisboa* foram a continuação do antigo grupo litterario denominado a *Academia dos Occultos.* Em uma oração recitada na Arcádia em 175S, Garção toca em um rápido esboço todas as tentativas encetadas no reinado de D. João V, depois da Paz geral, para a reorganisação da instrucção publica e da litteratura portugueza ; servir-nos-bemos das suas próprias palavras, que encerram a historia dos precedentes d'essa tentativa reformadora, asphyxiada sob a acção absorvente de Pombal : «A teimosa guerra com que nos vimos obrigados a rebater a fúria dos hespanhoes ainda não permittia que entre o ruido das armas e o mo tim dos tambores se désse ouvidos á harmonia das musas: continuava a decadencia. Ajustou-se a paz ; socegaram-se os amos: mas tão inveterado estava o contagio, que se houve quem o intentou, não houve quem não desesperasse da restauração das bellas-letras, das artes e das sciencias em Portugal. O mgocio era tão importante e de tão difficil exilo, que nem ainda o grande espirito e pródiga mão de D. João V pôde conseguir mais do que lançar os primeiros fundamentos. Estimou os sabios, premiou os mestres, enriqueceu as livrarias do reino, fundou a Real Academia de Historia. Roubou-lhe a morte es a

gloria, quando principiaram a amanhecer em Portugal as primeiras luzes do bom gosto, da verdadeira erudição e da prudente critica. Devemos alegrar-nos de ser incontestável que o primeiro documento em que podemos fixar a época d'esta restauração é o papel critico que compôz e imprimiu o árcade Sincero-Jerabricense (1739). É verdade que alguns espíritos mais 'ortes tentaram esta empreza ainda hoje ardua, e então impossível; mas, como nas primeiras escolas reinava certo espirito de opinião, que soberbamente sustentava o espirito do *mao gosto*, o *Verdadeiro Metliodo* (1747) ou se não conhecia ou se desprezava. Fundaram-se Academias. Algumas permaneceram sem mais fructo que o de propagarem o contagio. Nos últimos annos do reinado de D. João V apparecem os primeiros crepusculos do *bom gosto.* Já então a *Sociedade dos Occultos,* estabelecida em um palacio em que sempre habitaram as musas, e 'undada por um génio extraordinário, herdeiro não só do sangue, mas lambem dos raros talentos e virtudes dos seus progemtores, trabalhava n'este tempo na restauração da lingua portugueza, do estylo e da boa poesia. Poderia ser que a ella se devesse toda a gloria, se a publica desgraça não separasse tão "til e tão sabia companhia. » Como se vê, Garção enumera as tentativas de renovação litteraria que precederam a fundação da *Arcadia de Lisboa;* a catastrophe do terremoto de Lisboa de 1755, trunca os últimos esforços da academia dos *Oc-"dtos.* Primeiramente essas tentativas visaram todas a obterem a intervenção official da omnipotência do absolutismo. Assim em 1710, Antonio de Macedo aventava que só D. João V é que Podia mandar reformar a lingua portugueza dos muitos plebeis-'nos que a afastavam da pureza latina; Bluteau attribue á mu-"'licencia de D. João V o ter-se publicado o grande *Vocabula-'Lo portuguez;* emfim a *Academia de Historia* recebeu o influxo real « com o exemplo do cardeal Richelieu, que no anno de '^35 estabeleceu em Paris a Academia franceza...» Depois de '"das as pressões do cesarismo, que restava á iniciativa individual;» somente a bajulação do constituído. Apenas Verney, con-

'"uando em Portugal o criticismo iniciado em Hespanha por

*

Benito Feyjó, fez no *Verdadeiro Methodo de Estudar* **uma analyse fundamentada do ensino jesuítico** e **das estereis disciphnas em que se esgotava a intelligencia portugueza, analyse que produziu uma vigorosa replica da parte dos Jesuítas em folhetos pseudonymos, que desvairaram por algum tempo as opiniões; mas o trabalho negativo de Verney teve a** extraordinária **importancia de levantar a questão do ensino publico** e **de servir de base ao pensamento das reformas pedagógicas do Marquez de Pombal. Até onde os regulamentos têm** efficacia, **estende-se a intervenção do estado ; mas o mundo moral** está-**lh® fóra da alçada, e o que então se chamava** *o gosto* **era** incoercível, **ninguém sabia como trazel-o á disciplina. Tal era a preoccupação dos espíritos, que sentiam a nova corrente da** intelligencia, **que, como Jacob de Castro Sarmento** recommendava **a D. João V a traducção das obras de Bacon como primeiro passo para as reformas, ou como Verney reconheciam a** importância **das doutrinas de Descartes** e **de Gassendi. Os** Jesuítas **esterilisavam todos os esforços, impondo a conservação do** estreito **aristotelismo da** *Philosophia Conimbricense*, **que** irradiava **do Collegio das Artes sobre Portugal, chegando a formular no** *tual Theologico:* **«Não se defenderão opiniões contra Lógica conimbricense.» A conservação do acanhado humanismo, com que os Jesuítas durante** o **século xvm nos separaram do** movimento **intellectual europeu, prolongando-se pela** circumstancia **de elles se acharem ministros de D. João V, coadjuvou ainda no século xvm a persistência d'esse espirito** *seiscentista,* a **que** [1,1] **dava o nome de** *mao gosto,* e **contra** o **qual procurou reagu' [8] Arcadia, já sob** a **protecção de Pombal. Antes porém da coop[1] ração do ministro, essa reacção contra o** *mao gosto* **era um ata que directo aos Jesuítas, como se viu pela celeuma** levantada **com as Carias de Verney,** e **é por isso que o titulo de** *Occu los,* **sob que se agremiaram alguns espíritos, nos revela, <I[uC] havia alguma cousa de liberdade** e **de protesto a que se esta^'[1] desacostumado, o que condiz com as tentativas de** emancipaÇ[ao] **intellectual encetadas sob egual segredo em França e Ingla'[1]' ra. Em Portugal imitavam-se as modas francezas, e liam-se d'**

Preferencia os escriptores do começo do reinado de Luiz XIV; as relações de Boileau com o conde da Ericeira mostram-nos que se procurava em França a direcção mental, pela razão de que estavamos divorciados politicamente da Hespanha, intellectualmente annullada sob a degradação de Philippe V. A influencia franceza penetrava na península, mas não era ainda a corrente philosophica e lideraria dos escriptores que precederam a Revolução ; ao primeiro impulso corresponde, como já notámos, a *Academia de Historia,* a traducção da *Poética* de Boileau, e tudo quanto provinha das pompas do cesarismo ; os protestos, as idéas novas, a revolta mental, o espirito encyclopedico só muito tarde é que reflectiram em Portugal, parte nos actos do grande ministro, parte nas aspirações do príncipe D. José e no duque de Lafões, e ainda em José Anastacio da Cunha. Mesmo em França este trabalho de reorganisação mental lura secreto. A influencia que a liberdade do pensamento no dominio da politica exerceu sobre todo o século XVIII e em todos os paizes, começou a forlalecer-se em uma associação de livres-pensadores, chamada o *Club de VEntresol,* da qual falia o niarquez de Argenson nas suas Memorias: «Era uma especie de club á ingleza, formado de indivíduos que gostando de discorrer sobre o que se passava, podiam reunir-se e communicar sua opinião sem terror de se compromelterem, porque se conheciam bem uns aos outros, e sabiam com quem e diante do Ueni fallavam. Esta sociedade chamava-se o *Entresol* (sobreloja) pelo logar onde se reunia, que era a sobreloja em que habitava o abbade Alary. Alli se achavam sempre gazetas de França, da Hollanda e mesmo jornaes inglezes.» D'Argenson historía nas suas Memorias esta associação iniciadora da primeira escola dos Economistas francezes e dos proprios Encyclo-Pedistas; muitos dos seus membros eram altos funccionarios da Politica e do clero, mas basta citarmos esse typo extraordinário do evangelisador da humanidade, o Abbade de Sam Pedro, o auctor do *Projecto da Paz perpetua,* para determinar-se a ordem da elaboração mental que se estava passando nos espiritos, que precederam Montesquieu e Rousseau. Era a incubação

da sociedade europêa, voltada para o problema da liberdade politica, porque mesmo sem o contacto com esta nova corrente da critica, da philosophia e da litteratura, em Portugal manifestaram-se caracteres de um individualismo altamente notável, como o Cavalheiro de Oliveira, que se refugiou na Hollanda, então o reducto da liberdade de consciência, o originalíssimo abbade Antonio da Costa, que o erudito Burnay considerava uma especie de Rousseau com mais elevação moral, e que viveu no foco das summidades artísticas de Vienna, o grande medico Antonio Ribeiro Sanches, cujas descobertas foram proclamadas por Vic d'Azyr, um dos fundadores da physiologia. Em Portugal tel-os-hiam queimado. Mais tarde, quando essas ideas philosophicas se accentuaram mais, começou a reacção tremenda primeiro pela morte mysteriosa e repentina do príncipe D. José, o amigo de José II, pelo encarceramento de José Anastacio da Cunha, pela expatriação de Felix de Avellar Brotero e de José Corrêa da Serra, não fallando de Francisco Manoel do Nascimento, envolvido, talvez já por causa das suas dissidências litterarias, n'esta perseguição da época denominada do */ntoler autismo.*

Sabe-se pouquíssimo da *Academia dos Occultos ;* alguns dos opúsculos sabidos d'ella, descobrem uma sociedade de versejadores sem pensamento. Garção attribue-lhe planos de renovaçao litteraria, que se não realisaram pela dispersão causada pelo grande terremoto, proseguindo comludo o mesmo pensamento na fundação da *Arcadia de Lisboa*, cujos primeiros membros tinham pertencido á corporação anterior. A Arcadia teve a virtude de nascer da iniciativa particular, mas foi rojar-se ante < omnipotência official, o para captar esse influxo achou-se insensivelmente reaccionaria, primeiramente pela contemporisaçao com o elemento seiscentista, depois pela submissão ao espirito oratoriano que a tornou odiosa ao Marquez de Pombal, deixando-a morrer na inanidade. Cruz e Silva e Garção foram os dois xprincipaes vultos d'essa corporação litteraria, e pelas suas relações com o Marquez de Pombal se conhece o que o grande ministro pretendia ; Cruz e Silva, no poema heroi-comico O Hys

so pe, dera um golpe profundo nos enfatuados ridículos do mundo clerical, e o ministro estimou-o por essa sua cooperação na v>a da secularisação social ; Garção era o amigo intimo dos Padres das Necessidades, o conviva da aristocracia hostil ao audacioso reformador, e por isso foi sob um pretexto fútil encarcerado no Limoeiro, onde expirou mezes depois. Celebrando a primeira reunião da Arcadia, dizia Garção em uni discurso : «Chegou o feliz instante de nos ajuntarmos, então fundamos esta sociedade, jurando padroeira d'ella a immaculada rainha dos céos e da terra, debaixo do ineffavel titulo da sua puríssima Conceição.» Começando por bajular o fanatismo catholico, a sua actividade tinha de dispender-se em bajular a auctoridade do absolutismo monarchico ; os tres fundadores, Cruz e Silva, Theotonio Gomes de Carvalho e Esteves Negrão, eram allos funccionarios da confiança do ministro, e trouxeram para a nova academia a benevolencia d'aquelle que também começára a sua actividade mental na Academia de Historia. Pela sua grande preponderância pessoal, Theotonio Gomes de Carvalho o primeiro presidente ; Cruz e Silva redigiu os Estatutos, fazendo dos actos da sociedade nas questões criticas uma especie de inquisição de estado ; Esteves Negrão ficou o secretario perpetuo.

A primeira reunião definitiva da Arcadia celebrou-se em '9 de julho de 1757, tendo-se realisado uma outra preliminar em 11 de março de 1756. Parece que o ministro omnipotente assistiu a estes actos. Garção em um discurso recitado em 1758 allude a essa benignidade official : « Ganharam as nossas obras nova reputação; conciliou respeitos o nome de *Árcade;* e deseJOu o publico assistir ás nossas conferencias. Atrevemo-nos a 'ouvar um príncipe a quem Plinio podia sem lisonja recitar o ^nioso Panegyrico de Trajano. O mesmo foi ouvirem-n'o, que estimarem-n·o os homens mais sábios e prudentes. Olharam o fructo do nosso trabalho corno para uma vantagem da nação. a grande alma d'aquelle vigilante Ministro, que não tira os olhos do adiantamento da patria, com publicas demonstrações aos honrou e animou, para não desistirmos da difficultosa, mas

illustre empreza a que sacrificavamos os nossos estudos. Segunda vez nos ouviu, segunda vez nos honrou, de sua mesma boca ouvimos expressões com que em Portugal não costumam fallar os Ministros. Podemos asseverar que vimos aquelle grande coração, e que n'elle estava vivamente impresso o incansável zelo com que trabalha pelo bem de seus compatriotas, com que honra e com que estima os portuguezes benemeritos. Não tardará muito que o publico conheça que este genero de letras lhe merece uma séria attenção, e que as estima porque as conhece.»

Apesar d'estas homenagens ao ministro, elle não patrocinou a *Arcadia,* talvez por descobrir-lhe a errada comprehensão de sou destino ; em uma d'essas visitas officiaes de Sebastião José de Carvalho, o árcade Garção fez a leitura de uma Ode emphatica, em que celebra o génio administrativo do ministro:

No Ménalo, se Arcadia não levanta
Uni honra de leu nome
Uma soberba estatua,
De rico jaspe, como tu' mereces,
Seus hymnos te consagra,
E n'elles viverá tua memoria ;
Teu nome escreveremos
Em nossos corações, em nossos versos.

Porém o ministro abandonou a Arcadia como um fóco de reacção jesuilica e não cumpriu nenhuma das suas promessas- Passados cinco annos, ainda Garção sonhava com esse ambicionado favor official : «Tempo, tempo virá em que cheguem os eccos do nosso merecimento aos ouvidos de quem o estima, de quem o conhece e de quem o protege, ainda quando o descobre desvalido, pobre e desprezado; já nós ouvimos de sua bôca promessas que não hão de faltar, e foi a nossa cobardia quem deixou fugir a occasião. Cuidemos em merecer o premi°' que é mais fácil conseguil-o do que merecel-o, e ordinariamente o deseja quem o não merece.» Na Ode já alludida de Gar-

ao conde de **Oeiras**, o poeta refere-se **á** malevolencia que Pretendia deslustrar as acções do ministro:

Não ergue a mão cruenta a fria morte,
Contra sonoros versos !
Em vão levanta templos e columnas
Quem da patria os louvores não merece
Teu zelo incontrastavel,
Tuas acções illustres, cantaremos 1
A macilenta inveja
As víboras cerúleas despedace !

Os grandes successos de extermínio da casa de Aveiro em a necessidade de occorrer á invasão do exercito liespanhol, o ataque destemido á poderosa corporação dos Jesuítas. Se nos mostram por um lado a extraordinaria actividade do 'n'nistro que o embaraçava de animar com o seu favor a Arca- por outro lado eram outros tantos themas sobre que o espirito Accionai•io dos Jesuítas e das famílias aristocraticas envolvi- ('as na conspiração contra o rei, se liavia de exercer, minando fl favoritismo do ministro. Para elle a Arcadia era um centro ('e p reacção; os seus principaes membros eram frades e fidalgos, • eomo nada tinha a esperar d'alli, deixou-a vegetar no estio- arriento e extinguir-se na inanidade. A *occasião perdida* **a (pie a"ude Garção, pôde determinar-se antes do primeiro golpe virado em 1557 contra os Jesuítas; d'ahi em diante a lucta tornou-se mais violenta, o a** *Arcadia* **no meio da reorganisação Reral ficou um corpo estranho. O proprio Garção nada via 11 esta ordem de cousas, confinado na imitação do seu Horácio, ° elle proprio já pela educação do Collegio dos Jesuítas e Pelas idéas politicas nas relações da** *Gazeta Portugueza,* **já !)e'a intimidade pessoal com as famílias aristocraticas perse- "Uldas, como a de Alorna e a do condo de S. Lourenço, incor- ,r>" no odio do poderoso ministro, sob o qual succumbiu.**

Sabendo-se o motivo da prisão e morte do conde de Obi- ('os, por ter chasqueado no paço ácerca do nome de Sebastião, 'ine Sebastião não podia vir a reinar em Portugal, porque

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15

já cá estava governando outro Sebastião) é fácil de percebei' como a vaidade irascivel do ministro poderia sem fundamente determinar a ruina do indefezo Garção. Pelo crime de fazerem versos, ou de lhes encontrarem em casa versos satyricos contra o Marquez, morreram no Forte da Junqueira o escrivão do hs' co Salvador Soares Cotrim e o Padre Antonio Rodrigues, Tolentino esteve sempre calado até ao dia da *viradeira.* u verdade que Garção tinha celebrado em uma pomposa Ep>s' tola a dictadura do 1.° Marquez de Pombal, comparando-o a Atlante a cujos liombros sustentava o solio portuguez, compa' rando-o a Mazzarino, a Richelieu e a Colbert, mas no meio da» satyras anonvmas que circulavam contra o valido de D. Jose, era possível que alguma fosse por intrigas particulares, sobre- tudo do elemento seiscentista e dissidente que ficou fóra da Arcadia, attribuida a Garção. As mesmas vaidades se insur giram e produziram mais tarde a prisão de Bocage. O tulo de *Árcade* tornou-se uma distincção honorifica, desde que essa Academia celebrava conferencias publicas nos palacios do estado, a que assistira por mais de uma vez o ministro so berano. Na sua oração de 1758, Garção precisa estes facto? como causa do enervamento da Arcadia : « Ganharam as nos sas obras nova reputação ; conciliou respeitos o nome de *arca- de,* e desejou o publico assistir ás nossas conferencias.» *o1 isto se acirraram azedas vaidades, e se degladiaram despeito*' como se nota n'esse *Grupo da Ribeira das Náos,* capitaneado por Filinto. Garção insiste em outro discurso: «A nossa amh1 ção (não vos assusteis), a grande ambição de gloria com 1IIC nos sacrificamos ao trabalho de tão profundos estudos foi que'11 nos reduziu a tão extrema penúria, foi quem executou ta' vergonhosa catastrophe. Julgámos que entre muitos não ca a nossa fama ; quizemos expol-a a maior theatro, e Deus, 'lu<? não podia deixar de proteger nossos desejos emquanto fo'a11 sinceros, não tardou em levantar-nos á maior altura de hon>' e estimação. Apparecemos aos olhos do publico, agradamo-- fomos ouvidos, conlieciam-se os nossos nomes, respeitava-se Arcadia. Então enamorados de tão alta fortuna, nos parece

"lai tornar para uni monte e viver em cabanas. Presidir n'uma grande sala, magnificamente decorada, rodeado de ouvintes ilustres, sábios e virtuosos, que talvez conversavam no successo ('a campanha (1762) emquanto nós fallavamos, ou estavam ' "ff> o lápis notando palavras, que lhes pareceram novas por-1Ue não leram Ferreira, nem as toparam nos sermões de Vieira i cantarmos nossos versos ao som de uma orchestra immen-Sa'e talvez imprópria : isto é que julgamos honra ...» A estas lrºnias, Garção accrescenta o pensamento primordial que motixava a inércia: «que era indispensável fazer mais sessões publicas, porque este foi o único objecto da fundação da Arcadia. ~ainda que tal não lembrou aos fundadores.» N'este discurso 'eeitado em 1762, quando o espirito publico se occupava com '' campanha dirigida pelo conde de Lippe, Garção alhidia ás duas sessões apparatosas de 29 de outubro de 1759, na sala a Junta do Commercio, por motivo de Sebastião José de Carvalho ser agraciado com o titulo de conde de Oeiras, e de 14 dº niarço de 1760, nas Necessidades, celebrando as melhoras e el-rei D. José. Unia grande parte não se preoccupava da rºstauração da litteratura portugueza ; instrumentos inconSCIentes do cesarismo que se impõe pela força contra as idéas, lue cobre a prepotencia com as pompas deslumbrantes, elles 'lUeriam somente a honra de ser vistos em uni salão sum-|H,,oso e em unia posição nobilitada. Foi isto o que tornou o "ºine de árcade honroso e appefecido, e foi este o motivo porl"e se conservou a lista dos seus nomes, e porque aquelles que "oprimiram em vida os seus versos se não esqueceram de se "º'Jilitar com o cognome poético que se tornou moda mesmo u'a da Arcadia. A litteratura tinha de reproduzir fatalmente mºio social, e os bons talentos da Arcadia, como Garção, Din'z º o Quita, ou ainda as mais fervorosas vontades, como Maj"el de Figueiredo, acharam-se impotentes, porque a actividade 'itteraria, sob o cesarismo bra^antino, que outro destino poria ler senão a bajulação do poder? No seu bom senso sear, Montaigne transcreve uma phrase de Tito-Livio, que ^"'hetisa todas as decadencias intellectuaes e artísticas: « 77-

tus Livius dict vray — que le langage des hommes noW[r,s] *sovbs la royauté, est tousjours plein de vaincs ostentations* [el] *faulx tesmoignages.*» [1] **Eis a synthese de toda a nossa acti**^[1] **dade mental do século xvm ; a um dissoluto** e apparatoso D- **João V, correspondem obras litterarias pautadas pela** *Arte d* fazer conceitos*, **destinadas a elogiar com devoção budhic**[a] **monarcha e todos os successos da vida do paço.** Poesia, [e]ıo **quencia, theatro, historia, tudo traz esse cunho da** bajulação **da indignidade servil, e ao** mesmo **tempo o tédio de** unia l"[l] **guagem empolada e sem idéas, violentada a exprimir** enioÇ[oeL] **sem naturalidade, nem verdade. Se a acção dos** Jesuítas **no h**[u] **manismo da Europa se manifesta na perversão do** gosto, **se propaga a todas as litteraturas do** século **xvn, no século** [xv"] **o Cesarismo continuou essa decadencia pela influencia direc**[1'1] **para a banalidade. A maior actividade lit.teraria** dispende«'[st] **em incalculáveis rumas de versos lamentando a** morte **infanta D. Maria Francisca, cantando a elevação da** Estat" **equestre, chorando a morte prematura do príncipe D. •I**[ose'] **louvando o nascimento do príncipe D. Antonio,** e quan **o Marquez de Pombal se recolheu á vida privada sui*? essa quantidade pasmosa de satvras** e **de** epigrammas [411] **a covardia dos homens de letras lhe atirava de tod(** ^ **os lados. Isto explica a relação do Marquez de** Pom ' **com a litteratura ; o proprio Cruz** e **Silva, que o glorifi**[car] **em uns versos episodicos do** *Hyssope*, **na queda do min**'[8'1] **cortou, segundo a tradição, os versos que** desagradavam **reacção dominante. Apenas um poeta, José Basilio da Gama, auctor da pequena epopêa brazileira o** *Uruguay,* **teve** a **e gem dos seus sentimentos, não esquecendo que devera a 1** bal o **perdão do desterro para Angola pelo motivo de ser** J **suita. Nicolao Tolentino, verberando nos seus** sonetos **o mi**[nl] **tro sob cujo governo se contivera em silencio prudente,** ^ **passa a indignidade porque visava unicamente** a **lisonjea resentimenlos dos que dispunham agora do poder.**

Jissais, liv. i, oap. 3.

A litteratura nas suas formas organicas, lyrica, épica e ^''amatica, só existia por uma reproducção material ou maca-'laeação dos exemplares convencionaes. O sentimento individual, que produz a emoção do lyrismo, estava reduzido á indignidade, e á submissão de um despotismo, degradante, e por isso acconimodava-se ao convencionalismo auctoritario, parodiando Sern intelligencia os lyricos romanos. A acção, que produz a "Pºpèa, estava centralisada no poder absoluto, e por isso as individualidades heróicas não tinham que se manifestar porque "ada tinham que fazer; Pombal comprehendeu isto, mandando da Allemanha um general, o Conde de Lippe, para dirigir d campanha defensiva contra a Hespanha. Emfim, a creação dramatica, que se funda no contraste da opinião publica com as situações individuaes, como podia desabrochar, se a opinião estava contida entre as duas pressões tremendas, a orthodoxia (.(»tholica pelas fogueiras do Santo Officio, e a razão de estado Pela forca e garrote? Assim o theatro, que não chegou a ter V|da nas mãos de Manoel de Figueiredo, foi uma mistura de 'J agiatos remendados indistinctamente das comedias hespanho-

s> italianas e francezas, para distrahir uma sociedade a quem era

d conveniente afastar-lhe a attenção do exame da governação Publica. Apesar da grande força de Pombal e da sua estupenda lrUciativa, elle não pôde estimular o desenvolvimento da litteratura, porque matou o sentimento da *liberdade politica* da na-exagerando até ao absurdo a idéa do *regalismo,* que o le-o11 a a])plicações verdadeiramente monstruosas. O que inspi-OS génios superiores da litteratura do século XVIII, e os fez º'n relação á independencia da sociedade os verdadeiros co-'Peradores dos philosophos, e continuadores dos jurisconsultos da Edade média, só penetrou em Portugal com o regresso do "que de Lafões, fundador da Academia das Sciencias, e no secundo quartel do século xix, quando Garrett levado pelo en-Usiasmo do Romantismo, pôz as novas formas litlerarias ao o1 viço da liberdade politica, pela revivescencia das tradições la°i°naes, pelas impressões directas de duas emigrações, e pela Participação das liiclas do constitucionalismo. Sendo a missão

• de

do grande homem o exercer a sua força na convergência Iodas as actividades sociaes para esse ponto commum I¹" constitue a vida histórica de uma nacionalidade, Pombal iro¹® passou essa missão absorvendo em si todas as energias, e dand° ao progresso a fórma de abalos produzidos pela impetuos® auctoridade pessoal. Aquilio que, pela sua natureza mecham¹'® depende de uma forte regulamentação, subsistiu; porém o ᶜIue é uma expressão ou a consequência da liberdade moral e i>lte' lectual, ou ficou fora da acção ministerial, ou atrophiou-se com as plantas delicadas que murcham quando se lhes põe a maº'

A ACADEMIA DAS SCIENCIAS
RELACIONA PORTUGAL COM O MOVIMENTO INTELLECTUAL
1)o SÉCULO XVIII

A fundação da Academia das Sciencias, em Lisboa, e»¹ 1779, por iniciativa do Duque de Lafões, que assistira nas principaes cortes da Europa á expansão surpreliendente do e pirito do século xvm, foi o esforço mais directo e profícuo pª ^relacionar Portugal com a civilisação europêa, e para dar coa vergencia ás capacidades mentaes que n'este paiz se inuti'¹ savam na esterilidade do isolamento. Na formação da *Acade/"" das Sciencias* entraram os membros que sobreviviam da ant'^ *Academia de Historia*, fundada em 8 de dezembro de 1720, ainda da *Arcadia Ulyssiponense,* como Antonio Diniz da C'u' e Silva. Somente o Duque de Lafões, pelo seu parentesco co" a casa real, é que podia crear uma Academia seguindo a °o rente philosophica do encyclopedismo critico que preparo" Revolução franceza ; em Portugal combatia-se com os rigº não já da Inquisição mas da Intendencia da Policia o *philºs phismo,* como o espectro indefinido e temeroso da *lil>e" politica* e da liberdade de consciência. A fundação da Aca mia foi sempre suspeita ao intendente Manique, que nunca

atreveu contra o Duque de Lafões abertamente. O generoso fidalgo, amigo de Gluck, e de José II o rei-philosopho, tinha vergonha de vêr Portugal separado de todo o movimento europeu; e se a *Academia das Sciencias* fructificou, sem subsidio nem protecção real nos seus primeiros annos, é porque nascera d'onde filha da corrente intellectual do fim do século e satisfazia uma aspiração dos principaes pensadores portuguezes. A Academia das Sciencias representou dignamente a livre actividade mental do fim do século, e será sempre essa a tradição vital que a fecundará, bem como o seu titulo mais glorioso e imperecível.

Antes de esboçarmos os esforços para o estabelecimento Academia das Sciencias, torna-se necessário accentuar algumas linhas geraes da biographia do Duque de Lafões. D. João Carlos de Bragança e Sousa Tavares .Mascarenhas da Silva e Ligne, segundo Duque de Lafões, nasceu em 6 de março de 1719) do infante D. Miguel, filho natural legitimado D. Pedro II, e de D. Luiza Casimira de Sousa, primeira Duqueza de Lafões e segunda Marqueza de Arronches. Frequentou a Universidade de Coimbra sendo porcionista do Collegio de Saui Pedro, graduando-se por 1742. Depois da morte de D. João V teve de sahir de Portugal por ordem de D. José a titulo. fictício ou verdadeiro, de fazer acabar uma paixão amorosa que o rei'desapprovava. É certo, porém, que as suas viagens pela Europa terminaram quando o Marquez de Pombal erdeu a omnipotência ministerial depois da morte de D. José. O duque viajou até 1777 por toda a Europa, Asia, Egypto, Turquia e Laponia, figurando brilhantemente nas côrtes estrangeiras faustosas; residiu na Allemanha, sendo voluntário aus-tríaco durante a guerra dos Sete Annos, e distinguiu-se na batalha de Maxen. O rei-philosopho José II, tinha por elle uma decidida sympathia, conseguindo também ser considerado por esse outro rei-philosopho Frederico II da Prússia. Succedeu na casa de Lafões a seu irmão primogénito D. Pedro, em 20 de Junho de 1701, e logo que pôde voltar a Portugal, depois da ruina do Marquez, a rainha D. Maria I distinguiu-o, no-

ineando-o seu Mordomo-mór, e depois ministro assistente aº despacho, conselheiro de estado e da guerra, e marechal-genº ral junto á rainha. A impressão dolorosa que recebera aº vel o atrazo em que jazia a sociedade portugueza, e que ficou epressa no Discurso inaugural da Academia das Sciencias el11 1780, levou-o a emprehender a abertura d'essa brecha por on^e entrasse em Portugal a luz philosophica de um século que 18 renovar o mundo ; para isto serviu-se do profundo saber Abbade José Corrêa da Serra, com quem viajára na Italia, 1 do enthusiasmo fervoroso do joven Visconde de Barbacena (Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio Faro e Mendonça) q111 acabára os seus estudos na Universidade de Coimbra.

Os tres iniciadores trataram em 1779 de convidar sociºs para a projectada Academia, e de obter a sancção official pa,a se salvaguardarem contra as violências do *intolerantisrrio*• ^ direito de publicarem Memorias académicas sem censura pre via foi uma conquista para a liberdade do pensamento. O pr»" meiro núcleo da Academia, com os antigos socios sobrevive tes da Academia de Historia, era formado, além dos tres i'1' ciadores, por :

Domingos Vandelli,

P.e Theodoro de Almeida, oratoriano,

P.e João Faustino, idem,

P.e Joaquim de Foyos, idem,

Conde de Tarouca,

Bartholomeu da Costa, tenente-general,

Pedro José da Fonseca, professor de Rhetorica no Cºl'e gio dos Nobres,

Frei Vicente Ferrer da Rocha, dominicano e depois Bi²P de Castello Branco,

Principal Mascarenhas (D. Domingos José de Assis care ilhas),

i Pa"

D. Miguel Lucio de Portugal e Castro, Monsenhor cia triarchal e Embaixador em Madrid.

in da

Gonçalo Xavier de Alcaçova Carneiro, ultimo sócio *Academia de Historia,*

Entre estes membros se discutiram o Plano de organisaÇao e os Estatutos apresentados ao governo de D. Maria I. A approvação official em 24 de dezembro de 1779 foi feita por Aviso **do Secretario de Estado Visconde de Villa Nova da Cerveira, dirigido ao Duque de Lafões.**

Effectuou-se a sessão inicial, com caracter particular na Sala da Junta dos Tres Estados no paço das Necessidades, em 16 de janeiro de 1780 com os socios fundadores, para procederem á eleição dos socios effectivos para as tres classes de

Sciências naturaes,
Sciencias exactas,
Sciencias moraes e Beilas Letras.

Constava a Academia de vinte e quatro socios effectivos, sendo oito por cada classe. Domingos Vandelli, que tanto cooperou para a formação da Academia, como se sabe pelas carias entre elle e o Visconde de Barbacena, faltou a esta primeira sessão, por se achar em Coimbra regendo a cadeira de Histoi'ia Natural na Universidade ; também faltaram D. Miguel de Portugal, talvez por se achar na embaixada de Madrid, e ^r. Vicente Ferrer da Rocha. Realisados os trabalhos preparatórios, ficaram eleitos :

Presidente — **Duque de Lafões,**
Secretario — **Visconde de Barbacena,**
Vice-secretario — **José Corrêa da Serra,**
Orador — **Padre Theodoro de Almeida.**

CLASSE DAS SCIENCIAS NATUllAEB :

Domingos Vandelli, Director da Classe;
José Corrêa da Serra,
João Faustino,
Bartholomeu da **Cosia,**
Frei Vicente Ferrer,
Visconde de Barbacena,
Dr. Antonio José Pereira,
Dr. Antonio Soares Barbosa.

CLASSE DE MATHEMATICA :

Marquez de Alorna, Director ;
Padre Theodoro de Almeida,
Conde de Azambuja,
Dr. José Monteiro da Rocha,
José Joaquim de Barros,
Dr. Miguel Franzini,
Dr. João Antonio Dalla-Bella.

CLASSE DE LITTEKATURA :

D. Miguel de Portugal, Director ;
Padre Joaquim de Foyos,
Conde de Tarouca,
Pedro José da Fonseca,
Principal Mascarenhas,
Gonçalo Xavier de Alcaçova Carneiro (que substitui"
como Director D. Miguel de Portugal),
Padre Antonio Pereira de Figueiredo.

BOCIOS HONOEARIOS :

Ayres de Sá e Mello,
Arcebispo de Thessalonica,
Cardeal da Cunha,
Cardeal Patriarcha (*não aceitou),*
Conde de S. Lourenço,
Conde da Ponte,
Marquez de Angeja,
Marquez de Marialva,
Marquez de Penalva,
Martinho de Mello e Castro,
Principal Almeida,
Visconde de Villa Nova de Cerveira.

SOCIOS SUPItA-ínjJIEltABlOS :

Antonio Ferreira de Andrade Encerrabodes,
Conde da Ega, D. Diogo de Noronha,
D. Fernando José de Portugal,
Frei José Mayne,
José Maria de Mendonça,
José de Vasconcellos,
D. Thomaz Caetano de Beni.
Antonio Caetano do Amaral,
Dr. Antonio Ribeiro dos Santos,
Custodio José de Oliveira,
D. Fernando de Lima,
Francisco da Cunha,
José Antonio Raposo.
Dr. José Corrêa Picanço,
José Henriques de Paiva,
Luiz José da Costa,
Nicoláo Tolentino de Almeida,
Paschoal José de Mello,
Ricardo Luiz Ant (?),
Antonio Henriques da Silveira,
Conde de Vimioso.

SOUIOS COííRESPONDENTES :

Eis os nomes mais celebres :

Antonio Ribeiro Sanches,
Antonio Diniz da Cruz e Silva,
Joaquim Corrêa da Serra,
Dr. Frei Joaquim de Santa Clara,
Euiz Antonio Verney,
Luiz Pinto de Sousa Balsemão,
Manoel Ignacio Alvarenga,
D. José Maria de Sousa,

Agostinho José da Costa Macedo,
Bento José Farinha,
Frei Joaquim Forjaz,
Dr. José Pedro Hasse de Belem.

Assim ficou constituída a *Academia das Sciencias;* **basta percorrer essa importante lista de nomes para se** conhecer **que alli se reunia tudo quanto havia de mais** intelligente **em Portugal. A recusa do Patriarcha bem significava a** natural **reacção contra o espirito encyclopedista que se** introduzia **na cidadella do fanatismo. A Academia foi admittida** á presença **de D. Maria** I **em** 20 **de junho de** 1780, **effectuando-se** a **sessão publica solemne em 5 de julho no paço das** Necessidades, **sendo orador** o **Padre Theodoro de Almeida,** e encerrando **sessão o Duque de Lafões. Publicamos em seguida esse documento, que ficou inédito, talvez por causa das violentas criticai¹ que provocou :**

ORAÇÃO NA ABERTURA DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS EM 5 JULII0 DE 1780

Respire emfim Portugal, illustrissimo e doutíssimo congresso, respi'¹- nossa reputação, que nas nações estrangeiras se acha tão injustamente opP¹ inida, e com tão pouca razão vexada. Acabe-se o nosso opprobrio, e arvore se o estandarte litterario para reunir em um corpo as nossas forças dispC^sa" para animar os espíritos zelosos, mas desattentados para estimular os que í¹"¹ tam um entendimento feliz com uma vontade frouxa; e estabeleça-se esta AC' demia, para que vejam os extranlios, que finalmente damos este publico test munho de termos também como elles sahido do lethargo em que nos secul" passados todos jaziam.

Que admirados ficaríeis, senhores, se soubesseis quão vil é o concc'1 que muitos estrangeiros fazem injustamente de nós! Quando lá f^r'' ^ sualmente apparece algum portuguez de engenho medíocre, admirados se pantam como de phenomeno raro: E como assim? (dizem) de Portuga', I do livros ^ centro da ignorancia? Assim o cheguei a ouvir. E onde estão os vossos me perguntavam; onde os vossos auctores? as vossas academias? os voss° descobrimentos? As gazelas litterarias, que correm, guardam do vosso I'°r

Sal o mesmo silencio que de Marrocos. Ouvindo estes injustos opprobrios, os "lhos se me fechavam com o pejo, emmudecla a lingua e a face se me cobria confusão.

Mas graças ao céo, chegou o tempo em que se verificou o projecto meditado ha 25 annos por alguns de entre nós, e já entlo particularmente approvado pelo snr. rei D. José, que santa gloria haja, mas pela Providencia relvado para mais felizes tempos; já podemos mostrar á Europa o que nós So'nos, e o que temos sido. Agora verão que também os portuguezes fazem timbre, como os demais, de adiantar as sciencias e as artes; de aperfeiçoar ºu purificar a sua lingua, de promover a agricultura e o commercio, que são as solidas riquezas do Estado. Agora verão que não sómente temos Collegios e Universidades nas quaes por uma certa carreira precisa de estudos se seKueni as letras; mas que ha, deixai-me dizer assim, um corpo de voluntários 1Ue, sem mais estipendio que a gloria, sem mais obrigação que o gosto, sem niais estimulo que o amor das sciencias, o zelo da patria e o brio — o brio a 1Ue eu chamaria divindade nacional que todos veneramos — querem dedicar ºs seus talentos, os estudos, os annos, as fadigas, os cuidados, até os cabedaes â Publica utilidade.

Confesso que não temos agora senão um mero principio. Assim é, mas eoino principiaram as Academias das Sciencias de Paris, de Londres, de Dlºn. de Lypsia, e as outras? É um mero principio; e quando se viram obras Brandes sem princípios pequenos? É um corpo recem-nascido: estes estabelec'mentos não são como os edifícios de pedras, que sómente esperam do tempo º decoro da antiguidade contrapesado com a ruina e decadeneia dos annos; Pelo contrario sáo como as tenras plantas que necessitam essencialmente de tempo para d'elle receberem augmento, vigor, formosura e fertilidade.

Os que inflammados do amor da patria lhe desejarem estes bens, não Pederão achar escusada esta corporação litteraria; porque nunca se conseguiu Hpreza grande com um único braço: e ainda quando se multiplicam, não deixam de ser únicos se cada um obra só por si, e não se regem todos por uma cabeça, umas leis, um mesmo espirito. Porque não discorreremos nós das ^mprezas litterarlas, como o fazemos das militares? Acaso poderá ser o amor das sciencias mais forte que o que todos temos de defender as fazendas, os fia patria? E comtudo para estas emprezas sempre se formou um exercito cºm um chefe e muitos membros que, reunidos em um corpo, conseguem as c,nPrezas gloriosas e importantes, que nunca se poderiam esperar de um furºr tumultuado por maior que fosse o valor, o zelo e esforço de cada um dos Particulares. Eis aqui pois como discorreremos agora.

Para que floresçam as sciencias, as artes, a litteratura portugueza, a aKr<cultura, o commercio, de que serve o zelo de um ou muitos particulares l'or Ulustrados e poderosos que sejam? Cada qual attento a si se occupa com us Proprios interesses, e só destina, quando multo, para os do publico algum

tenue resto dos seus cuidados que llie sobeja dos da família, dos interesses e da lionra. Além de que, cada um pensa segundo o seu systema, e havendo fo" çosamente divisão na multiplicidade, que se pôde esperar d'esta confusão e de tão debeis forças? Seja o projecto mais util, e mais bem ideado, o mais feliz e importante, não havendo um corpo perdurável, que o sustente, apenas concebido perecerá sem ter vida. Brilhará como a constellação ou falsa estrella, que de repente se accendeu nos ares, e cahiu logo desapparecendo de todo, servindo a sua belleza sómente para deixar saudades. Todos se queixam, 1°' dos choram porque se não fez o que parecia tão util; mas ninguém cuida em evitar as lagrimas ou enxugal-as.

Chora talvez o fraco lavrador a sua impossibilidade não podendo desfazer um grande penhasco, que uma vez tirado correria para o seu campo ui" rio de agua, e em logar de uma terra agreste teria searas abundantes, e *P°* mares salutiferos; mas eu sou só, diz elle desanimado, eu sou só; e dissipa"' do o feliz pensamento que lhe tirára o somno toda a noite, Volta na manli-[1] seguinte ao seu duro trabalho, e rega com o suor da face inclinada, coni lagrimas dos filhos famintos essa terra dura que, tirado aquelle rochedo, ^'' ria fructifiear por si mesmo.

Que riquezas não vieram á França do famoso projecto do canal de La" guedoc? projecto atrevido para communicar os dois mares por cima dos mo" tes; projecto que foi escarnecido e desprezado, e teria perecido suffocado n° pensamento de seu illustre inventor, se não houvesse um braço forte, anim°sn' constante, que arriscou sommas immensas para vêr hoje sua utilidade Infini'8, E quein nao havia de zombar, quando se intentava que subissem e descessem por cima dos montes embarcações carregadas só com o leve esforço de homem que vai passeando? Quem não havia de zombar quando se intenta^ flC- navegação por terra sem vento, sem Velas, sem remos, sem perigo, sem mora, nem a menor inconstância dos tempos? E tudo Vemos lioje com os oil>0!'" eu o presenciei por mim mesmo. Que lanto se enganam os homens çuan ' criticam o futuro destituídos de esperança e de bom raciocínio.

Que augmento não deve toda a França, a Italia, a Allemanha, a Ingl-' terra ás sociedades litterarias que n'esses Estados ha tantos annos florescem Que augmento lhes não devem as sciencias, as artes, a lingua, a agricultas'Fs- o commercio, e ifuma palavra o bem dos povos? A combinar o que esses tados eram d'antes, e o que são depois d'ellas, custa a crôr que são os memos homens, os mesmos climas, os mesmos Estados. Ora só nos portugueze será esta fundação inútil? só n'elles será supérflua e escusada?

Alguns ingratos á patria e ao céo, esquecidos do nosso século de om0> por uma especie de enthusiasmo fazem timbre de desprezar sempre os seus, julgam que a academia é inútil; porque assentam que nós desgraçadame»'' únicos em toda a Europa somos incapazes de tudo que é bom. Estes, occup- dos só em revolver as nossas fraquezas, sem attender ás bellas qualidades 5U

t

temos, põem diante dos seus olhos um triste painel da sua própria affronta, e com melancólica temeridade prophetisam de nós como se fazia em França, em Inglaterra, em Allemanha, quando estas sociedades nasciam. Péssimos cidadãos: perdôe-lhes a patria.

Outros, pelo contrario, vaidosamente presumidos, se contentam só do que é seu, e com os olhos de desprezo lançam friamente a vista languida para o que apparece lá fóra. Estes julgam a academia escusada, porque dizem que sabemos o que nos hasta; e formando d'estes vaidosos fumos as nuvens da sua Gloria, n'ellas põem o seu throno vão, e se estão comprazendo em falso. Embriagados do seu amor proprio, têm por cousa indigna o ir n'este ponto atraz dos extranlios, e seguir os seus passos quando os seguem nas modas. Péssimos políticos: perdôe-lhes a razão.

Porém nós, que sahemos quanto devemos ao céo e quanto podem os nossos, se querem; nós que sabemos, que o terreno é singularmente fértil em engenhos, irias não tanto na cultura e nos meios; porque razão não poremos todo o nosso esforço para resuscitar a nossa gloria opprimida e enterrada?

Lá debaixo das cinzas do esquecimento ainda estão respirando os nossos grandes homens do século de *500,* que os estrangeiros então admiraram e hoje ainda louvam, respeitam, citam e ás vezes imitam. Lembra-me o grande Camões, a quem o Tasso imita n'um dos mais bellos episodios da sua *Jerusalem libertada.* O Camões a quem os estrangeiros dão ao mesmo tempo a sciencia de um Escaligero, e o enthusiasmo de um Virgilio. Eu via sobre os altaros no templo da Gloria um frio e mutilado cadaver do seu engenho, quero lêr uma friíssima traducção das suas obras, e quando os extranlios, que não sabem Portuguez, que não têem Pindaros de louvores, assim dão estas adorações a um simulacro mudo da sua alma, que fariam se pudessem bem entender o seu original, e a vissem interra, se vissem o seu espirito vivo, brilhante, fogoso, admirável, que, hão obstante alguns defeitos, vôa, arrebata e transporta! E não poderão agora vir praz d'elle, posto que com passos menores, entre os Ferreiras e Sás de Miranda, o poeta do Lima, e outros alguns que vivem, alguns dos futuros? Já mudou o clima? Já a imaginação esfriou? Já se nos acabou o ardor e o fogo, quando a critica veiu?

Que figura não fez entre os sábios o nosso grande geometra Pedro Nunes a quem nenhum estrangeiro douto costuma nomear, sem que lhe pague primeiro o tributo dos mencionados louvores? O grande Bernouilli gastou cinco annos em resolver um problema, que elle com muita facilidade e clegancia tinha já resolvido. Quem deixa de respeitar o nosso infante D. Henrique, honra da mathematica, mestre da navegação, gloria do throno? Que figura não fez D. João de Castro, que na sua expedição ao mar Vermelho nos deixou em vida se ainda era maior astronomo e geographo que general e guerreiro?

Nos catalogos das Universidades de França e de Itália ainda se lêem com Veneração os nomes de muitos portuguezes que n'ellas ensinaram: ainda

está viva em Roma a memoria Uo nosso Achilles Estaço, cuja bibliotlieca inteira, e separada de todos os mais livros, se conserva e mostra na Vallicela com o titulo de *Bibliotheca Staciana.* Ainda os antiquados citam o nosso Car" doso, o nosso Rezende, e outros de quem tiram e copiam as antiguidades dos arabes, dos godos, dos romanos e dos carthaginezes, que elles desenterraria' para servir á Historia. E que immenso soccorro não deve toda a Europa esperar hoje de nós, estando este reino cheio d'estas preciosíssimas minas q"e a Academia ha de desentranhar das pedras e do mais interior dos montes, nas e preciosidades que por miséria muitos tão pouco estimam, e com vergo" nha nossa apesar dos eruditos, vendem ainda hoje por preço bem vil, fazeiído por este modo que appareçam em todo o mundo evidentes e públicos tropheo da sua negligencia e descuido?

Quantos famosos portuguezes benemeritos na republica das letras l>ao de sahir agora do sepulchro do esquecimento, sendo até aqui por culpa do* que possuiam as suas obras ignorados dos estrangeiros, e até pouco conheci dos dos nossos? Agora se hão de publicar os seus manuscriptos, ou coberto- do pó com desprezo, ou com avareza guardados nos mais reconditos arei" vos; guardados para que por modo nenhum vissem a luz. Obrava a falsa e6 tima o mesmo que poderia fazer o odio para com seus illustres auctores; 1)o" d'este modo os suffocavam para não respirarem essa immortal vida da glo"a' a que tinham tanto direito: barbaro carinho e amor! Outros vereis que pe'ao edições já muito antigas e raras estão quasi agonisando na memoria dos 10 mens; mas agora novas edições com eruditas notas lhes darão uma mais 'irl lhante vida, que nunca tiveram.

A nossa lingua, talvez a mais preciosa de toda a Europa, a fillia pd"10 genita e mimosa da latina, pois que mais que nenhuma outra se parece á que a gerára; lingua que juntamente une em si todas as bellas qualidade que dispersas se estimam nas outras, a suavidade e doçura, sendo máseul'" e nobre, a força, a energia, o emphaze, a abundancia e regularidade, esta 1" gua, digo, em muitos se acha tão corrupta e barbaramente confundida cn vocábulos estranhos, e plirases não suas, que faliam de proposito uma lin8u' gem monstruosa, pois nem é portugueza, nem de alguma outra nação conh cida. Esta lingua, digo, tem uru apoio firme, uma regra segura n uni llo**yo** ce**Cll'**06

diccionario tirado unicamente dos nossos bons portuguezes, que nos • precedentes nos deram tanta honra, e deixaram tantas saudades.

A agricultura, que os nossos antigos reis tanto protegiam e prez-l%' dando para ella regulamentos admiraveis, que augmento não ha de lcr ^ o estudo e applicação dos naturalistas, que de proposito estudam as Gu des das terras, as novas sementeiras e plantas novas, e as utilidades i'"111 ^ sas que cada dia vão apparecendo n'essas mesmas vulgares e conhecidas, até aqui se desprezavam? ^

N'esta corporação, senhores, não ha de haver membro inútil, nem

bem algum que seja mais do que as suas forças permittem opprimldo com trabalho; todos mutuamente se hão de ajudar, bem como nas arvores uns ramos produzem os fructos que, pendurados, se offerecem ao ocioso passageiro, outros preparam o succo com que se criam e sustentam, outros com as folhas ffue os cobrem, lhes fazem sombra para os defender do calor nimio do sol, e ('o3 passaros que os perseguem. Tal ha de ser esta academia: uns preparam as noticias, outros desenterram monumentos, outros examinam os livros, consintam edições, consultam os originaes; aqui uns descobrem manuscriptos, <[ue outros illustram com notas; alli outros os traduzem com gosto, outros os Publicam com elegancia. Lá estarão aquelles observando os mineraes, as aguas, ,ls Plantas, n'uma palavra, a natureza, quando da outra parte estão outros tentando experiencias, fazendo observações, imaginando projectos: aqui se for- "la'n novos instrumentos e machinas, alli se reformam e aperfeiçôam as já co- '"'ecidas; acolá se verão outros trabalhando com incansavel applicação nas "latheinaticas e no calculo, outros fazendo fáceis as doutrinas mais espinhosas difficeis, semeando na mocidade o gosto, a critica, o desejo de estudar e saljer- Os multiplicados correspondentes serão como outras tantas raizes, que i:sPathadas e escondidas se vão estendendo ao longo, para lá ir beber o succo, <IUe subministram já meio cozido e preparado ao tronco, que com elle se nue- ilas sobre todos estes que se determinam a trabalhar continuamente, vem sombra salutifera dos honorários, que os protegem c defendem dos bicos 'os Passaros, que vagando ociosos de uma parte a oulra, se divertem com Picar e morder os mais sazonados fructos, sem que elles os produzam melhores.

N'uma palavra, as nossas Memorias, apesar das propliecias sinistras, seULJ Pouco a pouco como as dos outros, porque não é madrasta dos portuguezes natureza, que foi mãe dos extranlios. E quando alguém se persuadisse ,Ue as dissertações dos que estão presentes não seriam taes, que nos dessem K'o"a, ao menos não poderão negar que estimularam os vindouros para que •Icem eom as suas: e ficará compensada com a gloria de serem os primeiros ~ ' " que lhes falta por não serem os melhores,

Graças ao céo, que em todos os tempos calandtosos de Portugal, ainda '"ido a chuva, os ventos, a pedra, os trovões e os raios eram capazes de aru'nar toda a sementeira das letras, ainda quando então já por uma, já por ut'a parte, talvez lá n'um canto bem retirado ou n'um escondrijo occulto, vc* tdVaiT1 muitos engenhos felizes, que iam produzindo os partos dos seus enn<Jimentos para apparecerem a seu tempo. Graças torno a dar ao céo, por(^ a'nda conservamos as bellas qualidades com que a natureza favoreceu, e ** Preferiu aos extranhos, com as quaes têm elles produzido admiraveis ctos: também nós sonios como elles sensivels ao estimulo da gloria, também u somos da sociedade.

Que falta logo, excellentissimos e doutíssimos companheiros, senão em

um tempo tão opportuno, em uma occasião tão favoravel sacrificar os nosso» dias, os estudos, os talentos á gloria da nação, ao bem da patria, á publi[cil] utilidade? Não nos contentemos pois com o honroso nome que esta corporação agora nos dá, mas aspiremos a pagar-lhe com a solida honra, que de nó[s] espera pelo nosso trabalho, a que nos faz por nos ter associado. Disse.

A Oração inaugural do padre Theodoro de Almeida [e] **um documento precioso[1] ; a admiração por Camões ahi se acha proclamada pela consagração da Europa. Os programma[s] dos trabalhos scientificos foram publicados na** *Gazeta de L[is']boa* **(de 8 de julho de 1780); José Joaquim Soares de** Barros **annunciou umas** *Novas reflexões sobre o movimento progressivo da luz nos espaços celestes,* **e Pedro José da Fonseca api['e'] sentou o** *Plano do Diccionario da Língua portugueza,* **para [o] qual já estava organisada uma commissão. Em 18 de** outubro

[1] Foram acerbas as verrinas que esta Oração estimulou; em uma Carta anonyma, datada de 6 de julho de 1780, dirigida ao padre Theodoro de Almeida, lè-se : « Tão ávido era o desejo que tinha de ouvil-o, quão excessivo o desgosto que experimentei, quando consegui na tarde de hontem, em que V. R.[m]" recit[o]" a Oração da abertura da Academia das Sciencias com tanta satisfação como j'[1] ctancia. Dos primeiros períodos logo inferi que em logar de uma Oração grave, decorosa, instructiva e eloquente, tinha de ouvir uma invectiva falsa, atrevida [e] injuriosa não só aos indivíduos do seu corpo académico, mas ao estado presenl[1] de toda a Nação.» O anonymo na sua mordacidade refero-se ás viagens do Padr[e] fugido ao odio de Pombal, que o conhecia; aos plágios da *Recreação philosoph['ca]* tirados de Nolet, e á semsaboria do *Feliz independente.* Por ultimo altude a uso «de melaphoras 1'radescas (perdôe-me o termo, porque não tenho outro m*[1|S] adequado com que me explique) como a da tempestade e da arvore, em que asf[o] lhas defendem aos passaros vagos de picarem os fructos, etc.» (Vem nas M[e1]"' *hisi.* de Gramoza, t. n, pag. 159).

Em outra carta anonyma ao Visconde de Barbacena, do mesmo anno, ' » Eu sei que V. Ex." tão longe está de se escandalisar dos *Papeis volantes qu[e s]* tem espalhado sobre a Academia, que antes os busca e os recolhe.» Censura o na» se chamarem sábios estrangeiros para a organisação da Academia, como fez Frc derico da Prússia chamando Maupertuis para a creaç.ão da Academia de Berh"[1]- Outra vez é alli criticada a Oração do padre Theodoro de Almeida: «sabe muit[o] bem manejar a língua portugueza: o estylo declamatório é que lhe deitou a P[c1] der aquella peça. Todo o erro esteve em não conferil-a dentro do seu prop[r1o] claustro com quem era capaz de lh'a castigar.» (Vem nas cit. *Mem. hisl->* "' p. 223).

de 1780 celebrou-se outra sessão publica como abertura do novo anno académico ; Gonçalo Xavier de Alcaçovas leu a Jntroducção a uma obra *Sobre os progressos do Espirito ha- "lano desde a decadencia do Império do Occidente até aos "ossos dias.* Como se vê pela data, a obra genial de Condor- fet, *Tableaux des Progrès de VEsprit humain*, só foi escri- ba quatorze annos mais tarde.

N'este primeiro anno da sua existencia, a Academia das '^eiencias não teve subsidio official. e era sustentada pela con- tr>buição voluntaria de 12$800 reis de cada socio, competindo- "'e por isso a patente ou diploma de *Benemerito,* e muito prin- ''Palinente pela generosidade do Duque de Lafões. Somente era 1783, por Decreto de 18 de novembro é que a Academia foi dotada com a terceira parte do producto liquido annual da '^ova Loteria do capital de 144 contos de reis estabelecida a ^vor do Hospital de S. José e Expostos; porém este subsidio S|J foi tocado em 1785, o qual acabou em 27 de maio de 1797 '°m a Loteria. Outra vez acudiu o Duque de Lafões á Aeade- 'Ula com o seu auxilio pecuniário. A rainha D. Maria 1 já se "nha declarado em 13 de dezembro de 1783 protectora da Academia ; era uma protecção platónica ou de simples conde- S(.endencia com o Duque; porque a Academia só em 1799, por decreto de 4 de novembro é que foi dotada com uma verba de 4:800$000 reis pagos aos quartéis pelo Subsidio Litterario.

Academia era observada com hostilidade pelas classes con- tadoras, que a consideravam uma propagadora das *idéas fancezas* em Portugal ; ella foi despedida do paço das Neces- s'dades em 1792, estabelecendo-se no palacio do Beco do Car- 'asco onde se conservou até 1797, em que passou para o pala- <io do Monteiro-Mór, na Calçada do Combro, e d'ahi para o Glacio do Duque de Palmella no largo do Calhariz, onde se lixo'i desde 1800 até 1823. Estas trasladações eram ainda um ^•nptoma de instabilidade da instituição, que se assignalava '°m trabalhos de primeira ordem, que ainda hoje constituem o Sp" maior e mais indiscutível titulo de gloria. A *Academia das ' Clencias* não era condecorada com a ehancella de *real;* por

Aviso de 9 de Abril de 1810 ordenou-se que um Príncipe da Casa real fosse sempre Presidente perpetuo da Academia. Fº' um estimulo para a banalidade rhetorica. Os fundadores da Academia laboravam na theoria de Turgot, que a reforma social e politica se faria pela propagação das idéas, e por uma acção directa de cima para baixo. Essa acção não se exerceu em França, apesar das discussões philosophicas dos Encyclopedistas, e das nobres intenções dos dignos ministros de LuIZ XVI, Malesherbes, Turgot e Necker; foi necessaria a grande crise que explodiu em 1789. Em Portugal reflectiram-se R>* dos os abalos de reacção contra a grande crise, e a Academia perdeu depois da perseguição de Corrêa da Serra e do fallecimento do Duque de Lafões a coragem da sua missaº espiritual. A revolução intellectual, realisada pela Convenção criando a Instrucção publica moderna, o typo das Escolas pº lytechnicas e Especiaes, que coroa dignamente o século xvi'ı' só foi seguida em Portugal em 1837, quando Passos Manoe fundou a *Escola Polytechnica* de Lisboa e a *Academia technica* do Porto, a *Escola do Exercito,* a *Escola medico-ol rurgica,* as *Academias de Bellas Artes,* o *Conservatório dª Arte dramatica e Escola de Declamação,* as *Faculdades d' Philosophia* e *de Mathematica,* e os *Lyceus nacionaes. Fol* o ministro proclamado por uma revolução que vindicava aid'ª que em França transformara os Estados geraes em Assenibh'ı nacional, quem suppriu a falta de actividade da Academia peˈª reorganisação da Instrucção publica portugueza. Passos Manoe teve a qualidade que caracterisa os vultos proeminentes, 1'lC fizeram do século XVIII o iniciador da edade moderna, e 1 11É Lakanal condensou em uma simples phrase: «*Nós não possˈt mos senão uma virtude: nunca tivemos medo.*» É verdadei" mente a synthese da geração que demoliu o regimen cathol>fo feudal. Onde essa qualidade faltou, a obra de transformaça ficou incompleta, e a Liberdade politica falsificou-se pela tia" sigencia ou sophisma das Cartas outorgadas.

Theophilo Braga.

AS MINAS I)E SALOMÃO [1]

i

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglei)

CAPITULO V

A NOSSA ENTRADA NO DESERTO

rinhamos morto nove elephantes. Dois longos dias levámos serrar-lhe os dentes e a enterral-os com cuidado debaixo unia arvore enorme, que destacava isoladamente na vasta l^snicie, e formava um «signal» inesquecível. Era um esplendo lote de marfim ! Só os dentes do «Patriarcha» pesavam ^anto quanto pude avaliar) uns cento e setenta arrateis !

o pobre Khiva, esse, sepultámol-o ao pé da eollina, com '"na azagaia ao lado, para se defender dos Espiritos Malignos ¹¹⁸ sua difficil jornada para o ParaisQ zulú. Ao romper do ter- 'C1ro dia levantámos o acampamento — todos nós fazendo vo- tl)s no silencio da nossa alma para que nos fosse dado voltai' llri1 dia ! Eu, mentalmente, accrescentava : — « voltar e desen- °r,'ar este rico marfim ! »

Depois d'uma fatigante marcha, cortada d'esses episodios 'í f * '•canos que lodos os Africanistas experimentam, chegámos

[1] Continuado da pag. 428, numero do 1.° de setembro.

emfim á aringa de Sitanda ao pé do rio Lwkanga. Ahi era verdadeiramente o nosso « ponto de partida ». Ahi começaria as nossas misérias.

Perfeitamente me lembro do sitio, e da nossa chegada. Para a direita descia, transmalhada, uma pequena povoação de negros, com curraes de gado murados de pedra solta, e leira de terra cultivada ao comprido da agua clara. Por traz da aldeia ondulavam grandes pradarias de herva alta, onde a caça abundante esvoaçava. E para a esquerda era o escuro, silencioso, infindável deserto.

O nosso acampamento ficou junto d'esse riacho alegre que corria entre arbustos em flôr. Defronte erguia-se um outeiro pedregoso. Apenas erguemos as tendas, subi lá com o barao. Era aquelle o sitio, aquelle o outeiro onde eu vira, havia vinte annos, n'uma tarde como esta, a figura do pobre Silveira, com o seu grande casacão comprido, apparecer cambaleando, toda escura na vermelhidão do poente. Como então, o globo do sol afogueado descia já rente da terra — e os seus raios flexavam obliquamente aquelle deserto coberto de tojo baixo, sombrio, sem agua, sem vida, terrivelmente mudo, que matára o pobre português, que nos ia talvez matar a nós. Ficámos olhando para elle em silencio. O ar era d'uma admiravel finura e transparencia; e longe, muito ao longe, podíamos distinguir, recortada no horisonte, pallidamente azulada e com laivos brancos de neve, a cordilheira de Suliman. Mostrei-as ao meu companheiro.

[1] Nas primeiras linhas do capitulo iv publicado no anterior numero d' Revista (pag. 421) estabeleceu-se uma confusão de localidades que pareceria tranha aos que conhecem a geographia da Africa, ou tivessem, por curiosida seguido no mappa o roteiro de Allão Quartelmar e dos seus companheiros. D sus linhas se deduziria que os viajantes caminhando para Noroeste chegaram Pr meiro a aringa de Sitanda, na confluência dos rios Lukanga e Kalukue, e dep a Inyati, ultima estação mercante da terra dos Matabeles—o que seria impossivel. Os nossos aventureiros, ao contrário, chegam primeiro a Inyati, onde deixa o carrão e o gado, e onde tomam carregadores; depois á aringa de Sitanda, o debandam os carregadores, abandonam armamentos e cantinas—e se interna no deserto, com os serviçaes cafres.

— A entrada das minas de Salomão lá está . . Chegaremos nós lá?

N'esse instante senti alguém por traz de nós respirando : e,,a Umbopa, que trepára também ao comoro, e considerava o deserto com pensativa gravidade. Vendo que eu reparára n'elle deu um passo lento, depois outro mais lento. E dirigindo-se ao barão (a quem parecia ter-se affeiçoado), apontando com a sua Srande azagaia para o lado dos montes: •

— É para aquella terra além que tu vaes, lncubú?

Incuba é uma palavra do dialecto zulú, que significa «ele-Pnante», e que servia, entre os Cafres, para designar o nosso chefe. Estranhei a audacia d'Umbopa, e perguntei-lhe asperamente que tosca maneira era essa de fallar a seu amo . . . Que o negro dê uma alcunha negra ao patrão, por lhe ser mais facilmente pronunciavel que o nome — vá! Que a um como eu, po-^"e caçador que ganha o seu pão, o negro se dirija sempre pela a'cunha negra — vá ainda ! Mas que a atire á face d'um senhor, d'um fidalgo — isso não !

— Falia assim aos teus eguaes, gritei eu. Falia assim aos '|Ue comtigo comem da mesma gamella !

O Zulú teve uma risadinha dôce que me enfureceu.

— Que sabes tu, accrescentou elle, se eu não sou egual ao amo que sirvo? Elle pertence a uma grande casta, pelo olhar Se vê logo: mas talvez eu pertença a uma casta maior! Pelo '"enos sou tão forte como elle, e posso com elle repartir o que tenho no coração. Sê pois a minha bôca, oh Macumazan! Dize as minhas palavras ao lncubú meu amo ! E attende-as tu tam-L em, porque em mim só ha verdade !

Fiquei perfeitamente indignado. Nunca um Cafre me fal-'ara n'aquelle tremendo tom ! Mas, não sei porque, o maldito nlú tinha a arte de me impressionar. Além d'isso sentia uma ^lva curiosidade ... De sorte que lhe traduzi as palavras, — acrescentando que a creatura me parecia impudente e ousada.

O barão, porém, homem de excellente paciência, voltou-se sorrindo para o Zulú :

— E para as montanhas que vou com effeito. Umbopa ! Vou

em procura d'um homem da minha raça, d'um irmão meu, íut atravessou este deserto, e que eu supponho estar além !

O Zulú moveu lentamente a cabeça:

— Assim é, assim é . .. Encontrei um homem no caminho que me disse: lia dois annos que um branco se metteu também ao deserto como nós, levando um só serviçal. . . Nunca ma's voltaram . . .

— Quem te disse ? perguntei vivamente. Porque te sahe»1 só agora essas palavras? Onde te disseram?

Antes de Inyati, um homem que elle encontrara no caminho. Contára-lhe que o branco se parecia com o chefe Inc»* bú, mas tinha a barba escura : e que ia seguido por um caçador bechuana chamado Jim.

— São elles ! exclamei. Não ha duvida ! são elles ! Jim co nhecia eu bem . . .

O barão ficou pensativo.

— Se meu irmão tinha decidido atravessar o deserto, ®u murou por fim, ou o atravessou, ou morreu. Recuar ou muda| de fito não era da tempera d'elle. Ou não vive, ou está para 8 das serras.

O Zulú, que lhe seguira as palavras com os grandes olhos brilhantes, tornou muito gravemente :

— É uma longa jornada, Incubú.

— Quartelmar, diga-lhe que não ha jornada que o home1'1 não possa emprehender, replicou o barão (que evidentenienf estimava e considerava aquelle singular Zulú). Nada ha qlH> homem não possa fazer; nem desertos que não possa atrasessar, nem montanhas que não possa subir, se puzer n'isso alm* e vontade. O essencial é contarmos a vida por coisa nenhum » alegremente promptos a conserval-a ou a perdel-a, segun Deus ordenar.

Quando o Zulú comprehendeu, toda a face se lhe ill'1"11 nou :

-Grandes palavras, meu pai Incubú ! Grandes, sobei^a palavras que enchem bem a bôca d'um forte ! Que é a v' a' na verdade? É a semente da herva que o vento sopra aq111

além. As vezes cae em boa terra e 1'ructifica ; outras vezes na rocha dura ç definha ... O homem nasce para morrer. Mais tarde ou mais cedo, que importa? É sempre a morte. Eu por mim irei comtigo, Incubú ! Irei por montanha e deserto, e serte-hei sempre fiel . . .

Parou. E subitamente rompeu n'uma d'essas rajadas de Poesia, frequentes nos Zulus, que tanto surprehendem os que Pela primeira vez as testemunham, e que, apesar de nevoentas, redundantes, e decoradas de geração em geração, mostram que Se a raça não é intelligente, é pelo menos imaginativa.

— Que é a vida? (exclamava Umbopa, abrindo os braços, 11 aquelle tom cantado que os Zulús tomam n'esses momentos de exaltação). Que é a vida? ,Dizei-me, oh brancos, vós que sabeis os segredos d'este mundo, e do mundo das eslrellas que brilha por cima, e do outro mundo que está para além das eslrellas ! Dizei-me, oh brancos, dizei-me o segredo da vida ! ^ onde vem ella, para onde vae? . . . Não podeis, não sabeis ! Escutai então 1 Nós sahimos da treva, e para a treva marchamos. Como um passaro acossado pela tormenta, nós sahimos do 'undo da escuridão : durante um momento passamos, e as azas ')rilham-nos á luz das fogueiras : depois, de novo e para sempre mergulhamos na treva ! A vida é o pyrilampo que fulgura de uoite e de dia é negro ! É o hálito dos rebanhos no ar de inverno ! É a sombra que corre sobre a relva, e que desapparece il° poente ! . . .

Calára-se, com os braços ainda abertos, o olhar perdido "as alturas.

— És um homem bem singular, Umbopa ! exclamou o ba-'a°, que o escutára assombrado.

O outro pareceu acordar, sorriu :

Creio que nos assemelhamos, Incubú. Talvez eu tamb, vá procurando um irmão entre as gentes que estão para a das montanhas.

Olhei para Umbopa, com o sobr'olho franzido.

— Que gentes? Que sabes tu das gentes que vivem para das montanhas?

— Pouco, Macumazan, muito pouco. Ha para além uma lerra de feitiços, de jardins, de gente valente ... Ha também uma grande estrada branca, toda de pedra. Assim ouvi. Mas de que vale dizer? Quem lá chegar, lá verá 1

Aquelle homem evidentemente sabia alguma coisa que nao queria revelar. Elle decerto percebeu a minha desconfiança —' porque acudiu, espalmando as mãos :

— Não te arreceies, Macumazan ! Não te arreceies ! N!a° abro covas para que tu cáias dentro. Se chegarmos a atravessar o deserto, eu te contarei o que sei. Mas a Morte está la com uma lança, á nossa espera. Melhor te fôra, Macumazan, voltar aos teus elephantes . . . Fallei o que tinha a fallar.

E meneando a azagaia á maneira de saudação, desceu o cômoro, recolheu ao acampamento — onde d'ahi a instantes o encontrámos limpando uma carabina, attento, calado, como qua' quer servo cafre vazio de pensamento e vontade.

— Homem extraordinário 1 murmurou o barão.

— Extraordinário de mais ! Não gósto nada d'aquelles mysterios . . . Mas, emfim, nós estamos mettidos n'uma aventura phantastica, e um Zulú mysterioso de mais ou de menos — na° tira nem põe !

Na manhã seguinte começámos os preparativos para ' marcha. Era impossivel naturalmente levar comnosco, atrave do deserto, todo o pesado armamento, e as cantinas. Fomos portanto forçados (depois de desbandar os carregadores) a coi fiar tudo a um velho cafre, um atroz sacripante, que possuía alli uma aringa considerável. Bem penoso me era abandonai as nossas magnificas armas á mercê d'aquelle velho malandi'1 — cujos olhos se fixavam já nos nossos bens com um fulgor fh cubiça e rapina. Tomei por isso as minhas precauções.

Comecei por carregar as espingardas. Depois declarei ao bandido, n'um tom cavo, que aquelles canos estavam enfeitiçado-de*

— e que se elle lhes tocasse «alli» (mostrei o gatilho), os monios fugiriam de dentro despedindo um *raio !* Immediatamente (como eu calculára), o Cafre puxou o gatilho a uma carabina « Express». E o *raio* partiu. Partiu, com tanta felicidade-

íue matou uma vacca que pastava pacificamente a distancia, á beira d'agua — e atirou o velho de pernas ao ar, com a inesperada força do recúo. O pavor do malandro foi indizível. Tremia todo, dava pulos em volta da vacca morta (que depois, mais Ll'anquillo e com toda a impudência, queria que eu lhe pagasSe), olhava para o céo, olhava para o chão . . . Por fim rompeu u°s berros :

— Tirem esses demonios que estoiram ! Ponham-os lá em cima, sobre o colmo ! . . . Ai, que não fica vivo um de nós!

Apenas elle serenou, continuei a minha predica. Affirmei-"le, com olhares esgazeados, que se ao voltarmos, uma só arma ^'aquellas faltasse, eu, que possuia as artes dos brancos, o maLaria a elle e a toda a sua gente por meio de bruxarias sangrentas : e que se nós morressemos e elle tentasse apoderar-se que era nosso, eu voltaria em espirito perseguil-o, puxar-"m de noite pelos pés, tornar-lhe o gado bravo, dessorar-lhe o leite fresco, seccar-lhe a semente na terra, — e fazer a vida na aringa tão dura e terrível que seus proprios filhos o amaldiçoai'iam . . . Ernfim, dei-lhe uma idéa razoavel do Inferno, com Errores inéditos. O velho malandro, espavorido, jurou que olhar'a pelas nossas armas como se fossem os ossos de seu pae 1 P

ut'a um patife infinitamente supersticioso.

Em seguida combinámos o que nós cinco — o barão, o Ca-'ulão John, eu, Umbopa e Venvogel •—deviainos levar come ç o através do deserto. Muito calculámos, muito experimentámos. Não lográmos chegar a um peso menor de quarenta arrale's por homem. E havia escassamente o necessário ! Eis aqui o lue conduzíamos :

Cinco espingardas — com a competente munição (quatro-''entas cargas) ;

Ires rewolvers ;

Cinco cantis d'agua, de cinco quartilhos cada um;

Cinco mantas;

Vinte e cinco arrateis de *biitong* — que ó uma especie de 'Urne sêcca ;

Dez arrateis de contas de vidro para presentes aos indígenas ;

Navalhas, phosphoros, um compasso, um filtro d'algibeira. uma enxó, uma garrafa de cognac, tabaco — e os fatos qIIC tínhamos no corpo.

Era tudo: e era pouco, como necessidade e conforto, n'um» semelhante empresa ! Ainda assim peso considerável para cinco homens acarretarem, por um sol terrível, através d'um deserto esteril !

Depois, com immensas difficuldades, persuadimos tres negros da aldeola a acompanharem-nos durante vinte milhas, 'e' vando cada um ás costas uma larga cabaça d'agua fresca. ^ meu fim era podermos encher de novo os cantis, depois da prl" ineira noite de marcha (porque decidíramos partir na frescura da noite). Os negros, a quem eu contára que iamos caçar o abestruz, não acreditaram : tinham por certo que morreríamos de sède e de fome no grande sertão: elles proprios temiam a morte e os demonios que vagam no deserto: e só consentiram em nos seguir, a troco de tres facas de matto e d'uma manta vermelha.

Durante todo esse dia descançámos e dormimos. Ao pôr do sol celebrámos um grandioso jantar, de caça, de carne fresca o de chá — «o ultimo chá, observou John com melancolia, que naturalmente beberíamos por longos e longos mezes.» Depois, apl frechadas as mochilas, esperámos que nascesse a lua. Perto das nove horas subiu ella, em toda a sua serena e pensativa ria, inundando de luz branca e vaga todo o iinmenso desertOi que parecia tão mudo, solemne, impenetrável e virgem de Pl gadas humanas como o claro firmamento que por cima respla'l decia. Com a lua que se erguia nos erguemos nós também- do estava prompto, os negros de cajado na mão : —c todavi hesitavamos ainda, como o fraco homem hesita sempre peran'' o Irrevogável. Lembro-me bem. Adiante de nós alguns passo • Umbopa, de azagaia na mão, com a carabina a tiracollo, olha^l fixamente para o deserto: atraz de nós, n'um grupo, Venvogl'- com os Ires negros que levavam as cabaças d'agua, esperavam-

direitos e mudos: e nós tres, os homens brancos, muito juntos, sentiamos bater forte o coração.

De repente, o barão tirou devagar o chapéo. E com profunda emoção :

— Amigos, vamos começar uma das mais estranhas jornadas que homens têm ousado tentar. O que será de nós, não sei: mas, para bem ou para mal. juntos estamos, juntos nos encontraremos sempre ! E agora, antes de partir, ergamos o pensamento para Aquelle que tudo pôde !

Escondeu a face entre as mãos, ficou immovel. O Capitão •lolin e eu baixámos também a cabeça, com reverencia, com humildade. Eu por mim, confesso, nunca fui homem de orações. Caçadores de elephantes, na dura vida d'Africa, raro se lembram de fallar a Deus. Em todo o caso, n'aquelle momento, re-²ei- Rezei com fervor; e senti-ine depois mais alegre e mais !ºVe. Creio que o Capitão (religioso no fundo, apesar de praguejar medonhamente) também rezou. O barão esse era homem de medade e crença . . . Quando destapou o rosto, olhou em redor, (i|'gueu o braço, — e com um bello ar de resolução e de esperança :

— Prompto ? . . . Larga !

Os bordões resoaram na terra dura, — e largámos.

Para nos guiar no deserto tínhamos apenas as distantes montanhas de Suliman, e o roteiro que o velho D. José da Sil-%e,ra traçára 110 pedaço de camisa. Cada um de nós trazia na "'Ribeira uma cópia d'esse mappa rude. Mas, considerando que nssas linhas tinham sido riscadas por um homem meio morto, ha trezentos annos — era bem certa a sua utilidade? A nossa salvação, n'aquella jornada, seria encontrar a lagôa, ou pôça de d§Ua salobra que o velho fidalgo portuguez marcára a meio caminho entre a aldeia d'onde partiramos e as serras de Suliman. a não achassemos, tínhamos certa a morte, uma morte terri- a morte pela sede. E, para mim, as probabilidades de des-

cobrir uma lagoa de três ou quatro metros n'aquella vastidão de areia e tojo, parecia-me minima, infinitesima. Mesmo supondo que o Portuguez a marcára com exactidão — quem nos afiançava que n'esses trezentos annos ella não seccára ou nao 1'ôra coberta pelas areias movediças?

Era n'isto que eu pensava — emquanto silenciosamente^ como sombras, iamos marchando sob o luar silencioso. O caminho não era fácil : o tojo denso e espinhoso retardava-nos o passo : a areia mettia-se nos sapatos, e cada meia hora deviamos parar para os esvaziar : e apesar da noite não esta' quente havia no ar alguma coisa de pesado e de espesso, que amollentava. Mas o que sobretudo nos opprimia era a solidão, o silencio — o infinito, terrível silencio. John ainda tentou assobiar uma cantiga galante de bordo. Mas a toada jovial, o estribilho de ***teus doces olhos***, parecia lugubre n'aquella severa immensidade. O engraçado homem emmudeceu. E seguimo n'uma fila muda através do matto mudo.

Perto da meia noite, sobreveio uma aventura que nos assustou — e depois nos divertiu immensamente. John, como marinheiro, levava a bússola, e marchava adiante, guiando. De repente ouvimos um berro — John desapparece ! Ao mesmo tempo rompia em torno de nós uma balbúrdia medonha de roncos, bufos, grunhidos, sons de patas fugindo — e vemos formas, Os mo garupas, galopando através do tojo, entre rolos d'areia. negros atiraram-se ao chão, gritando que eram « demonios acodados»! Eu proprio e o barão ficámos surprezos : — e o isso assombro cresceu quando avistámos John, apparentemente montado 11'um potro, fugindo aos galões para o lado dos íjlontes, e ganindo como um desesperado. Um momento mais vêmol-o sacudir os braços no ar, e de novo desapparecer, inatto baixo, com um baque tremendo. Corremos para ellc percebemos o caso estranho : tínhamos ido cahir no meio d "» rebanho de zebras adormecidas: John estatelára-se exactamente sobre as costas d'uma, enorme: e o bicho, pulando espantado, abalára com o nosso amigo nas ancas. Felizmente nao magoara no tombo final: fomos dar com elle sentado na are'8

de monoculo firmemente cravado no olho, aturdido, indignado mas intacto de pelle e osso.

Depois d'isto marchámos socegadamente até perto das duas horas da noite. Fizemos então uma paragem, bebemos uns goles d'agua (não muitos, nem largos, porque a agua passava a ser preciosa), e ao fim de trinta minutos de descanço recomeçámos a caminhar para diante, para diante sempre, até que o nascente se tingiu de laivos de rosa. Vimos as estrellas desmaiar, vivas barras alaranjadas alongarcm-se ao rez do horisonte, a lua declinar mais livida que um cirio, longos raios de luz varar e colorir de fogo os nevoeiros, todo o deserto cobrir-se d'uma tremula retracção d'ouro — e ser dia !

Não parámos apesar de já cançados — pela certeza de rçue bem cedo o sol, nado e alto, nos impediria de dar um passo único, sob o seu torrido esplendor. Com effeito, ás seis horas Ia ardia ! Por felicidade avistámos então na planície um montão de rochas. Para lá nos arrastámos, exhaustos. E por felicidade maior, uma enorme lasca de pedra pousada sobre grossos blocos fazia como um telheiro, cuja sombra cahia sobre um pedaço d'areia fina. Abrigo providencial! Alli nos aninhámos: e, depois de beber alguns goles d'agua bem contados, e de comer uma lasca de ***biltong,*** adormecemos deliciosamente.

As tres horas acordámos. Os carregadores que tinham pazido as cabaças já se preparavam para voltar á sua arin-8a. De sorte que absorvemos uma farta terraçada d'agua, enchemos de novo os cantis, e distribuímos pelos homens as facas de matto promettidas. D'ahi a instantes vimol-os (não sem uma vaga melancolia) voltar costas ao deserto e romper a marcha Para o lado da sua aldeia, para o lado da frescura e da agua!

As quatro e meia mettemos de novo a caminho. A cada Passo tudo de redor se parecia alargar em silencio e desolação. Ao principio ainda avistavamos, aqui e além, entre o matto, um abestruz. Depois, nem mesmo reptis topavamos na planície arenosa. A nossa única companhia era a mosca, a mosca ordinaria e caseira . . . Digno e venerável animal I Em qualquer logar orn que o homem penetre, deserto, montanha, caverna — a mosca

lá está. Foi este decerto o primeiro dos seres vivos que surgiu sobre a terra. Já havia moscas para pousar no nariz de Adão. o derradeiro homem ha de morrer com uma mosca a zumbii'-lhe em torno á face. E talvez haja moscas no Paraiso.

Ao sol-posto parámos, esperando que nascesse a lua. Mais bella e serena que nunca surgiu ella ás dez horas — e toda a noite, sob o seu calmo e pensativo brilho, na mudez da vastidão, caminhámos, caminhámos ... O sol nado pôz um termo a valente marcha. Sorvemos por conta uns goles d'agua dos cantis, atirámo-nos para cima da areia, e alií nos tomou o somno a todos quatro simultaneamente. Não havia necessidade que um velasse. Nada tínhamos a recear, nem d'homem nem de fera, n'aquella immensidade despovoada. D'esta vez porém nenhuma rocha nos abrigava — e ás sete horas acordámos sob o sol faiscante, com a sensação que deve experimentar um bife de lombo achatado sobre a grelha. Estavamos sendo ***fritos!*** O sol p°r cima, a areia por baixo, seccavam-nos o sangue nas veias. 1 dos nos erguemos, de salto, quasi sem respiração.

— Santo Deus ! murmurou o barão, sacudindo os enxames de moscas.

— Póde-se chamar a isto calor ! gemeu do lado o Capita"-que arquejava.

Podia-se chamar, na verdade. E eram apenas sete horas • Em toda a vasta extensão nem um abrigo ! Só matto rasteii'o — e por cima uma vibração radiante, tão viva e intensa 1ll(1 viamos tremer o ar.

— Que se ha de fazer? exclamou o barão. E impossível aguentar isto !

Olhámos uns para os outros, estupidamente.

— Se abríssemos uma cova? lembrou John. Podíamos me ler-nos dentro e cobrir-nos com tojo ... É uma idéa.

Não brilhante ! Mas era a única : — de modo que, já 0011 a enxó, já com as mãos, passámos a abrir uma cova do tama . de nho aproximado d'uma larga cama. Cortámos uma porção matto ; e alli nos sepultámos, collados como sardinhas n'unia caixa, todos quatro, o barão, John, eu e Umbopa.—– porq1"

^envogel, como Hottentote, não sentia os ardores do sol. Foi ellc (!Ue nos cobriu de matto. Realmente, assim, estavamos ao abri- §º dos raios perpendiculares do sol : — mas que pavorosa ardência a d'aquella fossa em que cada torrão, junto do corpo, era como uma braza viva ! Não comprehendo como nos desenterrámos vivos. Dormir, impossível ! Jazíamos estendidos, hirsem ter já que suar, quasi cortidos, arquejando anciosarr>ente. Só possuíamos o consolo de humedecer de vez em quando os beiços com uma gola d'agua muito medida ! Esta avara ^edição da agua era o tormento maior. A cada instante necess'tavamos recalcar a furiosa tentação de sorver d'um só trago os quatro cantis. Mas quê ! se a agua faltasse — breve viria morte !

Tudo tem um fim n'este mundo, diz a Sabedoria oriental, c'ºmtanto que se possa esperar. Esperámos : a horrível, interminável manhã passou : e pelas tres horas preferimos encontrar 4 morte, andando (se a morte tinha de vir), a ser por ella len-'u,iionte envolvidos n'aquelle infame buraco. Reconfortámo-nos ,()m um curto sorvo á nossa agua, — que diminuía terrivelmen- e subira já á temperatura do sangue. E com um esforço "'mpemos de novo, através da planície flammejante.

linhamos transposto umas dezesete léguas de ermo. Ora "oteiro do velho D. José da Silveira, a total extensão do deserto eslava fixada em quarenta léguas ; e a famosa poça de a?Ua salobra vinha marcada a meio do deserto. A esse tempo, Portanto, devíamos estar a umas tres léguas da agua—se a "§ua existia ! Em toda a larde, porém, fizemos pouco mais d Uma milha por hora. Ao pôr do sol parámos á espera da lua. '^eixei-me cahir para o chão, como um morto, cerrei os olhos. \f

as d'ahi a um instante Umbopa fez-me erguer e notar, á dispneia de oito ou nove milhas, uma especie de outeiro redondo liso que se erguia abruptamente na planície rasa. Não pare-la unia elevação natural de terreno, na sua semelhança estran'la com uma metade de laranja. Quando me tornei a deitar adormeci logo, murmurando : « Que será ... ? »

Ao romper da lua de novo partimos, já alquebrados de

cançaço e de sède. O andar franco e firme acabára para nos- Era agora um arrastar de passos quasi cambaleantes, com pª' ragens bruscas de meia em meia hora, em que cahiamos para cima da areia, sem força, de coração desmaiado. Nem animo nos restava para conversar. Até ahi ainda gracejavamos, heroicamente. John sobretudo—jovial camarada! Mas agora ! Nem voz tínhamos para gemer !

Finalmente, perto das duas horas, vencidos de corpo e d'alma, chegámos ao pé do comoro estranho. Era uma especie d¹ duna d'areia, escura, lisa, atarracada, da altura d'uns trinta metros, e cobrindo na base duas geiras de terreno. Parámos. desesperados com a sède, sorvemos o resto da agua. Tinhª' mos meio quartilho por boca ! Podíamos ter emborcado um ª" mude !

Cada um em silencio se estendeu para dormir. Eu fechav¹ os olhos, resvalava já docemente no esquecimento e no sonho, quando ouvi Umbopa ao meu lado murmurar para si prop¹'¹º em zulú :

— O que é a vida ! Se ámanhã não achamos agua, a lua ao nascer encontra aqui quatro mortos . . . Vida, sombra que pª sa ! vida, murmurio que finda !

Apesar do calor senti um arrepio. Pois tanta era a fa^¹ ga, que confrontado por esta probabilidade (uma agonia de st de n'um deserto d'areia !), adormeci profundamente.

Eram quatro da manhã quando acordei. E bruscamente eu Irou comrnigo a tortura da sède !

Estivera todo o tempo sonhando que passeava á bei"¹ d'um regato d'agua, muito puro e muito frio, bordado de re vas e de grandes arvores de fructas . . . Quando me ergui esfre guei a face com ambas as mãos ; mãos e face pareceram-ˌnc mais sêccas e duras do que coiro ; e as palpebras e os bei¹,º5 estavam tão pegados, tão collados, que tive de os descerrai força com os dedos, como se os unisse uma colla forte. A m drugada ainda vinha longe : mas não reinava no ar a natur

frescura matutina, antes uma espessura molle e morna intoleravelmente pesada. Os outros dormiam . . . Fiquei callado, olhando em redor a desolada solidão. E pouco a pouco comecei a sentir de novo, junto de mim, o murmurio fresco do regato que corria, o ramalhar da verdura, pios d'aves, e toda uma sensato de paz, de sombra, de abundancia, que me fazia sorrir sósinho n'um immenso contentamento ... Ao mesmo tempo tinha a certeza do deserto e da aridez que me envolvia. Creio na verdade que delirei!

Voltei a mim, quando os outros em redor se começaram a mexer, erguendo-se devagar sobre o cotovelo, esfregando como eu as faces resequidas, separando á força como eu os 'abios sem saliva e mirrados. Já rompia a claridade. Apenas bordados todos, e conscientes, começámos a fallar da nossa s^uação — que era sombriamente desesperada. Não nos restava uma gota d'agua ! Voltámos os cantis para baixo, chupá-fios-lhes os gargalos. Mais sêccos que ossos ! O Capitão John. que guardára a garrafa de cognac, sacou-a da mochilla, consulou-nos com um sedento olhar.—Mas o barão arrancou-lh'a das Sos. Beber álcool, n'aquelle estado?... Era a morte.

— Mortos estámos nós (murmurou o Capitão encolhendo os hombros) se d'aqui á noite não achamos agua !

— Se o roteiro do Portuguez estivesse exacto, disse eu spirando, a poça d'agua devia apparecer por aqui, algures . . . oi n'esta altura exactamente que elle a achou . . .

Os outros nem responderam. Realmente nenhum de nós tiuha já confiança no roteiro do velho fidalgo. Mesmo que a po?a existisse — como encontrar n'essa immensidão o sitio exato e preciso onde ella estaria, mais pequena e perdida do que "uia moeda de prata n'uma praia d'areia? Só por um «bam-"Urrio» ! Ou só se ella jazesse junto d'accidente do terreno. 'le, pela sua especial saliência na vasta planície, inevitavelmente attrahisse os olhares e os passos.

A claridade ia crescendo ; e quando assim estavamos, lançando conjecturas, n'esta terrível anciedade — reparei que o "osso Hottentote Venvogel andava a distancia, com os olhos

no chão, lentamente, como quem procura um rasto ... De *repente* parou, soltou um grito, com o braço espetado para a terra.

—• Que é? exclamámos todos.

E corremos alvoroçadamente.

-— Pegadas de corço ! bradou elle em triumpho, apontando para o chão.

— E então ?

— Corços nunca andam longe d'agua !

— E verdade ! gritei eu. E louvado por isso seja Deus •

Foi como se renascessemos á vida. Não era ainda a agu11 — mas a esperança d'ella, para breve! E n'uma crise afflictiva como a nossa, uma esperança, por mais vaga e tenue, vale sobretudo pela coragem de que enche logo a alma.

Venvogei no emtanto começara a andar em redor, com o nariz erguido (o seu largo nariz mais chato que o d'um buli' *(log)*, sorvendo o ar quente, farejando.

— ***Cheiro agua!*** dizia elle, ***cheiro agua!***

E nós todos atraz d'elle, farejando também, quasi ***já mos*** a agua—sabendo bem que estes Hottentotes, como todo? os selvagens, possuem um faro maravilhoso. Mas n'esse instai te os grandes raios do sol que nascia bateram-nos o rosto. olhando, descobrimos uma tão grandiosa paizagem, que por i"11 momento esquecemos a agua e os tormentos da sêde !

Diante de nós, a umas dez ou doze léguas, rebrilhando £'o mo prata nos primeiros raios do dia, erguiam-se os dois enoi mes montes que o portuguez chamára «os Seios de Sabá»; 1 de cada lado d'elles, estendendo-se sem fim, durante centena"' de milhas, a vasta cordilheira de Suliman! Não é possível trans mittir, no verbo humano, a incomparável grandeza e bellc^1 d'aquelle quadro de montanha !

Alii estavam as duas enormes serras que não têm égua'*1 na Africa, nem creio que no resto do mundo, medindo pelo 111c nos mais de quinze mil pés d'altura, emergindo da cordilheira infinita—brancas, mudas, de portentosa solemnidade, enchend' o céo até acima das nuvens. E o que esmagava a alma, era n

assombrosa estructura. A cordilheira estendia-se como um muro disforme de granito, d'altura de mil pés: as duas serras formavam como os dois torreões d'uma porta, perdidos nas profundidades: a parte da serra que separava os dois montes, sendo talhada a pique, lisa e rigorosamente horisontal no alto, reproduza a configuração d'uma porta prodigiosa : — e o aspecto todo era como o d'uma muralha cercando uma cidade fabulosa de sonho o,, de lenda !

Bem justamente chamára o velho fidalgo portuguez aos dois montes «Seios de Sabá»! Tinham com effeito a forma permita de dois peitos de mulher: as suas vastas faldas iam subindo da planície, n'uma curva dôce e túmida, parecendo áquella distancia formosamente redondas e lisas : e no cimo de cada una, um immenso outeiro sobreposto, todo coberto de neve, semelhava exactissimamente a ponta, o bico d'um peito. Prodigiosa estructura ! Se a Terra, como pretendia a antiga Mythologia, é uma mulher, a enorme Cybele — ahi estavam decer-

os seus peitos ubérrimos ! Mas á minha imaginação (nunca muito inventiva, mas perturbada e excitada n'esse momento Pela fraqueza) aquillo tudo se afigurava uma muralha estupenda, cercando e defendendo uma região de infinito mysterio ; è a cada instante me parecia que a porta de granito ia falar, abrir-se com fragor, e desvendar algum segredo secular -— o segredo talvez da Terra d'Africa ! E o mais extraordinário foi que, emquanto assim contemplávamos assombrados> começaram a subir, a agglomerar-se em torno aos dois montes lentas e estranhas névoas e nuvens, como para esconder aos nossos olhos niortaes a magestade d'aquelle ádito, que a vontade divina nos deixara por um momento entrever.

am a pouco os «Seios de Sabá» estavam envolvidos de tcdo, Aguardados sob o mystico véo — através do qual só podíamos distinguir agora as suas linhas, formidavelmente espo- fraes!. . . Depois, mais tarde, descobrimos que esses montes, cu tudo singulares, estavam ordinariamente velados por esta riosa névoa, como por uma cortina de Sacrário. Só a certas horas, ao romper do sol, a cortina se descerrava, como

n'uma celebração, desvendando aos homens a maravilha sei» par.

Passada a violenta surpreza, de novo nos considerámos coi» a mesma anciosa interrogação —« que fazer?» Vonvogel insis-tia, convencido, que lhe ***cheirava a agua :*** — mas debalde bi's' cavamos, trilhavamos o terreno em redor, esquadrinhavamo* através do matto. .Nada ! Só a areia ondulando, com manchas matagal. Dêmos a volta toda ao singular outeiro onde pararamos de noite. Avançámos para os lados, em todas as direcçoe do vento, com attentos e lentos passos, e olhos sôfregos quº furavam a terra. Nada ! Nenhum vestígio d'uma nascente, d'uroª poça, d'um charco. Só areia, árido tojo.

— Idiota ! gritei eu desesperado com o Hottentote. Não lª> nunca houve aqui agua !

(Continua).

EL-REI D. LUIZ

Aos cincoenta e dois annos de edade, depois de vinte e oito annos de reinado, morreu na manhã de 19 de outubro, na cidadella de Gascaes, o vigésimo oitavo rei de Portugal, o Senhor D. Luiz I. Por longos e lamentosos dias velou a sua agonia a Rainha — cheia d'aquelle animo magnifico e grave com que na casa de Saboya, desde os velhos tempos de Humberto, senhor de Tarentesia, os homens affrontam os perigos e as mulheres as provações. E toda a Nação o chorou n'uma infinita piedade.

Com El-Rei D. Luiz finda um período interessante da nossa Historia. Durante elle Portugal, emergindo da anarchia doutrinaria que o desmantelava desde 1820, consumma o seu desquite com o Passado, quebra o seu pacto com os ideologos,—e entra resolutamente, para ventura sua ou para maiores e inéditos males, no caminho do Utilitarismo, do Fomento e do

Pi•ogresso Material. Para presidir a esta Revolução, ([iie cobriu a terra de instrumentos de riqueza e radicou na gente a importancia dos interesses, El-Rei D. Luiz era, pelas favoraveis feições do seu espirito liberal, transigente, modernizado, accessivel ás innovações, o chefe mais congenere e perfeito. D'ahi proveiu, entre o Rei beneficamente inclinado ás Reformas e o Reino que ardentemente se reformava, uma harmonia sólida e séria, que em vinte e oito annos não soffreu uma interposição, nem foi toldada por uma sombra.

Na paz politica que assim se creou (e que exteriormente teve considerável belleza), pôde lentamente através do Rei ser observado o Homem ; e este desde logo captivou o paiz pela sua genuina e positiva bondade. Victor Hugo affirmava que só existiam duas coisas verdadeiramente grandes — o Génio e a Bondade : Michelet accrescentava que d'essas duas grandezas só uma era verdadeiramente real — a Bondade. Decerto estes dois homens, supremamente bons e geniaes, entendiam por bondade — aquella virtude activa que, pela elevação e amplitude das suas manifestações, participa do heroísmo. O exercício porém d'esta bondade heróica necessita uma illimitada potencia e expansão de vontade, d'uma vontade sublimemente alheia ao mundo como n'um S. Francisco dc Assiz ou irresistivelmente dominante no mundo como n'um Trajano, —incompatível portanto com as limitações impostas, nas Democracias, a um Rei Constitucional. Dentro dos nossos organismos sociaes a virtude nativa d'um Rei só se pôde traduzir nas manifestações discretas e quasi

intimas da generosidade, da indulgência, da cortezia, da affabilidade, da bemquerença. Todas estas expressões de bondade as teve o Rei lamentado : — e ninguém mais do que elle, na terra em que reinou, foi amável, polido, modesto, caridoso, sereno e bem-acolhedor.

Ás excellencias de coração El-Rei D. Luiz alliava qualidades de espirito estimáveis e delicadas. As coisas do Saber, da Litteratura, da Arte, permaneceram sempre para elle superiormente valiosas e queridas. Não foi, como outros, um protector das Letras condescendente e distante ; mas elle proprio entrou activamente nas Letras como um diligente e bom obreiro, commentando e trasladando as obras de Shakespeare, que, por ser o Génio que maior somma de verdade humana poz dentro de maior somma de poesia imagetica, seduzia mais que nenhum outro o espirito d'El-Rei, onde se misturava ao bom-senso dos Braganças um dôce elemento de imaginação germanica.

D'esse fundo de realidade e de phantasia lhe veio o seu immutavel amor pela Pintura e pela Musica. Ambas estas nobres artes praticou com um gosto firme ; e d'ambos se cercou profusamente, não como complementos ricos d'uma vida bem-ornada, mas como fontes de emoções e de sentimentos, onde a sua alma, quando invadida pela desillusão dos homens e das coisas, achou encanto e consolação.

Intelligente e bom, elle reuniu as duas superioridades que perpetuam a memoria d'um homem. A sua intellectualidade, porém, era mais própria para agradar

aos espíritos letrados e eruditos; e a forma da sua bondade própria, sobretudo, para prender as multidões simples e emotivas. Por isso a sua bondade será sempre mais lembrada que a sua cultura. Talvez o povo, renovando um costume sentencioso das edades passadas, lhe venha a dar o nome de ***Luiz-o-Bom.*** Hoje, nas sociedades democratisadas, não ha já possibilidade histórica de que um Rei conquiste o cognome de ***Grande.*** Mas se tal conquista ainda fosse realisavel no nosso tempo, nenhum louvor maior se poderia prestar a El-Rei D. Luiz do que afoutamente affirmar que elle proprio preferiria ficar simplesmente nos corações como ***Luiz-o-Bom***, a entrar solemnemente na Historia como ***Luiz-o-Grande.***

Um príncipe moderno, brilhante, cultivado, requintado, de aptidões complexas e fortes, de intelligencia largamente absorvente, de vida excellentemente pura, sobe por seu turno ao throno sete vezes secular.

Começa este Reinado no momento em que, pela dispersa hesitação das intelligencias, pelo incurável enfraquecimento das vontades, pela desorganisação dos Partidos, pela inércia das Classes, — o Rei surge como a única força que no Paiz ainda vive e opera. E por isso mesmo que a auctoridade vital, que, desde 1820, se escoára do throno e se espalhára pelas instituições democráticas e pelos corpos que as encarnam, parece refluir ao Throno para 11'elle se condensar de novo — o Reinado abre entre difficuldades, que lhe impõem responsabilidades. Os deveres d'El-Rei, n'estas condições, encontrarão certamente 110 seu patriotismo a

inspiração mais segura e mais pura. Os nossos deveres, esses, claros e singelos, consistem em cercar de facilidades o Rei que dá os seus primeiros passos reaes, em todo o viço do pensar e do querer, — acompanhado por uma Princeza, adoravelmente preparada, para collaborar na obra da coroa, com esses finos dons de graça e de doçura, herdados da sua raça e da sua patria, e que sempre, desde todos os tempos, foram os mais efficazes para vencer e reter, não só o prompto coração, mas a razão resistente dos homens.

NOTAS DO MEZ

O parlamento, em França, abre proximamente, possuindo, como novidade — mais um Partido parlamentar com o seu Chefe no exilio.

Foi este o resultado das eleições de 22 de setembro, e do desesperado esforço que os partidos organisados e definidos desde 1872 tentaram para arrancar ao suffragio universal o segredo da sua definitiva preferencia. O suffragio universal quiz, além dos quatro velhos partidos, Opportunista, Radical, Orleanista e Bonapartista, um outro Partido novo no Parlamento — o Boulangista. Com elfeito, emquanto os quatro partidos chegam das mãos do suffragio com o seu pessoal inalterado e quasi intacto — o Boulangismo, que era um bando vago e errante, apparece convertido pela eleição n'um partido compacto e estável. Paris (o voto de Paris outr'ora, como a cançoneta de Paris, alastrava, percorria toda a França !) Paris declarou-se boulangista, com a unanimidade de 27 de janeiro. For outro lado certos departamentos enfeudam-se definitivamente ao boulangismo. E tendo sido uma guerrilha de ***de:*** aventureiros na Camara passada, o boulangismo vem ser na Camara actual um partido de ***cincoenta*** deputados.

É uma victoria. Mas uma victoria que importa a annul* lação do boulangismo e do general Boulanger — porque es'ı'

"ornem, improvisado na rua, n'uma cidade e n'um momento historico em que uma cantiga dá mais reputação que dez batalhas, ganhava em continuar a receber unicamente a sua fordos enthusiasmos e das correntes emotivas da rua. Só pela rua elle galgaria ao poder — e quanto mais se constitucionalisa, ^ais se despopularisa. Paris nomeou e acclamou Boulanger em ^ de janeiro para que elle lhe fizesse, depressa e ***tambour battait***, uma revolução contra o Parlamentarismo. Desde que elle Porém se torna lambem parlamentar, a sua utilidade cessa, o seu brilho morre — e Chefe ausente, com um partido na cama-'a girando dentro da Constituição, elle é apenas um pretendente 'uais, sem valor pessoal e sem tradição histórica, que erra em 'orno das fronteiras da França, esbatido nas brumas do exilio.

Os ganhos eleitoraes de 22 de setembro provieram da '"dignação contra os excessos judiciaes da ***Haute-Cour;*** do espirito ***frondeúr*** e sempre anti-governamental de Paris ; d'um ^to considerável de sympathia ; e da teimosa esperança em fl'Ue o antigo Messias e os seus apostolos fizessem emfim a Evolução adiada. Ainda na manhã de 22 os boulangistas affirniavam nas suas proclamações : «se hoje vencermos pelo ^oto, completaremos á noite o triumpho com as armas !» A vitoria eleitoral não veio : — e em Paris, hoje, com o general Saussier no cominando da Praça, o exercito absolutamente dis-''plinado e fiel, as ruas asphaltadas e estrategicamente disposlas) e a massa burgueza hostil a todo o tumulto que estrague os "•eros da Exposição — é impossível uma surpreza revolucionaria, tentada por uma minoria. Tudo tem de ser feito dentro do Parlamentarismo : e desde que o general Boulanger e os seus, "ansformando-se de bando em partido e subindo da praça ao ' arlamento, ficam envolvidos no machinismo constitucional e 'aduzidos a essa eloquencia esteril e a essas estereis combinavoes que eUes com tanto furor denunciavam, a sua missão e razão de ser findaram — e a corrente cesarista, que só pôde Nencer pela revolução, tem de se voltar para outro lado, á procUra d'outro Cesar.

A segunda feição da camara será a decadencia (dentro

d'ella) do Radicalismo que volta da urna diminuído em numero, com os seus chefes e inspiradores (Clemenceau, Goblet, Yves Guyot, Lockroy, etc.) ou derrotados, ou desprestigiados pelo ultrage do ***empate;*** e por outro lado, parallelamente, a inffluencia crescente dos homens (Leon Say, Germain, etc.) que nº partido republicano representam mais salientemente as idéas de reforma economica, de tolerancia religiosa, de moderação e de paz. Perante isto os Opporfunistas ou moderados exultam com estridor, e proclamam que a estabilidade politica esta finalmente creada. Mas nunca na realidade a França esteve tão instável : — provindo sobretudo essa instabilidade de que os cem votos de maioria, de que se ufanam os Republicanos, na" formam a segurança e a defeza d'um partido, mas a única defeza o segurança do proprio Estado. Cem votos de maioria- eis o que em França garante e sustenta a Fórma do Governo • ***Cem*** votos de maioria — eis toda a base que têm em França as Instituições 1 Na Inglaterra, que as eleições sejam ganhas pe' los Conservadores ou pelos Liberaes — o regime permanece tao solido e indifferente a essa mutação como o proprio sólo geolo gico. Em França, que ámanhã esses cem votos (obra de du zentos mil eleitores) passem dos Republicanos para os Consei vadores — e eis por terra o regime, o pessoal, os costumes i as Instituições republicanas ! A França está dependente d um poucos de papeis brancos lançados n'uma caixa de pau. Ora esta instabilidade, alimentando sempre a esperança dos partido- monarchicos e aviventando sempre a desconfiança das velha monarchias, impede que a França consiga a fusão dos se"' partidos, e conclua tratados de alliança : — e assim se torna'11 cada vez mais irrealisaveis os dois grandes desejos do pátrio'1, mo — a pacificação dentro da fronteira, e a desforra para alei1 •

Em Londres organisam-se consideráveis greves, como (1 rollario da grève dos trabalhadores das docas que findou —' dendo a Companhia a todas (ou ás mais essenciaes) exige11'' dos operários.

Quatro feições interessantes e novas caracterisarani essa greve instructiva e fecunda — e são talvez para as outras de excellente promessa. Em primeiro logar os trabalhadores (pertencentes todos ás mais incultas e violentas classes de Londres) mostraram durante semanas um respeito da ordem e da propriedade, uma attenção intelligente ás razões económicas, uma capacidade de soffrer com serenidade, um sentimento de disciplina, uma pertinacia moral, que fariam honra aos cidadãos mais forte e elevadamente educados para a vida civil e para °s deveres do patriotismo. Em segundo logar, as classes superiores, as menos inclinadas a comprehender ou attender as reclamações das plebes, manifestaram por ellas uma sympathia do razão e de coração raras e inesperadas n'essa Inglaterra ciue Taine ainda ha annos representava, e muito justamente, como uma besta rude e fera (a Plebe) que um cavalleiro bri-Hiante e delicado (alta Burguezia e Aristocracia) monta e subjuga por meio de fortes cadeias de bronze, não lhe permiti indo sequer o queixume e negando-lhe quasi a ração, "-m terceiro logar os bispos, á maneira dos bispos da meia-edade, intervieram n'esta lucta do feudalismo capitalista e das plebes operarias, proclamando officialmente esse Socialismo ^liristão que hoje agita a Egreja em Inglaterra, e que (segundo foi definido na Conferencia Diocesana reunida ultimamente nm Carlisle) tende em todas as questões sociaes a tomar francamente e apaixonadamente o partido do pobre, sem todavia lhe ''adicar a idéa de que tudo está salvo, e a sua felicidade fei-'a em céo e terra, desde que elle coma com mais abundancia e vista com mais conforto. Emfim a quarta feição d'esta greve foi o começo da descentralisação commercial de Londres, dispersando parte do movimento marítimo por Southampton, Car-

e Liverpool, com elle esvaziando Londres da sua agglomera-Çao excessiva de operários, e desobstruindo assim uma cidade (lUe pelo seu accrescimo de 80:000 almas por anno se vae tornando um monstro social e economico, ingovernavel e perigoso para o equilíbrio do Estado.

A morte do príncipe reinante de Monaco e os renovados boatos do abandono de Roma pelo Papa têm uma relação pittoresca, — porque de ha muito o Principado de Monaco é considerado como o logar que a politica e a geographia marcam como o mais adequado á residencia do Papa.

Este Estado, que se compõe d'um rochedo e d'alguns jardins, e que é independente ha novecentos annos sob o dominio dos Grimaldis, apresenta-se, já pela sua situação, já pela sua tradição, como o único refugio possível e durável para um Papa independente e soberano. As anemias e doenças de velhice, de que ordinariamente soffrem os Papas, encontrariam além d'isso em Monaco o mais salubre e favoravel clima. A centralidade do Principado poria o Chefe da Egreja em fácil e accessivel contacto com as populações catholicas do Meio-Dia. O ciúme tradicional da França e da Italia, em questões de Papado, garantiria segurança e independencia a um Pontífice collocado entre ellas. O palacio actual de Monaco, se não tão sumptuoso como o Vaticano, é ainda acceitavel para o Chefe d'uma religião de pobreza. Os grandes fundos accumulados pelo subsidio italiano (que o Papa nunca tocou) bastariam a construir outros edificios para as Congregações e para o Sacro Collegio. Os Monaquenses, excellentes catholicos, cercariam o Papa de amor e de respeito. Esse amavel e ditoso povo que não paga tributos (quem os paga por elle é o Casino do Jogo) não seria Lambem tributado pelo Papa, a quem deve bastar o dinheiro de S. Pedro: e, além de ganhar espiritualmente, remindo-se pela contemplação directa da virtude do Inferno a que o tem votado a contemplação directa do vicio, o Monaquense ganharia ainda materialmente — porque, como objecto de peregrinação universal, o Papa vale a Roleta.

Por outro lado, morto o velho Carlos III, Monaquense aferradamente apaixonado pelo seu rochedo, — o seu successor, o novo chefe da casa dos Grimaldis, venderia decerto o reino em condições excepcionalmente vantajosas. Este moÇº virtuoso e superior abomina o jogo, nunca habita o Principado, occupa-se sobretudo de explorações submarinas, e a sua

tendência é para Paris onde o chamam os seus gostos de erudito e as relações da sua noiva, a senhora duqueza de Richelieu, parenta de Ilenri Heine e millionaria.

O Papa fóra de Roma desmancharia a belleza e a unidade da tradição histórica: mas a sua installação em Monaco terminaria um grande escandalo no seio da Christandade, e livraria dois dignos e excellentes Príncipes, Leão XIII e Humberto 1. d um insolúvel e torturante embaraço.

A China vae aproveilar-se emfim d'um dos grandes instrumentos da civilisação occidental. O novo Imperador, Kuang-Sou, "Uctorisou a construcção d'um caminho de ferro de Pekim a ^ankow — n'uma distancia de setecentas milhas. Esta obra esava já planeada : mas o velho Partido Conservador obstara sempre á sua realisação, com a razão (ou com o pretexto) de 'lue uma ruidosa acceleração de movimento perturbaria a tranquilidade rural da China, provocaria a repugnante presença dº estrangeiro, e oífendendo, com a applicação de ***rails*** e peruração de tunneis, a santidade e recolhimento da Terra, poderia ^sgostal-a e leval-a a esses movimentos impacientes que nós "•aniamos ***terremotos.*** A Imperatriz regente partilhava estas 'déas. O novo Imperador, porém, que é (segundo affirmam os "es ou quatro europeus, que, como Sir Robert Hart, têm os l)rivilegios de grandes dignitários chinezes) um moço de fortes eaPacidades e de esplendida energia, decretou a innovação eurºPèa por motivos d'ordem economica e politica.

Economicamente, este caminho de ferro construído sobre 'ºr"eno que não custa quasi nada, por trabalhadores que quasi llada ganham, deve necessariamente dar lucro ao Estado — por'ue o alimentar e vestir Pekim garante um immenso trafico do mercadoi 'ias, e o movimento d'uma população, tão móbil e flutuante como a ehineza, garante um prodigioso trafico de passaSeiros.

Politicamente, por meio de caminhos de ferró, o Impera('or consolida o predomínio e absolutismo de Pekim — até hoje

embaraçado no seu exercício pelas vastas distancias, pela difficuldade de fiscalisar os mandarins governadores de província remotas, pelo custo de concentrar e expedir rapidamente tropas, e pela impossibilidade de centralisar o commercio e as finanças na capital.

Toda a Europa folga com este decreto ; a Inglaterra sobretudo, porque vê n'elle uma primeira acceitação das idea* occidentaes, e através d'ollas um accrescimo de influencia no Mandarinato de Pekim.

Parece prematuro este folgar. Não será por viajar mais rapidamente que a China perderá o seu desprezo e horror pelo estrangeiro. Esse desprezo tem raízes na Moral e na Religião que nenhum melhoramento nos meios materiaes de transporte conseguirá modificar. Nem os nossos progressos industriaes. nem a nossa intelligencia e sciencia, constituem influencias bastante fortes para deschinezar o chinez. Pelo contrario! Quanto mais nos conhece — menos respeita uma civilisação que se Hie afigura singularmente tumultuosa e esteril. Os Chinezes que habitam a Califórnia, e durante um tempo se misturam ao que a civilisação material tem de mais moderno e completo, voltam para a China com um patriotismo duplamente enraizado e fanatico : — e ainda ha pouco um Chinez erudito e europeo' nado nos affirmava « que quanto mais estudava Paris, — ilhais admirava Pekim. » As nossas classes operarias e ruraes parecem-lhe atrozes : — e os nossos conflictos sociaes de capital e trabalho uma rude e estúpida manifestação do barbárie.

Todo o ganho da Europa com os caminhos de ferro que a China se vae talvez cobrir — será expedir para lá alguns engenheiros, exportar alguns milhares de toneladas de ferro e collocar com melhor juro o dinheiro que agora recolhe inglezes languidos 2 1/2 por cento. O seu commercio com a China decerto crescerá — ainda que esse commercio, e sobretudo a sua fiscalisação e direcção, não sahirá das mãos dos Chinezes. E a influencia e predomínio decrescerão — porque o governo de Pekim sentindo-se mais forte tornar-se-ha mais intransigente.

Em todo o caso o Imperador revela n'esta decisão as Pr

"leiras linhas d'uma nova e grande politica. Infelizmente dizem 1Ue a sua saúde já decae : — é enfezado, pensa e estuda em demasia, tem o craneo desconformemente desenvolvido, e soffre d'uma melancolia incurável.

Portugal realisou o ceremonial exterior das suas eleições : porque as eleições cilas próprias já estavam feitas, havia muito, segundo o costume consagrado e venerável, por meio de l|ma lista de círculos e um lápis, no remanso das secretarias. Restava só a solemnidade de ***ir o povo ás urnas.*** Todos sabemos, porém, que em muitos círculos se evita o barulho e a poeira d'esta ceremonia — reduzindo a eleição a uma simples acta lue as auctoridades lavram depois da missa, a um canto da Sacristia. O povo, esse, fica nas suas moradas, quieto, e certo de que o snr. Administrador está «fazendo» o snr. Deputado.

n'isto uma louvável e notável simplificação do systema. ->las uma simplificação maior seria que o governo nomeasse os '•'epuLados por meio de portarias ; e que elles, desde logo, como empregados públicos, pagassem direitos de mercê.

O snr. D. Pedro IV, como elle mesmo dizia, ***constitucionalisou Portugal ú força,*** como uma vara d'aço que se verga, "upellindo-o «á iniciativa dentro do regimen representativo.» Na s"a indole porém e nos seus costumes, Portugal ficou em pleno século xvm : — e, como a vara que se levanta logo que a mão fºrte a abandone, o paiz vae regressando á sua altitude natural, que é « a obediencia dentro do regimen pessoal. » Uma maior'a nomeada pelo governo e que passivamente obedece ás ins-'rucções do governo; um governo organisado por um Chefe, e q[Ue fielmente segue as indicações d'esse Chefe — eis o nosso lístado politico actual, que não differe muito, na sua essencia,N dº que caracterisou os reinados dos avós do nosso Rei. Ura Chefe de partido entre nós, tendo a confiança da Coroa, é um v'erdadeiro dictador : — e o nosso regimen uma dictadura real exercendo-se dentro d'um constitucionalismo ficticio. Isto poder'a ser um mal se nos surgisse um dia um dictador do tvpo

Guzman Blanco ; — mas pôde ser um bem, se um dia esse Chefe de partido fôr um magnifico Bismarck. Não é todavia provável que este paiz, onde gradualmente calmou e se sumiu toda a violência nativa, produza Guzman Biancos. O presente regime portanto afigura-se-nos excellente — e só nos cumpre-dentro d'elle e abrigados por elle, esperar com paciência e bonhomia que nos appareça n'uma manhã de nevoeiro esse Bismarck genial e providencial.

João Gomes.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Serões manuelinos. I. *A Senhora Duquesa,* por LUCIANO CORDEIRO____Lisboa, 1889

K principalmente, pode quasi dizer-se— exclusivamente, o trabalho d'um '"dito. Ao lêrmos essas trezentas paginas compactas e chorudas, tão provi-[11,1]"ienle enceiieiradas de annotações, ampliamentos, datas e engorgitações [J]''''"ographicas, quilo ingenuamente desguarnecidas do *virtuosismo,* do desen-^[<ulo]i da arte c da eiegancia (jue melhormente formam o paladar dos traba-[os] litterarios, sentimos cocegar-nos a pituitaria um como ar bafiento e frio Wonasterio, e afigura-se-nos que *A Senhora Duqueza* foi composta 110 silen-[10] daustral d'uma celia húmida e pequenina, entre puiveruiosos alfarrabios, [CSci]ipta por mão alternadamente gavinhando e pitadeando, forrageando 110 '"onte e rabiscando o pergaminho.

Não é isto por fórma nenhuma, — entenda-Se, — desluzir a obra notável [s]"r. Luciano Cordeiro. Ella é um trabalho valiosíssimo, que não deve, que [,lo] Pôde passar despercebido, ainda que mais não seja do que como reivin-[J]Cào da Verdade e como restituição á grande, á implacavel luz da Histo-de factos e personagens que o cortezanisnio interesseiro d'uns e o censura-' desleixo d'outros tinham feito refugar para a discreta e fallaciosa penumbra [11] uma Lenda incongruente.

Na antemanhã do dia 2 de novembro de 1512, uma tragedia sangul-'"-nta, d'uma grandiosa envergadura c d'uma pungente realidade, acordava „

^ em sobresalto as justiças e a população de Villa Viçosa, ia repercu-^ breve junto da côrt.e escandalisada, e alastrava o rasto do seu clarão sinis-" Pelo paiz, suspenso e pasmado. O duque de Bragança, D. Jayme, tendo "'Prehendldo na camara da esposa um moço pagem, de nome Antonio Alco-

forado, fizera degolar este por llllll escravo negro e decapitara a duqueza golpes de terçado. Antes de proceder á sangrenta execução, tinha o duíl'"-mandado chamar o juiz ordinário da villa, e o tabellião e o ouvidor de su» casa. Xa frente d'estes e d'alguma famulagem, infligira aos conspurcadores seu noine immediato e summario castigo, soleninemcnte, fidalgarnente, com 0 convicção de que procedia dentro da Lei, movido d'um impulso nobre "e quanta nobreza podia caber ainda no declivio d'aquella situação affrontosa, a mão vingadora e firme, e o coração abroquelado d'uma estóica e gélida se'1 nidade.

Acreditou-se 110 adultério. Os annaes do tempo, as memorias e tradiÇ°e coevas, a consciência e a razão dos contemporâneos envolveram a bem diz[cl] unanimes a relação do trágico successo n'uma quasi abstemia de comment[3] rios, n'uma discreta reserva que era uma approvação, n'um silencio conTorn[1,1] do e indifferenle, que era um tácito applauso. Isto durante muitos ann[05]- frc- Apenas uma ou outra vaga referencia á injustiça da morte de D. Leonor, quente, a affirmativa do adultério commettido; em caso nenhum a fiiiafa[0] segura e convicta da Lenda da innocencia. — Prova-o exuberantemente o sn Luciano Cordeiro.

Mais tarde, a alta solicitação de vastos planos politicos (pretensão de I • Calharina á corôa portugueza), junta coni o corlezanismo e a bajulação P[a1,1] ciana, deram-se a rehabilitar a memoria da mallograda duqueza. QuizC'[11]" fazer da culpada uma victima, da peccadora uma santa. Então esfervilhara"[1] as hypocritas invenções, os subtis disfarces, as interesseiras patranhas, Q[ul] Caetano de Souza se apressou em salgalhar sem escrupulo nem critério na s[lia] obra colossal. Então Vieram as narrações da religiosa Valdarrama, <l° 'r' Martinho Escrivão, da mulher *de boa vida*, Maria Vaz; e o milagre *do saMJ que se conservou fresco;* e a Versão *da* joio, attribuida a Tristão Guedes Queiroz.

O caso é que a pia fraude d'alguns bem intencionados e o zelo ser dos chroniquelros aulicos em boa parte conseguiram delir a Verdade, carreai para sobre o épico perfil do duque todo o odioso cruel do acontecimento» rebocar a mordida reputação da duqueza, conto um velho azulejo, com um ' vissirno lençol de innocencia e de pureza. Veio até nossos dias esta desvir"[1,1] ção, esta masearra absurda e criminosa. O pobre marido ultrajado tem s'^0' por quantos escriptores hão tratado ultimamente o assumpto, coberto de [11] justos apodos, de insultuosos epithetos, de immerecidas censuras. Era, scfc" do elles, um *hupocondriaco* exacerbado, uma *alma tisnada de /analico,* unia "c *rola besla fera.* Gonçalves Dias e Luiz de Campos, nos seus dramas 6° [1] aquella noite funesta, dão como limpa de macula D. Leonor. — Conse<Ju[el] cias, — como se vê, — d'um erro muito adredemente lançado cm curso e 1[u] subsequentemente a leveza, a lgnorancia e a elastica probidade em letras t feito bom.

O snr. Luciano Cordeiro, tendo-se dado ao assumpto, e não lhe soffrendo o animo coilaborar na cumplicidade da manutenção d'um erro e d'uma inlistiça manifestos, propôz-se a restabelecer a verdadeira, a única versão logica e humana do trágico successo. Tendo lido e examinado detidamente o .1»-lo e *Inquirição* que se tirou sobre a morte da duqueza, — e que é um documento da mais irrefragavel e esmagadora evidencia, — o illustre homem de letras, com uma isenção e uma coragem que o honram sobremaneira, não só lhe deu publicidade, mas pfiz-se a erguer e a bordar sobre elle a individuadade dos personagens e a modalidade das circumstancias que determinaram Çuelle duplo assassinato.

Bem merece por isso. Com um levantado e justo critério e uma serena ia independencia,. o snr. Luciano Cordeiro veio offerecer-nos os termos oquentes d'esse processo escandaloso, que o cortezanismo de ha dois séculos Unha todo o cuidado em occultar; e escovando, lexivlando a essência dos fapieando-lhes o rebóco da mentira officiosa, apresenta-nos o sangrento Plsodio desnudado c simples, na sua fulminante sinceridade.

D. Leonor de Mendonça deixa de ser uma *Desdemona,* para ser uma tlultera banal. Terá attenuantes, se quizerem, na sua incompatibilidade com o duque, no temperamento, na educação, nas suggestões do *meio,* nas condições em que lhe fizeram o casamento. Mas nem por isso deixa de ser culpada, conforme o snr. Luciano Cordeiro no seu novo livro nos vem mostrar.

Grande louvor por isso merece, repetimos. É um novo liorisonte que abriu á historia, um novo céo que rasgou á inspiração de artistas e poetas. Simplesmente, .1 *Senhora Duqueza,* se é uma obra douta, não consegue ser uma obra de arte. O proprio auctor parece modestamente reeonhecel-o, quando diz: — *querendo fazer um romance, mas apenas procura instruir* um *processo.* — E certo ó que o estylo é pesado, artificioso, tecido laboriosamente, nebulento, e a lucta muitas vezes palpável e improfícua para realizar uma dada justele expressão. Quando se explana uni pouco mais, pretendendo dar a psychologia dos personagens, o auctor chega mesmo a ser sibyllino, não se comprehende; é preciso adivinhal-o. Depois, os episodios confundem-se e atropelam-se sem medida, sem arte, sem uma sequencia elegante e lógica de exposição; e a época não vive, não palpita n'aquellas paginas, onde apenas as pessoas e os factos se registram n'uma ordenação fria de inventario.

O que mais fere e incommoda, é o abuso de expressões antiquadas, que o auctor fez, sem duvida, illudldo por uma pretensão de vernaculismo, mas e se lhe converteu as mais das vezes de atavio em defeito; como, por exemo verbo *fora-se,* que tanto encontramos lla obra:—*jura-se a acó paterna--. a Anna fòra-sc...* — e que. adulterado pelo tempo, tem boje uma significação ambígua.

Todavia—repetimol-o — como obra documental, como reivindicação storica o livro em questão é uma obra de valor. Cella resalta bem evlden-

te e bei» nítida, não obstante duas incongruências de tomo, a culpabilidade d- duqueza. São essas incongruências:

x.ª — Os amores de D. Leonor com uma criança. Não é muito vero» mil que uma andaluza ardente e forte, de 24 annos, oriunda d'uma boa e g* nerosa raça, escolhesse para acalmar-lhe as demasias do sangue um rapaz" imberbe e apenas núbil, um homem por fazer. Não podia abastal-a, de certeza. A velhice é que procura de ordinário esses remoçamentos viciosos. A d"' queza mais natural era que se désse a uma ampla e robusta virilidade.

2.ª —• A contradança das cartas, das mãos da duqueza para as da AH"' Camélia, e uicè-*versa,* dentro da celebre *bueta.* Esta circumstancia, em l aliás tanto se insiste no processo, é do mais grosso inverosímil. Pois quando nós vemos que qualquer menina solteira, ainda a mais leviana, a mais descui* dosa, a mais fútil, é tão cuidadosa no occultar dos bilhetes amorosos que rt" eebe, como comprelicnder que uma nobre senhora, casada, esteja confia'"' constantemente d'uma aia, d'uma *dona,* e expondo portanto, — era fácil!"" ao mexerico, á intriga, papeis que a compromettem soberanamente, e em cuJ" phraseologia inflammada e torpe andava esfrangalhada, a um tempo, a slli honra, e a honra e o bom nome de seu marido?

Só uma impudente ou uma desequilibrada.

Em summa, podia ser. De mais estamos nós vendo, todos os dias, rela» pear na densa monotonia da Vida as mais espantosas inverosimilhanças, mais imprevistos absurdos.

O Secretario da Redacção

Manoel da Silva Gayo.

A EVOLUÇÃO

DA

LITTERATURA BRAZILEIRA

Sum In uri o

' ' A litteraturu colonial, prolongamento da litteratura (lo reino — Factores que Produziram o brazileiro e valor do elemento portuguez — O índio —O negro — Prenúncios de emancipação litteraria — Gregorio de Mattos e Antonio José.

" — Minas-Geraes centro de cultura no século xvm — A influencia da Encyclo-Pedia franceza na *Arcadia Ultramarina* — A epopeia — Basilio da -Gama e Durão— O lyrismo precursor da transformação romântica—As sciencias ex-Perimentaes — A economia politica — A poesia patriótica.

"I — A renovação romântica e sua fácil acclimatação no Brazil — Falta d'uma Verdadeira comprehensão d'este movimento revelada no indianismo — Faces múltiplas do romantismo brazileiro—Domingos de Magalhães, Gonçalves Dias, •Álvares de Azevedo, Fagundes Varella, Castro Alves e Tobias Barreto — A °Popeia — Seu convencionalismo na sociedade moderna.

-—Apparição da poesia scientifica — Aspectos diversos da poesia contemporâ-nea — Manutenção da corrente lyrica — Estiolamento do parnasianismo.

^ — O romance, forma perfeita da litteratura moderna— A preoccupação india-nista — A mulher brazileira estudada por José de Alencar, Macedo e Machado f'e Assis — Introducção no romance do espirito provincial — Bernardo Guima-rães e Franklin Tavora— O naturalismo-—Sua carência de analyse psycholo-gica.

'"— O theatro — Razões de sua pobreza —• Superioridade da comedia.

''' •— A philosophia positiva — Lucta contra a theologia e a metaphysica—Cel-so de Magalhães, Tobias Barreto e Sylvio Romero — O espirito critico — A his-toria— O renascimento scientifico.

Até meiados do século xvm a litteratura brazileira, isto e, a manifestação dos sentimentos da nação brazileira considerada como um aggregado moral, uma familia espiritual ligada por tradições e aspirações communs, não existe: constitue um mero prolongamento da litteratura da metropole. Afóra as tendências geraes que em certos períodos têm arrastado o gosto litterario n'uma determinada direcção, por exemplo o movimento culteranista do século xvn reagindo em todo o Occidente europeu contra o exaggero da imitação classica, e a renovação romantica do começo do século actual indo beber a inspiração nas fontes medievaes, Portugal sobrepunha-se primitivamente a sua colonia com toda a arrogancia de um meio culto e educado pouco proprio a sei' comparado com um campo de lucta ph)" sica pela existencia, onde os batalhadores quasi não tinha» ocios para emoções poéticas nem para especulações philosophicas.

Os aventureiros brigões que abordavam á terra da \eI Cruz sob o commando de uns fidalgotes sem vintém vinhal" ávidos, não de errar contemplativamente pelas magnificas florestas virgens, mas de arrecadar com uma ganancia toda sem1' tica uns saquiteis do ouro, desenferrujando aqui e acolá a e>s' pada no sangue dos indígenas. Os jesuítas a grande custo de fendiam os selvagens d'estas brutalidades, mas todos, sacerdotes e soldados, accordavam em pretender eleval-os no espaÇo de poucos mezes a um nível de civilisação incompatível com 11 sua estructura cerebral e que no velho mundo era fructo d1 uma integração de desenvolvimentos parciaes feitos através de muitas gerações.

O tempo, como dissemos, não sobrava muito para desl"B lios intellectuaes na lucta constante, de todo o momento. doí

dois primeiros séculos, com os aborígenes ferozes e muitos d'el-'es anthropophagos e com os invasores estrangeiros, francezes, hollandezes, hespanhoes e inglezes que até o século XVIII em que tivemos a cruel visita de Duguay-Trouin, não cessaram de crivar o littoral brazileiro com os projectis dos seus canhões de bronze. N'esta communidade de esforços e fraternidade de pensamentos se ia no emtanto formando o sentimento nacional, que Se revela com clareza na segunda metade do século findo, quando a litteratura começa a florescer com maior vigor.

Até então as lettras brazileiras offerecem-nos uma imagem Pouco brilhante das modificações por que ia passando na metrópole a corrente das idéas, sob a acção de influencias estrangeilas- Ainda hoje a grande nação sul americana conserva no seu organismo politico e social a vibração do longo dominio portuk'uez, não tendo conseguido distanciar inteiramente a sua litte-'atura que desabrocha com tanta louçania da despótica influenza ethnica que peza sobre todas as manifestações de vida do Paiz. Na composição do forte producto mestiço, typo differen-''ado que iorma o brazileiro, o portuguez entra como factor Preponderante, evidenciando-se physiologicamente no predomínio da cor branca e psychologicamente, entre outras manifesta-'oes, na esplendida irradiação do lyrismo brazileiro, a mais bella expansão emocional da America do Sul, e que directamente encontra. a sua filiação no dôce e melancolico lyrismo Portuguez, que no século xvi produziu Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão, e que recentemente nos deu Soares de Passos e João de Deus. O Brazil forma histórica e moralmente ma nação, com fronteiras delimitadas na sua maioria, consti-'Ução própria e tradições locaes cimentadas, e comtudo só ha Pouco a sua vida espiritual deixou de ser uma simples prolação da d'esses habitantes da faxa mais occidenlal da Europa que descobriram, povoaram e modelaram tantas regiões desconhecias. Muito embora a mudança de meio e o cruzamento de ra-• s diversas já redundassem em differenças anthropologicas e 'l Própria lingua se tenha dialectado por motivos de clima, Aproximação de linguas estranhas, divergencia de idéas e senti-

mentos e outros, a completa emancipação da antiga colom® portugueza formula-se somente n'este instante, acompanhando a sua reorganisação social que se desenha no horisonte.

É n'esta evolução que se vai denunciando o typo em via de integração do brazileiro. Elle surge por entre o rápido esboroamento das velhas formas bastardas do império centralis®' dor, resquício poderoso das normas de administração do reino, firmando a intima federação das nossas províncias em um pª' cto sinceramente democrático e genuinamente americano, bem affastado na sua essencia do exotico constitucionalismo monar' chico, hybrido e enfezado, que a metropole nos legou com a dv nastia bragantina. Este typo do brazileiro, cuja verdadeira coW' prehensão tardiamente deu entrada entre nós, é o resultado de tres raças fusionadas, a branca, a cabocla o a negra.

Ante o tropel de militares, padres, judeus e deportados que compunham a comitiva habitual dos donatarios de capd-8' nias, submissos cortezãos que haviam substituído em redor do monarcha os antigos senhores de coutos e honras, e pelos quaes a coroa prodigamente repartiu o territorio descoberto por ^ cente Pinzon e Alvares Cabral para mais tarde procurar rC' havel-o por compras e expropriações, a raça indígena depoi de uns primeiros lampejos de resistencia retrahiu-se, declina"' do com espantosa rapidez. Não lhe valeram as caricias dos Anchietas e dos Nobregas nem o cruzamento com os invasores- Os seus organismos não poderam resistir ao regimen de vida dos europeus, mais aptos para vingar na lucta pela vida, e a» doenças importadas por elles, nem as suas intelligencias elevar-se ao nivel intellectual dos conquistadores. Os methodicos aldeamentos jesuíticos foram impotentes diante da selecçºº inexorável da natureza. De um espirito rude, mal tendo ultra passado em religião o período naturista em que o divino s(presente na natureza magestosa e por vezes inclemente, Pºı* n'elles o culto dos astros era simplesmente uma extensão "o fetichismo, os aborígenes brazileiros, ou sejam os que mais pu'ı' conservaram o caracter autochtone ou sejam os que mais intimamente foram penetrados pelas tribus mongoloides, pouqui881

mo influíram na nossa evolução. No terreno da arte legaram-nos as variegadas ornamentações de pennas e alguns bellos exemplares cerâmicos como os vasos e pratos da ilha de Ma-''ajó; no das lettras cabe-lhes um quinhão na nacionalisação das tradições populares portuguezas transportadas pelos colonos.

As antigas serranilhas gallezianas que, como nota judiciosamente o snr. Theophilo Braga, constituíram as nossas ***modinhas*** e lundus, deram os tupis uma boa parte do lascivo encanto e "'resistível seducção que encerram taes arias. O Brazil possue seu thesouro de contos e cantos populares escrupulosamente c'olligidos e classificados por Sylvio Romero, um cyclo completo de contos mythicos de origem indígena, notados por Couto de Magalhães na sua bella obra — ***O Selvagem.***

Foi sobre o negro que o colono especialmente se apoiou na c°nquista dos vastos territorios portuguezes no continente sul americano. Robusto, obediente, devotado ao serviço, o africano 'ornou-se-lhe um collaborador precioso nos engenhos do norte e nas fazendas do sul. Na mestiçagem que infallivelmente se dava n°s campos e nas cidades, onde o serviço domestico era exclu-Slvamente confiado a negros, buscou o europeu a energia phy-s,°logica bastante para resistir á acção enervante do clima tropeai. O vestígio constante d'essa raça dócil e laboriosa, com a rçiial tardia mas honrosamente saldamos uma divida de gratidão "acíonal, enconfra-se na lingua. na cosinha, nas superstições populares do paiz.

Ua lenta elaboração d'estes elementos em contacto intimo nasceu o producto nacional, typo ainda em via de plena formação, mas que já nos princípios do século xvm se ia declamando por um odio crescente á metropole, de onde só lhe vi-"ham vexações e tyrannias. O sentimento catholico-feudal que lransportado ao Brazil dera tenacidade aos colonos desamparados pela metropole para heroicamente repellir quantos estrangeiros tentavam apossar-se do consagrado patrimonio real, gastára-se. Substituiram-no no grande século que viu começar a °mancipação da America e consummar-se a victoria da demo-

cracia europeia, uma sympathia poderosa pela sciencia e o alvorecer da consciência de uma nova nacionalidade. O século XVII dá-nos o espectáculo das phalanges de Francisco Barreto e João Fernandes Vieira desbaratando os aguerridos hollandezes e presenteando a coroa porlugueza com as ricas províncias do norte que o Padre Antonio Vieira aconselhava a D. João deixasse ficar sob o domínio da Companhia das índias Occidentaes. Este fanatico fervor dynastico afundou-se no sangue derramado no século seguinte em Minas Geraes e em Pernambuco, nas guerras dos ***emboabas*** e dos ***mascates.***

Já em pleno século XVII nos era facultado encontrar nas nossas lettras que tão de perto acompanhavam os cambiantes da litteratura do reino, um poeta de orientação brazileira, Gregorio de Mattos Guerra, o trocista alegre e implacavel de uma sociedade de ***parvenus*** luxuosos divididos por intrigas de soalheiro e antipathias de raças, individualidade poética como a de Bocage e no qual o povo concentrou um cyclo inteiro de anedoctas eróticas e satyras picarescas, typo infinitamente mais nacional que esse ***Judeu,*** pallido imitador de Molière, lyrico de valor que presagia Gonzaga, mas tão somente em voga nos theatros do Bairro Alto e da Mouraria pela acclimatação que fez ao gosto das plateias populares do seu tempo das criticas picantes do grande escriptor gaulez. Antonio José da Silva, o ***Judeu***, era puramente portuguez pela chalaça franca e pezada, sem malicia occulta e que fere como um malho: Gregorio de Mattos começa a ser brazileiro na intuição que teve da differenciação ethnica dos seus compatriotas e na fórma mais debicada e conceituosa do seu chiste. Elle distingue-se da pleiade de escriptores sagrados e profanos que até á escola mineira nada mais fizeram do que prolongar entre nós a litteratura metropole, comquanto alguns, Rocha Pitta por exemplo d'empolada e hyperbolica memoria, tivessem prestado á pujante natureza americana um preito de admiração sincera, pela singeleza e pelo seu espirito gostosamente particularistas. Gregorio de Mattos é presentemente tido com justiça pelo fundador da litteratura brazileira. Com o seu riso sonoro, de palpi-

tações rabelaisianas, a espaços cadenciado por umas notas sentimentaes de extremada doçura, o bohemio bahiano lançou os alicerces da nossa florescência intellectual.

Minas-Geraes tornára-se no século findo um centro de agi-'ação politica e de vida culta, tão importante como a Bahia ou º Rio de Janeiro. A cúpida exploração dos seus veios de ouro e dos seus jazigos de diamantes trouxera-lhe um augmento Considerável de bem estar material e como consequência um maior desenvolvimento litterario — tão progressivo que é na escola mineira que se nos depára o advento da idéa emancipadora.

i

Não é para estranhar em uma sociedade pouco polida como a de então a ausência dos ***salões,*** essa instituição franceza que ^aptisada no cenáculo purista de Rambouillet presidiu no século xvin ao poderoso movimento negativista da Encyclopedia, inteiramente illuminado pela graça seductora das espirituosas mundanas parisienses. No Brazil, e mesmo em Portugal, os lettraflos rèuniam-se em academias particulares, vicejando morbidamente ao calor da protecção official. A ***Arcadia ultramarina*** nao teve outra origem. A sua significação litteraria é porém bem diversa da da intolerante Arcadia de Lisboa. Ao passo 'lue esta pretendia restabelecer o classicismo que em França Produzira sob Luiz XIV modelos excellentes de sobriedade e ''armonia, a Arcadia brazileira anticipára-se á revolução romântica, indo buscar o renovamento das formas lyricas ás tradições medievaes portuguezas, remoçadas pelo bafo da natureza americana, pelo poder das novas aspirações e pela concorrência de outros elementos ethnicos. São arcades mineiros, entre ºutros, os épicos Basilio da Gama e Santa Rita Durão, e os ly-

ricos Silva Alvarenga, Cláudio Manoel da Costa, Gonzaga e Alvarenga Peixoto.

N'esse momento o genero épico decahia sensivelmente. Comtudo entre nós, onde uma epopeia organica feita como a ***Ilíada*** pela coordenação de cantos dispersos nunca se chegou a formar, os dois poetas mineiros deram alento á epopeia litteraria buscando, um, assumpto na próxima realidade histórica e outro, no passado heroico da nação. Basilio da Gama no ***Uruguai/,*** como que prevendo a phase indianista do romantismo brazileiro, de reversão ás nossas suppostas tradições nacionaes, celebrou o indígena em guerra aberta com o europeu e especialmente com os methodos jesuíticos de educação. Santa Rita Durão no ***Caramuru*** apresentou-nos um portuguez aventuroso, leal, cheio de fé e de bravura, representante de uma civilisação superior, avassalando pacificamente os selvagens brazileiros. Tendo ambos uma noção imperfeita da formação do tvp° nacional, cada qual procura dar valor quasi exclusivo a um dos factores que o produziram. A critica litteraria permanecia ainda alheia ao conhecimento da integração que se tem operado. Nos dois épicos como em todos os lyricos seus contemporâneos é vehemente a paixão patriótica. A crise aguda da dissolução do velho mundo espiritual marcada pela data de '1789 acordára-lhes anhelos de uma regeneração do seu paiz pela autonomia republicana.

A ***Arcadia ultramarina*** assistiu ao desabrochar impetuoso, ao lado da epopeia, de uma poesia subjectiva, languida e saudosa, toda composta de estremecimentos Íntimos de almas ingénuas arrebatadas por illusões politicas e devaneios amorosos. O caracter peninsular, elemento predominante do espirito brazileiro, enuncia-se segundo o temperamento e as condições de vida de cada poeta, ora por uma sensibilidade melancólica, como em Cláudio e Gonzaga, ora por uma vontade enthusiastica P resoluta, como em Alvarenga Peixoto. No meio do bucolismo arcadico que no século xvm amaneirou em todo o Occidente a inspiração poética, originando na pintura o delicioso comquanto convencional genero pastoril de Watteau, os lyricos brazileiro^

souberam manter a espontaneidade do sentimento e a vivacidade da expressão.

Foram manifestamente elles, que tão cálidas tornaram as emoções pessoaes e tão pittoresca a linguagem, os precursores transformação romantica entre nós. Os poetas mineiros deixaram prevalecer em suas almas a comprehensão da natureza, e este é o verdadeiro característico da crise litteraria nascida da reacção individualista do século passado. O sentimento da v'da irrompe em todos esses falsos arcades, quer solucem as inumas queixas dos seus corações doloridos, quer expandam os seus desejos patrioticos, em que borbulha a seiva intumescente da vegetação brazileira. Até conseguiram, como Caldas Barboza, ferir a alma popular pela resurreição das tradicionaes fornias lyricas portuguezas.

O movimento scientifico, que afagado pelas academias litterarias do século xvn avolúmou-se com a corrente encyclopedica d° perfeito renascimento intellectual, não passou sem ter no Bra- a sua repercussão. Nas sciencias experimentaes estimulou-se o espirito de observação exacta. São brazileiros, entre outros, o 'nineralogista José Bonifacio de Andrada e Silva, o chimico ^'cente Coelho de Seabra, os botânicos Conceição Velloso, au- do interessante trabalho ***Flora fluminensis***, e Arruda Ca- ^ara, o explorador Alexandre Rodrigues Ferreira e o hygienis- 'u Francisco de Mello Franco. Nas sciencias sociaes começa- í!l"i a fixar-se as filiações históricas que precedem as syntheses sºciologicas. Da colonia, e ainda por impulso das doutrinas en- 'yelopedicas, partiu o primeiro grito de guerra contra as ruinosas companhias privilegiadas instituídas pelo marquez de Pom- '>a' e a condemnação do regimen exaggeradamente proteccionis- do hábil ministro. José da Silva Lisboa, auctor do afamado lratado de direito mercantil, um dos que mais contribuíram a nossa independencia e que, feito posteriormente visconde ('e Cayrú, foi um sustentáculo poderoso da sophisticação constitucional, dirigiu esta agitação economica. Elle acclimatou no Iei'io a theoria da extincção dos rnonopolios e da liberdade de "ºmmercio e industria preconisada na Inglaterra por Adão

Smith, o organisador da economia politica, e na sua constante faina de applicar o ideal de franqueza natural que havia bebido na philosophia do seu século, conseguiu de D. João VI a abertura dos portos brazileiros ao commercio internacional. Depois d'este primeiro passo pratico dado no caminho da emancipação politica da colonia já adulta, recrudesceu o fervilhar do espirito autonomista que, desviado da direcção claramente expressa em todas as perturbações dos últimos cincoenta annos pela astúcia de um príncipe portuguez, conduziu o nosso paiz ao constitucionalismo unítarista e infecundo, hoje a desmoronar-se dia a dia. Em todas as categorias litterarias e particularmente na poesia reflectiu-se o abalo politico. A musa popular improvisou um sem numero de composições rescendendo alegria pela libertação da colonia. Nos consistorios clericaes de Pernambuco, relíquia das antigas tertúlias, em que se encontravam Frei Caneca, monge ardente e buliçoso que morreu na forca, o padre Natividade Saldanha, poeta unctuoso que expirou no exilio, e mesmo o vigário Ferreira Barreto, absolutista esturrado que finou-se velho, a politica quasi absorveu as inoffensivas palestras litterarias. Ahi brotou junto da eloquencia sagrada, genero convencional que faz o effeito de uma valvula á verbosidade latina, e da poesia mysticamente religiosa que se perpetuou no periodo christão do romantismo, uma poesia patriotica, a qual modernamente por occasião da guerra do Paraguay vibrou de novo com soberba emphase meridional e com toda a altivez do génio brazileiro. A ironia alada, que é uma das feições salientes do temperamento nacional, tomou corpo em uma série de poemas heroi-comicos inspirados pelo ***Lutrin*** de Boileau, por intermédio do ***Ilyssope.*** Das ***Cartas chilenas***, contemporaneas da Inconfidência mineira, partiu uma explosão de Jocosidade, tristemente paralysada pelos rigores da repressão ulterior revolução pernambucana de 1817.

III

A renovação da litteratura brazileira n'este século opera-se sob o influxo da grande nação latina onde João Jacques Rousseau proclamara a regressão á natureza. Almeida Garrett em Portugal abandonára o seu feitio arcadico na frequencia da litteratura franceza. Foi igualmente o contacto da geração de 1830 que fecundou em alguns espíritos brazileiros, como no de domingos de Magalhães, os germens da radical transformação romantica. Não possuindo porém a nação sul-americana, como a velha Europa, uma historia medieval, cuja lógica continuidade com a antiguidade classica se procurasse fixar, os nossos escriptores interpretando falsamente o espirito nacional e movidos no inquieto periodo da Independencia pelo odio do luzismo preponderante, realisaram uma reversão ao mundo tupi como se d'ahi houvesse exclusivamente partido a marcha da evolução brazileira. Este movimento, denominado o *indianismo,* propagou-se na poesia e no romance, e vai achar a sua mais remota filiação no dôce evangelismo do Padre José de Anchieta, o amoroso missionário, acalorado defensor dos selvagens.

A parte esta deturpação na sua direcção o romantismo encontrou no Brazil um terreno fertilissimo. Dotado de uma externa sensibilidade vibratil requintada pelo clima excitante e de uma grande delicadeza de sentimentos aguçada pelas tendências redemptoras do nivelamento de classes fundamente divididas por uma opposta condição social, o espirito brazileiro estava mesmo muito mais perto d'essa crise do que o sobrio e sensato temperamento francez. O excessivo individualismo, inseparavel de uma nação nova á busca de uma orientação pratica e que jorrava com tanto frémito na poesia ingleza desequilibrada e visionaria, favorecia o curso da corrente litteraria derivada da anarchia intellectual de uma época de inteira remodelação. O catholicismo, então mais poderoso na nossa sociedade, ajudava a

acclimatação das piedosas emoções christãs de Chateaubriand e do suave proselytismo de Lamartine. Domingos de Magalhães, espirito no qual se reflectem as hesitações de um período de transformação, foi entre nós o representante d'esla feição do romantismo francez. O orgulho da emancipação consummada, o rancor concentrado contra a metropole oppressora, a energia do sentimento patriotico e o prurido do particularismo litterario, originaram o nacionalismo indianista de Gonçalves Dias, temperamento muito mais lyrico que o de Magalhães, espirito duplamente pessimista pela acção da atmosphera moral e de sérios desgostos íntimos, recheando artificialmente a lingua, a que elle dava uma fórma encantadora, de vocábulos tupis. O deprimente meio social ennodoado pela escravidão, a inactividade forçada pela ausência dos labores industriaes, e pelo monopolio portuguez exercido no commercio, o meio physico irritando pelo prompto extenuamento organisações naturalmente melancólicas e demais abaladas nas suas crenças e nas suas tradições, o isolamento fatal em uma sociedade fluctuante e incolor e a contemplação da natureza sem um ideal robusto da vida, convergiram para a apparição de uma geração de subjectivistas merencórios, descrentes e morbidos como Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire. Em Alvares de Azevedo, que syncretisa toda esta pleiade de exgottados, o fervoroso trabalho intcllectual e a febre de messianismo litterario não poderam contrabalançar a queda dos antigos ideaes subst¹' tuidos pela duvida e o irresistível impulso do satanismo de By* ron e do sentimentalismo de Musset. Artista delicado, de um idealismo exaltado, desnorteado pelo exaggero do seu desespero moral que por ultimo descambara em um humorismo amargo, amou, como o auctor das ***Conjessions cVun enjant d» siècle,*** mortalmente. O álcool era para ambos o confidente das constantes desillusões das suas almas cavalheirosas e apaixonadas. O contagio d'este sceplicismo desanimador contrastando com uma irrupção de pantheismo, o sestro da depravação precoce, o viver bohemio nas cidades essencialmente académica*5' determinaram a manifestação de alguns talentos poéticos de q[ue]

Fagundes Varella é o prototypo. o desalento e a resignação, eis o que resulta d'esta organisação, já meio voltada para o objectivismo. A emoção cessára n'elle de ser meramente pessoal e um sopro de altruísmo tristonho enfunava a correcta construcção dos seus versos repassados de grande originalidade, em que desponta a preoccupação dos costumes nacionaes e nomeadamente do nosso viver carnpezino. O traço do caracter portuguez de heroísmo aventuroso junto á emphase americana, as opulências de "ma lingua enriquecida por novos elementos e por novas appli-'ações e os prenúncios de uma reacção naturalista, produziram a escola chamada *condoreira* de Castro Alves e Tobias Barreto. O primeiro, educado no meio doentio do lyrismo lacrimoso sacudiu de si esta alfectação ôca e dedicou-se á poesia revolucionaria e philosophica, sempre guiada por um ideal generoso Tue para elle se consubstanciara na abolição da escravatura. O sºgundo, cujo papel na nossa sublevação scientifica indicaremos "lais longe, era um lyrico sadio, criado no bom ar oxygenado dos campos sergipanos entre o povo, esse grande poeta anonyr"o tão espontâneo e foi o ultimo dos nossos românticos. O esanimado e metaphorico de Tobias Barreto borbulhou durante a campanha extrangeira, excitando as coragens ao combate B celebrando inspiradamente os triumphos alcançados. Os exagSoros da sua rhetorica hypertrophica e o tilintar dos seus versºs sonoros adaptam-se admiravelmente á poesia guerreira, vi-'d e enthusiastica. A forte lucta physica e intellectual que teve de sustentai' no começo de sua existencia, se posteriormente de-^niu um desdobramento aggressivo do seu espirito, tinha então 'ºdo o sabor de uma victoria ganha e dava á sua imaginarão turbulenta uma impressão de vitalidade transbordante.

Alguns dos nossos românticos procuraram insuflar folego á 'Popeia litteraria. Domingos de Magalhães na ***Confederação Tamoyos,*** José de Alencar nos ***Filhos de Tupan*** e Goncalves Dias nos ***Tymbiras*** desenterraram um assumpto d'entre o Passado

heroico dos indios, mas não só era falsa esta direcção ' oitio já nada significa o genero épico na chata sociedade bur-""eza de hoje, dividida por interesses diversos e solicitada

por ideaes divergentes. Para a apparição de uma epopeia é mister, como em Camões, a condensação n'um espirito da consciência nacional, ou, como no Dante, a encarnação em uma personalidade das sensibilidades de toda uma geração.

IV

A duvida não é um estado permanente do espirito: a substituil-a surge o lacto positivo e averiguado, porque nunca se desmente a lei de evolução liumana. Entre nós como na Europa, á cruciante repulsão dos antigos ideaes metaphysicos succedeu o proclamar ruidoso das novas verdades experimentaes, ao baque de instituições caducas o desvendar de progressivos horisontes. A poesia, expressão constante do bello na natureza, tornou-se a expressão do bello no moderno mundo moral: canto" a verdade e a justiça universaes, entrando assim no cyclo da humanidade e tomando, em uma de suas faces, o nome absurdo de poesia scienlifica, que tem feito estremecer de cólera gerações de lyricos. Sciencia e poesia são, na verdade, termos anfitheticos que indicam o predominio, mas não o império exclusivo no espirito, da reflexão ou da sensibilidade. Comtudo a poesia não e mais do que a projecção das vibrações do sentimento, e este, sí é seduzido pelos traços graciosos de um rosto gentil, tainbe"ı pôde ser fascinado pelo quadro suggestivo da civilisação. MaS — ao lado da sciencia existe o que Comte, o renovador da p'u losophia, chamava o ***incognoscível,*** espicaçando o nosso espir'ı" apaixonado de mysterio com o aguilhão irritante da curiosidade mal saciada. O proprio ideal não pôde ser extirpado sem rasga' dilacerantemente o coração humano, no qual palpita sempre "i"' aragem de ternura que se manifesta no lyrismo, fornia poetica destinada a perdurar. Á poesia scientifica cabe idealisar as con vicções philosophicas e os extasis provocados pelas acquisiÇo1' maravilhosas de intelligencia. Depois de Lucrécio, é a D^'"ı

Comedia o mais antigo producto d'esta poesia inspirada pela Philosophia : nascida das convulsões sociaes, das tristezas asce-LLcas e das luctas ferozes da Meia Edade, constitue como que o balanço dado pelo espirito humano a esse mundo medieval cheio de esperanças risonhas rasgando sombras sinistras, fecundo período de gestação do mundo contemporâneo. O grande perigo da poesia scientifica reside em algumas vezes cahir no didacticismo, passando a ser de um hymno á sciencia um tratado de qualquer sciencia. Evitado este escolho, ella corresponde exactamente á comprehensão impessoal e philosophica da nossa época.

Da escola *condoreira,* oriunda do Recife, agitado centro academico e formosa cidade alegremente banhada pelo sol Ulliericano que scintilla doidamente na agua dos seus canaes, ')rotou toda a belíssima florescência da poesia contemporânea, TUe em S. Paulo e na capital tem sob faces diversíssimas acompanhado em riqueza a expansão pernambucana. Ella é ora realista, com uma ponta de pessimismo ironico á guiza de í^audelaire e Guerra Junqueiro ou compassivamente socialista interessando-se como o olympico Hugo pelos pobres e pelos des-8raçados, como em Celso de Magalhães, Souza Pinto e Gene-Uno dos Santos ; ora enthusiasticamente dogmatica, propagando as recentes conquistas scientificas, como em Sylvio Romero Isidoro Martins Júnior; ora fundamente negativista, perseguindo com afan as theogonias, como em Theophilo Dias, sone-1'sta correcto cujas illusões melancólicas se esvaem n'uma dôce voluptuosidade, e derrubando ardentemente os privilégios, como em Pedro Luiz, Fontoura Xavier e Medeiros e Albu-'luerque ; ora objectivista, ou descrevendo interiores graciosos e est>oçando quadrinhos impressionistas, como em Alfonso Celso Unior, ou retraçando a vida psychologica do povo brazileiro e fl Uieio physico e social em que elle se move, como em Mello "^°raes filho ; ora ligeiramente sarcastica, motejando dos nossos "diculos, como em Valentim Magalhães e Arthur de Azevedo, fórrna transformando-se parallelamente á concepção, sacudiu Us exaggeros bombásticos de Tobias Barreto, guardando com-

tudo um másculo vigor e uma pomposa sonoridade, e attingind" até em alguns parnasianos, como em Luiz Delfino, o esmerado fatigante do verso. A poesia parnasiana não se generalisou >0 Brazil, onde no emtanto Arthur Orlando apregoa a belleza p"® Lica pura, a theoria da arte pela arte, considerando o verso ufl mero objecto de luxo, porque as emoções pessoaes ahi se na° gastaram ainda nem alcançaram o nervosismo requintado da do espirito parisiense. O lyrismo sadio e sincero continua a fe" rir a corda suavemente idealista nas meigas composições de Octaviano Roza e nos sonetos primorosos de Luiz Guimarães. O temperamento fogoso quando excitado, acha fuga em sonetos violentamente sensuaes, como os de Carvalho Júnior. Mesm° em França o parnasianismo não deixou um sulco profundo* porquanto a sua essencia apenas satisfaz a meia dúzia de ***rej''nados*** intelligentes, de uma sensibilidade mórbida, para quem palavra tem o valor de um sèr vivo e a poesia bem contornada, pittorescamente disposta, deve pela sua belleza puramente technica suggerir estados emocionaes da alma.

A expressão mais acabada do romantismo, considerado como a supremacia da paixão espontanea sobre o sentimento hierático da tradição classica, encontramol-a no romance. qQ - representa verdadeiramente o triumpho da vida domestica bre a vida publica, do individuo sobre o estado, caracteristic° da civilisação moderna admiravelmente definido por Guiz°' Augusto Comte, constituindo a realisação perfeita da individua lisação litteraria de um paiz pela intima harmonia dos seu- costumes nacionaes com os sentimentos humanos. O interes do romance reside pois todo na observação do meio social rea da gindo sobre o individuo, e, segundo o predomínio de um ou outro, devemos dividir com Paul Bourget, o genero em dun'

especies — o romance de caracteres e o romance de costumes. O segundo desenvolveu-se no Brazil: o primeiro, porém, exige Para a sua apparição a vasta lucidez psychologica e o subtil Poder analytico de um Stendhal, figura pouco vulgar em qualquer litteratura. Os românticos brazileiros não demonstrando como os escriptores inglezes uns constantes, austeros e improfícuos intuitos moralizadores, tinham como os seus congeneres europeus um typo de belleza preconcebido, que desvirtuava o estudo do documento humano. Senfe-se em todos elles a busca de Ufua estreita concordância entre o ideal e a realidade, esforço ([ue arrasta com facilidade a imaginação, poderosa em temperamentos muito cheios de vida e promptamente cançados, em desordenadas carreiras. Os nossos primeiros romancistas teem comtudo um immenso valor — o de haver procurado com for-?a, com extraordinário afan, realisar a autonomia litteraria do Paiz pela idealisação de seus sentimentos nacionaes e pela observação de seus costumes locaes. Esta preoccupação, a que 'altava uma rigorosa orientação scientifica na comprehensão do ''aracter brazileiro, levou José de Alencar, o vulto proeminente da geração, ao exaggerado indianismo. Era natural que n'esse Periodo metaphysico da nossa evolução a recordação das persguições soffridas pelos indígenas, desde então retrahidos e Ornados quasi lendários, e a ininterrupta tradição de sua despreza e heroicidade, suscitassem a sympathia apaixonada do escriptor que mais ardentemente procurou estremar a differencia-'tao intellectual da antiga colonia porfugueza. Saturando-se do espirito tradicional acordado por Gonçalves Dias na poesia, elle investigou nas chronicas poeirentas a determinação exacta elemento portuguez traçada nas movimentadas ***Minas de l'"ata*** e, extrahindo das lendas populares a dôce idealisação do ' aracter indígena, escreveu em uma linguagem desconhecida, melodiosa na sua fluente nitidez, encantadora na sua melan-' olica meiguice, esses deliciosos poemas em prosa — o ***Guara-"V*** e a ***Iracema.*** A mulher é o centro em volta do qual gyra o ' yelo da vida litteraria d'este delicado. Ella subjuga-lhe a phan-'asia opulenta e serena como a nossa natureza e é o typo estra-

nho da brazileira, mimosa, garrida, voluptuosa, caprichosa, altamente seductora, mixto de bondade e de frivolidade, que se encarna na loira Cecy e na Iracema, a arisca filha dos bosques. Não se parecem estas figuras femininas, mormente a primeira, com as creações sentimentaes do romantismo europeu : a diaphana transparência das suas almas candidas é avivada por uns toques de malicia infantil e picante. As pallidas castellãs. languidas e vaporosas, de Walter Scott, e as selvagens ethereas e ingénuas de Chateaubriand dão lugar a umas graciosas predecessoras das gentis fluminenses que Alencar acotovellava todos os dias, productos nevroticos de uma sociedade superficial e buliçosa e que elle pretendeu esboçar na ***Diva*** e em ***Lucíola,*** dois temperamentos hystericos pouco estudados. A mulher brazileira foi simultaneamente o objecto principal dos romances de Joaquim Manoel de Macedo e também dos de Machado de Assis, cujo estylo trabalhado sem fadiga e ironia sem maldade tem um perfeito ar fluminense. Macedo foi quem introduziu no Brazil o romance de costumes, em que o detalhe se multiplica á custa da intriga dramatica. Infatigavel na sua tarefa, o auctor da ***Moreninha*** viveu delicadamente para desenhar a ***silhouette*** elegante da ***carioca*** n'uma monotonia suave e conchegada.

Mas ao lado da vida fluminense, vida fútil de corte, existe a vida provinciana, onde pulsa mais vigorosamente o rude sentir do povo. José de Alencar não foi estranho a este mundo pois elle proprio era um provinciano transplantado ; viu-o, porém, em um momento de ***humour***, quando as contrariedades da vida politica beliscaram o seu optimismo de homem feliz- - critica nota com razão a tristeza satyrica que enche o seu excêntrico ***Gaúcho***, refugiado na solidão immensa das pafflpas em perpetua e cruel revolta contra a sociedade. Em vários dos seus últimos romances, faltos como todos de rigorosa analyse psychologica, a graciosidade, feição saliente do seu caracter litterario, cede muito o campo ao motejar maligno do despeito do politico e ao azedume agudo do vaidoso desilludido. Mesiu' o sertanejismo por elle iniciado é tão falso como o seu indi-

msmo. Alencar, o cearense embalado ao som das cantigas dos Vaqueiros errantes nos campos perfumados, arrostando descuidados os perigos dos galopes desenfreados atraz de um Loiro 'Jravio que se laça e derruba, e soffrendo pacientes os horrores das sêccas, sempre galhofando e improvisando, não teve a jus-'a noção do temperamenLo d'estes fortes productos mestiços, '^'uito maior dóse de verdade encerram os matutos agricultores de Franklin Tavora, sobrios, indolentes e fatalistas, cuja precaria situação ociosa e deprimente a recente abolição do trabalho escravo veio modificar sensivelmente. Foi este pernambucano de adopção quem, com Bernardo Guimarães, o observador dos costumes mineiros, primeiro no romance se occupou da a'nia popular, procurando fixal-a na reviviscencia das sanguinarias tradições locaes, preciosas para a historia intima e sentimental das camadas inferiores da sociedade brazileira. Ambos 'Omeçavam a ter a percepção consciente da integração do es-1'irito nacional, facto que fornece um colorido verdadeiro ás sce-,las das suas chronicas romantisadas que já se não parecem ¹ °ni as antigas novellas phantasticas de cujo montão se sal-a'n, comtudo, quasi sósinhas, as pittorescas ***Memorias de um rar gento de milícias,*** de Manoel de Macedo. O naturalismo Esponta, no exame dos costumes provincianos para alcançar a "°ta palpitante da realidade anterior, e no estudo da acção da Vlda social sobre os instinctos physiologicos. São estas em ger-Uen as qualidades e o defeito do novo romance moderno a Pârtir da primeira tentativa de Celso de Magalhães. O poder descriplivo attinge em Aluisio Azevedo c José do Patrocínio '•'feitos surprehendentes, mas os personagens, muitos d'elles exigentemente traçados, agitam-se sob a única influencia de gentes de ordem physiologica, como o temperamento, a hereditariedade e a raça, sendo nulla a analyse das paixões e das '"odifioações psychicas por effeito de factores sociaes. Nas o^ras culminantes de Aluisio Azevedo — o ***Mulato,*** a ***Çasa de P e 'isão*** e o ***Homem*** — e na ***Carne*** de Julio Ribeiro, o typo da Mulher hysterica que Alencar atirára ao domínio do romance reapparece sob um aspecto de observação pathologica. Comtu-

do no ***Homem*** já so procura estudar a acção no espirito, das doenças nervosas. No ***Coruja***, também do escriptor maranhense, cujo estylo é sempre quente e sobrio, a justa comprehensão do naturalismo se revela na rigorosa evolução do caracter de Theobaldo pela acção complexa do meio social.'

VI

A carência de caracteres determinados com precisão ei" uma sociedade indistincta e pouco energica, e a superabundância de emoção pessoal traduzindo-se em uma falta de espirito objectivista, obstaram no Brazil á eclosão de uma litteratura dramatica comparavel com a exhuberancia do lyrismo na poesia e no romance. Comtudo o drama com o seu forte estrugido de paixões e as suas violências de acção, corresponde exactamente ao período romântico, período sincero no seu sentimentalismo exaltado, que Teophilo Gautier comparou pelo esplendo' á Renascença e durante o qual as luctas travadas tiveram a e o ardor das antigas cruzadas religiosas e as victorias o resfolegar ruidoso das sumptuosas festas caslellãs da Meia Edade- As phantasias históricas de Domingos de Magalhães são pandos reflexos de producções europeias e elle apenas procurou il côr nacional no ***Poeta e a Inquisição***, que ha quarenla anno^ commoveu as nossas plateias, sobretudo pelo extraordinário relevo que dava ao personagem do infeliz ***Judeu*** o talento tão suggestivo de João Caetano dos Santos, uma d'essas impetuosa organisações artísticas impellidas por vocação para o palco, e tendo, como Frederico Lemaitre e Antonio Pedro, a completa intuição dos caracteres traçados pelo auctor. Muito mais pronunciada côr local, observação e comprehensão psychologiea superiores revelam os dramas de Agrário de Menezes, especialmente o ***Calabar***, escripto em verso vibrante e caloroso. Gonçalve" Dias derramou em alguns dramas a vehemencia do seu subjectivismo apaixonado e Alvares de Azevedo deu liberdade

Macário á sua imaginação desordenada : são estas producções Puramente litterarias sem real valor seenieo. A Joaquim Manoel de Macedo não faltaram o ***savoir jaire*** e a nota cómica preponderante no nosso theatro, querida do publico, e que distinSue as comedias modernas de Martins Penna, Domingos OlymP'o e França Júnior, irónicas e folgazãs. José de Alencar por vezes tentou o drama de these, mas não possuindo aquelle talento de concepção e aquella audacia de realisação de Dumas filho, tratar nas suas obras scenicas dos mais altos problemas de moral, escrevendo diálogos demasiado cheios de intenção para 11m publico geralmente pouco illustrado, elle sossobrou apesar de uns triumphos ephemeros provocados pela delicadeza de '°ns com que o artista sempre pintava a mulher, de uma certa naturalidade da acção e do dizer espirituoso. O drama estando geralmente decadente, a comedia com a sua rapida e incisiva n°tação de caracteres devia prevalecer, mas entre nós o excesso da importação franceza estimulando o gosto das plateias pela Sl|a alegria picante e libertina, tem-na atrophiado lentamente.

VII

Após o levantamento do espirito nacional, conscio da sua homogeneidade, na guerra cruenta contra o Paraguay, novos "orisontes se abriram ao génio brazileiro. A grande systemati-<uÇão comteana acclimatada no Brazil por um movimento miciado em Pernambuco, devemos o repudio da metaphyK'ca improductiva que desde a Independencia caracterisára c°m a sua rhetorica palavrosa todas as manifestações in-'ellectuaes do paiz. Espíritos latinos, equilibrados e sobrios, °m que sempre prepondera o principio da auctoridade, at-''ahia-nos essa philosophia nitida, dogmatica 110 seu dou-''''narismo, mas eminentemente lógica no seu methodo e nas M»as amplas generalisações. Algumas intelligencias isoladas haN'arn já timidamente tentado repellir a invasão do eclectismo

de Cousin propagado por Domingos de Magalhães: data, porém, de vinte annos a uniforme e vigorosa reacção contra o theologismo atrazado e o espiritualismo infecundo. O sentimento religioso entre nós é superficial, e nunca produziria como na Hespanha levantamentos populares. A antiga educação jesuítica e a pczada erudição fradesca tinham, comtudo, introduzido no pa'z uma dóse de espirito humanista, cuja feição profana se revela no classicismo de Odorico Mendes e Sotero dos Reis; por isso vêmos a classe sacerdotal, apoiada no fetichismo popular e nas crenças rotineiras da burguezia, luctar contra o positivismo triumphante em uma serie de polemicas, como a de Pereira Barreto com o pastor protestante Nash Morton e a de Tobias Barreto com o clero do Maranhão, como antigamente havia combatido com acnmonia e ironia voltairiana de Abreu Lima e o metaphysismo declamatório de Saldanha Marinho.

A reacção positivista nascida em Pernambuco, vivaz e fogosa como uma revolta emancipadora, cedo se alastrou por todo o paiz, mas o espirito orthodoxo de Laffite, proclamado no sul em um movimento mais scientifico do que especulativo, atropina sensivelmente o fecundo desenvolvimento espiritual que nos deu no norte Celso de Magalhães, Tobias Barreto e Sylvio Romero. O primeiro, morto prematuramente, não pôde deixar um sulco profundo na historia da nossa libertação scienlifica, mas inteligência devéras original e de uma grande capacidade philoso phica, ensaiou-se em todos os generos, legando-nos além de um romance, o primeiro no Brazil em que se applicaram os novos processos litterarios, excellentes paginas de historia e de criti''3 e um proveitoso estudo sobre a nossa poesia popular. Tobias Barreto, fallecido ha poucos mezes, e Sylvio Romero não prenderam nos fortes laços do dogmatismo comteano. ^ lando-se pelo estudo da soberba psychologia ingleza para o ev lucionismo de Spencer, agruparam em redor da synthese adm1 ravel do philosopho francez as modernas conquistas do espi'''" humano, e acceitando o transformismo de Darwin espalhara'11 entre os seus discipulos, que se chamam Clóvis Bevilaq"'1' Rocha Lima, Isidoro Martins Júnior e Arthur Orlando, o ino

nisino hteckeliano, isto é, a concepção unitaria e mecanica do mundo. Tobias Barreto, o poeta bombástico, o phantasista sempre embriagado pelas seducções da mulher e pelos encantos da musica, escreveu ultimamente a ***Nova Intuição do Direito*** e os ***Menores e Loucos.*** Dedicando-se especialmente ao estudo do direito, reformou-o, despiu-o das vagas nebulosidades da metaphysica encyclopedica e applicou-lhe o methodo transformista « que considera o crime como uma monstruosidade social e a pena como uma especie de selecção spartana pela qual os criminosos vão sendo postos á parte do organismo social. » Admirador fervoroso da sciencia germanica, escrevendo até trabalhos em allemão, elle procurou constantemente minar no Brazil a influencia franceza nas suas obras realçadas por um estylo bruscamente colorido, frisante pelas comparações imprevistas e Por vezes amargamente ironico, tendo-se-lhe azedado o espirito nos annos de solidão em guerra aberta contra o eclectismo official. Sylvio Romero tem sido o iconoclasta da rhetorica palavrosa e o introductor do espirito critico, que estudando o' paiz na sua raça, lingua, costumes, tradições e manifestações litterarias, lhe deu a plena consciência da sua integração como nacionalidade e que, applicado ás províncias como por José Veríssimo ao Amazonas e Araripe Júnior ao Ceará, vai lentamente convergindo pela notação das suas differenciações para a formação da federação brazileira. Temperamento bilioso, energico [e] obstinado, intelligencia menos inventiva mas mais equilibrada [f][ue a de Tobias Barreto, estylista descuidado mas escriptor Fuente, mordaz e aggressivo, Sylvio Romero foi um factor poderoso da nossa recente evolução litteraria, borbulhante de seiva e vibrante de innovação, incansavel em preparar os materiaes para a apparição de qualquer d'esses grandes génios creadores da litteratura que trabalham sobre exposições das idéas correntes no seu tempo. A grande poesia synthetica e impessoal, de Goethe e de Shakspeare por exemplo, não a podemos eonceber sem uma extraordinaria fermentação de vida ou sem grande esforço critico anterior, porquanto, nota-o com razão um 'Ilustre escriptor inglez Matthew Arnold, a cultura critica do paiz

substituo como meio a época de renascimento em que appareceffl os grandes poetas. Goethe que não é inferior a Shakspeare, vivia n'uma atmosphera essencialmente culta e d'ahi proveio a sua força.

Da inoculação do espirito critico no Brazil data a regeneração de todos os estudos. A historia que iniciada por um *pi°' clieur* infatigavel, Francisco Adolpho de Varnhagem, não passava de um vasto repositorio de documentos pachorrentamente esmiuçados, elevou-se com Capistrano de Abreu ao estudo das causas e dos effeitos e á comprehensão da complexidade orgânica do povo analysado nas suas instituições, idéas, crenças, superstições e costumes. A investigação escrupulosa dos factos é certamenle a base indispensável da historia e modernamente ainda devemos ter por preciosas as pesquizas de Valle Cabral e Jose Hygino Duarle Pereira, tendo derramado as buscas realisadas por este nos archivos hollandezes mais ampla luz sobre o período do domínio batavo e sobre a. physionomia insinuante de Mauricio de Nassau; a historia, porém, não pôde ser exclusivamente narrativa, tem de esforçar-se por determinar a marcha da evolução. As primeiras tentativas de historia philosophica encontramol-as no Brazil nos trabalhos do maranhense João Francisco Lisboa, o pamphletario erudito do ***Jornal de Timon*** e biographo impeccavel do Padre Antonio Vieira, cujo caractei malleavel elle definiu precisamente. As sciencias experimentaes atravessam uma phase de florescência como a dos fins do século passado, apto porém o espirito pela comprehensão positiva da successão progressiva d'ellas para não ir esbarrar n° creacionismo deista nem no negativismo materialista. Ao acaso lembramos os nomes do geologo Araujo Ribeiro, dos botânicos e ethnogenistas Barbosa Rodrigues e Ladislau Netto, dos phy* siologistas Lacerda e Domingos Freire, do anthropologista Conto de Magalhães, dos philologos Baptista Caetano e Julio Ribeiro- e dos philosophos Guedes Cabral, Pereira Barreto e Vianna ^ Lima. Todo o paiz desabrocha esperançosamente. Estimulado ° enervamento causado pelo clima pela contínua infiltração de sangue estrangeiro, quebrados os velhos moldes rotineiros ***Ae***

administração e de finanças, regenerado o trabalho manual pela emancipação do escravo, o Brazil sente pulsar a vida nas suas artérias. Surge a iniciativa particular na industria, a agricultura deixa de ser ciosamente exclusivista e renova-se por mais adiantados processos de cultivo, o nivel intellectual Wanta-se quotidianamente pela diffusão da instrucção publica e pelas idéas importadas pelos emigrantes, e o moral sobe pela rehabilitação do trabalho e pela ruina do feudalismo rural. Reduzida á impotência esta oligarchia territorial predominante nas províncias durante o império, e dissolvida a excessiva centralisação monarchica, o espirito nacional, desannuviado e sadio, instigado por antigas tradições accuinuladas e pelo espectáculo maravilhoso da civilisação europêa, guiado na sua evolução por um sentimento de patria nascido de um passado commum e consagrado na guerra estrangeira, sente novas aspirações de sciencia positiva e de renovação politica, traduzindo-se estas no ideal da federação.

Lisboa, outubro de 1889.

Oliveira Lima.

A CORISTA

Estavamos, n'essa noile, uns cinco no camarote do visconde. Representava-se somnolentamente uma opereta estafada e gasta, entre um velho scenario esburacado e em frente d'uma sala quasi vasia. O gaz, a meia luz, augmentava a melancolia d'essa ***reprise***, tentada como o ultimo esforço d'uma emprega infeliz, a dois passos da ruina. Essa tristeza resumava, alli, do lodos os cantos, como uma transudação de miséria e de decadência. Percebia-se na desafinação desleixada da orchestra, reduzida ao minimo de executantes ; no esganiçamento com quº as ***divettas,*** decotadas e vestidas de phantasia, lançavam o ***couplet,*** que de malicioso passara honestamente a semsaborão ; naS caretas forçadas e contrafeitas dos centros comicos ; na declamação distraída, inconsciente, inexpressiva, monologada coniº uma reza ou dialogada como uma lição de catecismo em peI" guntas e respostas ; nas marchas e contramarchas somnambulas dos córos ; nos descuidos de marcação ; na pobreza das decorações ; no desbotado e rapado do guarda-roupa de velludilbº1, murchos e setins amachucados ; no abandono das plateias dei xando vêt desoladamente o esqueleto descarnado das bancada® desertas •— e, emfim, no aborrecimento mazombo dos poucos espectadores, de boccas escancaradas no contagio invencível dº bocejo.

O visconde tinha a taciturna paixão das mulheres de palco. Era n'esse mundo d'um brilho apparente, d'um esplendor de pechisbeque e lenlejoila, mas d'um fundo real de desleixo e sordidez, que elle procurava as suas amantes — pelas quaes se apaixonava com um amor furioso e sombrio. Não tinham já conta as suas ligações d'este genero. Todas as santas noites as passava agora n'esse theatro, cuja empreza mais d'uma vez ajudára a tirar de apuros — durante a representação debruçado no parapeito de vel-'udo escarlate da sua friza, nos intervallos farejando a mulher no ar infecto e entre o acotovelamento promiscuo das caixas, ou n'um camarim embasbacado em extasis defronte da sua favorita de momento. No palco era muito popular — immensamente estimado e respeitado. Ajudava a passar benefícios e brindava a todos, homens e mulheres, nas suas festas artísticas. Esportulava generosamente os fiscaes, os bilheteiros, os porteiros, os guardas e toda a cauda humilde de empregados inferiores que as emprezas theatraes arrastam atraz de si. Em se dizendo no theatro o ***snr. visconde*** ou o ***visconde***, simplesmente, já se sabia que era aquel-'e e nenhum outro : — todos os mais eram viscondes d'isto ou d'aquillo: elle, porém, era o visconde por excellencia. Na sua Passagem tudo se desbarretava e curvava. O emprezario corria ao seu encontro, mal de longe o avistasse, empurrando meio mundo, galgando como n'um ***steeple chase*** os mais perigosos obstáculos de adereços amontoados ou de alçapões abertos. O velho Praxedes, o melhor ***centro*** da companhia, venerado da critica e idolatrado das plateias pelos seus esgares de truão avinhado, chamava-lhe sempre o ***nosso homem.*** As coristas e comparsas ^nham com elle todas as complacências : mais d'uma havia saído da fila para desempenhar as segundas partes, sob o seu omnipotente patronato. Depois sabia-se que tinha na mão dois °>i tres jornalistas que faziam revistas theatraes em outras tantas folhas muito lidas. Esses jornalistas eram os ***souleneurs*** das suas amantes na imprensa. Elle pagava-os, assignando-lhes letras e regabofando-os com boas ceias nos gabinetes reservados do ***Leão d'Oiro.***

O seu camarote tornou-se assim o ***rendez-vons*** de meia du-

4r .

zia de adoradores da Thalia buffa da cidade, que iam ali á noite fazer a côrte a esse sultão dos camarins, ostentando em painel de catitismo os seus fracs de lapellas floridas, as suas luvas côr de tijolo, os seus bigodes frisados á mosqueteira. Depois seguiam-no nas ***flaneries*** amorosas através do palco, namoriscando atraz dos repregos, na sombra discreta dos cantos obscuros, beliscando os braços das coristasitas bréjeiras e tratando por ***tu*** os galans mais lançados. D'alguns mesmo se chegaram a murmurar historias de infidelidade para com o seu magnifico e generoso amigo. Mas a verdade é que a este não se lhe dava de abandonar á voracidade erótica dos companheiros os restos babujados e mastigados dos seus festins sensuaes : só resguardava com um ciúme feroz, um verdadeiro ciúme animal, o capricho do ultimo momento, a paixão brutalmente dominadora que o trazia doido, furioso, perdido d'amor, durante algumas semanas.

Ora, n'essa noite, encontrei-me casualmente na companhia d'esses senhores. Fôra ao theatro procurar um amigo e o visconde, que me apanhára n'um corredor, engaiolou-me á força na sua frisa.

— Venha vossè ouvir a Rosalia nos ***cuuplets*** do segundo acto. Olhe que ha de gostar. A rapariga diz aquillo bem- Tem graça . . . tem expressão. Sublinha deliciosamente a letra . . .

A Rosalia era a sua actual amante — uma magrizela, um pau de virar tripas, de linhas angulosas, muito caiada, mas com uma cara picante, dentes soberbos e dois grandes diabos d'olhos, negros, chammejantes, peccaminosos, que ella abria muito como 11'uma exaltação de desejo, ou semi-cerrava como n'um spasmo beatifico de volúpia. Toda a sua arte se cifrava n'esta alternativa de olhares. Não tinha voz, e a pouca de que dispunha velava-a já a rouquidão do alcoolismo. Era torpemente devassa — uma d'essas devassidões diabólicas de hysterica. Mas o seu amor de vampiro, exhaustivo e nevrotico, incendiava o sangue do visconde e proporcionava-lhe um delirio de gozos torturados, que mulher alguma lhe fizera ainda sentir. Assim já esta

paixão ia no seu sétimo mez — cada vez mais cega, mais absorvente, mais excitada e mais feroz.

A Rosalia appareceu em scena, com as clavículas núas e descarnadas e os longos braços magros faiscantes de jóias. Era uma princeza disfarçada em florista. E esta florista — que scintillava de pedraria ! —vestia um costume de setim amarello, raiado de negro, todo collante, deixando á mostra as meias de sèda preta salpicadas de flores de oiro, e os sapatos com tacões metallicos. O cabello, pintado de louro, saía debaixo d'um degenerado chapéu ***bergère*** de velludo negro, e franjava-se sobre a lesta, n'uma felpa desgrenhada de cão d'agua.

A luz crúa da ribalta, batendo de chapa n'essa especie de espectro negro e oiro, fazendo-lhe flammejar os setins e as jóias, augmentava com os toques mordentes e duros do gaz a estranha apparencia d'essa esqueletica visão macabra, revestida de côres fúnebres.

Mal a viu entrar em scena, o visconde, com os cotovelos fincados na borda do camarote, assestou-lhe o binoculo de marfim. E sem a perder de vista um instante commentava para o lado :

— Reparem como ella diz isto agora. .. Admirem esta scena 'nuda, senhores ! . . . Veja vossè que sorriso aquelle, que intenção no olhar... Ah! é uma grande artista, deixem-se de coisas! ^ que lhe falta é escola.

Entretanto a Rosalia saltitava, saracoteava-se na rampa, subindo, descendo, papagueando sem consciência o seu papel e abolando sempre os seus grandes olhos tenebrosos, ora brilhantes como duas contas de onyx, ora amortecidos, eclipsados n'um lascivo cerrar de palpebras. A sua vista volvia-se insistentemente para o nosso lado. E a cada um d'esses olhares notei que o binóculo tremia nos dedos do visconde — e que na sua face baça c molle de homem gasto se accendia um rubor de desejo.

A peça desenrolava-se na sua monotona semsaboria. As situações mais cómicas, os ditos mais picaros, os trocadilhos mais apimentados, pareciam destillar tédio — e passavam funereamente entre o silencio glacial do auditorio, ao mesmo tem-

po que as vozes dos artistas se confundiam indistinctas na sonoridade da sala quasi erma. Mas de súbito, depois d'um duetto com o Praxedes, que fazia um papel de rei, a Rosalia saiu de scena aos pulinhos — e uma fila de coristas, em ***travesti*** de pagens, entrou pelo fundo ao som d'uma marcha solem* ne. Eram umas doze mulheres de plasticas destoantes, umas esguias, outras esphericas, umas liliputianas, outras monumen-Laes, exhibindo em ***maillots*** de algodão branco uma extraordinaria collecção de pernas, que corria toda a gamma das deformações caricaturaes — desde as coxas mais monstruosamente hydropicas até ás canellas mais lamentavelmente sèccas e mumificadas.

O côro desceu até ao proscénio depois de algumas evoluções — e formou em linha. A um signal intimativo da batuta, brandida energicamente pelo ***maestro*** como quem vai fazer atacar com bravura um trecho importante — movimento que pareceu despertar momentaneamente a orchestra da sua modorra — todas aquellas doze boccas se escancararam n'outros tantos buracos negros e d'essas guelas, como dos tubos d'um velho orga° roufenho, saiu uma desharmonia aspera, erriçada de fifias penetrantes, uma chiadeira arrepiadora, cortada de ganidos roucos, que me fez comprimir fortemente os ouvidos com as palmas das mãos.

O visconde havia passado o binoculo a um dos seus amigos, que logo o assestou petulantemente sobre essa galeria de estafermos —legítimos e authenticos. Este tinha a especialidade das coristas. Conhecia o gallinheiro todo — como elle proprio dizia. Mas, mal tinha chegado as lentes aos olhos, ouvimol*° quasi simultaneamente exclamar :

— Olá ! carne fresca ! . . .

Esta phrase poz no ar todo o camarote.

— Aonde? aonde? — inquiriam com uma chamma ávida na vista, n'um movimento geral de curiosidade, debruçados sobre o parapeito, i

— A quinta contando da esquerda —explicou. — Não conm ço aquella cara . . .

O visconde arrebalou-lhe o binoculo :

— E verdade! — confirmou logo. — Â direita da Epiphania das pernas gordas ... É nova, não ha que vèr !

E com a bocca inflada, accrescentou, sublinhando o adjectivo n'um tom brutal :

— E boa como seiscentos mil diabos!

Mas já o binoculo passára ás mãos d'um terceiro que repetia a phrase n'outra variante:

— Boa como o bom melão !

Por fim achei-me também de binoculo em punho e ouvi o visconde que me dizia :

— O menino, não perca vossè aquillo... Olhe que ó um verdadeiro appetite. Hein?

Pela minha vez observei essa maravilha desconhecida, essa estrella que despontava entre uma bem reles e ordinaria constellação — diga-se a verdade. Com effeito era linda, muito bonina mesmo. E só a distracção, produzida pelo enorme tédio que se apossára de mim, poderia ter feito com que desde logo a não houvesse extremado d'entre o grupo das suas infelizes companheiras.

Não era alta, mas tinha um aprumo, uma harmonia de 'órrnas, uma pureza de linhas, uma agilidade e uma graça nos 'movimentos, que lhe davam o destaque da única individualidade humana no meio d'essa recua de femeas, obesas e trôpegas como phocas ou corcovadas e angulosas como canicllos tisicos. o busto — modelado n'uni corpete de setineta azul claro — firme, d'hombros levemente descaídos, de pequenos seios apenas '"dicados n'uma curva suave, assentava erecto, mas flexível e *cambré*, n'uns quadris fortes, bombeados sem exageração. E as 1'ernas, bem direitas, nasciam roliças e cheias sob os pequenos calÇoes golpeados — e afinavam-se n'uma delineação puríssima até os artelhos, terminando por uns pés que se adivinhavam pequenos e estreitos, apesar de mal e pobremente calçados.

Porém, mais bella ainda de que o seu corpo, era talvez a sua cara e a sua doce e meiga physionomia — uma d'essas Physionomias de ***boa rapariga,*** onde a doçura do coração se

espelha crystallinamente, com o magnético poder das sympathias instantaneas. Era loira e branca — um loiro fulvo e quente e uma brancura rosada, que dava um aspecto de fructo são á sua carne fresca e firme, sem uma tremura, sem uma prega molle de chumaços adiposos. As suas feições miúdas, infantis, o seu pequeno nariz ligeiramente arrebitado, os seus beiços d'um corte bem marcado, arqueados em pétala, deixando entrever duas fiadas de bellos dentes, allumiavam-se com o fulgor dos olhos — uns grandes olhos claros, cheios de luz — quando ella tímida, enleada, os erguia como a medo, para logo os abaixar entre um rubor pudico.

Percebia-se que tudo na sua pessoa era natural e espontâneo. Não havia alli o menor artificio de ***coquetterie:*** era a innocencia da belleza inconsciente de si própria, a innocencia da graça ingenita, trazida como um dote de Deus. E entre todo esse mulherio habituado ao palco, com os gestos, os modos, a attitude, a expressão, a ***toilette,*** educados pelos modelos das primeiras partes, das ***estrellas*** em maré de successo — essa debutante acanhada, mal á vontade no seu costume de donzel, com uma ponta de medo e vergonha na vista vaga e incerta, sobresaía victoriosa n'um pleno triumpho de formosura e gentileza.

— Onde diabo iria o Valle desencantar aquillo? — interrogou o visconde.

— Fosse onde fosse, o que é preciso é tratar quanto antes de explorar aquella mina — respondeu o D. João das coristas.

— Ah ! descança, meu rico ! que d'esta vez tens homem pela prôa ! — atalhou o visconde.

— Não senhor ! — bradou sorrindo o outro. — Os coros sao propriedade minha. Fará favor de me não entrar em casa ! • •'

E uma disputa alegre levantou-se entre todos. Da plateia crgueram-se para a frisa algumas cabeças, despertadas p01 aquella animação repentina. Os olhares das coristas convergiram também para o nosso lado. Reparei até que a Epipban1 das pernas gordas sorria idiotamente, abrindo uma bocca de orelha a orelha. Mas, ao pé d'ella, o objecto d'essa acirrada

porfia continuava embaraçado, não se atrevendo a erguer a vista para não fitar a plateia, nem ousando baixal-a de todo como se receasse vêr-se alli despida, com as pernas em exhibição, perante essa gente estranha que a mirava.

O resultado da disputa foi uma aposta sobre aquelle a quem a rapariga *daria cavaco.* Cada um apostou por si : premio d'esta *poule* galante — uma ceia regada a Chainpagne n'um gabinete do *Leão d'Oiro.* A ceia seria paga pelos vencidos e dada em honra do vencedor. Por isso, apenas o panno caiu, o visconde tomou do cabide o seu chapéu alto e encaminhou-se para o palco, seguido dos amigos.

II

Ao cimo da pequena escada, que do fundo d'um dos corredores da plateia dava accesso para a caixa, e em cujo patamar um único bico de gaz flammejava, mortiço e frouxo, um porteiro somnolento ergueu-se tirando respeitoso o seu bonnet ao encarar com esse patrono da casa, diante do qual todas as portas se abriam e todas as prohibições, affixadas em grossas letras para o publico, se derogavam servilmente. O porteiro empurrou o Suarda-vento de baeta verde, cuja mola rangeu asperamente — e achamo-nos em pleno mundo dos bastidores.

Reinavam ahi a confusão e a desordem própria dos enlreactos — que se augmentára com um pequeno incidente : um Panno de fundo que se prendera n'outro e que os machinistas "ao podiam descer. Da scena o contraregra gritava e gesticula para o urdimento, os carpinteiros gritavam e gesticulavam do urdimento para a scena, emquanto em baixo toda a coin-Parsaria em grupos, de nariz no ar. seguia com curiosidade ('Ssa complicada manobra.

O visconde atravessou com a sua marcha solemne e pesada esse pequeno tumulto — e dirigiu-se para um grupo onde divisou

alguns costumes de pagens. Rondou em lorno, d'olho arregalado e narina fremente, como um garanhão que se aproxima d'uma manada de egoas na pastagem. Mas de lá apenas lhe sorriu, com uma lascívia bestial, a Epiphania das pernas gordas. A nossa rapariga não estava ahi. Nova inspecção a outro grupo com o mesmo resultado. Entretanto os amigos d'esse Mecenas da opera-buffa iam-se ficando aqui e além, detidos por um olhar, por um aceno, por uma palavra de alguma velha inlimidade, que os fisgava na passagem. E, n'uma volta, lobriguei mesmo o meu D. João das coristas internando-se na sombra, para o lado do gabinete dos adereços, na companhia da monstruosa Epiphania . . .

Porfim achamo-nos sós, os dois, já cansados d'aquelle acotovelamento com balandraus sujos de cortezãos e braços suados e molles de floristas e camponezas, d'onde se evaporava um cheiro azedo de corpo humano mal tratado, uma exhalação de miséria e de desleixo. O novo astro persistia invisível, n'uma occultação desoladora. Tínhamos batido todos os cantos da caixa, policiado todos os ajuntamentos, farejado atraz dos repregos e dos bastidores. Nada ! O visconde então, olhando desanimado para as varandas d'essa enorme caranguejola dos camarins, que ao fundo do palco se sobrepunham em andares, observou-me :

— Naturalmente está lá em cima. Ella logo descerá, quando dér o signal . . . Entretanto venha vossê d'ahi dar dois dedos de cavaco ao camarim da Rosalia.

E tomando-me o braço, arrastou-me comsigo. A porta do camarim estava entreaberta. O visconde metteu a cabeça perguntando para dentro :

— Licença para dois?

— Pois não ... — respondeu de lá a voz rouca da *divetta*-

Correu-se um reposteiro de cretone — e na claridade do pequeno gabinete, forrado de rosa, illuminado pelo gaz que se reflectia n'um grande espelho oval emoldurado em pellucia, entre uma atmosphera de ***veloutine*** e de ***stephanotes,*** appareceu-nos a figura sêcca da Rosalia, com os seus grandes olhos negros

flammejantes d'ura vicio estúpido. O visconde apresentou-me :

— O meu particular e querido amigo Fulano . . .

Ella estendeu-me a sua longa mão óssea, branca de caio, e, dando-me um ***shake liands*** saccudido, que fez tilintar as manilhas nos pulsos magros, murmurou um ***Tenho muito gosto . . .*** terminado pela reticencia d'um sorriso.

Eu curvei-me, saudei n^lla a Musa da opereta, comparei-a á Schneider, á Theo, á Judie, elogiei-lhe a voz, pasmei diante do seu talento, mostrei-me assombrado da sua elegancia — tudo isto com a ironia mais descarada que a physionomia humana Pôde exprimir. Comtudo, a meu lado, o visconde babava-se — e ella, deixando cair languidamente as palpebras, respondeu-me 8'uma voz arrastada, com uma denguice imbecil :

— É muito lisonjeiro . . .

Depois trocaram-se meia dúzia de banalidades. Ella continuava a rebolar olhares provocantes, mexendo e remexendo os Pequenos nadas do toucador, dando ao espelho uns últimos togues na ***maquillage,*** puxando para a testa as farripas, passando o vermelhão pelos beiços. Estava agora vestida de setim branco, um vestido de côrte, de phantasia, farrapagem verdadeiramente 'nclassificavel, que tinha um pouco de todas as grandes épocas características do vestuário.

Um timbre vibrou. Era o primeiro signal.

— Ài ! deixem-me arranjar ! — disse-nos. — Tenho de estai' e,n scena ao subir do panno . . . Vou pôr o manto.

Já a costureira entrava toda azafamada. Era uma raparik'uita magra, ruiva, sardenta, de peito sumido, agitado por uma lOssesita sccca e persistente. Tomou do cabide um grande mande velludilho azul, que lançou aos hombros da Rosalia, pre-8ando-lh'o a correr com alfinetes que tirava nervosamente do 'òrro do seu casebeque. Nós despedimo-nos, eu com uma rcverencia em angulo de noventa graus, o visconde com uma caricia rude que a fez exclamar sorrindo :

— Arréda, brutinho !

Mal tínhamos, porém, andado uma dúzia de passos, demos cara com um dos nossos companheiros derriçando com um

pagem, atraz d'um amontoamento de mobilia de papelão pintado. E logo, de relance, sem hesitações, reconheci emfim n'esse pagem a nossa admirada corista, procurada em vão durante todo o entreacto ! Aproximamo-nos. Elle gesticulava, fallando em surdina. Ella, meia voltada, quasi de costas, presa entre o rapaz e os accessorios que tinha em frente, conservava-se muda. de cabeça baixa.

— Olá, seu felizão ! — bradou o visconde ao amigo, batendo-lhe no hombro.

O outro voltou-se.

— Então ! veem vocês isto? . . . Uma scena ! Já me olíereci para lhe enxugar as lagrimas com beijos, mas a ingrata recusa . . .

Com effeito a rapariga chorava. Eram grandes lagrimas silenciosas, lagrimas de timidez e vergonha offendida, que lhe banhavam o rosto afogueado. Parecia querer refugiar-se atraz d'um alto throno de pasta doirada, que alli estava, occultar-sc na sombra, sumir-se, desapparecer, tornar-se invisível. Não tinha um gesto, não tinha uma palavra. Defendia-se apenas com a sua resignação, com o seu silencio, com o protesto mudo do seu pranto. Se via que uma mão ousada avançava para ella, retraía-se, encolhia-se, como um animal medroso em frente da ameaça d'um castigo. Era a revolta humilde da fraqueza opondo a todos os insultos, a todas as affrontas, a todas as violências, o escudo frágil e virginal do pudor.

Fazia dó essa attitude tão sincera de humilhação e vergonha. Senti Ímpetos de pôr cobro áquella scena repugnante esbofeteando esse libertino e arrancando d'alli pelo meu braço essa infeliz mulher, desamparada e inerme — fosse ella quem fosse • Mas, emfim, as *ideias do mundo* impunham-me um procedimento menos theatral e menos exaltado. Seria ridículo arvorar-me em Quichote de Dulcineas equivocas. Era dar uma sorte de mn diabos ! Por isso todas as minhas cóleras explosiram attenuada8-n'uma banal expressão compassiva :

— Coitada ! Deixem-n'a . . .

Mas o visconde é que não admittia aquellas resistenciaS)

aquellas *comedias*, como elle dizia. Aquilio era o seu liarem, a sua capoeira. Queria em todo esse mulherio uma obediencia passiva de femea em frente dos caprichos do macho. E assim, sem mais rodeios, deitou-lhe a mão a um braço para a fazer voltar, para a vêr bem de frente, resmoneando entre os dentes:

— Basta de creancices !

Ella, porém, toda tremula, os olhos razos de agua, ergueu para elle as mãos n'uma supplica. E a sua voz quasi extincta, mas d'uma doçura commovedora, balbuciou apenas :

— O meu senhor, deixe-me por quem é ! não me faça mal . . .

Insensível, o visconde tomou-lhe brutalmente os pulsos, ia a 'nsistir : mas n'esse mesmo instante a orchestra começou a symphonia e o contraregra, que andava pelos camarins avisando os actores e juntando os córos, ao vêr alii aquella corista retardataria, gritou-lhe de passagem :

— Vá, menina ! Para a scena, para a scena . . .

Este incidente salvou-a. Instinctivamente o visconde afastou-se e ella, apressada, quasi a correr, foi encorporar-se no côro, como uma rez desgarrada que, sentindo-se perseguida, busca Pôr-se a salvo entre o rebanho.

Ainda fizemos um movimento para a seguir, quando um estranho personagem com um largo gesto nos deteve no caminho. Era o Praxedes — arrastando um grande manto real de velhido côr de purpura com arminhos de flanella branca e emblemas heráldicos de papel dourado. A sua grande tromba avinhada, os seus olhinhos pisqueiros e devassos, as bochechas es-Papaçadas, gordurosas, com farruscas de rolha queimada e rosetas de carmim, a beiça tremula e caída de besta velha — davam-lhe assim, visto de perto, um aspecto mais repellente, mais sordido e bestial. Era uma carcassa putrefacta, roída de vicios miseráveis e abjectos, fedendo a álcool, resuando uma 'ascivia obscena de orangotango.

O visconde, a quem os seus dois outros amigos já se havia reunido, abraçou-o, rindo muito dos seus dichotes pesados, da sua laraxa porca. A proposito de mulheres referiu-se cyni-

camento ás suas infelicidades domesticas : — Porque cu pertenço, senhores, eu pertenço á grande legião... — dizia-nos em ar de confidencia, com um entono de *barbas* de velha farça. E aconselhava-nos a que nos não mettessemos *com aquelU gado.*

— Isto, visconde amigo,*são*peiores do que cabras !

Começou então desfiando os escandalos, os concubinatos e as intrigas d'esse pequeno mundo do palco. O panno subira já, os córos orneavam a plenos pulmões; mas elle, incansavel, enfiava historias, dava pormenores, revelava segredos, polvilhando a sua chronica de piadas em calão fadista, de sentenças de philosopho de taberna.

O visconde aproveitou o ensejo para lhe pedir informações sobre a nossa corista.

— Não sei d'onde veio aquella joia — respondeu.—Está no lugar da pobre Ismcnia, coitadita ! que lá esticou a canella a semana passada, lambida por uma tisica galopante . . . Tenho-a visto ahi, nos ensaios, vestida muito pobremente, com uma manta de malha pela cabeça e um chalesito preto já ruço... Alguma desgraçada que caiu ahi para não morrer de fome. *Pobresita*--exclamou, hespanholando a pronuncia.—-está aqui está proffl-pta . ..

E n'estas suas ultimas palavras passou um clarão de pi[c'] dade e dó. Tinha visto assim muita miséria, muita perdição, muita desgraça—n'essa terrível promiscuidade dos palcos. Um[a] sua filha saira-lhe d'alli gravida aos dezeseis annos, para rola" depois até a um casebre miserável de viella, levada no turbilhão do infortúnio. Contou o caso sem reservas nem pudor. U"[l] momento ennevoou-se-lhe a vista, a voz Iremeu-lhe, duas lag"[l'] mas bailaram-lhe entre as palpebras. Parecia que a consciência da própria abjecção lhe dava á alma um frémito de remorso purificador. Depois caiu na resignação fatalista — que é o "f fugio de todos aquelles a quem a sorte tem sido adversa.

— Coisas da vida ! . . . — murmurou, melancolico e amarg[0.]

Mas bruscamente, mudando de tom, interrogou:

— E sabe o meu caro visconde o que é vida? saber. ••

Afastou-se um passo, teve uma pausa, encarou-nos com seriedade como quem nos ia revelar uma verdade tremenda — e porfim disse o que no seu entender julgava ser esse eterno problema.

— É isto, meu nobre amigo, — concluiu — é isto mesmo : ora ahi está !

— Ó Praxedes ! é vossè agora ... — avisou-o de improviso o contraregra, chegando esbaforido.—«El-rei vem sombrio» — é a deixa.

— Lá vou, lá vou, — respondeu o actor.— Até já, meus senhores ! — accrescentou voltando-se para nós.

E, compondo o manto, vimol-o entrar na claridade da scena com a fronte vergada ao peso da corôa de latão, os braços caídos, a purpura rastejante. A corte curvou-se na sua passagem e ao cabo d'alguns segundos ouvimol-o bradar com voz tremula :

— Pesado fardo é este da governação d'um Estado! Nem tempo nos dá de catar as pulgas . . .

Da plateia partiu uma gargalhada. Era um dos grandes ditos da peça.

N'isto, vi aproximar-se de nós um sujeito, que tocou familiarmente no hombro do visconde. Este voltou-se, exclamando Tuasi simultaneamente :

— Olá, seu Valle !

Era o Valle, o grande Valle, o famoso emprezario, o im-Plantador da opereta nos nossos theatros! O visconde apresentou-m'o logo. Devia ter os seus cincoenta annos. Baixo, ventrudo, offegava n'uma gordura doentia de cardíaco. O bigode grisalho, ralo e curto, deixava-lhe á mostra a dentuça podre, negra do tabaco. Extremamente myope, contraíra um habito que se transformára n'uma especie de *tio* nervoso: estava sem-Pre a ageitar as grossas lentes de crystal sobre o nariz. Tinha ®a physionomia intelligente, mas que inspirava repulsão : per-cebia-se através d'ella o trampolineiro d'officio, o bohemio que Se arrastára, esfomeado e cynico, pelos misteres mais dúbios e suspeitos. Em toda a sua pessoa, no modo de relancear a vista

por cima das lunetas, no gesto theatral de *cabotin,* na constante declamação pretenciosa, no desleixo e decadencia d'um janotismo mirabolante — sobrecasaca clara, collete de um largo xadrez, gravata espalhafatosa, o collarinho muito decotado — suspeitava-se logo o intrujão, o batoteiro, o litterato de botequim, o foliculario assalariado dos papeis de *chantage,* o emprezario fallido a cada empreza. Com effeito passára por tudo isso. Ainda agora redigia o *Chicote*, um papelucho onde se abocanhavam todos os que podessem comprar caro o silencio dos insultadores: e passava por ser o auctor d'uns celebres contos obscenos, que a policia apprehendera, dias antes, nos kiosques-

Com modos preoccupados, o nosso homem pediu logo ao visconde duas palavras em particular. Afastaram-se um pouco e vimol-os um momento gesticulando e dialogando baixo, absorvidos n'uma conferencia animada. Um dos amigos do visconde piscou-me o olho murmurando :

— Entalão no caso! Tem a quinzena á porta e naturalmente está a apitar . . .

Mas, instantes depois, os dois voltavam. Vinham rindo, muito íntimos, braços enlaçados.

O visconde ao aproximar-se annunciou-nos logo :

— Plenamente informado sobre a dama dos nossos pensamentos ! Difficil, meus amigos, muito difficil!...—accrescenlo" cynicamente. — É uma honesta mãe de familia . . .

— Uma honesta mãe de familia, aquella linda rapariga! — exclamou o freguez das coristas.

— Oh ! é todo um drama ! — pronunciou em voz lenta, com gesto largo e cerrando os olhos, o amigo Valle. — Todo um drama, meus caros senhores!

—Homem 1 conte-nos isso — instou um dos outros.

Então o emprezario convidou-nos a entrarmos no seu ga^1" nete. Estava-se lá mais á vontade para se cavaquear.

Seguimol-o. O gabinete ficava á direita, ao lado do guarda' roupa. Subia-se para elle por uma meia dúzia de degraus- Era um cubículo, onde mal cabíamos os seis. Das paredes o papel, desgrudado pela humidade, pendia lamentavelmenL

em farrapos. Dois velhos reposteiros de reps verde, muito desbotados, velavam as portas e uma pequena janella que abria sobre um becco. Pelos muros espalhavam-se algumas photographias apagadas de actores e actrizes em costumes, velhas Paginas de jornaes de caricaturas com allusões theatraes, um regulamento do lheatro encaixilhado e um kalendario de esfolar. A um canto arrumava-se uma pequena estante com rimas de partituras e librettos manuscriptos: no outro uma banca ordinária de cerdeira, atulhada de papeis empoeirados e grossos tomos de escripturação. Junto da banca um bico de gaz ardia, [s]''bilando.

Foi ahi que o Valle, agitando-se no meio do quarto, gesticulando em perinanencia, nos detalhou com um entono palhetico esta simples historia, que elle pomposamente appellidava de *drama.*

Ill

Chamava-se Carolina e fôra em tempo costureira de modis-'a. Pinha perdido pae e mãe muito cedo e ficára de pequena vivendo com a avó — uma mulher d'armas activa, videira, que [l]''nha uma lojita de adela. Creou-se entre os farrapos, manejando desde os oito annos a agulha — de fórma que aos quinze era já "ma mestrasinha de costura. A avó metteu-a enlão em casa d'uma senhora D. Mathilde, que trabalhava para fóra. Com o tempo, [u]Perfeiçoando-se, passaria *d[1] atelier* d'uma modista franceza.

A snr.[11] D. Mathilde tinha apenas comsigo uma meia dúzia de rapariguitas, que não lhe saíam debaixo dos olhos. E como [a] casa era a alguns passos apenas da loja da adela, a Carolina '°ntinuou resguardada, livre dos perigos que cercam uma rapada entregue a si própria e aos maus exemplos e maus conselhos de companheiras já pervertidas. Mas quando, dois annos depois, °i recebida em casa de madame Sélys — começaram as relações Perigosas com as outras, os cancans d*'atelier,* as correrias pe-

las ruas da cidade, a chalaça jogada pelos perseguidores gulosos de carne fresca, a abordagem sinisLra das alcoviteiras — toda essa rêde de tentações corruptoras estendida á inexperiencia da vida e ao impulso obscuro dos instinctos.

A Carolina era bonita — um delicioso palminho de cara d'uma frescura de flor orvalhada. E a sua belleza era mais um risco, que trazia em contínuo sobresalto a pobre da avó, cuja vida de moura, uma vida de labutação sem tréguas, lhe não permittia andar sempre no encalço da neta. O seu receio d'um desastre, d'uma queda irreparavel, tornára-a desconfiada, impertinente, sempre cheia de ameaças. Se via entrar a rapariga triste c pouco expansiva, berrava-lhe logo, mostrando o punho cerrado :

—• Põe-te a pensar em tolices, põe, que te faço os ossos n'um feixe !

Se ao contrario ella lhe apparecia alegre, afogueada, a rir d'alguma historieta que ouvira no caminho, a ameaça variava de fórma sein variar de sentido :

— Anda ! arreganha por ahi a taxa a esses malandros, e depois, se te acontecer alguma, canta o *ai ! ai*

Mas apesar de tudo isto, apesar mesmo do seu génio alegre, a Carolina não se compromettia nem « dava que fallar de si. » E quando a avó lhe descobriu o namorico com o Danieb o official de alfaiate que morava defronte, viu logo com prazer que a rapariga se sabia pôr no seu lugar, obrigando o rapaz a tomar muito a sério aquellas relações.

.0 namoro durou alguns mezes — sempre sob o olho vig[l]' lante da farrapeira. Esta havia-se informado. O alfaiate dava garantias. Era trabalhador, mettido comsigo, arranjado e ec°* nomico. « Fraca figura ! — dizia a velha, que tivera por companheiro um alentado soldadão da municipal — fraca figura ! i°[aS] bom moço!» — Com effeito o Daniel era um encolhido, um magro-dobrado pelo trabalho •— apenas com a belleza maricas da sua pelle transparente, do seu ondeado cabello castanho, do [sell] dôce e avelludado olhar negro, onde a bondade da sua aln""[l] se denunciava abertamente. Não lhe conheciam um vici° •

ião fundia a féria na taberna, não arranchava ás patuscadas habituaes dos companheiros, não jogava, não fumava, nunca lhe tinham descoberto outra inclinação. Com isto — sério, levando a semana toda curvado sobre a obra, pontual, exacto, intelli-«ente, muito estimado dos mestres. Era um partido — não havia a menor duvida.

Mas a abelha-mestra da avó, pratica da vida, comquanto 0 negocio lhe quadrasse, exigiu um bello dia que lhe pozessem a coisa em pratos limpos. O Daniel, honestamente, fallou-lhe liso e claro. E assim o casamento tratou-se e realisou-se logo.

O primeiro tempo foi como uma maré cheia de felicidades. 0 Daniel a custo dava vencimento á obra, ajudado pela mulher, lue deixára a modista. A Velha continuava com o seu negocio, cada vez mais activa e mais avára. Saúde no corpo, paz na alma — e entre essa trindade de trabalhadores a harmonia dos lue se sentem unidos por uma mesma vontade e um esforço commum. Em cada anno, com uma precisão igual á das forças Senesiacas da terra, creava-se um fructo humano, um filho, cujo apparecimento apenas vinha aggravar aquella vertigem de trabalho. E apesar das gestações, dos partos, das amamentações successivas, a Carolina não perdia da sua belleza, da sua frescura, d'esse não sei que de puro e de intacto que, ao atravessar a rua, apressada, d'olhar baixo, composta e cingida no seu chalé, lhe dava um ar de virgem, tranquilla na inconsciência da natureza adormecida.

Um dia, porém, a avó teve um ataque de paralysia que a deixou hemiplegica. Todas as suas economias se foram em médicos, em banhos de caldas e banhos de mar. Mas, coisa d'um arino depois, o ataque repetiu-se e aquella rude trabalhadora deu Por fim descanso nos sele palmos da sua cova á pobre e desconjunctada carcassa, que tão duramente se aguentára na valorosa conquista do pão nosso de cada dia.

Sós, os dois continuaram na brecha. Tiveram de mudar de 'asa e foram para os baixos d'um prédio novo, que se alugava a°s andai'es. Foi ahi que o Valle os conheceu. Elle morava no terceiro. O Daniel, nas horas vagas da obra encommendada pe-

los grandes estabelecimentos, voltava-lhe casacos ou ajustava* lhe fundilhos em alguns velhos pares de calças, rejuvenescidos com um banho de. benzina e uma passagem de ferro. Era uru *ménage* estimado na visinhança: tudo n'aquelle canto respirava ordem, harmonia e esse ar de arranjo, que é o conforto dos pobres. Ella, então, viva, expedita, trabalhadeira, le* vava a sua tarefa com uma alegria d'ave — cantando sempre. De manhã á noite, a mourejar em casa, ajudando [0] homem sentada á machina, lavando no tanquesito do pequeno quintal as roupitas das creanças — a sua voz forte, sã e afinada, subia d'esse *rez de chaussée* entoando a canção popular do dia, retalhos de opereta a que estropeava os versos, reminiscências de *pots pourris* tocados pelas bandas, aos domingos, nos passeios. Muitas vezes, encantado com aquella esplendida voz, o Valle havia-lhe proposto, rindo, que entrasse para o theatro. Promettia-lhe um futuro único, perspectivas de luxo e riquezas, um crescendo de successos, com aquella magnifica garganta e aquella deliciosa carinha que Deus lhe dera-

lla tempos, porém, notara que a rapariga cantava menos- Não lançava já a voz com o *entrain,* a alegria, a vivacidade, q[ue] faziam d'aquelle canto como que a emanação d'uma alma absolutamente feliz. Apenas trauteava a *mezza-voce* cantigas melancólicas, arrastadas como um suspiro, dolentes como queixumes. Depois começaram longos períodos de silencio. Agora havia seis mezes que aquelle constante gorgear d'ave cessára de todo-

O Valle informou-se. As coisas em baixo iam mal. O homem adoecera. Appareceu um dia a deitar sangue pela bocca- Venceu a primeira crise, retornou o trabalho. Mas seguiram-[se] outras, exigindo despezas de medico e de botica, que foram lambendo a pequena reserva do *pê de meia.* Com a falta de trabalho vieram as primeiras privações, os primeiros desequib" brios economicos. Recorreu-se ao principio a alguns pequenos empréstimos por uns dias, por umas semanas, emprestimos contrahidos com visinhos tão pobres como elles. Depois passou-se ao *prego :* e lá foram cair o pouco oiro da rapariga, o relógio [e] a corrente de prata do official.

Ella, entretanto, resoluta e heróica, duplicava os seus esforços. Matava-se a trabalhar, de dia, de noite, debruçada sobre a machina, repartindo-se entre as voltas da casa, os cuidados dos filhos e o tratamento do pobre doente. Conseguiu assim, evitando tudo quanto era supérfluo, sacrificando tudo quanto era inútil — ter sempre a panella ao lume e os remedios á cabeceira do enfermo. Todo o trabalho lhe servia, nenhuma tarefa a assustava. Assim, uma mulher sua conhecida, ajustada para ir servir fóra da terra, propoz deixar-lhe um filhito mediante uma pensão de uns tristes dezoito tostões por mez. Apesar de ter uma ninhada própria de quatro creanças, aceitou o negocio e trouxe para casa o pequeno.

Foi n'estas circumstancias que o Valle se encontrou um dia com ella ao entrar para casa. Fallaram. Ella contou-lhe ingenuamente as suas misérias, os seus trabalhos. E elle, presentindo que toda essa desgraça podia muito bem levar-lhe de refoço aos seus pobres coros decadentes o auxilio d'aquella bonita rapariga com a sua deliciosa voz — relembrou-lhe as antigas propostas. Sorriu-se: —Credo! entrar para o theatro! Deus a livrasse de tal ! E nem o seu homem consentia.

O emprezario, porém, adivinhando que a necessidade viria mais tarde ou mais cedo a vencer aquella repugnancia, lançou Astutamente uma cifra.

— Pois, menina, sempre lhe dava desde já uns seis tostões por noite — quando mais não fosse, para a ajudar. Seis tostões : — repeliu — e são só quatro pequenas horas de prisão, entre as oito e a meia noite . . .

Passou tempo. 0 homem peiorava. O mais insignificante estorço para trabalhar prostrava-o para uns poucos de dias : a obra não lhe saía das mãos : os mestres já não lhe queriam dar que fazer. A situação d'esse pobre *ménage* começou a tornar-se afflictiva. Na tenda, no padeiro, no talho — haviam esgotado o seu limitado credito. Nem mais uma côdea fiada ! —- E agora, perseguidos implacavelmente pelos credores, tinham a tender-lhes os mingoados recursos mais unia bocca avida, voraz, insaciavel — a divida !

Um dia, tinha o Valle acabado de almoçar quando a creada lhe veio dizer que a mulher do alfaiate lá de baixo o procurava. Mandou-a entrar, com um palpite de triumpho :

— Então sempre se resolveu, menina? — perguntou-lhe ma' a viu.

Ella fitou-o com estranheza •— como quem não percebia a phrase. Depois, recordando-se, exclamou com um sorriso :

— Ah ! . . . não, senhor ! não é por isso que cá venho.

Não era, com effeito. O que ella queria era vèr se o Valle lhe arranjava um beneficio. Estavam na ultima, deviam muito, contava com os olhos marejados de lagrimas. Um beneficio salvava-os : podiam pagar o que deviam e para um tempo «ate vèr no que as coisas davam », era o pão seguro e o medico certo. E pedia, supplic-ava, quasi de mãos postas, com um clarão de esperança no seu bello olhar claro. Era uma esmola, uma caridade ! Matava[L]se a trabalhar, mas as despezas eram muitas, as dividas accumulavam-se : em poucos dias entrar-lhes-ia a fome em casa.

O Valle, condoído, começou por dizer-lhe que sim, que'nao havia duvida, mas ponderou-lhe logo que ia jogar uma carta arriscada. Estava-se no fim da época, o publico abandonava os Lheatros, quasi todas as noites tinham a casa ás moscas. Passar um beneficio, n'estas alturas, era difficil. Tinha ella protecções para isso? Bem via : o caso era sério. E se em vez de lucro a recita nem désse para a diaria? Sabia que tinha de pagar ° theatro, os actores, a orchestra, o guarda-roupa, a illuminação. os cartazes, os empregados, etc., etc.? Ah 1 pois ahi estava ! • • • Isso de benefícios era uma santa historia ! Quando se não tinha meia dúzia de protectores, que se encarregassem de passar [a] casa, eram mais aquelles em que se perdia do que aquelles em que se ganhava . . .

E, paternalmente, aconselhou-a a que Iirasse d'ahi a ideia. O que devia fazer era aceitar a sua antiga proposta. Deixasse-se de tolices ! Podia acreditar que havia lá pelos palcos muita gente honesta e boa. Era um officio como outro qualquer. E quem linha dedo para a coisa abria caminho, fazia carreira • • •

Mas a rapariga, desconcertada, vendo íugir-lhe, desfazer-se como um sonho rosa e oiro esse plano salvador, longamente acariciado no meio das mais vivas esperanças — ficara muda, abatida sob o golpe d'essa desillusão. O Valle, julgando-a apenas hesitante, instou, lançou de novo a sua cifra tentadora. Ella, porém, franzindo o sobr'olho n'uma contracção de energia resoluta, disse-lhe simplesmente :

— Muito obrigada, meu senhor. Mas lá isso — não !

E saiu.

Comtudo, ao cabo de duas semanas, á mesma hora, a creada tornou a annunciar ao Valle que a mulher do alfaiate lá de baixo o procurava.

— Temol-a outra vez ahi com o beneficio!—-pensou comigo. — Mande-a entrar.

A rapariga entrou.

Estava mais magra, mais pallida, sem essa irradiação de alegria tranquilla, de paz interior, que fazia o encanto particular da sua belleza. Lia-se-lhe na face o desapparecimento de toda a esperança — ligado a essa terrível pertinacia d'um esforço, determinado apenas pelo instinctivo sentimento do dever.

— Então que ha?—inquiriu o Valle ainda abancado á Jneza, esgaravatando os dentes.

Ella, de olhos baixos, ruborisada, torcendo nervosamente entre os dedos a ponta do chalé, teve um movimento de hesitação. Porfim respondeu :

— É que . . . sempre me decidi. O meu homem está por tudo. . . Vinha saber se o senhor ainda me queria . . .

E rompeu n'um chôro convulsivo, a soluçar, a arquejar, com grossas lagrimas que lhe inundavam as faces afogueadas de vergonha.

O Valle enterneceu-se. Vieram-lhe também as lagrimas Aos olhos-—jurou-nos ! Não se imaginava nada de mais simples e de mais dramatico, accrescentou. Aquilio n'um palco, dito assim como ella o dissera, era de levantar uma plateia em Peso !

Procurou consolal-a, animal-a. Tornou a fazer-lhe a apoio-

gia da gente do theatro. Más cabeças talvez, não dizia que não — mas bons, excellentes corações ! Era um preconceito, uma ideia falsa — essa que em geral o povo fazia dos que desdenhosamente chamava *comicos.* Ella veria ! Uns pobres diabos ! Depois traçou-lhe um quadro risonho da sua situação desde que entrasse para o theatro : sempre aquelle dinheirinho certo, a vida mais desafogada, menos afflicções para sabei' como havia de pagar aqui e acolá, satisfazer os juros dos penhores, mandar aviar as receitas e fazer as compras ... Ia entrar no céo. Veria — tornou — veria . . .

E o ajuste concluiu-se rapidamente — ainda entre as lagri* mas e os soluços da pobre Carolina, que não despregava os olhos do chão.

Logo ao outro dia foi ao primeiro ensaio. Provaram-lhe [8] voz ao piano. Excellente ! soberba! Um verdadeiro successo! Fazia-se a *reprise* d'uma opereta velha — *O Talisman.* Havia uma vaga no còro dos pagens. Encaixaram-n'a lá, sem mais rodeios, sob uma ordem terminante e sêcca do *maestro* e do ensaiador.

Quando, no proprio dia do seu debute, uma costureira lhe foi acertar o costume com que, horas depois, devia apparecei em scena — a pobre rapariga teve uma revolta de pudor offendido. O que? metter-se n'uma roupa de homem? apparecer assim diante de Deus e de todo o mundo com as pernas á mostra, quasi despida? Não! nunca!—bradava ella — Nunca! 1[88]o nunca !

Houve uma scena. O fiscal interveio rude e brutalmente- Fallou-lhe em multa, em tabella, ameaçando-a, tratando-a log° por *tu.* Ella tentou reagir, mas o fiscal, furioso, redobrou de ameaças e de brutalidades. Quebrada de todo, cedeu, tremendo. Via decerto, agora, o doloroso alcance do seu compromisso- Lembrava-se da quinzena, que, sob um pretexto de caridade, o Valle lhe adiantára para a segurar — a quinzena que voára log° dispersa em mil pequenos gastos ou sugada pela ganand[a] dos crédores ! Senlia-se presa, enleada, amarrada áquelle velho casarão do theatro, cujos cantos obscuros, cujos nichos myst[c]

l'iosos, lhe faziam correr na espinha um calafrio de terror. Alugára-se, vendera-se, perdera a sua liberdade ! Agora era ir para diante, obedecer cegamente, arrostar com o trato grosseiro de todo esse mundo dúbio em que se via envolvida, com a curiosidade viciosa dos freguezes do palco, com a despótica soberania do publico : — soffrer, emfim, de cara alegre e calar-se resignadamente. Estava lançada a sua sorte: não podia já voltar atraz. D'um lado algemava-a o dinheiro, recebido e gasto: do outro impellia-a a miséria. E, humildemente curvada a essa latalidade superior, que a trouxera até alli, buscando n'ella uma razão que a escusasse aos seus proprios olhos d'esse estado aviltante a que se via reduzida, esperou a noite como as martyres esperavam a hora do sacrificio, entre o rugir das 'eras e o vozear do amphitheatro em delirio. Também alli lhe iam dilacerar, em publico, o pudico recato de esposa e de mãe !

IV

i

li era a esse sacrificio que nós vínhamos de assistir, aggra-ᵛando-o com a nossa insolência, as nossas audacias libertinas, as brutalidades do nosso vicio irreverente e cynico 1 Era a essa especulação sacrilega com a miséria, a essa profanação dos mais Puros sentimentos femininos, que nós tínhamos prestado um torpíssimo concurso, auxiliando com as nossas devassas perseguições o martyrio d'essa pobre mulher !

O Valle terminara a sua longa narração. Então o visconde, lue até alli se conservára enterrado, espapaçado na cadeira em frente da banca, distendeu os braços, espreguiçou-se — e n'um 'om indifferente, bocejando, exclamou :

— Coitadita ! . . .

Saímos. Já havia caído o panno sobre o ultimo acto. Tudo debandava. Os machinistas desfaziam a scena. Apenas a meia 'uz das gambiarras allumiava a caixa quasi deserta. Vultos de

homens e de mulheres desappareciam na obscuridade, atraz dos repregos, lançando uma saudação de despedida : boa noite, ó este ! adeus, ó aquelle ! Percebia-se pelos corredores e pelas escadas o tropear da multidão que evacuava o theatro. E na orchestra um velhote, silencioso e lento, recolhia as partituras e abafava carinhosamente os contrabassos nas suas baetas desbotadas.

Largo tempo decorreu sem que eu voltasse ao theatro. Havia quasi esquecido a pobre corista e a sua triste e desgraçada historia. Não tornara a vêr nem o visconde, nem esses interessantes jovens que lhe formavam continuamente o estado maior nas suas campanhas galantes. Esse episodio do palco tornára-se no meu espirito uma simples recordação vaga e banal.

Mas uma noite, UIT^I noite desoccupada em que depois de jantar seguia ao acaso flanando pelas ruas, encontrei-me, sem muito bem saber como, á porta do theatro. O cartaz affixado no átrio annunciava em grandes letras vermelhas *O Talisman,* em beneficio do actor Praxedes. O actor Praxedes ! Este nome despertou em mim a recordação apagada d'essa noite de palco. Regateei um bilhete com o primeiro contractador que me abordou, um gaiatão de chapéo flamenco, gaforina caíndo-lhe em topete sobre os olhos e calça apolainada — e entrei.

Afora o aspecto da casa cheia, umas bandeirolas e uns festões d'hera nas columnas dos camarotes — tudo alli era tão exactamente o mesmo que eu tive a estranha sensação de que u®ª hora da minha vida se repetia immutavel e inalteravel.

O mesmo scenario, a mesma desafinação, a mesma sensaboria, a mesma falta de vida—as mesmas macaquices grotescas do Praxedes, os mesmos olhares estupidamente lascivos da Rosalia ! Assaltado d'um tédio igual ao que me tomára, mezes antes, perante aquella somnolenta pantomima, ia a erguer-me para sair, quando o coro dos pagens entrou, entoando a sua marcha. Procurei logo na fila essa pobre Carolina, a infeliz p[ro]' fagonista do famoso drama do Valle. Lá estava, lá estava com" da outra vez ao lado da sebacea Epiphania das pernas s?[or]" das . . .

Ah ! mas quão differente ! Parecia que só ella mudara alli! Encarava já com desplante as primeiras filas da plateia. A cabeça alta, as mãos nas ilhargas, lançava toda a voz que destacava, sonora e afinada, entre os grunhidos das companheiras. Perdera aquella limidez, aquelle recato, que davam a essa mãe a pureza e a virgindade d'uína Madona. O seu bello olhar claro em vez de se abaixar, n'um embaraço pudico, corria a sala, firme e altivo, com uma scintillação dura, um reflexo metallico, denunciador d'uma profunda metamorphose psychologica. Da Madona casta saíra a Aphrodite soberana e dominadora, a deusa dos dissolutos amores . . .

Que fòra? que houvera? que se passára n'esse anuo em que eu não voltara ao theatro? que epilogo teria tido o drama. [0] celebre e decantado drama do Valle?

Não o indaguei, não o quiz mesmo saber. Só com espanto e '"agua reparei que o seu costume era novo, que o seu *maillot* era agora de sèda — e que nos lobulos rosados das suas orelhas dois grandes solitários ardiam, cambiando os seus fogos bisados . . .

Luiz de Magalhães.

OS FILHOS DE D. JOÃO T [1]

Inciyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* iv, 50-

V

O LEAL CONSELHEIRO

Livido, o cadaver de D. João I jazia sobre o seu Jeito mortuário. Em volta, os filhos — salvo D. Pedro que vinha a galope de Coimbra, e o conde de Barcellos afastado pelo norte em suas terras — de pé, n'um silencio de estatuas, guardavam ° defunto. Eram todos homens feitos, quando o velho rei morreu, em 1433. O bastardo contava cincoenta e seis annos, D. Pedro quarenta e um ; e dos presentes, D. Fernando, o mais novo, estava nos trinta, D. João tinha trinta e tres, D. Henrique trinta e nove, e D. Duarte que recebia a coroa da cabeça inanimada alli cabida, fazia n'esse anuo. quarenta e dois. De todos os irmãos, D. Duarte era o que mais succumbira : dir-se-hia ter acabado também, abraçado á alma do pai, levado nas azas negras da morte.

Fr. Gil Lobo, seu confessor, chegou-se a elle respeitosamente e bateu-lhe ao de leve no hombro. D. Duarte fitou-o com o olhar pasmado.

— Acorde, senhor, para o officio de rei !

[1] Continuado da pag. 573, numero do 1,° de novembro,

0 rei, desoladamente, levou as palmas á face e aguentando a cabeça chorava como uma creança . . .

Amortalharam o defunto, metteram-no no caixão, cobrindo-o com um panno de velludo negro, e á noute foi levado em andas pelos proprios filhos, com os condes e grandeza do reino, n'uma lugubre procissão de tochas, n'um côro de espantoso pranto, desde o paço até á Sé, que ficava próxima. D. João I morrera em Lisboa L

Havia um certo tempo que se contava com o desenlace para breve. El-rei dia a dia definhava. Pesado, não eram tanto os annos que o carregavam, pois não tinha mais de setenta e sete : eram os accessos que sempre se repetiam com frequencia maior. Um mez antes fôra para Alcochete, queixando-se, adivinhando o seu fim proximo ; e como lá peiorasse, declarou aos filhos que não lhe convinha acabar em aldeias e desertos : levassem-no á sua principal cidade, a Lisboa, e ao seu paço da Alcaçova, para ahi morrer.

Antes d'isso porém quiz despedir-se dos santos da sua guarda, encommendando-se para a fatal viagem que se avisinhava. Tiveram de o levar á Sé, e ahi, em todo ,o seu estado, ouviu a missa solemne dita no altar de S. Vicente, de toda a sua devoção, e seu patrono para o dia terrível e proximo em que appareceria diante de Deus. Pelo cerebro ennevoado passavam-lhe remorsos velhos, farrapos de nuvens batidas pelo vento da memoria. A capella que mandara levantar a S. Vicente não estava acabada ainda, e, para pagar essa divida, limpando a consciência de sombras, quando se chegou ao Offertorio na missa, offereceu elle lambem um sacco de ouro amoedado, o necessário para a conclusão da obra.

D'alli quiz ir dizer adeus a Nossa Senhora da Escada, junto a S. Domingos, e, voltando á Alcaçova, bem disposto, em paz comsigo, confiado na protecção dos seus santos, entregou-se aos religiosos para o prepararem a bem morrer. Mas antes, passando a mão pela cara e sentindo a barba crescida,

' Pina, *Chron. D. Duarte,* 1 ; nos *Ined. 1,* 75.

disse que lh'a fizéssem, para que depois de morto um rei não ficasse espantoso e disforme [1]. Tudo levava a crer que a morte se consummaria segundo o ritual, com todos os sacramentos da Egreja. De repente, porém, o juizo toldou-se-lhe, perdeu a razão e o sentido, de fórma que á magoa da morte juntou-se a desgraça de o verem morrer sem disposição de perfeitamente descarregar sua consciência

Eram quinze de agosto quando expirou, aos quarenta e oito annos certos do dia famoso de Aljubarrota, aos dezoito exactos d'esse outro dia igualmente fatídico em que largara de Lisboa para a jornada de Ceuta. O sol também se eclipsou, apparecendo cris como no dia triste da morte de D. Philippa Fr. Gil Lobo batia no hombro de D. Duarte :

-— Acorde, senhor, para o officio de rei !

Mas o crepusculo d'esse dia entrava na alma atribulada do rei, onde nenhum relampago de vaidade ou ambição conseguia rasgar com luz a sua melancolia dolente. Eclipsára-se também o sol de Aljubarrota, cujos raios eram de fé audaciosa. Passivo, desfeito, quebrado, o rei não acordava. Parecia somnambulo. Um vago medo invadia a todos. Andava o ar saturado de malefícios. A nuvem da superstição, filha do susto, crescia progressivamente, abafadora. Confessado e commungado, prompto para a coroação, estava o rei, quando mestre Guedelha, o judeu que na corte exercia o cargo de physico e astrologo, veiu arrastando-se de joelbos diante de D. Duarte, supplicar-lhe que dilatasse até depois do meio-dia. Era perigosa aquella manhã; constellações funestas ! Júpiter estava retrogado, o sol em decaimento, e no céo palpitavam signaes assás infelizes ... O rei, pousando-lhe amigamente a mão sobre o hombro, com o parecer melancolico e um olhar fatídico em que se descortinava a crença vaga nas predicções, respondeu-lhe devagar:

— Bem sei, mestre Guedelha, que me amas . . . Não duvido

[1] Pina, *Chron. D. Duarte,* i, 71-3.

[2] *Ibid.,* iv, 80.

Ibid., i, 73.

que a Astronomia seja boa, e uma das sciencias entre todas permittidas e approvadas ; porém creio em Deus sobretudo. Com sua mão e ordenança são todas as coisas. Este cargo seu é . . .

Cahindo-lbe a cabeça sobre o peito, passavam-lhe na idéa as visões de um fado adverso ; mas resignava-se a cumprir, como holocausto, os desígnios de Deus. O christianismo creára com elfeito nas imaginações, acima da idéa antiga, naturalista, do fado, uma segunda *moira*, mais absoluta ainda por ser voluntaria e consciente. Astrologos e kabalistas, toda a especie de adivinhadores do futuro pelos caracteres enygmaticos escriptos nas folhas sybillinas do livro da natureza, rematavam os seus prognosticos pela phrase consagrada *Deus super omnia.*

Submissamente, com o desespero na fronte enrugada, o physico murmurou :

— Seja assim ... O que eu pedia não era grande coisa ; accrescentou com uma esperança.

— Não ; não o farei, pois o não devo; por não parecer que mingua em mim a fé e a esperança em Deus.

— Poucos annos reinareis, observou propheticamente o astrologo, inspirado pelo orgulho da sciencia. Poucos, e esses cheios de grandes fadigas e trabalhos . . .

D. Duarte ficou pensando na morte.

Emquanto na praça, fóra do paço, o povo como uma creança, prompto sempre á alegria cheia de esperanças, acclamava o novo rei já coroado, elle que linha ao lado o bispo de Évora disse-lhe somnambulamente :

— Bispo, queria que no cabo d'este auto, aqui, diante de mim se queimassem umas poucas de estopas por lembrança e comparação que esta gloria e pompa do mundo assim dura pouco e passa mui brevemente . . .

A melancolia do seu espirito reclamava symbolos bem nítidos que a traduzissem. Sentia-se fadado para o sacrificio. Martvr quasi voluntário, martyr cm todo o caso predestinado, curvava a cabeça ao cutello que via no ar, suspenso da mão de Deus. O bispo, com auctoridade, retorquiu :

— Senhor, a memoria e conhecimento que d'isso tendes, escusa por agora outra ceremonia

O rei calou-se, abafando um suspiro.

Principiava a agonia de cinco annos que foi o seu reinado. Era um homem excellente, mas sem vontade, em quem o caracter se manifestava apenas pelo escrupulo. Escravo da sua palavra, foi d'elle que veiu o proloquio, aliás tão pouco exacto, da « palavra de rei que não volta atraz » porque, pelo contrario, são os príncipes que mais vezes se vêem forçados a desdizer-se. Esse escrupulo, ou firmeza quasi supersticiosa, estava-lhe expresso na face apagada e sem côr. Rosto redondo, imberbe, avelhantado já pelas rugas prematuras, com um olhar incerto, ou antes perdido e vago, com os cabellos castanhos corredios empastados sobre as fontes, D. Duarte não deixava de possuir um certo encanto ; mas a seducção que exercia, dolentemente effeminada, vinha da graça, da affabilidade com que recebia a todos, parecendo pedir-lhes perdão do alto cargo que occupava e para o qual reconhecia em si proprio a insufficiencia.

Chamavam-lhe *eloquente*, não porque tivesse o dom de persuadir com a sua palavra captivante ou enthusiastica, mas por prezar as letras como « grammatico e algum tanto logico» Foi o litterato coroado, com os vicios e qualidades d'esta classe de homens, e acima de todos, com essa paralysia da vontade que provém da inclinação fatal de communicar ao próximo, escrevendo, aquillo que se pensa e por isso se imagina querer. A litteratura tem este defeito inherente : toma a nuvem por Juno, confundindo as obras com as palavras. E o litterato medíocre apresenta esta aggravante : dar valor de ensino ás banalidades que lhe passam pelo cerebro, como passam pela idéa de qualquer outro que todavia não pratica o vicio de as communicar ao proximo.

A Renascença, que é d'onde data a idade da reflexão nos tempos modernos, inicia a éra do predominio dos *eloquentes,*

[1] Pina, *Chron. D. Duarte*, II, 76-7.

[2] *Ibid.,* III, 79.

já porque os homens sahem de todo do período de espontaneidade activa e semi-barbara ; já porque a reflexão dos modernos teve por muito tempo o caracter de uma imitação mais ou menos servil das idéas dos antigos restauradas.

Com os vieios e qualidades do litterato, D. Duarte, sem ser um medíocre, não se podia dizer um espirito superior. N'outras condições talvez o fosse ; mas o facto de ter nascido príncipe, n'um momento historico em que a energia nacional pulsava com violência, impellindo-o também o proprio exemplo dos irmãos, e levando-o a saturar-se de um saber acaso demasiado para a capacidade limitada do seu espirito, exageraram a tensão d'este ultimo, forçaram-lhe as cordas a ponto que, principiando por fazer d'elle um valetudinário, acabaram pelo matar, quando uma tragedia cruel, que não teve força para impedir, fez transbordar o cálix amargo da sua triste vida.

Assustava-o a violência tragicamente sombria do infante D. Henrique, a vastidão dos seus planos, o arrojo dos seus desígnios ; achegava-se á protecção de D. Pedro, cuja segurança de animo affectuosamente grave quadrava mais á sua timidez de litterato; porque outro defeito d'esta especie de homens é a hesitação proveniente de terem dispendido toda a audacia em phrases. E a timidez crescia-lhe agora, n'este momento grave da acclamação, vendo-se coroado, e não vendo junto de si o infante D. Pedro.

Quando em Coimbra o infante soube o pai agonisante, largou para Lisboa n'um galope. Em Leiria, porém, recebeu a noticia da morte do rei. Parou ; vestiu-se de luto, aproveitando a pausa para escrever ao successor uma longa carta politica e moral. Muitos e gravíssimos problemas se agitavam; mas acima de todos havia dois da maxima importancia. Um, de politica interna, era a situação do reino explorado desapiedadamente pela cobiça dos fidalgos com quem D. João I tivera de repartir em paga do serviço »de o levantarem no throno. Outro, de politica externa, mais grave talvez ainda e directamente ligado com a economia do reino, era a conquista do império

de Fez e o plano de descobertas que enlouquecia o infante D. Henrique. O saber, a prudência, a philosophia de D. Pedro, dictavani-lhe os conselhos ao irmão, cuja debilidade de animo não desconhecia. Devagar, a passo, ruminando as suas idéas, foi seguindo até Bellas, onde encontrou D. Duarte e lhe fez a sua reverencia e homenagem. Ahi se jurou logo o herdeiro presumptivo, D. Affonso, nascido no anno anterior, e o primeiro *príncipe* que houve em Portugal, confiando-o o rei á tutella dos dois tios

Talvez n'este momento D. Duarte meditasse algum dos numerosos tratados em que se vingava, escrevendo, da passividade do seu génio. Não nascera para reinar, nascera para aconselhar. Tudo lhe servia de thenia para composições mais ou menos interessantes. Sem energia decisiva, satisfazia-se registrando no papel submisso, que obedece a tudo, as congeminações nebulosas do seu espirito. Presenlia atribuladamente a tempestade que pairava no ar com o choque do génio dos irmãos : o despeito cubiçoso do conde de Barcellos, chefe natural da fidalguia ávida que pretendia rematar a partilha do reino, inciada na guerra da successão ; as ambições ardentes de D. Henrique, accendendo o enthusiasmo dos irmãos mais novos, impacientes por darem pasto á força da idade ; a influencia que em D. João devia ter o sogro desde que casára com a sobrinha, filha do conde de Barcellos ; a inquietação de espirito de D. Fernando, a quem tivera já uma vez de dai' conselhos iruma pendencia com o pai . . . Escrevera esse papel, com° escrevia tudo, pontualmente, methodicamente. Vinha-lhe isso da mãi, ingleza.

Escrevia tudo, porque o seu espirito, sem energia nefli profundidade, tinha todavia a extensão própria da gente indeterminada. Os seus tratados são um compendio das cogitações do tempo, e podem considerar-se o diário da sua vida. Um dia redigia as regras de governar, recopilando o que lèra no D^e *regimine principum* que era o evangelho politico do **século** >

[1] **Pina,** *Chrnn. D. Duarte,* **iv-v ; 80-5.**

outro dia dissertava sobre as regras de bem cavalgar, reeditando o que o pai escrevera no seu tratado de inonteria. Depois, a economia domestica : do que se deve aos creados ; depois, a economia politica: das valias do pão conforme as valias do trigo ; depois, sermões e glossas mysticas ; depois, observações mineralógicas, astronómicas, biologicas, nas quaes se descortina a nuvem de mysticismo naturalista em que a sciencia vinha despontando ; depois, dissertações moraes ; depois, notas de estado, papeis políticos sobre as questões accesas ; depois, regras de demonologia, velho terror que se não dissipárá ainda e nos tempos novos ia tomar um caracter transcendente e tra-Sico, entrando no direito pela porta da religião, á maneira que [a] Egreja se encarnava no Estado com a definição do poder absoluto de príncipes profundamente christãos[1].

[1] As obras de D. Duarte, conforme o catalogo formulado pelo visconde de Santarém na edição do *Leal Conselheiro* (Paris, 1842) feita pelo P. Roquette, são [as] seguintes :

a) Papel que escreveu quando seus irmãos foram a Tanger.

h) Conselho que deu ao infante D. Henrique quando foi com uma armada sobre Tanger.

c) Motivos que teve para fazer a guerra.

d) Lembrança que escreveu do nascimento de seus filhos.

e) Observação da lua.

/) Cousas que foi requerido nas primeiras còrtes que fez em Santarém.

g) Cousas que pertencem ao bom capitão.

li) Observações sobre as còres de pedras de mina de metal.

i) Lembrança dos prémios devidos a certas classes de servidores.

Todos estes tratados estavam trasladados n'um livro da Cartuxa d'Evora, '"onde os mandou copiar o conde da Ericeira, o foram publicados por Sousa, llist. *'•eneal. Provas, i,* 52ít e segg. Ficaram inéditos os seguintes :

j) Tratado do bom governo, da justiça e dos officiaes d'ella (em latim).

k) Da Misericórdia.

') Summario que, sendo infante, deu a M.« Francisco para pregar do Contestável.

»i) Memorial para Fr. Fernando ordenar a pregação das exequias d'el-rei -loâo I.

n) Regimento para aprender a jogar as armas.

o) Resposta, sendo príncipe, ao infante D. Fernando sobre algumas queiR [ftR] que elle tinha de seu pai.

Quando se lêem as obras de D. Duarte, se da falta de originalidade do pensamento vem um traço para a comprehensão do seu caracter, cotejando-as com o catalogo da sua livraria, observa-se que o rei possuia completamente a sciencia do seu tempo, e que, sem innovar, sabia comprehender. Meticuloso, como letrado que era, não lhe bastava lêr : carecia de reproduzir por escripto as próprias leituras, coando-as pelo seu espirito bastante incolor[1].

*

E esta a impressão resultante do exame do *Leal Conselheiro*, que, se tivesse datas, seria um diário completo da sympathica e melancólica existencia de D. Duarte, esse rei cheio

p) Padre nosso glossado.

q) Como se tira o demonio.

r) O que se toma dos parentes : patria, leite.

s) Que cousa seja a detracção.

I) Ordenação sobre as cousas domesticas e a ordem que tinha no governo o despacho.

f<) Um tratado sobre as valias do pão, conforme as valias do trigo.

t>) Livro da ensinança de bem cavalgar toda a sella.—Publicado em 1842. em Paris, pelo P. Roquette como appendice á edição do seguinte.

x) Leal Conselheiro, vasta compilação em que estão compendiados na sua maior parte os tratados de D. Duarte.

[1] Os livros de uso de D. Duarte constam do catalogo impresso a prime»'" vez por Sousa, na sua *Hist. geneal. Provas,* i, 544, onde se registram, entre os antigos, as obras de Cesar, de Cicero, na traducção do infante D. Pedro, a *Di<*ƒ' ética* de Aristóteles, Seneca e Valério Máximo. Da litteratura cavalleiresca e romaníca vêem-se os livros de Tristão, de Galaaz, o Conde Lucanor, as *Trovas* de D. Diniz e D. Affonso, e a *Monteria,* de D. .loào I. A historia moderna entra coi[1] as chronicas de Hespanha e Portugal; o direito com as Ordenações de Bartliol°c o *De regimine principum ;* as sciencias, a geographia contribuem com as obra[f] de Avicenna, o livro das viagens de Marco Polo, trazido de Veneza por D. Pedro, e o da *Quinta Essência.* Finalmente, a moral e a religião apparecem na bibl'0,' theca de D. Duarte, leitor constante do *Ecelesiastes* e das *Collações* de S. J°a° Cassiano, com a *Virtuosa bemfeitoria* do infante D. Pedro, as *Meditações* e [aS] *Confissões* de Santo Agostinho, e um numero considerável de livros sagrado?' inysticos.

de virtudes, mas destituído de qualidades, capaz do comprehender a ordem e o valor das coisas, incapaz porém de mandar por debilidade constitucional da vontade e da intelligencia. Os homens como foi D. Duarte ficariam perfeitos se a sorte e por vezes também o estimulo da vaidade e a consciência da própria rectidão, lhes não impozessem fardos que imaginam superiores ás suas forças. Opprimidos, sentindo a fatalidade com fjue são esmagados, conhecendo a impotência dos seus desejos nebulosamente bellos, sem força para reagir, nem coragem para protestar, refugiam-se assustados no intimo recondito da sua alma, vingando-se da sorte adversa com a penitencia dos peccados apparentes que commettem. Não fogem, nem recuam, nem se demittem, porque para tanto seria necessário decisão maior ; embora seja maior ainda a coragem indispensável para as situações equivocas, determinadas por uma escrupulosa comprehensão do dever. Debatidos entre os desejos vãos da sua alma piedosa, e a crueldade cega do mundo, a historia deu sempre a homens d'estes, quando os colloca sobre thronos, a palma de um martyrio ao mesmo tempo sympathico e **inútil.**

Ditosos porém são esses reis infelizes, quando, como D. Duarte, nascem com a mania de escrever; porque sabidamente as confidencias desafogam a alma, e entre os confidentes não l'a melhor, nem mais fiel, do que a pagina em branco por intermédio da qual imaginamos pòr-nos em communhão com a alma Vaga do mundo. Nos primeiros tempos, os christãos confessavam-se ás muralhas frias dos templos : D. Duarte confessava-se as folhas mudas dos livros. Isso desafogava-lhe a alma afflicta; se era sem valor para o mundo que continuava a despedaÇar-lh'a, era todavia de uma infinita consolação para elle. FaZendo do *Leal Conselheiro* um formulário de receitas contra o *humor merencorio* de que se achava inquinado, imaginava, ao prégar a virtude e a acção voluntaria, ser bastante affirmal-as no papel para que se traduzissem nos factos. Esta illusão contadora mitigava-lhe as afflicções, sem lhe corrigir a falta de 'lualidades soberanas,

A tristeza [1] abrira-lhe as portas do palacio da philosophia, ennevoado de sombras, rendado de teias subtis suspensas, nas quaes os pensamentos lhe ficavam presos e se mirravam, como insectos captivos. E de lodos os remedios contra a tristeza, o melhor e mais efficaz achava-o no matrimonio Por isso dedicava o *Leal Conselheiro* á rainha sua esposa. Era um «abe de lealdade.» Redigira-o lodo com a sua própria mão, sem secretario. Revia-se n'elle com uma certa vaidade de escriptor. Recommendava aos leitores que o lessem «passo e pouco de cada vez, bem apontado, estando em razoado tempo bem despostos os que lerem e ouvirem. » Sentia bellezas e flores nas paginas que escrevia : « prazia-me que os ledores d'este tratado tivessem a maneira da abelha que passando por ramos e folhas, nas flores mais costuma pousar e d'alli filha parte do seu mantimento. » Vê-se pois que não escrevia unicamente para si, como tantos poetas. A contemplação não o extasiava. Pensando, tinha presente o proximo, como todo o escriptor de raça. E como era rei, naturalmente imaginava que a elevação do cargo havia de reflectir-se no pensamento, dando-lhe idéas e estylo superiores. Esta illusão da influencia do grau social sobre o valor dos productos mentaes, é commum, e de fórma alguma peculiar dos reis. Todos os personagens crêem ingenuamente na superioridade das suas idéas. D. Duarte era porém modesto, d'aquella modéstia enleada todavia em vaidade, tão frequente nos escriptores. Duvidava do valor das suas obras? Não duvidava, porque. dizia o contrario, rovendo-se ao mesmo tempo nos fructos do seu pensamento. « Basta-me que Nosso 'Senhor sabe minha tenção [c] que seja feita a nosso prazer. » Quando um escriptor sem vaidade duvida, destroe ; e quando publica, sente um orgulho affirmativo. A falsa modéstia denuncia o litterato n'esse rei que confundia a arte de governar homens com as pretenções de peda-

[1] *Leal Cona.,* XIX.

[c] <• E sinto por graça (to Nosso Senhor que boa, sages, bem pareeent' i- graciosa mulher, com que homem seja casado, e se muito amem, é grande remédio contra a tristeza e enfadamento, > *l,eal Cons.,* xxm,

gogo e a pontualidade de burocrata. O seu merecimento eminente está no valor que dava á intelligencia, « porque o entendimento ó nossa virtude mui principal;» mas 110 seu tempo, em que a sciencia e o estudo eram ainda aristocráticos, o rei acertava também observando que os seus tratados « principalmente devem pertencer para homens de corte que desejem viver virtuosamente, porque aos outros bem penso que não muito lhes Praza de os ler, nem de os ouvir [1].»

Com effeito, o commum do povo prazia-se nos romances de eavallaria e nas rimas dos trovadores. A gaya sciencia da imaginação espontanea era o que convinha a gente ingenuamente forte. As congeminações dos moralistas c philosophos, começando a emancipar-se do latim ecclesiastico e do império da theologia, constituíam porém ainda o apanagio exclusivo d'uma espécie de confraria de iniciados, sacerdotes seculares do pensamento. O *Leal Conselheiro,* sendo um dos diplomas inieiaes para a historia da lingua portugueza, é ao mesmo tempo [1]'m monumento considerável para a historia parallela da secu-'arisação do pensamento, iniciada no século xv. Do mesmo modo (iue a *linguagem* como se dizia do fallar vernáculo, ia servindo Para mais do que os usos familiares, invadindo a esphera da sciencia e das letras : do mesmo modo, esses productos superiores do pensamento iam deixando de ser o apanagio exclusivo da cleresia, que tinha no latim uma das causas das suas regalias sociaes.

Que é o *Leal Conselheiro ?*

li uma compilação confusa de todas as idéas moraes e phi-'osophicas do tempo. Nunca um livro denominou melhor o seu Auctor. O Leal Conselheiro é D. Duarte, com o seu espirito fundamentalmente bom, feito de virtude e lealdade ; com a sua in-'elligencia confusamente pratica, necessitando da escripfa para [8e] affirmar, e de aconselhar para illudir a sua indecisão de homem de governo. Pensou que reinar consistia em dissertar. O grande desastre de Tanger, que lhe custou a vida, proveiu d'este

' *l.cal Cous.,* Prol, ú Raynlia,

erro. Sem decisão, nem vontade própria, fartou-se de dar conselhos, aliás excellentes, mas que não foram seguidos.

0 *Leal Conselheiro* começa por uma dissertação psychologica. O homem moral divide-se em dois : entendimento e vontade. O entendimento consta de quatro ramos : o agente, o possível, o especulativo e o pratico. Estas distineções escholasticas, ou formaes e exteriores, prodromo das analyses mais ou menos subtis da psychologia moderna, estendem-se ás *partes do entender* que são sete: *a)* apprehensiva, pela qual percebemos o que nos dizem ou nos é demonstrado; *b)* retentiva, pela qual conservamos a memoria do que apprehendemos ; *c)* judicativa ; d) inventiva, com a qual «nos feitos consideramos novos caminhos » ; *e)* declarativa,« pela qual declaramos e ensinamos»; /) executiva, que nos faz dar cumprimento ; *g)* perseverante, que consiste na firmeza e constancia das decisões. O entendimento é servido pela memoria que também se divide em duas : uma pertencente á alma, outra aos sentidos ; a primeira retem aquillo que não experimentamos e as dôres que não sentimos[1].

E menos infantilmente confusa a analyse da vontade, t) stoicismo e depois a philosophia christã tinham brocado mais fundo no terreno da intelligencia activa, cujo valor menos abstracto, era mais real para a vida, e para a salvação. D. Duarte conhecia Seneca : toda a Edade-Média o estudára ; conhecia e citava os santos padres e doutores da Egreja ; sabia a escholastica, seguia a doutrina de S. Gregorio das tres almas que ha em nós : a vegetativa, a sensitiva e a racional.

A vontade divide-se em quatro ramos : *a)* carnal ; *b)* espiritual ; *c)* tiba (tibia) prazenteira ; *d)* perfeita e virtuosa. A carnal deseja viço, folgança do corpo e cuidado, arredando-se de todo o perigo e despeza de trabalho. A carnal e a espiritual continuamente se contrariam dentro em nós, e do conflicto nasce a terceira, prazenteira e tibia a um tempo, a qual por querer ambas satisfazer, sem nenhum aggravaniento, põe aquelle que se lhe entrega em tal estado que nunca pôde viver bem nem

[1] *Leal Cons.,* i-ii, V. em Sousa, *11. C. Provas,* i, 543, a primeira ediçilo'

virtuosamente. Vontade perfeita e virtuosa, a quarta, é a que não segue o que as precedentes querem, e segue muita vez o que não lhes praz, subordinando-se aos mandados do entendimento. « O quebrantamento da vontade é muito grande virtude ». De tudo isto resulta o provérbio : seguimento de vontade, cumprimento de maldade L É ainda a philosophia mystica do sacrificio ; e porém já o dominio do entendimento, ou da razão, segundo o thomismo.

De que modo conseguirá o homem virtuoso seguir a quarta vontade? Em primeiro lugar, pelo temor das penas do inferno e dos castigos estabelecidos nas leis; em segundo lugar, pelo desejo de galardão n'esta e na outra vida ; em terceiro lugar, finalmente, pelo amor de Deus e affeição das virtudes. A gamma dos motivos determinantes da vida exemplar está completa. Tem como semenLe o medo, como efflorescencia a esperança do premio, como fructo e sancção o amor piedoso. A evolução da moral religiosa é com effeito esta ; e D. Duarte dil-o claramente quando define as tres categorias moraes: «Entre ellas ha grande diflerença, porque as duas primeiras pertencem aos que começam e proseguem de vir ao mais perfeito estado, e a terceira aos que, deixando de ser servos, que servem com medo das feridas, passam á condição de servidores em que já esperam por seu bom serviço galardão, e d'alli veem ao estado de bom e leal filho que todas as cousas de seu pae ha por suas » O pai é Deus ; o mundo inteiro, real e transcendente, apparece como uma lamilia a esse homem educado no amor dos pais e nos laços de uma fraternidade extreme.

Rectificando com as idéas próprias a analyse da vontade, ' onforme os auctores que o educaram, D. Duarte dá denominações suas aos quatro momentos definidos : *ti)* vegetativa, *l>)* sensitiva, *c)* racional, e *cl)* livre ou de livre-arbitrio. Accentua-se, eomo se vê, a influencia da razão philosophica e do espirito secular: aclára-se mais a doutrina. O primeiro momento é simi-

Leal Cons., 111.
Ibid.. v.

Ihante á vontade que têm as arvores : demanda saúde, mantimento de comer, beber, dormir. O segundo é como a dos brutos e manifesta-se por doze paixões: o amor, o desejo, a deleitação, o odio, o aborrecimento, a tristeza, a mansidão, a esperança, o atrevimento, a sanha, a desesperação, o medo. A vontade sensitiva tem dois poderes : o desejador e o irascivel ; ao primeiro pertencem as primeiras seis paixões, ao segundo as segundas. *P* terceiro momento que os homens partilham com os anjos, porque no homem reproduz-se o Universo inteiro, é aquelle em que a vontade aconselha e manda principalmente o que pertence á guarda das virtudes. No quarto momento, por fim, a vontade « como senhora entre todas manda comnosco o que se faça em todalas cousas que por nosso entendimento fazemos.» O auctor exemplifica, A vontade de ir a monte ou caça (segundo momento) está v. g. em conflicto com o desejo do dormir ou comei' (primeiro momento) ; intervem o conselho (terceiro momento) ordenando que se não satisfaça a nenhuma das duas vontades, mas que, erguendo-me do leito e « leixando o monte e a caça vá desembargar alguns feitos necessários. » Até aqui apparece a preoccupação do príncipe burocrata ! Os tres momentos em conflicto resolvem-se no quarto que é o livre arbítrio. No consentimento d'elle está o peccado e a virtude L

A vontade e o entendimento, ou por outra, o caracter e a intelligencia, formam portanto o homem moral governado por um arbítrio livre que nasce da conjuncção dos dois elementos. Do grau absoluto e relativo de ambos resulta, pois, a natureza dos homens que são geralmente de quatro *maneiras.* Primeiro, os homens de pequeno entender e saber, de más e revezadas vontades: esses taes são todos mal, sem nenhum bem fóra [0] serem creaturas de Deus. A intelligencia é indispensável á virtude e vice-versa. Depois vêm os homens que têm grande entender e saber, com maliciosas vontades, fóra de justiça direita. São mais de culpar que os outros, porque a intelligencia, esclarecendo o arbítrio, determina a vontade ; e «ainda q[u]®

[1] *Leal Cons.,* xcm,

por algum tempo acabem grandes feitos, não escaparão de suas emendas » ou castigos. Appareceni em seguida os homens de curto entender e saber, mas de vontades justas e direitas: são as creaturas boas e simples que Deus muitas vezes provê com a sua mercê mais largamente e melhor que elles sabem demandar, nem pensar. Finalmente vêm os homens completamente sãos de intelligencia e vontade [1].

Este racionalismo em que a simples modificação de rubricas (todavia gravíssima, quando se trata de coisas em que tudo está na percepção substancial) satisfaria os actuaes representantes da escola, era porém uma abobada, tendo por fecho a vontade soberana e a intelligencia absoluta de Deus. O ideal, mais tarde concebido como supremo architecto do Universo, é o que já se define no pensamento de S. Thomaz de Aquino, embora Deus inspirasse á philosophia uma paixão mystica, ardente e viva. D. Duarte meticulosamente incluo nos seus tratados as regras do canto e do serviço da capella, e a duração dos officios divinos [2] como inherentes ao systema do governo dos estados. Observando estes traços e reparando na secularisação da philosophia, commum a toda a Europa no xv século, antevê-se o futuro que espera as monarchias da Ilespanha. Tendem a sahir da theocracia romana para um regimen que só com effeito, entre nós se definiu cabalmente no século xvi : o do imperialismo catholico, em que os reis se consideram patriarchas do seu povo, e por isso rivaes do papado, mais papistas do que elle, frequentemente hostis a Roma, embora não neguem a auctoridade do chefe da Egreja e muito menos, como a gente germanica, se insurjam, protestando contra a tradição d'essa mesma Egreja.

Mas como, no tempo de D. Duarte, as questões theologicas, origem de tanto sangue derramado, não tinham surgido ainda, c por isso não havia protestantes, ainda também o catholicismo não tinha aquelle caracter hirto o absoluto que depois adquiriu

[1] *Leal Cons.,* viu.

[2] *Ibid.,* xcv e vi.

por necessidade, ou em resultado da lucta. A exegese não é ainda um peccado : pelo contrario, os Evangelhos devem lêr-se como se lêem os outros livros, pausadamente, para perceber bem. «A uma hora não leaes muito, mas boa parte menos do que poderdes : assim é que, se podeis aturar em lêr doze folhas, não leiaes mais do que tres.» Lendo com vagar e meditando « quando alguma cousa não poderdes entender, não vos deteuhaes muito, porque não ha mente em theologia que todo perfeitamente entenda. » E « d'estas cousas que assim não entenderdes não vos embargueis de muito perguntar, porque sabei certamente que taes hy ha que poucos as sabem.» A confissão da ignorancia commum nas matérias theologicas é ratificada pelo conselho de uma imparcialidade fria da intelligencia : « Não tenhaes algumas tenções assim firmadas na vontade que tudo quanto lerdes queiraes torcer para concordar com ellas»; e se houver duvidas, passe-se adiante : « Quando fôr a determinação do que lerdes duvidosa, praza-vos de a deixardes em duvida L »

Este preceito de prudência foi depois transformado em cânon escolar, quando os jesuitas estabeleceram a máxima *Questiones de Deo pretereantur*, mandando os discipulos menos atilados para os cursos de theologia. Scntia-se a duvida logo no proprio momento em que a curiosidade scientifica despertava ; e para destruir esse perigo, depois da grave crise da scisão da Egreja polo protestantismo, a reserva abstencionista que D. Duarte aconselhava por piedade, tornou-se na proscripção tacita da leitura dos textos biblicos. A confiança na discrição do juizo humano diminuia, e com o absolutismo catholico desappareceu também aquelle optimismo dos primeiros tempos da Renascença, em que o mundo e o homem se consideravam intrinsecamente bons, chegando-se a crer imrnanente no Universo um principio de justiça sobranceiro á própria religião. As religiões variavam, mas a justiça era por toda a parte a mesma: «Na fé que pertence ás cousas c-elestiaes ha grandes m"-

[1] *Leal Cons.,* xcm,

danças e desvario em geral e os mais de todos d'aquella lei, seita ou heresia concordam em uma maneira de crêr ; e na determinação das virtudes e peccados, christãos, mouros, gentios e judeus, em todos os seus livros, ácerca em todo concordam[1].»

Este principio de ordem universal immanente, superior portanto á própria religião, é que dieta os preceitos da moral pratica dando-nos o horror ao peccado : á luxuria, á gula, á inveja, á cubiça [2], a todos os erros antigos da Edade-Média affogada na carnalidade natural, e agora dissipados pela aragem sã da philosophia virtuosa, enthronisada em Portugal com a dynastia de Aviz. Dá-nos o horror ao peccado, e ensina-nos a praticar essa caridade que D. Duarte encontra no Evangelho expressa em maximas eruditamente paraphraseadas[3]. Virtuoso, o homem tem em si o arbitrio livre para desprezar as vaidades do mundo e seguir os conselhos salomonicos do rei eloquente : « E deve-se abater esta van gloria pensando no dito de Salomão que todas as cousas da vida são vaidades, dizendo, quando virmos cousas por nós feitas de que nos queremos mais que é razão,, ou como não devemos, alegrar[1].»

Não nos deixemos pois librar nas azas do orgulho, levados pela curiosidade indagadora. O mundo ó um mar coalhado de recifes, onde o barco da nossa vida pôde naufragar a cada instante : é uma noite cheia de mysterios e segredos impenetráveis. Não duvidemos do que se nos mandar cròi': a fé, e também o livre-arbitrio, são os dois pharoes que podem guiar-nos. « Parece-me grande simplez filhar duvida no que pela Santa Egreja é determinado que se creia, por se não poder entender ; pois de nossa natureza, como obra tão discretamente, quem o entende?» Tudo é sombra, tudo é mysterio. «E o poder da memoria, vèr, ouvir, cheirar, gostar e mais especial sentir, qual perfeitamente pela razão o poderá demonstrar?»

[1] *Leal Cons.,* xxxiv.
[2] *Ibid.,* xv, xxx, XXXI, XXXII.
Ibid., xiii, xiv.
[1] *Ibid.,* XII.

Portanto, se nem o que *havemos em nós* podemos explicar satisfatoriamente, como queremos entender e julgar todos os phenomenos do mundo?[1] Por isso convém estudal-o sim, como D. Duarte estudava a meteorologia a mineralogia[3], mas de modo algum convém suppôr que os mysterios do mundo encerram vontades ou providencias diversas d'aquellas em que a Egreja nos manda crer, nem que lia no mundo phenomenos incomportáveis para a liberdade do nosso juizo. A esphera do milagre encerra-se nos limites da orthodoxia ; o mundo não é uma pliantasmagoria total; a razão reina por toda a parte em que a fé nos deixa campo á nossa liberdade. Alvoreciam as questões arduas do determinismo com o apparecimento da curiosidade scientifica !

[1] *Leal Cons.,* xxxix.

[2] *Observação da lua :* « Quando apparecer a lua nova toda vermelha significa muitos ventos. Se a ponta mais alta fôr escura significa chuva. Se resplandecer como agua que levantam os remos significa que será cedo tormenta no mar. So fôr escura 110 meio significa que fará bom tempo quando fôr cheia.»

Papeis de D. Duarte, em Souza, *Hist. geneal. Provas,* 1, 540.

« As pedras do ouro que são achadas nos vieiros são de tres maneiras : ainarellas, vermelhas e pretas. A que fôr amarella de lóra, será vermelha de dentro e luzente com olhos luzentes. A vermelha de fóra será amarella de dentro e luzente com pouca vermelhidão. A que fôr de prata de fóra será vermelha, e dentro tirante a amarello com veias brancas. Estas pedras devem ser fendidas e encerradas de ossos com sabão o com chumbo, continuando fogo por cinco ou seis horas:

* As pedras que são achadas nos vieiros e das quaes sae prata são de cinco maneiras. A primeira é branca, a segunda preta, a terceira verde; a quarta e branca mesclada com amarello, etc.

«A pedra de cobre é vermelha e tira a verde, e ha saber como fezes de vinagre.

«A pedra de chumbo é como polvorenta e mui pesada. De dentro é côr de cinza e outras tiram a côr de amarello e outras tiram a côr de negro.»

Ibid., 1, 556.

A astrologia, núcleo historico de todas as superstições, ficou sendo por largos séculos o refugio da imaginação sensível, quando já os astros, semente dos mythos remotos, ponto de partida para o tecido maravilhoso das idéas transcendentes, haviam perdido o seu primitivo caracter divino. A astrologia era ainda no século xv religião sem theologia, culto sem deuses, terror sem piedade, resíduo sêcco e duro de velhas adorações abandonadas pelo sentimento alado que fôra fecundar mythos mais bellos. Era a ultima expressão symbolica d'essa fatalidade obscura, já idealisada pelo espirito humano desde que lhe chamára Providencia.

O auctor do *Leal Conselheiro* ainda crê na influencia dos astros. O christianismo, chamando a fé para o campo exclusivo do homem espiritual, nunca formulou uma philosophia da natureza. E agora, quando a Renascença começa, isto é, quando se acorda do sonho phantastico da Edade-Média, os homens estonteados olham em volta de si, perguntam, indagam os *segredos da natura*, sem que a orthodoxia possa dar-lhes outro conselho além dos que D. Duarte dava para a decifração dos enyRmas da Escriptura sagrada. E as sciencias que a intolerância medieval obrigára a ficar occultas, a astrologia, a alchymia, a kabala, desabrochavam propondo as suas explicações extravagantes. O robustecimento da razão abstracta, effectuado pela escholastica, e parallelamente a energia da fé, eram porém um obstáculo insuperável á efflorescencia da extravagancia, sem serem todavia razão impeditiva para que a sciencia, assimilando os factos experimentaes, tirasse d'ahi os elementos para a s,ia prodigiosa expansão nos tempos modernos.

« E sobre esta força dos planetas, observa D. Duarte, dizem alguns que, pois navios, cavallos, armas, aves, cães, são f'em ditosos, como semelhante nos homens não farão os planeis.[1] ' Aos quaes eu respondo que não contradigo que aquellas

[1] Difficil interpretação. Dir-se-hia que I). Duarte reputa incontestável a acção dos planeias sobre os seres extra-humanos. Talvez esteja incorrecta a lição do texto.

cousas não lenham alguma influencia em nascença, fazimento ou tempo em que se ha d'ellas senhorio, que (embora) manifestamente se não veja como d'isto liam grande parte ; — mas eu tenho que por os homens serem mais excellentes creaturas que a sua constellação, em os feitos principaes corrige todas as outras ; e se é o homem sabedor se assenhorea dos planetas pela força do livre alvedrio, quanto mais farão aquelles que amarem o Senhor Deos, dos quaes é escripto que todas as cousas se lhe tornarão em bem? [1] »

A fé, portanto, a fé e também a razão livre, eis ahi o que fortalecerá o homem a ponto de vencer por completo as influencias nefastas — influencias, espíritos, demonios de que a imaginação povoava ainda a esphera mysteriosa da natureza. « Que os planetas nos outorguem grande parte das condições, pergunte-se aos astrologos, os quaes não somente parte d'estas, mas todas querem affirmar que nos são dadas, o que a experiencia das cousas não outorga, e menos a catholica determinação que declara o homem sabedor se assenhorear das estrellas ; e se fosse o contrario não haveríamos livre alvedrio, nem o juizo pareceria direito que mal viesse a quem as cousas fizesse por necessidade [2]. »

O problema do determinismo está claramente expresso, e é sobremaneira instructivo observar a perspicacia da intelligencia, assistindo assim ao germinar das sementes cuja vegetação pujante nos ensombra hoje em dia. A providencia e a liberdade, sustentadas por urna fé, só diversa no facto de que para a primeira erã sentimental e para a segunda intellectual apenas, mantinham erecto e mais ou menos equilibrado o edifício das idéas moraes dos homens do século xv, da mesma fórma que aguentavam o corpo social, abalado todavia pela invasão dos novos pensamentos e das instituições restauradas da Antiguidade.

O ***Leu! Conselheiro*** não é um jurista. A sua sociedade não se

[1] *Leal Cons.,* \xxix.
[2] *Ibid.,* xxxix.

baseia na idéa individualista do direito; mas sim, á moda semita, assimilada pelo christianismo, no fim transcendente da vida collectiva. N'esta concepção da sociedade está outra vez em embryão o typo que se tornará definido e perfeito no tempo de D. João III: um povo existindo para realisar uma missão religiosa. O corpo social, para D. Duarte, assenta sobre os lavradores e pescadores que são como pés em que toda a coisa publica se mantém o repousa. Parallelamenle estão os instrumentos, de um lado os officiaes, juizes, regedores, conselheiros, vedores, escrivães ; do °utro os que usam as artes approvadas e mesteres : fisicos e cirurgiões, mareantes, músicos, armeiros, ourives, etc. Sobre este povo pairam os que o defendem com as armas, e sobre todos, acima de tudo, como cabeça ou corôa, os que são interpretes da sua alma mystica, os *oradores* que rezam ou oram a Deus •Nosso Senhor por todos os outros estados, ensinando pela palavra e pelo exemplo, e ministrando os sacramentos [1]. O clero é a chave da abobada social; e a nação consiste na reunião dos seus estados, congregados, não para o fim utilitário da existência economica e jurídica, mas para o fim ideal da salvação eterna. Será gloria immorredoura dos povos peninsulares terem assim concebido o Estado, terem-no assim tentado realisar, morrendo *por ello;* como foi indubitavelmente esta energia idealista [a] causa primaria do exemplo único de heroísmo que deram á historia.

Tal é o mundo concebido pelo *Leal Conselheiro.* No virtuoso espirito de D. Duarte germinava a monarchia theocratica das antigas tradições wisigodas, como idéa que ia formar o alimento portuguez durante século e meio ; assim como no espirito de D. Henrique germinava também porventura a semente remotíssima do instincto marítimo do phenieio, do instincto naturalista do celta. Embriagado por taes bebidas capitosas, o povo Portuguez arruinou em século e meio a força e o brio conquistados nos dias severos do batalhar pela independencia, força e hrio encarnados no sábio pensamento do infante D. Pedro.

[1] *Leal Cons., iv.*

Mas se D. Henrique punha na realisação dos seus desi-gnios a audacia temèraria dos heroes dominados por uma idéa, D. Duarte, pelo contrario, limitava-se a aconselhar, escrevendo meticulosa e pedagogicamente os seus pensamentos com a mi-núcia timida dos plumitivos. Sabia muito bem, dizia-o até em la-tim, excellentemente, o que convém e pertence a um bom ca-pitão [1] ; sabia que leaes e fortes corações havia em Portugal e como nos inglezes (inglez era pela mãe) abundavam valentes ho-mens de armas [2]; sabia todas as coisas, mas não passava do um letrado ! Toda a sua energia vaeillante, consumia-a dissertando. Transformava o confessor em secretario para redigir as invenções do seu espirito [3], em que á falta de virilidade, sobravam as exi-gências de litterato coroado.

Como escrevia sempre, escrevia até as regras a seguir nas traducções do latim occupação naturalmente absorvente n'uma época em que se recebia com avidez tudo quanto vinha da Antiguidade. Conheça-se bem a sentença do que se ha de tomar; não se ponham palavras latinadas nem d'outra linguagem, mas tudo seja portuguez escripto o mais achegadamente ao chão e sempre geral costume do nosso fallar, que se poder fazer; po-nham-se palavras que sejam de direita linguagem respondentes ao latim ; não se ponham palavras que segundo o nosso costume de fallar sejam havidas por deshonestas : introduza-se ordem e elegancia no estylo.

Por este amor minucioso das letras chamaram-lhe o elo-quente : não porque a sua palavra ardente e convicta, o seu en-thusiasmo decidido e energico, arrebatasse a alma nacional. O bom rei D. Duarte não tinha no peito essa *freima* em que

[1] < Cousas que pertencem a um bom capitão: — Labor in negotiis, fortitudo in periculis, industria in agendo, celeritas in conficiendo, consilium in providendo.» Sousa, *H. G. Provas,,* i, 555.

Leal Cons., xxxix.

[3] *Ibid.,* xc. Fr. Gii Lobo, confessor do rei, foi quem escreveu o apologo das duas barcas que está no cap. xc por ordem do mesmo rei que o inventára.

[4] « Maneyra para bem tornar alguma leitura em ftossa lingoagem,» enl Sousa, *H. G. Provas,* i, 542.

D. Henrique ardia, nem a profunda comprehensão da sabedoria distincta em D. Pedro. Nascera leal e conselheiro: virtuoso, trabalhador, pontual, mas sem aquillo que faz os homens — a vontade. Era uma d'estas creaturas indecisas que, todavia, se inalam revolvendo-se ; desoladas pela inefficacia do que fazem, conhecendo o que deviam praticar, mas sem força decisiva, afflictos por bondade, enleados em escrupulos, esmagados com o remorso •impotente, e refugiando-se no interior de uma consciência virtuosa, mas passivamente incapaz de impôr a sabedoria á acção.

Um ramo, porém, havia em que o pensamento de D. Duarte Podia traduzir-se em actos : era a legislação. Essa especie de acção, por ser abstracta, quadrava mais á sua indole. E depois de tantos reis guerreiros, lavradores, negociantes, soava a hora dos monarehas legisladores, agora que o Estado principiava a desenhar-se com o caracter de uma obra d'arte, edifício ideal cuja cupula era o governo, tendo por chave ou pináculo a Corôa.

Ao lado do rei, João das Regras, o chanceller subtil, mestre nos textos do direito novo que vinha de Ifalia, folheando a 'nstituta glossada por Bartholo, inquiria o modo pratico de evitar a delapidação dos bens d'essa Coroa que era para elle, não como as coroas fidalgas, nem a primeira d'entre ellas, mas sim [0] proprio symbolo da unidade magestosa da nação. Forçado Pelas circuinstancias exigentes de uma fundação de dynastia, D- João I multiplicára as doações a ponto; que o governo luctava com uma penúria cruel; e esses embaraços de cada instante °[r]am pelo chanceller considerados, e com razão, como o impedimento mais forte para a constituição do poder soberano da Corôa.

A força de cogitações, descobriu uma lei cujo nome quadrava á consciência escrupulosa do rei : a Lei Mental, da idéa [011] mente com que as doações tinham sido, ou deviam ter sido

feitas. Opportuna, sagaz e pratica, essa lei que durou no corpo do direito portuguez até ás reformas liberaes dos nossos dias conseguiu os fins desejados, pedindo a cooperação do tempo, sem ferir nenhum interesse na pessoa dos donatarios actuaes. Consistia em não admittir á successão dos bens da Corôa senão os fillios primogénitos e legítimos, com exclusão das femeas, dos ascendentes e collateraes, salvo concessão especial do rei — que, porém, logo a estabeleceu a beneficio do proprio João das Regras, pai de uma filha apenas ! Por esta forma conseguiu-se a frequente reversão dos bens, quando a lei se executava ; e se se não executava, mantinha-se a nobreza n'uma dependencia constante da Corôa. A Lei Mental publicou-se logo no anno seguinte á morte de D. João I

Não parou aqui a reforma de D. Duarte. Unificar a legislação civil, codificando-a, á maneira do que Affonso *o sabto* fizera em Castella, era um pensamento maduro e reclamado pelos proprios povos em cortes a D. João I. Era, todavia, conclui'' a Edade-Média e o seu systema federativo de classes e privilégios, de excepções e particularismo ; era submetter a sociedade inteira ao regimen de um codigo geral que substituía as innumeras cartas, foraes e outros diplomas accumulados durante séculos.

Tinha D. João I encarregado a João Mendes a reforma c compilação das leis do reino ; encarregou D. Duarte de continuar essa tarefa o doutor Ruy Fernandes, do seu conselho ; mas os breves annos que reinou não lhe consentiram vêr o seu nome ligado ás Ordenações do Reino que só appareceram em em tempo de seu filho, Affonso V, do qual se ficaram chamando *ajjonsinas*, apesar de terem sido outorgadas na regencia do infante D. Pedro [2]. Se porventura o não fossem n'esse periodo, [1] fácil que a reacção aristocratica vencedora em Alfarrobeira na° tivesse permittido a publicação d'esse codigo cujo prologo te"'

[1] Foi revogada peio decreto de 13 de agosto de 1832.

- V. Coelho da Rocha, *Ensaio,* §. 141.

[2] V. Figueiredo, *Synopsis Chron.,* i, 32-92.

expressões tão categóricas como esta : « Bem aventurada é a terra onde ha rei sabedor, porque a sabedoria o ensina como subjugue os appetites mentaes e carnaes desejos a jugo da razão para direitamente reger seu reino e senhorio e manter seu povo em direito e justiça.» N'outro ponto lè-se : «Se o rei justo estiver sentado em seu alto throno para fazer justiça, não lhe poderá empecer nenhuma cousa contraria »

Eis ahi o rei do *Leal, Conselheiro*, como o concebia já o pensamento do século ; mas esse juiz e esse sábio ha de ser um politico hábil, como foi D. João II, uma vez que passou o tempo dos reis cavalleiros como D. João 1 foi, e como será anachronicamente D. Affonso V. Nem guerreiro, nem politico, D. Duarte. ° bom, o justo, o sábio, vai expiar a sua fraqueza acabando ᵛictima da mais cruel das tragedias.

Oliveira Martins.

Figueiredo, *Synopsis Cliron.,* 35. Prol. tla.s Orden.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romana de RIDER HAGGARD, traduzido do Illglez)

CAPITULO V

A INOSSA ENTHADA MO DESERTO

N'aquella aspera, arida immensidade não parecia, com <-"' Jeito, haver possibilidade, nem sequer verosimilhança d'agua.-- E quanto tempo de resto poderia durar alli uma « poça saio* bra», como a que encontrara o velho fidalgo, sem ser chupai pelo sol ardente ou atulhada pelas areias movediças?

No emtanto Venvogel, o Ilottentote, continuava a fareja'' com as ventas erguidas e aberlas :

— Eu sinto o *cheiro* d'agua, patrão. Sinto-a 110 ar !

-No ar não duvido. Ila agua que farte nas nuvens- Também não duvido que venha a cahir. Mas ha de ser pª' nos lavar os esqueletos !

0 barão 110 emtanto cofiava a barba pensativamente :

— E todavia, murmurava elle, por aqui a encontrou o N lho portuguez! O sitio é este. Foi aqui, em volta. A meio f[1]

[1] Continuado da pag. 02í. numero do 1.º de novembro.

minlio exacto, na linha direita de norte a sul, da aringa de Sitanda ás Serras. É aqui. Aqui esteve agua !

Sim, mas ha trezentos annos ! Em tres séculos muita agua brota e sécca! Quem nos afiançava de resto a exactidão do portuguez, esvaído de fome, meio delirado, no começo da sua agonia? Já não era pequena estranheza que elle a tivesse encontrado, n'esta deserta immensidade, justamente quando d'ella lhe dependia a vida!... A não ser que para ella fosse attrahido insensivelmente e naturalmente por algum accidente de terreno, muito saliente e muito visivel de longe — como um bosque, uma collina . . . Lina collina !

E quando eu assim pensava, eis que o barão grita, como echoando o meu pensamento :

— No alto da collina! Talvez a agua esteja no alio da collina !

— Tolice! acudiu o Capitão encolhendo os hombros. Agua no Lopo d'uma collina ! Onde se viu isso?

— Procuremos ! disse eu, com um bater de coração que era todo de esperança.

Trepámos anciosamente pelo outeiro. Umbopa corria adiante. De repente estaca, com os braços no ar :

— ***Nanzie manzie!*** (agua aqui!)

Pulámos para junto d'elle : — e com effeito, mesmo no topo u'ia collina, n'uma cova redonda como uma taça, lá estava aguei, agua escura, agua lôbrega—mas agua! Agua! agua! Gritavamos de puro gozo. E n'um momento, estirados de barriga no chão, com as faces na poça, sorvíamos deliciosamente a grandes e rápidos sorvos aquelle liquido desappetitoso, que tão bem imitava agua. Céos ! O que bebemos! E mal findámos de beber, arrancámos o fato, saltámos para o charco, e, sentados n'elle, ficámos horas a embeber-nos de frescura através da pelle — da nossa pobre pelle mais dura o mais sêcca que um pergaminho secular.

Quando nos erguemos, refrigerados e saciados, calámos sobre a carne sêcca. Comemos a fartar. I ma longa cachimbada por cima completou aquella hora de consolação. E o

somno que nos tomou até ao meio dia, deitados junto da poça e da sua humidade, foi profundo e bemdito !

Todo aquelle dia tardámos junto da agua, bebendo d'ella, mergulhando n'ella, olhando para ella — e dando louvores sem conta ao velho fidalgo que tão exactamente a marcara no mappa. Por fim, tendo enchido d'agua os estornagos e os cantis, continuámos a marcha, mais animados e ágeis, ao erguer da lua cheia. Fizemos vinte e cinco milhas n'essa noite. Não tornámos a encontrar agua. Mas seguíamos confiados, com a certeza de a achar, abundante e fresca, nas faldas das serras. Quando o sol se ergueu e desfez as névoas, avistámos de novo a cordilheira e os dois «Seios de Sabá» (agora afastados de nós apenas vinte milhas) tomando o céo com a sua magestade sublime. Essas vinte milhas cobrimol-as durante a noite. E ao outro alvorecer pisámos emfim as primeiras ladeiras do seio esquerdo de Sabá !

Com amargo espanto não encontrámos agua, e a nossa Jª ia findando ! Não havia agora esperança de topar nascentes antes de chegarmos á linha de neve, que branquejava lá longe, no alto da serra : e já a sêde nos começava outra vez a torturar. Desconsoladamente fomos arrastando os passos p°r sobre o torrido chão de lava que formava a base do monte- Caminhada atroz ! Pelas onze horas da manhã, apesar de coitos repousos, estavamos exhaustos — por causa sobretudo lius ladrilhos de lava ásperos e rugosos que nos magoavam hohvvel' mente os pés. De sorte que, descobrindo a umas trezentas ja[1] das acima grossos pedregulhos de lava, decidimos descança' umas fartas horas á sua sombra providencial. Para lá nos em purrámos, por lá nos abrigámos. E não foi pequena [s1]" preza (se ainda nos restava a faculdade de experimentar sui prezas !) avistar a pequena distancia, n'um planalto formando terraço sobre um barranco, uma extensa e íresca tira de vci duras. Evidentemente a lava decompondo-se formara alli um chão de terra, onde as sementes trazidas por passaros tinham alastrado e verdejado . . . Dêmos, porém, pouca attenção a essa- hervagens, porque não havia lá nem fructo nem agua '

de relva só Nabuchodonosor se conseguiu alimentar. Alli ficámos pois, estirados á sombra dos pedregulhos, sem força no corpo e sem esperança n'alma, pensando que nunca homens de senso se tinham arriscado a mais esteril, mais absurda aventura ! Umbopa no emtanto, depois de considerar algum tempo em silencio a leira de verduras, caminhára para lá lentamente, li qual não é o meu assombro ao vêr aquelle individuo, ordinariamente tão composto e grave, romper era pulos phreneticos, brandindo na mão o quer que fosse de verde! Arremettemos para elle, na esperança anciosa de agua descoberta.

— E agua, Umbopa ? gritava eu pulando por sobre a lava.

—- Agua e sustento, Macumazan ! exclamava elle agitando no ar a coisa verde, com elfusivo triumpho.

Percebi emfiin o que era. Era um melão ! Tínhamos dado n'um meloal, um enorme meloal bravo, com milhares de melões, a cahir de maduros !

— Melões! uivei eu para os companheiros que corriam atraz.

— Melões ! melões ! foi o berro victorioso que resoou nas quebradas.

N'um momento, cada um de nós Linha os dentes cravados n'um melão, sofregamente. Comemos alli, entre Lodos, uns trinta melões ; e apesar de medíocres creio que nunca nada na vida me soube tão deliciosamente. Mas o melão não alimenta — e refrescada a sède não tardou a fome, mais intensa e aguda. Conservávamos ainda o *biltong,* a carne sêcca ; mas já nos enjoava atrozmente : e além d'isso devíamos poupal-a com avaro cuidado, pela incerteza de encontrar outras provisões na longa ascensão da serra.

N'esse dia, porém, estavainos « em sorte decididamente», como disse John. Lançando os olhos para o deserlo, emquanto conversávamos sobre esta terrível evidencia, *a \ome*—vi de repente uns oito ou dez grandes passaros voando em direcção a "ós, lentamente.

— Atire, patrão, atire! exclamou baixo o nosso servo hottentote, acaçapando-se immediatamente no chão.

Os outros agacharam-se também, para que, confundidos com a côr da lava, não fossemos avistados pelos passaros. Era um bando de enormes betardas, que no seu vôo direito e alto deviam passar a umas cincoenta jardas por cima das nossas cabeças. Tomei uma carabina Winchester, e esperei acocorado. Quando o bando vinha perto, ergui-me, com um grito e um salto. Assustados, os passaros juntaram-se todos precipitadamente em montão; e atirando á massa escura, pude facilmente abater um soberbo bicho, que pesava pelo menos vinte arrateis. Dentro de meia hora ardia uma fogueira de talos sèccos do melão: e o bicho aloirava em cima. Foi um banquete! Comemos aquella betarda toda, fóra carcassa e bico!

N'essa noite continuámos a ascensão do monte, á luz da lua, carregados de melões para a sòde. A maneira que subíamos, o ar esfriava consoladoramente. Ao clarear do dia estavarnos a umas doze milhas da linha de neve. Encontrámos mais melões: e a agua emlim, louvado Deus, já não nos inquietava, porque bem cedo penetraríamos nas regiões do gelo. No emtanto era immenso o nosso pasmo de não encontrar nascentes, quedas d'agua, um riacho corrente ; porque decerto no verão as neves, derretendo, deviam encher d'agua aquellas encostas. Por onde corria a agua pois, para onde se sumia a agua? Só mais tarde descobrimos que (por uma causa ainda hoje para mim incomprehensivel) toda a agua, em riacho <[J em queda, descia pela vertente norte da serra.

A subida cada vez se tornava mais aspera o custosa. Apenas fazíamos uma milha por hora. A carne sêcca acabára. Melões, nenhuns mais encontrámos. O frio augmentava quasi a cada passada — o que nos permittia certamente caminhar de dia, mas nos regelava de noite terrivelmente ! Havia agora muitas horas que não comíamos. A serra subia, subia diante de nós, cada vez mais desolada, mais núa de verdura ou vida. Os nossos momentos de repouso passavam n'um silencio sombrio e cheio de desesperança. Eu por mim ia já tão debilitado e con-

fuso, que, d'esses três dias que nos levou a ascensão da serra, não me recordo com bastante nitidez—e só poderia reconstruil-os pelos apontamentos do meu *Diário.* Na nota com data de 22 de maio encontro isto : — « Partimos ao nascer do sol. « Vamos meio desmaiados de fraqueza. Só quatro milhas anda- « das. Comemos os pedaços do neve que começámos a encon- « Irar. Frio intenso. Cada um de nós bebe uma gotta de co- « gnac. Para dormir amontoamo-nos uns sobre os outros: nem « assim conservamos calor. Estamos verdadeiramente *soffrendo «de fome.* Julguei que Venvogel, o nosso lloltentote, ia mor- «rer esta noite. » — Tudo isto é já terrível. Mas o seguinte apontamento, datado de 23 de maio, recorda sofírimentos mais vivos : — « Estamos numa situação medonha. A não ser que «encontremos que comer hoje, o nosso fim está proximo. O co- « gnac acabou. Venvogel, que como todos os llottentoles não «pôde aguentar frio, parece perdido. As ancias agudas da «fome passaram. O que eu sinto (e os outros dizem que sen- «tem o inesmo) é uma especie de adormecimento, de torpor no « eslomago. Estamos ao nivel da grande escarpa, que eu cha- « mo a *porta,* o colossal muro de terra, lava e rocha, que liga « os dois seios de Sabá. Para traz de nós estende-se o deserto que atravessamos... Para que o atravessamos nós?» Logo abaixo d'estas linhas ha outra, escripla decerto n'um dos momentos em que paravamos : —« Deus se amerceie de nós, que chegou o nosso fim !»

Esta linha não tem dala, mas sem duvida foi traçada no dia 24. Depois os apontamentos falham ; mas eu muito bem me recordo dos successos n'esse estranho dia. íamos então caminhando através da neve, com paragens incessantes, impostas pela incomparável fadiga. Tudo em redor era radiantemente, indescriplivelmente branco. E esta absoluta brancura, o absoluto silencio, tornava-se tanto mais desoladora, quanto evidenciava a ausência de vida e a impossibilidade de achar que comer, fosse animal ou planla. Quasi ao Pôr do sol chegámos junto da «ponta do seio», d'essa enorme colima de neve dura, que, pousada no topo da monta-

ilha (da montanha que reproduzia a fórma perfeita d'um seio), parecia ella própria o bico d'esse peito descommunal. Apesar de exhaustos, prendemo-nos um instante na admiração d'aquelle esplendido cume de monte — mais esplendido ainda pela luz vermelha e côr de rosa em que os raios do sol poente o envolviam, dando-lhe um tom de carne, d'uma carne sobrenatural que de si irradiasse luz. Mas a admiração não podia durar em homens collocados como nós, a tão extrema visinhança da morte. O nosso mal era sobretudo o frio. Bem comidos, estimulados por llllll vinho generoso, ainda poderíamos aguentar a pavorosa temperatura d'aquellas neves eternas. Mas assim, moribundos de fome, — como resistir á noite que vinha cahindo? Quando o sol nos faltasse, como viveríamos, a menos de encontrar um abrigo? Abrigo ! . . . Onde estava elle, n'essa branca e lisa vastidão de neve?

— A cova de que falia o portuguez, no papel, deve ser por aqui, murmurou o Capitão John.

Pobre John ! Tinha os olhos (como os outros, como eu decerto) encovados, esgazeados, rebrilhantes de febre, sobre a lividez da face hirsuta. Considerei um momento o pobre aniig[0] encolhendo os hombros :

— Cova! Se tal cova existe... Na cova estamos nós, ou beira d'ella.

O barão, porém, agora acreditava firmemente na escrupulosa exactidão do velho D. José da Silveira. «Se elle a achou «(argumentava o barão, e com razão) é que essa cova está si- «tuada de tal sorte, tão saliente e tão visivel, que não pôde « deixar de attrahir os olhos, e logo os passos, de quem fôr tre- « pando a serra.»

— Ainda a encontramos, e antes de sol posto ! affirnio[11] elle com um grande gesto de esperança.

— Se a não encontramos (foi a minha consoladora re plica), e a noite vier sobre nós, assim desabrigados, é o fim d'[1] nossa aventura. Em todo o caso, real ou metaphoricamente, ' *a cova !*

Durante dez ou doze minutos arrastámos os passos n m"

silencio mortal. Unibopa ia adiante, com os hombros abafados na manta curta, e um cinto de couro muito apertado, arrochado em volta da cinta «para encolher a fome». Eu seguia atraz, quasi vergado em dois. De repente tropecei n'elle que parára, e que me agarrou pelo braço :

— Macumazan, acolá ! exclamou surdamente, apontando com o cajado.

O que elle apontava era a linha abrupta onde começava, subindo, a primeira encosta do «bico do peito». E ahi na brancura da neve destacava uma mancha preta.

— É a caverna ! exclamou Umbopa.

Talvez fosse ! Parecia, com effeito, a abertura negra d'um buraco. Para lá endireitámos os passos. E na realidade encontrámos uma gruta, de entrada baixa e lôbrega, que bem podia ser a que o velho D. José da Silveira marcára no seu roteiro. Em todo o caso alli estava um abrigo. E bemdito era o seu encontro — porque (como succede n'estas latitudes) o sol sumiu-se subitamente, e logo atraz d'elle, de golpe, sem crepusculo, sem gradação, a noite cahiu, gelada e negra. Enfiámos bem depressa para dentro da caverna, como animaes acossados. Aconchegámo-nos uns contra os outros, sentados no chão, costas com costas. E alli ficámos na treva, mudos, tiritando, e Procurando esquecer no somno a nossa extrema miséria. Mas o frio, intenso de mais, não nos consentia dormir; Estou convencido que n'aquella altura o thermomctro marcaria regularmente quatorze 0ll quinze graus abaixo de zero ! E era esta temperatura que tinbamos de affrontar, de, todo alquebrados de fadiga, meio inanimados de fome !

Pois alli estivemos em montão, encolhidos uns nos outros, durante a infindável noite, sentindo a cada instante, através (lo corpo, começos de congelação ora n'um pé, ora nos dedos, °ra na orelha. Debalde nos apertavamos ! Para quê ! Nenhum tinha èm si.calor bastante para communicar á carcassa alheia. As vezes um conseguia dormitar durante momentos, mas para acordar logo em sobresalto, recomeçar a tremer. De resto, "'aquellas condições, o somno que se prolongasse — decerto se

tornaria eterno. Foi urna noite angustiosa ! Eu por mim creio que me conservei vivo por um violentíssimo e teimosíssimo esforço da vontade.

Um pouco antes da madrugada, Venvogel, o nosso pobre Hottentote, cujos dentes toda a noite tinham batido como castanholas, chamou baixo por mim, deu um pequeno suspiro, e ficou profundamente socegado, como se tivesse adormecido. As costas d'elle pousavam contra as minhas costas. Pareceu-me que as sentia pouco a pouco arrefecer. Por fim tornaram-se positivamente como uma grande pedra de gelo que me regelava. Ouas vezes as repelli. Duas vezes a *pedra* se abateu sobre mim, mais fria. 0 ar no emtanto clareava. Á entrada da cova foi apparecendo como uma névoa luminosa, feita da retracção do sol sobre a neve. Uma luz mais viva e fixa estendeu para dentro a sua brancura —- e olhando então para traz descobri que o pobre Hottentote estava *morto!* Decerto morrera quando o ouvi suspirar. Pobre Venvogel ! Não admirava que lhe tivesse sentido as costas cada vez mais frias, mais frias ... A sua miséria findára. Alli estava agora, na mesma postura, com as mãos apertadas em torno dos joelhos, a cabeça cahida para baixo, *gelado.* Todos nos erguemos de salto, com horror. Já a esse tempo o dia penetrara na caverna. n'uma luz mortiça e vaga. De repente, ao meu lado, resoou um grito. Volto a cabeça, vivamente. E vejo — vejo ao fundo da gruta, que não tinha mais de quatro metros, uma fórma. uma figura humana, sentada n'uma pedra, com a cabeça toda descahida sobre o peito, os braços hirtos e pendentes para o chão ! Aproximei-me mais, aterrado. E percebi que era também um *morto.* Peor ainda, percebi que era um *branco!*

Os nossos nervos, desorganisados já, não puderam com esta nova e brusca emoção. Tropeçando uns nos outros, largamos desesperadamenlP a fugir para fora da caverna.

Mas depois, fóra, na plena luz, olhámos uns para os outros — envergonhados.

- Vou vêr outra vez, exclamou o barão terrivelmente pallido. Talvez a figura que vimos seja a de meu irmão.

Era possivel. E um por um, n'um silencio apavorado, atraz do barão, tornámos a penetrar na gruta. Ao principio, deslumbrados pela grande luz exterior e pela alvura da neve, nada distinguiamos na penumbra concava. Por fim a estranha, horrível figura destacou, surgiu na sombra. Avançámos para ella. O barão ajoelhou, espreitou a face morta, teve um suspiro de allivio :

— Não, graças a Deus, não é elle 1

Fui também olhar. Não, nem remotamente se parecia com esse sujeito chamado Neville, que eu encontrára em Bamanguato. O cadaver era o d'um homem alto, de meia idade, com feições aquilinas, cabello já grisalho, e longos bigodes negros. A pelle, perfeitamente amarella, estava toda esticada sobre os ossos. Não tinha fato, a não ser uns restos de meias altas, de lã, até aos joelhos. Do pescoço, preso por uma" correntesinha, pendia-lhe um crucifixo de marfim. Todos os membros birtos se. lhe tinham petrificado.

— Quem poderá ser? murmurei, assombrado.

O Capitão John contemplava a figura pensativamente.

— Tenho uma idéa . . . Não pôde ser senão elle ! É o velho fidalgo ! É D. José da Silveira !

Eu e o barão soltámos o mesmo grito de incredulidade :

— Impossível ! Ha trezentos annos 1

Mas o Capitão tinha as suas razões, e decisivas. N'uma temperatura como a da cova, que é a d'uma geleira, um corpo morto pôde perfeitamente conservar-se trezentos annos — e mesmo tres mil . . . Essa temperatura de quinze a dezesete graus abaixo de zero nunca alli mudava ; nenhum, raio de sol cnlrára jániais n'aquella cova voltada para noroeste : não havia animaes que alli penetrassem e que destruíssem o corpo. Q»e importavam tres séculos?. A carne de açougue que vem da Nova-Zelandia para Londres dentro das geleiras artificiaes [es]tá fresca ao fim de trinta dias ; e conservada em iguaes con-

dições não se deterioraria ao fim de trinta séculos. Naturalmente o escravo (de quem elle falia no papel) quando o encontrou morto, tirou-lhe o fato, não se deu ao trabalho de o enterrar, e abalou . . .

— E olhai ! accrescentou o Capitão apanhando uma especie de osso da fórma d'um lápis, e aguçado, que jazia no chão, ao lado. Aqui está com que elle desenhou o mappa ! Tirou sangue do braço, escreveu com esta ponta de osso !

Passámos o osso de mão em mão, em silencio, esquecendo as nossas próprias misérias no espanto d'aquelle encontro. Já não podia haver duvida. Alli estava elle pois, sentado n'uma pedra, frio e duro como ella, o homem cujo derradeiro escripto, traçado havia mais de trezentos annos, nos trouxera ao lugar mesmo onde elle o escrevera — para o encontrar a elle proprio, na mesma attitude em que com seu sangue riscava o roteiro que d'além-tumulo nos guiava! Incomparável maravilha ! Alli tinha eu na mão a rude penna com que elle traçára essas linhas ! E parecia que ante mim pouco a pouco resurgiam visíveis, redivivos, os momentos passados ha três séculos : — o heroico fidalgo, morto dc frio e de fome, procurando revelar ao seu Rei o segredo immenso que descobrira ; a camisa rasgada, a veia aberta ; as linhas tremulas anciosamente lançadas ; a penna informe escorregando-lhe da mão ; a treva da noite enchendo a cova ; o derradeiro beijo pousado no crucifixo ; um pensamento dado ainda aos seus, á terra d'onde partira n'um galeão, ao Rei que servia com indomada fé ; por fim a morte, o lento e sereno resvalar para a morte, n'aquelle immenso silencio e na immensa solidão !

Por vezes mesmo, olhando para elle, parecia-me reconhecer as aquilinas e energicas feições do seu descendente, o pobre Silveira, que me morrera nos braços. Talvez imaginação. Em todo o caso *elle* alli estava, o primeiro, o antepassado, esse de quem o seu remoto neto me fallára, estendendo os olhos Jª embaciados para os distantes seios de Sabá. Alli estava ; e provavelmente lá está ainda, lá estará, através dos séculos que hão de vir, para espantar outros aventurosos homens como

nós, se jámais houver outros que cheguem a penetrar na sua espantosa e solitaria tumba !

— Vamos embora ! exclamou o barão, muito pallido.

Mas parou. E apontando para o corpo de Venvogel, que licára na mesma postura, com os joelhos á bôca, os braços apertados em volta dos joelhos :

— Dêmos uma companhia ao pobre morto, para dormir n'este esquecimento.

Erguemos então o cadaver de Venvogel e collocámol-o sentado na pedra, junto do do velho fidalgo portuguez. Depois o barão quebrou a corrente que pendia do pescoço de D. José da Silveira, e guardou o crucifixo no seio. Eu proprio tomei o osso em fórma de lápis. Aqui o tenho ao meu lado, emquanto estas linhas escrevo. As vezes assigno com elle o meu nome.

Finalmente tendo-os deixado lado a lado, o altivo fidalgo d'outras eras e o pobre servo hottentote, a passar a sua eterna vigília entre essas eternas neves, sahimos da caverna para a luz esplendida — e retomámos em fila o nosso triste caminho. Pensando que bem cedo estaríamos como elles, gelados e hirtos, n'um barranco da serra.

Andada uma milha, que nos levou muito tempo, chegámos emfim á extremidade do planalto do monte sobre o qual assen-'ava o « bico de peito ». E foi uma grande emoção. For baixo (le nós, adiante de nós, estava (devia estar) emfim essa região mysteriosa para além das serras, que nós vínhamos demandando : — mas toda ella se occultava sob um denso nevoeiro. Alli 'içámos pois repousando, esperando. Pouco a pouco, as camadas mais altas da névoa foram-se desfazendo. Avistámos então um pendor da serra, muito dôce e todo coberto de neve. De-Pois outras camadas de nevoeiro mais abaixo clarearam ; e ap-Pareceu aos nossos olhos famintos uma campina d'herva verde, "ni regato correndo através, e á beira d'agua, deitados 011 Pastando, uns dez ou doze animaes que nos pareceram antilopes.

A nossa alegria — foi como a d'uma resurreição. Caça!

Alli estava caça para comer, e deliciosa ! Era a salvação, era a vida 1 A difficuldade era caçar — essa caça ! . . . Lembro-me que no nosso immenso alvoroço tivemos uma rapida e atarantada discussão, em voz baixa e tremula — se deviamos aproximarmos da caça ou fazer fogo-d'alli, se deviamos usar as carabinas Winchester ou a « Express ! » Indecisão terrível — porque de acertar ou falhar dependiam as nossas vidas. Fui eu por fim que me decidi. Se tentássemos atravessar o pendor dc neve, podiamos espantar o rebanho. E a carabina «Express», apesar d'um alcance inferior, era preferível — porque as balas explosivas mais facilmente apanhariam *algum* dos antílopes.

Emfim, fizemos fogo, todos a um tempo, com um estampido que rolou tremendamente nas quebradas dos montes. O fumo clareou. E eis que, alegria sem par! — vemos um dos animaes por terra esperneando furiosamente. Berrámos de puro gozo. Estavamos salvos ! salvos ! De fome já não morríamos! Corremos aos trambulhões pela neve abaixo:—e em poucos momentos tínhamos nas mãos os figados e o coração do animal, quentes e fumegando !

Mas surgia uma difficuldade. Sem lenha, sem lume. como assar a caça?

— Gente faminta não tem exigencias! gritou excitadamente o Capitão John. A ella, e crúa !

Não restava outra solução — e não nos pareceu repugnante. Arrefecemos as vísceras na neve, lavámol-as na agua corrente —- e devorámol-as com voracidade ! Parece horrível : -r* mas confesso que aquella carne crúa me soube divinamente ! D'ahi a um quarto d'hora, que mudança! Voltára-nos a vida, 0 vigor ! O pulso batia outra vez, forte e regular. Eu por mim *sentia* positivamente o sangue degelar-se, correr-me dentro das veias 1

O barão apertou as mãos, e disse, simplesmente:

— Louvado seja Deus por isto !

Ficámos olhando uns para os outros, muito tempo, sem falia, n'uni sorriso mudo. E não havia em nós outra sensaça0 - senão a de estarmos salvos, de estarmos vivos! Por fim ador-

niecemos, envoltos docemente no sol, que subia macio e tépido. Quando acordámos, e esfregámos os olhos, o nevoeiro desapparecera. Toda a vasta região em baixo nos appareceu n'um relance. Demos um grande *ah,* lento e maravilhado ! Nunca eu vira (nem outra vez verei!) terra mais deslumbrante ! Mudo ainda, tonto da fadiga e da fome passada, parecia-me que morrera, que chegára ao Paraiso, e que o Senhor nos ia apparecer !

(Continúa).

UM ECONOMISTA POKTUGUEZ [1]

(ANTONIO.I>K OLIVEIRA MARRECA)

Uma proposta de Herculano.—Mallogrado plano de estudos estatísticos.—Godwin e Maltlius.—As instituições sóciaes e o casamento.—As progressões malthusianas e a sua consequência. — O banquete da natureza e as obras da morte.—Influencia benefica da condensação das povoações.—O futuro, a producção industrial e a faculdade prolífica do homem.—A providencia individual e as garantias sociaes.—Opiniões de Herculano *e.* José Estevão.—Qualidades lifterarias e caracter de Oliveira Marreca.

Concluiremos hoje o nosso estudo acerca do Oliveira Marreca examinando principalmente o que elle escreveu ácerca da população n'uma Memoria sobre estadística; foi origem d'esse trabalho uma proposta de Alexandre Herculano, apresentada na Academia Real das Sciencias de Lisboa ; a proposta, alia[3] de cançativa leitura, dizia assim :

« Proponho que a secção de sciencias economicas e adiw*

[1] Continuado da pag. 466, numero do 1." de outubro.

nistrativas redija as instrucções necessarias e uma série de quesitos estatísticos, em harmonia com o estado actual da scieneia, os quaes a Academia faça subir ao conhecimento do governo, procurando obter d'elle que ordene aos funccionarios, tanto civis como ecclesiasticos e militares, e bem assim aos magistrados judiciaes e ás auctoridades electivas de qualquer ordem, e denominação que sejam, respondam dentro da orbita da sua respectiva acção, aos sobreditos quesitos, sendo estas respostas transmittidas á Academia, de modo que, habilitada por eslc meio, pelas suas investigações directas e pelas informações dos seus correspondentes, possa publicar em periodos regulares, senão uma estatística do paiz completa, e em tudo semelhante ao que n'esta matéria possuem outros paizes mais adiantados, ao menos um trabalho sufficiente para servir á solução dos problemas economicos, e de esclarecimento aos legisladores 1la feitura das leis que dependem mais ou menos dos resultados geraes da estatística.»

Oliveira Marreca apresentou na sessão de 14 de abril de 1853 o *Parecer e Memoria sobre um projecto de estadística.* Propunha vastos trabalhos em todo o reino; uns a cargo de auctoridades e corporações officiaes ; outros, de delegados da Academia; queria estudos variadíssimos que, a realisarem-se, dariam completa idéa do paiz, desde a constituição geologica até ás instituições sociaes, desde a composição chimica do sólo até aos elementos mais Íntimos da vida economico-politiça, desde as correntes do ar que se respira aqui, até aos factos registrados nos manuscriptos que a negligencia ou a ignorancia deixam enterrados no pó dos nossos archivos. Ao plano de organismo investigador seguiam-se os quesitos e o indice das comparações; enchem paginas grandes ; são copiosos e detalhados ; mas nunca serviram ao fim a que se destinavam ; as commissões não se constituíram, e os poderes públicos não ouviram decerto as palavras da *Memoria ;* não é sequer admissível que Oliveira Marreca, embora de inexcedivel sinceridade, fosse tão ingénuo 'Itio esperasse êxito bom e completo para a sua proposta ; com tudo o cuidado, que pôz em desempenhar-se da incumbência

académica, mostrava contar que os trabalhos d'elle não tardariam muito a produzir utilidade pratica.

E não se contentou de cumprir a tareia marcada na proposta de Alexandre Herculano; deu logo principio a outra, escrevendo ácerca da parte do questionário, relativa á população; denotava assim efficaz desejo de ir elle proprio reunindo dados estatísticos, e, ainda além d'isto, fazer a analyse economico-politica das principaes matérias. Esta *Memoria* é outro documento do amor de Oliveira Marreca á sciencia. do affeclo que votava á patria, e do desinteresse com que a servia; deixa vèr que tinha tal prazer em estudar questões sociaes, que se lhe tornava difficil o deter-se á superfície d'ellas. ou perder o ensejo de excursões e desenvolvimentos. Assim, escrevendo no *Panorama* ácerca do *Curso* de Michel Chevalier, deteve-se longo tempo no exame de condições fundamentaes da nossa economia e na applicação de doutrinas reformadoras. Succedeu-lhe igualmente quando traçou o *Relatorio* que já analysámos: em vez de prologar em breves paginas os pareceres dos diversos jurys da exposição industrial,—contemplou de elevado ponto certos factos agricolo-fabris e apresentou doutrinas que, no seu maduro pensar, deviam dirigir convenientemente os estadistas. Comtudo era quasi pobre de dinheiro o escriptor que assim buscava influir com dadivas do seu talento no espirito publico.

Findava o século passado quando Godwin e Malthus escreveram obras de grande sensação ; eram delicados os assumptos de (jue se occupavam; e cada llll dos auctores os encarava de modo diametralmente opposto.

Godwin professava que o homem sahira bum do seio da natureza, mas que na sociedade se tornou mau ; as leis estor-

varam-lhe o desenvolvimento harmonico, a fructificação perfeita dos seus bellos dotes ; os governos destruíram com irracionaes severidades a innata belleza da creatura, e provocaram a multiplicação do peccado pela multiplicação das prohibições ; deixem a liberdade ao homem depois de lhe ensinarem a distinguir entre o bem e o mal, que bem depressa os crimes diminuirão de intensidade e em numero, marchando a sociedade com passo progressivamente rápido para as regiões ideaes da virtude prospera. Destrua-se o pesado apparelho das leis, e substitua-se por simples instituições educativas. O illimitado exercício da razão terá em si proprio a força de prosperar a existência humana. Ao egoísmo, ao amor proprio, seguir-se-ha a mutualidade affectuosa, a benevolencia reciproca. Extinga-se a propriedade individual : <> Os fructos das leis concernentes a olla, escrevia Godwin, são o espirito da fraude, da servidão, da oppressão ; d'aqui procedem a inveja, a malicia e a vingança. Vh'essem todos os homens na abundancia, comparlissem todos irmãmente os benefícios da natureza, que logo se extinguiriam esses depravados sentimentos. Desappareceria o estreito principio do egoísmo. Como ninguém teria de cuidadosamente guardar a sua porçãosinha de riqueza, ou de provêr anciosamente as suas necessidades, cada qual só lrataria do bem commum. Afastada a causa de disputas, em breve trecho o amor dos homens readquiriria o império que a razão lhe assigna. Desembaraçado dos cuidados do corpo, o espirito livremente se entregada a mais elevados pensamentos. Cada qual se empenharia em auxiliar o proximo nas suas investigações. »

Por suas doutrinas, e pelo enthusiasmo arrebatador com ')Ue as expoz e defendeu, — Godwin pôde ser considerado como filho espiritual de Rousseau e predecessor de Kropotkine. Mas entre o enthusiasmo que enleva, e a razão que demonstra, ha-[v|]a 110 caso presente uma distancia que o publicista inglez não '°grou salvar. A bondade natural do homem não passou jámais de um poético postulado, que muitos espíritos cuidaram ser "ni theorema solidamente estabelecido. Se a creatura humana •osse originariamente boa, como e quem a lornou má? Esses

governos, essas leis, esses organismos sociaes. que uma errada philosophia pretendeu converter ein bode expiatorio de todos os erros, — vieram d'esse mesmo bondoso ser ; foi elle, foi o conjunto dos homens, quem creou tudo sem interferencia de nenhuma potestade satanica, sem escravisação a algum Anti-Deus. Como podia o puro bem gerar o mal?

Mas a corrente das idéas dominadoras no tempo de Godwin levava facilmente a toda a parte as suas *Investigações sobre a justiça social:* o publico recebeu o livro com applausos fervorosos ; a sociedade, a cujos fundamentos elle queria substituir outros muito diversos, acolheu-o como se fôra uma garantia de paz e de progresso. Também Godwin não era um apostolo da revolução armada ; pelo contrario, confiando na effieacia do seu evangelho, e crente nas tendencias naturaes da razão, — esperava que o mundo não tardaria a conformar-se com os princípios ordenados por elle.

Um d'esses princípios, já o dissemos, era o communisnio, conduzindo á anarchia quanto mais depressa melhor. O outro era a liberdade do amor, ou, n'unia formula negativa, a abolição do casamento, o qual Godwin condemnava por aviltar (dizia elle muito erradamente) o amavel trato dos dois sexos até brutal sensualidade c sordido trafico monetário. Se a convicção do auctor era forte, o sentimento não se subordinou a ella, antes a submetteu, visto que o evangelista do não-casamento duas vezes casou. Peor do que Pedro, negou-se a si proprio.

O programma do viver social, estabelecido sobre essas bases arrojadas, era deslumbrante : a fraternidade alliançando o^ homens ; o egoismo e o ciúme banidos ; as paixões da grandeza, do ouro e da carne, anniquiladas para sempre ; as lagrimas do terreno valle evaporando-se, para se converterem logo em pro' digioso orvalho, que faz brotar flores eternas na mansão do homem feliz.

Mas ainda quando não fosse impossível organisar o oonv munismo em condições estáveis ; e ainda que a realisação do pensar de Godwin ácerca da família não rebaixasse o homem-

não haveria na rapida multiplicação dos seres humanos 111,1

invencível obstáculo á prosperidade que elle sonhara:' Godwin respondia negativamente; e, para tranquillisar os temerosos de mau futuro, apontava-lhes para Ires quartos do globo ainda incultos, e para o resto ainda mal aproveitado ; crescesse a população por myriades de séculos, que nem por isso a terra cessaria de dar subsistência a seus habitantes.

Contra parle d'estas idéas, expostas por Godwin em duas obras, sahiu o economista Malthus com a sua *Tentativa sobre o principio da população ;* o pensamento fundamental d'ella é que na raça humana tende a mulliplicar-se mais rapidamente do que se multiplicam as subsistências ; muitas creaturas nascem que, por evidente falta do recursos, vivem breves dias, ou compõem quadros mais ou menos amplos de miséria, de crime, de pauperismo, de abatimento physico e moral; essa natureza, que, segundo Godwin, era opulenta e generosa, não dá alimentos abundantes a todos os seres humanos, não garante a prosperidade a quantos nascem. Obstáculos falaes, *positivos*, por toda a parte e em todos os tempos se ergueram ao desenvolvimento da população; as epidemias, as fomes, ou a escassez, os proprios vicios que ora depauperam o organismo, ora absorvem riquezas que deveriam alimentar forças profícuas,—tudo isto dizima as fileiras. Não havendo, pois, recursos illimitados; sabido que não basta nascer para adquirir seguro direito a subsistir confortavelmente ; provado que as coisas necessarias á vida não têm sido elaboradas em quantidade proporcionada á producção humana, — mal da sociedade se n'ella não crescera providencia, isto é, se os homens, antes de fundarem familia, antes de se multiplicarem, não tiverem grande probabilidade de poderem educar bem os filhos ; lanlo menor fôr este obstáculo *preventivo*, maiores serão os estragos causados pelo *repressivo;* maiores serão os soffrimentos, os vicios, a miséria.

Muitos escriptores, antes de Malthus, como elle proprio declarou, tinham attentado no desequilíbrio entre as subsistências [e] a população. Pliilosophos tão famosos como Platão e Aristóteles, já haviam escripto sobre essa matéria paginas horrorosas; [e] as leis. bem como os costumes, de povos civilisados e de po-

vos barbaros, alteslam que ao través dos séculos e por toda a parte, a mísera humanidade não tem conseguido inanter-se e multiplicar-se sem ao mesmo tempo manter, e ás vezes aggravar, asquerosas desordens moraes. Nenhum escriptor, porém, levou tão longe como Malthus as investigações ácerca dos diversos meios por que a população é mantida ao nivel das subsistências; nenhum insistiu como elle na vantagem da providencia moral; nenhum deu aspecto mathematico a algumas idéas essenciaes, como elle deu.

Mas essa traducção mathematica d'ellas foi-lhe nociva; consistiu em duas progressões, uma geometrica, outra arithmetica; a primeira representando a multiplicação humana qual seria se não encontrasse obstáculos; a segunda indicando a maxima producção de subsistências ainda quando se empregassem os mais aperfeiçoados processos. A primeira compunha-se dos termos 1, 2, 3, 4, 5, etc. ; a outra era 1, 2, 4, 8, 16, e assim por diante; de termo a termo suppunha-se mediar o espaço de 25 annos ; de sorte que se'a população poderia ser 16 vezes maior quando volvidos 100 annos, as subsistências só poderiam quintuplicar durante o mesmo tempo ; mas a especie humana tinha de adaptar-se aos meios de existencia; portanto, se a previdencia moral não retardasse a producção de homens, a maioria dos nascidos n'esse século seriam viclimados á miséria ou ao vicio, ás epidemias ou ás guerras. Fallando de todo o ser que assim deixava de existir, Malthus escreveu na primeira edição as seguintes palavras que não apparecem nas seguintes: «O homem que nascer n'um mundo já occupado não terá o menor direito a reclamar qualquer, porção de alimento e será demais sobre a torra, se a familia d'elle não tem meios de o crear, e a sociedade não precisa do seu trabalho. No grande banquete da natureza não ha prato para elle. A natureza ordena-lhe que so retire, '' ella própria não tarda a fazer executar esta ordem L »

Assim Malthus não só indicava as tendencias da produt"

[1] Citadas em Blanqui, *Hisl. de 1'Ec. Polil.,* tomo II, pag. 133 da •'!•" ed., Paris, 1845.

ção de homens e subsistências, mas também entrava corajosamente na questão de direito por modo lai, que dava aspecto de cruel á sua doutrina. A critica reprehendeu severamente o escriptor. Ainda hoje a palavra *malthusiano* é um pouco pejorativa. Comtudo a leitura attenta da obra fará convencer da alteza dos sentimentos de Malthus e da elevação moral de muitos de seus conceitos; se a analyse do principio da população lhe sahiu incompleta e ás vezes muito errada, não deixa, porém, de ser um dos mais importantes trabalhos economicos do século xvm. Se as exagerações do individualismo o prejudicaram, as suas idéas convergiam todas para o engrandecimento da virtude, para a subordinação das paixões á razão; queria que o espirito do homem regesse o corpo em vez de ser este o senhor perante o qual emmudecesse aquelle.

Reagindo contra as falsas noções ácerca da bondade natural da creatura humana, que attribuiam ás instituições sociaes todos os males, procurou mostrar quanto o procedimento de cada individuo influia na sua própria desgraça ou na sua ventura ; quiz, portanto, despertar ou fortalecer a previdencia, evidenciando ao mesmo tempo a responsabilidade de cada molécula social. Ainda que desattendeu alguns elementos essenciaes d'esta questão, bem como da dos possíveis progressos agrícolas, — foi comtudo muito útil o seu trabalho ; e ainda hoje é assumpto de largas discussões. Pôde dizer-se que a obra d'elle *ficou.*

Um dos seus maiores erros consistiu em querer decidir das evoluções futuras da produeção humana e industrial, exprimindo em formas mathematicas as tendencias d'ellas, quando ainda não havia elementos bastantes para decidir a questão. As suas próprias palavras foram : « Podemos dar como certo que, não sendo a população detida por obstáculo algum, vai duplicando todos os vinte e cinco annos, crescendo portanto em progressão geometrica.» E pouco depois : « Considerando o actual estado da terra, podemos assentar que os meios de subsistência, nas mais favoraveis circumslancias do trabalho, nunca au-

Smentarão mais rapidamente do que em progressão arithme-

tica.» Estas duas leis apparecem logo no primeiro capitulo da obra ; para chegar a ellas, Malthus partiu do principio, segundo o qual todos os seres vivos tendem a augmentar a sua especie mais do que o comporta a quantidade de alimentos ao alcance d'elles. A este theorema juntou a observação de que nos Estados-Unidos a população dobrava em períodos de vinte e cinco annos approximadamente. Quanto á industria, restringiu-se á agrícola ; e ahi mesmo limitou-se a affirmações como estas: «Se admittissemos que, pela melhor administração e pelos mais poderosos estímulos aos cultivadores, o producto das terras (na Inglaterra e Escossia) duplicaria nos primeiros vinte e cinco annos, provavelmente ultrapassaríamos a verosimilhança. Nos seguintes vinte e cinco annos é absolutamente impossível esperar que o producto siga a mesma lei, quer dizer, que quadruplique ; isto contradiria todas as noções adquiridas ácerca da fecundidade do sólo. Supponhamos que as addições annuaes do producto médio são por modo que de vinte e cinco em vinte e cinco annos a Gran-Bretanha lhe ajunta tanto como o que agora produz : certamente o mais arrojado especulador não pensará que se devam levar mais longe as supposições, pois que isto basLaria para em poucos séculos converter a ilha inteira ein jardim.»

Tudo isto só poderia admittir-se como incontestável se já fossem conhecidas as forças de que o homem irá dispondo nos séculos seguintes, e como as empregará ; quaes os limites da cultura intensiva, e as revoluções futuras na producção de alimenLos ; finalmente qual a futura modificação no poder prolífico da humanidade [1].

Más se a doutrina de Malthus pretendeu n'esse capitulo inicial, e n'oufros muitos, dar á sciencia um poder prophetico superior ás suas forças em tão intrincado problema, ha na sua obra observações cheias de verdade, algumas das quaes feliz-

[1] V. *Essai sur le príncipe de la populalion,* par R. Malthus, tr. (le PW" vost. Bruxellos, 1841. Tome i, pag. 14 a 21,

mente contradizem as fúnebres conclusões d'aquellas formulas [1]. Este mixto de erros e de acertos, os differentes aspectos que toma a questão conforme se encara o passado e o presente, ou se busca devassar o futuro, — tudo isto explica o haver illustres defensores e também illustres adversarios de Malthus, ainda agora que passou quasi um século sobre a publicação da obra.

111

Oliveira Marreca assentou, antes de tudo, o principio muito simples da tendencia da adaptação da população aos meios de subsistência ; mas cumpria investigar se era por meios tão violentos que necessariamente se lhes adaptava, e se não havia razões algumas para admittir que melhorariam successivamente as condições da humanidade ; cumpria saber se da própria multiplicação do genero humano resultavam circumstancias novas, que praticamente equivalessem a novas forças productoras de subsistência.

Sobre estes pontos Oliveira Marreca reuniu factos e argumentos muito elucidativos. Notou que desde o principio do século xvin se dera um crescimento de população como nunca os povos da Europa o tinham presenciado. Ao mesmo tempo a industria e a agricultura fizeram grandes progressos. «Apoderando-se dos agentes gratuitos da natureza, o génio da sociedade faz d'elles orgãos supplementares da força humana ; e desde então os productos fabris não só multiplicam muito mais do que os homens, mas não conhece outros limites a sua multiplicação senão a matéria elaboravel, a vontade do productor e necessidades do mercado. » Simultaneamente com o progresso numérico dos homens veiu o augmento no consumo individual de productos immediatos da agricultura, e no de artefactos ;

[1] Acerca das contradicções de Malthus e das suas esperanças no futuro, v'd. o nosso livro *Princípios de economia politica,* pag. 201 e seg. Porto, 1883.

cresceu, pois, o capital com mais rapidez do que os homens ; e é de observar que do mesmo passo diminuíram as fomes e as epidemias que n'oulras éras, cahindo poderosamente sobre as povoações, levavam em curto espaço uma parte considerável d'ellas.

Estudando por outro lado a questão, Oliveira Marreca observou que o mesmo crescimento da população augmentava progressivamente as forças industriaes ; seria, portanto, errónea a affirmação de que dois homens associados a dois. homens podem ser apreciados quanto á capacidade industrial como se o primeiro par trabalhasse independentemente do segundo; o erro proviria de não ter em conta os prodígios da associação. Onde os habitantes são poucos relativamente ao sólo occupado por elles, as relações estabelecem-se com difficuldade; ás vezes a distancia entre os moradores até se torna insuperável impedimento a vantajoso trato; pelo contrario, á medida que a povoação vai adensando-se, as industrias vão colhendo todos os proveitos proprios da divisão do trabalho; realisam-se economias crescentes no transporte; sobe com rapidez progressiva o trafico mercantil ; a concorrência das idéas, o auxilio, que mutuamente se prestam aquelles mesmos que se combatem no campo das sciencias, aperfeiçoa constantemente a technica das industrias e das artes, o que tanto vale como dizer que o individuo vai sendo cada vez maior productor dos objectos indispensáveis á exislencia. lia, portanto, duas séries de melhoramentos derivados da condensação dos habitantes : uma é a dos que resultam da associação; outra reúne os procedentes do aperfeiçoamento individual; finalmente ambas se influenciam reciprocamente; e, reunidas, exprimem que a humanidade, ao mesmo tempo que sobe em numero de indivíduos, vai adquirindo não só maiores forças, mas também superiores faculdades. Não quer isto dizer que seja ininterrupto este progresso ; ha períodos de decadência; mas encarados os phenoinenos sociaes no seu conjunto, vistos d'esta idade, á qual já é dado estudar tantos factos ás vezes apparentemenle contraditorios, e conjecturar-lhes a verdadeira significação,—parece que a tendencia da humanidade

é para assegurar mais abundantes meios de subsistência a cada vez maior numero de pessoas.

Summariando o seu pensar, Oliveira Marreca dizia: «Com o crescimento dos homens e a sua agglomeração crescem germes de riqueza, e poderes effectivos de maior efficacia, que não deixava surgir a raridade, ou a disseminação das famílias, e que d'antes não residiam na natureza exterior, porque vieram ao mundo á medida que as gerações novas foram apparecendo e concentrando-se. Vieram com ellas, trazidos por ellas. D'onde posso concluir (accrescentava elle, fazendo-nos lembrar uma passagem de Godwin) que as populações que vêm entrando na scena da vida, segundo a lei natural nunca pejam os quadros da sociedade, acompanhadas como são de novas forças de producção que não existiam d'antes. Contando, para subsistirem, com a terra e o capital que já cá estavam, apresentam como titulo a um lugar no banquete commum o tributo de poder, com que augmentam o fundo anterior das faculdades de associação. » « Pode haver intervallos, pôde haver paizes onde os habitantes cresçam ou tendam a crescer mais depressa que as subsistências, ou onde as substancias fundamentaes do alimento e do commodo tendam a encarecer na proporção do augmenlo dos habitantes e dos seus recursos. Esta é a excepção. Mas os factos que constituem a excepção, mostra a estadística e a historia, que com mais ou menos difficuldade, com muito ou pouco dispêndio de annos tem sido superados já pelo poder do trabalho e as conquistas da intelligencia humana sobre a inércia da natureza physica, já pelo achanamento d'aquellas barreiras com que a sociedade havia embargado a carreira do seu adiantamento. »

Embora escrevesse estas firmes palavras optimistas, alguma duvida permanecia no seu espirito ; assim o concluímos da pergunta que logo depois formulou : « Terá o homem mais poder para multiplicar-se do que para multiplicar os alimentos, ou será a sua faculdade productiva superior á sua faculdade prolifica?» Tendo estabelecido como regra que o crescimento das subsistências é maior que o da povoação, deixava solvido

o problema que agora extemporaneamente formulava ; a necessidade, que sentiu, de o estudar ainda, manifestava que não ficou satisfeito da sua anterior demonstração, ou antes, das suas observações ; teria provado n'ellas que até agora a terra não faltara á humanidade, e que a condensação trazia superiores vantagens ; mas não discutira se a precoce mortalidade era principalmente devida ao excesso da força genesica sobre as faculdades industriaes, nem se com o andar dos tempos a condensação viria a ser incommoda e perigosa.

Respondendo á pergunta, Oliveira Marreca fez notar que se a questão se estabelece sobre a base do poder *virtual* da população, lia de lambem assentar sobre o poder *virtual* da producção ; tem de suppôr-se extincto qualquer impedimento ás duas especies de multiplicação ; quanto ao homem, não carecia de muitos séculos para cobrir a terra, se o considerarmos só como força prolífica ; mas as plantas e os animaes ainda com maior rapidez se assenhoreariam do globo, se a propagação d'elles uão topasse nenhum impedimento. Sob este aspecto, as faculdades do homem não excedem as dos elementos fundamentaes do alimento d'elle ; não se depára ahi, portanto, nenhuma desharmonia; mas se lançamos interrogações ácerca do futuro, quem nos assegura que a humanidade não « trasborde do globo por se não poder alimentar, nem caber já n'elle?» Por muito fecunda que seja a condensação humana, ha um limite além do qual se tornaria oppressora, da mesma sorte que se o augmento do calor é util á producção de certos fructos, além de certo grau queimaria as plantas. Marreca entendia que um lanço d'olhos sobre o mappa do mundo mostra-nos os homens faltando ás terras para as povoar e agricultar, não as terras faltando aos homens ; e, nos poucos tratos utilisados, a arte de extrahir do sólo o maior proveito está reduzida a um ponto imperceptível na vastidão do globo ; isto quanto ao presente ; e. quanto ao futuro, duvidava que o calculo das probabilidades indicasse risco maior de se realisar a conjectura do que o do encontro de um cometa com a terra.

Mas isto é uma evasiva, não é uma solução ; evasiva erarn

também estas palavras : « Não suppomos que a natureza fosse imprevidente, ou quizesse dar-nos esphera pequena para despregar os nossos meios de actividade e de multiplicação.» Poderia replicar-se-lhe que já parecia imprevidência- da natureza o virem ao mundo muitos sères que, mal arriscam os primeiros passos na carreira da vida, logo morrem ; imprevidência da natureza, o tombarem para a sepultura muitos indivíduos de preciosas qualidades exactamente no período e nas circumstancias em que mais necessaria se tornava a permanencia d'elles na sociedade. Provada esta cegueira e surdez da natureza ante os males e os lamentos do passado e do presente, como havíamos de tranquillisar-nos com a vã allegação da sua previdência '(uanto ao futuro?

Longe, porém, de Oliveira .Marreca o pretender tratar aquelle thema só com banalidades ; fôra improprio da sua cultura e da sua honra scientifica ; tencionava dedicar um capitulo especial ao exame da questão ; mas não chegando a completar a ***Memoria,*** ficámos privados do resultado de seus estudos ; na Parte publicada estão só as seguintes palavras, que deixam vêr Para onde lhe pendia a opinião : « A considerarmos a attenuação progressiva do numero dos nascimentos, e o decrescimento simultâneo e ainda maior da mortalidade como signaes de melhoramento no estado social, ou como tendencia da civilisação, [0] problema, que agora discutimos, pôde formular-se em termos "lais conducentes a uma solução. Mas será assumpto para ou-[,rf]> capitulo.-)

E na verdade, se os progressos hygienicos e pedagogicos ^êm de tornar cada vez mais longa e mais util a vida média; [Se] as invenções technicas lião-de baratear os productos ; se finalmente as revoluções no pensar e no sentir hão de subordinar a regras de progressiva equidade a distribuição das riquezas, - a diminuição da faculdade prolífica, effectiva, do homem Pôde permittir o perpetuo desenvolvimento d'esses traços caracterísiticos da civilisação sem que a estreiteza da terra venha [11]m dia a ser o insuperável obstáculo a esse mesmo desenvolvimento.

Será absurdo o suppôr que o poder prolífico do homem diminua com o tempo? Certamente não ; antes pelo contrario concorda a hypothese com um facto bem conhecido : em geral, os seres mais perfeitos costumam ter menor prole do que os inferiores; ora a accumulação de aperfeiçoamentos do homem differenciam-no cada vez mais do que foi na primitiva idade ; concebe-se que novos progressos menlaes o tornem ao fim de myriades de annos muito differente do que é hoje; e uma d'essas differenças bem pôde ser a diminuição do instincto genesico, talvez correlativa do engrandecimento espiritual. Será, porventura, esse o áureo tempo em que também o egoismo tenha deixado as suas formas brutaes e se combine com a sincera fraternidade ? Será essa a venturosa idade em que o amor viva desembaraçado das illusões que tantas vezes o tornam attrahente introductor n'um mundo de misérias e decepções? [1]

Pelo que respeita aos progressos da industria, que prodígios se realisarão no futuro? Até onde irá a diminuição de trabalho para a producção das subsistências? Que fecundas verdades serão descobertas pela synthese chimica? Fóra louca a pretensão de marcar desde já estreitos limites ás suas vindouras conquistas, quando o império d'ella, adquirido incontestavelmente, revela enormes forças que constantemente se engrandecem -.

[1] .lá David Booth aiiudia á diminuição da faculdade prolífica do homem. (Vid. *Hecherches snr la population,* par William Goderid, trad. de F. Constâncio. Paris, 1821. tom. i, pag. ,158). líntre os economistas foi Carey quem mais insistiu na diminuição do poder genesico á medida que o homem se ap[c1]'" l'eiçôa. (Vid. *Jʲrinci/>es ile la Science Sociale,* trad. de Leduc e Planche, sobretudo tomo in, pag. 297 a 300). N'uma obra recente *(Das Verhallniss ztvischc» Geborenen and Gestorbenen in historicher Enlwickelung*, Halle a. S. — 1889). .l. Wernick oppõe á affirmaçào de Carey o facto de n'este século não ter dimidiado, antes augmentado na Allemanha, a frequência dos nascimentos; mas que valem os phenomenos de menos de um século para a questão, especialmente quando as estatísticas não vêm acompanhadas pelo exame das multíplices causas d'0s[ses] mesmos phenomenos?

- Já Godwin dizia :« Não ha boas razões para affirmar que a alimentaÇ[3] dos animaes deva necessariamente ser primeiro submettida ás leis da vida anin[1,1]

IV

Mas deixemos a questão do futuro, que só nos serviu para contestar a deshumana rigidez da supposta theoria matliematica inalthusiana. O que sabemos ao certo ó que, filando o presente, ahi vemos a miséria, ou a escassez de recursos, avexando numerosíssimos indivíduos, encurtando o viver de alguns, pondo rápido termo á existencia de tantos; porém entre as causas d'estes factos ha a distinguir as que se referem á producção de riquezas e as concernentes á sua distribuição.

Sobre a mesma superfície podem viver mais ou menos homens, segundo as faculdades de que são dotados. Malthus cita um viajante que, tendo vivido nove annos entre os selvagens da Florida, contava que não conheciam especie alguma de agricultura, e se nutriam de raízes penosamente procuradas; passava-se isto lia séculos; agora a mesma terra, segundo o recenseamento de 1880, conta 269.493 habitantes ; e as suas -3.438 propriedades rústicas valem mais de quatro milhões ster-'inos. Se, pelo contrario, lançamos um olhar para a Africa bo-[p]eal, ahi se nos deparam ruínas de estados outr'ora florescentes [p] muito povoados; igualmente nos succederia em vários lugares da Asia ; bem perto de nós, o confronto da Irlanda com a Inglaterra ensinar-nos-ia quanto sobre o progresso do homem, so-''[1r]e a sua producção economica, podem numerosos elementos estranhos ao sólo e ao clima ; se fosse necessário maior numero "o exemplos, ahi teríamos outro superiormente insfructivo nos monumentos da cultura hollandeza erectos sobre um sólo ingratíssimo, ao passo que em regiões do continente negro faltam "Os selvagens as forças da industria para regerem a opulenta

[IJ]" vegetal. Por toda a parte onde houver terra, agua e os outros alimentos chi-"ncos, é possível (|iie a arte um dia forme compostos alimentícios.» (*Ob. cit.,* tom. "> Pag. 286).

natureza externa. Se as riquezas encerradas no meio da terra, e as que se manifestam na luxuriante vegetação tivessem espirito e voz para estudarem e discutirem o problema da população, queixar-se-iam de que os homens faltam para as aproveitar, para as engrandecer em categoria economica, tornando-as elementos da civilisação; porventura algum génio das florestas, receioso do futuro, formularia acerca das plantas, em suas relações com os homens, doutrina analoga á de Malthus ácerca dos homens em suas relações com as plantas. Nem aquelle, nem este, acertariam. A verdade é que. embora superabundando a terra, ainda nem todo o humano habitante d'ella a sabe cultivar ; considerada no seu conjunto, a sociedade vai produzindo cada vez mais e melhor; as riquezas multiplicam-se prodigiosamente ; mas se os carros dos triumphadores levam cada vez maior numero de pessoas, se a victoria é ganha por quantidade crescente de operários, sempre aos hymnos gloriosos se unem as plangentes vozes de muitos infelizes. Assim como na Florida os selvagens outr'ora penosamente procuravam raizes onde hoje se colhem abundosos fructos,—-assim em cada momento, que a sociedade vai vivendo, se dão simultaneamente factos que bem representam aquelle vegetar opprimido e esta desaffrontada existencia; ainda mais afastados e contrastantes são os extremos da realidade, pois que n'um ponto se observam ás vezes os mais abjectos desperdícios e no outro a mais honrosa penúria.

N'estas clamorosas desharmonias influe de certo a imprevidência ; a Malthus sobravam razões para a combater, e desenganar os homens de que os males do individuo não tinham por única origem a observancia das leis escript.as, ou os erros dos governos; mas quem pôde adquirir previdencia bastante que affiance á lamilia o conforto, ou ao menos a satisfação das necessidades imperiosas? Quem terá o braço bem forte para combater o cego acaso? Quem terá a faculdade de prever todos os accidentes que hão de ir estorvando o progresso individual? Ninguém possue a certeza do que succederá ámanhã- Teria de condemnar-se á inacção, que seria o suicídio, quem

não quizesse praticar acto algum de que não soubesse previamente todas as con,sequencias.

Se, porém, o homem não pôde dominar todos os acontecimentos, não ó isto rasoavel motivo para que deixe de esforçar-se por afastar perigos. Mal do mundo se todos os homens seguirem á letra aquelles conselhos do sermão da montanha : <i Não andeis cuidadosos do que comereis, nem do que vestireis. •Não é mais a alma que a comida, e o corpo mais que o vestido? Olhai para as aves do céo que não semeani, nem segam, nem fazem provimentos nos celleiros: e comtudo vosso pai celestial as sustenta; porventura não sois vós muito mais do que ellas? E porque andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lyrios do campo ; elles não trabalham, nem fiam.» Sublime intenção a d'estas exhortaçòes, se era a de collocar os interesses moraes superiormente aos materiaes ; mas ai de quem tranquillo aguardasse que os vestidos viessem cobrir-lhe o corpo, e o alimento viesse manter-lhe as forças sem que empregasse esforços alguns. Os proprios lyrios do campo também trabalham; por especiaes processos elles transformam os elementos nutricios que a terra e a atmosphera lhes ministram. E nem todos os lyrios chegam a florescer e fructear: quantos d'elles, apenas brotados, perdem logo essa fórma da vida e se '•ornam pó! O Velho Testamento contentou-se de imaginar que Adão e Eva estiveram a principio no Eden, onde ouviram aquella voz de Jehovah: crescei e multiplicai; ahi tendes vegetes e animaes em abundancia; lavrareis alegremente o sólo, e vivereis felizes. Porém ainda não era nado o primeiro filho, e Já no dizer biblico descia do céo outra voz de Jehovah amaldiçoando a terra e condemnando o homem a obter o pão á [u]usta do penoso trabalho, até que volvesse ao pó d'onde surgira.

Sob o aspecto economico, tão nociva seria a cega imprevidência, como o extremo temor de constituir familia. « Os eco-[n]omistas que escrevem debaixo da impressão do receio (dizia Oliveira Marreca), ouvindo os lamentos da fome, e os gritos das "Hiltidões superabundantes, deslisam-se facilmente do rigor e

serenidade do raciocínio ás apprehensões do péssimo, ás liypotlieses imaginarias, á effusão das exhorlações contra os matrimónios imprudentes; e os seus livros, tomando a tinta do temor que os allucina, e as emanações da atmosphera que os cerca, — se fossem abraçados por quantos não têm a fortuna própria tão bem ancorada no presente, que a não possam vèr quebrada no futuro, entrando os grandes grupos da população a eximir-se dos encargos da paternidade, — seriam vastos desertos ou sociedades fracas — pobres e disseminadas — nações poderosas e opulentas hoje. A incerteza de uma continuação não interrompida de recursos para costear, uma familia abrange as immensas maiorias do globo habitado ; e é a essas, as mais incapazes de as aceitar, que se endereçam as cathequezis da escola de Malthus. A adopção absoluta d'esta doutrina conduziria ao celibato quasi universal. Amorteceriam então essas faculdades de actividade e trabalho que se multiplicam no chefe da familia á proporção do numero dos membros que a compõem- Pararia na morte do homem a perspectiva do pai, que se alonga ao futuro da sua posteridade. A mão amiga e incansavelque prepára a infancia para os grandes destinos da sociedade, e ajunta para outrem os bens materiaes, de que não ha de gozar, descahiria no ocio. A familia impõe despezas; mas o principio da associação e communidade, em que se funda, proporciona economias impossíveis na isolação do celibato. Exautorada a familia, pereceria o maior estimulo da educação, do aperfeiçoamento da especie, da accumulação do capital; desapparecería uma das condições da longevidade, porque o solipso vive menos; e nem por isso vedaria a corrente dos nascimentos.»

V

Perante as forças externas que umas vezes lhe são benéficas, mas outras lhe são adversas, o individuo corre o perigo de ficarem inutilisados seus melhores e maiores cuidados; esforçou*

se em prevenira realisação de certas liypotheses; mas deram-se outras em que nem sequer pensára. Os diversos graus e especies de associação permittem impedir muitos males que fariam succumbir o liomem isolado. Concordam n'isto as mais oppostas escolas ; porém desharmonisam-se quando apreciam qual deva ser o auxilio do estado ou das corporações loeaes ao individuo perseguido pela desgraça, ou quaes as garantias sociaes de existência ou progresso individual. Na doutrina de Godwin, todo o bem se alcançaria quasi sem leis, e até o aperfeiçoamento humano permittiria que viessem a não ser precisas. Na de Mallius, o dever principal do estado seria a instrucção ; repugnava-lhe, por muito nociva, a beneficencia official, a taxa dos pobres, tão mal empregada na Inglaterra. Oliveira Marreca não se occupou especialmente d'esto ponto, que, para ser bem discutido, não obrigaria a menos que apreciar todas as doutrinas socialistas; e, no estado actual das sciencias sociaes, por grande que fosse o génio entregue a esse trabalho, não se achariam elementos bastantes á completa solução do problema.

O nosso compatriota não pôde, porém, ser classificado entre aquelles que se oppunham a toda a acção do estado a favor das classes inferiores, sob a fórma de beneficencia. Se condemlava todo o systema de caridade official que cegamente distril'ue soccorros, logo accrescentava: « Refiro-me á indigência valida. A invalida por idade, moléstia, ou enfermidade, todo o subsidio, que lhe é prestado, avalia-se pela regra do dever moral, que está acima da theoria economica.» Já vimos também que no *fielatorio* poz uma phrase, em que parecia attribuir ao governo a funeção de dotar operários com certos instrumentos Productivos; mas referia-se especialmente aos agricultores. Aea-s° quereria que não só lhe distribuísse certas terras, mas tam-'M*m que fizesse leis promotoras da divisão da propriedade rural, clue facilitasse recursos pecuniários aos pequenos lavradores, que ''uscasse na combinação da industria com a lavoura um remeuio das crises e do proletariado? Não sabemos que deixasse escriptas suas opiniões sobre a questão operaria : comtudo "'aquelle *fielatorio* lia as seguintes passagens :

« O que mais nos convém é o systema da divisão, a cultura parcellar, o predominio da propriedade pequena e média, a distribuição dos nossos terrenos incultos por famílias laboriosas, a desaccu mulação d'aquella parte dos nossos prédios ruraes, que pôde justamente desaccumular-se. D'este quadro não ficaria excluída a grande propriedade, ou, para melhor dizer, a grande cultura. A grande cultura seria a excepção, seria o modelo, seria o theatro experimental, onde se ensaiassem as descobertas e aperfeiçoamentos da sciencia agronomica, que exigem uma vasta superficie de terreno, uma habilidade superior, um poderoso concurso de capita es. Ao estado pertenceriam os trabalhos mais dispendiosos de irrigação, esgotamento, canalisação e estradas... A vastidão dos tratos bravios que se estendem por alguma das nossas províncias, não pôde desbravar-se senão, pelo trabalho da pequena família proprietária . . . Depois das terras incultas estão as propriedades já cultivadas a que o estado tem direito. Com ambas se poderia praticar, até onde fosse praticavel, a divisão em porções adequadas á subsistência de uma familia. Aos novos adquirentes se devera impor por único ónus e condição do dominio um cânon annual perpetuo, mas muilo modico; e, por alguns annos ao menos, privilegial-os, como aos senhores da meia-idade, com a isenção de todo o imposto. Da mesma sorte que a industria transformou mendigos em operários, esta medida elevaria trabalhadores á classe de proprietários. O progresso, na sua phase economica, não tem sido outra coisa senão esta promoção contínua 011 do individuo ou dos differentes gru* pos sociaes.»

Estas palavras, não desagradariam ao radicalismo de Cha»[1'] berlain, e exprimem idéas organisadoras que não destoam talvez das que inspiraram algumas das mais importantes reforma[6] de Mousinho da Silveira. Junto d'esse trecho áeerca da pr°'" priedade fundiaria, convém copiar da *Memoria* o que escreve'[1] sobre a classe obreira : « Propensa a industria pelos lucros (I[1]'" oflerece, e por outras muitas causas, a generalisar-se entre a® nações mais depressa do que a divisão da propriedade agricO' la, —as suas perturbações por estagnação de productos e sol"'

jidão de braços não podem, ou não poderão de fuluro, ser precavidas por um só povo mesmo dentro da área do mercado proprio, senão por accordo collectivo de todos os povos fabris, accordo que colloque os obreiros na mesma linha dos pequenos proprietários, 011 deslinde de outro modo a questão suprema do trabalho.»

No tempo em que se publicavam estas linhas eram conhecidos muitos syslemas com pretensão a resolverem a questão social ; o nosso distincto economista não seguiu nenhum d'elles, apesar da popularidade de alguns; limitou-se a indicações acompanhadas de palavras próprias de quem sabia as difficuldades da matéria e conhecia a insufficiencia dos meios propostos por outros. É, porém, de notar que o seu pensar ácerca da propriedade territorial e do accordo industrial das nações fabris é anaiogo ao que tem sido matéria de porfiados debates nos últimos annos.

Os mais illustres compatriotas de Oliveira Marreca não concorreram com melhor tributo do que elle para esclarecimento da questão social ; questão suprema, lhe chamava Alexandre Herculano; porém não via outro meio de resolvel-a senão « o restaurar, em harmonia com a illustração do século, as instituições municipaes, aperfeiçoadas sim, mas accordes na sua Índole, nos seus elementos, com as da idade média. » Restava saber o que significava essa harmonia; Herculano não o disse: acaso a interpretaria bem o seu admirador Henriques Nogueira quando traçou o vasto quadro das instituições municipaes?[1] •'osé Estevão, na sua cadeira de economia politica, julgava necessário repartir e dividir a população conforme a extensão do sólo e a sua prosperidade ; esperava que algum dia as nações estabeleceriam um accordo para.repartirem o excesso dos braços Pelos lugares inhabitados que apresentassem futuro do producção ; tinha confiança no porvir; elle, que fôra dos mais corajosos como soldado e orador, exclamava, leccionando na Escola

[1] A. Herculano, *Historia de Portugal*, tomo IH, pag. 226 da 3.ª ed. — Felix Nogueira, *O Município* no século xi\. Lisboa, 1856, pag. 144 c seg.

Polytechnica : « A Providencia velará por nós. Deixemo-nos ir embalados por esta embarcação que marcha veloz para um mundo desconhecido. Aproemos ao Oriente, havemos de chegar a algum porto. E tenhamos presente sempre o alcance das quatro palavras que, como quatro columnas, encerram a questão que nos tem occupado (era a da população e emigração) : ***moralisar, desaccumular,*** *repartir*, ***produzir.*** São os remedios palliativos, porque o remedio heroico pertence á natureza »

Vi

Temos considerado os principaes trabalhos economicos do nosso illustre compatriota; em cada um d'elles indicamos e analysamos o que havia de fundamental. Não encerram proposições que ampliassem o dominio da sciencia; mas em numerosos pontos são o estudo cuidadoso e profícuo de questões importantes ; esses trabalhos mostram que Oliveira Marreca ia acompanhando o progresso das idéas economicas no estrangeiro, e que foi entre nós um representante da escola de List e de Carey, sem comtudo aceitar todas as doutrinas alli professadas, antes provando possuir espirito com independencia e alcance bastantes para poder caminhar seguramente sem alheio auxilio. Foi contra Malthus, sem cahir nos extremos a que chegou William Godwin. Confiou na liberdade, comprehendendo-a, porém, muito melhor do que Bastiat, quando tratou da missão do estado. Certamente contribuíram muito para esta orientação economica os seus vastos conhecimentos historicos.

Das qualidades litterarias de Oliveira Marreca escreveu Lopes de Mendonça :

«Examinando os escriptos do economista, fica-se deveras attonito do modo por que elle reúne e consubstancia no seu cs-

[1] *Discursos parlamentares* de José Estevão colleccionados por Joaquim Simões Franco, Aveiro, 1878, pag. xin e seg. Ahi vem o trecho d'uma lição de José Estevão conforme as notas do snr. José Horta, quando foi seu alumno.

tylo attributos que pareciam dever repellir-se. A extrema elegancia e concisão da sua plirase combina-se com a profusão da linguagem e a abundancia pittoresca de epithetos com que traduz as suas elevadas concepções, que seriam obscuras de outro modo. Como mestre da lingua, o snr. Marreca é devéras creador ; e pondo de novo em circulação os thesouros do nosso fallar clássico, imprime-lhes uma physionomia diversa, adoptando-os para revelarem as combinações de uma sciencia, que, joven nas outras nações, pode dizer-se que entre nós nasceu ha dois annos [1].»

Das qualidades do homem disse Alexandre Herculano, prefaciando as *Lendas* e *Narrativas :*

«Caracter grave e austero, digno dos tempos antigos, e que a Providencia collocou, em meio de uma sociedade gasta e definhada por muitos generos de corrupções, como condemnação muda ; homem, sobretudo, de sciencia e consciência ...»

Passou longos annos entre as agitações politicas ; tomou notável parte em muitas d'ellas ; e sempre o seu procedimento foi tam nobre, que os proprios adversarios o respeitavam como superior a toda a má suspeita -. Era ao mesmo tempo coração

[1] *Memorias de Litteratura Contemporânea.* Lisboa, 1855, pag. 36'J.

[2] No *Diecionario biographo-politieo,* Lisboa, 1843, lá-se o seguinte: " Quando aconteceu a revolução de setembro, era Oliveira Marreca administrador da Imprensa Nacional; desapprovando esse successo, offereceu logo depois do dia 10 de setembro a sua demissão, apesar da sua intima amisade com o ministro Passos. Como cartista puritano, trabalhou constantemente para o triumpho da sua convicção e do partido a que se ligara. Eleito deputado em 1838, tomou assento "a direita . . . Durante as sessões de 1840 a 1841, a carreira parlamentar de Oliveira Marreca, sempre nobre, foi muito brilhante. Desenvolveu então uma grande tenacidade, e muita energia própria do seu bello caracter c instrucção. Na sua 'lualidade de deputado assignou o protesto contra o movimento de 27 de janeiro de 1842... Oliveira Marreca é um cavalheiro virtuoso, homem da mais severa independência, de muita probidade, caracter austero, profundamente liberal, talento digno de ser honrado, sabedor das bellezas da nossa lingua, muito illustrado nas ^ciências econoinicas-politicas.»

Marreca foi um dos fundadores do partido republicano em Portugal, colla- "Orando no programma d'elle.

opulento de bondade, e animo inquebrantável; severo principalmente para comsigo proprio, não hesitou em soffrer até a fome para manter a honra. Vicente Ferrer dizia uma vez a Alexandre Herculano, em conversação intima : « 0 Marreca vale mais do que nós.» E comtudo Vicente Ferrer foi um dos nossos mais austeros políticos, e consagrava a Herculano amisade e admiração ; mas sabia que privações passára Oliveira Marreca para conservar a pureza das suas crenças ; tinha conhecimento perfeito não só da vida publica d'este cidadão, mas também das penosas circumstancias da sua casa. Soffria-as elle resignadamente, como quem, ao tomar deliberações heróicas, não deixara de prever as prováveis dores que d'ahi lhe resultariam. Assim, havendo sido um dos mais cultos espíritos do seu tempo, foi também um dos mais venerandos exemplos de grandeza moral.

Rodrigues de Freitas.

CARTAS DE FRADIQTJE MENDES [1]

FRADIQUE MENDES

(MEMORIAS E NOTAS)

V

A ultima vez que Fradique visitou Lisboa foi essa em que o encontrei no Rato, lamentando os saraus beatos e secios do século XVIII. O antigo poeta das LAPIDARIAS tinha então cincoenta annos ; e cada dia se prendia mais á doçura dos seus hábitos de Paris. Elles offereciam essa uniformidade solitaria e cheia que, pela elevação e delicadeza das occupações, serenamente deslisando e fielmente regressando, envolve uma existência, mesmo entre o rumor de colmeias humanas como Paris ou Londres, n'um pacifico e austero encanto de mosteiro erudito.

Fradique habitava, na rua de Varennes, desde 1875, uma ala do antigo palacio dos Duques de Trevernne que elle mobilara com um luxo sobrio e grave — tendo sempre detestado esse atulhamento de alfaias e estofos onde inextricavelmente se embaralham e se contradizem as Artes e os Séculos, e que, sob o bárbaro e justo nome de *bric-à-brac*, tanto seduz os financeiros e as *cocottes.* Nobres e ricas tapeçarias de Paizagem e de Historia; amplos divans d'Aubusson; alguns moveis d'arte da Renascença Franceza ; porcelanas raras de Deft, e da China ; espaço,

[1] Continuado da pag. 543, numero do I." de novembro.

claridade, uma harmonia de tons castos — eis o que se encontrava nas cinco salas que constituíam o « covil » de Fradique. Todas as varandas, de ferro rendilhado, datando de Luiz XIV, abriam sobre um d'esses jardins de arvores antigas, que, n'aquelle bairro fidalgo e ecclesiastico, formam retiros de silencio e paz silvana, onde por vezes nas noites de maio se arrisca a cantar um rouxinol.

A vida de Fradique era medida por um relogio secular, que precedia o toque lento e quasi austero das horas com uma toada argentina de antiga dança de corte: e era mantida n'uma immutável regularidade pelo seu creado Smith, velho escossez da ***clan*** dos Macduffs, já todo branco de pêlo e ainda todo rosado de pelle, que havia trinta annos o acompanhava, com severo zêlo, através da vida e do mundo.

De manhã, ás nove horas, mal se espalhavam no ar os compassos gentis e melancólicos d'aquelle esquecido minuete de Cimarosa ou de Hayden, Smith rompia pelo quarto de Fradique, abria todas as janellas á luz, gritava : — *Morning, Siri* Immediatamente Fradique, dando d'entre a roupa um salto brusco que considerava « de hygiene transcendente », corria ao immenso lavatorio de mármore, a esponjar a face e a cabeça, em agua fria, com um resfolgar de Trytão ditoso. Depois, enfiando uma das cabaias de seda que tanto me maravilhavam, abandonava-se estirado n'uma poltrona aos cuidados de Smith que, como barbeiro (aflirmava Fradique) batia Figaro e Ioda a escola illustre de Sevilha. E emquanto o ensaboava e escanhoava, Smith ia dando a Fradique um resumo nitido, sêcco, todo em factos, dos telegrammas políticos do *Times,* do *Standard* e da *Gazeta de Colonial*

Era para mim uma surpreza sempre renovada e altamente saborosa vêr Smith, com uma alta gravata branca a Palmerston, rabona curta, calças de xadrez verde e preto (cores da sua ***clan)*** e sapatos de verniz decotados, passando o pincel na barba do amo, e murmurando em perfeita sciencia e perfeita consciência : — « Não se realisa a conferencia do príncipe «de Bismarck com o conde Kalnocky... Os conservadores per-

« deram a eleição supplementar de York. Fallava-se hontem em « Vienna d'um novo emprestimo russo...» Os amigos, em Lisboa, riam d'esta «caturreira»; mas Fradique sustentava que havia aqui um proveitoso regresso á tradicção classica, que em todo o mundo latino, desde Scipião, o Africano, instituirá os barbeiros «informadores universaes da coisa publica». Estes curtos resumos de Smith, em todo o caso, formavam a carcassa das suas noções politicas: e Fradique nunca dizia—«Li no *Times*» — mas «Li no Smith».

Bem barbeado, bem informado, Fradique mergulhava n'um banho ligeiramente tépido, d'onde voltava para as mãos vigorosas de Smith, que, com um jogo de luvas de lã, de flanella, d'eslopa, de clina e de pelle de martha, o friccionava até que o corpo todo se lhe tornasse, como o de Apollo, «roseo e reluzente». Tomava então o seu chocolate; e recolhia á bibliotheca, sala séria e nobre, onde uma imagem da Verdade, radiosamente branca na sua nudez de mármore, pousava o dedo subtil sobre os lábios puros, symbolisando, em frente á vasta meza de ébano, um trabalho intimo á busca de verdades que não são para o mundo.

A uma hora almoçava, com a sobriedade d'um grego, ovos e legumes : — e depois, estendido sobre um divan de Abusson, tomando goles lentos de chá russo, percorria nos jornaes, nos semanarios, nas Revistas—as chronicas d'arte, de litteratura, de theatro ou de sociedade, que não eram da competencia politica e economica de Smith. Lia então também com cuidado os jornaes portuguezes (que chama algures «phenomenos picarescos de decomposição social»), sempre caracteristicos, mas superiormente interessantes para quem como elle se comprazia em analysar «a obra genuína e sincera tia mediocridade», e considerava Calino tão digno d'estudo como Voltaire. O resto do dia dava-o aos amigos, ás visitas, aos *ateliers*, ás salas dermas, ás exposições, aos livreiros, aos clubs — aos interesses diversos que se cria um homem d'alto gosto vivendo n'uma cidade d'alta civilisação.

De tarde subia ao *Bois*, conduzindo o seu phaeton, ou

montando a *Sabá,* uma maravilhosa egoa das caudelarias de Ain-Weibah que lhe cedera o Emir de Mozul. E a sua noite (quando não tinha cadeira na Opera 011 na *Comédie)* era passada n'algum salão — precisando sempre findar o seu dia entre «o ephemero feminino ». (Assim dizia Fradique).

A influencia d'este «feminino» foi suprema na sua existência. Fradique amou mulheres — mas fóra d'essas, e sobre todas as coisas, amava a Mulher.

A sua conducta para com as mulheres era governada conjuntamente por devoções de espiritualista, por curiosidades de critico, e por exigencias de sanguineo. A maneira dos sentimentalistas da Restauração, Fradique considerava-as como «organismos » superiores, divinamente complicados, differentes e mais proprios de adoração do que tudo o que offerece a Natureza: ao mesmo tempo através d'este culto ia dissecando e estudando esses «organismos divinos», fibra a fibra, sem respeito, por paixão de analysta; e frequentemente o critico e o enthusiasta desappareciam para só restar n'elle um homem amando a mulher, na simples e boa lei natural, como os Faunos amavam as Nymphas.

As mulheres, além d'isso, estavam para elle (pelo menos nas suas theorias de conversação) classificadas em especies. Havia a «mulher d'exterior», flor de luxo e de mundanismo culto: e havia a «mulher d'interior», a que guarda o lar, diante da qual, qualquer que fosse o seu brilho, Fradique conservava um tom penetrado dc respeito, excluindo toda a investigação experimental. « Estou em presença d'estas (escreve elle a madame de Jouarre), «como em face d'uma carta alheia fechada com sinete e lacre.» Na presença, porém, d'aquellas que se «exteriorisam» e vivem todas no ruido e na phantasia, Fradique achava-se tão livre e tão irresponsável como perante um volume impresso. «Folhear «o livro (diz elle ainda a madame de Jouarre), annotal-o nas « margens assetinadas, critical-o em voz alta com independencia « e veia, leval-o no coupé para lêr á noite em casa, aconselhal-o a « um amigo, atiral-o para um canto percorridas as melhores pagi- « nas — é bem permittido, creio eu, segundo a Cartilha e o Codigo.»

Eram estas subtilezas (como dizia um cruel amigo nosso) as d'um homem que theorisa e idealisa o seu temperamento de carrejão para o tornar litterariamente interessante? Não sei. O commentario mais inslructivo das suas theorias dava-o elle, visto n'uma sala, entre «o ephemero feminino». Cerlas mulheres muito voluptuosas, quando escutam um homem que as perturba, abrem insensivelmente os lábios. Em Fradique eram os olhos que se alargavam. Tinha-os pequenos e côr de labaco: mas junto d'uma d'essas mulheres de exterior, «estrellas de munda-«nismo», tornavam-se-lhe immensos, cheios de luz negra, avelludados, quasi húmidos. A velha lady Mongrave comparava-os «ás guelas abertas de duas serpentes.» Havia alli talvez com effeito um acto de alliciação e de absorpção — mas havia sobretudo a evidencia da perturbação e do encanto que o inundavam. N'essa attenção de beato diante da Virgem, no murmuro quente da voz mais amollecedora que um ar de estufa, no humedecimento enleado dos seus olhos finos — as mulheres viam apenas adoração, e a influencia omnipotente da sua graça. Ora nenhum homem mais perigoso do que aquelle que dá sempre ás mulheres a impressão clara e tangivel — de que ellas são ^resistíveis, e subjugam o coração mais forte só com mover os hombros ou murmurar «que lindo dia!» Quem se mostra seduzido facilmente — facilmente se torna seductor. É a lenda Índia, tão sagaz e real, do espelho encantado em que a velha Maliarina se via radiosamente bella. Para obter e reter esse espelho, em que com tanto esplendor se reflecte a sua pelle engilhada —- que peccados e que traições não commetterá a Maharina? . . .

Creio, pois, em resumo, que Fradique foi profundamente amado, e que largamente o mereceu. As mulheres encontravam "'elle esse ser, raro entre os homens — um Homem. E para ellas Fradique possuia esta superioridade inestimável, e quasi "nica na nossa geração — uma alma extremamente delicada servida por um corpo extremamente forte.

Do maior duração e intensidade que os seus amores — foram as amisades que Fradique a si attrahiu pela sua excellencia moral. Quando eu conheci Fradique em Lisboa, no remoto anno de 1867, julguei sentir na sua natureza (como no seu verso) uma impassibilidade fria, brilhante e metallica : e através da admiração que me deixara a sua arte, a sua personalidade, o seu viço, a sua cabaia de sêda — confessei um dia a .1. Teixeira d'Azevedo que não encontrára no poeta das LAPIDARIAS aquelle *tépido leite da bondade humana,* sem o qual o velho Shakspeare (nem eu, depois d'elle) comprehendia que um homem fosse digno da humanidade. A sua mesma polidez, tão risonha e perfeita, me parecera mais composta por um systema do que genuinamente nativa.

Em 1880, porém, quando a nossa intimidade uma noite se fixou, a uma meza do Bignon, Fradique tinha cincoenta annos: e, ou porque eu então o observasse n'uma assiduidade mais penetrante, ou porque n'elle se tivesse já operado com a idade esse phenomeno que Fustan de Carmanges chamou depois *le degel de Fradique*, bem cedo senti, através da impassibilidade marmórea do cinzelador das LAPIDARIAS, brotar, tépida e generosamente, o *leite da bondade humana.*

A forte expressão de virtude que n'elle logo me impressionou foi a sua incondicional, irreslricta indulgência. Ou por uma conclusão da sua philosophia, ou por um impulso da sua natureza — Fradique, perante o peccado e o delicto, tendia áquella velha misericórdia evangelica que, consciente da universal fragilidade, pergunta d'onde se erguerá a mão bastante pura para arremessar a primeira pedra ao erro. Em toda a culpa Fradique via (talvez contra a razão, mas em obediencia áquella voz que fallava baixo a S. Francisco d'Assis e que ainda se não calou) a irremediável fraqueza humana : e o seu perdão descia logo como manifestação da Piedade innata que n'elle tão esplendidamente abundava por tudo quanto é fraco e frágil.

Decerto esta virtude não foi n'elle manifesta durante e[s']

ses annos moços em que, por uma apparente contradição, a intelligencia anda cheia de idéas generosas e o coração de sentimentos egoístas — nos annos em que todas as aspirações da Humanidade não bastam para encher e occupar a razão, emquanto no coração só ha lugar para o sorrir e brilhar de certos olhos. Alguém com effeito me mostrou uma carta de Fradique onde, com a leviana altivez da mocidade, elle lança este duro programma de conducta: «os homens nasceram para trabalhar. «as mulheres para chorar, e nós os fortes para passar friamente «através ...» Talvez, na realidade, Fradique, como outros aos vinte annos, não attendesse nem sentisse as dores innumeras que chorariam baixo, emquanto elle passava vibrando no fulgor da acção ou enlevado nos encantos o sonho. Mas quando a sua formidável actividade calmou, e os seus olhos se pousaram no mundo, com demora e seriedade — não houve homem mais promptamente sensível a toda a desgraça, desde a amargura limitada e tangível que passa na rua, até á vasta e esparsa miséria que com a força d'um elemento abrange classes e raças. Foi então certamente que elle escreveu (n'uma carta a G. F.) estas nobres palavras: — « Todos nós que vivemos n'este globo «formamos uma immensa caravana que marcha confusamente «para o Nada. Cerca-nos urna Natureza inconsciente, impassi- «vel, mortal como nós, que não nos entende, nem sequer nos « vê, e d'onde não podemos esperar nem soccorro nem consola- <(Ção. Só nos resta pois, na rajada que nos leva, esse secular « preceito, summa divina de toda a experiencia humana —• « aju- « dai-vos uns aos outros ! » Que, na tumultuosa caminhada, portanto, onde passos sem conta se misturam, — cada um ceda «metade do seu pão áquelle que tem fome; estenda metade do (< seu manto áquelle que tem frio; acuda com o braço áquelle (< que vai tropeçar; poupe o corpo d'aquelle que já tombou; e se « algum mais bem-provido e seguro para o caminho necessitar * apenas sympathia d'almas, que as almas se abram para elle <(transbordando d'essa sympathia... Só assim conseguiremos «dar alguma belleza e alguma dignidade a esta escura deban- <(dada para a Morte.»

E o que elle assim aconselhava, intensamente o praticou, nas restrictas possibilidades (como elle confessa com humorismo) « d'um velho *dilletante* de idéas geraes, que, por «habito, atravessa a vida enclausurado n'um coupé.»

Fradique não era com effeito um santo militante, rebuscando pelas viellas misérias a resgatar: mas nunca houve miséria, por elle conhecida, que d'elle não recebesse allivio. Sempre qúe lia por acaso, n'um jornal, uma catasfrophe ou uma indigência, marcava a noticia com um traço a lápis, lançando ao lado um algarismo -— que indicava ao velho Smith o numero de libras que devia remetter, sem publicidade, singelamente, pudicamente. E a sua maxima para com os pobres (a quem certa Economia Social affirma que se não deve Caridade mas Justiça) — era «que mais vale um pataco na mão que duas « Philosophias a voar.»

As crianças, sobretudo quando necessitadas, inspiravam-lhe um enternecimento infinito ; e era d'estes, extremamente raros, que encontrando, n'um agreste dia de inverno, um pequenito que pede, tranzido de frio — param sob a chuva e sob o vento, desapertam pacientemente o paletot, descalçam pacientemente a luva, para vasculhar 110 fundo da algibeira, á procura da moeda de prata que vai ser o calor e o pão d'um dia.

Esta caridade estendia-se budhistamente a tudo o que vive. Não conheci nunca homem mais respeitador do animal *e dos seus direitos.* Uma occasião, em Paris, correndo ambos a uma estação de *fiacres*, para nos salvarmos d'uni chuveiro que desabava, e seguir na pressa que nos levava a uma venda de tapeçarias (onde Fradique cubiçava umas *Nove Musas dançando entre loureiraes),* encontrámos apenas um *coupé*, cuja pi" leca, com o sacco pendente do focinho, comia melancolicamente a sua ração. Fradique teimou em esperar que o cavallo almoçasse com tranquillidade — e perdeu as *Nove Musas.*

Á vida vegetativa votava a mesma affeição : — e constantemente verificava que as palmeiras e arbustos das salas se achassem bem fartas de luz, de calor e d'agua, não com re-

ceio que decrescessem em belleza decorativa, mas com receio que soffressem na sua sensibilidade rudimentar e muda.

Nos últimos tempos, a miséria das classes preoccupava-o com anciosa e melancólica sympathia. A fraternidade, pensava elle, ia desapparecendo, sobretudo n'estas vastas colmeias de cal e pedra onde os homens teimam em se amontoar e luctar ; e através do constante depereeimento da vida e dos costumes e das simplicidades ruraes, o mundo ia rolando a um-egoísmo feroz. A primeira evidencia d'esse egoísmo era, segundo elle, o desenvolvimento ruidoso da philantropia. Desde que a caridade se organisa e se consolida em instituição, com regulamentos, relatorios, comités, sessões, um presidente e uma campainha, e de sentimento natural passa a funcção official — é porque o homem, não contando já com os impulsos do seu coração, necessita obrigar-se publicamente ao bem pelas prescripções d'um estatuto.

Era sobretudo nos começos de inverno, dos soturnos invernos do Norte, tão longos e duros ao pobre, que estes pensamentos vinham, lhe deitavam n'alma a sua sombra. Frequentes vezes, diante de mim, nos crepusculos de novembro, na sua bibliotheca apenas allumiada pela chamma incerta e dôce da lenha no fogão, Fradique emergiu d'um silencio em que os olhares se perdiam ao longe, como afundados em horisontes de tristeza — para lamentar, com enternecida elevação, todas as misérias humanas . . . E voltava então a intensa e amarga constatação da crescente aspereza dos homens, forçados pela violência do conflicto e da concorrência a um egoismo rude, em lue cada um se torna cada vez mais o lobo do seu semelhante.

— Era necessário que viesse outro Christo, murmurei eu "m dia sorrindo, para o acompanhar n'uma idéa de esperança.

Fradique encolheu os hombros :

— Ha de vir; lia de ter a sua igreja e a sua liturgia ; e depois ha de ser negado ; e depois ha de ser esquecido . . . Não ha nada a fazer. 0 que resta a cada um é juntar uma reserva '°rte no Banco de Inglaterra, preparar um rewolver, fechar

a sua janella ao vento, e reler a vida de S. Francisco de Paula.

Assim, cheios de idéas e de delicadas occupações, calmos e fáceis, decorreram os derradeiros annos de Fradique Mendes em Paris, até que no inverno de 1888 a morte o colheu sob aquella fórma que elle, como Cesar, sempre appetecera — *inopinatam atque repentinam.*

Uma noite, sahindo d'uma festa da condessa de La Ferté (vellia amiga de Fradique, com quem fizera n'um *yaclit* uma viagem á Islandia) achou no *vestiário* a sua pelissa russa trocada por outra, muito confortável e rica também, que tinha no bolso uma carteira com o monogramma e os bilhetes do general Terran-d'Azy. Fradique, que soffria de repugnancias singulares, não se quiz cobrir com o agasalho d'esse rabugento e catharroso official, e atravessou a praça da Concordia a pé, de casaca, até ao club da *Union.* A noite estava sôcca e clara, mas corlada por uma d'essas brisas subtis, mais tenues que um hálito, que, durante léguas, se afiam sobre as planícies nevadas do norte, e já eram comparadas pelo velho André Vasali a « um punhal traiçoeiro. » Ao outro dia acordou constipado, com uma tosse leve. lndifferenle porém aos resguardos, seguro d'uma robustez que affrontára tantos ares inclementes, foi a Fontainebleau com amigos 1l0 alto d'um *mail-coach.* Logo n'essa noite ao recolher teve um longo e intenso arrepio ; e Lrinta horas depois, quasi sem soffrimento, tão serenamente que durante algum tempo Smith o julgou adormecido, Fradique, como diziam os antigos, « tinha vivido.» Não acaba mais docemente um bello dia de verão.

O dr. Labert declarou que fôra uma fórma extremamente rara de pleuriz. E acrescentou, com boa razão e boa pliilosopliia : — « *Toujours de la chance, ce Fradique!*»

Acompanharam a sua derradeira passagem pelas ruas Paris alguns dos mais illustres liomens de França. Lindos rostos, já pisados pelo tempo, o choraram, na saudade das emoçoe[s]

passadas. E, em pobres moradas, em torno a lares sem lume, foi decerto também lamentado este sceptico, de finas letras, que commentava os males humanos envolto em cabaias de sèda.

Jaz no *Père-Lachaise*, não longe da sepultura de Balzac, onde no dia dos mortos elle mandava sempre collocar um ramo d'essas violetas de Parma, que tanto amára em vida o creador da *Comedia Humana*. Mãos fieis, por seu turno, conservam sempre perfumado de rosas frescas o mármore simples que o cobre na terra.

Eça de Queiroz.

OS ACONTECIMENTOS DO BRAZIL

Ha dez dias que o cabo submarino tem transmittido da America do Sul para a Europa, na concisão do estylo telegraphico, noticias surprehendentes, que chamaram para aquella parte do mundo a attenção de todos, mesmo dos que, em tempo ordinário, jámais pensam no que vai pelo Occidente, ao sul do Equador.

A queda de uma monarchia e a consequente o clássica proclamação de uma republica não são espectáculo novo para este século ; embora estes últimos annos tenham decorrido sem factos d'esses, graças ao utilitarismo positivo que domina todas as idealidades politicas tão em moda ha vinte ou trinta annos. A revolta militar do Rio de Janeiro, ampliada, pelo seu resultado, n'uma revolução ; as proclamações ; a deposição ; a partida do soberano desthronado ; as mudanças de bandeira-de sellos do correio ; as prisões, as deportações, os manifestos, ate a benção do arcebispo — são episodios obrigados d'estes dramas nos paizes meridionaes, dramas tantas vezes representados na primeira metade do século e de que a revolução br«-zileira não é mais do que uma inesperada e .(até agora) bem succedida *reprise.*

Narrar a verdade dos acontecimentos materiaes não L coisa possível; o telegrapho está laconico. faltam os antece-

dentes; e carecemos dos detalhes intermediários que só podem dar uma apparencia lógica ao que, á primeira vista, se afigura inexplicável.

Existia no Brazil um partido republicano, e esse partido tornava-se cada dia mais numeroso, mais influente, mais ancioso por dominar o paiz. Existia no Brazil um exercito esquecido, mal organisado, mal instruído e mal pago : um exercito onde havia um official para treze soldados ; onde o numero de officiaes e uma longa paz difficultavam as promoções; onde o pobre soldado vivia fóra da vida do regimento, destacado em pequenas guarnições de 20, 10, 5 e até 2 homens, pelas villas do interior, situação dissolvente de toda a disciplina e destruidora de todo o respeito.

Ora, em todo o paiz onde houver um partido adverso á forma do governo, partido ardente e exacerbado pela impossibilidade de legalmente realisar a sua ambição, e ao lado d'esse partido houver um exercito tão justamente descontente de si mesmo e de todo o mundo como o exercito brazileiro, o accordo entre estas duas forças é fatal porque é logico. O que resulta d'esse accordo é sempre a mudança do governo ; pouco importa que seja Castellar deposto por Martinez Campos, ou D. Pedro II desthronado pelo marechal Deodoro.

A revolução estalou no Rio de Janeiro; e o que fez a guarnição d'aquella cidade em ponto um pouco grande, logo o fizeram em pequeno as guarnições das capitaes das províncias. A republica surgindo no Rio appareceu nas províncias, como uma imagem que, aproximada de um espelho partido em muitos pedaços, é reflectida inteira em cada um dos fragmentos mínimos.

Investigar causas não é porém a missão do Chronista, a quem somente cumpre contar os acontecimentos. O que por ora se pôde saber porém da revolução brazileira cabe em poucas linhas, extractadas dos telegrammas na ordem da sua recepção, e por isso singularmente humorísticas.

«A tropa em estado de revolta. Reina tranquillidade.

«O Imperador em Petropolis. Completa paz. — Foi preso o

«ministério. População calina. — Foi proclamada a republica. «Tudo inalterado. — O Imperador preso no seu palacio. Ordem «perfeita. — Fica constituído o seguinte governo provisorio : «.Marechal Deodoro da Fonseca, presidente sem pasta ; tenente- « coronel Benjamin Constant, ministro da guerra ; Campos Sal- «les, ministro da justiça; Quintino Bocayuva, ministro dos ne- «gocios estrangeiros ; Aristides Lobo, ministro do interior ; Ruy «Barboza, ministro da fazenda ; chefe de divisão Wandelcock, « ministro da marinha ; Demetrio Ribeiro, ministro da agricul- « tura, commercio e obras publicas. As províncias adherem. O «Senado, o Conselho de Estado, foram abolidos. A Camara dos « Deputados foi dissolvida. Reina socego. — O Imperador e a «família imperial embarcaram para a Europa. — A Bahia não « adhere ao movimento. Absoluta unanimidade, etc. etc.»

Eis a concisa maneira de se fazer e de se telegraphar a historia n'este fim de século.

Vieram depois as declarações. Falia primeiramente o imperador: e diz que cede á força, que se inclina diante das circumstancias, que, partindo, faz votos pela felicidade do Brazil-

Falia depois o governo provisorio. Diz que o povo, o exercito e a marinha acabavam de depôr a monarchia ; que o governo provisorio governaria até haver um governo definitivo ; que o governo provisorio respeitaria todas as opiniões cointanto que não fossem contrarias ás do povo, do exercito e da marinha ; que conservaria todos os funccionarios ; que defenderia as vidas e a propriedade não só dos brazileiros, mas *até dos estrangeiros.*

Depois d'isso vem telegrammas isolados noticiando adhesões das provindas ; deportação do antigo presidente do conselho ; prisão do snr. José do Patrocínio, o abolicionista ; prisão do snr. João Alfredo, ex-presidonte do conselho, chefe do *governo* que decretou a abolição ; prisão do snr. Mayrinck ; prisão do snr. Gaspar da Silveira Martins — todos naturalmente por terem opiniões contrarias ás do povo, do exercito e da marinha- Depois, outro telegramma annuncia que o ministro da fazeii' da fôra aos bancos declarar que o novo governo mantém e i'f"

ctifica todos os contratos celebrados pelo regimen imperial, e que não haveria mudança n'esse assumpto considerável. Em seguida, através d'oulro telegramma, o governo provisorio declara que são eleitores todos os brazileiros no gozo dos seus direitos civis, e sabendo lêr e escrever. (Era o projecto que ia ser apresentado ás camaras pelo ministério deposto com a monarchia). Depois mais um coronel entra para o governo com o titulo de secretario geral ; um barão e um visconde militares adherem á republica ; differenles militares são nomeados governadores das províncias, ou antes dos Estados — porque o Brazil, imitando o México, Venezuela e a Colombia de outro tempo, também se chama *Estados-Unidos,* como os Estados-Unidos por exeellencia, (jue com a arrogancia que lhes é própria, não temerão decerto ser confundidos com quaesquer outros Estados-Unidos.

Chega depois a noticia da nova bandeira, seguida dos novos sêllos do correio ; e, por ultimo, o ministro da fazenda Ruy, Barboza, um antigo inimigo pessoal de Pio IX e de Leão XIII, adversário feroz do *Syllabus*, annuncia piedosamente á Europa que o arcebispo primaz da Bahia deu a sua benção ao novo governo.

Eis-ahi a historia telegraphica da revolução brazileira.

*

* *

Vivemos n'um paiz onde ainda é permittido ter *opiniões contrarias ás do povo, ás do exercito e ás da marinha.* Temos pois plena liberdade de apreciar 'os acontecimentos do Brazil.

O governo provisorio que annuncia (como todos os governos provisorios costumam fazer) que só governará emquanto não houver outro, parece-se completamente com o governo imperial. Declara que não altera o regimen financeiro ; declara que não muda os funccionarios ; declara que continua a pagar a iista civil imperial. Faz-se abençoar pelo arcebispo como fazia 0 governo imperial ; e estabelece o suffragio universal como o

antigo governo decidira fazer votar pelo parlamento que se devia abrir dentro de cinco dias.

Só se distingue do governo antigo porque chama Estados ás províncias, tem outra bandeira, outros sêllos de carta, — e principalmente porque deporta e prende quem mostra opinião contraria á *do povo, do exercito e da marinha.*

Se estas novas coisas são indispensáveis para a felicidade e para a grandeza do povo brazileiro, pensamos que mudar uma palavra, trocar um metro de fazenda por outro de côr diversa, e alterar uns quadradinhos de papel, eram realmente fáceis de obter dentro do regimen imperial. E se o povo brazileiro tivesse reclamado energicamente, ameaçando, quem ousará dizer que o governo decahido negaria essa novidade ao Brazil, essa coisa que parece indispensável á felicidade publica — isto é, o regimen da prisão e da deportação para quem não pensar *como o povo, a marinha e o exercito?*

Não podemos perceber como todas estas coisas possam influir nos destinos do Brazil. Desejaríamos saber se o povo brazileiro só com estas mudanças se vai tornar mais civilisado. mais energico, mais apto para realisar a sua missão na historia.

Essa missão ficará desde logo frustrada se a republica federal importar no enfraquecimento da unidade. Muitos pensadores estrangeiros affirmam já que o Brazil se dividirá cm vários Estados independentes; e que as rivalidades regionaes de hoje facilmente se transformarão em hostilidade inextinguível- A communidade de origem, a raça, a lingua, a religião idênticas, não são sufficientes garantias da conservação da harmonia- Como muito bem observou ha dias o *Spectator,* de Londres, tratando do Brazil, não ha no mundo dois povos que tenham odio reciproco tão profundo como os Chilenos e os Peruanos, e ambos descendem de hespanhoes, faliam a mesma lingua, **têm** a mesma religião. A unidade certamente desapparecerá. -'a um artigo do *Tempo* atlribuido ao snr. Oliveira Martins, a"" figo que (êxito virgem para a imprensa portugueza) tão citado foi na imprensa europêa, e que tantos commentarios appr0" vativos despertou da parte do *Journal des Debats,* do *Temps*•

do *Times* e da *Neue Freie Press,* prevê a divisão do Brazil em tres novos estados, a Amazónia, um estado central, e o extremo sul destinado a ser absorvido pela Republica Argentina, logo que esta, cessando a opposição do Brazil, possa realisar o seu velho ideal de reconstituir republicanamente o antigo vice-reinado de Buenos-Avres, que comprehendia o Uruguay e o Paraguay.

Através de tudo isto, a única grande figura, a mais nobre personalidade é a do Imperador desthronado, contra quem o manifesto revolucionário do governo provisorio nem uma só accusação formulou, nem articulou uma só queixa.

Esse velho deixa um paiz onde começou a reinar aos cinco annos de idade; e tão brazileiro foi elle que a sua *Biographia* não deve ter este nome, mas sim o de *Historia do Brazil.* Cahiu pelo excesso d'algumas das virtudes que hão de immortalisal-o. O que era a intelligencia nacional do Brazil ha cincoenta annos? Basta dizer que era decerto inferior á de Portugal no começo do século . . .

O Imperador D. Pedro II elevou o nivel intellectual do seu paiz sendo um rei civil. Ora o Brazil, em vez de uma sociedade, seria hoje um quartel, se o Imperador fosse, não um rei constitucional, mas um major instructor coroado.

Se, em vez de um rei sábio, o Brazil tivesse durante esse periodo um soberano soldado que, em lugar das bibliothecas frequentasse os quartéis, em lugar dos museus e das universidades visitasse os acampamentos e as fortalezas, a monarchia ainda existiria decerto no Brazil.

O divorcio do ^mperador das coisas militares, entendidas á hespanhola, foi o que salvou a civilisação brazileira, mas foi [0] que perdeu a monarchia. N'um paiz sem instrucção, onde a brutalidade da desordem militar devia primar tudo, a monarchia conseguiu, desde logo, formar a preponderância do elemento civil, coisa que, na America latina só o Chile conseguiu muitos annos depois e que a Argentina só ultimamente realisou.

E não se diga que era tarefa fácil esse preservar da paz interna pelo refreamento da caudilhagem. A prova d'isso é

que, ao fim de meio século, essa paz desapparece subitamente, e o caudilhismo resurge no Brazil depois de se ter afogado a si mesmo em sangue no resto da America latina.

O Brazil está n'este momento, sob o regimen militar. Quanto"tempo durará esse regimen?

No tempo do Imperador, quando o soberano resistia aos ministros, se estes insistiam, a coroa cedia.

Hoje, quando o Marechal Deodoro pensar de um modo e os seus ministros de outro, quem cederá? A espada que não tremeu ao ser desembainhada contra as instituições que o general jurára defender, não precisará mesmo reluzir de novo para fazer emmudecer e sumir-se debaixo do pó da terra os novos ministros, talentosos patriotas, mas patriotas desarmados.

Quem garante ao Bjazil que a revolução de 15 de novembro será a ultima?

É verdade que, segundo a declaração do governo provisorio, quem não tiver a opinião do exercito e da marinha é um inimigo publico 110 Brazil, e será tratado como tal. . .

Mas, apesar do exercito e da marinha, ou sobretudo graças a elles, talvez um dia, n'estas mesmas paginas, um outro chronista (quem sabe se o mesmo?) venha contar aos leitores da REVISTA como se desfaz uma revolução no Brazil.

Frederico de S.

NOTAS DO MEZ

A revolução do Brazil (tal como a contam os telegrammas passados através da censura republicana) é menos uma revolução do que uma transformação — como nas magicas.

O marechal Deodoro da Fonseca dá um signal com a espada : immediatamente, sem choque, sem ruido, como scenas pintadas que deslisam, a Monarchia, o Monarcha, o pessoal monarchico, as instituições monarchicas desapparecem ; — e, ante a vista assombrada, surge uma Republica, toda completa, apetrechada, já provida de bandeira, de liymno, de sêllos de correio, e da benção do arcebispo Lacerda. Sem attrictos, sem contusão, esta Republica começa logo a funccionar. Nas repartições do Estado os amanuenses, que já tinham lançado no papel dos decretos a velha formula « *Em nome de S. M. o Imperador* ») riscam, ao ouvir na rua acclamações alegres, este dizer anachronico, e, sem mesmo molhar novamente a penna, desenrolam no seu melhor cursivo a formula recente — « *Em nome do Presidente da Republica* ». E quem sahira tranquillamente da sua casa, com o seu garda-sol aberto, para ir á secretaria entregar um memorial ao snr. Albuquerque, ministro do Império — encontra o snr. Bocayuva, ministro da Republica, lue sorri, e recebe o memorial! Toda essa revolução, segundo telegrammas, foi feita antes de almoço. Os brazileiros que,

regressando á patria, desembarcaram essa manhã no cães do Rio de Janeiro, ainda pisaram o *sólo do Império*, como se vinha dizendo havia sessenta annos; — mas, ao sahirem as portas da Alfandega, depois de despachadas as bagagens, já pisavam o *sólo da Republica.*, como se estava dizendo havia sessenta minutos. Se os telegrammas pois são fieis, esta revolução é simultaneamente grandiosa — e divertida.

A surprehendente facilidade com que a Republica se substituiu ao Império provém de que ha muito no Brazil nada separava a Republica da Monarchia — senão o Imperador. E o Imperador tinha-se a tal ponto desimperialisado, que entre Monarchia e Republica não havia realmente senão um fio — tão gasto e tão frouxo, que, para o cortar d'um golpe brusco, bastou a espada do marechal Fonseca.

Todo o mundo no Brazil era republicano — mesmo os diplomatas, os bispos, e os camaristas do Paço. O proprio Imperador, por vezes, em viagem, nas salas de hotel, se declarava republicano. O movimento revolucionário, porém, vinha sobretudo dos *bacharéis*, dos moços sabidos das escolas, que andavam pela Republica, não porque o Império lhes fechasse o accesso ás carreiras (tão abertas que alguns republicanos foram ministros do Império), mas para poderem realisar um velho ideal jacobino, já entre nós desacreditado e um pouco obsoleto, e que no Brazil domina ainda as intelligencias tropicalmente enthusiasticas e crédulas. Os melhores espíritos brazileiros ainda admiram Pelletan — que, em S. Paulo e no Rio de Janeiro, se lê desesperadamente. E a Republica ainda representa para esses a realisação de certas formulas idealistas, cuja falsidade ou inanidade já foi entre nós largamente demonstrada pela sciencia e pela experiencia. Por outro lado se as leituras jacobinas fortaleciam os brazileiros n'esta illusão, nenhuma realidade ambiente havia que os podesse desilludir. Toda a America é republicana : e as duas republicas que os brazileiros me-

lhor conhecem, o Chile e a Argentina, são, depois de tormentosos períodos de anarchia, superiormente prosperas e sérias. Outro modelo perigoso para o Brazil estava nos Estados-Unidos do Norte, cuja immensa civilisação deslumbrava os brazileiros — que não reflectiam que é o caracter das raças, e não a fórma dos governos, que faz ou impede as civilisações. Uma republica na Turquia, mesmo com todos os *Direitos do Homem* traduzidos do francez, seria sempre turcamente abjecta: — e o Canadá, governado por um Vice-Rei, delegado d'uma Rainha e d'uma Oligarchia, cada dia se affirma mais altamente em riqueza e progresso. Todos os argumentos, pois, militavam no espirito dos ideologos em favor d'uma Republica — mesmo a sua *barateza,* pela suppressão da lista civil (argumento que impressiona as classes commerciaes). Com effeito o Presidente dos Estados-Unidos pouco mais ganha que um ministro do Rio de Janeiro: mas os brazileiros ignoravam (como nós de resto, na Europa, imperfeitamente sabíamos antes da publicação do livro do americano Willian Ivins, *Machine Politics and Money in Election)* que a eleição do Presidente nos Estados-Unidos custa cada quatro annos mais de NOVENTA MIL CONTOS, O que, dividido pelos quatro annos que dura um Presidente, dá VINTE E DOUS MIL E QUINHENTOS CONTOS poranno — somma amplamente sufficiente para pagar todos os soberanos da Europa e o seu luxo, incluindo o Sultão e o Papa.

Além dos bacharéis civis, a Republica tinha como pessoal os officiaes, que, sabidos das mesmas escólas e das mesmas leituras, são no Brazil verdadeiramente *bacharéis armados.* Quasi todo o exercito se compõe de officiaes —e todos elles eram republicanos por theoria e por interesse. Os poucos soldados, esses, apanhados a «cordel», mal pagos, mal alimentados, ociosos, Perfeitamente illetrados, sem noção de disciplina ou de patriotismo, formavam uma massa excellente para ser lançada contra qualquer regimen pela méra promessa de mais um pataco do **Pret.**

Nas classes commerciaes não havia também uma opinião monarchica. O commercio, sobretudo o de retalho, sempre o

mais activo e influente, está todo, ou quasi todo, nas mãos das colonias estrangeiras, portugueza e italiana. Todo este mundo era sinceramente indifferente a um regimen dentro do qual elle não podia exercer voto nem funcções publicas. E de resto a fórma de governo nada importava a este pequeno commercio, estrangeiro, e naturalmente egoista — porque, ou se viva sob uma Republica ou sob um Império, é sempre necessário comprar a mesma porção de manteiga. Além d'isso, obedecendo a um impulso (constatado porinnumeros observadores) o emigrante desenvolve sempre uma hostilidade vaga e inconsciente contra o regimen do paiz em que vive—concentrando, contra essa expressão concreta da nação, as pequeninas e surdas antipathias que diariamente lhe causam em redor as dilferenças de natureza, de hábitos, de costumes, de interesses, de lingua ou de accento.

Que classe pois restava, que se não sentisse no fundo republicana? Os grandes proprietários ruraes. Mas esses, habitando o interior, a enormes distancias, não possuíam o sentimento vivo das idéas fundamentaes do Império — Unidade nacional, Centralisação politica, Representação exterior, etc. Para elles o único mundo exterior é o que compra café: o Império limitam-no todo ao bocado de sertão onde se estendem as suas plantações; e a centralisação só a comprehendem na capital da sua província. Todo o seu interesse está na colheita do café — e portanto no negro que faz a colheita. Adheriram ao Império emquanto elle, mantendo o *statu-quo,* mantinha o escravo. Consummada a libertação — nenhum outro laço os prendia ao regimen que n'alguns sitios os empobrecia e n'outros os arruinava.

O Império pois estava, não enraizado, mas pousado ao de leve sobre o Brazil. Substituil-o pela Republica não foi mais difficil—do que trocar sobre uma mesa o busto de Cesar pelo busto de Brutus.

Nada verdadeiramente se interpunha entre a Monarchia e

a Republica — senão a pessoa do Imperador. E de ha muito se combinára cortezmente que, para derrubar a Monarchia, se esperasse a morte do Monarcha.

O reinado da princeza D. Maria e do conde d'Eu, ninguém o queria — nem mesmo talvez o Imperador, no fundo do seu espirito, por motivos de ordem philosophica. Duas lendas se tinham espalhado sobre o «beaterio» da Princeza e sobre a «agiotagem» do Príncipe, ambas fataes n'um paiz de instinctos grandemente generosos e terrivelmente livre-pensador. Todo o caixeiro tremia de furor voltairiano, quando se contava na loja que a princeza imperial por suas mãos varria as igrejas de Petrópolis: e não havia senão maldições conlra os *cortiços,* verdadeiros ou falsos, do conde d'Eu.

O Imperador, por outro lado, não era genuinamente popular. Os políticos mais cultos reconheciam os seus serviços ao Império: mas o seu feitio excessivo de Socio correspondente do Instituto de França desagradava. A sciencia do Imperador, concentrada nas especialidades da Archeologia, da Philologia, da Astronomia, etc., não era de natureza a tornal-o estimado como homem superior entre os brazileiros, que, nas manifestações da intelligencia, só se enthusiasmam pela Eloquência e pela Poesia. O brazileiro é extremamente litterario—pelo menos no Rio de Janeiro e em S. Paulo: e decerto um Imperador de elevada intelligencia se poderia tornar popular, se as manifestações d'essa intelligencia fossem d'aquellas que captivam a vasta massa dos bacharéis, dos jornalistas e da mocidade culta. O estudo, porém, de monumentos phenicios e de textos hebraicos não basta para attrahir, no Brazil, essa ulil corrente de sympathia intellectual: o Imperador só seria realmente popular se tivesse publicado uma collecção de Lvricas. Accresce <iue elle parecia o menos brazileiro de todos os brazileiros : — e um rei só alcança verdadeiro amor quando em si encarna as 'lualidades e defeitos do seu povo.

Além disso, como deve succeder ao rei superiormente cultivado d'um reino que o não é cm tão alto grau, D. Pedro, que n&o acreditava no Direito Divino, mas acreditava no direito

intellectual, tendia a absorver o Estado em si, com a muito nítida qonsciencia de que elle era n'esse Estado o homem mais instruído. Toda a imprensa europèa celebrava os seus méritos, a sua philosophia, a sua semelhança com Marco-Aurelio. Ora um Marco-Aurelio tende a não dar muita importancia ao simples burguez que elle julga incapaz de comprehender as *Meditações.* D'aqui nasciam attritos, despeitos, uma crescente impaciência contra o crescente auctoritarismo do Imperador, que não exercia esse auctoritarismo para fortalecer as instituições, mas fazer prevalecer vontades. Assim o Imperador, único obstáculo á Republica, ia cada dia perdendo popularidade, força, razão de existir. Que um descontente, menos disposto a esperar que a classica fouce da morte cortasse o fio que ainda prendia o Brazil ao Império, se decidisse a cortal-o elle proprio com uma espada mais ou menos illustre — e estava feita a Republica. Esse impaciente appareceu no marechal Fonseca.

Com o Império, segundo todas as probabilidades, acaba lambem o Brazil.

Este nome de *Brazil*, que começava a ter grandeza, e paru nós porluguezes representava um tão glorioso esforço, passa a ser um antigo nome da velha Geographia Politica. D'aqui a pouco, o que foi o Império estará fraccionado em Republicas independentes, de maior ou menor importancia. Impellem a esse resultado a divisão histórica das províncias; as rivalidades que entre ellas existem; a diversidade do clima, do caracter e dos interesses; e a força das ambições locaes. Já mais d'uma vez as províncias têm feito energicas tentativas de separação: e o separatismo tornára-se n'estes derradeiros tempos um dos mais poderosos factores da Politica.

O Brazil além d'isso não está forçado a conservar-se unido pelo receio dos ataques ou represalias d'uma metropole forte, de quem acabasse de se emancipar: nem tem possibilidades algumas de aspirar, como os Estados-Unidos, a uma supremacia

politica ou economica de que a unidade seria a inevitável condição. Nenhuma das razões que impuzeram a união aos Americanos do Norte, se dão no Brazil. Por outro lado ha absoluta impossibilidade que S. Paulo, a Bahia, o Pará queiram ficar sob a auctoridade do general fulano ou do bacharel sicrano, Presidente, com uma côrte presidencial no Rio de Janeiro. Para que isso se realisasse, mesmo por alguns mezes, seria necessário que surgisse um homem (que não ha) de popularidade universal, incontestada, e irresistivel em todo o Império, como a d'um Washington. Os Deodoros da Fonseca vão-se reproduzir por todas as províncias. Já decerto em Matto-Grosso ha um Deodoro que afivella a espada. Ora a condição de popularidade para estes ambiciosos será proclamar o exclusivismo dos interesses provinciaes; e já d'isso mostra symptomas o presidente do Pará querendo fechar a navegação do Amazonas.

Os estados, uma vez separados, não poderão manter paz entre si, sendo abundantes motivos de conflictos — as delimitações de fronteira, as questões hydrographicas, e as alfandegas com que todos naturalmente se hão de querer crear rendimentos. Cada Estado, abandonado a si, desenvolverá uma historia própria, sob uma bandeira própria, segundo o seu clima, a especialidade da sua zona agrícola, os seus interesses, os seus homens, a sua educação e a sua immigração. Uns prosperarão, outros deperecerão. Haverá talvez Chilis ricos, e haverá certamente Nicaraguas grotescos. A America do Sul ficará toda coberta com os cacos d'um grande Império.

João Gomes.

BOLETIM BIBLIOGRAPl-IICO

La Grande Encyclopédie. *Inventairc raissomé des Sciences, des Letlres et des Arts*
Avec nombrcuses illustrations et cartes en couleur

Esta obra monumental, já lioje popular em todos os centros litterarios da Europa, é mal conhecida ainda em Portugal e no Brazil: e dando lioje d'ella uma breve noticia, fazemos um serviço não só aos estudiosos, mas á generalidade do Publico, para quem n'estes dias de viva curiosidade intellectual, uma obra d'estas, vasto repositorio de informações e conhecimentos, c tão indispensável como uma collecção de mappas e de dlccionarios.

Desde a Encyelopedia do século XVIII, a famosa Encyclopedla de D'Alembert e de Diderot, ffue foi coino a grande aurora scientilica dos tempos novos, não se tornára a tentar uma publicação de tão vastas e profundas proporções. Escassamente se pôde ter unia idéa da importancia e magnitude d'esta empreza scientifica, sem folhear alguns dos seis tomos já publicados.

Tudo o que o espirito mais exigente possa desejar como informação, em lodos os ramos do saber humano, em tudo que é objecto de curiosidade intellectual, se encontra nas paginas da GRANDE ENCYCLOPÉDIE com um methodo, uma altura c uma certeza de saber, uma clareza e uma abundancia de detalhes, que só se poderia obter pela admirável direcção e a esplendida colluboração de que se ufana a ENCYCLOPÉDIE. Na sua direcção estão com cffeito alguns dos mais eminentes homens de sciencia da França, desde o illustre Bcrthelot, que dirige toda a parte relativa âs sciencias physicas, ate .Muntz, <f[uc] dirige tudo o que interessa ás Bellas-Artes, onde a sua competência não tem rival. 1'óde-se com effeito dizer que nunca n'esle genero se emprehendeu neffl se realisou uma obra mais comprehensiva e perfeita do que este collossal resumo dos conhecimentos humanos no século xix.

A GRANDE ENCYCLOPÉDIE tem além d'isso a novidade de que todos os seus artigos, quando o comportam, são esclarecidos por illustrações superiormente gravadas, por planos, por cartas geographicas, etc.

O que torna porém a GBANDE ENCYCLOPÉDIE mais attractiva é que nem só aos artigos de Sciencia, de Historia, de Philosophia, de Religião, de Administração e de Politica, se deu um completo e detalhado desenvolvimento; mas mesmo artigos de simples curiosidade têm uma prodigalidade de detalhes pittorescos, que lhes torna a leitura tão interessante como a d'um artigo de *Variedades* n'um semanario. O mesmo se pôde dizer a respeito dos artigos biographicos. Assim (para citar alguns exemplos) abrindo ao acaso um volume da lettra B, encontramos estes artigos de util, instructiva e divertida leitura: *Banqueis maçoniques, Bains, Ballons, Balzac, Ballade, Brahmanisme, Bonap^rle, Brézil, Bougie, Bourse,* todos elles occupando longas paginas (0 artigo *Brézil* tem as proporções d'um volume) acompanhados de retratos, illustrações, mappas, etc., e tão interessantes pelo detalhe, como perfeitos pelo saber.

A GRANDE ENCYCDOPÉDIE formará quando completa uma obra de *vinte e* cinco volumes contendo 1:200 paginas cada um. A assignatura para toda a obra (Volumes brochados) custa 500 francos (908000 reis) pagaVeis em prestações de 10 francos por mez (155800 reis). A GRANDE ENCYCLOPÉDIE publica-se em fascículos de 48 paginas, distribuídos todas as qulntas-feiras.

Cliegam-nos de Paris dois livros relativos ao Brazil e cujo apparecimento coincide com a exposição universal. Os brazileiros conipreliender<lue melhor do que as exposições, que passam, podem servir aos interesses do seu paiz os bons livros, que ficam.

Um d'esses livros LE BRÉSIL, par E. Levasseur, *membre de l'Institui, Professeur au Collèye de France el au Conservaloire des arls el métiers,* tem um alto valor porque é uma obra de muita e erudita informação, e porque, incorporada 4 gigantesca publicação franceza *La Grande Encyclopédie,* agora no prélo, ultimo e maior monumento litterario d'essa natureza em nosso século, terá toda a duração e universal auctoridade d'aquelle gigantesco, inventario dos conhecimentos humanos. Este livro é pois o artigo *Brézil* que appareceu na parte já publicada da *Grande Encyclopédie* onde elle oecupa ccnto e '•antas columnas de typo miúdo n'um in-quarto grande. Vessa edição á parte, [0] snr. Levasseur agradece a collaboração dos snrs. E. Tronessart, auctor dos capítulos sobre a fauna e a paleontologia; Maury que escreveu sobre a flora; H. Gorceix. auctor da geologia; o visconde de Ourem, da legislação e do credito; Eduardo Prado que escreveu sobre a língua, a litteratura e a musica, [1e]ndo e annotando o conjunto de todo o trabalho; e finalmente o barão de

.Rio Branco que, além de escrever os capítulos referentes á imprensa, ás bellas-artes, á historia, á anthropologia, eoliaborou nos outros todos, tomando assim parte principal em toda a obra pelos seus trabalhos de erudição, pelas suas numerosas notas e pela sua activa intervenção na correcção das provas

O plano da obra, dividida em geographia physica, geographia politica e geographia economica, comprehende 32 capítulos sobre: a situação c a superfície; os limites; fronteiras, costas e ilhas; o relevo do sólo; a geologia; o regimen das aguas; o clima; a flora; ÍI fauna; a paleontologia; as explorações scientificas; a historia; a emancipação dos escravos; o governo e a administração; a legislação; a população; a immigração; a instrucção; a lingua e a litteratura; as bellas-artes; a musica; as regiões agrícolas; os productos do reino vegetal; os productos do reino animal; os productos do reino mineral; a industria; as vias e os meios de communicação; as instituições de previdência e de assistência publica; as medidas, as moedas e outros instrumentos de troca; o commercio e um resumo do estado do império. Segue-se a estes capítulos unia erudita e extensa bibliographia onde muitas obras são citadas e incluídas pela primeira vez na litteratura dos estudos brazileiros. Uma bella carta colorida completa o livro.

A simples enumeração dos differentes capítulos dá idéa da vastidão do piano e da Importancia da *Grande Encyclopédie,* se os seus artigos proporcionalmente têm todos o desenvolvimento do artigo *Brézil.* Quanto a este basta dizer que é extraordinaria a somma de informações inteiramente novas e curiosas que n'eile se acham condensadas com precisão e clareza. N'esse artigo nílo só o publico em geral mas os estudiosos e os especialistas terão muito que aprender a respeito do Brazil. Estimaremos poder annunciar a traducção portugueza d'esse trabalho que merece ser largamente conhecido no Brazil e ern Portugal.

Tem o titulo Lu BHKZIL EM 1889 um bello volume in-8." grande, de 700 paginas, editado pela livraria Ch. Delagrave e publicado pelo syndleato da commissão franco-brazileira da exposição universal de Paris. O fecundo e laborioso escriptor brazileiro, o snr. Sant'Anna Nery, dirigiu esta publicação para a qual escreveu vários capítulos conforme se Vê da distribuição seguinte das matérias:

Irílroducção, pelo snr. SanfAnna Nery; *Noções* geraes, pelo mesmo escriptor e segundo os trabalhos dos snrs. Capistrano de Abreu, Valle Cabral '' Orville Derby; Hydrographia, pelo snr. barão de Teffó; *Climatologia,* pelo snr. I-Ienri Morize; *Mineralogia,* pelo snr. Henri Gorcelx; *População, território e eleitorado,* pelo snr. Favilla Nunes; *Trabalho servil e trabalho livre,* pelo snr. SanfAnna Nery; As zonas agrícolas, pelo snr. André Rebouças; .18 *insti-*

luições agrícolas, pelo snr. Leitão ila Cunha; *Pesos, medidas c systema monetário,* pelo snr. SanfAnna Nery; *Finanças,* pelo snr. Amaro Cavalcanti; *Bancos c instituições dc credito,* pelo snr. Rodrigues de Oliveira; *Caminhos de ferro,* pelo snr. Fernandes Pinheiro; *Commercio c navegação,* pelo snr. SanfAnna Nery; *Correios, telegraphos e tclephones,* peio mesmo; A *immigração,* pelo snr. Eduardo Prado; *A imprensa,* pelo snr. Ferreira de Araujo; .1 *arte,* pelo snr. Eduardo Prado; *A instrucção publica,* pelos snrs. SanfAnna Nery, barão de Sabóia, L. Cruls e barão de Teffé; *A litteratura,* pelo snr. SanfAnna Nery; A scienrio, pelo snr. Ladislau Xetto; A *propriedade industrial e* lideraria, pelo snr. SanfAnna Nery: *A protecção da infanda,* pelo liarão de Itajubá; *A organisação judiciaria,* pelo snr. Mac Dowell; Os arsenais *de marinha,* pelo snr. Alves Barbosa. Acompanha esta importante publicação uma bella carta chromo-lithographada. LE BRÉZIL EM 1889 contém grande copia de informações interessantes e novas. Os seus artigos caracterisam-se em geral pela erudição que revelam os seus auctores. As noções geraes e particulares sobre os differentes assumptos são notáveis pela sua precisão c clareza, qualidades quasi sempre ausentes dos documentos brazileiros d'essa natureza. Alguns dos artigos mereciam ser impressos aparte e com pouco desenvolvimento formariam volumes úteis aos estudiosos. Mencionaremos, entre outros, a *Esciuisse dc VHistoire du Brézil,* do snr. barão de Rio Branco, que Vai ser traduzida pelo snr. Ramalho Ortigão. Devemos ainda dizer em honra da fecunda actividade dos eseriptores brazileiros que esse grosso volume foi redigido e impresso em cinco mezes, e a sua publicação dirigida com a maior compelencia por um d'clles o snr. SanfAnna Nery.

Ho Rio de Janeiro chega-nos um grosso volume de mil e tantas paginas iII-8.° : L'I!ÍSTRUCTION PUBLIQUE AU BLLÉZIL : IÍISTOIRE — 1.ÈGISLATI0N. RÍO de Janeiro, Leuzuiger & C.ª, 1889, pelo dr. Pires de Almeida.

Como livro de Informações este livro parece-nos inacceitavel porque não tem niethodo algum de exposição, não é dividido em capítulos, e não tem sequer um indice das matérias. Os niappas estatísticos são apresentados de fórma muito confusa e n'um formato que torna penoso qualquer estudo. Sentimos também que os poucos factos apontados n'esse livro se achem perdidos H'uma longa e descosida série de elogios pomposíssimos a todo o unindo e sem relação nenhuma com o assumpto principal. O péssimo francez em que é escripto concorrerá lambem para dlminuir-lhe ainda o seu valor já tão pequeno.

DOM PEDRO II, *empereur du luézil,* par I). Mossó. Paris, chez Firmin l)idot, 1889, in-8."

Este livro é uma biographia completa do imperador do Brazil e a historia do seu longo reinado. O snr. Mossé examinou cuidadosamente todos os documentos brazileiros e estrangeiros, e da sua exposição imparcial e minuciosa resalta o importantíssimo papel de D. Pedro II na historia da civilisação brazileíra. O snr. Mossé que estudou a fundo as questões brazileiras reconhece os serviços dos homens de Estado brazileiros com quem o imperador tem collaborado na sua obra, já tão longa e tão fecunda. O imperial biogra-|)hado não se apresenta ao leitor como o monarcha omnipotente a quem tudo bom é devido 110 Brazil. Esse papel, que a ignorancia dos europeus e o pouco critério de seus cortezãos podem só querer attribuir ao imperador, não é proprio para engrandecel-o. O snr. Mossé está mais com a verdade e torna mais sympathica ao mundo a original figura dc D. Pedro II, mostrando 11'elle o servidor dedicado e constante, com todas as forças do seu coração e do seu talento, das tendencias progressivas do seu paiz e do seu século.

O Secretario Ja Redacção

Manoel da Silva Gayo.

ÍNDICE

l'us.

Acontecimentos (Os) (lo Brazil, por *Frederico de S* . . . . . """"

Boletim bibliographico 126, 259, 387, 639, 784

Caixão (O), por *Fialho d/Almeida* 67

Cartas de Fradique Mendes, por *Eça de Queiroz* 261, 517, 759

Cavallaria (A) portugueza na Edade-Média, por *Chrislovão Ayres* . 371. 429

Chronica financeira . . . . . [1]2

Chronica politica, por *J. A. Gonçalves* 255

Chronica politica (internacional), por *P. de Oliveira* 122, 251

Corista (A), por *I.uiz de Magalhães* 668

Dansa (A) macabra, por *José de Sousa Monteiro* 233

Destinos políticos do Brazil, por *Eduardo Prado* 467

Economista (Um) portuguez, por *Rodrigues de Freitas* . .358, 442, 734

El-Rei D. Luiz 625

Upopêa (A) dn Humanidade, por *Theophilo Braga* 188, 333

Kvdluç.ão (A) da litteratura brazileira, por *Oliveira l.imu* '/ '

Kxcursão á « Grande Muralha da China», por *Bernardo Pindella* 212

Filhos (Os) de D. João I, por *Oliveira Martins* . 41, 129, 299, 492, 54'., 694

Ideal moderno, por *Guerra Junqueiro* 64

Litteratura (A) portugueza contemporânea, por *Moniz Barreto.* I

Pag.

Memoria (A) do insigne historiador e poeta portuguez Alexandre Herculano, poema de Gaspar Nuíiez de Arce. Versão do castelhano por *Fernando Leal* 320

Minas (As) de Salomão, por Ridder Haggard, romance traduzido do inglez 389, 605,

Xotas do mez, por *João Gomes* 630, 777

Pastoral, por *Bento Moreno* 157

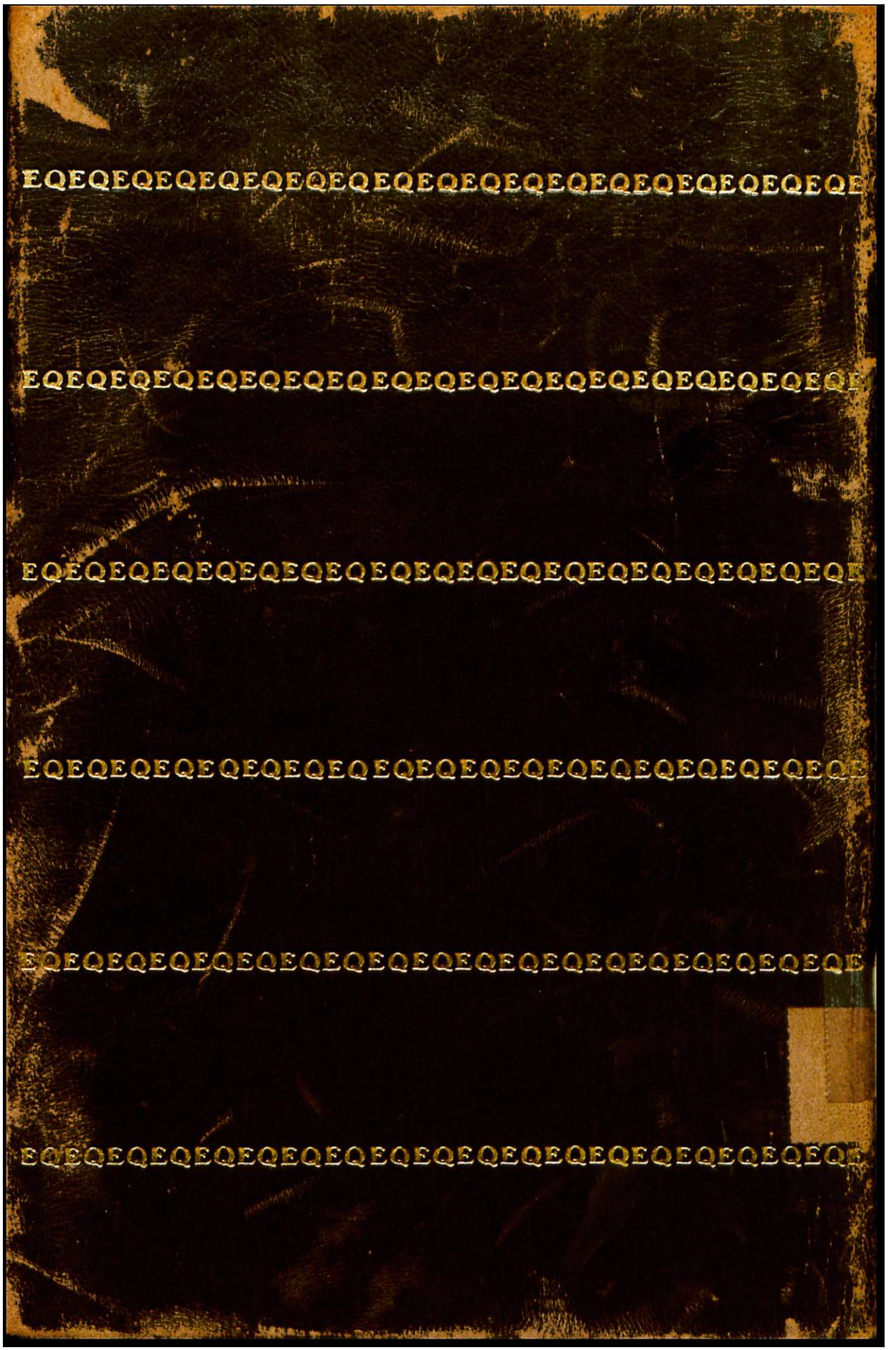
Recordações, por *SiWa Cano* 184

Século (O) XVIII em Portugal, por *Theophilo tíràga* 574

Toiradas em Portugal, por *Conde de Sabugosa* 105, 173

Vorrei Morire ! por *Medeiros e Albuquerque* 440


Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Pres. Prudente
BIBLIOTECA
Adquirido de Cobral
Oferta de —
21/11/74 Cr$ 175.00


EQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQE
EQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQE
EQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQE
EQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQE
EQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQE
EQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQEQE